



AS MELHORES AVENTURAS DO

— Sítio do
Picapau
Amarelo

MONTEIRO **LOBATO**

organização, apresentação e notas

LUCIANA SANDRONI

ilustrações LELIS





AS MELHORES AVENTURAS DO

 **Sítio do
Picapau
Amarelo**

MONTEIRO **LOBATO**

organização,
apresentação
e notas

LUCIANA
SANDRONI

ilustrações
LELIS



© da organização 2019 by Luciana Sandroni
© da ilustração 2019 by Marcelo Lelis

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L778m Lobato, Monteiro, 1882-1948
As melhores aventuras do Sítio do Picapau Amarelo / Monteiro Lobato ; organização,
apresentação e notas Luciana Sandroni; ilustrações de Marcelo Lelis – 1. ed. – Rio de Janeiro :
Nova Fronteira, 2019.
:il.
320 p.

ISBN 978.85.209.4351-9

1. Contos. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Sandroni, Luciana. II. Lelis, Marcelo. II. Título.

19-55159

CDD: 808.899282
CDU: 82-93(81)

 SUMÁRIO

VOLUME I

Lobato Inovador

POR LUCIANA SANDRONI

Reinações de Narizinho

Narizinho Arrebitado

O Sítio do Picapau Amarelo

O Marquês de Rabicó

O casamento de Narizinho

Aventuras do príncipe

O Gato Félix

O Saci

Em férias

O sítio de Dona Benta

Medo de saci

Tio Barnabé

Pedrinho pega um saci

A modorra

A sacizada

A onça

A sucuri

A floresta

Discussão

O jantar

Novas discussões

O medo

O Boitatá

O negrinho

Meia-noite

Saída dos sacis

Lobisomem

A mula sem cabeça

Viagem ao céu

Continua a viagem

O planeta Marte

Proezas da Emília em Marte

A Via Láctea

A cavalgada louca

Aparece o Burro

Saturno

No planeta maravilhoso

De novo na Lua

A aflição dos astrônomos

O grito de Dona Benta

O café dos astrônomos

As impressões de Tia Nastácia

VOLUME II

Caçadas de Pedrinho

E era onça mesmo!

A volta para casa

Os habitantes da mata se assustam

Os espiões da Emília

A defesa estratégica

Aparece uma nova menina

O assalto das onças

Memórias da Emília

A história do anjinho corre o mundo. O rei da Inglaterra manda ao sítio de Dona Benta um navio cheio de crianças.

O anjo falso. Protesto das crianças inglesas. Aparece Peter Pan. Conversas com o anjinho verdadeiro.

O almirante assombra-se com o que vê.

Onde aparece um famoso marinheiro.

Emília descobre o segredo de Popeye.

A couve da Emília e o espinafre de Popeye. Pedrinho e Peter Pan preparam-se para a luta.

A grande luta. Pedrinho e Peter Pan batem Popeye. Palavras do almirante para Emília.

A reforma da natureza

A reforma da natureza

Aparece a Rã

O passarinho-ninho

Reforma da Mocha

Borboletas, moscas e formigas

Reformas na Europa e nas pulgas

Os odres vivos e o peso

No dia seguinte

O livro comestível

A volta de Dona Benta

Nem tudo Emília perdeu

Os 12 trabalhos de Hércules

O leão da Nemeia

Histórias diversas

As botas de sete léguas

A violeta orgulhosa

O periscópio

A segunda jaca

A lampreia

Lagartas e borboletas

As fadas

A reinação atômica

As ninfas de Emília

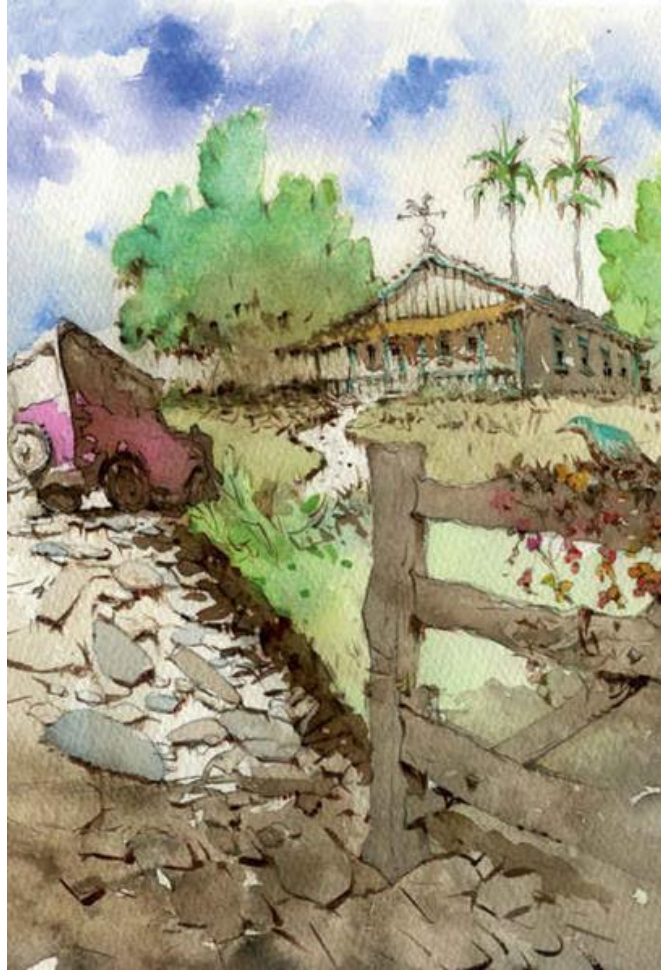
O centaurinho

Uma pequena fada

O museu da Emília

Cronologia de Monteiro Lobato







AS MELHORES AVENTURAS DO

Sítio do Picapau Amarelo

MONTEIRO**LOBATO**

VOLUME I





LOBATO INOVADOR

Luciana Sandroni

AS AVENTURAS DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO DE Monteiro Lobato representaram um novo rumo, um marco de qualidade e inovação na literatura produzida para crianças. Antes de Lobato, os livros nacionais priorizavam questões morais e patrióticas, acreditando que a ênfase na fantasia prejudicaria o desenvolvimento da criança. O sonho e a imaginação surgiram em 1921, com *A menina do narizinho arrebitado* — mais tarde reescrito com novas aventuras e publicado com o título *Reinações de Narizinho*, em 1931. E, desde então, o real e o imaginário ocupam o mesmo espaço: bonecos falam, bichos falam, fazem viagens maravilhosas com o pó de pirlimpimpim, e as duas adultas, Dona Benta e Tia Nastácia, aceitam e participam desse mundo de sonho.

A linguagem informal foi outra inovação nos livros do escritor: o tom coloquial nos diálogos, sem “literatices”, mas com gírias e neologismos, como em *Reinações de Narizinho*:



E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo.

Lobato surpreendeu ao apresentar temas considerados sérios para crianças, como a Segunda Guerra Mundial. O escritor viveu na época das grandes guerras, tema recorrente em seus livros. Até em *Os 12 trabalhos de Hércules* os personagens abordam o assunto com o herói, que fica perplexo:



— Mas então a vida lá no tal mundo moderno é um horror. Se chovem sobre as cidades bombas do céu, como se arranjam as mulheres e as crianças?

— Vão todas para o beleléu. Ficam reduzidas a farelo. (...) Cidades inteiras desaparecem em horas.

Lobato também inovou ao criar, na década de 1920, personagens crianças que dialogam com adultos de igual para igual e são sujeitos da ação. Narizinho, Emília, Pedrinho e Visconde tomam decisões e solucionam os problemas. Em *O Picapau Amarelo*, Dona Benta não consegue comprar as terras dos fazendeiros vizinhos que pedem o dobro do valor. Emília e Visconde seguem para o bar do Elias e lá espalham uma grande mentira:



— Brincadeira nada! Dona Benta não brinca. Vai fazer aqui a maior criação de feras do mundo. Chegam agora esses 200 rinocerontes ferocíssimos! Depois vêm os leões que estão sendo caçados, 300 leões! (...)

Ao ouvirem, os proprietários mudam de ideia:

— E esta, compadre! Se o raio da velha vai mesmo fazer isso, nossas fazendas, que já pouco valem, ficarão valendo ainda menos! Aquilo que o pelotinho de gente disse é certo! Os animais têm um medo horrível das onças e outras feras! (...) O melhor é aceitarmos a proposta da velha!

LOBATO E TIA NASTÁCIA

Porém, Lobato não é só lembrado pelas suas inovações na literatura, mas muito por suas polêmicas. Em 1914, época em que herdou a fazenda do avô, escreveu artigos no jornal *O Estado de S. Paulo*, acusando os trabalhadores rurais de vadios, parasitas, preguiçosos que queimam a terra — o famoso Jeca Tatu. Recebeu muitas críticas e, mais tarde, percebeu que o problema da falta de saúde no meio rural era do governo e pediu desculpas ao homem do campo. Além de se retratar em artigos, participou ativamente da campanha de saneamento de Miguel Pereira e criou histórias do *Jeca Tatuzinho* e do *Zé Brasil*.

Seus livros infantis também foram acusados de conter gírias demais, além de divulgar ideias comunistas, darwinianas, chegando ao ponto de, nos anos 1940, algumas escolas católicas no Rio de Janeiro queimarem obras do escritor.

Atualmente, existe uma polêmica sobre trechos contra negros na obra de Lobato. Em 2010, o Ministério da Educação pedia que *Caçadas de Pedrinho* não fosse distribuído nas escolas públicas por ter passagens racistas. Depois de muitas discussões, a instituição voltou atrás, porém pediu uma nota explicativa na edição. A passagem apontada está no capítulo em que há um ataque das onças ao Sítio:



Sim, era o único jeito — e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão, pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros.

Lobato, várias vezes, se refere à personagem como “preta”, “preta beijuda”, “a boa negra”, refletindo um tom depreciativo e ofensivo. Porém, sem querer diminuir a importância da questão, é bom lembrar que um escritor reflete sua época — no caso, um Brasil em processo, lento e gradual, de abolição da escravidão. Lobato nasceu em 1882, no interior de São Paulo, era neto e filho de fazendeiros e conviveu com ex-escravos. Com a abolição, em 1888, depois de mais de 350 anos de escravidão, os negros não passaram a ter direitos básicos — saúde e educação — e foram excluídos da sociedade. Isso deixou marcas enraizadas, não só nos livros de Lobato — escritos entre 1920 e 1944 —, mas até os dias de hoje.

Na obra do autor também encontramos trechos em que o escritor discute o tema da escravidão. Emília, personagem que mais desrespeita Tia Nastácia, é repreendida por Narizinho no início de *Viagem ao céu*:



— Está aqui o sagrado toco do Visconde — disse Emília, aproximando-se e sempre a segurar o pedaço de sabugo com as duas mãos. — Vou pedir a Tia Nastácia que bote as perninhas, os braços e a cabeça que faltam.

— Hoje? Que ideia! — exclamou a menina.

— Hoje, sim — afirmou Emília. — Tia Nastácia está “lagarteando”, mas negra velha não tem direito de repousar.

Narizinho encarou-a com olhos de censura.

— Malvada! Quem nesse Sítio tem mais direito de descansar do que ela, que é justamente quem trabalha mais? Então negra velha não é gente?

No Sítio todos opinam, e assim os personagens revelam suas personalidades: Emília, a boneca egoísta, sem limites, e Narizinho, a menina que não admite injustiças. Em outra passagem, em *Geografias de Dona Benta*, Narizinho comenta sobre os antepassados de Tia Nastácia:



— Tia Nastácia conta que a mãe dela veio da África dum lugar chamado Angola. Também conta que foi escrava sua, quando moça, vovó.

Nessa passagem o escritor retrata sua época de menino do interior. Muitas vezes o negro liberto, sem ter para onde ir, optava por se empregar na casa de antigos senhores. Era comum também cuidarem das crianças, criarem laços afetivos e contarem histórias. Tia Nastácia e Tio Barnabé se encaixam bem nessa situação: são tratados com carinho por Dona Benta e pelas crianças e dominam a sabedoria popular. No livro *Histórias de Tia Nastácia*, a personagem narra histórias orais, tão menosprezadas no início do século passado. E no *Saci*, Tio Barnabé ensina Pedrinho a pegar o Saci.

Outro trecho importante está em *A reforma da natureza*. Tia Nastácia fica em pé de igualdade com Dona Benta, quando as duas são convidadas para darem um jeito na Europa depois da guerra:



— Dona Benta e Tia Nastácia — respondeu o rei Carol —, as duas respeitáveis matronas que governam o Sítio do Picapau Amarelo, lá na América do Sul. Proponho que a conferência mande buscar as duas maravilhas para que nos ensinem o segredo de bem governar os povos.

Os livros de Lobato foram escritos em outra época, outro contexto histórico, e é importante que isso seja dito aos leitores. Ler esses trechos citados e debater essas ideias podem ajudar a esclarecer um pouco o passado e a entender o nosso presente.



LOBATO EM DOMÍNIO PÚBLICO

A partir de 2019, a obra de Lobato entrou em domínio público. A Nova Fronteira optou por lançar uma coletânea e assim apresentar um maior número de livros e aventuras, no caso, oito livros. O critério de escolha foi difícil, mas decidimos priorizar aventuras que tivessem histórias independentes, como *Reinações de Narizinho* — originalmente publicado por partes. Em *Reinações* a magia se inicia e os personagens do Sítio são apresentados. O que antes era só uma simples brincadeira de dar comida aos peixinhos no ribeirão vira uma viagem maravilhosa ao Reino das Águas Claras. Narizinho e Emília vivem mil peripécias com o Príncipe Escamado, Dona Carochinha, Pequeno Polegar, Dona Aranha costureira e o Doutor Caramujo, responsável pelas pímulas falantes.

Optamos também por livros divididos em duas partes, como *O Saci*, querido pelas crianças por ser arteiro e brincalhão. O livro é um mergulho na mata virgem do Sítio, o Capoeirão dos Tucanos. Pedrinho e Saci se tornam amigos e este lhe apresenta os personagens da floresta: a mula sem cabeça, o lobisomem, a caipora... E também travam discussões do que é melhor, a mata ou a cidade? O homem ou o bicho?

Escolhemos também *Caçadas de Pedrinho*, uma aventura de tirar o fôlego, porém bastante criticada pelo fato de as crianças matarem uma onça. Assim como no caso dos termos discriminatórios à Tia Nastácia, a caça à onça revela a época e a infância do escritor no meio rural. Mas é bom lembrar que Pedrinho, Narizinho, Emília, Visconde e Rabicó não saem para caçar do nada, mas sim porque se sentem ameaçados com a presença do animal:



— Não vi, mas quase vi! — respondeu Rabicó tomando fôlego. — Ouvi um miado esquisito e dei com uns rastos mais esquisitos ainda. Não conheço onça, que dizem ser um gatão assim do tamanho de um bezerro. Ora, o miado que ouvi era de gato, mas muito mais forte, e os rastos também eram de gato, mas muito maiores. Logo, era onça.

Em várias passagens do Sítio, Lobato valoriza as personagens crianças por serem corajosas, destemidas, e critica os adultos por terem medo de tudo. Nessa aventura, como nos contos *Pedro e o Lobo* e *Chapeuzinho Vermelho*, são as crianças que solucionam os problemas, no caso, onças que rondam a floresta.

Em contrapartida, o escritor, no mesmo livro, escreve sobre as florestas brasileiras com uma abordagem muito atual. Os animais, revoltados com o assassinato da onça, organizam uma assembleia e discutem o que fazer:



— Que terras? — replicou a capivara. — Não há mais terras habitáveis neste país. Os homens andam a destruir todas as matas, a queimá-las, a reduzi-las a pastagens para bois e vacas. No meu tempo de menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Agora quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. Os homens estragaram este país.

A reforma da natureza, aventura também dividida em duas partes, aborda o tema do fim da guerra: Dona Benta e Tia Nastácia são convidadas para resolver os problemas da Europa e vão todos em comitiva, menos Emília... A boneca acredita que a natureza está toda errada e resolve reformá-la com a ajuda de Rã — apelido de uma leitora do Rio de Janeiro que se correspondia com o escritor e pedia para participar de uma aventura. As duas aprontam e criam até o livro comestível! Ideia defendida por Lobato, de popularizar o livro:



— (...) O velho pão viraria livro. O Livro-Pão, o Pão-Livro! Quem souber ler lê o livro e depois come; quem não souber ler come-o só, sem ler. Desse modo o livro pode ter entrada em todas as casas, seja dos sábios, seja dos analfabetos. Otímíssima ideia, Emília!

Histórias diversas é livro pouco conhecido — escrito quando morou na Argentina —, com 14 contos, a maioria passada no Sítio. Escolhemos 11 histórias, como *O periscópio*, em que os sacis retornam para ajudar na procura do Visconde, e *As Fadas*, em que Branca de Neve resolve fazer uma festa em homenagem ao Gato de Botas e este corre atrás do Mickey Mouse. E também um conto surpreendente, *A reinação atômica*, que chama atenção pela atualidade: Emília, escondida de todos, vai à Ilha de Bikini, no oceano Pacífico, ver os efeitos do lançamento da bomba realizado pelos americanos, em 1946. Na volta, Visconde revela que os efeitos da radiação iriam deixá-la “careca como o ovo de cerzir meias de Dona Benta!”. E, pela primeira vez, a ex-boneca chora:



Emília perdeu a compostura, fez cara de choro — ela que nunca havia chorado! E correu à cozinha em busca de Tia Nastácia, à qual contou tudo, entre soluços, querendo saber se não havia remédio.

Escolhemos também partes de *Viagem ao céu*, *Memórias da Emília* e *Os 12 trabalhos de Hércules*, por serem aventuras fantásticas que as crianças adoram. Como esses três títulos não são divididos, fizemos um resumo para o leitor se inteirar da história.

Agora é mergulhar nessa edição caprichada da Nova Fronteira — que conta com um glossário de termos e expressões — e conhecer os personagens e as aventuras surpreendentes dos Picapaus. Boa leitura!







NARIZINHO

≈ Arrebitado

Narizinho

Numa casinha branca, lá no Sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

“Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...”

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas — Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho, como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.

Na casa ainda existem duas pessoas — Tia Nastácia, **negra de estimação** que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por Tia Nastácia, com olhos de **retrós** preto e sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso, Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira.

.....
Negra de estimação: Como falamos na Apresentação, Monteiro Lobato usava termos negativos para se referir à Tia Nastácia — personagem importante e querida nas aventuras do Sítio. Em alguns momentos, esses termos, que refletem um Brasil escravocrata, vão aparecer. Continue a leitura e vamos conversando sobre esse assunto.

.....
Retrós: Fio para costura.

Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras de limo, que Lúcia chama as “Tias Nastácias do rio”.

Todas as tardes Lúcia toma a boneca e vai passear à beira d’água, onde se senta na raiz de um velho ingazeiro para dar farelo de pão aos lambaris.

Não há peixe do rio que não a conheça; assim que ela aparece, todos acodem numa grande faminteza. Os mais miúdos chegam pertinho; os graúdos, parece que desconfiam da boneca, pois ficam ressabiados, a espiar de longe. E nesse divertimento leva a menina horas, até que Tia Nastácia apareça no portão do pomar e grite na sua voz sossegada:

— Narizinho, vovó está chamando!...

Uma vez

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz.

Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão — a maior das **galantezas**! O peixinho olhava para o nariz de Narizinho com rugas na testa, como quem não está entendendo nada do que vê.

.....
Galantezas: Lindezas, elegâncias.

A menina reteve o fôlego de medo de o assustar, assim ficando até que sentiu cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. Mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengala.

Lúcia imobilizou-se ainda mais, tão interessante estava achando aquilo.

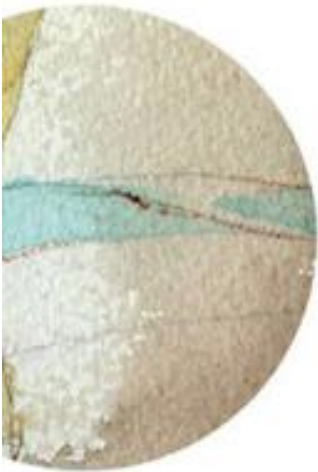
Ao ver o peixinho, o besouro tirou o chapéu, respeitosamente.

— Muito boas tardes, Senhor Príncipe! — disse ele.

— Viva, Mestre Cascudo! — foi a resposta.

— Que novidade traz Vossa Alteza por aqui, príncipe?

— É que lasquei duas escamas do filé e o Doutor Caramujo me receitou ares do campo. Vim tomar o remédio neste prado que é muito meu conhecido, mas encontrei cá este morro que me parece estranho. — E o príncipe bateu com a biqueira do guarda-chuva na ponta do nariz de Narizinho. — Creio que é de mármore — observou.



Os besouros são muito entendidos em questões de terra, pois vivem a cavar buracos. Mesmo assim aquele besourinho de sobrecasaca não foi capaz de adivinhar que qualidade de “terra” era aquela. Abaixou-se, ajeitou os óculos no bico, examinou o nariz de Narizinho e disse:



— Muito mole para ser mármore. Parece antes requeijão.

— Muito moreno para ser requeijão. Parece antes rapadura — volveu o príncipe.

O besouro provou a tal terra com a ponta da língua.

— Muito salgada para ser rapadura. Parece antes...

Mas não concluiu, porque o príncipe o havia largado para ir examinar as sobancelhas.

— Serão barbatanas, Mestre Cascudo? Venha ver. Por que não leva algumas para os seus meninos brincarem de chicote?

O besouro gostou da ideia e veio colher as barbatanas. Cada fio que arrancava era uma dorzinha aguda que a menina sentia — e bem vontade teve ela de o espantar dali com uma careta! Mas tudo suportou, curiosa de ver em que daria aquilo.

Deixando o besouro às voltas com as barbatanas, o peixinho foi examinar as **ventas**.
.....

— Que belas tocas para uma família de besouros! — exclamou. — Por que não se muda para aqui, Mestre Cascudo? Sua esposa havia de gostar desta repartição de cômodos.

O besouro, com o feixe de barbatanas debaixo do braço, lá foi examinar as tocas. Mediu a altura com a bengala.

— Realmente, são ótimas — disse ele. — Só receio que more aqui dentro alguma fera peluda.

E para certificar-se cutucou bem lá no fundo.

— Hu! Hu! Sai fora, bicho imundo!...

Não saiu fera nenhuma, mas como a bengala fizesse cócegas no nariz de Lúcia, o que saiu foi um formidável espirro — *atchim!*... — e os dois bichinhos, pegos de surpresa, reviraram de pernas para o ar, caindo em um grande tombo no chão.

— Eu não disse? — exclamou o besouro, levantando-se e escovando com a manga a cartolinha suja de terra. — É, sim, ninho de fera — e de fera espirradeira! Vou-me embora. Não quero negócios com essa gente. Até logo, príncipe! Faço votos para que sare e seja muito feliz.

E lá se foi, zumbindo que nem um avião.

O peixinho, porém, que era muito valente, permaneceu firme, cada vez mais intrigado com a tal montanha que espirrava. Por fim a menina teve dó dele e resolveu esclarecer todo o mistério. Sentou-se de súbito e disse:

— Não sou montanha nenhuma, peixinho. Sou Lúcia, a menina que todos os dias vem dar comida a vocês. Não me reconhece?

— Era impossível reconhecê-la, menina. Vista de dentro d'água parece muito diferente...

— Posso parecer, mas garanto que sou a mesma. Esta senhora aqui é a minha amiga Emília.

O peixinho saudou respeitosamente a boneca, e em seguida apresentou-se como o Príncipe Escamado, rei do Reino das Águas Claras.

— Príncipe e rei ao mesmo tempo! — exclamou a menina batendo palmas. — Que bom, que bom, que bom! Sempre tive vontade de conhecer um príncipe-rei.

Conversaram longo tempo e, por fim, o príncipe convidou-a para uma visita ao seu reino. Narizinho ficou no maior dos assanhamentos.

— Pois vamos e já — gritou —, antes que Tia Nastácia me chame.

E lá se foram os dois de braços dados, como velhos amigos. A boneca seguia atrás sem dizer palavra.

— Parece que dona Emília está **emburrada** — observou o príncipe.
.....

.....
Emburrada: Chateada, mal-humorada.

— Não é burro, não, príncipe. A pobre é muda de nascença. Ando à procura de um bom doutor que a cure.

— Há um excelente na corte, o célebre Doutor Caramujo. Emprega umas pílulas que curam todas as doenças, menos a gosma dele. Tenho a certeza de que o Doutor Caramujo põe a Senhora Emília a falar pelos cotovelos.

E ainda estavam discutindo os milagres das famosas pílulas quando chegaram a certa gruta que Narizinho jamais havia visto naquele ponto. Que coisa estranha! A paisagem estava outra.

— É aqui a entrada do meu reino — disse o príncipe.

Narizinho espiou, com medo de entrar.

— Muito escura, príncipe. Emília é uma grande medrosa.

A resposta do peixinho foi tirar do bolso um vaga-lume de cabo de arame, que lhe servia de lanterna viva. A gruta clareou até longe e a “boneca” perdeu o medo. Entraram. Pelo caminho foram saudados, com grandes marcas de respeito, por várias corujas e numerosíssimos morcegos. Minutos depois chegavam ao portão do reino. A menina abriu a boca, admirada.

— Quem construiu este maravilhoso portão de coral, príncipe? É tão bonito que até parece um sonho.

— Foram os Pólipos, os pedreiros mais trabalhadores e incansáveis do mar. Também meu palácio foi construído por eles, todo de coral rosa e branco.

Narizinho ainda estava de boca aberta quando o príncipe notou que o portão não fora fechado naquele dia.

— É a segunda vez que isto acontece — observou ele com cara feia. — Aposto que o guarda está dormindo.

Entrando, verificou que era assim. O guarda dormia um sono roncado. Esse guarda não passava de um sapão muito feio, que tinha o posto de major no exército marinho. Major Agarra-e-Não-Larga-Mais. Recebia como ordenado cem moscas por dia para que ali ficasse, de lança em punho, capacete na cabeça e a espada à cinta, sapeando a entrada do palácio. O major, porém, tinha o vício de dormir fora de hora e, pela segunda vez, fora apanhado em falta.

O príncipe ajeitou-se para acordá-lo com um pontapé na barriga, mas a menina interveio.

— Não ainda! Tenho uma ideia muito boa. Vamos vestir este sapo de mulher, para ver a cara dele quando acordar.

E, sem esperar resposta, foi tirando a saia de Emília e vestindo-a, muito devagarinho, no dorminhoco. Pôs-lhe também a touca da boneca em lugar do capacete, e o guarda-chuva do príncipe em lugar de lança. Depois que o deixou assim transformado numa perfeita velha **coroca**, disse ao príncipe:
.....

.....
Coroca: Caduca, velha feia.

— Pode chutar agora.

O príncipe — *zás!*... — pregou-lhe um valente pontapé na barriga.

— *Hum!*... — gemeu o sapo, abrindo os olhos, ainda cego de sono.

O príncipe engrossou a voz e ralhou:

— Bela coisa, major! Dormindo como um porco e ainda por cima vestido de velha coroca... Que significa isto?

O sapo, sem compreender coisa nenhuma, mirou-se apatetadamente num espelho que havia por ali. E botou a culpa no pobre espelho.

— É mentira dele, príncipe! Não acredite. Nunca fui assim...

— Você de fato nunca foi assim — explicou Narizinho. — Mas, como dormiu escandalosamente durante o serviço, a Fada do Sono o virou em velha coroca. Bem feito...

— E por castigo — ajuntou o príncipe — está condenado a engolir cem pedrinhas redondas, em vez das cem moscas do nosso trato.

O triste sapo derrubou um grande beijo, indo, muito jururu, **encorujar-se** a um canto.
....

.....
Encorujar-se: Encolher-se como uma coruja.

No palácio

O príncipe consultou o relógio.

— Estou na hora da audiência — murmurou. — Vamos depressa, que tenho muitos casos a atender.

Lá se foram. Entraram diretamente para a sala do trono, no qual a menina se sentou a seu lado, como se fosse uma princesa. Linda sala! Toda de um coral cor de leite, franjadinho como musgo e penduradinho de pingentes de pérola que tremiam ao menor sopro. O chão, de **nácar** furta-cor, era tão liso que Emília escorregou três vezes.
.....

.....
Nácar: Substância branca, brilhante que fica no interior das conchas; madre pérola.

O príncipe deu o sinal de audiência batendo com uma grande pérola negra numa concha sonora. O mordomo introduziu os primeiros queixosos — um bando de moluscos nus que **tiritavam** de frio. Vinham queixar-se dos **bernardos-eremitas**.

.....
Tiritavam: Tremiam.

.....
Bernardo-eremita: Tipo de caranguejo que vive dentro de conchas.

— Quem são esses Bernardos? — indagou a menina.

— São uns caranguejos que têm o mau costume de se apropriarem das conchas destes pobres moluscos, deixando-os em carne viva no mar. Os piores ladrões que temos aqui.

O príncipe resolveu o caso mandando dar uma concha nova a cada molusco.

Depois apareceu uma ostra a queixar-se de um caranguejo que lhe havia furtado a pérola.

— Era uma pérola ainda novinha e tão galante! — disse a ostra, enxugando as lágrimas. — Ele raptou-a só de mau, porque os caranguejos não se alimentam de pérolas, nem as usam como joias. Com certeza já a largou por aí nas areias...

O príncipe resolveu o caso mandando dar à ostra uma pérola nova do mesmo tamanho.

Nisto surgiu na sala, muito apressada e aflita, uma baratinha de mantilha, que foi abrindo caminho por entre os bichos até alcançar o príncipe.

— A senhora por aqui? — exclamou este, admirado. — Que deseja?

— Ando atrás do Pequeno Polegar — respondeu a velha. — Há duas semanas que fugiu do livro onde mora e não o encontro em parte nenhuma. Já percorri todos os reinos encantados sem descobrir o menor sinal dele.

— Quem é esta velha? — perguntou a menina ao ouvido do príncipe. — Parece que a conheço...

— Com certeza, pois não há menina que não conheça a célebre Dona Carochinha das histórias, a baratinha mais famosa do mundo.

E voltando-se para a velha:

— Ignoro se o Pequeno Polegar anda aqui pelo meu reino. Não o vi, nem tive notícias dele, mas a senhora pode procurá-lo. Não faça cerimônia...

— Por que ele fugiu? — indagou a menina.

— Não sei — respondeu Dona Carochinha —, mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam em correr

mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladim queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o Marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. Branca de Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar ruge na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalhão para contê-los. Mas o pior é que ameaçam fugir, e o Pequeno Polegar já deu o exemplo.



Narizinho gostou tanto daquela revolta que chegou a bater palmas de alegria, na esperança de ainda encontrar pelo seu caminho algum daqueles queridos personagens.

— Tudo isso — continuou Dona Carochinha — por causa do Pinóquio, do Gato Félix e, sobretudo, de uma tal menina do narizinho arrebitado que

todos desejam muito conhecer. Ando até desconfiada que foi essa diabinha quem desencaminhou Polegar, aconselhando-o a fugir.

O coração de Narizinho bateu apressado.

— Mas a senhora conhece essa tal menina? — perguntou, tapando o nariz com medo de ser reconhecida.

— Não a conheço — respondeu a velha —, mas sei que mora numa casinha branca, em companhia de duas velhas corocas.

Ah, por que foi dizer aquilo? Ouvindo chamar Dona Benta de velha coroca, Narizinho **perdeu as estribeiras**.

.....
Perdeu as estribeiras: Perdeu a cabeça, perdeu a paciência.

— Dobre a língua! — gritou vermelha de cólera. — Velha coroca é vosmecê, e tão implicante que ninguém mais quer saber das suas histórias **emboloradas**. A menina do narizinho arrebitado sou eu, mas fique sabendo que é mentira que eu haja desencaminhado o Pequeno Polegar, aconselhando-o a fugir. Nunca tive essa “bela ideia”, mas agora vou aconselhá-lo, a ele e a todos os mais, a fugirem dos seus livros bolorentos, sabe?

.....
Emboloradas: Com bolor, mofado, mas aqui está no sentido de antigo, velho.

A velha, furiosa, ameaçou-a de lhe desarrebitar o nariz na primeira vez em que a encontrasse sozinha.

— E eu arrebitarei o seu, está ouvindo? Chamar vovó de coroca! Que desaforo!...

Dona Carochinha botou-lhe a língua — uma língua muito magra e seca — e retirou-se furiosa da vida, a resmungar que nem uma **negra beijuda**.

.....
Negra beijuda: Era comum nessa época fazer brincadeiras maldosas e depreciativas com características físicas das pessoas negras. Hoje entendemos que essa prática, já considerada um crime, além de não ser engraçada, ofende e humilha as pessoas.

O príncipe respirou de alívio ao ver o incidente terminado. Depois encerrou a audiência e disse ao primeiro-ministro:

— Mande convite a todos os nobres da corte para a grande festa que vou dar amanhã em honra à nossa distinta visitante. E diga a Mestre Camarão que ponha o coche de gala para um passeio pelo fundo do mar. Já.

O bobinho

O passeio que Narizinho deu com o príncipe foi o mais belo de toda a sua vida. O coche de gala corria por sobre a areia alvíssima do fundo do mar conduzido por Mestre Camarão e tirado por seis pares de **hipocampos**, uns bichinhos com cabeça de cavalo e cauda de peixe. Em vez de **pingalim**, o cocheiro usava os fios de sua própria barba para chicoteá-los. — *lept! lept!...*

.....
Hipocampo: Nome científico do cavalo-marinho.

.....
Pingalim: Chicote usado pelos cocheiros.

Que lindos lugares ela viu! Florestas de coral, bosques de esponjas vivas, campos de algas das formas mais estranhas. Conchas de todos os jeitos e cores. Polvos, enguias, ouriços — milhares de criaturas marinhas tão estranhas que até pareciam mentiras do **Barão de Münchhausen**.

.....
Barão de Münchhausen: Personagem do livro *As aventuras do Barão de Münchhausen*, de Rudolf Herich Raspe, que se baseou nos relatos exagerados e fantasiosos do militar alemão.

Em certo ponto Narizinho encontrou uma baleia dando de mamar a várias baleinhas novas. Teve a ideia de levar para o sítio uma garrafa de leite de baleia, só para ver a cara de espanto que Dona Benta e Tia Nastácia fariam. Mas logo desistiu, pensando: “Não vale a pena. Elas não acreditam mesmo...”

Nisto apareceu ao longe um formidável **espadarte**. Vinha com o seu comprido esporão de pontaria feita para o cetáceo, que é como os sábios chamam a baleia. O príncipe assustou-se.

— Lá vem o malvado! — disse ele. — Esses monstros divertem-se em espetar as pobres baleias como se elas fossem almofadinhas de alfinetes. Vamo-nos embora, que a luta vai ser medonha.

Recebendo ordem de voltar, o camarão estalou as barbas e pôs os “cabecinhas de cavalo” no galope.

De volta ao palácio o príncipe deixou a menina e a boneca na gruta dos seus tesouros, indo cuidar dos preparativos da festa. Narizinho pôs-se a mexer em tudo... Quantas maravilhas! Pérolas enormes aos montes. Muitas, ainda na concha, punham as cabecinhas de fora, espiavam a menina e escondiam-se outra vez — de medo da Emília. Caramujos, então, era um nunca se acabar — de todos os jeitos possíveis e imagináveis. E conchas! Quantas, Deus do céu!

Narizinho teria ficado ali a vida inteira, examinando uma por uma todas aquelas joias, se um peixinho de rabo vermelho não viesse da parte do príncipe dizer que o jantar estava na mesa.

Foi correndo e achou a sala de jantar ainda mais bonita que a sala do trono. Sentou-se ao lado do príncipe e gabou muito a arrumação da mesa.

— Artes das Senhoras Sardinhas — disse ele. — São as melhores arrumadeiras do reino.

A menina pensou consigo: “Não é à toa que sabem arrumar-se tão direitinhas dentro das latas...”

Vieram os primeiros pratos — costeletas de camarão, filés de marisco, omeletes de ovos de beija-flor, linguíça de minhoca — um petisco de que o príncipe gostava muito.

Enquanto comiam, uma excelente orquestra de cigarras e pernilongos tocava a música do *fium*, regida pelo Maestro Tangará, de batuta no bico. Nos intervalos três vaga-lumes de circo fizeram mágicas lindas, entre as quais foi muito apreciada a de comer fogo. Para lidar com fogo não há como eles.

Encantada com tudo aquilo, Narizinho batia palmas e dava gritos de alegria. Em certo momento o mordomo do palácio entrou e disse umas palavras ao ouvido do príncipe.

— Pois mande-o entrar — respondeu este.

— Quem é? — quis saber a menina.

— Um anãozinho que nos apareceu aqui ontem para contratar-se como bobo da corte. Estamos sem bobo desde que o nosso querido Carlito Pirulito foi devorado pelo peixe-espada.

O candidato ao cargo de bobo da corte entrou conduzido pelo mordomo e logo saltou para cima da mesa, pondo-se a fazer graças. Narizinho percebeu **incontinente** que o bobinho não passava do Pequeno Polegar, vestido com o

clássico saiote de guizos e uma carapuça também de guizos na cabeça. Percebeu mas fingiu não ter desconfiado de nada.

.....
Incontinente: Imediatamente.

— Como é o seu nome? — perguntou-lhe o príncipe.

— Sou o gigante Fura-Bolos! — respondeu o bobinho sacudindo os guizos.

Polegar não tinha o menor jeito para aquilo. Não sabia fazer caretas engraçadas, nem dizer coisas que fizessem rir. Narizinho teve um grande dó dele e disse-lhe baixinho:

— Apareça lá no sítio de vovó, Senhor Fura-Bolos. Tia Nastácia faz bolinhos muitos bons para serem furados. Vá morar comigo, em vez de levar essa vida idiota de bobo da corte. Você não dá para isso.

Nesse momento reapareceu na sala a baratinha de mantilha, de nariz erguido para o ar como quem fareja alguma coisa.

— Achou o fugido? — perguntou-lhe o príncipe.

— Ainda não — respondeu ela —, mas aposto que anda por aqui. Estou sentindo o cheirinho dele.

E farejou outra vez o ar com o seu nariz de papagaio seco.

Apesar de ser muito burrinho, o príncipe desconfiou que o tal Fura-Bolos fosse o mesmo Polegar.

— Talvez esteja — disse ele. — Talvez Polegar seja o bobinho que veio oferecer-se para substituir o Carlito Pirulito. Para onde foi? — indagou correndo os olhos em redor. — Estava aqui ainda agora, não faz meio minuto...

Procuraram o bobinho por toda parte, inutilmente. É que a menina, mal viu entrar na sala a diaba da velha, disfarçadamente o tinha agarrado e enfiado na manga do vestido.

Dona Carochinha remexia por todos os cantos, até dentro das **terrinas**,
.....
sempre resmungona.

.....
Terrinas: Vasilhas.

— Está aqui, sim. Estou sentindo o cheirinho dele cada vez mais perto. Desta feita não me escapa.

Vendo-a aproximar-se mais e mais, Narizinho perturbou-se. E para disfarçar gritou:

— Dona Carochinha está caducando. Polegar usa as botas de sete léguas e, se esteve aqui, já deve estar na Europa.

A velha deu uma risada gostosa.

— Não vê que não sou boba? Assim que desconfiei que ele andava querendo fugir, fui logo tratando de trancar suas botas na minha gaveta. Polegar fugiu descalço e não me escapa.

— Há de escapar, sim! — gritou Narizinho em tom de desafio.

— Não escapa, não! — retrucou a velha. — E não me escapa porque já sei onde está. Está escondido aí na sua manga, ouviu? — E avançou para ela.

Foi um rebuliço na sala. A velha atracou-se com a menina, e certamente que a **subjugaria**, se a boneca, que estava na mesa ao lado de sua dona, não tivesse tido a bela ideia de arrancar-lhe os óculos e sair correndo com eles.

.....
Subjugaria: Dominaria.

Dona Carochinha não enxergava nada sem óculos, de modo que ficou a pererecar no meio da sala como cega, enquanto a menina corria a esconder Polegar na gruta dos tesouros, bem lá no fundo de uma concha.

— Fique aqui bem quietinho até que eu volte — recomendou-lhe.

E regressou à sala, muito **lampeira** da sua façanha.

.....
Lampeira: Atrevida, ousada.

A costureira das fadas

Depois do jantar o príncipe levou Narizinho à casa da melhor costureira do reino. Era uma aranha de Paris, que sabia fazer vestidos lindos, lindos até não poder mais! Ela mesma tecia a fazenda, ela mesma inventava as modas.

— Dona Aranha — disse o príncipe —, quero que faça para esta ilustre dama o vestido mais bonito do mundo. Vou dar uma grande festa em sua honra e quero vê-la deslumbrar a corte.

Disse e retirou-se. Dona Aranha tomou da fita métrica e, ajudada por seis aranhinhas muito espertas, principiou a tomar as medidas. Depois teceu, depressa, depressa, uma fazenda cor-de-rosa com estrelinhas douradas, a

coisa mais linda que se possa imaginar. Teceu também peças de fitas e peças de renda e peças de **entremeio** — até carretéis de linha de seda fabricou.

.....
Entremeio: Faixa ou tira bordada.

— Que beleza! — ia exclamando a menina, cada vez mais admirada dos **prodígios** da costureira. — Conheço muitas aranhas em casa de vovó, mas todas só sabem fazer teias de pegar moscas; nenhuma é capaz de fazer nem um paninho de avental...

.....
Prodígio: Habilidade, talento.

— É que tenho mil anos de idade — explicou Dona Aranha —, e sou a costureira mais velha do mundo. Aprendi a fazer todas as coisas. Já trabalhei durante muito tempo no reino das fadas; fui eu quem fez o vestido de baile de Cinderela e quase todos os vestidos de casamento de quase todas as meninas que se casaram com príncipes encantados.

— E para Branca de Neve também costurou?

— Como não? Pois foi justamente quando eu estava tecendo o véu de noiva de Branca que fiquei aleijada. A tesoura caiu-me sobre o pé esquerdo, rachando o osso aqui neste lugar. Fui tratada pelo Doutor Caramujo, que é um médico muito bom. Sarei, embora ficasse manca pelo resto da vida.

— Acha que esse tal Doutor Caramujo é capaz de curar uma boneca que nasceu muda? — perguntou a menina.

— Cura, sim. Ele tem umas pílulas que curam todas as doenças, exceto quando o doente morre.

Enquanto conversavam, Dona Aranha ia trabalhando no vestido.

— Está pronto — disse ela por fim. — Vamos prová-lo.

Narizinho vestiu-se, indo ver-se ao espelho.

— Que beleza! — exclamou, batendo palmas. — Estou que nem um céu aberto!...

E estava mesmo linda. Linda, tão linda no seu vestido de teia cor-de-rosa com estrelinhas de ouro, que até o espelho arregalou os olhos, de espanto.

Trazendo em seguida o seu cofre de joias, Dona Aranha pôs na cabeça da menina um **diadema** de orvalho, e braceletes de rubis do mar nos braços, e anéis de brilhantes do mar nos dedos, e fivelas de esmeraldas do mar nos sapatos, e uma grande rosa do mar no peito.

Mais linda ainda ficou Narizinho, tão mais linda que o espelho arregalou um pouco mais os olhos, começando a abrir a boca.

— Pronto? — perguntou a menina, deslumbrada.

— Espere — respondeu Dona Aranha Costureira. — Faltam os pós de borboleta.

E ordenou às suas seis filhinhas que trouxessem as caixas de pó de borboleta. Escolheu o mais conveniente, que era o famoso pó-furta-todas-as-cores, de tanto brilho que parecia pó-de-céu-sem-nuvens misturado com pó-de-sol-que-acaba-de-nascer. Polvilhada com ele a menina ficou tal qual um sonho dourado! Linda, tão linda, tão mais, mais, mais linda, que o espelho foi arregalando ainda mais os olhos, mais, mais, mais, até que — *craque!*... — rachou de alto a baixo em seis fragmentos!

Em vez de ficar danada com aquilo, como Narizinho esperava, Dona Aranha pôs-se a dançar de alegria.

— Ora graças! — exclamou num suspiro de alívio. — Chegou afinal o dia da minha libertação. Quando nasci, uma fada rabugenta, que detestava minha pobre mãe, virou-me em aranha, condenando-me a viver de costuras a vida inteira. No mesmo instante, porém, uma fada boa surgiu, e me deu esse espelho com estas palavras: “No dia em que fizeres o vestido mais lindo do mundo, deixarás de ser aranha e serás o que quiseres.”

— Que bom! — aplaudiu Narizinho. — E no que vai a senhora virar?

— Não sei ainda — respondeu a Aranha. — Tenho de consultar o príncipe.

— Sim, mas não vire em nada antes de fazer destes retalhos um vestido para a Emília. A pobrezinha não pode comparecer ao baile assim em fraldas de camisa como está.

— Agora é tarde, menina. O encantamento está quebrado; já não sou costureira. Mas minhas filhas poderão fazer o vestido da boneca. Não sairá grande coisa, porque não têm a minha prática, mas há de servir. Onde está a Senhora Emília?

Narizinho não sabia. Depois que furtou os óculos da velha e saiu correndo, ninguém mais vira a boneca.

Dona Aranha voltou-se para as seis aranhinhas.

— Minhas filhas — disse ela —, o encanto está quebrado e logo estarei virada no que quiser. Vou, portanto, abandonar esta vida de costureira, deixando a vocês o meu lugar. O encantamento continua em vocês. Cada uma tem de conservar um pedaço do espelho e passar a vida costurando até que consiga um vestido que o faça rachar de admiração, como sucedeu ao espelho grande.

Nisto o príncipe apareceu. Narizinho contou-lhe toda a história, inclusive a atrapalhação da Aranha quanto à escolha do que havia de ser.

O príncipe observou que seu reino estava com falta de sereias, sendo muito do seu agrado que ela virasse sereia.

— Nunca! — protestou Narizinho, que era de muito bons sentimentos.

— Sereias são criaturas malvadas, cujo maior prazer é afundar navios. Antes vire princesa.

Houve grande discussão, sem que nada fosse decidido. Por fim a Aranha resolveu não virar em coisa nenhuma.

— Acho melhor ficar no que sou. Assim, manca de uma perna, se viro princesa, ficarei sendo a Princesa Manca; se viro sereia, ficarei sendo a Sereia Manca e todos caçoarão de mim. Além do mais, como já sou aranha há mil anos, estou acostumadíssima.

E continuou aranha.

A festa e o major

Chegou a hora da festa. Dando a mão a Narizinho, o príncipe dirigiu-se à sala de baile.

— Como é linda! — exclamaram os fidalgos lá reunidos ao verem-na entrar. — Com certeza é a filha única da Fada dos Sete Mares...

O salão parecia um céu bem aberto. Em vez de lâmpadas, viam-se pendurados do teto buquês de raios de sol colhidos pela manhã. Flores em quantidade, trazidas e arrumadas por beija-flores. Tantas pérolas soltas no chão que até se tornava difícil o andar. Não houve ostra que não trouxesse a sua pérola, para pendurá-la num galhinho de coral ou jogá-la por ali como se fosse cisco. E o que não era pérola era flor, e o que não era flor era nácar, e o que não era nácar era rubi e esmeralda e ouro e diamante. Uma verdadeira tontura de beleza!



O príncipe havia convidado só os seres pequeninos, visto ser também pequenino e muito delicado de corpo. Se um hipopótamo ou baleia aparecesse por lá seria o maior dos desastres.

Narizinho correu os olhos pela **assistência**. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e **miosótis** nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis falavam mal das vespas de cintura fina — achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. **Mamangavas** de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e

caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo.

.....
Assistência: Plateia.

.....
Miosótis: Planta com flores pequenas.

.....
Mamangavas: Abelhas.

Narizinho e o príncipe dançaram a primeira contradança sob os olhares de admiração da assistência. Pelas regras da corte, quando o príncipe dançava todos tinham de manter-se de boca aberta e olhos bem arregalados. Depois começou a grande quadrilha.

Foi a parte de que Narizinho gostou mais. Quantas cenas engraçadas! Quantas tragédias! Um velho caranguejo que tirara uma gorda taturana para valsar apertou-a tanto nos braços que a furou com o ferrão. A pobre dama deu um berro ao ver espirrar aquele líquido verde que as taturanas têm dentro de si. Ao mesmo tempo que isso se dava, outro desastre acontecia com um besouro do Instituto Histórico, que tropeçou numa pérola, caiu e desconjuntou-se todo.

O Doutor Caramujo foi chamado às pressas para consertar a taturana e o besouro.

— Que bom cirurgião! — exclamou Narizinho, vendo a perícia com que ele arrolhou a taturana e consertou o besouro. Só sobraram duas peças — uma perna e uma antena. “E trabalha cientificamente”, refletiu a menina, notando que antes de tratar do doente o doutor nunca deixava de fazer o “diagnóstico”. — Amanhã sem falta vou levar Emília ao consultório dele — disse ela ao príncipe.

— E, por falar, onde anda a Senhora Emília? — indagou este. — Desde a briga com a Dona Carochinha que não a vi mais.

— Nem eu. Acho bom que o Senhor Príncipe mande procurá-la.

O peixinho gritou para o mordomo que achasse a boneca sem demora.

Enquanto isso o baile prosseguia. Vieram as libélulas, que gozam a fama de ser as mais leves dançarinas do mundo. De fato! Dançam sem tocar os pezinhos no chão — voando o tempo inteiro. A linda valsa das libélulas estava na metade quando o mordomo reapareceu, muito afobado.

— Dona Emília foi assaltada por algum bandido! — gritou ele. — Está lá na gruta dos tesouros, estendida no chão, como morta.

Imediatamente Narizinho pulou do trono e correu em salvação da sua querida bruxa. Encontrou-a caída por terra, com o rosto arranhado, sem dar o menor acordo de si. O Doutor Caramujo, chamado com urgência, despertou-a logo com um bom beliscão, depois de fazer o indispensável “diagnóstico”.

— Quem será o monstro que fez isto para a coitada? — exclamou a menina, examinando-lhe a cara e vendo-a com um dos olhos de retrós arrancado. — Não bastava ser muda, vai ficar cega também. Coitadinha da minha Emília!...

— Impossível descobrir o criminoso — declarou o príncipe. — Não há indícios. Só depois que o Doutor Caramujo curá-la da mudez é que poderemos descobrir alguma coisa.

— Havemos de tratar disso amanhã bem cedo — concluiu Narizinho. — Agora é muito tarde. Estou pendendo de sono...

E dando boas-noites ao príncipe, retirou-se com Emília para os seus aposentos.

Mas Narizinho não pôde dormir. Mal se deitou, ouviu gemidos no jardim que havia ao lado. Levantou-se. Espiou da janela. Era o sapo que fora vestido de velha coroca.

— Boa noite, Major Agarra! Que gemidos tão tristes são esses? Não está contente com a sua sainha nova?

— Não **caçoe**, menina, que o caso não é para caçoadas — respondeu o pobre sapo com voz chorosa. — O príncipe condenou-me a engolir cem pedrinhas redondas. Já engoli noventa e nove. Não posso mais! Tenha dó de mim, gentil menina, e peça ao príncipe que me perdoe.

.....
Caçoe: Zombe, implique.

Tanta pena do sapo sentiu Narizinho que mesmo em camisola como estava foi correndo ao quarto do príncipe, em cuja porta bateu precipitadamente — *toc, toc, toc!*...

— Quem é? — indagou de dentro o peixinho, que estava a despir-se de suas escamas para dormir.

— É Narizinho. Quero que perdoe ao pobre do Major Agarra.

— Perdoar de quê? — exclamou o príncipe, que tinha a memória muito fraca.

— Pois não o condenou a engolir cem pedrinhas redondas? Já engoliu noventa e nove e está engasgado com a última. Não entra. Não cabe! Está lá no jardim, de barriga estufada, gemendo e chorando que não me deixa dormir.

O príncipe danou.

— E muito estúpido o major! Eu falei aquilo de brincadeira. Diga-lhe que desengula as pedrinhas e não me incomode.

Narizinho foi, pulando de contente, dar a boa notícia ao sapo.

— Está perdoado, major! O príncipe manda ordem para desengolir as pedrinhas e voltar ao serviço.

Por mais esforço que fizesse, o sapo não conseguiu aliviar-se das pedras. Estava **empachado**.

.....
Empachado: Empanturrado.

— Impossível! — gemeu ele. — O único jeito é o Doutor Caramujo abrir-me a barriga com a sua faquinha e tirar as pedras uma por uma com o ferrão de caranguejo que lhe serve de pinça.

— Nesse caso, muito boa noite, senhor sapo. Só amanhã poderemos tratar disso. Tenha paciência e cuide de não morrer até lá.

O sapo agradeceu a boa ação da menina, prometendo que se pudesse fugir das garras do príncipe iria morar no sítio de Dona Benta para manter a horta limpa de lesmas e lagartas.

Narizinho recolheu-se de novo, e já ia pulando para a cama quando se lembrou do Pequeno Polegar, que deixara escondido na concha.

— Ah, meu Deus! Que cabeça a minha! O coitadinho deve estar cansado de esperar por mim...

E foi correndo à gruta dos tesouros. Mas perdeu a viagem. Polegar havia desaparecido com a concha e tudo...

A pílula falante

No outro dia, a menina levantou-se muito cedo para levar a boneca ao consultório do Doutor Caramujo. Encontrou-o com cara de quem havia comido um **urutu** recheado de escorpiões.

.....
Urutu: Serpente venenosa.

— Que há, doutor?

— Há que encontrei o meu depósito de pílulas saqueado. Furtaram-me todas...

— Que **maçada**! — exclamou a menina aborrecidíssima. — Mas não pode fabricar outras? Se quiser, ajudo a enrolar.

.....
Maçada: Situação chata.

— Impossível. Já morreu o besouro boticário que fazia as pílulas, sem haver revelado o segredo a ninguém. A mim só me restava um cento, das mil que comprei dos herdeiros. O miserável ladrão só deixou uma, e imprópria para o caso porque não é pílula falante.

— E agora?

— Agora, só fazendo uma certa operação. Abro a garganta da boneca muda e ponho dentro uma falinha — respondeu o doutor, pegando na sua faca de ponta para amolar. — Já providenciei tudo.

Nesse momento ouviu-se grande barulheira no corredor.

— Que será? — indagou a menina surpresa.

— É o papagaio que vem vindo — declarou o doutor.

— Que papagaio, homem de Deus? Que vem fazer aqui esse papagaio?

Mestre Caramujo explicou que, como não houvesse encontrado suas pílulas, mandara pegar um papagaio muito falador que havia no reino. Tinha de matá-lo para extrair a falinha que ia pôr dentro da boneca.

Narizinho, que não admitia que se matasse nem formiga, revoltou-se contra a barbaridade.

— Então não quero! Prefiro que Emília fique muda toda a vida a sacrificar uma pobre ave que não tem culpa de coisa nenhuma.

Nem bem acabou de falar, e os ajudantes do doutor, uns caranguejos muito antipáticos, surgiram à porta, arrastando um pobre papagaio de bico amarrado. Bem que resistia ele, mas os caranguejos podiam mais e eram murros e mais murros.

Furiosa com a estupidez, Narizinho avançou de sopapos e pontapés contra os brutos.

— Não quero! Não admito que judiem dele! — berrou vermelhinha de cólera, desamarrando o bico do papagaio e jogando as cordas no nariz dos caranguejos.

O Doutor Caramujo desapontou, porqu e sem pílulas nem papagaios era impossível consertar a boneca. E deu ordem para que trouxessem o segundo paciente.



Apareceu então o sapo num carrinho. Teve de vir sobre rodas por causa do estufamento da barriga; parece que as pedras haviam crescido de volume dentro. Como ainda estivesse vestido com a saia e a touca da Emília, Narizinho viu-se obrigada a tapar a boca para não rir-se em momento tão impróprio.

O grande cirurgião abriu com a faca a barriga do sapo e tirou com a pinça de caranguejo a primeira pedra. Ao vê-la à luz do sol sua cara abriu-se num sorriso caramujal.

— Não é pedra, não! — exclamou contentíssimo. — É uma das minhas queridas pílulas! Mas como teria ela ido parar na barriga deste sapo?...

Enfiou de novo a pinça e tirou nova pedra. Era outra pílula! E assim foi indo até tirar lá de dentro noventa e nove pílulas.

A alegria do doutor foi imensa. Como não soubesse curar sem aquelas pílulas, andava com medo de ser demitido de médico da corte.

— Podemos agora curar a Senhora Emília — declarou ele depois de costurar a barriga do sapo.

Veio a boneca. O doutor escolheu uma pílula falante e pôs-lhe na boca.

— Engula de uma vez! — disse Narizinho, ensinando a Emília como se engole pílula. — E não faça tanta careta, que arreventa o outro olho.

Emília engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi:

— Estou com um horrível gosto de sapo na boca!

E falou, falou, falou mais de uma hora sem parar. Falou tanto que Narizinho, atordoada, disse ao doutor que era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir outra mais fraca.

— Não é preciso — explicou o grande médico. — Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda gente. Isto é “fala recolhida”, que tem de ser botada para fora.

E assim foi. Emília falou três horas sem tomar fôlego. Por fim, calou-se.

— Ora graças! — exclamou a menina. — Podemos agora conversar como gente e saber quem foi o bandido que assaltou você na gruta. Conte o caso direitinho.

Emília empertigou-se toda e começou a dizer na sua falinha fina de boneca de pano:

— Pois foi aquela diaba da Dona Carocha. A coroca apareceu na gruta das cascas...

— Que cascas, Emília? Você parece que ainda não está regulando...

— Cascas, sim — repetiu a boneca teimosamente. — Dessas cascas de bichos moles que você tanto admira e chama conchas. A coroca apareceu e começou a procurar aquele boneco...

— Que boneco, Emília?

— O tal Polegada que furava bolos e você escondeu numa casca bem lá no fundo. Começou a procurar e foi sacudindo as cascas uma por uma para ver qual tinha boneco dentro. E tanto procurou que achou. E agarrou na casca e foi saindo com ela debaixo do cobertor...

— Da mantilha, Emília!

— Do COBERTOR.

— Mantilha, boba!

— COBERTOR. Foi saindo com ela debaixo do COBERTOR e eu vi e pulei para cima dela. Mas a coroca me unhou a cara e me bateu com a casca na cabeça, com tanta força que dormi. Só acordei quando o Doutor Cara de Coruja...

— Doutor Caramujo, Emília!

— Doutor CARA DE CORUJA. Só acordei quando o Doutor Cara De Corujíssima me pregou um liscabão.

— Beliscão — emendou Narizinho pela última vez, enfiando a boneca no bolso. Viu que a fala da Emília ainda não estava bem-ajustada, coisa que só o tempo poderia conseguir. Viu também que era de gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu. “Melhor que seja assim”, filosofou Narizinho. “As ideias de vovó e Tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as adivinha antes que elas abram a boca. As ideias de Emília hão de ser sempre novidades.”

E voltou para o palácio, onde a corte estava reunida para outra festa que o príncipe havia organizado. Mas assim que entrou na sala de baile, rompeu um grande estrondo lá fora — o estrondo de uma voz que dizia:

— Narizinho, vovó está chamando!...

Tamanho susto causou aquele trovão entre os personagens do reino marinho, que todos se sumiram, como por encanto. Sobreveio então uma ventania muito forte, que envolveu a menina e a boneca, arrastando-as do fundo do oceano para a beira do ribeirãozinho do pomar.

Estavam no sítio de Dona Benta outra vez.

Narizinho correu para casa. Assim que a viu entrar, Dona Benta foi dizendo:

— Uma grande novidade, Lúcia. Você vai ter agora um bom companheiro aqui no sítio para brincar. Adivinhe quem é?

A menina lembrou-se logo do Major Agarra, que prometera vir morar com ela.

— Já sei vovó! É o Major Agarra-e-Não-Larga-Mais. Ele bem me falou que vinha.

Dona Benta fez cara de espanto.

— Você está sonhando, menina. Não se trata de major nenhum.

— Se não é o sapo, então é o papagaio! — continuou Narizinho, recordando-se de que também o papagaio prometera vir visitá-la.

— Qual sapo, nem papagaio, nem elefante, nem jacaré. Quem vem passar uns tempos conosco é o Pedrinho, filho da minha filha Antonica.

Lúcia deu três pinotes de alegria.

— E quando chega o meu primo? — indagou.

— Deve chegar amanhã de manhã. Apronte-se. Arrume o quarto de hóspedes e endireite essa boneca. Onde se viu uma menina do seu tamanho andar com uma boneca em fraldas de camisa e de um olho só?

— Culpa dela, Dona Benta! Narizinho tirou minha saia para vestir o sapão rajado — disse Emília falando pela primeira vez depois que chegara ao sítio.

Tamanho susto levou Dona Benta, que por um triz não caiu de sua cadeirinha de pernas serradas. De olhos arregaladíssimos, gritou para a cozinha:

— Corra, Nastácia! Venha ver este fenômeno...

A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental.

— Que é, sinhá? — perguntou.

— A boneca de Narizinho está falando!...

A **boa negra** deu uma risada gostosa, com a beicaria inteira.

Boa negra: Essa era uma forma recorrente de Monteiro Lobato se referir à Tia Nastácia. Percebemos que isso reflete a época do autor, que vivia num país que acabara formalmente com a escravidão havia pouco tempo. Hoje vivemos outro contexto e temos de ler expressões como essa lembrando que muita coisa mudou de lá para cá. Esse exercício de “viagem no tempo” é muito importante na leitura!

— Impossível, **sinhá**! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está **mangando** com **mecê**.

Sinhá: Senhora, patroa.

Mangando: Enganando, brincando.

Mecê: Você.

— Mangando o seu nariz! — gritou Emília furiosa. — Falo, sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o Doutor Cara de Coruja me deu uma bolinha de barriga de sapo e eu engoli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?

A negra abriu a maior boca do mundo.

— E fala mesmo, sinhá!... — exclamou no auge do assombro. — Fala que nem uma gente! Credo! O mundo está perdido...

E encostou-se à parede para não cair.

O SÍTIO DO
**Picapau
Amarelo**



As jabuticabas

De volta do Reino das Águas Claras, Narizinho começou todas as noites a sonhar com o Príncipe Escamado, Dona Aranha, o Doutor Caramujo e mais figurões que conhecera por lá. Ficou de jeito que não podia ver o menor inseto sem que se pusesse a imaginar a vida maravilhosa que teria na terrinha dele. E quando não pensava nisso pensava no Pequeno Polegar e nos meios de o fazer fugir de novo da história onde o coitadinho vivia preso.

Era este o assunto predileto das conversas da menina com a boneca. Faziam planos de toda sorte, cada qual mais amalucado. Emília tinha ideias de verdadeira louca.

— Vou lá — dizia ela — e agarro nas orelhas da Dona Carocha e dou um pontapé naquele nariz de papagaio e pego o Polegada pelas botas e venho correndo.

Narizinho ria-se, ria-se...

— Vai lá onde, Emília?

— Lá onde mora a velha.

— E onde mora a velha?

A boneca não sabia, mas não se atrapalhava na resposta. Emília nunca se atrapalhou nas suas respostas. Dizia as maiores asneiras do mundo, mas respondia.

— A velha mora com o Pequeno Polegada.

— Polegar, Emília!

— PO-LE-GA-DA.

Era teimosa como ela só. Nunca disse Doutor Caramujo. Era sempre Doutor Cara de Coruja. E nunca quis dizer Polegar. Era sempre Polegada.

— Muito bem — concordou a menina. — A velha mora com Polegar e Polegar mora com a velha. Mas onde moram os dois?

— Moram juntos.

Narizinho ria-se, dizendo:

— Possa-se com uma diabinha destas!

Dona Benta era outra que achava muita graça nas maluquices da boneca. Todas as noites punha-a ao colo para lhe contar histórias. Porque não havia no mundo quem gostasse mais de história do que a boneca. Vivia pedindo que lhe contassem a história de tudo — do tapete, do cuco, do armário.

Quando soube que Pedrinho, o outro neto de Dona Benta, estava para vir passar uns tempos no sítio, pediu a história de Pedrinho.

— Pedrinho não tem história — respondeu Dona Benta rindo-se. — É um menino de dez anos que nunca saiu da casa de minha filha Antonica e portanto nada fez ainda e nada conhece do mundo. Como há de ter história?

— Essa é boa! — replicou a boneca. — Aquele livro de capa vermelha da sua estante também nunca saiu de casa e no entanto tem mais de dez histórias dentro.

Dona Benta voltou-se para Tia Nastácia.

— Esta Emília diz tanta asneira que é quase impossível conversar com ela. Chega a atrapalhar a gente.

— É porque é de pano, sinhá — explicou a preta —, e de um paninho muito ordinário. Se eu imaginasse que ela ia aprender a falar, eu tinha feito ela de seda, ou pelo menos de um retalho daquele seu vestido de ir à missa.

Dona Benta olhou para Tia Nastácia de um certo modo, como que achando aquela explicação muito parecida com as da Emília...

Nisto apareceu Narizinho, com uma carta para Dona Benta trazida pelo correio.

— Letra da sua filha Tonica, vovó — disse a menina. — Com certeza é marcando a viagem de Pedrinho.

Dona Benta leu. Era isso mesmo. Pedrinho viria dali uma semana.

— Uma semana ainda? — comentou Narizinho, desanimada de tanta demora. — Que pena! Tenho tanta coisa a contar a Pedrinho — coisas do Reino das Águas Claras...

— Não sei que reino é esse. Você nunca me falou nele — disse Dona Benta com cara de surpresa.

— Não falei nem falo porque a senhora não acredita. Uma beleza de reino, vovó! Um palácio de coral que parece um sonho! E o Príncipe Escamado, e o Doutor Caramujo, e Dona Aranha com suas seis filhinhas, e o Major Agarra, e o papagaio que salvei da morte — quanta coisa!... Até baleias vimos lá, uma baleia enorme, dando de mamar a três baleinhas. Vi um milhão de coisas, mas não posso contar nada nem para vovó nem para Tia Nastácia porque não acreditam. Para Pedrinho, sim, posso contar tudo, tudo...

Dona Benta, de fato, nunca dera crédito às histórias maravilhosas de Narizinho. Dizia sempre: “Isso são sonhos de crianças.” Mas depois que a menina fez a boneca falar, Dona Benta ficou tão impressionada que disse para a boa negra:

— Isto é um **prodígio** tamanho que estou quase crendo que as outras coisas fantásticas que Narizinho nos contou não são simples sonhos, como sempre pensei.

— Eu também acho, sinhá. Essa menina é levada da breca. E bem capaz de ter encontrado por aí alguma varinha de condão que alguma fada tenha perdido... Eu também não acreditava no que ela dizia, mas depois do caso da boneca fiquei até transtornada da cabeça. Pois onde é que já se viu uma coisa assim, sinhá, uma boneca de pano, que eu mesma fiz com estas pobres mãos, e de um paninho tão ordinário, falando, sinhá, falando que nem uma gente!... Qual, ou nós estamos caducando ou o mundo está perdido...

E as duas velhas olhavam uma para a outra, sacudindo a cabeça.

Narizinho não gostava de esperar; ficou pois aborrecida de ter de esperar Pedrinho ainda uma semana inteira. Felizmente era tempo de jabuticabas.

No sítio de Dona Benta havia vários pés, mas bastava um para que todos se **regalassem** até enjoar. Justamente naquela semana as jabuticabas tinham chegado “no ponto” e a menina não fazia outra coisa senão chupar jabuticabas. Volta e meia trepava a árvore, que nem uma macaquinha. Escolhia as mais bonitas, punha-as entre os dentes e *tloc!* E depois do *tloc*, uma engolidinha de caldo e — *pluf!* — caroço fora. E *tloc, pluf — tloc, pluf*, lá passava o dia inteiro na árvore.

.....
Regalassem: Deliciassem.

As jabuticabas tinham outros fregueses além da menina. Um deles era um leitão muito guloso, que recebera o nome de Rabicó. Assim que via Narizinho trepar à árvore, Rabicó vinha correndo postar-se embaixo à espera dos caroços. Cada vez que soava lá em cima um *tloc!* seguido de um *pluf!*, ouvia-se cá embaixo um *nhoc!* do leitão abocanhando qualquer coisa. E a música da jabuticabeira era assim: — *tloc! pluf! nhoc! — tloc! pluf! nhoc!...*

Sanhaços também, e abelhas e vespas. Vespas em quantidade, sobretudo no fim, quando as jabuticabas ficavam que nem um mel, como dizia Narizinho. Escolhiam as melhores frutas, furavam-nas com o ferrão, enfiavam meio corpo dentro e deixavam-se ficar muito quietinhas, sugando até caírem de bêbedas.

— E não mordiam?

— Não tinham tempo. O tempo era pouco para aproveitarem aquela gostosura que só durava uns quinze dias.

Não mordiam é um modo de dizer. Nunca tinham mordido, isso sim. Porque justamente naquela tarde uma mordeu. Estava Narizinho no seu galho, distraída em pensar na surpresa que teria o Príncipe Escamado se recebesse uma jabuticaba de presente, quando levou à boca uma das tais furadinhas, com meia vespa dentro. Dessa vez em lugar do *tloc* de costume o que soou foi um berro — *ai! ai! ai!...* — tão bem berrado que lá dentro da casa as duas velhas ouviram.

— Que será aquilo? — exclamou Dona Benta assustada.



— Aposto que é vespa, sinhá! — disse Tia Nastácia. — Ela não sai da “fruteira” e, como nunca foi mordida, abusa. Eu vivo dizendo: “Cuidado com as vespas!”, mas não adianta, Narizinho não faz caso. Agora, está aí...

E foi correndo ao pomar acudir a menina.

Encontrou-a já de volta, berrando com a língua à mostra, porque fora bem na ponta da língua que a vespa ferretoara. A negra trouxe-a para casa, botou-a no colo e disse:

— Sossegue, boba, isso não é nada. Dói mas passa. Ponha a língua para eu arrancar o ferrão. Vespa quando morde deixa o ferrão no lugar da mordedura. Bem para fora. Assim.

Narizinho espichou meio palmo de língua e Tia Nastácia, com muito custo, porque já tinha a vista fraca, pôde afinal descobrir o ferrãozinho e arrancá-lo.

— Pronto! — exclamou mostrando qualquer coisa na ponta de uma pinça. — Está aqui o malvado. Agora é ter paciência e esperar que a dor passe. Se fosse mordida de cachorro bravo seria muito pior...

Narizinho curtiu a dor por alguns minutos, de língua inchada e olhos vermelhos, soluçando de vez em vez. Depois que a dor passou, foi contar à boneca toda a história.

— Bem feito! — disse Emília. — Se fosse eu, antes de comer olhava cada fruta, uma por uma, com o binóculo de Dona Benta.

Apesar do acontecido, Narizinho não pôde reprimir uma gargalhada, que Tia Nastácia ouviu lá da cozinha.

— Narizinho já sarou — disse consigo a preta — e daqui um instantinho está trepada na árvore outra vez.

E tinha razão. Indo dali a pouco ao rio com a trouxa de roupa suja, ao passar pela jabuticabeira parou para ouvir a música de sempre — *tloc! pluf! nhoc!*... Lá estava Narizinho trepada à árvore. Lá estavam as vespas com meio corpo metido dentro das frutas. Lá estava Rabicó esperando a queda dos caroços.

— Está tudo regulando! — murmurou consigo a preta, e pondo o pito na boca seguiu o seu caminho.

O enterro da vespa

De noite, à hora de deitar-se, Narizinho lembrou-se de que havia deixado a boneca debaixo da jabuticabeira.

— Pobre da Emília! Deve estar morrendo de medo das corujas... — e pediu a Tia Nastácia que fosse buscá-la.

A negra foi e trouxe Emília, toda úmida de orvalho, danadíssima com o esquecimento da menina. E só com a promessa de um belo vestido novo é que **desamarrou o burro**. Um vestido de chita cor-de-rosa com pintinhas. E de saía bem comprida.

Desamarrou o burro: Colocou a chateação de lado, não ficou mais irritada.

— Por quê, Emília? — indagou a menina estranhando aquele gosto.
— Porque sujei a perna aqui no joelho e não quero que apareça.
— O mais fácil será lavar o joelho.
— Deus me livre! Tia Nastácia diz que sou de **macela** por dentro e por isso não posso me molhar. Emboloro. Um dia ainda **posso** virar condessa e não quero ser chamada a Condessa do Bolor.

Macela: Erva da flora brasileira usada para encher travesseiro ou bonecas de pano.

— **Testo**, panela, bolor, fedor! Tem razão, Emília. O melhor é fazer um vestido de cauda. Para condessas fica bem. Mas condessas de quê?

Testo: Tampa de panela.

— Quero ser a Condessa de Três Estrelinhas! Acho lindo tudo que é de Três Estrelinhas. — a cidade de ***, a ano de ***, o duque de ***, como está naquele romance que Dona Benta vive lendo.

— Pois muito bem, Emília. Desde este momento fica você nomeada Condessa de Três Estrelinhas e para não haver dúvida vou pintar três estrelinhas na sua testa. Todas as criaturas do mundo vão torcer-se de inveja!...

— Todas menos uma — observou a boneca.

— Quem?

— A vespa que ferrou sua língua.

— Explique-se, Emília. Não estou entendendo nada.

— Quero dizer que a tal vespa está morta e bem enterrada no fundo da terra — explicou a boneca. — Assisti a tudo. Quando ela mordeu sua língua e você fez *pluf!* antes de berrar *ai! ai! ai!*, a jabuticaba cuspidinha, ainda com a vespa dentro, caiu bem perto de mim. Vi então tudo o que se passou depois

que você desceu da árvore, berrando que nem um bezerro, e lá foi de língua de fora.

E a boneca contou direitinho o triste fim da pobre vespa.

— Ela ficou ainda quase uma hora metida dentro da casca, toda arrebetadinha, movendo ora uma perna, ora outra. Afinal parou. Tinha morrido. Vieram as formigas cuidar do enterro. Olharam, olharam, estudaram o melhor meio de tirá-la dali. Chamaram outras e por fim deram começo ao serviço. Cada qual a agarrou por uma perninha e, puxa que puxa, logo a arrancaram de dentro da jabuticaba. E foram-na arrastando por ali afora até a cova, que é o buraquinho onde as formigas moram. Lá pararam à espera do fazedor de discursos.

— Orador, Emília!

— FAZEDOR DE DISCURSOS. Veio ele, de discursinho debaixo do braço, escrito num papel e leu, leu, leu que não acabava mais. As formigas ficaram aborrecidas com o besourinho (era um besourinho do Instituto Histórico) e apitaram. Apareceu então um louva-a-deus policial, de pauzinho na mão. “Que há?”, perguntou. “Há que estamos cansados e com fome e este famoso orador não acaba nunca o seu discurso. Está muito pau”, disseram as formigas. “Para pau, pau!”, resolveu o soldado — e arrolhou o orador com o seu pauzinho.

.....
Pau: Cansativo, chato.

.....
Arrolhou: Tapou com rolha.

As formigas, muito contentes, continuaram o serviço e levaram para o fundo da cova o cadáver da vespa. Em seguida apareceu uma trazendo um letreiro assim, que fincou num montinho de terra:

Aqui neste buraco jaz
uma pobre
vespa assassinada
na flor dos anos
Pela menina do nariz arrebitado.
Orai por ela!



“Feito isso, recolheu-se. Era noite quase fechada. No pomar deserto só ficou o besourinho, sempre engasgado com o pau. Queria à viva força continuar o discurso. Por fim conseguiu destapar-se e imediatamente continuou: “Neste momento solene...” Nisto um sapo, que ia passando, alumiu o olho dizendo: “Espere que eu te curo!...” Deu um pulo e engoliu o fazedor de discursos!

— Não reparou, Emília, se esse sapo era o Major Agarra-e-Não-Larga-Mais? — perguntou a menina.

— Não era, não! — respondeu a boneca. — Era o Coronel Come-Orador-com-Discurso-e-Tudo...

A pescaria

Afinal acabaram as jabuticabas. Somente nos galhos bem lá do alto é que ainda se via uma ou outra, todas furadinhas de vespa.

Rabicó — *rom, rom, rom* — volta e meia aparecia por ali por força do hábito. Ficava imóvel, muito sério, esperando que caíssem cascas; mas, como não caísse coisa nenhuma, desistia e retirava-se, *rom, rom, rom...*

Narizinho também ainda aparecia de vez em quando de comprida vara na mão e nariz para o ar, na esperança de “pescar” alguma coisa.

— Arre, menina! — gritou lá do rio Tia Nastácia, numa dessas vezes. — Não chegou quase um mês inteiro de *tloc, tloc*? Largue disso e venha me ajudar a estender esta roupa, que é o melhor.

Narizinho jogou a vara em cima do leitão, que fez *coim!*, e foi correndo para o rio, com Emília de cabeça para baixo no bolso do avental.

Lá teve uma ideia: deixar a boneca pescando enquanto ela ajudava a preta.

— Tia Nastácia, faça um anzolzinho de alfinete para Emília. A coitada tem tanta vontade de pescar...

— Era só o que faltava! — respondeu a negra, tirando o pito da boca. — Eu, com tanto serviço, a perder tempo com bobagem.

— Faz? — insistiu a menina. — Alfinete, tenho aqui um. Linha, há no alinhavo da minha saia. Vara não falta. Faz?

A negra não teve remédio.

— Como não hei de fazer, demoninho? Faço, sim... Mas se ficar atrasada no serviço, a culpa não é minha.

E fez. Dobrou o alfinete em forma de gancho, amarrou-o na ponta de uma linha e descobriu uma vara — uma varinha de dois palmos, imaginem! Narizinho completou a obra, atando a vara ao braço da boneca.

— E isca? — indagou depois.

— Isca é o de menos, menina. Qualquer gafanhoto serve.

Salta daqui, salta dali, Narizinho conseguiu apanhar um gafanhoto verde. Espetou-o no anzol. Depois arrumou a boneca à beira d'água, muito **tesa**, com uma pedra ao colo para não cair.

.....
Tesa: Esticada.

— Agora, Emília, bico calado! Nem um pio, senão espanta os peixes. Logo que um deles beliscar — *zuct!* — dê um puxão na linha.

E, deixando-a ali, foi ter com a preta.

— Você me frita para o jantar o peixinho da Emília, Nastácia? Frita? — Frito, sim! Frito até no dedo!...

— Não caçoe, Nastácia! Emília é uma danada. Ninguém imagina de quanta coisa ela é capaz.

Palavras não eram ditas e — *tchibum!*... — pescadora de pano revirava dentro d'água, com pedra e tudo.

— Acuda, Nastácia! Emília está se afogando!... — gritou a menina aflita.

De fato. Um peixe engolira a isca e, lutando por safar-se do anzol, arrastara a boneca para o meio do rio.

Tia Nastácia arranhou uma vara de gancho e com muito jeito foi puxando para a beira do córrego a infeliz pescadora, até o ponto onde a menina a pudesse agarrar.

Assim aconteceu — e qual não foi o assombro de Narizinho vendo sair d'água, presa ao anzol de Emília, uma trairinha que **rabeava** como louca! A negra pendurou o beijo.

.....
Rabeava: Agitava com a cauda.

— Credo! Até parece feitiçaria! — resmungou.

Muito contente da aventura, Narizinho disparou para casa com o peixe na mão.

— Vovó — gritou ela ao entrar —, adivinhe quem pescou esta trairinha...

Dona Benta olhou e disse:

— Ora, quem mais! Você, minha filha.

— Errou!

- Tia Nastácia, então.
- Qual Nastácia, nada!...
- Então foi o Saci — caçou Dona Benta.
- Vovó não adivinha! Pois foi a Emília...
- Está **bobeando** sua avó, minha filha?

.....

Bobeando: Enganando, fazendo de boba.

— Juro! Palavra de Deus que foi a Emília. Pergunte à Tia Nastácia, se quiser.

A preta vinha entrando com a trouxa de roupa lavada à cabeça.

— Não foi mesmo, Tia Nastácia? Não foi Emília quem pescou a trairinha?

— Foi, sim, sinhá — respondeu a preta dirigindo-se para Dona Benta. — Foi a boneca. Sinhá não imagina que menina **reinadeira** é essa! Arranjou jeito de botar a boneca pescando na beira do rio e o caso é que o peixe tá aí...

.....

Reinadeira: Aquela que faz travessuras.

Dona Benta abriu a boca.

— Bem diz o ditado, que quanto mais se vive mais se aprende. Estou com mais de sessenta anos e todos os dias aprendo coisas novas com esta minha neta do **chifre-furado**...

.....

Chifre-furado: Ousada, inovadora.

— Criança de hoje, sinhá, já nasce sabendo. No meu tempo, menina assim desse porte andava no braço da ama, de chupeta na boca. Hoje?... Credo! Nem é bom falar...

E com a menina dançando à sua frente, Tia Nastácia lá foi para a cozinha fritar a traíra.

As formigas-ruivas

Só depois de comer o peixe frito é que Narizinho se lembrou da pobre boneca, encharcada pelo banho no rio.

— A coitada!... É bem capaz de apanhar pneumonia...

E foi correndo cuidar dela. Despiu-a e pô-la num lugar de bastante sol. Dum lado estendeu suas roupinhas molhadas e do outro, a pobre Emília nua em pelo. E já ia retirar-se quando a boneca fez cara de choro.

— Eu aqui não fico sozinha!...

— Por quê, sua enjoada? Tem medo de que o leitão venha espiar esses cambitos magros?

— Espiar não é nada, mas ele é capaz de me comer. Tia Nastácia diz que Rabicó devora tudo o que encontra.

— Nesse caso, penduro você na árvore.

— Isso também não! — protestou Emília. — Alguma vespa pode me ferrar.

— Boba! Não sabe que vespa não ferra pano?

— Mas se eu cair com o vento?

— Grande coisa! Boneca de pano quando cai não se machuca. Eu é que não posso ficar neste sol tirano à espera de que a Excelentíssima Senhora Condessa de Três Estrelinhas seque! Quem mandou molhar-se?

— Mal-agradecida! Se não fosse a minha molhadela você não comia a traíra.

— Está pensando que era uma grande coisa a tal traíra? Só espinho...

— É, mas você comeu-a com espinho e tudo — e até lambeu os beiços.

— Lábios, aliás. Beiço é de boi. Comi porque quis, sabe? Não tenho que dar satisfações a ninguém — *ahn!* — e Narizinho pôs-lhe a língua.

Emburraram ambas. Narizinho, porém, ficou, porque lá no íntimo estava com receio de deixar a boneca sozinha.

Fazia um sol quente e parado. Nas árvores, um ou outro tico-tico só; e no chão, só formiguinhas-ruivas. Para matar o tempo a menina pôs-se a observar o corre-corre delas, esquecendo a briga com a boneca.

— Já reparou, Emília, como as formigas conversam? Que pena a gente não entender o que dizem...

— A gente é modo de dizer — replicou Emília —, porque eu entendo muito bem o que dizem.

— Sério, Emília?

— Sério, sim, Narizinho. Entendo muito bem e, se você ficar aqui comigo, contarei todas as historinhas que elas conversam. Repare. Vem vindo aquela de lá e esta de cá. Assim que se encontrarem, vão parar e conversar.

Dito e feito. As formiguinhas encontraram-se, pararam e começaram a trocar sinais de entendimento.

— Fiquei na mesma! — disse a menina.

— Pois eu entendi tudo — declarou a boneca. — A que veio de lá disse: “Encontrou o cadáver do grilinho verde”? A que veio de cá respondeu: “Não!”

A de lá: “Pois volte e procure perto daquela pedra onde mora o besouro manco.” Esta formiga que dá ordens deve ser alguma dona de casa lá do formigueiro. Repare seus modos de mandona; está sempre a entrar e sair do buraquinho, como quem dirige um serviço. A outra com certeza é uma simples carregadeira.

Havia de ser isso mesmo, porque logo depois chegou uma terceira, muito apressada, que cochichou com a mandona e lá se foi mais apressada ainda.

— Que é que disse esta? — perguntou Narizinho.

— Disse que haviam descoberto uma bela minhoca perto da porteira, mas que precisavam de auxílio para conduzi-la.

— Emília, você está me bobeando! — exclamou a menina, desconfiada.

— Vou ver e, se não for verdade, você me paga. Espere aí...



E disparou em direção da porteira. Procura que procura, logo achou em certo ponto uma pobre minhoca corcoveando com várias formiguinhas

ferradas no seu lombo.

Teve vontade de libertar a prisioneira, mas a curiosidade de ver o que aconteceria foi maior — e deixou a triste minhoca entregue ao seu trágico destino.

Novas formiguinhas foram chegando, que de um bote — *zás!*... ferravam a minhoca sem dó. Não demorou muito e já eram mais de vinte. A minhoca bem que **espinoteou**; por fim, exausta, foi moleando o corpo até que morreu bem morrida. Às formiguinhas então principiaram a arrastá-la para o formigueiro.

.....
Espinoteou: Deu pinotes, pulos.

Que custo! A minhoca era das mais gordas, pesando umas sete arrobas — arrobinhas de formiga —, e além disso ia enganchando pelo caminho em quanto pedregulho ou capim havia; mas as carregadeiras sabiam dar volta a todos os embaraços.

Depois de meia hora de trabalhadeira deram com a minhoca na boca do formigueiro. Aí, nova atrapalhão. Por mais que experimentassem, não houve jeito de recolhê-la inteira. Nisto apareceu a formiga mandona. Examinou o caso e deu ordem para que a picassem em vários **roletes**.

.....
Roletes: Pequenos rolos.

Aquilo foi *zás-trás!* Em três tempos fez-se o serviço e os roletes de carne foram levados para dentro.

— Sim, senhora! — exclamou a menina depois de terminada a festa. — É o que se pode chamar um trabalho limpo! O demo queira ser minhoca neste pomar...

— Bem feito! — disse Emília. — Quem mandou ela ser abelhuda? Se estivesse com as outras lá dentro da terra, que é o lugar das minhocas, nada lhe aconteceria. Macaco que muito mexe quer chumbo, como diz Tia Nastácia.

Isso foi de dia. De noite a história das formigas continuou. Narizinho e Emília dormiam juntas na mesma cama. A rede armada entre pés de cadeira fora abandonada desde que a boneca aprendeu a falar. Dormiam juntas para conversar até que o sono viesse.

— Mas, Emília, como é que você entende a linguagem das formigas? — perguntou Narizinho logo que se deitou.

A boneca refletiu um bocado e respondeu:

— Entendo porque sou de pano.

Narizinho deu uma gargalhada.

— Isso não é resposta de uma senhora inteligente. O meu vestido também é de pano e não entende coisa nenhuma.

A boneca pensou outra vez.

— Então é porque sou de macela — disse.

Nova risada de Narizinho.

— Isso também não é resposta. Este travesseiro é de macela e entende as formigas tanto quanto eu.

— Então... então... — engasgou Emília, com o dedinho na testa. — Então não sei.

Era a primeira vez que Emília se embaraçava numa resposta. Primeira e última. Nunca mais houve pergunta que a atrapalhasse.

— Pois se não sabe, durma — disse a menina, virando-se para a parede. Dormiram ambas.

Altas horas, estavam no mais gostoso do sono quando bateram — *toc, toc, toc...*

— Quem é? — perguntou Narizinho sentando-se na cama.

— Sou eu, Rabicó! — grunhiu o leitão entreabrindo a porta com o focinho. — Está aqui uma senhora ruiva que quer entrar.

— Pois que entre! — ordenou a menina.

Rabicó escancarou a porta para dar passagem a uma formiga-ruiva, de saiotte vermelho e avental de renda. Trazia na cabeça uma **salva** de prata, coberta com guardanapo de papel.

.....
Salva: Bandeja.

— Que é que deseja? — indagou a menina cheia de curiosidade.

— Quero entregar à Senhora Condessa este presente mandado pela rainha das formigas.

— Condessa? — repetiu Narizinho franzindo a testa. — Que condessa, minha senhora?

— Condessa de Três Estrelinhas — explicou a formiga.

— Hum! — fez a menina, lembrando-se de que ela mesma havia “condessado” a boneca.

Voltou-se para Emília e deu-lhe uma cotovelada.

— Acorde, pedra! É com Vossa Excelência o negócio.

Emília sentou-se na cama. Espreguiçou-se, tonta de sono. E, julgando que ainda estivessem a conversar sobre a linguagem das formigas, disse, num bocejo:

— Então é... é porque sou...

— Não se trata mais disso, idiota! Está aí, à procura de uma tal condessa, a criada de uma tal rainha. Vamos! Acorde de uma vez!

Só então Emília acordou de verdade. Viu a formiga com a salva e espichou os braços para receber o presente. Eram croquetes, lindos croquetes tostadinhos.

A boneca sorriu de gosto e orgulho. A rainha só se lembrara dela!

— Diga a Sua Majestade que a Condessa de Três Estrelinhas muito agradece o presente. Diga que os croquetes estão lindos e que ela é uma grande cozinheira.

Narizinho disparou a rir gostosamente.

— Que ideia, Condessa! Uma rainha lá pode ser cozinheira?

Caindo em si, Emília viu que tinha cometido uma coisa muito grave entre as pessoas de alta sociedade, chamada “**gafe**”.

.....
Gafe: Comentário ofensivo, indiscreto.

E procurou corrigir-se.

— Isto é... diga que a cozinheira dela é muito boa, entendeu? E diga também que os croquetes estão muito gostosos, isto é... devem estar muito gostosos. Pode ir.

A criada fez um cumprimento de cabeça antes de retirar-se, mas foi detida por um gesto da menina.

— Não vá ainda — disse ela. E voltando-se para Emília: — Presente, Senhora Condessa, paga-se com presente. Mande à tal rainha uma perna daquele pernilongo que queimei com a vela antes de deitar.

— É verdade! — exclamou a boneca. — Não me custa nada e ela vai ficar contentíssima.

E pôs-se de gatinhas a procurar o pernilongo assado. Achou-o, tirou-lhe uma perninha, enfeitou-a com um laço de fita e, depois de embrulhá-la em papel de seda, colocou-a na salva, com um cartão que dizia assim:

À sua majestade a Rainha da Cintura Fina
oferece a humilde criada
Condessa de ***



— Leve este presunto à rainha, sim? E você, para distrair-se pelo caminho, vá comendo este mocotó de pernilongo — concluiu Emília, dando à criada um cambito de inseto.

A mensageira agradeceu, retirando-se muito satisfeita da vida, com a salva na cabeça e o mocotó no ferrão.

Emília fechou a porta e veio examinar os croquetes. Cheirou-os.

— Hum! Estão de fazer vir água à boca. Quer provar um, Narizinho?

A menina torceu o nariz desdenhosamente.

— Deus me livre! Juro que é croquete de minhoca.

Percebendo que ela falava assim por despeito, a boneca disse, para moê-la:

— Quem desdenha quer comprar...

— Só? Engraçadinha!... — replicou a menina com um grande ar de pouco-caso. E vendo a boneca morder um dos croquetes, com os maiores exageros do mundo, como se aquilo fosse um manjar do céu, fez **muxoxo** de nojo.

.....
Muxoxo: Estalo da língua para demonstrar pouco caso.

— Está boa mesmo para casar com Rabicó! Comer croquete de minhoca!

— Que seja de minhoca, que tem isso? — retrucou Emília. — Tanto faz carne de minhoca como de porco, vaca ou frango — tudo é carne. E muito me admira que uma senhora que comeu ontem no jantar tripa de porco mostre essa cara de nojo por causa de um simples croquete de minhoca.

— Alto lá, Senhora Condessa Minhoqueira! Porco é porco e minhoca é minhoca.

— É “por isso mesmo” que eu como minhoca e não como porco! — replicou a boneca, vitoriosa. — Não sou porcalhona.

A discussão foi por aí além. Enquanto isso o Senhor Rabicó farejou os croquetes, chegou-se de mansinho e, vendo-as distraídas com a disputa, comeu-os todos de uma engolida só. Terminada a discussão, quando a boneca, para **fazer figa** à menina, espichou o braço a fim de pegar um segundo croquete...

.....
Fazer figa: Zombar.

— Que é dos croquetes? — gritou ela.

Nem sinal! Emília esperneou de ódio, ao passo que Narizinho batia palmas de contentamento.

— Bem feito! Estava muito **ganjenta**, não é? Pois tome!

.....
Ganjenta: Vaidosa, convencida.

— Quero os meus croquetes! Quero os meus croquetes! — berrava Emília, batendo o pé num grande desespero.

— Se quer os seus croquetes, peça contas a quem os tirou.

— Quem foi?

— Quem mais se não Rabicó? Vai ver que está aqui pelo quarto, escondido debaixo da cama.

Emília deu busca e logo descobriu o ladrão num canto, ressonando de papo cheio.

— Espere que te curo! — gritou ela, passando a mão na vassoura. E pá! pá! pá!... desceu a lenha no lombo do **gatuno**, enquanto Narizinho se rebolava na cama de tanto rir, pensando consigo: “Se antes de casar é assim, imagine-se depois!”

.....
Gatuno: Ladrão.

Isso porque ela andava alimentando o projeto de casar Emília com Rabicó.

Pedrinho

Chegou afinal o grande dia. Na véspera viera para Dona Benta uma carta de Pedrinho que começava assim:

Sigo para aí no dia 6. Mande à estação o cavalo pangaré e não se esqueça do chicotinho de cabo de prata que deixei pendurado atrás da porta do quarto de hóspedes. Narizinho sabe. Quero que Narizinho me espere na porteira do pasto, com a Emília no seu vestido novo e Rabicó de laço de fita na cauda. E Tia Nastácia que apronte um daqueles cafés com bolinhos de frigideira que só ela sabe fazer.

Em vista disso Narizinho levantou-se muito cedo para preparar a recepção de acordo com as instruções da carta. Enfiou em Emília o vestido

novo de chita cor-de-rosa com pintinhas e enfeitou Rabicó de duas fitas — uma ao pescoço e outra na ponta da cauda.

Pac, pac, pac... Pedrinho apareceu na porteira, trotando no pangaré, corado do sol e alegre como um passarinho.

— Viva! — gritou a menina, correndo a lhe segurar a rédea. — **Apeie** depressa, senhor doutor, que temos mil coisas a conversar!

.....
Apeie: Desça da montaria.

Pedrinho apeou-se, abraçou-a e não resistiu à tentação de ali mesmo abrir o pacote dos presentes para tirar o dela.

— Adivinhe o que trouxe para você! — disse, escondendo atrás das costas um embrulho volumoso.

— Já sei — respondeu a menina incontinente. — Uma boneca que chora e abre e fecha os olhos.

Pedrinho ficou desapontado, porque era justamente o que havia trazido.

— Como adivinhou, Narizinho?

A menina deu uma risada gostosa.

— Grande coisa! Adivinhei porque conheço você. Fique sabendo, seu bobo, que as meninas são muito mais espertas que os meninos...

— Mas não têm mais muque! — replicou ele com orgulho, fazendo-a apalpar a dureza do seu bíceps que a ginástica escolar havia desenvolvido. E concluiu: — Com este muque e a sua esperteza, Narizinho, quero ver quem pode com a nossa vida!

Os presentes dos demais foram também distribuídos ali mesmo. Rabicó teve uma fita nova, de seda — e os restos do farnel que Pedrinho trouxera (e foi isso o que ele mais apreciou). Emília recebeu um serviço de cozinha completo — fogãozinho de lata, panelas e até um rolo de folhear massa de pastel.

— E para vovó, que é que trouxe? — perguntou Narizinho.

— Adivinhe, já que é tão adivinhadeira — disse ele.

— Eu só adivinho quando é você mesmo quem escolhe os presentes. Mas o presente de vovó aposto que não foi você quem escolheu — foi tia Antonica...

Pela segunda vez Pedrinho abriu a boca. Aquela prima, apesar de viver na roça, estava se tornando mais esperta do que todas as meninas da cidade.

— Tem razão. É isso mesmo. O presente de vovó quem o escolheu e comprou foi mamãe. Você precisa me ensinar o segredo de adivinhar as coisas, Narizinho...

Nesse momento Dona Benta apareceu na varanda e Pedrinho correu a abraçá-la.

Dali a pouco estavam todos reunidos na sala de jantar, ouvindo notícias e histórias da cidade. Tia Nastácia trouxe da cozinha a gamela de massa, para não perder uma só palavra ao mesmo tempo que ia enrolando os bolinhos. Súbito, uma brisa soprou mais forte e um ringido se fez ouvir — *nhem, nhim...*

Pedrinho interrompeu a conversa, de ouvido atento.

— O mastro de São João!... — murmurou **enlevado**. — Quantas vezes no colégio me iludi com os ringidos das portas, **imaginando** que era a bandeira do nosso mastro!... Como vai ele?

.....
Enlevado: Encantado.

— Já desbotado pelas chuvas e com um rasgão na bandeira bem em cima da cabeça do carneirinho — respondeu a menina.

O Dia de São João era o grande dia de festa no Sítio do Picapau Amarelo. Reuniam-se lá todas as crianças dos arredores para soltar bombinhas e pistolões e dançar em torno à fogueira. Pedrinho jamais faltou a essa festa anual, como jamais deixou de queimar o dedo. Um ano em que não queimou o dedo ficou muito admirado.

Nos últimos tempos era Pedrinho quem pintava o mastro, caprichando em formar **arabescos** de todas as cores, cada ano de um estilo diferente. Também era ele quem fornecia a bandeira com o retrato de São João menino, de cruz ao ombro e cordeiro no braço. Trazia-a da cidade, depois de percorrer todas as casas de negócio a fim de comprar a mais bonita.

.....
Arabescos: Desenhos de origem árabe com linhas em forma de flores e plantas.

— Está bem — disse Dona Benta logo que soube das principais novidades. — Pode ir brincar com Narizinho, que tem um mundo de coisas a contar.

Os dois primos dirigiram-se ao pomar aos pinotes. Era lá, debaixo das velhas árvores, que trocavam confidências e planejavam as grandes aventuras pelo mundo das maravilhas.

O assunto do dia foi o extraordinário caso da boneca.

— Parece incrível! — dizia Pedrinho. — Quando recebi sua carta contando que Emília falava, não quis acreditar. Mas hoje vejo que fala e fala muito bem. É espantoso!

— No começo — explicou Narizinho —, Emília falava muito atrapalhado e sem propósito. Agora já está melhor, mas, mesmo assim, quando dá para

falar asneiras ou teimar, ninguém pode com a vidinha dela. Sabe que já é condessa?

— Sim? Condessa de quê?

— De Três Estrelinhas, nome que ela mesma escolheu. Mas estou com vontade de mudar. Condessa é pouco. Emília merece ser marquesa.

— Marquesa de Santos?

— Não. Marquesa de Rabicó.

— É verdade!... Podemos fazer de Rabicó um marquês e casar Emília com ele!

— Isso mesmo. Tenho pensado muito nesse arranjo e até já o propus à Emília.

— E ela aceitou?

— Emília é muito vaidosa e cheia de si. Mas eu sei lidar com ela. Quando chegar a ocasião darei um jeito.

Terminado o assunto Emília, começou o assunto Reino das Águas Claras. Narizinho contou a série inteira daquelas maravilhosas aventuras, despertando em Pedrinho um desejo louco de também conhecer o príncipe-rei. De nada se admirou, conforme o seu costume. Tanto ele como Narizinho achavam tudo tão natural! Só estranhou que o Pequeno Polegar tivesse fugido da sua historinha.

— Isso, sim, não deixa de me intrigar — disse ele. — Se Polegar fugiu é que a história está embolorada. Se a história está embolorada, temos de botá-la fora e compor outra. Há muito tempo que ando com esta ideia — fazer todos os personagens fugirem das velhas histórias para virem aqui combinar conosco outras aventuras. Que lindo, não?

— Nem fale, Pedrinho! — exclamou a menina pensativa. — O que eu não daria para brincar neste sítio com a menina da Capinha Vermelha ou Branca de Neve...

— Eu só queria **pilhar** cá o Aladim da lâmpada maravilhosa, para tirar a prosa dele! — ajuntou Pedrinho, que voltara da cidade com fumaças de valentia.

.....
Pilhar: Encontrar.

— E eu só queria Capinha. Tenho tanta simpatia por essa menina... Aqueles bolos que ela costumava levar para a vovó que o lobo comeu — que vontade de comer um daqueles bolos...

Uma voz conhecida veio interrompê-los:

— Narizinho! Pedrinho! O café está na mesa.

— Duvido que fossem melhores que os de Tia Nastácia! — disse o menino erguendo-se.

E dispararam para casa.

A viagem

Deitaram-se bem tarde naquela noite. Tanta coisa tinha o menino a contar, coisas da casa da Dona Antonica e da escola, que somente às onze foram para a cama. Que sono **regalado**! Isto é, regalado até uma certa hora. Daí por diante houve coisa **grossa**.

.....
Regalado: Prazeroso.

Narizinho estava justamente no meio de um lindo sonho quando despertou de sobressalto, com umas pancadinhas de chicote na vidraça — *pen, pen, pen...* — E logo em seguida ouviu a voz do Marquês de Rabicó, que dizia:

— O sol não tarda, Narizinho. Pule da cama que são horas de partir.

Chegando à janela, viu o marquês montado num cavalo de pau à sua espera.

— E a condessa? Já está pronta? — perguntou a menina.

— A Senhora Condessa já está lá embaixo, **corcoveando** no cavalo Pampa.

.....
Corcoveando: Dando pulos, pinotes.

— Pois então que me selem o pangaré. Em três tempos me visto.

Enquanto por ordem do marquês selavam o cavalo pangaré, a menina punha o seu vestido vermelho de bolso. Precisava de bolso para levar os bolinhos de Tia Nastácia sobrados da véspera e também para trazer coisas do Reino das Abelhas.

Porque era para o Reino das Abelhas que eles iam, a convite da rainha. Reino das Abelhas ou das Vespas? Não havia certeza ainda. Na véspera chegara um marimbondado mensageiro com um convite assim:

Sua Majestade a rainha das...
dá a honra de convidar vocês todos para
uma visita ao seu reino.



Como o papelzinho estivesse rasgado num ponto, havia dúvida se o convite era da rainha das vespas ou da rainha das abelhas.

Narizinho respondeu ao convite por meio de um borboletograma. Não sabem o que é? Invenção da Emília. Como não houvesse **telégrafo** para lá, a boneca teve a ideia de mandar a resposta escrita em "asas de borboleta". Agarrou uma borboleta azul que ia passando e rabiscou-lhe na asa, com um espinho, o seguinte:

.....
Telégrafo: Aparelho antigo usado para mandar mensagens a distância por
códigos.

Narizinho, a condessa e o marquês agradecem a honra do convite e prometem não faltar.

— Por que não incluiu o nome de Pedrinho, Emília? — perguntou a menina.

— Porque ele não é nobre — nem barão ainda é!...

Pronto que foi o borboletograma, surgiu uma dificuldade. A quem endereçá-lo? À rainha das vespas ou à das abelhas?

— Já resolvo o caso — disse Emília, e soltou a borboleta com estas palavras: — Vá direitinha, hein? Nada de distrair-se com flores pelo caminho.

— Ir para onde? — perguntou a borboleta.

— Para a casa de seu sogro, ouviu? Malcriada! Atrever-se a fazer perguntas a uma condessa!

— Mas... — ia dizendo humildemente a borboleta. Emília, porém, interrompeu-a com um berro.

— Ponha-se daqui para fora! Não admito observações. Conheça o seu lugar, ouviu?

A borboleta lá se foi, amedrontada e desapontadíssima.

— Você parece louca, Emília! — observou Narizinho. — Como há de ela saber o endereço se você não deu endereço algum?

— Sabe, sim! — retorquiui a boneca. — São umas sabidíssimas as senhoras borboletas. Se sabem fabricar pó azul para as asas, que é coisa difícilima, como não hão de saber o endereço de um borboletograma?

Narizinho fez cara de quem diz: “Ninguém pode entender como funciona a cabeça de Emília! Ora raciocina muito bem, tal qual gente. Outras vezes é assim — tão torta que deixa uma pessoa atrapalhada...”

O cavalo pangaré veio, a menina montou e lá partiram todos pela estrada afora — *pac, pac, pac...* — Em certo ponto Narizinho disse à boneca:

— Vamos apostar corrida?

Emília aceitou, muito assanhada.

— Pois toque, então!

Emília — *lept, lept!* — chicoteou o cavalinho pampa, disparando numa galopada louca. Narizinho, porém, não se moveu do lugar. O que queria era ficar só com o Marquês de Rabicó para uma conversa reservada — o casamento dele com a condessa.

— Mas afinal de contas, marquês, quer ou não quer casar-se com a condessa?

— Já declarei que sim, isto é, que casarei, se o dote for bom. Se me derem, por exemplo, dois cargueiros de milho, casarei com quem quiserem — com a cadeira, com o pote d’água, com a vassoura. Nunca fui exigente em matéria matrimonial.

— Guloso! Pois olhe que vai fazer um casamento! Emília é feia, não nego, mas muito boa dona de casa. Sabe fazer tudo, até fios de ovos, que é o doce mais difícil. Pena ser tão fraquinha...

— Fraca? — exclamou o marquês admirado. — Não me parece. Tão gorda que está...

— Engano seu. Emília, desde que caiu n’água e quase se afogou, parece ter ficado desarranjada do fígado. E aquela gordura não é banha, não, é macela! Emília o que está é estufada. Ainda na semana passada Tia Nastácia a recheou de mais macela.

O marquês pensou lá consigo: “Que pena não a ter recheado de fubá!” Mas não teve coragem de o dizer em voz alta, limitando-se a exclamar:

— Pois pensei que fosse toucinho e do bom!...

— Que esperança! Toucinho do bom está aqui — disse a menina apalpando-lhe o lombo. — Dos tais que dão um torresminho delicioso! — E lambeu os beiços, já com água na boca. — Felizmente o dia de Ano-Bom está próximo...



Dia de Ano-Bom era dia de leitão assado no sítio, mas Rabicó não sabia disso.

— Dia de Ano-Bom? — repetiu ele sem nada compreender. — Que tem isso com o meu toucinho?

— Nada! É cá uma coisa que sei e não é da sua conta — respondeu a menina piscando o olho.

E assim, nessa prosa, alcançaram a condessa, que estava lá adiante, furiosa com o **logro**.

.....
Logro: Brincadeira, peça.

— Não achei graça nenhuma! — foi dizendo Emília logo que a menina chegou. — Nem parece coisa de uma princesa (Emília só a tratava de princesa nas brigas).

— Pois eu, Emília, estou achando uma graça extraordinária na sua zanguinha! Sua cara está que é ver aquele bule velho de chá, com esse bico...

Mais zangada ainda, Emília mostrou-lhe a língua e, dando uma chicotada no cavaleiro, tocou para a frente, resmungando alto:

— Princesa!... Princesa que ainda toma palmadas de Dona Benta e leva pitos da negra beicuda! E tira ouro do nariz... Antipatia!...

Calúnias puras. Narizinho nem tomava palmadas, nem levava pitos, nem tirava ouro do nariz. Emília, sim...



O assalto

Nisto o mato farfalhou à beira da estrada. Os cavaleiros se assustaram e empinaram.

— A quadrilha Chupa-ovo! — gritou Emília aterrorizada, erguendo os braços como no cinema. Narizinho também empalideceu e procurou instintivamente agarrar-se ao Marquês de Rabicó. Mas o marquês já havia pulado no chão e sumido...

— A bolsa ou a vida! — intimou o chefe da quadrilha apontando o **trabuco**.
.....

.....
Trabuco: Espingarda.

Narizinho a tremer, olhou para ele e franziu a testa. “Eu conheço esta cara!”, pensou consigo. “É **Tom Mix**, o grande herói do cinema!... Mas quem havia de dizer que esse famoso caubói tão simpático havia de acabar assim, feito chefe de uma quadrilha de lagartos?...”

.....
Tom Mix: Tom Mix foi um famoso ator de cinema mudo americano que fazia filmes de caubói.

— A bolsa ou a vida! — repetiu Tom Mix carrancudo.

— Bolsa não temos, Senhor Tom Mix — disse a menina —, mas tenho aqui uns bolinhos muito gostosos. Aceita um?

O bandido tomou um bolo e provou.

— Não gosto de bolo amanhecido! — respondeu cuspiendo de lado. — Quero ouro de verdade!

Assim que ele falou em ouro, Narizinho teve uma ideia de gênio.

— Perfeitamente, Senhor Tom Mix. Vou dar-lhe um montinho de ouro puro, do bem amarelo. Mas há de prometer-me uma porção de coisas...

— Prometo tudo quanto quiser — retrucou o bandido, já mais amável com a ideia do montinho de ouro.

— Então passe para cá o seu **alforje** e mais uma tesourinha.
.....

.....
Alforje: Tipo de bolsa.

Sem nada compreender daquilo, Tom Mix foi dando o que ela pedia. Narizinho, então, chamou Emília de parte e cochichou-lhe ao ouvido qualquer coisa. A boneca não gostou, pois bateu o pé, exclamando:

— Nunca! Antes morrer!...

Tanto Narizinho insistiu, porém, que Emília acabou cedendo, entre soluços e suspiros de desespero. Depois, erguendo a saia até os joelhos, espichou uma das pernas sobre o colo da menina. Esta, muito séria, como quem faz operação da mais alta importância, desfez-lhe a costura da barriga da perna e despejou toda a macela do recheio no alforje de Tom Mix. Em seguida ergueu-se e disse-lhe:

— Aqui tem o seu alforje cheio de ouro-macela!

— Muito bem — respondeu o bandido com os olhos a faiscarem de cobiça. — A menina está agora livre e tem em mim de hoje em diante o mais dedicado servidor. Nos momentos de perigo basta gritar “Mix, Mix, Mix!” que aparecerei incontinentemente para salvá-la.

Cumprimentou-a com o chapelão de abas largas e retirou-se, seguido dos seus lagartos.

Ao vê-los sumirem-se ao longe, Narizinho criou alma nova.

— Ufa! — exclamou. — Escapamos de boa! Continuemos a nossa viagem, Emília — e tratou de montar novamente. Um, dois, três — upa! Montou. Emília também — um, dois, três... e nada! Não conseguiu montar.

— Ai! — gemeu sacudindo a perninha saqueada. — Não posso andar nem montar com esta perna vazia!...

Apesar do triste da situação, Narizinho espremeu uma risadinha.

— Malvada! — exclamou Emília chorosa. — Salvei-a da morte à custa da minha pobre perna e em paga você ri-se de mim...

— Perdoe, Emília! Reconheço que me salvou, mas se soubesse como está cômica com essa perna vazia... O melhor é vir comigo na garupa do pangaré, bem agarradinha. Dê cá a mão. Upa!

Com alguma dificuldade conseguiu acomodá-la na garupa do cavaleiro, recomendando-lhe que se segurasse muito bem, pois tinha de ir a galope.

— Sossegue, Narizinho, que daqui nem **torquês** me arranca! — respondeu Emília.

.....
Torquês: Tipo de ferramenta parecida com o alicate.

A menina estalou o chicote e o pangaré partiu na galopada erguendo nuvens de pó — *pá-lá-lá, pá-lá-lá!* — De repente:

— Que fim levou o marquês? — interrogou Emília olhando para trás.

Narizinho deteve o cavalo.

— É verdade!... Aquele **poltrão** comportou-se de tal maneira que a coisa não pode ficar assim. Hei de **vingar**-me — e é já, quer ver?

.....
Poltrão: Covarde.

Voltando-se para o mato, gritou:

— Mix, Mix, Mix!

Imediatamente Tom Mix surgiu diante dela.

— Amigo Tom Mix — disse Narizinho —, fui covardemente traída pelo Senhor Marquês de Rabicó, um poltrão que ao ver-nos em perigo só cuidou de si, fugindo com quantas pernas tinha. Quero ser vingada sem demora, está entendendo?

— Sereis vingada, ó gentil princesa! — disse Tom Mix estendendo a mão como quem faz um juramento. — Mas de que forma quereis ser vingada, ó gentil princesa?

Narizinho respondeu depois de pensar alguns instantes:

— Minha vingança tem de ser esta: quero amanhã ao almoço comer virado de feijão com torresmo, mas torresmo de marquês, está ouvindo?

— Vossa vontade será satisfeita, ó gentil princesa! — disse o bandido, curvando-se com a mão no peito e desaparecendo.

— Coitado do Rabicó! — exclamou Emília **compungida**.
.....

.....
Compungida: Sensibilizada.

— Coitado nada! Rabicó precisa levar uma boa **esfrega**. Dou-lhe uma lição que vai servir para toda a vida. Nunca mais cairá noutra...
.....

.....
Esfrega: Surra.

Tom Mix

Assim que deixou a menina, Tom Mix voltou ao lugar do assalto, a fim de orientar-se na pista de Rabicó. Descobriu logo os rastros dele na terra úmida e os foi seguindo até a floresta. Lá se guiou pelas ervinhas amassadas e outros sinais que na fuga ele fora deixando. E andou, andou, andou até que de repente ouviu um ruído suspeito.

“É ele!”, pensou Tom Mix agachando-se e, pé ante pé, sem fazer o menor barulhinho, aproximou-se do lugar de onde partia o ruído suspeito. Espiou.

Lá estava o marquês — *rom, rom, rom* — de cabeça enfiada dentro de uma abóbora muito grande, tão entretido em devorá-la que não deu pela presença do terrível vingador.

Tom Mix foi chegando, foi chegando e, de repente... — *Nhoc!* — agarrou o marquês por uma perna.

— *Coim! coim! coim!* — grunhiu o ilustre fidalgo.

— Peço perdão a Vossa Excelência — disse Tom Mix com ironia —, mas estou cumprindo ordens da Senhora Princesa do Narizinho Arrebitado.

— Que é que Narizinho quer de mim? — gemeu Rabicó desconfiado.

— Pouca coisa — respondeu o vingador. — Apenas uns torresminhos para enfeitar um tutu de feijão amanhã...

— *Coim! coim! coim!* — gemeu o marquês compreendendo tudo.

E foi com **bagas** de suor frio no focinho que implorou:

.....
Bagas: Gotas.

— Tenha dó de mim, senhor bandido! Tenha piedade de mim, que lhe darei esta abóbora e ainda outra maior que escondi lá adiante...

Tom Mix parece que não gostava de abóbora. Limitou-se a puxar pela faca e a passá-la sobre o couro da bota, como que a afiando. Percebendo que estava irremediavelmente perdido, Rabicó teve uma ideia.

— Senhor bandido, poderá prestar-me um obséquio?

— Diga o que é — respondeu Tom Mix calmamente, sempre a afiar a faca.

— Quero que me conceda cinco minutos de vida. Preciso fazer o testamento e confiar minhas últimas palavras a essa libelinha que vai passando.

Tom Mix concedeu-lhe os cinco minutos. Rabicó chamou a libelinha.

— Amiga, darei a você um lindo lago azul onde possa voar a vida inteira, se me fizer um pequeno favor.

— Diga o que é — respondeu a libelinha, vindo pousar diante dele.

— É levar uma carta à Princesa Narizinho, que deve estar no Reino das Abelhas.

— Com muito prazer.

Rabicó fez a carta depressa e entregou-lha. A libelinha tomou-a no ferrão e — *zzzit!* — lá se foi, veloz como o pensamento. Mal a viu partir, deu Rabicó um suspiro de alívio, murmurando em voz alta:



— Coragem, Rabicó, teu dia não chegará tão cedo!

— Que é que está grunhindo aí, Senhor Marquês? — perguntou o carrasco.

Rabicó disfarçou.

— Estou pensando na sua valentia, Senhor Tom Mix. Está assim prosa porque deu comigo, que sou um pobre coitadinho. Queria ver a sua cara se **Lampião** aparecesse por aqui com os seus cinquenta cangaceiros!

.....
Lampião: Famoso cangaceiro nordestino.

— Lá tenho medo de lampiões ou lamparinas? O marquês não me conhece. Diga-me: costuma ir ao cinema?

— Nunca. Mas sei o que é.

— Se não conhece o cinema, não pode fazer ideia do meu formidável heroísmo! Não há uma só **fita** em que eu seja derrotado, seja lá por quem for. Venço sempre! Sou um danado!...

.....
Fita: Filme.

Rabicó olhou-o com o rabo dos olhos, pensando lá consigo: “Grandíssimo **fiteiro** é o que você é.” Pensou só, nada disse. Aquela faca embargava-lhe a voz...

.....
Fiteiro: Fingido.

As muletas do besouro

Enquanto Rabicó suava o suor da morte nas unhas de Tom Mix, Narizinho e Emília chegavam ao Palácio das Colmeias, de onde vários zangãos saíram a recebê-las com gentis **rapapés**. — Salve, Princesinha do Narizinho Arrebitado! — exclamaram eles, curvando-se.

.....
Rapapés: Reverências.

— Obrigada! — respondeu a menina, dando-lhes a mão a beijar. — Recebi um convite da rainha, mas estou na dúvida se foi da rainha das abelhas ou da rainha das vespas. Portei aqui para saber...

— O convite foi da rainha das abelhas — declarou um dos zangãos. — Fui eu mesmo quem o redigiu. A rainha das vespas anda furiosa com a menina por ter matado uma das suas súditas.

— Vê, Emília, de que escapamos? — cochichou Narizinho. — Se tivéssemos errado o caminho e ido parar na terra das vespas, com certeza nos matavam a ferretoadas... — E voltando-se para os zangãos: — Permitam-me, senhores, que vos apresente a Senhora Condessa de Três Estrelinhas. Esta ilustre dama foi vítima de um desastre no caminho e não consegue andar sem encosto. Poderá algum dos senhores arranjar-lhe um par de muletas?

— Podemos, sim, mas antes deverá consultar o grande médico que por acaso se acha aqui, vindo do Reino das Águas Claras.

— O Doutor Caramujo está aqui? — exclamou a menina muito alegre. — Conheço-o muito! Chamem-no depressa.

Os zangãos partiram rápidos, regressando instantes depois em companhia do Doutor Caramujo, o qual, reconhecendo a menina e a boneca, saudou-as respeitosamente.

Depois arrumou os óculos para examinar a perna de Emília.

— É grave! — exclamou. — A Senhora Condessa está sofrendo de uma anemia macelar no pernil barrigoide esquerdo. Caso muito sério.



— E que receita, doutor? Pílula de sapo outra vez? — indagou a menina.
— Esta doença — explicou o grande médico — só pode sarar com um regime de superalimentação local.
— Alimentação macelar, eu sei — disse a menina rindo-se da ciência do doutor. — Tia Nastácia sabe aplicar esse remédio muito bem. Em dois

minutos, com um bocado de macela e uma agulha com linha ela cura Emília para o resto da vida.

— Tia Nastácia! — exclamou o médico, escandalizado. — Com certeza é alguma curandeira vulgar! Macela! Alguma **mezinha** vulgar também! Oh, santa ignorância! Admira-me ver uma princesa tão ilustre desprezar assim a ciência de um verdadeiro discípulo de **Hipócrates** e entregar a condessa aos cuidados de uma reles curandeira!...

.....
Mezinha: Remédio caseiro.

.....
Hipócrates: Médico grego, considerado pai da medicina ocidental.

— Reles curandeira? — exclamou a menina indignada. — Chama então Nastácia de reles curandeira? Se tem algum amor à casca, retire-se, Senhor Cascudo, antes que eu faça o que fiz para a tal Dona Carochinha. Reles curandeira! Já viu, Emília, um desaforo maior?

O Doutor Caramujo meteu o rabo entre as pernas e sumiu-se.

Narizinho estava ainda a comentar o desaforo quando os zangãos que tinham saído em procura das muletas apareceram.

— Aqui no palácio não há muletas, Senhora Princesa, mas aí fora costuma andar um besouro manco que possui duas. Quer ir até lá conosco?

Narizinho foi. Três esquinas adiante encontraram o besouro mendigo, de chapéu na mão à espera de esmolas. A menina já lhe ia oferecendo um pedacinho de bolo quando o mendigo perguntou:

— Não me reconhece mais?

A menina encarou-o com olhos atentos.

— Sim!... Estou reconhecendo!... Não foi você que lá na beira do ribeirão esteve passeando pela minha cara e me arrancou um feixinho de fios da sobancelha?

— Isso mesmo! — confirmou o besouro. — Por sinal que por causa daquele espirro levei um tombo de mau jeito e fiquei aleijado para o resto da vida.

Pesarosa da sua desgraça, Narizinho pô-lo no bolso, dizendo:

— Fique quietinho aí e divirta-se com esses bolos. Vou levá-lo para o sítio de vovó, onde poderá viver uma vida sossegada sem ser preciso tirar esmolas.

Depois, tomando suas muletinhas, deu-as à boneca.

— Arrume-se nisso depressa, Senhora Condessa da Perna Vazia, que a hora da audiência está próxima.

E, precedidas pelos zangãos, as duas de novo entraram no palácio.

Saudades

Já estava cheio o palácio, não só de personagens do Reino das Abelhas como de muitos outros reinos, inclusive o das Águas Claras. Narizinho correu os olhos em procura dalgum conhecido. Viu logo o Major Agarra.

— Viva, major! — exclamou, dirigindo-se a ele alegremente. — Como vão todos por lá?

Antes de dar notícias, o sapo demonstrou mais uma vez a sua gratidão pelo que a menina lhe havia feito, desculpando-se também de não ter aparecido no sítio de Dona Benta, como prometera. Depois contou que o príncipe andava cada vez mais **taciturno**.

.....
Taciturno: Triste, calado.

— Não se casou ainda?

— Nem casa. Tem recusado a mão das mais belas princesas do reino. Todos dizem que ele sofre de paixão recolhida. Ama alguém que não faz caso dele, é isso.

O coração da menina palpitou mais apressado.

— Não dizem por lá quem é essa que ele ama?

— Dona Aranha Costureira sabe quem é, mas guarda muito bem guardado o segredo. É uma senhora muito discreta.

— E o bobinho da corte, aquele tal gigante Fura-Bolos?

— Nunca mais foi visto. Com certeza teve o mesmo fim do Carlito Pirulito...

Narizinho refletiu uns instantes. Depois:

— Olhe, não se esqueça, quando voltar, de dizer ao príncipe que me viu aqui e que vou bem, obrigada. Diga-lhe também que qualquer dia receberá um convite para vir com toda a sua corte passar umas horas comigo no sítio de vovó, sim?

O major prometeu não se esquecer do recado. E ia dizer mais alguma coisa, quando a entrada de uma libelinha mensageira o interrompeu.

— Salve, princesa! — exclamou ela.

— Viva! — correspondeu a menina franzindo os **sobrolhos**. — Traz alguma mensagem para mim?

.....
Sobrolhos: As sobrancelhas.

— Trago uma carta de um ilustre marquês. Ei-la.
Narizinho tomou a carta e leu:

Pesso-vos-lhe perdão da minha kovardia. Tømmíques stá aqui amolando a phaca pra me matttar. Tenha ddó deste infeliz, que se assina, com perdão da palavra, criado amigo brigado
RABICO.

— O estilo, a letra, a ortografia e a gramática, é tudo dele! Este bilhete corresponde a um perfeito retrato de Rabicó — ou Rabico, sem acento, como ele assina. Grandíssimo patife!

E voltando-se para a libelinha:

— Onde está ele?

— No **Capoeirão** dos Tucanos Vermelhos, lá na terra dos lagartões. Prometeu-me um lindo lago azul em paga do meu trabalho de trazer esta carta.

.....
Capoeirão: Mata.

Narizinho não pôde deixar de sorrir, pensando lá consigo: “Sempre o mesmo! Onde Rabicó já viu lago azul?” Mas não quis desiludir a mensageira, visto precisar dos seus serviços para a resposta. Rabiscou um bilhetinho a galope.

— Leve este bilhete a Tom Mix, mas depressa, hein? E quando quiser aparecer lá pelo sítio de vovó, não faça cerimônia, ouviu? Vá, vá!...

A libelinha vibrou as asas e — *zuct!* — desapareceu. Voou rápida como o pensamento. Chegou ao Capoeirão dos Tucanos Vermelhos no instante em que os cinco minutos concedidos a Rabicó iam chegando ao fim e o carrasco lhe dizia, erguendo a faca:

— Está findo o prazo. Chegou a sua hora, marquês!

Mas Tom Mix teve de interromper o serviço. A libelinha sentara-se justamente na ponta do seu nariz, com o bilhete no ferrão. Percebendo-o, Tom Mix tomou o bilhete e leu. Era ordem de perdão a Rabicó.

— Tem muita sorte o Senhor Marquês! — disse ele, enfiando a faca na bainha. — A princesa perdoa o seu crime e **comuta** a pena de morte nesta outra mais leve. — E pregou-lhe um formidável **pontapé**.

.....
Comuta: Troca.

— Uf! — exclamou Rabicó depois que se viu livre do perigo. — Escapei de boa! Pontapé de um bruto destes não é nada agradável, mas mesmo assim deve ser mil vezes preferível às suas facadas...

Depois indagou, voltando-se para a mensageira:

— Onde está a princesa?

— No Reino das Abelhas.

— E a condessa?

— Também lá, num canto, muito jururu nas suas muletas.

— Muletas? — repetiu Rabicó sem nada compreender. — Será que caiu do cavalo?

— Não sei, não tive tempo de indagar.

Rabicó permaneceu pensativo por alguns instantes. Depois disse:

— Está direito. Pode ir. Passe bem, muito obrigado.

A mensageira franziu o nariz.

— E o meu lago azul?

Rabicó, que tinha muito má memória para as suas promessas, fez cara de surpresa.

— Lago? Que lago?

— O lago azul que me prometeu em troca de levar a carta...

— Ah, sim... Mas, menina, para que quer você um lago, e logo um lago azul? Eu prometi um lago, é verdade, mas refletindo melhor vi que é um presente muito perigoso, pois você pode vir a morrer afogada. Em vista disso achei melhor substituir esse lago por esta sementinha de abóbora. Tome!

A libelinha ficou furiosa.

— Muito agradecida, senhor. Trato é trato. Faço questão do meu lago azul!

O marquês coçou a cabeça, embaraçado, lançando olhares gulosos para a abóbora que estivera comendo quando Tom Mix apareceu.

— Vamos deixar o caso para ser decidido amanhã — disse por fim. — Agora não posso; tenho muito serviço. Imagine que Tom Mix me condenou a comer esta abóbora inteirinha — a mim, um marquês que está acostumado a só comer bombons e presuntos...

A rainha

Enquanto isso se passava no Capoeirão dos Tucanos Vermelhos, lá no Palácio das Abelhas a menina dizia ao ouvido da boneca:

— Já reparou, Emília, como é bem arrumado este reino? Uma verdadeira maravilha de ordem, economia e inteligência! Estive no quarto das crianças.

Que gracinha! Cada qual no seu berço de cera, com pernas e braços cruzados, todas tão alvas, dormindo aquele sono gostoso... O que admiro é como as abelhas sabem aproveitar o espaço. Como sabem economizar a cera, tudo dispondo de modo que a colmeia funcione como se fosse um relógio. Ah, se no nosso reino também fosse assim... Aqui não há pobres nem ricos. Não se vê um aleijado, um cego, um tuberculoso. Todos trabalham, felizes e contentes.

— Isso, não! — contestou a boneca. — O besouro é aleijado e pede esmolas.

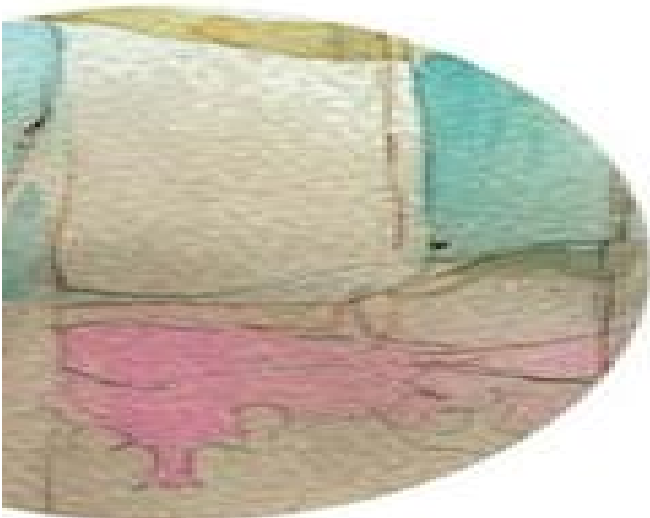
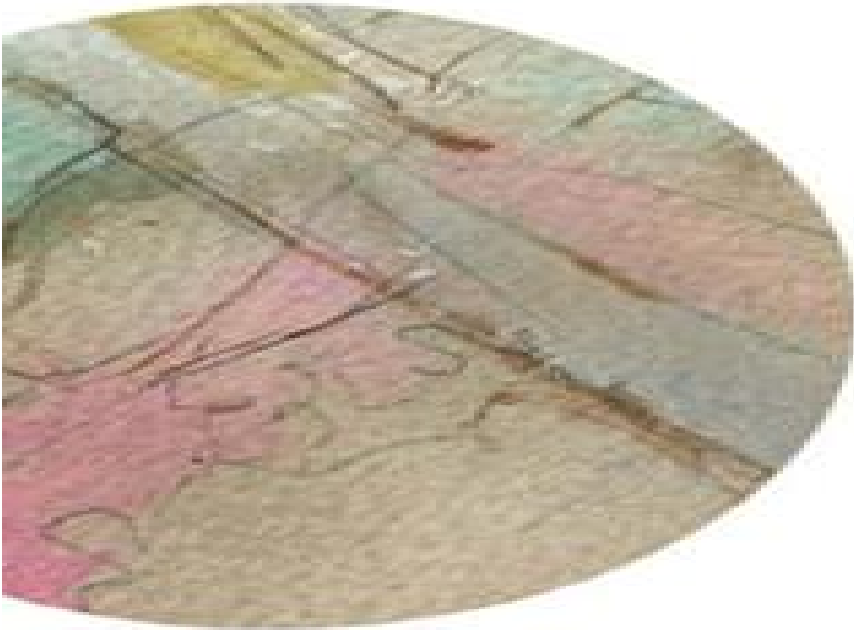
— Besouro não é abelha, boba. Estou falando das abelhas.

— E quem manda aqui? Quem é o delegado? — perguntou Emília.

— Ninguém manda — e é isso o mais curioso. — Ninguém manda e todos obedecem.

— Não pode ser! — exclamou a boneca. — Quem manda há de ser a rainha. Vou perguntar — e chamou uma abelha que ia passando. — Faça o favor, senhora abelhinha, de nos dar uma informação. Quem é, afinal de contas, que manda neste reino? A rainha?

— Não senhora! — respondeu a abelha. — Nós não temos governo, porque não precisamos de governo. Cada qual já nasce com o governo dentro de si, sabendo perfeitamente o que deve e o que não deve fazer. Nesse ponto somos perfeitas.



Narizinho ficou admirada daquelas ideias e viu que era assim mesmo. “Que pena que também não seja assim na humanidade!”

— De manhã saímos todas — continuou a abelha —, cada uma para o seu lado, a fim de recolher o mel das flores e o pólen. É disso que nos alimentamos. Depois guardamos o mel nos favos. Se há consertos a fazer, qualquer uma de nós os faz sem que seja preciso ordem. Se a menina passasse uns tempos aqui havia de gostar tanto que depois não mais se ajeitaria no reino dos homens.

— Mas a rainha? — perguntou a menina. — Estou cansada de esperar pela hora de conhecer essa grande dama. Deve ser linda, linda!...

A abelha continuou:

— Pensa que a nossa rainha é alguma dama **emproada** como as rainhas dos homens? Nada disso. Nem rainha é! Os ~~homens~~ ^{homens} é que lhe chamam assim. Para nós não passa de mãe. Todas somos filhinhas dela — todas, todas! E rodeamo-la de comodidades e carinhos, sem nunca lhe darmos o menor desgosto. Olhe, menina, lá no reino dos homens costumam falar muito em felicidade, mas fique certa de que felicidade só aqui. Cada uma de nós é feliz porque todas somos felizes. Lá não sei como pode alguém ser feliz sabendo que há tantos infelizes em redor de si!

.....
Emproada: Pretensiosa, metida.

Narizinho e Emília ficaram tristes. Que pena serem gente e não poderem transformar-se em abelhas para morar numa colmeia daquelas, toda a vida ocupadas num trabalhão tão lindo como esse de recolher o mel e o pólen das flores...

— Mas a rainha, a rainha! — insistiu a menina. — Quero ser apresentada à rainha!

— Pois vamos lá — respondeu a abelha. — Sigam-me.

Foram. Depois de atravessarem vários compartimentos, chegaram aos cômodos reais. Lá estava Sua Majestade num trono de cera, conversando com vários zangões emproados e orgulhosos (pelo menos assim pareceu à menina).

— Bem-vinda seja! — saudou a rainha numa doce voz maternal. — Tem gostado da nossa colmeia?

— Muito, majestade! É o reino mais bem-arrumadinho de quantos vi até agora. Estou positivamente encantada!

— O meu reino é assim — explicou a rainha — porque não é reino nenhum, mas uma grande família onde a boa mãe geral vive rodeada de todos os seus filhos. Já percorreu a colmeia inteira?

— Já vi parte e tenho gostado de tudo, menos da cara desses senhores zangões, que me parecem emproados e orgulhosos...

— É que estão a me fazer a **corte**. Todos os anos escolho um dentre eles para marido, e os outros...

.....
Fazer a corte: Ser amável, fazer gentilezas, cercar de atenção.

— Já sei! Os outros casam-se com as outras abelhas.

A rainha sorriu.

— Não, menina! Os outros são condenados à morte e executados...

— Quê? — exclamou Narizinho, horrorizada. — Acho que isso constitui uma crueldade — verdadeira mancha negra na organização das abelhas.

— Parece, menina. Mas é o jeito. Como não sabem trabalhar e a natureza os fez unicamente para serem esposos da rainha, as abelhas não têm a menor consideração com eles depois que a rainha elege um para esposo. Trucidam-nos e lançam os cadáveres para fora da colmeia. Estas minhas filhas acham que o sentimentalismo não dá bom resultado em matéria de organização social.

Narizinho, cada vez mais admirada da inteligência da rainha, murmurou ao ouvido da boneca:

— Vê, Emília? Isto é que é falar bem! Até parece aquele filósofo que vovó às vezes lê, o tal Rou... **Rousseau**, creio.

.....
Rousseau: Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo suíço que influenciou a Revolução Francesa e disse a célebre frase: “O homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe.”

Nisto um *trrrlin trrrlin* de esporas ressoou perto. Voltaram-se todos. Era Tom Mix que entrava. O caubói correu os olhos pela sala. Logo que deu com a menina, dirigiu-se para ela.

— Recebi o recado, princesa, e aqui estou às vossas ordens!

— Que fim levou o marquês? — perguntou a menina com ansiedade, pois nada sabia do que se passara. — Está vivo ainda ou...

— Vivíssimo, Senhora Princesa! A estas horas já deve de estar atacando a segunda abóbora...

— Muito bem! — exclamou Narizinho, aliviada de um grande peso. — Quero agora, Senhor Tom Mix, que me arranje uns burrinhos de carga para levar um pouco de mel e cera para vovó.

Tom Mix retirou-se para cumprir a ordem, enquanto a menina se dirigia de novo à rainha.

— Senhora Rainha, poderá Vossa Majestade dar ordem à sua cozinheira para me oferecer um tostão de mel?

— Darei o mel e a cera que quiser — respondeu a rainha sorrindo —; quanto ao tostão, guarde-o para você, que aqui entre nós não tem o menor valor o dinheiro dos homens. Ali, naquela sala dos favos, é o depósito de mel. Vá lá e tire quanto quiser.

A menina agradeceu a gentileza e retirou-se para a tal sala com a boneca.

Tudo tão bem-arrumado! Potinhos de cera cheios de mel em quantidade, todos iguais, com tampinhas também de cera.

— Querem mel? — perguntou logo uma abelha de avental muito limpo que tomava conta daquela repartição.

— Queremos, sim, senhora! Mel e cera.

— De que qualidade?

— Há de muitas qualidades?

— Temos aqui mel de flores de laranjeira, mel de flores de jabuticabeira lá do sítio de Dona Benta e temos o mel mil flores, colhido de todas as flores do campo.

— Dê-me de flores de jabuticabeira — resolveu logo Narizinho. — E também um quilincho de cera bem branca, para Tia Nastácia.



— Quem leva é aqui a sua criada? — perguntou a abelha indicando a boneca, enquanto fazia os pacotes.

Emília **abespinhou-se** toda, já vermelhinha de cólera. Mas a menina salvou a situação.

Abespinhou-se: Enfureceu-se.

— Esta senhora não é minha criada e sim a Excelentíssima Senhora Condessa da Perna Vazia, futura Marquesa de Rabicó.

A abelhinha pediu mil desculpas, e ainda estava pedindo desculpas quando a entrada de Tom Mix à frente de uma tropa de grilos **arreados** de **cangalhas** e **ancorotes** próprios para conduzir mel a interrompeu. Tom descarregou os ancorotes e esperou que a abelha meleira os enchesse. Depois os colocou de novo sobre as cangalhas e pediu instruções.

.....
Arreados: Preparados com as peças para montaria.

.....
Cangalhas: Armação de madeira em que se pendura a carga nos animais.

.....
Ancorotes: Barril pequeno.

— Espere-me no portão do palácio com os cavaleiros prontos que também já vamos — ordenou-lhe a menina.

A volta

Estavam todos prontos para a volta, exceto Emília. Narizinho refletia sobre o seu caso. Por fim pediu a opinião de Tom Mix sobre o melhor meio de a levar.

— Acho que temos de pôr a Senhora Condessa dentro de um dos ancorotes de mel.

— Que disparate, Tom! Emília ficaria toda melada!...

— Sim, mas há um vazio — respondeu ele. — Creio que ali irá mais comodamente do que na garupa do cavaleiro pangaré.

Emília fez cara feia e protestou. O meio de sossegá-la foi permitir-lhe seguir na frente do bando, para que pudesse “ir vendo as coisas antes dos outros”. Estava nascendo nela aquele espírito interesseiro que a ia tornar célebre nos anais da ciganagem.

Puseram-se em marcha. Meia légua adiante Emília pôs-se de pé dentro do barrilzinho e gritou:

— Estou vendo uma coisa esquisita lá na frente! Um monstro com cabeça de porco e “peses” de tartaruga!

Todos olharam, verificando que Emília tinha razão. Era um monstro dos mais estranhos que possa alguém imaginar. Tom Mix puxou da faca e

avançou, dizendo a Narizinho que não se mexesse dali. Chegando mais perto percebeu o que era.

— Não é monstro nenhum, princesa! Trata-se do Senhor Marquês montado num pobre jabuti! Vem metendo o chicote no coitado, sem dó nem piedade.

E assim era. Rabicó dava **de rijo** no pobre jabuti e ainda por cima o descompunha.

.....
De rijo: Rigidamente, severamente.

— Caminha, estupor! Caminha depressa, se não te pico de espora até a alma! — gritava ele.

Narizinho ficou indignada com aquilo. Era demais! Vendo-a assim, Tom Mix puxou do revólver e disse:

— Se quer, **apeio** aquele maroto com uma bala!

.....
Apeio: Ponho fim, acabo com.

— Não é necessário — respondeu ela. — Eu mesma lhe darei uma boa lição. Deixe o caso comigo.

Nisto o marquês alcançou o grupo, e já estava armando cara alegre de sem-vergonha quando a menina o encarou, de carranca fechada.

— Desça já do pobre jabuti, seu grandíssimo...

Muito espantado daquela recepção, Rabicó foi descendo, todo encolhido...

— E para castigo — continuou a menina —, quem agora vai montar é o Senhor Jabuti. Vamos, Senhor Jabuti! Arreie o marquês e monte e meta-lhe a **espora** sem dó!

.....
Espora: Objeto de metal que se prende no calcanhar da bota para passar na barriga do cavalo e apressar o passo.

O Jabuti assim fez, e sossegadamente, porque jabuti não se apressa em caso nenhum, botou os arreios no leitão, apertou o mais que pôde a barrigueira, montou muito devagar e — *lept! lept!* — fincou-lhe o chicote como quem surra burro bravo.

— *Coim! coim! coim!* — berrava o pobre marquês.

— Espora nele, Jabuti! — gritava a boneca. — Espora nesse guloso que me comeu os croquetes!

— E também umas boas lambadas por minha conta! — murmurou uma voz fina no ar.

Todos ergueram os olhos. Era a libelinha enganada, que ia passando veloz como um relâmpago.

O caso foi que naquele dia Rabicó perdeu pelo menos um quilo de peso e pagou pelo menos metade dos seus pecados...

Depois desse incidente, puseram-se de novo em marcha, só parando numa figueira de boa sombra, já pertinho do sítio.

— Ponto de almoço! — gritou Narizinho, que estava com uma fome tirana. Desde que saíra de casa, só comera os bolinhos trazidos.



Apearam-se. Estenderam no chão uma toalhinha. Tom Mix abriu dois barriletes de mel. Narizinho remexeu no bolso a ver se ainda encontrava

algum pedaço de bolo. Não encontrou nem o besouro. Tinha fugido, o ingrato! Puseram-se a **manducar** mel puro, único alimento que havia.

.....
Manducar: Comer.

No melhor da festa — *tzzsiu!* — um passarinho cantou na árvore próxima. A menina ergueu os olhos: era um tiziu.

— Emília — disse ela intrigada —, não acha aquele tiziu com um certo ar de Pedrinho?

— Muito! E querem ver que é ele mesmo?

— Pedrinho! Pedrinho! Venha cá, Pedrinho! — gritou a menina, aflita.

O tiziu desceu da árvore, vindo pousar em seu ombro.

— Então que é isso, Pedrinho? Deixo você em casa feito gente e o venho encontrar virado em ave!...

— Assim é — disse ele. — Todos viramos aves lá em casa.

— Como? Explique isso! — gritou Narizinho ansiosa.

— Pois apareceu por lá uma velha coroca, de porrete na mão e cesta no braço. “Menino”, disse-me ela, “é aqui a casa onde moram duas velhas dugudeias em companhia de uma menina de nariz arrebitado, muito malcriada?” Furioso com a pergunta, respondi: “Não é da sua conta. Siga seu caminho que é o melhor.” “Ah, é assim?”, exclamou ela. “Espere que te curo!” E me virou a mim em passarinho, virou vovó em tartaruga e Tia Nastácia em galinha preta...

— Que horror! — foi o grito que escapou de Narizinho. — Que vai ser de nós agora? Já sei quem é essa velha! Não pode ser outra! Bem ela me disse que havia de vingar-se...

— Que foi que aconteceu, princesa? — indagou Tom Mix, já de mão no revólver.

— Não sei, Tom, se desta vez nos poderá valer! Você é invencível, mas só de igual para igual. Contra uma bruxa feiticeira, não sei... não sei... — e contou o que havia.

— Deixe tudo por minha conta, princesa, e não duvide da minha arte de resolver situações complicadas. Siga viagem que eu vou dar volta pelos arredores a fim de apanhar essa velha. Juro que hei de trazê-la bem segura, para que desfaça o mal que fez...

— Os anjos digam amém! — suspirou Narizinho mais animada. E dando rédeas ao cavalo pangaré tocou para o sítio com o tiziu ainda pousado no ombro.

Que tristeza! Mal Narizinho apeou no terreiro e já ouviu uma galinha cacarejar lá dentro.

— É Tia Nastácia, coitada! — suspirou com o coração apertado.

Entrou. Na sala de jantar viu sentada na rede, costurando, uma tartaruga de óculos.

— Vovó! — gritou a menina com desespero. — Não me conhece mais, vovó?

A tartaruga, quieta, quieta...

— Veja, Emília, que desgraça! — gritou Narizinho em lágrimas. — Vovó é aquele bicho cascudo que está na rede! Nastácia é aquela horrenda galinha preta que mais parece urubu...



Emília olhou, olhou e também rompeu em choro, abraçando-se com a menina.

— A única esperança que nos resta é Tom Mix — disse Narizinho. — Mas este caso é tão estranho que receio que nem ele possa nos salvar...

Passaram-se dois dias. Narizinho, inconsolável, não podia conformar-se com a ideia da sua querida avó tartarugando na rede, nem de Tia Nastácia volta e meia botando um ovo na cozinha.

— Sossegue, Narizinho. Tom Mix é um danado. De repente reaparece e conserta tudo, como no cinema — dizia a boneca para a consolar.

— Mas está demorando tanto, Emília!...

— Dois dias só. Você sabe que a conta para tudo é três...

Chegou afinal o terceiro dia. As duas amiguinhas, postadas à janela desde cedo, espiavam os horizontes, ansiosas. Nem uma poeira se erguia! Narizinho suspirou.

— Qual, Emília! Está tudo perdido... Se a velha tem o poder de virar os outros em bicho, também pode virar-se a si própria em pedra, árvore, tronco seco — e como há de Tom Mix saber?

— Paciência, Narizinho! Vai ver que de repente ele brota por aí com a velha na ponta da faca...

Palavras não eram ditas e um cachorrinho latiu no terreiro.

— Deve ser ele! — gritou Emília correndo para a porta.

E era mesmo. Era Tom Mix que voltava com dois revólveres apontando e a velha à frente, de braços erguidos.

— É agora! — berrou o caubói no ouvido da bruxa. — Vais desfazer o mal que fizeste, se não te como os fígados, já neste momento...

Horrorizada com a feiura da velha, Narizinho fechou os olhos. Depois criou coragem e os foi abrindo devagarinho. E viu... sabem quem? Viu Tia Nastácia a olhar para ela e a dizer:

— Acorde, menina! Parece que está com pesadelo...

Narizinho sentou-se na cama, ainda tonta, esfregando os olhos.

— E vovó? — perguntou.

— Lá dentro, costurando.

— E Pedrinho?

— Fazendo uma arapuça no quintal.

— E... e Tom Mix?

— Deixe de bobagens e venha tomar o seu café que já está esfriando — rematou Tia Nastácia.

O MARQUÊS
de Rabicó



Os sete leitõezinhos

Eram sete leitõezinhos. Bem sei que sete é conta de mentiroso, mas eram mesmo sete, todos ruivos, com manchas brancas pelo corpo. Quando a mamãe deles saía a passeio, os sete leitõezinhos acompanhavam-na em fila — *rom, rom, rom...*

O tempo foi passando e os leitões foram crescendo, e à medida que iam crescendo iam entrando...

— Para a escola, já sei!

— Sim, para a escola do forno.

— Que horror!

— Pois é verdade. Vida de leitão no Sítio do Picapau Amarelo não é das mais invejáveis. Está o lindo animalzinho brincando no terreiro, feliz, gordo como uma bola. Dona Benta olha e diz:

— Tia Nastácia, a prima Dodoca vem jantar hoje aqui. Acho bom pegar “aquele um”! — E aponta para o coitado.

A negra vai ao paiol, toma uma espiga de milho e grita no terreiro — *xuque, xuque, xuque!*

Os bobinhos ouvem e vêm correndo atrás do milho que ela começa a debulhar, e comem, comem, comem. De repente a malvada se abaixa e — *nhoc!* — segura pela perna o tal “aquele um”. E pode o coitadinho espernear e berrar quanto queira! Não tem remédio. Vai arrastado para a cozinha, onde é assassinado com uma faca de ponta.

E se fosse só isso! Depois de assassinado é pelado com água fervendo, é destripado, temperado e, afinal, assado ao forno.

Na hora do jantar reaparece na mesa, mas muito diferente do que era. Vem num grande prato, rodeado de rodela de limão, com um ovo cozido na boca. E ninguém lamenta a sorte do coitadinho. Todos tratam mais é de cortar o seu pedaço e comê-lo gulosamente, dizendo:

— Está delicioso!

E ainda por cima lambem os beiços, os malvados!...

Foi esse o triste destino daquela irmandade de sete leitões. Da irmandade inteira menos um, o Rabicó, assim chamado porque só possuía um toquinho de cauda. Rabicó salvou-se porque Narizinho costumava brincar com ele desde bem pequenino e acabaram amigos.

— Fique sossegado que não deixo “ela” te assassinar — tinha-lhe dito a menina.

“Ela”, sem mais nada, queria dizer Tia Nastácia.

Uma tarde Narizinho ouviu Dona Benta dizer à preta:

— Amanhã, dia dos anos de Pedrinho, temos de dar um jantareco melhor. Há ainda algum leitão no ponto?

— Só Rabicó, sinhá, mas esse Narizinho não quer que mate. É o **ai-Jesus** dela.

.....
Ai-Jesus: Predileto.

— Sim, mas você dá um jeito. Mata escondido, sabe — e piscou para a negra. As duas velhas eram danadas para se entenderem.

A menina, entretanto, ouvira a conversa e fora correndo em procura do leitãozinho. Encontrou-o no pasto, fossando a terra como sempre — *rom, rom, rom*. Agarrou-o ao colo e disse-lhe ao ouvido:

— Vovó deu ordem a Tia Nastácia para assassinar você amanhã. Mas eu não deixo, ouviu? Vou escondê-lo, bem escondido, num lugar que só eu sei, até que o perigo passe.

E assim fez. Levou-o para o tal lugar que só ela sabia, amarrou-o pelo pé a uma árvore; depois trouxe-lhe várias espigas de milho, uma abóbora e uma lata d’água.

— Fique aí bem quietinho. Nada de berreiros, se não tudo está perdido. Quando não houver mais perigo, virei soltá-lo.

Chegada a hora de pegar o leitão, Tia Nastácia revirou o sítio inteiro de pernas para o ar. Procurou-o como quem procura agulha; por fim veio dizer a Dona Benta que com certeza algum ladrão o havia furtado, ou alguma onça o tinha comido.

— Que maçada! — exclamou a velha. — Nesse caso mate uma galinha bem gorda. Rabicó fica para o Ano-Bom, se aparecer.

No dia seguinte, assim que todos se levantaram da mesa depois de comido o “jantarzinho melhor”, a menina correu ao lugar que só ela sabia e soltou o leitão.

— Está salvo por uns tempos — disse-lhe. — Mas na véspera do Ano-Bom tenho de prender você aqui outra vez, porque “ela” promete coisas para esse dia.

Dali a pouco, muito **serelepe**, como se nada houvesse acontecido, Rabicó surgiu no terreiro — *rom, rom, rom* —, chegando à porta da cozinha para lambiscar umas cascas que a negra havia botado fora.

.....
Serelepe: Esperto, agitado.

— Ué! — exclamou Tia Nastácia, admirada. — Olhe quem está aqui! Rabicó em pessoa!... Você escapou desta vez, seu maroto, mas de outra não me escapa. Uma semana antes do Ano-Bom já te tranco no paiol e quero ver!...

Rabicó não ligou a mínima importância àquelas palavras. Tratou mais foi de encher a barriguinha com as cascas, deitando-se depois ao sol para uma daquelas sonecas **gozadas** que só porco sabe dormir.
.....

.....
Gozadas: Prazerosas.

O pedido de casamento

Narizinho estava no seu quarto conversando com a boneca.

— Senhora Condessa, acho que é tempo de mudar de vida. Precisa casar, senão acaba ficando tia. Amanhã vem cá um distinto cavalheiro pedir a mão de Vossa Excelência.

Emília andava bem de saúde, gorda e corada. Tia Nastácia havia enchido de macela nova a perninha que fora saqueada no passeio ao Reino das Abelhas e Narizinho havia consertado uma das suas sobranceiras de retrós, que estava desfiando. Além disso, pintara-lhe nas faces duas rodela de **carmim**, bem redondinhas.
.....

.....
Carmim: Substância corante vermelha.

Emília não se mostrava disposta a casar. Dizia sempre que não tinha gênio para aturar marido, além de que não via lá pelo sítio ninguém que a merecesse.

— Como não? — protestou a menina. — E Rabicó? Não acha que é um bom partido?

A boneca ficou indignada e declarou que jamais se casaria com um poltrão como aquele. O fiasco feito na viagem à terra das abelhas não era coisa que merecesse perdão.

A menina riu-se e explicou:

— Você está enganada, Emília. Ele é porco e poltrão só por enquanto. Estive sabendo que Rabicó é príncipe dos legítimos, que uma fada má virou em porco e porco ficará até que ache um anel mágico escondido na barriga de certa minhoca. Por isso é que Rabicó vive fossando a terra atrás de minhocas.



Emília ficou pensativa. Ser princesa era o seu sonho dourado e, se para ser princesa fosse preciso casar-se com o fogão ou a lata de lixo, ela o faria sem vacilar um momento.

— Mas você tem certeza, Narizinho?

— Tenho certeza absoluta! Quem me revelou toda essa história foi justamente o pai de Rabicó, o Senhor Visconde de Sabugosa, um **fidalgo**
muito distinto que vem fazer o pedido de casamento.

.....
Fidalgo: Nobre.

— Visconde? — repetiu Emília, desconfiada. — Então o pai desse príncipe é visconde só? Eu quero casar com príncipe filho de rei.

— Você é uma bobinha que não sabe nada. O visconde finge de visconde, mas na realidade é rei e muito bom rei de um reino lá atrás do morro. Quando ele vier, repare na cabeça dele e veja que tem um sinal de coroa em redor da testa. Para esconder esse sinal ele usa cartola, que não tira nunca, nem na igreja. Desse modo, como ninguém vê o sinal da coroa, ninguém desconfia.

Emília pensou, pensou, pensou e disse:

— Pois bem, aceito! Mas desde já vou dizendo que não saio daqui. Casome, mas não vou morar com Rabicó enquanto ele não virar príncipe novamente.

— Muito bem! — concluiu Narizinho. — Nesse caso, vá preparar-se para receber o visconde, que não deve tardar. Ele já está a caminho. Vista aquele vestido de pintas vermelhas e ponha mais ruge na cara, ouviu?

Enquanto a boneca se vestia, a menina correu ao pomar em procura de Pedrinho, que estava ocupado em chupar laranjas-lima.

— Depressa, Pedrinho! Arranje-me um bom visconde de sabugo, bem respeitável, de cartola na cabeça e um sinal de coroa na testa, e venha com ele pedir Emília em casamento. Enganei-a que Rabicó é filho desse visconde, o qual é um grande rei de um reino lá atrás do morro. Os dois, pai e filho, foram encantados por uma fada, só devendo se desencantarem no dia em que Rabicó descobrir uma certa minhoca com um certo anel mágico na barriga.

— E a boba acreditou?

— Acreditou piamente e declarou que nesse caso aceitará Rabicó como esposo, embora não vá morar com ele enquanto não virar príncipe novamente.

Pedrinho fez como Lúcia pediu. Arranjou um bom sabugo, ainda com umas palhinhas no pescoço que fingiam muito bem de barba, botou-lhe braços e pernas, fez cara com nariz, boca, olhos e tudo — e não se esqueceu de marcar-lhe a testa com um sinal de coroa de rei. Depois enterrou-lhe na cabeça uma cartolinha e lá foi com ele à casa da boneca.

— *Toc, toc, toc* — bateu.

— Quem é? — indagou de dentro a voz da menina.

— É o ilustre Senhor Visconde de Sabugosa que vem fazer uma visita à Senhora Condessa de Três Estrelinhas e pedi-la em casamento para o seu ilustre filho, o Senhor Marquês de Rabicó.

— Esperem um minutinho que já abro — respondeu a menina.

E voltando-se para a boneca:

— Vê, Emília? Além de príncipe ele ainda é marquês. De modo que se você casar-se com ele começa já a ser marquesa e um dia virará princesa. Não pode haver futuro mais bonito para uma coitadinha que nasceu na roça e nem em escola esteve. Você vai ser a Gata Borracheira das bonecas!...

Emília deu três pulinhos de alegria e foi correndo botar mais um pouco de pó de arroz. Enquanto isso o visconde entrou.

Narizinho fez-lhe uma respeitosa reverência e respondeu, sem dar a entender que estava falando com um rei disfarçado:

— Muito prazer, Senhor Visconde! Puxe uma cadeira e sente-se no chão. Creia que fico muito satisfeita de saber que seu filho é marquês. E como vai a Senhora Viscondessa?

— Sou viúvo — respondeu o visconde, suspirando profundamente.

— Meus pêsames! E a senhora sua mãe, Dona Palha de Milho?

O visconde suspirou de novo.

— Coitada! Faleceu num horrível desastre...

— Como? Conte-nos isso — exclamou Narizinho, fingindo grande aflição.

— Pois é. Foi comida pela vaca mocha — explicou o visconde, enxugando nas palhinhas de milho do pescoço duas lágrimas, uma de cada olho.

— A pobre! — murmurou a menina muito triste. — Eu sinto bastante, visconde, mas o mundo é isto mesmo. Um come o outro. A Vaca Mocha come as Donas Palhas e a gente come as vacas. A vida é um come-come danado! Estou aqui, estou apostando que também os seus filhos foram comidos pelas senhoras galinhas...

O visconde arregalou os olhos como se não soubesse que tinha mais filhos além do marquês.

— Sim — explicou Narizinho. — Os grãos de milho que Vossa Excelência já teve pregados pelo corpo, creio que podem ser chamados seus filhos.

— Ah, sim, é verdade! Foram comidos pelo galo índio há duas semanas.

Nisto Emília apareceu à porta, no seu vestidinho de chita com pintas vermelhas.

— Senhor Visconde — disse a menina —, tenho o prazer de lhe apresentar a sua futura nora, a Senhora Condessa de Três Estrelinhas. Veja como é galante!...

O visconde levantou-se para saudar a boneca e por “distração” tirou a cartola, deixando que Emília visse o sinal de coroa em sua testa.

— Tenho a mais subida honra de receber no seio de minha família esta nobre condessa — disse ele. — Pelo que vejo é a mais linda criatura destes arredores! Acho-a ainda mais bonita que a franguinha pedrês de Tia Nastácia...

Emília fez uma cortesia para agradecer a amabilidade, embora torcesse o nariz àquela comparação com a franguinha pedrês.

— E não é só isso — interveio Narizinho. — Bonita e prestimosa como não há outra! Sabe fazer tudo. Cozinha na perfeição, lava roupa e lê nos livros que nem uma professora. Emília é o que se chama uma danada.

— Muito bem! Muito bem! — ia exclamando o visconde.

— Também toca lindas músicas na vitrola, mia como gato, arrebenta pipocas e tem muito jeito para modista. Esse vestidinho de pintas, por exemplo, foi todo feito por ela.

Emília, que ainda não sabia mentir, interrompeu-a, dizendo:

— Não fui eu, foi Tia Nastácia quem o fez.

A menina deu-lhe um beliscão sem que o visconde percebesse.

— Não repare, visconde. Emília é muito modesta. Faz as coisas mas não quer que se diga. Esse vestido ela o fez sozinha, sozinha. Ela mesma escolheu a fazenda, ela mesma cortou e coseu. E olhe como ficou bem-assentado nas costas. Levante-se, Emília, e vire-se de costas para o visconde ver.

Emília levantou-se da cadeira e deu umas voltas pela sala.

— Não está dos mais elegantes, mas serve — continuou Narizinho. — Emília nasceu aqui na roça e nunca foi à cidade, nem aprendeu costura. Para uma criatura nessas condições, não acha que está bem-feitinho?

O visconde olhou, olhou e disse:

— Eu, a falar a verdade, não entendo de modas. Mas acho muito bom. Só que a saia me parece um tanto curta...

— Eu também acho e já o disse a ela; mas Emília, como tem perna grossa, anda com mania de mostrá-la. Só usou saia comprida durante o tempo da perna seca — e contou ao visconde o caso do ouro-macela. Depois, mudando de assunto, pediu informações a respeito do **gênio** de Rabicó.

.....
Gênio: Temperamento, modo de ser.

— Ele tem muito bom gênio — disse o visconde. — Não é briguento, nem provocador. Possui belas qualidades. Quanto ao mais, gosta muito de dormir ao sol e fossar a terra para descobrir minhocas.

Nesse ponto a menina piscou para a boneca, querendo referir-se à história de certo anel que ele andava procurando dentro de certa minhoca, e Emília convenceu-se de que Rabicó era mesmo um príncipe encantado.

— O único defeito que tem — continuou o visconde — é comer tudo quanto encontra. Rabicó não respeita coisa nenhuma!

Emília fez carinha de nojo e foi cuspir à janela. Depois, metendo-se na conversa, disse:

— Pois se se casar comigo só há de comer coisas gostosas e cheirosas. Não consinto que meu marido ande comendo o que encontra.

— Apoiadíssimo, Emília! — exclamou a menina. — Também penso desse modo e acho que você faz muito bem de exigir isso dele. Mas agora só resta saber se você aceita ou não aceita o Senhor Marquês de Rabicó como esposo. Vamos lá. Resolva...

Emília ficou meio aflitinha de ter de decidir por si mesma uma questão de tal gravidade como essa de escolher um esposo e olhou Narizinho interrogativamente, como quem pede auxílio. Mas a menina não quis intervir, porque não desejava ficar com a responsabilidade.

— Não devo dar opinião, Emília. Você tem de decidir por si mesma. Casamento não é brincadeira.

A boneca pensou, pensou, pensou e afinal, tentada pela ideia de começar marquesa e um dia virar princesa, resolveu-se.

— Pois quero!

Narizinho bateu palmas.

— Bravos! Está tudo resolvido. Senhor Visconde, abrace a sua nora, a futura Marquesa de Rabicó...

O visconde ergueu-se bastante comovido. Abraçou a boneca e deu-lhe um beijo na face.

Emília, muito vermelhinha, foi correndo para o quarto.

O noivado de Emília

Durou uma semana o noivado de Emília. Todas as tardes, trazido à força por Pedrinho, aparecia o Marquês de Rabicó para visitar a noiva, e tinha de ficar meia hora na sala, contando casos e dizendo palavras de amor.

Mas apesar de noivo Rabicó não perdia os seus instintos. Logo que entrava punha-se a farejar a sala, na sua eterna preocupação de descobrir coisas de comer. Além disso, não prestava a menor atenção à conversa. Não havia nascido para aquelas cerimônias.

Uma tarde Pedrinho zangou-se e resolveu substituí-lo por um representante.

— Rabicó não vale a pena — disse ele aborrecido. — Não sabe brincar, não se comporta. O melhor é isto, querem ver? — E saiu. Foi ao quintal e trouxe um vidro vazio de óleo de rícino que andava jogado por lá. — Está aqui. De agora em diante o noivo será representado por este vidro azul — e o tal Marquês de Rabicó vai passear — concluiu pregando um pontapé no noivo.



Rabicó raspou-se gemendo três *coins*, e desde esse dia, enquanto fossava a terra no pomar atrás da tal minhoca de anel na barriga, quem noivava por ele, de cartola na cabeça, era o Senhor Vidro Azul.

Emília comportava-se muito bem, embora de vez em quando viesse com impertinências.

— Eu já disse a Narizinho: caso, mas com uma condição!

— Eu sei qual é! — adivinhou o Senhor Vidro Azul. — Não quer morar na casa do marquês, com certeza porque não se dá bem com o futuro sogro, o visconde.

— Isso não! Até gosto muito do Senhor Visconde. O que não quero é sair daqui. Estou muito acostumada.

O Senhor Vidro Azul coçou o gargalo.

— Sim, mas...

— Não tem mas, nem meio mas! Quem manda neste casamento sou eu. O marquês fica por lá e eu fico por cá — declarou Emília, toda espetadinha e de nariz torcido.

O representante do noivo suspirou.

— Que pena! O Senhor Marquês já mandou construir um castelo tão bonito, de ouro e marfim, com um grande lago na frente...

Emília deu uma risada.

— Eu conheço os lagos do marquês! São como aquele célebre lago azul que prometeu à libelinha lá no Reino das Abelhas.

O Senhor Vidro Azul atrapalhou-se. Viu que Emília não era nada tola e não se deixava enganar facilmente. Procurou remendar.

— Sim, um lago. Não digo um grande lago, mas um pequeno lago, um tanque...

— Uma lata d'água, diga logo — completou Emília, mordendo os beiços.

Narizinho interveio, repreensiva.

— Você está aqui para noivar, Emília, para dizer coisas bonitas e amáveis, e não para brigar com o representante do marquês. Veja lá, hein?

E dirigindo-se ao representante:

— O Senhor Marquês não escreveu ainda uns versos para a sua amada noivinha?

— Escreveu, sim — respondeu o Vidro Azul, metendo a mão no gargalo e sacando um papelzinho. — Aqui estão eles.

E recitou:

*Pirulito que bate-bate,
Pirulito que já bateu,
Quem adora o marquês é ela,
Quem adora Emília sou eu.*

— Bravos! — exclamou Narizinho batendo palmas. — São lindos esses versos! O marquês é um grande poeta!...

Emília, porém, torceu o nariz e até ficou meio danadinha.

— O verso está todo errado! Vou casar-me com ele mas não “adoro” coisa nenhuma. Tinha graça eu “adorar” um leitão!

Narizinho bateu o pé e franziu a testa.

— Emília, tenha modos! Não é assim que se trata um poeta. Você vai ser marquesa, vai viver em salões e precisa saber fingir, ouviu?

Depois, voltando-se para o representante:

— Peça-lhe mil desculpas, Senhor Vidro Azul! Emília tem a mania de ser franca. Nunca viveu em sociedade e ainda não sabe mentir. Não é aqui como o nosso Visconde de Sabugosa, que fala, fala e ninguém sabe nunca o que ele realmente está pensando, não é, visconde?

O visconde fez um gesto que tanto podia ser sim como não.

Desse modo conversavam todas as noites, longo tempo, até que vinha o chá. Chá de mentira, com torradas de mentira. Depois do chá, o visconde e o representante se despediam e Narizinho acompanhava-os até a porta, onde dizia:

— Não tenha medo, Senhor Vidro Azul. Pode dar um beijinho nela por conta do marquês.

O representante beijava Emília na testa e retirava-se em companhia do visconde...

Passada uma semana, a menina queixou-se a Dona Benta:

— Este noivado está me acabando com a vida, vovó. Todas as noites tenho de fazer sala para os noivos. Como isto cansa!...

— Mas que é que está faltando para o casamento, menina?

— Os doces, vovó...

— Já sei. Já sei. Pois tome lá estes níqueis e mande vir os doces.

Como era justamente aquilo que Narizinho queria, lá se foi aos pinotes, com os níqueis cantando na mão.

O casamento

Chegou afinal o grande dia e vieram os grandes doces: seis cocadas, seis pés de moleque e uma rapadura, doce mais que suficiente para uma festa em que quase todos os convivas iam comer de mentira.

Pedrinho armou a mesa da festa debaixo de uma laranjeira do pomar e botou em redor todos os convivas. Lá estavam Dona Benta, Tia Nastácia e vários conhecidos e parentes, todos representados por pedras, tijolos e pedaços de pau. O inspetor de quartirão, um velho amigo de Dona Benta que às vezes aparecia pelo sítio, era figurado por um toco de pau com uma dentadura de casca de laranja na boca.

Chegou a hora. Vieram vindo os noivos. Emília, de vestido branco e véu; Rabicó, de cartola e faixa de seda em torno do pescoço.

Vinha muito sério, mas assim que se aproximou da mesa e sentiu o cheiro das cocadas, ficou de água na boca, assanhadíssimo. Não viu mais nada.

Logo depois veio o padre e casou-os. Narizinho abraçou Emília e chorou uma lágrima de verdade, dando-lhe muitos conselhos. Depois, como a boneca não tivesse dedos, enfiou-lhe no braço um anelzinho seu. Pedrinho fez o mesmo com o marquês: enfiou-lhe no braço uma aliança de casca de laranja, que Rabicó por duas vezes tentou comer.

— Ao menos no dia de hoje comporte-se! — disse o menino, ameaçando-o.

Os outros animais do sítio, as cabras, as galinhas e os porcos, também assistiram à festa, mas de longe. Olhavam, olhavam, sem compreender coisa nenhuma.

Terminada a festa, Narizinho disse:

— E agora, Pedrinho?

— Agora — respondeu ele — só falta a viagem de núpcias.

Mas a menina estava cansada e não concordou. Propôs outra coisa. Puseram-se a discutir e esqueceram de tomar conta da mesa de doces. Rabicó aproveitou a ocasião. Foi se chegando para perto das cocadas e de repente — *nhoc!* — deu um bote na mais bonita.

— Acuda os doces, Pedrinho! — berrou a menina.

Pedrinho virou-se e, vendo a feia ação do pirata, correu para cima dele, furioso. Agarrou o inspetor de quarteirão e arrumou uma valente inspetorada no lombo do porquinho.

— Cachorro! Ladrão! Marquês de uma figa!...

Rabicó deu um berro espremido e disparou pelo campo, mas sem largar a cocada.

Foi um desastre. A festa desorganizou-se e Emília chorou e esperneou de raiva.

— É isso! Eu bem não estava querendo casar com Rabicó! É um tipo muito ordinário, que não sabe respeitar uma esposa.

Narizinho interveio e consolou-a.

— Isto não quer dizer nada. Rabicó é meio ordinário, não nego, mas com o tempo irá criando juízo e ainda acabará um excelente esposo. Depois, é preciso não esquecer que qualquer dia ele vira príncipe e faz você princesa.

Mas Pedrinho, que estava danado com a feia ação de Rabicó, estragou tudo, dizendo:

— Príncipe nada, Emília! Narizinho bobeara você. Rabicó nunca foi nem será príncipe. É porco e dos mais porcalhões, fique sabendo.

Ao ouvir aquilo, Emília caiu para trás, desmaiada...

O jantar de Ano-Bom

Como era de prever, não podia dar bom resultado aquele casamento. Os gênios não se combinavam e além disso a boneca não podia consolar-se do logro que levava. Narizinho ainda tentou convencê-la de que Rabicó era realmente príncipe e Pedrinho só dissera aquilo porque estava danado. Não houve meio. Quando Emília desconfiava, era para toda a vida. E desse modo ficou casada com Rabicó, mas dele separada para sempre.

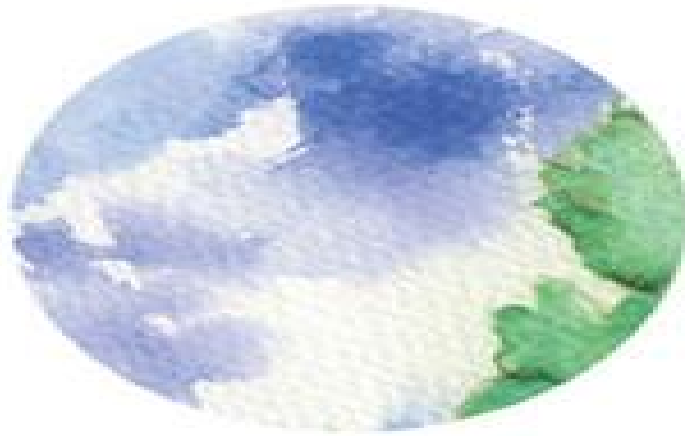
— Está aí o que você fez! — costumava ela dizer em voz queixosa. — Casou-me com um príncipe de mentira e agora está aí, está aí...

Narizinho dava-lhe esperanças.

— Tudo se arruma. Um dia ele morre e eu caso você com o visconde ou outro qualquer.

Afinal chegou o dia de Ano-Bom. Era costume de Dona Benta festejar essa data com um jantar onde reunia vários parentes e vizinhos. Tia Nastácia caprichava. Frangos assados. Peru recheado. Leitão de forno. Pastéis, doces e quanta coisa gostosa havia. Era assim sempre e foi assim naquele ano.

Quando bateu a hora e todos foram para a mesa, começaram a vir pratos e mais pratos, até que, de repente, apareceu, numa grande travessa, um leitão “risonho”, de ovo cozido na boca e rodela de limão pelo corpo.



Os meninos não esperavam que viesse leitão, porque a negra havia dito que o jantar seria só de peru. Narizinho imediatamente desconfiou e foi correndo ao terreiro procurar Rabicó. Chamou-o mais de vinte vezes e **campeou-o** por todos os lugares que ele costumava frequentar. Não encontrando nem rasto, voltou para a sala a chorar desesperadamente.

.....
Campeou-o: Procurou-o.

— Não coma esse leitão, Pedrinho! É Rabicó. Aquela diaba feia nos enganou e assou no forno o coitadinho...

O menino, apesar de duro para chorar, ficou com os olhos cheios d'água, e ergueu-se da mesa furioso com a preta.

Emília, porém, pulou de alegria. Estava viúva! Podia finalmente casar-se com o Visconde de Sabugosa ou outro fidalgo qualquer. Chegou a bater palmas e a cantar o “Pirulito que bate-bate”, que era a sua música predileta.

Narizinho não pôde suportar aquilo. Avançou contra ela, numa fúria, e pregou-lhe um peteleco.

— Vou mandar o Doutor Caramujo fazer uma operação nesta malvada para botar dentro o que está faltando.

Dona Benta perguntou, muito admirada, que era que estava faltando em Emília.

— Coração, vovó. Pois não vê? Emília não tem nem uma isca deste tamanhinho...

Quantas lágrimas perdidas! Rabicó não fora assado, não! Na véspera do dia de Ano-Bom, assim que percebeu as intenções de Tia Nastácia, tratou de **pôr-se ao fresco**, sorrateiramente, de orelhas em pé. Em caminho encontrou um pobre leitão da sua idade, muito parecido com ele. Teve uma ideia.

.....
Pôr-se ao fresco: Fugir.

— Por que não vai amanhã cedo ao terreiro de Dona Benta? — perguntou-lhe. — Deixei lá três abóboras quase inteiras.

O coitadinho foi. Encontrou as abóboras, é verdade, e comeu-as, mas teve como sobremesa faca de ponta e forno.

Desse modo conseguiu o ilustre Marquês de Rabicó escapar à triste sina que lhe parecia reservada — e passado o perigo voltou, muito lampeiro da vida, como se não soubesse de coisa nenhuma!...

O CASAMENTO DE
≈ Narizinho

A doença do príncipe

Depois da viagem de Narizinho ao Reino das Águas Claras, o Príncipe Escamado caiu em profunda tristeza. Emagreceu. Suas escamas foram ficando fininhas como papel de seda. Permanecia horas de olho pregado no trono de onde Narizinho havia assistido ao grande baile da corte e, de vez em quando, puxava uns suspiros que pareciam arrancados com torquês.

E, quanto a apetite, nada. Por mais coisas gostosas que o cozinheiro real inventasse, era sempre aquilo: o príncipe erguia-se da mesa sem tocar em prato algum. Minhocas lindas deixavam-no tão indiferente como se fossem dessas horríveis minhocas de isca, que têm anzol dentro.

Esse estado de alma do príncipe entristecia bastante a corte. Além de o amarem sinceramente, receavam que, no caso da morte do Escamado, subisse ao trono alguma piranha de má casta ou um célebre polvo que se divertia em estrangular os pobres peixes nos seus terríveis tentáculos.

O Doutor Caramujo foi chamado para examinar o príncipe. Tomou-lhe o pulso. Pediu para ver a língua. Depois, erguendo para a testa os óculos de tartaruga, disse com toda a gravidade:

— Vossa Majestade está sofrendo de narizinho-arrebitadite, doença muito séria, cujo único remédio é casamento com uma certa pessoa.

O príncipe arregalou os olhos, cheio de espanto. Era a primeira vez que aquele médico não receitava pílulas.

— Tens razão, Caramujo! — disse ele. — Minha moléstia não é do corpo, mas da alma. Desde que Narizinho deixou o reino não mais houve sossego para mim. Perdi o apetite, o sono, a coragem e não tenho gosto para coisa nenhuma.

— Pois é! — continuou o médico, muito contente de ter acertado. — A doença de Vossa Majestade não passa de amor recolhido e só pode sarar com casamento. Se Vossa Majestade me permite, farei uma tentativa para obter esse precioso remédio.

Os olhos do príncipe brilharam de esperança.

— Sim, permito, pois não. E se conseguires obter-me esse precioso remédio, saberei recompensar-te. Far-te-ei Duque da Pílula!...

O grande médico retirou-se contentíssimo com a ideia de virar duque. Seria uma grande honra para a família dos caramujos, na qual nunca houve

nem sequer um comendador, quanto mais duque. E foi conferenciar sobre o importantíssimo assunto com os outros figurões da corte.

Discutiram, discutiram, e depois de muito discutir resolveram endereçar a Narizinho um pedido de casamento. O Doutor Caramujo mandou chamar uma Senhora Lula, à qual disse:

— A senhora, que é a escrevente do mar, porque tem dentro do corpo uma pena de osso e um tinteiro de tinta, faça uma carta bem bonita pedindo a mão de Narizinho para o nosso amado príncipe.

A Senhora Lula fez a carta. O Doutor Caramujo dobrou-a, bem dobradinha, e fechou-a, bem fechadinha, dentro de uma concha de madrepérola — para que não se molhasse na viagem. Em seguida entregou a concha aos peixinhos escoteiros, dizendo:

— Levem-me esta concha até à beira do ribeirão que corre pelo sítio de Dona Benta e depositem-na em lugar onde possa ser enxergada. Se se distraírem pelo caminho com alguma minhoca e perderem a concha, o príncipe os fará eletrocutar a todos pelo peixe-elétrico, estão ouvindo?

Os peixinhos juraram obediência e lá seguiram, rodando com a concha pelo fundo do mar.



O pedido

Logo que os peixinhos escoteiros chegaram ao sítio de Dona Benta, foram tratando de erguer a concha e enroscá-la entre duas pedras na beirinha do ribeirão — bem perto do pé de ingá. E por ali ficaram, descansando e espiando.

Não demorou muito, apareceu Pedrinho de vara na mão; vinha pescar justamente ali. Chegou, pôs uma pobre senhora minhoca no anzol e já ia lançá-la ao rio, quando...

— Concha por aqui! — exclamou muito admirado. — **Isto tem dente de coelho!**...

.....
Isto tem dente de coelho: Há algo suspeito, aí tem coisa.

Pegou a concha. Examinou-a. Sacudiu-a ao ouvido. Percebeu barulhinho de carta dentro. Abriu-a: era carta mesmo!

— Hum! Carta para Lúcia. Há de ser namoro. — E voltou para casa a correr.

— Narizinho! — foi gritando logo da porta da rua. — Uma carta para você!...

A menina estava ajudando Tia Nastácia a enrolar rosquinhas de polvilho. Assim que ouviu aqueles berros, largou da massa, limpou as mãos no avental da preta e disse:

— De quem será, meu Deus do céu?

Rasgou o envelope e leu:

Senhora!

A felicidade do Reino das Águas Claras está nas vossas mãos. Nosso príncipe perdeu-se de amores e só pode ser salvo se a menina o aceitar como esposo. Ou casa-se ou morre, diz o médico da corte.

Quererá a menina salvar este reino da desgraça, compartilhando o trono com o nosso muito amado príncipe?

(Assinado) Peixinhos do mar

— Sim, senhor! — disse Narizinho depois de lida a carta. — Estes tais peixinhos sabem escrever na perfeição. Acho que nem vovó, que é uma danada, seria capaz de escrever uma cartinha tão cheia de gramáticas...

Depois, voltando-se para Pedrinho, ordenou muito naturalmente:

— Responda que sim, que aceito. Diga que estou ajudando Tia Nastácia a enrolar estas rosquinhas e logo que acabe irei casar com ele.

Dona Benta, que ia passando, ouviu o final da frase.

— Casar com quem, menina? Que história de casamento é essa?...

— Sim, vovó! Fui pedida em casamento e aceitei. Vou casar-me com o Príncipe Escamado.

Tia Nastácia arregalou os olhos para Dona Benta, que por sua vez tinha os olhos arregalados para a menina.

Narizinho riu-se de tanto olho arregalado e continuou:

— De que é que se espantam? Se toda a gente se casa, por que não posso casar-me também?

— Sim, minha filha — respondeu Dona Benta com **pachorra**. — Todos se casam, não há dúvida. Eu me casei, sua mãe se casou. Mas todos se casam com gente da mesma **igualha**. É muito diverso disso de casar com um peixe...

.....
Pachorra: Paciência, calma.

.....
Igualha: Posição social igual.

— Dobre a língua, vovó! Escamado é príncipe. Se se tratasse aí de um peixe vulgar de lagoa, vá que vovó falasse. Mas o meu noivo é um grande príncipe das águas...

— Mas não é criatura da nossa espécie, menina.

— E que tem isso? A Emília, que é uma boneca, não se casou tão bem com Rabicó, que é leitão? Acho as suas ideias muito atrasadas, vovó...

Dona Benta voltou os olhos para Tia Nastácia.

— Já não entendo estes meus netos. Fazem tais coisas que o sítio está virando livro de contos da Carochinha. Nunca sei quando falam de verdade ou de mentira. Este casamento com peixe, por exemplo, está me parecendo brincadeira, mas não me admirarei se um belo dia surgir por aqui um marido-peixe, nem que esta menina me venha dizer que sou bisavó de uma sereiazinha...

A negra benzeu-se com ambas as mãos.

— Credo! Até parece bruxaria... Mas se chegar esse tempo, sinhá, mecê que trate de arranjar outra cozinheira. Assim catacega como sou, tenho medo de escamar e fritar um bisneto de mecê pensando que é alguma traíra...

Enquanto as velhas discutiam o estranho caso, Pedrinho fez a carta de resposta. Depois dobrou-a, bem dobradinha. Depois fechou-a, bem

fechadinha, dentro do mesmo envelope-concha. Depois colocou o envelope-concha no lugar onde o havia encontrado.

Imediatamente os peixinhos escoteiros se aproximaram. Cheiraram a concha, viram que havia resposta dentro e com fortes narigadas a derrubaram n'água, voltando a rolar com ela pelo fundo do rio.

Quando o príncipe leu a resposta de Narizinho, quase morreu de alegria. Apesar de ser a carta mais curta do mundo, pois se compunha apenas de uma palavra — “SIM!” —, o príncipe perdeu a compostura e pôs-se a dar pinotes em cima do trono, que até parecia um peixe pescado e largado no seco.

Os ministros e demais fidalgos da corte trocaram olhares de aflição. Teria enlouquecido o amado príncipe?

Escamado, afinal, caiu em si, e ficou vermelhinho como um camarão.

— Perdoem-me estas **expansões**, amigos! — disse ele. — São alegrias loucas de um naufrago que vê afinal o porto da salvação. Este “sim” comoveu-me até o fundo da alma. Não é um simples sim, reparem. É um sim seguido de um ponto de admiração! Quer dizer que Narizinho não se limita a aceitar a minha proposta, mas a aceita com entusiasmo! Céus! Como me sinto feliz!...

.....
Expansões: Demonstração dos sentimentos.

Dando em seguida ordem para prepararem o reino para a maior festa que ainda houve nos Sete Mares, dirigiu-se à sua mesinha, molhou uma pena de beija-flor na pérola furada que lhe servia de tinteiro e principiou a escrever cartas de amor. Escreveu até acabar a tinta e a pena ficar reduzida a um toco. Ia escrevendo e mandando, e tantas escreveu e mandou que o mordomo do palácio teve de organizar um serviço de correio especial, dispondo milhares de sardinhas pelo mar afora, a pouca distância uma da outra. As cartas iam passando de mão em mão, como fazem os pedreiros com os tijolos.

Narizinho lia as cartas e respondia com presentes — ora uma flor, ora um grilinho do gramado, ora uma rosada e roliça minhoca. Mandou também uma das rosquinhas de polvilho, dizendo que fora enrolada pelas suas próprias mãos.

Foi o presente de que o príncipe mais gostou. Mas, em vez de comer a rosquinha, mandou que o melhor ourives do reino engastasse nela uma fileira de diamantes, de modo a transformá-la numa preciosa coroa.

— Ficaré sendo a minha coroa real — e nenhuma porei na cabeça com maior orgulho! — disse o príncipe, comovido.

Os brincos do marquês

Chegou afinal o dia da partida. De manhã cedo Narizinho deu os últimos retoques no vestido novo da boneca.

Emília fez cara de pouco caso. Achou feio. Queria vestido de cauda.

— Você — disse ela — convidou-me para madrinha do casamento, lembre-se. Como, pois, posso apresentar-me na corte com este vestido de **Judas no Sábado de Aleluia?**

.....
Judas no Sábado de Aleluia: Trapo, roupa muito velha.

— Lá arranharemos outro, como daquela vez — respondeu a menina. — Este é só para a viagem. Se faço vestido de cauda, você vai enganchando pelo fundo do mar, onde há muito pé de coral mais espinhento que carrapicho.

O Visconde de Sabugosa também ia, para servir de padrinho. Narizinho mudou-lhe a fita da cartola e pediu a Emília que o escovasse da cabeça aos pés.

— Este Senhor Visconde — acrescentou a menina — está mudando de gênio. Depois que caiu atrás da estante de vovó e lá ficou esquecido três semanas, embolorou e deu para sábio. Parece que os livros pegaram ciência nele. Fala difícilimo! É só física para aqui, química para ali...

— E Rabicó? — indagou a boneca.

— Rabicó não vai! — gritou Pedrinho que ia entrando nesse momento. — Está um marquês muito mal-educado, estragador de todas as nossas festas. Não se lembra do que fez com as cocadas no dia do seu próprio casamento?

Narizinho protestou.

— Mas não fica bem, Pedrinho! Rabicó, afinal de contas, é marido de Emília e não fica bem que Emília apareça na corte sozinha. Podem falar dela...

— Pois então vai — resolveu Pedrinho —, mas o meu **bodoque** vai também, e se ele não se comportar muito direitinho, já sabe — é cada pelotada na orelha de sair cinza!

.....
Bodoque: Atiradeira, estilingue.

Pedrinho ganhara um bodoque de **guatambu** e agora resolvia tudo a bodocadas. Mas Narizinho não se conformou.

.....
Guatambu: Árvore nativa do Brasil.

— Coitado de Rabicó! Não sei por que você tanto se implica com ele...

— Não é implicar, Narizinho. Rabicó é mesmo **capadócio** e encenqueiro por natureza. Veja o visconde. Não passa de um **simples** sábugo de milho, mas como é distinto, **palaciano**, todo cheio de **mesuras**! Quando se senta numa cadeira, fica ali **horas, dias, semanas inteiras** sem incomodar ninguém.

.....
Capadócio: Espertalhão, trapaceiro.

.....
Palaciano: Cortês.

.....
Mesuras: Reverências.

Às onze horas foram todos para a beira do ribeirão, onde já estava o coche do príncipe à espera deles no fundo da água.

— O coche já veio — disse Emília — e Rabicó ainda não está vestido. Você esqueceu-se de arrumá-lo, Narizinho.

— É verdade! Mas isso é coisa de um minuto — respondeu a menina e atou um laço de fita na caudinha encaracolada do marquês.

— Só faltam agora uns brincos — lembrou Pedrinho, tirando do bolso dois amendoins com casca. Estalou-os e prendeu-os na ponta de cada orelha do leitão. Depois disse de cara feia: — Não me vá comer os brincos, Senhor Marquês, senão já sabe o que acontece. — E apontou para o bodoque.

Nesse momento o Doutor Caramujo saiu d'água. Trepou a uma pedra e fez com os chifrinhos gesto de que podiam tomar o coche.

As águas imediatamente se abriram, como no Mar Vermelho quando os hebreus chegaram perseguidos pelos egípcios. Tomando a frente, Narizinho desceu ao fundo, seguida de todos os mais. Entraram no coche. Contaram-se. Faltava o marquês!

— Sempre se espera pela pior figura! — resmungou Pedrinho já meio aborrecido. — Por que será que ele não aparece?

Nisto a cabeça do Doutor Caramujo surgiu à janelinha.

— O Senhor Marquês não quer entrar! — murmurou ele muito aflito.

— Eu não disse? — exclamou Pedrinho **encolerizado**. — Rabicó já começa com encencas! Mas esperem aí... — E saltou do coche, de bodoque em punho.

.....
Encolerizado: Muito irritado.

Emília teve um começo de faniquito, sendo preciso que Narizinho lhe esfregasse no nariz uma folha de erva-cidreira.

Segundos depois, Rabicó, **esfogueteado** por Pedrinho, entrava para a carruagem feito uma bala, indo encorujar-se aos pés da menina. Emília olhou para ele e danou.

.....
Esfogueteado: Disparado.

— Veja, Narizinho! Rabicó já perdeu o brinco da orelha direita! E olhe como está todo amarrotado o laço de fita...

Pedrinho e o Doutor Caramujo surgiram.

— Finquei-lhe uma pelotada na orelha das de arrancar faísca! — foi dizendo o menino.

— Judiação! — exclamou a menina apiedada. — Mas o pior é que acertou no brinco, que lá se foi...

— Não faz mal — resolveu Pedrinho. — Explica-se lá na corte que a moda aqui na terra é um brinco na orelha esquerda e todos acreditam.

E voltando-se para o camarão cocheiro:

— Vamos!

O chicotinho do camarão estalou e os hipocampos partiram no galope.

O caminho por onde o coche corria era uma beleza. Florestas de esponjas. Florestas de algas. Florestas de corais. Até por uma floresta de mastros de navios naufragados o coche passou.

Os viajantes espiavam pelas janelinhas e viam deslizando no seio das águas os vultos dos mais terríveis monstros do mar — tubarões enormes, espadartes, serpentes. Até um polvo viram, ondeando os seus compridos tentáculos.

Emília gostou muito do polvo.

— Sou capaz de fabricar um! — exclamou, fazendo todos se voltarem para ouvir a asneirinha que ia sair. — Pego numa porção de cobras e amarro todas as cabeças num saco de couro e solto no mar e vira polvo!...



— Você é mesmo uma danada, Emília — disse Narizinho distraída, com os olhos postos em Rabicó, muito jururu no seu canto. — Mas era melhor que endireitasse o brinco de seu marido. Está cai não cai...

— Ele que coma o brinco de uma vez — respondeu a boneca. — Toda essa tristeza de Rabicó é vontade de comer o brinco.

Rabicó passou a língua pelos beiços, com uma olhadela para o bodoque de Pedrinho — e suspirou.

Enquanto isso Pedrinho conversava com o Doutor Caramujo a respeito da serpente do mar.

— Mas há ou não há essa tal serpente? — indagava ele. — Uns dizem que há, outros dizem que não há. Qual a sua opinião, Doutor Caramujo?

— Nunca a vi — respondeu o médico. — Mas o mar é tão grande que deve haver de tudo.

— Uma coisa não há — interveio Narizinho. — Sereias! Vovó diz que sereia é mentira.

Pedrinho fez um muxoxo de dúvida.

— Como vovó pode saber, se nunca **devassou** todos os mares?

.....
Devassou: Conheceu.

— Essa é boa! É de primeira. Parece até que a burrice de Emília pegou em você, Pedrinho! Vovó sabe porque lê nos livros e é nos livros que está a ciência de tudo. Vovó sabe mais coisas do mar, sem nunca ter visto o mar, do que este Senhor Caramujo que nele nasceu e mora. Quer ver?

E voltando-se para o ilustre doutor:

— Diga, doutor, qual é o seu nome científico?

O Doutor Caramujo engasgou, com cara de quem nem sequer sabia que tinha um nome científico.

— Não sabe, não é? — continuou Narizinho vitoriosa. — Pois fique sabendo que vovó sabe — e até o Senhor Visconde, só porque cheirou os livros de vovó, é capaz de saber. Vamos, visconde! Dê um **quinau** aqui neste sábio da Grécia. Diga qual é o nome científico dos caramujos.

.....
Quinau: Lição.

O visconde limpou o pigarro e deitou sabedoria.

— O Senhor Caramujo é um molusco gastrópode do gênero *Liparis*.

Entusiasmada com a ciência do visconde, Narizinho bateu palmas.

— Está vendo, doutor? O senhor é um *Liparis*, *Li-pa-ris*! Com “L” grande! Escreva na sua casca para não esquecer. O nosso visconde sabe o nome científico de todas as coisas, menos uma... Aposto que não sabe o nome científico de Emília!...

O visconde respondeu, depois de limpar outro pigarro:

— A Senhora Emília é um animal artificial que não está classificado em nenhuma zoologia.

Narizinho deu uma gargalhada gostosa.

— Eu não aturava tamanho desaforo! — disse cutucando a boneca. — Chamar a você, uma ilustre marquesa, de a-ni-mal!...

Emília olhou para o visconde com um arzinho de soberano desprezo.

— Não ligo a vegetais — disse ironicamente — que antes de serem viscondes andavam jogados no chão, perto do cocho das vacas, sujos de terra e outras coisas, sem cartola nem nada... O visconde é muito importante, mas treme de medo cada vez que passa perto da Vaca Mocha...

— O Senhor Visconde tem medo de vacas? — inquiriu o Doutor Caramujo muito admirado, apesar de não saber o que era vaca.

— Como não? — respondeu Narizinho. — Ele é sabugo e todo sabugo assim que vê uma vaca finca o pé no mundo. Não sabe que as vacas preferem comer um sabugo a comer um bombom? A mãe do visconde, o pai do visconde, os irmãos, os primos, os tios, o sogro — a parentela inteira do visconde, todos os sabugos lá do sítio de vovó foram mascarados pela Vaca Mocha. Só escapou este, porque usa cartola e vaca tem medo de sabugo de cartola.

Nesse momento o coche entrou por uma planície de areia que não tinha fim. Pedrinho olhou para aquilo com desânimo, a coçar a cabeça. Estava com preguiça de atravessar tanta areia.

— Estou farto de fundo do mar — disse ele. — O melhor é chegarmos já, já ao palácio do príncipe.

E sem esperar pela resposta dos outros, berrou para o camarão cocheiro:

— Chegue já, cocheiro, se não vai pelotada!...

O camarão cocheiro não discutiu. Puxou as rédeas e chegou e parou bem defronte do palácio real.

A chegada

Rodeado de toda a corte e de enorme multidão de povo do mar, veio o príncipe receber a menina. Assim que ela apeou do coche, todos bateram palmas, deram vivas e soltaram peixes fosforescentes, que eram os foguetes lá deles. O príncipe abraçou a sua noiva, nada podendo dizer de tanta comoção que sentia. Beijou-lhe a ponta dos dedos e subiu com ela as escadarias do palácio.

— Deve estar muito cansada — disse o peixinho por fim, depois que recobrou a voz. — Vou levá-la aos aposentos nupciais, onde tudo é pérola e coral.

— Que bonito! — exclamou Narizinho. — E os outros para onde vão?

— Tenho também maravilhosos aposentos para os outros. O visconde irá para o quarto das algas; o marquês, para o quarto dos corais vermelhos.



Narizinho interrompeu-o com uma risada.

— O Senhor Príncipe não conhece o gosto dos meus companheiros. O visconde, que é um sábio, só quer saber de livros. Basta enfiá-lo numa estante. E para o marquês, nada melhor do que um chiqueirinho com três grandes abóboras-do-mar dentro.

— E o Senhor Pedro?

— Esse é deixar solto por aí, com o bodoque. Não mexam com Pedrinho, que ele dana. Emília fica comigo.

— Julguei que a Senhora Marquesa de Rabicó fosse ficar no chiqueiro do Senhor Marquês...

A menina achou muita graça naquela ideia.

— Emília é uma emproada, príncipe, que não dá confiança ao marido. Casou-se só por casar, pelo título, e, se encontrar por aqui algum duque, é bem capaz de divorciar-se do marquês. A menos que não queira casar-se com o visconde — concluiu com malícia, voltando-se para a boneca.

Emília replicou sem demora, fazendo a sua célebre carinha de pouco-caso:

— “Animal” não casa com “vegetal”...

O príncipe ia se retirando para que a menina pudesse descansar à vontade, quando Pedrinho apareceu no quarto.



— E agora, príncipe, que é que vamos fazer agora? — indagou ele.

— Descansar da viagem — respondeu Escamado.

— E se fizéssemos de conta que já estamos descansados?

— Nesse caso, eu os convidaria para a festa de recepção na sala do trono.

— Como é essa festa, príncipe?

— Oh, muito linda! Começa com um bonito discurso oficial; depois, outro discurso...

— Pare, príncipe! Chega de discursos. Prefiro dar um passeio pelo fundo do mar, e Narizinho com certeza prefere ir tratar dos seus vestidos.

— É verdade! — acudiu a menina. — Preciso chegar à casa de Dona Aranha Costureira para combinar com ela o meu vestido de casamento e um

de cauda bem comprida para a marquesa. Não podemos aparecer na corte nestes trajes, não acha, Emília?

— Pois decerto. Basta a triste figura que fiz da primeira vez em que aqui estive. Em fraldas de camisa, lembra-se?...

Apuros do marquês

Enquanto Narizinho e Emília eram conduzidas à casa de Dona Aranha, Pedrinho, o visconde e Rabicó tomavam a direção da Floresta Vermelha — a mais linda mata de coral do reino.

— Deve ser lá que moram os polvos — disse Pedrinho. — Quero ver se levo um, para assustar Tia Nastácia no sítio.

O visconde ia abrindo a boca para dar sua opinião sobre os polvos, quando um grito agudo o interrompeu. Era Rabicó. Ao passar perto de um ouriço-do-mar, o bobinho julgou que fosse coisa de comer e — *nhoc!* Agora berrava com desespero, com o ouriço espetado na boca. Pedrinho correu em seu socorro e só a muito custo pôde livrá-lo do terrível bicho.



— Bem feito! — advertiu. — Quem manda ser tão guloso? Comporte-se como o visconde que nada acontecerá.

Rabicó respondeu soluçando e ainda com uma lágrima pendurada dos olhos:

— É muito fácil ser bem-comportado quando não se tem estômago. Mas eu tenho um estômago que vale por dois. Por mais que coma, estou sempre com fome — e hoje ainda nem almocei...

Pedrinho teve dó dele.

— Pois coma o brinco e contente-se com isso, porque não há mais nada por enquanto.

Sem esperar segunda ordem, Rabicó devorou o brinco de amendoim com casca e tudo. Não perdeu um farelinho! Depois lambeu os beijos, cheio de saudade do outro amendoim, espatifado pela pelotada de Pedrinho. Foram andando. Súbito **divisaram** ao longe um vulto negro.

— Quem será? — indagou o menino firmando a vista.
— Deve ser um gigantesco polvo — sugeriu o visconde.
— Polvo o seu nariz. Onde já se viu polvo com mastros? É navio e muito bom navio.

De fato era um navio naufragado — um enorme navio de três mastros, já meio enterrado na areia. Correram todos para lá; e como vissem um rombo no casco, entraram por ele. Puderam assim percorrer o navio inteirinho — os camarotes, os salões, o tombadilho. Rabicó separou-se dos companheiros para descobrir onde era a cozinha, na esperança de encontrar algum resto de comida. De repente gritou, muito alegre:

— Achei uma linda raiz de mandioca! Venham ver!...

Pedrinho e o visconde foram ver, mas viram coisa muito diferente. Viram Rabicó ferrar o dente na tal raiz de mandioca e viram a raiz mover-se como cobra, enlear-se nele e arrastá-lo para o fundo de um camarote.

— Que será isto? — murmurou Pedrinho aproximando-se na ponta do pé, com o bodoque armado. Espiou. Era um polvo! Estava o pobre marquês nos braços de um enorme polvo, que o olhava muito admirado, como se jamais houvera visto leitão com laço de fita na cauda. — É o que pensei — cochichou o menino para o visconde. — Rabicó mordeu no tentáculo deste monstro pensando ser mandioca. E agora está perdido!...

— Pelotada nele! — sugeriu o sábio.

— Não adianta — respondeu Pedrinho coçando a cabeça, sem saber o que fazer. Nisto teve uma ideia. — Senhorita — disse a uma sardinha que também estava assistindo ao espetáculo —, faça-me o favor de ir correndo ao palácio dizer ao príncipe que o marquês está nas garras de um polvo. Ele que mande ajuda com a maior urgência!...

Ia a sardinha dando uma rabanada para partir, quando o visconde a segurou pela caudinha.

— Senhorita, poderá acaso dizer-me qual é o seu nome científico?

Não sendo uma sardinha culta, julgou ela que o visconde estivesse caçoando e ofendeu-se.

— Malcriado! Não se enxerga? — retrucou botando-lhe a língua.

E lá se foi em direção ao palácio, toda empinadinha para trás, a resmungar contra o “**estafermo**”. O visconde, muito desapontado, ficou a refletir consigo que era uma pena serem totalmente analfabetos os habitantes daquele reino.

.....
Estafermo: Imbecil, palerma.

O vestido maravilhoso

Enquanto a tragédia de Rabicó se desenrolava no camarote do navio afundado, Narizinho e Emília escolhiam figurinos em casa de Dona Aranha Costureira. Depois passaram a escolher fazendas. Dona Aranha tirou dos seus armários de madrepérola um vestido cor do mar com todos os seus peixinhos; e com o maior pouco-caso, como se fosse de alguma casinha barata, desdobrou-o diante das freguesas assombradas.

— Que maravilha das maravilhas! — exclamou Narizinho, de olhos arregalados, sentindo uma tontura tão forte que teve de sentar-se para não cair.

Era um vestido que não lembrava nenhum outro desses que aparecem nos figurinos. Feito de seda? Qual seda nada! Feito de cor — e cor do mar! Em vez de enfeites conhecidos — rendas, entremeios, fitas, bordados, plissês ou vidrilhos — era enfeitado com peixinhos do mar. Não de alguns peixinhos só, mas de todos os peixinhos — os vermelhos, os azuis, os dourados, os de escamas furta-cor, os compridinhos, os roliços como bolas, os achatados, os de cauda bicudinha, os de olhos que parecem pedras preciosas, os de longos fios de barba movediços — todos, todos!... Foi ali que Narizinho viu como eram infinitamente variadas a forma e a cor dos habitantes do mar. Alguns davam ideia de verdadeiras joias vivas, como se feitos por um ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção. E esses peixinhos-joias não estavam pregados no tecido, como os enfeites e aplicações que se usam na terra. Estavam vivinhos, nadando na cor do mar como se nadassem n'água. De modo que o vestido variava sempre, e variava tão lindo, lindo, lindo, que a tontura da menina apertou e ela pôs-se a chorar.

— É a vertigem da beleza! — exclamou Dona Aranha sorridente, dando-lhe a cheirar um vidrinho de éter.

Emília espichou a munheca para apalpar a fazenda; queria ver se era encorpada.

— Não **bula!** — murmurou Narizinho com voz fraca, ainda de olhos turvos.

.....
Bula: Mexa.

O mais lindo era que o vestido não parava um só instante. Não parava de faiscar e brilhar, e piscar e furtar cor, porque os peixinhos não paravam de nadar nele, descrevendo as mais caprichosas curvas por entre as algas

boiantes. As algas ondeavam as suas cabeleiras verdes e os peixinhos brincavam de rodear os fios ondulantes sem nunca tocá-los nem com a pontinha do rabo. De modo que tudo aquilo virava e mexia e subia e descia e corria e fugia e nadava e boiava e pulava e dançava que não tinha fim... A curiosidade de Emília veio interromper aquele êxtase.

— Mas quem é que fabrica esta fazenda, Dona Aranha? — perguntou ela, apalpando o tecido sem que Narizinho visse.

— Este tecido é feito pela fada Miragem — respondeu a costureira.

— E com que a senhora o corta?

— Com a tesoura da Imaginação.

— E com que agulha o cose?

— Com a agulha da Fantasia.

— E com que linha?

— Com a linha do Sonho.

— E... por quanto vende o metro?

Narizinho, já mais senhora de si, deu-lhe uma cotovelada.

— Cale-se, Emília. Os peixinhos podem assustar-se com as suas asneiras e fugir do vestido.

Nesse instante a porta abriu-se assustadamente e o príncipe apareceu, mais assustado ainda.

— Uma grande desgraça! — foi ele dizendo. — Acaba de chegar uma sardinha mensageira com aviso do Senhor Pedrinho, comunicando que o Marquês de Rabicó está nas garras de um polvo!...

Narizinho empalideceu de susto e exclamou:

— É preciso salvá-lo, custe o que custar, Príncipe! Se Rabicó for comido pelo polvo, vovó vai ficar danada!...

— Já mandei em seu socorro o meu melhor batalhão de couraceiros. Só resta que cheguem a tempo...

— Quem são eles?

— Os caranguejos rajados.

— Mas caranguejo anda tão devagar, príncipe! — murmurou a menina com cara de desconsolo.

— Sim, mas partiram montados em velocíssimos peixes-elétricos. Tenho esperança de que tudo acabe bem.

— Os anjos digam amém! — suspirou a menina, ainda com o pensamento no pito que poderia levar de Dona Benta.

Emília aproveitou a oportunidade para perguntar ao príncipe que tal achava o figurino que escolhera para o seu vestidinho de cauda.

— Muito bonito — respondeu ele maquinalmente, pensando noutra coisa.

— Pois está às suas ordens — disse amavelmente a boneca.

Narizinho chamou-a de parte e cochichou-lhe ao ouvido:

— Não se meta a conversar com o príncipe. Você diz sempre o que não é para dizer.

Emília amarrou um pequeno burrinho, certa de que era de ciúmes que a menina não queria que ela falasse com o príncipe.

Vem vindo o socorro

Pedrinho suava na maior aflição. O socorro que pedira não vinha nunca. Quando chegasse, talvez Rabicó já estivesse estrangulado pelo monstro. O que estava retardando isso era a curiosidade do polvo. Parecia divertir-se em olhar para o focinho aterrorizado do mísero marquês de língua de fora, que revirava os olhos para todos os lados em procura da salvação. Pedrinho, que espiava a cena por uma fresta do camarote, fazia-lhe sinais para que não morresse antes da chegada do socorro. Quanto ao visconde, estava, por ordem de Pedrinho, trepado à gávea do mastro grande para dar aviso logo que avistasse as tropas do príncipe. Mas foi coisa que de nada adiantou. O visconde era um verdadeiro sábio e os sábios são muito distraídos. Logo que chegou ao alto do mastro, distraiu-se com uma baratinha do mar que andava por ali, ficando a **parafusar** que nome científico poderia ela ter. Por isso não viu a chegada dos couraceiros, nem pôde dar o aviso. Eram os tais couraceiros uns terríveis caranguejos rajados, de casca rija como a da tartaruga e armados de pinças piores que **boticão** de dentista. Por serem muito vagarosos, vinham montados em peixes-elétricos. Chegaram, apearam. O comandante perguntou ao menino onde estava o Senhor Marquês.

.....
Parafusar: No sentido figurado, pensar, matutar.

.....
Boticão: Tipo de alicate.

— No camarote número 7, bem no fundo — respondeu Pedrinho em voz baixa para que o polvo não ouvisse.

Os couraceiros foram avançando, pé ante pé. Foram avançando e, de repente, deram um pulo, todos ao mesmo tempo, e “fulminaram” o polvo. Sim, fulminaram. Como viessem montados em peixes-elétricos, tinham ficado carregadíssimos de eletricidade, como pilhas, e assim, mal seus

ferrões tocaram o polvo, produziu-se o terrível choque elétrico que o fulminou. E não fulminou Rabicó também? Não. Rabicó tinha-se agarrado por acaso a um para-raios que havia ali. Isso o salvou. E mal escapou do monstro, correu — *coim, coim, coim* — para onde estava o menino. Mas, apesar de salvo, continuava — *coim, coim, coim* — como se ainda estivesse sofrendo alguma coisa. Pedrinho examinou-o. O pobre marquês estava com um siri ferrado na pontinha da cauda!

— Escapei de um, mas caí noutro! — gemia o mísero. — Este polvinho que me está agarrado à cauda é duas vezes mais doído que o grande...

Em vez de livrá-lo do siri, Pedrinho achou graça no caso.

— Você fica lindo assim, marquês! Esse siri na cauda vai muito melhor que o laço de fita vermelha. — E deixou-o como estava.

Pedrinho foi dali examinar o polvo moribundo, naquele momento rodeado dos valentes couraceiros. Nisto viu o visconde que vinha descendo do mastro com a baratinha dentro da cartola.

— Acho que esta baratinha deve ser um *Balabera gigantea* das Índias Ocidentais — começou ele a explicar.

O menino ficou danado.

— E eu acho que o Senhor Visconde é um perfeito palerma. Foi para pegar baratinha que eu o mandei subir ao mastro?

— É verdade! — exclamou o visconde batendo na testa. — Esqueci-me completamente da sua recomendação. Mas não faz mal, volto para lá outra vez e assim que as tropas do príncipe apontarem ao longe darei sinal.

— Vai voltar mas é para o palácio, isso sim. Não vê que as tropas do príncipe já vieram e Rabicó já está salvo? — E, pondo o marquês em marcha, tomou rumo do palácio.

O visconde seguiu atrás, com a baratinha na mão. “Será uma *Balabera* ou uma *Stylopyga*? Que pena estar tão longe aquele livro de Dona Benta...”, ia pensando ele, todo rugas na testa. Chegados ao palácio encontraram as portas fechadas. O porteiro disse-lhes que o casamento já havia começado. Pedrinho aborreceu-se.

— Essa é boa! Será que terei de assistir ao casamento de Narizinho aqui da rua? Abra a porta! — ordenou ao porteiro.

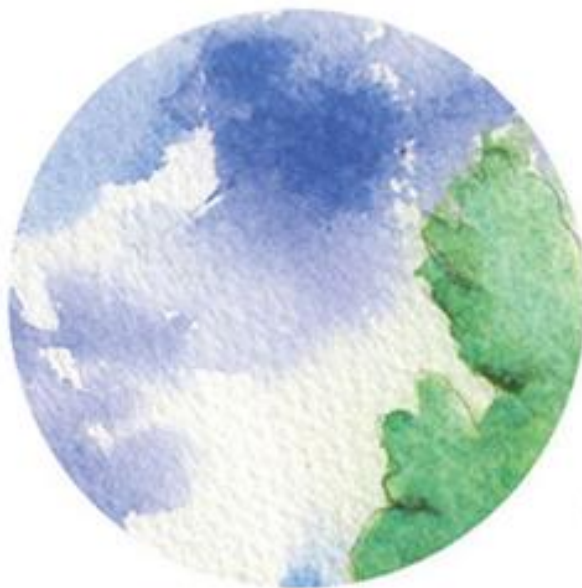
— Só com ordem do príncipe — respondeu este.

Pedrinho armou o bodoque; mas, mudando de ideia, disse a uma minhoca do mar que estava de prosa com o porteiro:

— Senhorita, faça-me o favor de passar pelo buraco da fechadura e ir dizer ao príncipe que mande abrir a porta incontinentemente, pois estou esperando aqui na rua...

Partiu a minhoca, e Pedrinho, ansioso por saber o que estava se passando, trepou a uma das janelas para espiar lá dentro. E viu tudo. Viu Narizinho deslumbrante no seu vestido cor do mar com todos os seus peixinhos. Na cabeça trazia um diadema feito das mais raras pérolas dos Sete Mares, e na

mão um cetro de nácar todo esculpido. Ao lado dela caminhava o príncipe no seu maravilhoso manto de rei, feito das mais raras escamas. Atrás vinha Emília, de vestido de cauda, braço dado a um soleníssimo bernardo-eremita. Este senhor trazia nas mãos uma salva de escamas onde repousava a coroa com que o príncipe ia ser coroado. Firmando a vista, Pedrinho viu que a coroa era a tal rosquinha que a menina lhe havia mandado de presente.



— Esta Narizinho é de muita sorte! — murmurou ele consigo. —
Apanhou um marido que além de príncipe tem ideias muito felizes...

Chegados aos primeiros degraus do trono, os reais noivos principiaram a
subir passo a passo, ao som das mais belas músicas que se possam imaginar.

Eram cantos de sereias vindas de todos os pontos do oceano. Pedrinho, que jamais vira sereia, arregalou bem arregalados os olhos pensando lá consigo: “E a boba da vovó que não acredita em sereia?” Súbito, o príncipe parou, como se alguém estivesse a lhe mexer no pé. Olhou para baixo. Viu a minhoca com o recado. Entendeu muito bem o que ela disse e, voltando-se para Narizinho, explicou:

— É Pedrinho, o visconde e o marquês que acabam de chegar.

— Que bom! — exclamou a menina batendo palmas. — Mas agora temos de recommençar a festa desde o começo, senão Pedrinho fica danado.

Quem mandava no reino já era Narizinho. Um desejo seu valia por ordem terminante, de modo que o príncipe fez parar a festa para começar novamente. Cada qual foi para o seu posto, todos muito compenetrados, à espera de que Pedrinho, o marquês e o visconde entrassem e tomassem as poltronas que lhes estavam reservadas. As portas do palácio abriram-se afinal e os três aventureiros surgiram. Emília, incontinente, notou qualquer coisa estranha na ponta da cauda do marquês.

— Que é que Rabicó tem na cauda? — interrogou ela firmando a vista. — Parece que o laço de fita virou siri... — E correu para ver bem. Verificando que era siri mesmo, desmaiou de vergonha — Ah!...

Houve grande rebuliço. Toda a corte correu para ampará-la. Veio às pressas o Doutor Caramujo, que lhe tomou o pulso demoradamente.

— Não está morta, não! — disse ele por fim. — Apenas desacordada.

— E como há de ser para acordá-la? — perguntou Narizinho ansiosa. — Não haverá éter por aqui?

— Há coisa melhor — declarou o Doutor Caramujo. — Há siris. Para acordar uma criatura desmaiada, não conheço nada melhor do que botar um siri em cima. Tragam-me um siri!...

O príncipe gritou:

— Um siri! Meu reino por um siri!...

— Aqui está um — disse Rabicó voltando-se de costas para o Doutor Caramujo, muito contente de ter aparecido aquele jeito de se livrar do incômodo brinco da cauda.

O doutor agarrou no siri, tirou-o da cauda de Rabicó e aplicou-o no nariz da Emília. A boneca imediatamente deu um suspiro.

— Onde estou eu? — murmurou abrindo os olhos, ainda apalermada.

— Sente-se melhor? — indagou o médico.

— Um pouco... Mas tenho a vista turva. Vejo tudo atrapalhado, como se o mundo estivesse cheio de pernas...

Eram as pernas do siri ainda pendurado no nariz dela! O doutor riu-se e, afastando-lhe do nariz aquele pernudo “éter”, guardou-o no bolso para outra emergência, dizendo:

— Um médico deve andar sempre prevenido...

Terminado o incidente, ia a festa começar de novo. Chegou o casamenteiro — outro bernardo-eremita, muito respeitado no reino pelas suas **manhas**. Fora convidado não só para fazer o casamento, como também para coroar o príncipe com a famosa coroa de rosquinha engastada de diamantes.

.....
Manhas: Talento, habilidade.

— Começa tudo de novo desde o princípio! — foi a ordem do príncipe.
E tudo recomeçou desde o princípio. As sereias repetiram os lindos cantos que já haviam cantado e os noivos repetiram a marcha a passos lentos em direção ao trono nupcial! Enquanto caminhavam, uma chuva de pérolas em pó caía sobre eles. Subiram ao trono. Sentaram-se. O **Venerando** Bernardo-Eremita pronunciou as palavras sacramentais e os casou, bem casadinhos. Palmas romperam, e gritos, e hurras. Narizinho estava princesa, finalmente! Restava a coroação. O Venerando Bernardo pronunciou outras palavras sacramentais e concluiu pedindo a coroa.

.....
Venerando: Respeitável.

Mas... que é da coroa? Havia desaparecido.
— A coroa sumiu! — murmurou o fidalgo que segurava a salva de escama, mais pálido que uma folha de papel. — Alguém furtou a coroa!...
— Miserável! — rugiu o príncipe, avançando para ele, tomado de súbito acesso de cólera. — Como deixou perder-se a mais rica joia de meu tesouro? — E deu-lhe uma cetrada na cabeça.
Foi um **rebuliço**. A corte **debandou** apavorada. Todos sabiam que quando o príncipe surrava alguém com o cetro era sinal de fim do mundo, pior que tempestade em alto-mar. Narizinho e seus companheiros acharam melhor debandarem também. Saíram dali correndo e chegaram pingando ao sítio de Dona Benta. Assim que pararam para tomar fôlego, Emília voltou-se para a menina e disse:

.....
Rebuliço: Confusão.

.....
Debandou: Fugiu.

— Eu vi, Narizinho! Juro que vi! Foi Rabicó quem comeu a coroa do príncipe!...

 AVENTURAS
do príncipe

O Gato Félix

Num dia de sol muito quente Lúcia e Emília sentaram-se à sombra da jabuticabeira à espera de Pedrinho, que fora ao mato cortar varas para uma **arapuca**. Longo tempo estiveram as duas recordando as festas do casamento, terminadas de um modo tão estranho em virtude da eterna gulodice de Rabicó. De repente, um miado de gato.

.....
Arapuca: Armadilha.

Narizinho admirou-se, porque não havia gatos no sítio.

— Emília — disse ela de ouvido à escuta —, este miado está me parecendo miado do **Gato Félix**...

.....
Gato Félix: Personagem de desenho animado muito popular do tempo do cinema mudo.

Era a primeira vez que a boneca ouvia falar em semelhante personagem.

— Quem é esse cidadão? — indagou.

— Oh, é um gato que você nem imagina que gato é, de tão inteligente e reinador! Mete-se nas maiores aventuras, aparece nas fitas de cinema, pinta o sete. Ninguém pode com a vida dele. O Gato Félix sai vencendo sempre.

— Nem Tom Mix?

— Tom Mix vê o Gato Félix e **bota-se**!...

.....
Bota-se: Sai, se manda.

Emília deu um suspiro.

— Ai, ai! Era com uma pessoa assim que eu desejava ser casada...

Nisto uma cara de gato apareceu numa moitinha próxima, a olhar para as duas com muita curiosidade.

— E ele mesmo! — exclamou a menina. — Juro que é o Gato Félix!... — E fez *pshuit, pshuit*...

O gato saiu da moita, vindo com toda a sem-cerimônia sentar-se no colo dela. Narizinho alisou-lhe o pelo e indagou:

— Como é que anda por aqui, Félix? Pensei que morasse nos Estados Unidos.

— Ando viajando — respondeu ele. — Estou correndo mundo para fazer um estudo sobre ratos. Quero saber qual o país de ratos mais gostosos. Até no fundo do mar já estive, onde me empreguei numa corte muito bonita de um tal Príncipe Escamado.

— Que bom! — exclamou a menina batendo palmas. — Não sabe que me casei com esse príncipe?

— Sei, sim. Ele mesmo me contou. Por sinal que anda morto de saudades da menina.

— E não me mandou nenhum recado?

— Mandou, sim. Mandou dizer que hoje, sem falta, vem ao sítio de Dona Benta fazer uma visita à sua querida esposa. Quer matar as saudades e também conhecer sua vovó.

— Sua de quem? Minha ou dele?

— Sua e dele. O príncipe chama Dona Benta de vovó.

Narizinho enterneceu-se.

— Vê, Emília? Vovó virou avó dele também... Que amor!

E voltando-se para o Gato:

— Mas vem hoje mesmo ou é um modo de dizer?

— Vem, sim. Quando saí de lá, o príncipe estava aprontando a malinha de viagem, com o coche de gala já à espera na porta.

— Como é a malinha dele? — perguntou a boneca.

— Não meta o bedelho, Emília — advertiu Narizinho. — Antes vá avisar vovó e Tia Nastácia da visita do príncipe. Mexa-se...

A boneca amarrou o burrinho, pois estava curiosa de ouvir a conversa do gato, e foi andando de corpo mole em direção à casa, sem a menor pressa de chegar. Enquanto isso a menina dizia ao Gato:

— Continue, Senhor Félix!

— Não me lembro onde estava...



— No coche...

— É verdade. O coche já está à espera dele. Vem o príncipe, vem o Doutor Caramujo, vem o Bernardo-Eremita, vêm todos.

Narizinho bateu palmas, e de tão contente chegou a dar um beijo no focinho do Gato Félix.

— Vai ser uma lindeza! A boba da vovó e Tia Nastácia vivem duvidando do que eu conto. Quero só ver a cara delas agora...

Depois chamou a boneca, que já ia meio longe:

— Emília!...

— Que é, Narizinho?

— Para onde vai indo com “tanta pressa”?

— Dar o recado que você mandou.

— Volte, boba! Não viu que falei de mentira?

Emília voltou, no seu passinho duro de boneca.

— Escute — disse-lhe a menina. — Vamos hoje pregar uma grande surpresa em vovó e preciso combinar tudo com Pedrinho. Vá chamar

Pedrinho. Diga-lhe que venha correndo.

— Chamar de mentira?

— Não! Desta vez é de verdade. E depressa! Vá num pé e volte noutro.

Pedrinho veio e os quatro levaram uma porção de tempo combinando a surpresa que iam pregar na pobre vovó. O Gato Félix foi mandado ao encontro do príncipe para avisá-lo da hora justa em que devia chegar. Em seguida Narizinho fez recomendações à boneca.

— A surpresa vai ser no finzinho do almoço. Mas você não pegue a fazer cara de muito sabida, que vovó desconfia.

Chegada a hora do almoço, todos foram para a mesa. Nada se passou de extraordinário até o momento do café. Aí Dona Benta fixou os olhos na cara da Emília e disse:

— Estou desconfiada de que vocês estão me armando alguma peça. Esse ar de sonsa da Emília não me engana.

Emília nunca soube fingir. Quando ia fingir, fingia demais e estragava o fingimento. Mas Narizinho sossegou a boa velha.

— Não é nada, vovó. Emília é uma bobinha.

Nisto ouviu-se rumor lá fora, seguido de batida na porta — uma batidinha muito delicada *tic, tic, tic...*

— Quem será? — exclamou Dona Benta, estranhando aquele modo de bater. E gritou para a cozinha: — Nastácia, venha ver quem bate.

A negra apareceu, de colher de pau na mão. Foi abrir, mas de acordo com o seu costume espiou primeiro pelo buraco da fechadura.

Espiou e ficou assombrada.

— Que é, filha de Deus? — perguntou Dona Benta inquieta.

— Credo! — exclamou a preta. — O mundo está perdido, sinhá!...

— Mas que é, rapariga? Desembuche...

— É uma bicharia, que não acaba mais, sinhá! O terreiro está “assim” de peixe, de concha, de caranguejo, de quanto bichinho esquisito há lá no mar. Até nem sei se estou acordada ou dormindo... — E beliscou-se para ver.

— Eu bem estava adivinhando que ia haver coisa hoje! — disse Dona Benta erguendo-se da mesa para espiar também. Arrumou os óculos e, afastando Tia Nastácia, olhou pelo buraco da fechadura. E ficou ainda mais assombrada do que a preta ao ver toda a população miúda do mar rodeando a casa.

— Que significa isto? — perguntou voltando-se para Narizinho.

— Não é nada, vovó. É o Príncipe Escamado com sua corte que vem nos visitar. Ele quer muito conhecer a senhora.

Dona Benta olhou para Tia Nastácia, de boca aberta, sem saber o que dizer.

— Eles são todos muito boa gente — continuou a menina. — Vão passar aqui a tarde e garanto que não desarrumam coisa nenhuma. Vovó pode ficar descansada.

— Mas que ideia, Narizinho, de virar esta casa em jardim zoológico! Onde iremos parar com tais brincadeiras?

— Não deixe, sinhá! — interveio a preta. — Não abra a porta. É tanto bicho esquisito que até estou tremendo de medo.

Narizinho deu uma risada.

— Eles não mordem, boba! São criaturinhas civilizadas e de muito boa educação.

A preta não se convenceu.

— Eu sei! — disse ela. — Certa ocasião um caranguejo me ferrou neste dedo que até marca deixou. Não consinta, sinhá! Não deixe entrar em sua casa essa bicharia sem jeito.

E foi tratando de botar a tranca na porta.

Vendo que a tranca na porta iria estragar todo o seu plano, Pedrinho saiu pelos fundos para entender-se com o príncipe, ao qual disse:

— Vovó e Tia Nastácia estão tremendo de medo, sem coragem de abrir a porta. Umas bobas. Pensam que vocês são desses bichos malvados que mordem.

O príncipe, que esperava uma calorosa recepção por parte de Dona Benta, ficou muito ressentido.

— Nesse caso prefiro voltar — disse com dignidade. — Não me julgo com direito de perturbar o sossego de uma tão respeitável senhora.

— Isso é que não! — retorquiu Pedrinho. — Já que vieram, têm que entrar, quer as velhas queiram, quer não queiram. Se não puderam entrar pela porta, entrarão pela janela. Esperem aí...

E foi correndo buscar uma escada.

Entram todos

Enquanto Tia Nastácia, depois de colocar a tranca na porta, procurava arrastar a mesa para formar uma barricada, o príncipe e sua comitiva iam subindo pela escadinha que o menino trouxera. Subiram e pularam para dentro da sala. Quem primeiro pulou foi o Doutor Caramujo. Tia Nastácia, ainda às voltas com a mesa, ouviu o barulhinho e voltou-se. Deu um berro.

— Acuda, sinhá! Estão pulando pela janela! Olhe quem está atrás de mecê! Um bichinho de óculos, que é um verdadeiro “felómeno”...

Narizinho explicou:

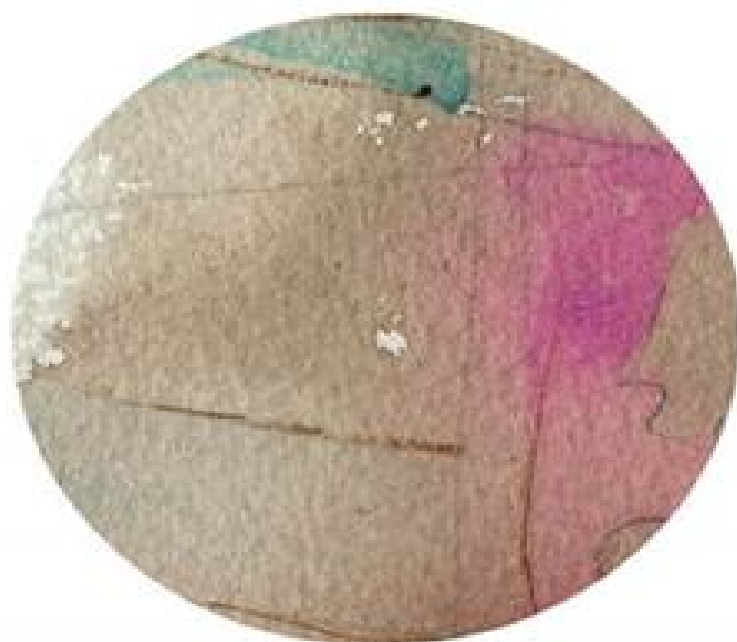
— Não tenha medo, vovó. Este é o Doutor Caramujo, o grande médico que fez Emília falar. Tem pílulas para todas as doenças. É até capaz de curar aquele pinto sura que está com estupor.

Dona Benta havia voltado o rosto e visto atrás dela o Doutor Caramujo, de óculos, a lhe fazer um cumprimento muito amável. E o seu espanto, que já era grande, cresceu ainda mais ao ver surgir na janela um peixinho vestido de rei.

— Este é o meu esposo, o Príncipe Escamado, rei do Reino das Águas Claras — explicou Narizinho, fazendo as apresentações. — E esta senhora, príncipe, é a minha querida vovó, Dona Benta de Oliveira.

Com uma gentil cortesia, o príncipe murmurou, todo amável:

— Tenho muita honra em conhecê-la, minha senhora, e peço-lhe permissão para a tratar de vovó também.



A pobre velha por um triz que não desmaiou. Abanou-se muito aflita — *uff, uff!*... Depois, voltando-se para a negra:

— Ele fala mesmo, Nastácia! Fala tal qual uma gente...

A preta fez o sinal da cruz. Enquanto isso os outros fidalgos da corte foram pulando. Pulou o Venerando Bernardo-Eremita. Pulou a Senhorita Sardinha. Pulou Dona Aranha Costureira. Pulou o Major Agarra-e-Não-Larga-Mais. Cada um que pulava era um novo berro de Tia Nastácia.

— E uma sardinha agora, sinhá! — ia ela exclamando. — E agora uma aranha! E agora um sapo! O mundo está perdido...

Por fim não aguentou mais: disparou para a cozinha. Dona Benta, porém, foi se acostumando, e dali a pouco já não estranhava coisa nenhuma. Começou até a achar uma graça enorme em tudo aquilo.

— Você tem razão, minha filha — disse ela por fim. — Esse mundo em que você e Pedrinho vivem é muito mais interessante que o nosso.

E ferrou numa prosa comprida com o Doutor Caramujo a propósito da doença do pinto sura. Enquanto isso, Narizinho ia mostrando ao seu amado príncipe as coisas da sala. Mostrou o relógio da parede, mostrou os pratos do armário, mostrou o pote d'água. O que mais mexeu com o peixinho foi um guarda-chuva que estava a um canto.

— Para que serve isto? — perguntou ele.

— Para a gente não se molhar — respondeu a menina.

— Por que não o levaram, então, na viagem ao fundo do mar?

Tanta graça achou a menina nessa pergunta que não resistiu à tentação de agarrá-lo e beijá-lo na testa.

— Você é um burrinho, sabe, príncipe? Um amor de burrinho...

Como ignorasse o que queria dizer “burrinho”, o príncipe não se ofendeu. Depois, notando a ausência do Visconde de Sabugosa e do Marquês de Rabicó, pediu notícias.

— O visconde **levou a breca** — respondeu a menina. — Voltou da viagem ao fundo do mar tão encharcado que tive de pendurá-lo no varal de roupa para enxugar. Mas ficou mal pendurado. Deu o vento e caiu e ficou esquecido num canto por muito tempo. Resultado: deu nele uma doença esquisita chamada bolor. Ficou todo verdinho, coberto de um pó que sujava o assoalho. Embrulhei-o, então, num velho fascículo das **Aventuras de Sherlock Holmes** que andava rodando por aí e o botei não sei onde. Com certeza já morreu...

.....
Levou a breca: Saiu-se mal.

.....
Aventuras de Sherlock Holmes: Obra cujo protagonista é o famoso personagem
detetive criado pelo escritor britânico Arthur Conan Doyle.

— Que horrível desgraça! — exclamou o príncipe seriamente compungido. — Logo que voltar ao reino hei de decretar luto oficial por sete dias.

— Não vale a pena, príncipe! O nosso visconde já andava meio maluco com as suas manias de sábio. Ficou tão científico que ninguém mais o entendia. Só falava em latim, imagine! Logo chega o tempo da colheita de milho e eu arranjo um visconde novo.

— E o Senhor Marquês?

Narizinho teve receio de contar que fora Rabicó o ladrão da coroinha do príncipe. Limitou-se a dizer que, como estivesse emagrecendo muito, Tia Nastácia o pusera num chiqueiro para engordar.

— Muito simpático o marquês — disse o príncipe por amabilidade. — Também acho muito simpática a Senhora Marquesa.

— Eu quero tanto bem à Emília — explicou Narizinho — que tenho vontade de desmanchar o seu casamento com o marquês para casá-la com o Gato Félix. Emília não está sendo feliz no primeiro casamento.

— Por quê, se não é indiscrição?

— Os gênios não se combinam. Além disso, Emília não se casou por amor, como nós. Só por interesse, por causa do título. Emília não é mulher para Rabicó. Merece muito mais. Merece um senhor sacudido e valente como o Gato Félix. É verdade que ele está a serviço da corte?

O príncipe mostrou-se surpreso.

— Gato Félix? — disse franzindo a testa. — Não conheço esse freguês...

— Como não, se foi ele quem trouxe a notícia da sua visita, príncipe?

— Não pode ser! Mandei o recado por uma sardinha...

Narizinho ficou a cismar. Lembrou-se de que quando dera o beijo no focinho do gato sentira um cheiro de sardinha. “Querem ver que ele comeu a mensageira do príncipe com o recado e tudo?”, pensou consigo. Nada disse, porém, para não entristecer o seu querido maridinho. E, mudando de assunto, convidou-o a dar uma volta pelo sítio.

Tia Nastácia e a Sardinha

Tia Nastácia também havia perdido o medo aos bichinhos depois que viu que não mordiam. Chegou até a ficar amiga íntima da Senhorita Sardinha, ou

Miss Sardine, como era chamada no reino, por ter nascido nos mares que rodeiam a Terra Nova, perto do Canadá. Como boa norte-americana, Miss Sardine mostrava-se muito segura de si. Não era acanhada como as outras. Fazia o que lhe dava na cabeça, tornando-se famosa no reino pelas suas excentricidades. Uma delas consistia em dormir dentro de uma latinha, em vez de dormir na cama.

— Estou praticando para a vida futura — costumava dizer com um sorriso melancólico. — A vida futura das sardinhas, como todos sabem, não é no céu, mas dentro de latas...

Miss Sardine fez grande camaradagem com Tia Nastácia. Logo que chegou foi se metendo pela cozinha adentro, a examinar tudo com uma curiosidade de mulher velha. E não parava com as perguntas.

— Que monstro esquisito é este? — perguntou mostrando o fogão.

— Isso se chama fogão — respondeu a preta.

— E essa coisa vermelha que ele tem dentro?

— Isso se chama fogo.

— E para que serve?

— Serve para queimar o dedinho de quem bole com ele.

E Tia Nastácia dava risadas gostosas, vendo a cara de admiração que Miss Sardine fazia.

Em certo momento trepou a uma prateleira. Pôs-se a remexer em tudo. Enfiou a cabecinha dentro do vidro de sal e provou.

— Hum! Estou conhecendo este gosto!...

— Isso é farinha lá da sua terra; vem do mar — explicou a preta.

Provou depois uma pitadinha de açúcar, achando tão bom que pediu para levar um pacote.

Quando destampou o vidro de pimenta-do-reino em pó, Tia Nastácia a advertiu:

— Cuidado! Isso arde nos olhos.

Antes não avisasse! Miss Sardine assustou-se, escorregou e caiu de ponta-cabeça dentro do vidro de pimenta. Aquilo foi um pererecar e berrar de meter dó!

— Acuda! Estou cega...

A negra, muito aflita, tirou-a de dentro do vidro e lavou-a na bica d'água, dizendo:

— Bem feito! Quem manda ser tão reinadeira? Eu logo vi que ia acontecer alguma...

Miss Sardine não a ouvia, continuando a gritar e espernear.

— Acuda! Está pegando fogo nos meus olhos! Estou cega, não enxergo nada!...

— Isso passa — consolou a preta. — Tenha um pouco de paciência, menina. Muito pior seria se tivesse caído dentro da frigideira de gordura quente.

Por uns instantes esteve ela assim, com os olhos a arder. Afinal foi sarando, e sarou, e abriu os olhos — primeiro um, depois o outro, depois os dois. Muito admirada de enxergar tão bem quanto antes, deu uma risadinha feliz.

— Sarei! — exclamou Miss Sardine, piscando muito e olhando para tudo a fim de ver se os olhos estavam bons mesmo ou só meio bons. Depois voltou às perguntas, indagando que coisa era uma frigideira.

Tia Nastácia ficou atrapalhada. Contar a um peixinho o que é frigideira até chega a ser judiação. De dó dela, a negra deu uma resposta que a deixou na mesma.

— Frigideira — disse — é uma panela rasa onde se põe uma certa água grossa, chamada gordura, que chia e pula quando tem fogo embaixo.

— Que bonito! — exclamou Miss Sardine admirada. — Um dia hei de voltar aqui para passar uma hora inteira nadando nessa água que pula.



A negra tapou a boca com as mãos para esconder a risada que ia saindo. Nesse momento Dona Benta gritou lá do fundo do quintal:

— Nastácia! Venha depressa...

— Que será, meu Deus do céu? — exclamou a preta, correndo a ver do que se tratava.

Encontrou Dona Benta perto do galinheiro, em conferência com o Doutor Caramujo a respeito da doença do pinto sura. Assim que chegou, Dona Benta disse:

— Nastácia, veja se me pega o pinto sura.

— Para quê, sinhá? — perguntou a preta estranhando a ordem.



— O Doutor Caramujo quer dar-lhe uma das suas milagrosas pílulas. Diz que não há melhor remédio para estupor de pintos suras.

Tia Nastácia abriu a boca. Seria possível que aquele bichinho cascudo entendesse até de pílulas?

— Ele está mangando com mecê, sinhá! Onde já se viu caramujo entender de remédios? É **impostoria** dele, sinhá. Não acredite.

.....
Impostoria: Mentira.

— Eu também estou duvidando e por isso quero tirar a prova. Pegue o pinto.

Resmungando que o mundo estava perdido, foi Tia Nastácia em procura do pinto. Pegou-o e trouxe-o.

— Agora preciso de um canudinho — disse o Doutor Caramujo. — Só sei dar pílulas a pinto pelo sistema do canudo.

A negra foi resmungando procurar o canudinho. Trouxe-o. O Doutor Caramujo explicou então como se fazia. Enfiava-se o canudinho na garganta do pinto; punha-se a pílula dentro do canudinho; depois era só assoprar.

— Ora veja! — exclamou Tia Nastácia sacudindo a cabeça. — Uma coisa tão simples e eu nunca me lembrei! Estou vendo que esses bichinhos do mar são mais sabidos do que a gente, sinhá.

A pílula foi colocada dentro do canudinho e o canudinho foi enfiado dentro da garganta do pinto.

— Preciso agora de uma pessoa que assopre. Se não houver pessoa assopradeira, um fole serve.

— Assopre, Nastácia! — mandou Dona Benta.

Tia Nastácia agachou-se, pôs a boca na ponta do canudinho e ia assoprar quando deu um berro, erguendo-se a tossir como uma desesperada.

— Que aconteceu, Nastácia?

A resposta foi uma careta de quem está engasgado com alguma coisa amarga. Depois falou.

— Aconteceu, sinhá, que o pinto assoprou primeiro e quem engoliu a pílula fui eu!...

Dona Benta não pôde deixar de rir-se; a negra, porém, não achou graça nenhuma, e até se mostrou apreensiva, com medo de que a pílula lhe fizesse mal.

— Não fará mal nenhum — asseverou o Doutor Caramujo. — Até pode curar alguma moléstia que a senhora tenha lá por dentro sem saber.

E assim foi. Tia Nastácia sarou de uma célebre “**tosse de cachorro**” que a vinha perseguindo havia duas semanas, e tanta fé passou a ter nas pílulas do Doutor Caramujo que as receitava para todo mundo. Até para o Chico Orelha, um pobre sem orelhas que por lá aparecia às vezes a pedir esmolas.

.....
Tosse de cachorro: Tosse rouca.

— Tome uma dúzia, seu Chico, que lhe nasce um par de orelhas novas ainda mais bonitas que as que lhe cortaram.

Os segredos da Aranha

Dona Aranha, apesar de manca, jamais deixara de acompanhar o príncipe nas suas viagens — nem ela, nem o Doutor Caramujo. Médico tem sempre serviço numa viagem e costureira também — um botão que cai, um pé de meia que fura. Por isso Dona Aranha também viera. Trabalhadeira como ninguém, assim que chegou foi logo para o quarto de costuras examinar os apetrechos de Dona Benta — a cestinha, a almofadinha de alfinetes, os agulheiros, os carretéis. Só não gostou da máquina.

— Muito pesada e complicada — disse para Emília, que era a mostradeira de tudo.

Vendo-se só com a Aranha, a boneca regalou-se de fazer quantas perguntinhas quis.

— Acho muito bonito esse seu sistema de trazer o carretel dentro da barriga — disse ela. — Só não compreendo como a senhora faz para engolir um carretel...

— Eu não engulo carretéis, menina — explicou a Aranha. — Nós nascemos com o carretel dentro.

— E quando acaba?

— Não acaba nunca.

— Hum! Já sei! A senhora tem fábrica de linha na barriga, não é?

— Deve ser. Nunca entrei dentro de mim para saber.

— Pois eu sei o que há dentro de mim. É só macela. Quando fiquei com a perna seca, Tia Nastácia me consertou e eu vi. Ela pôs só macela da bem amarelinha e cheirosa.

— E seu marido, o marquês? — perguntou Dona Aranha. — Também é cheio de macela?

— Creio que não, porque Rabicó é diferente de mim em tudo. Por exemplo: ele come e eu não como. Só como de mentira, por brincadeira.

— Não come? — exclamou Dona Aranha muito admirada. — É a primeira pessoa que ouço dizer isso...

— Nunca comi coisa alguma — e sinto bastante, porque comer parece uma coisa muito gostosa. Rabicó quando come arregala os olhos de gosto e grunhe se alguém se aproxima. A Vaca Mocha, essa até baba quando come um sabugo de milho.

— Pois lá no mar não existe uma só criatura que não coma. E um come o outro. A gente precisa andar com as maiores cautelas, espiando de todos os lados e escondendo-se quando vê algum peixe. Minha mãe foi comida por uma garoupa.

— Coitada! — exclamou Emília deveras compungida. — E era também costureira?

— Era sim. Todas as aranhas são costureiras.

— E tinha também carretel na barriga?

— Está claro. Basta ser aranha para ter carretel na barriga.

— E de que cor era a linha?

— A cor não varia. É sempre a mesma para todas as aranhas.

— Que pena! — exclamou Emília triste. — Gosto muito da cor vermelha e, se soubesse de uma aranha de linha vermelha, iria morar com ela.

— Para quê?

— Para ver. Para sentar debaixo da jabuticabeira e ver aquela linha tão linda que sai, sai, sai e não se acaba nunca...

Enquanto Emília ia dizendo suas asneirinhas, Dona Aranha, para não perder tempo, cerzia meias. Cerzia tão bem que não havia quem fosse capaz de perceber o cerzido.

Admirada da perfeição do trabalho, Emília disse:

— Se a senhora se mudasse para a cidade, havia de ganhar um dinheirão.

— E que faria do dinheiro?

— Oh, muitas coisas! Podia comprar uma casa, podia comprar um guarda-chuva. Pedrinho diz que é muito bom ter dinheiro.

— E ele tem muito?

— Muito! Pedrinho é bastante rico. Tem um cofre com mais de cinco cruzeiros dentro.

— E para que quer tantos cruzeiros?

— Diz que vai comprar um revólver. Eu, se tivesse dinheiro, sabe o que comprava? Um trem de ferro! Não há nada de que eu goste tanto como o trem de ferro...

— Por quê?

— Porque apita. A senhora já ouviu apito de trem?

Nesse ponto a conversa foi interrompida por um recado de Narizinho, ordenando que Emília se vestisse para sair a passeio.

— Adeus, Dona Aranha. Narizinho está precisando de mim. Vai passear conosco ou fica?

— Fico. Estou com fome. Quero ver se apanho umas três moscas.

— Não use vinagre — aconselhou Emília retirando-se. — Tia Nastácia diz sempre que não é com vinagre que se apanham moscas.

Valentias

Pedrinho fora dar uma volta com o Capitão dos Couraceiros vindos para a guarda do príncipe. Esses valentes soldados tiveram ordem de ficar fora da casa, para que Tia Nastácia não se assustasse. Pedrinho fez logo boa camaradagem com o capitão, que era grande contador de proezas. Contou de uma terrível luta entre dois espadartes e duas baleias, a que ele assistiu de pertinho. Sua valentia consistira nisso — assistir de pertinho. Contou depois as suas próprias façanhas, lutas com lagostas, ataque a um filhote de peixe-espada. Pedrinho tinha paixão por histórias de caçadas, guerras, lutas de boxe — aventuras de terra e mar, como dizia Dona Benta. Ouvia com interesse as histórias do Couraceiro e contava outras. Contou histórias de onças, tigres-de-bengala, leões do Uganda, jacarés do Amazonas.

— E qual o bicho da terra que acha mais perigoso? — perguntou o Couraceiro, que ignorava completamente tudo que não se referia ao mar. — Dizem que é o leão.

— É e não é — respondeu Pedrinho para mostrar que entendia do assunto. — É porque é, e não é porque com uma boa bala na cabeça qualquer caçador dá cabo de um leão. Para mim o bicho mais perigoso é uma tal vespa, que quando morde incha o lugar e arde que nem fogo.

O Couraceiro não fazia a menor ideia do que fosse uma vespa.

— Mas com uma bala na cabeça qualquer caçador não dá cabo de uma vespa? — perguntou.

— Se acertar, sim — respondeu o menino. — Mas ainda está para existir um caçador que acerte uma bala em cabeça de vespa.

O Couraceiro arregalou os olhos.

— Só se são encantadas...

— Pior que isso. São deste tamanho e voam como umas danadas. Certa vez uma ferrou na ponta da língua de Narizinho. A coitada viu fogo! Vespa, sim, é um bicho danado. Eu, por exemplo, que não tenho medo de coisa nenhuma, confesso que respeito as vespas — e não sinto vergonha nenhuma de dizer isso.

O Couraceiro, um dos caranguejos mais **gabolas** do mar, deu uma risada de desafio.

.....
Gabolas: Convencidos.

— Pois eu só queria encontrar-me com uma! Tenho tirado a prosa de muito bichinho valente e tirava a das vespas também.

Pedrinho riu-se.

— Sua valentia vem da couraça, capitão. Tire a casca e venha lutar com uma vespa, se é capaz!

Ofendido com o juízo que o menino fazia dele, o Couraceiro replicou:

— Saiba que já me bati com uma grande lagosta e a venci em poucos minutos.

— Grande coisa! Pois eu já dei no Chiquinho Pé-de-Pato, que é o moleque mais temido lá da cidade, e no entanto corro de vespa. Corro e hei de correr, e nunca terei vergonha de contar isso, porque medo de vespa é o único medo que não desmoraliza ninguém.

Estavam nesse ponto quando Emília passou, muito requebrada no seu vestido de teia cor-de-rosa. Ia tão absorvida em altos pensamentos que nem os percebeu.

— Quem é esta senhora?

— Pois é a Marquesa de Rabicó, não sabe? Uma das damas mais ilustres dos tempos modernos.

— Hum! — fez o Couraceiro lembrando-se. — Se não me engano estive lá no reino há muito tempo, em companhia de Narizinho. Mas naquela época usava camisola e tinha os cabelos pretos.

— Emília muda muito, não é como vocês que são sempre os mesmos. Cada vez que Narizinho se enjoa da cara dela, muda. Muda tudo. Muda a boca mais para baixo ou mais para cima. Muda as sobrancelhas, muda os olhos. Houve até uma vez em que Emília passou sem olhos cinco dias.

— Como assim?

— Narizinho estava mudando os olhos dela, que são de retrós, e já tinha arrancado os velhos para pôr novos, quando viu que não havia mais retrós no carretel. Até que alguém fosse à cidade e trouxesse mais retrós, a coitada ficou sem olhos, ceguinha num canto, sem enxergar coisa nenhuma...

Apesar de ser um guerreiro de coração duro, o caranguejo murmurou apiedado:

— Coitada! Como não havia de ter sofrido...

— Mas também — continuou Pedrinho —, quando a linha veio e Narizinho botou-lhe olhos novos, bem arregalados, Emília tirou a forra. Passou o dia inteiro sem fazer outra coisa senão olhar, olhar, olhar.

— Tem filhos? — perguntou ainda o curioso capitão.

— Não. Narizinho não quer. Emília é sua companheira de passeios e viagens. Se tivesse filhos, teria de ficar em casa a dar de mamar às crianças, a lavar fraldinhas — e adeus passeios...

Os espantos do príncipe

Narizinho e o príncipe, de braços dados, percorriam o sítio. Já haviam visitado o chiqueirinho de Rabicó. Estavam agora sentados na grama, à espera da Emília para irem ver a Vaca Mocha. O príncipe não fazia a menor ideia do que fosse uma vaca e mostrava-se impaciente por ser apresentado àquela.

— A Vaca Mocha — ia explicando a menina — é a senhora mais importante aqui do sítio — depois de vovó e Tia Nastácia. Muito bondosa, incapaz de fazer mal a um mosquito.

— Mas como então devorou o pai, a mãe e todos os parentes do Senhor Visconde de Sabugosa?

— É que eles eram sabugos e, sendo sabugo, a Mocha não perdoa mesmo. Agarra e vai mascando. Mas para gente como nós, gente de carne, ela não faz nada. Vaca não come carne, sabe? Nem minhoca! Pedrinho já fez a experiência. Pôs-lhe uma gorda minhoca no **cocho**. Sabe o que ela fez? Virou a cara de lado e cuspiu de nojo.

.....
Cocho: Local onde o gado come.

O príncipe lá no seu íntimo achou que a vaca devia ser uma criatura de muito mau gosto. Comer sabugo e ter nojo de minhoca era para ele a coisa mais absurda do mundo. Nisto chegou Emília.

— Que demora! — disse Narizinho. — Estamos aqui à sua espera faz um século. Que esteve fazendo?

— Ajudando Dona Aranha a remendar suas meias, sabe? Oh, como Dona Aranha remenda bem! Cerze com a maior perfeição. Se eu fosse você não deixaria Dona Aranha voltar para o reino.

E dirigindo-se ao príncipe:

— Por que não dá Dona Aranha para Narizinho? Apesar de ser princesa, Narizinho anda sempre de meias furadas por falta de uma boa aranha aqui no sítio.

— Começam as inconveniências! — advertiu a menina fazendo carranca. — Anda com meias furadas o seu nariz. Vamos visitar a Vaca Mocha que é o melhor.

Foram em direção à cocheira. Assim que o príncipe deu com a vaca, estacou, de olhinhos muito arregalados. Nunca supôs que houvesse um bicho tão fora de propósito.

— Pois é esta a Mocha, príncipe — disse a menina. — Veja que respeitável senhora é, que pelo macio, que pontudos chifres. Mocha quer dizer sem chifres. Esta é a única exceção que há no mundo, isto é, aqui no sítio.

O príncipe olhava, olhava, sem entender muito bem. Depois entrou com perguntas.

— E que é isto que ela tem pendurado aqui embaixo?

— São as tetas — explicou a menina. — Teta quer dizer torneirinha de leite. Tia Nastácia espreme essas tetas para tirar uma água branca chamada leite. Todas as manhãs eu tomo um copo desse leite bem quentinho e espumante, tirado justamente dessas torneirinhas.

— E isto aqui? — perguntou o príncipe, apontando com o cetro para a cauda.

— Isso é o espantador de moscas. Serve para espantar as moscas que vêm brincar em cima dela.

Querendo também mostrar sua ciência, Emília acrescentou:

— Esse espantador foi pregado aí por Tia Nastácia. Quando a Mocha nasceu não tinha nada atrás.

— Não acredite, príncipe! Emília está bobeando você. Todas as vacas já nascem de espantador, como todos os peixes já nascem de cauda.

Tão interessante achou o príncipe aquele comprido apêndice movediço com mecha de cabelo na ponta, que se declarou disposto a adotar a moda no reino. Depois examinou atentamente os chifres.

— Também são espantadores de moscas? — perguntou.

— Não! — respondeu a menina. — Isso aí são espantadores de gente. Chamam-se chifres e servem para chifrar.

— Chifrar? Que é chifrar? — indagou ele, de carranquinha.

A menina deu uma risada gostosa.

— Chifrar, príncipe, é dar chifradas, entende? É dar uma cabeçada com os dois espetos tortos na testa. Mas não tenha medo. A Mocha não chifra ninguém — só cachorro que vem latir perto dela.

— E estas quatro estacas? — perguntou o príncipe apontando para as pernas da Mocha.

Narizinho deu outra risada ainda mais gostosa.

— Como é burrinho este meu maridinho! Pois não vê que são as pernas? Sem isso, como poderiam as vacas ficar de pé e andar?

Emília meteu o bedelho.

— Essa é boa! Quantos bichos não há sem pernas e que andam muito bem?

— Diga um, vamos!...

— O relógio de Dona Benta. Não tem pernas e ela diz sempre: “Este relógio, apesar de ser mais velho do que eu, *anda* muito bem.”

A menina olhou para Emília com cara de dó.

— Que pena! — disse. — Tão “inteligente” e não aprende nunca a diferenciar as criaturas vivas das coisas inanimadas...

O príncipe não tirava os olhos da vaca, sempre admirado. Quis saber como é que ela fabricava o leite.

— Está aí uma coisa que não sei — respondeu a menina. — A Mocha come capim, come abóbora, come sabugo, mastiga tudo muito bem, engole — e sai leite do outro lado pelas torneirinhas. Tudo quanto come vira em leite. Se comer o visconde, vira-o em leite também. É um mistério que não entendo.

— Pois eu entendo! — gritou Emília. — É que a Mocha todos os dias come mandioca. Leite, na minha opinião, é mandioca líquida.

— Que sandice, Emília! Que bobagem! Pois não vê que Rabicó também come mandioca e não dá leite?

— Isso é porque Rabicó não tem torneirinhas. Se Tia Nastácia pusesse nele quatro torneirinhas, juro que saía leite.

— Desculpe, príncipe — disse a menina voltando-se para ele. — Esta nossa amiga Marquesa possui uma torneirinha de asneiras. Quando a abre, ninguém pode com a vida dela.

Mas Escamado não ouvia. Continuava de olhos pregados na Mocha. Por fim mostrou desejos de levá-la para o reino.

— Impossível, príncipe! — respondeu Narizinho muito pesarosa. — Em primeiro lugar, Mocha é de vovó e vovó não deixa; em segundo lugar, beberia pelo caminho tanta água do oceano que o leite ficaria salgado.

— Que pena! Esta senhora faria um grande sucesso na minha corte.

Emília meteu o bedelho outra vez.

— Aposto que Dona Benta deixa! — berrou ela. — Aposto que, se o príncipe der uma boa baleia em troca, Dona Benta deixa. As baleias também dão leite.

A menina pôs as mãos na cintura.

— E onde iria vovó botar essa baleia? — perguntou ela muito séria.

— Aqui na cocheira, ora essa! Se a Mocha pode morar aqui, por que não o poderia a baleia? Em que a tal baleia é melhor que a Mocha, diga?

Narizinho enjoou-se da burrice de Emília e enfiou-a de cabeça para baixo no bolso do avental. Justamente nesse instante a vaca deu um mugido. O príncipe, que não esperava por aquilo, caiu para trás com o susto.

— Coitadinho do meu maridinho! — exclamou a menina, precipitando-se para erguê-lo. — Não precisa assustar-se assim, bobo. A Mocha dá esses berros só de brincadeira. — E ajudou-o a compor diversas escamas que haviam saído do lugar.

O príncipe, entretanto, não quis mais saber de histórias. Pálido ainda do susto, tratou de voltar para casa.

— Sofro do coração — explicou —, e se esta senhora berra outra vez, sou capaz de cair em desmaio. Vamos embora...

O desastre

Voltaram de braços dados, Narizinho aborrecida com o berro da vaca e o príncipe a se queixar de palpitações do coração. Assim que alcançaram o terreiro, novo susto veio agravar o seu estado de saúde. Ouviam-se dentro da casa gritos e choradeira.

— Que terá acontecido? — murmurou a menina, apreensiva.

Largou do príncipe e foi a correr, com o pressentimento de alguma grande desgraça.

— Que é? Que aconteceu? — gritou logo ao entrar.

Não obteve resposta. Todos estavam chorando e não lhe deram tento à pergunta. A menina olhou espantada para os personagens presentes, dirigindo-se à cozinha em seguida. Lá encontrou Tia Nastácia também chorando.

— Que é? Que aconteceu, Tia Nastácia? — perguntou aflita.

A negra respondeu, enxugando as lágrimas:

— Nem queira saber, Narizinho! Antes vá-se embora...

Como a menina insistisse, a negra não teve remédio — contou.

— Pois imagine que Miss Sardine, desde que o príncipe chegou, se meteu aqui na cozinha todo o tempo, a coitada. Remexeu em tudo, provou o sal, o açúcar, e até caiu no pote de pimenta-do-reino. Eu salvei ela, dei um banhinho nela e pus ela ali no canto para secar. No começo, enquanto a pimenta estava ardendo, ficou muito sossegada. Mas depois que a ardidura passou, principiou a reinar outra vez. Eu estava sempre avisando: “Não mexa aí! Não chegue perto do fogo! Não seja tão reinadeira que de repente acontece qualquer coisa para mecê!”



“Mas era o mesmo que estar falando pra aquele pau de lenha ali. Fazia uma carinha de caçoada e continuava. Se não aconteceu desgraça foi porque meus ‘zoio’ não saía de cima dela, vigiando. Mas de repente sinhá me chamou para ouvir uma história do Doutor Caramujo. Fui e deixei Miss Sardine sozinha...”

— E que aconteceu? — indagou Narizinho surpresa.

A negra continuou, depois de enxugar as lágrimas no avental.

— Aconteceu o que eu tinha medo que acontecesse. A coitadinha, assim que saí, trepou no fogão para espiar a frigideira de gordura. Achou linda, com certeza, aquela água que pulava e chiava — e deu um pulo para dentro da frigideira, pensando que fosse uma pequena lagoa. Gordura fervendo, imagine!...



— Coitadinha! — berrou a menina horrorizada. — Que contas vamos agora dar ao príncipe? Miss Sardine era a dama de mais importância lá no reino — a única que tinha entrada na corte. Onde está ela, Nastácia?

— Está ainda na frigideira — respondeu a negra. — Frita! Frita que nem um lambari frito...

Não podendo conter as lágrimas, a menina rompeu num berreiro. O príncipe ouviu lá de fora. Reconheceu o choro e veio a correr, aflitíssimo. Quando soube da tragédia, desmaiou. Corre que corre! Chama o Doutor Caramujo! Não acham o Doutor Caramujo! Grita aqui! Berra de lá! Desmaia adiante! Que confusão horrível foi!... Enquanto isso Tia Nastácia tirava da frigideira o cadáver de Miss Sardine para mostrá-lo a Dona Benta.

— Veja, sinhá! Tão galantinha que até depois de morta ainda conserva os traços...

E a negra cheirou a sardinha frita, e depois a provou, e ficou com água na boca e comeu-lhe um pedacinho, e disse arregalando os olhos:

— Bem gostosinha, sinhá. Prove... Muito melhor que esses lambaris aqui do rio...

Dona Benta recusou e Tia Nastácia, ainda com lágrimas, acabou comendo a sardinha inteira.

Voltando a si do desmaio, o príncipe recaiu em profunda tristeza. Não quis comer coisa nenhuma das comidinhas preparadas para ele. Não quis continuar no passeio pelo sítio. Só queria uma coisa: voltar. Dona Benta sentiu muito e disse:

— Pois, Senhor Príncipe, nossa casa está sempre às suas ordens. Quando quiser aparecer, não faça cerimônia, apareça.

— Muito obrigado — respondeu o peixinho com voz sumida. — Também eu faço muito empenho em que a senhora nos apareça lá pelo reino.

O novo desastre

— Isso é mais difícil. Estou muito velha e **perrengue**. Poderei molhar-me pelo caminho e adoecer.

.....
Perrengue: Com dificuldade de se mover.

Emília, que ainda estava dentro do bolso de Narizinho, espichou para fora a cabeça.

— Molhar como? — disse ela muito espevitadamente. — Pois a senhora vai de guarda-chuva!...

Narizinho empurrou-a outra vez para o fundo do bolso e, voltando-se para Dona Benta, perguntou:

— Que presente poderemos dar ao príncipe, vovó? Ele não pode voltar de mão abanando.

— Você é que sabe o gosto dele, minha filha.

— Escamado apreciou muito a Vaca Mocha, mas isso não convém dar. Na minha opinião acho que o melhor é dar... é dar...

Engasgou. Não sabia o que dar. Nisto apareceu Pedrinho, de volta do passeio com o Capitão da Guarda. Consultado, resolveu o problema imediatamente.

— Muito simples — disse ele. — Há aquelas quatro rodinhas que sobraram do despertador que consertei. Roda é coisa que não existe no oceano. Juro que o príncipe vai ficar contentíssimo.

Todos aprovaram a ideia, e Escamado recebeu de presente as quatro rodinhas como lembrança das quatro pessoas do sítio.

Na hora de partir houve choro. Até Emília fugiu do bolso da menina, aparecendo com duas lágrimas da torneira nos olhos de retrós. Aproximou-se do príncipe, muito cautelosa para que Narizinho não visse, e cochichou-lhe disfarçadamente:

— Se o Senhor Príncipe me conseguir uma boa aranha costureira, eu arranjo jeito de Dona Benta trocar a Mocha por um tubarão...

Terminadas as despedidas, lá se foi o Príncipe com a sua comitiva, todos de nariz vermelho de tanto chorar. Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho e Emília à janela acenavam saudosamente com os lenços.

— Adeus! Adeus!

Depois que desapareceram ao longe, a primeira a falar foi Narizinho.

— O que vale é que o Gato Félix não tarda por aí. Se não fosse isso, não sei o que seria de nós — nesta tristeza das saudades...

Nem bem acabou de falar e o Gato Félix surgiu no terreiro, a miar aflito.

— Acudam!... O príncipe está se afogando...

Todos correram ao encontro do Gato, sem compreender o que ele dizia.

— Afogando como, se o príncipe é peixe? — exclamou a menina.

— Sim, mas passou toda a tarde fora d'água e desaprendeu a arte de nadar.

— Socorro! — berrou Narizinho, disparando como louca na direção do rio para salvar o seu amado príncipe...

O GATO
Félix

A história do Gato

Narizinho não teve o gosto de salvar o príncipe. Quando chegou ao ribeirão do pomar, já nada viu por ali. Certa de que ele se havia salvado a si próprio, voltou correndo para casa, ansiosa por conhecer as aventuras do Gato Félix. Chegou, botou o Gato no colo e disse:

— Você tem de me contar a sua vida inteirinha, sabe?

— Pois não — respondeu o Gato. — Mas só sei contar histórias de noite. De dia perdem a graça.

— Neste caso, vá dar um passeio e quando for de noite esteja aqui.

O Gato saiu, passeou pelo sítio inteiro, caçou três ratos e de noite voltou. Tia Nastácia acendeu o lampião da sala. Depois disse:

— É hora, gente!

Todos vieram postar-se em redor do ilustre personagem; Dona Benta sentou-se na sua cadeirinha de pernas serradas; Narizinho e Pedrinho sentaram-se na rede; Emília foi para o colo da menina. Até o Visconde de Sabugosa quis ouvir as histórias. Narizinho teve dó do coitado; espanou-lhe o bolor e botou-o num canto da sala, dentro de uma lata — para que não sujasse o chão com aquele pó verde. Logo que todos se acomodaram, Emília disse:

— Comece, Seu Félix!

E o Gato Félix começou.

— Houve na França um gato muitíssimo ilustre, que era escudeiro do Marquês de Carabás — tão ilustre que não há no mundo inteiro criança que o não conheça.

— Até eu! — gritou Emília. — Era o tal Gato de Botas!...

— Justamente, menina. Esse famoso gato era o escudeiro do Marquês de Carabás. Fez coisas **do arco-da-velha**, como se sabe, até que se casou com uma linda gata amarela e teve muitos filhos. Esses filhos tiveram outros filhos. Estes outros filhos tiveram novos filhos, e veio vindo aquela gataria que não acabava mais até que nasci eu.

.....
Do arco-da-velha: Inacreditáveis.

— Que bom! — exclamou Narizinho. — Então você é bisneto ou tataraneto do Gato de Botas?

— Sou cinquantaneto dele — disse o Gato Félix. — Mas não nasci na Europa. Meu avô veio para a América no navio de **Cristóvão Colombo** e naturalizou-se americano. Eu ainda alcancei meu avô. Era um velhinho muito velho, que gostava de contar histórias da sua viagem.

.....
Cristóvão Colombo: Navegador italiano que chegou ao continente americano em 12 de outubro de 1492.

Emília bateu palmas.

— Conte, conte! Conte as histórias que ele contava. Conte como foi que o tal Colombo descobriu a América.

O Gato Félix tossiu e contou.

— Meu avô veio justamente no navio de Cristóvão Colombo, que se chamava *Santa Maria*. Veio no porão e durante toda a viagem não viu coisa nenhuma senão ratos. Havia mais ratos no *Santa Maria* do que pulgas num cachorro pulguento, e, enquanto lá em cima os marinheiros lutavam com as tempestades, meu avô lá embaixo lutava com a rataria. Caçou mais de mil. Chegou a **enfarar-se** de rato a ponto de não poder ver nem um pelinho de camundongo. Afinal o navio parou e ele saiu do porão e foi lá para cima e viu um lindo sol e um lindo mar e bem na frente uma terra cheia de palmeiras.

.....
Enfarar-se: Entediar-se, se aborrecer.

— Então era o Brasil! — disse Emília. — Aqui é que é a terra das palmeiras com sabiá na ponta!...

— Viu a terra cheia de palmeiras, e na praia uma porção de índios nus, armados de arcos e flechas, a olharem para o navio como se estivessem vendo coisa do outro mundo. Era a primeira vez que um navio aparecia por ali.

— Imaginem se eles vissem o trem de ferro!... — observou Emília.

— Colombo então — continuou o Gato — resolveu desembarcar e saber que terra era aquela, porque estava na dúvida se seria realmente a América ou outra. Entrou num bote e foi para a praia. Pulou do bote e chamou os índios.

Os índios não se mexeram do lugar, mas o cacique deles criou coragem e adiantou-se e chegou perto de Colombo.

— Meus cumprimentos — disse Colombo, com toda a gentileza, fazendo uma cortesia com o chapéu de plumas.

— Bem-vindo seja! — respondeu o índio, sem tirar o chapéu, porque não usava chapéu.



Colombo então perguntou:

— Poderá o cavalheiro dizer-me se isto por aqui é a tal América que eu ando procurando?

— Perfeitamente! — respondeu o índio. — Isto por aqui é a tal América que o senhor anda procurando. E o senhor já sei quem é. O senhor é o tal Cristóvão Colombo, não?

— Realmente, sou o tal. Mas como adivinhou?

— Pelo jeito! — respondeu o índio. — Assim que o senhor botou o pé na praia, senti uma batida na **pacuera** e disse cá comigo: “É o senhor Cristóvão que está chegando, até aposto!”

Colombo adiantou-se para apertar a mão do índio. Em seguida o índio virou-se para os companheiros lá longe e gritou:

— Estamos descobertos, rapaziada! Este é o tal Cristóvão Colombo que vem tomar conta das nossas terras. O tempo antigo lá se foi. Daqui por diante é vida nova — e vai ser um **turumbamba** danado...

.....
Turumbamba: Rolo, confusão, briga.

Nesse ponto da história o visconde botou a cabeça fora da lata e disse:

— Não acreditem! A descoberta da América não foi assim, foi muito diferente. Eu li toda a história de Colombo num livro de Dona Benta. Posso afirmar que o Gato Félix está inventando.

— Não está inventando nada! — berrou Emília. — Foi assim mesmo. O livro não esteve lá e não pode saber mais do que o avô de Seu Félix, que esteve presente e viu tudo.

— Mas essa história é absurda! — berrou o sábio visconde. — Isso é um disparate!...

— Disparate é o seu nariz — berrou Emília.

E voltando-se para a menina:

— Narizinho, por que é que você não tampa o visconde?

Narizinho achou boa a ideia; foi lá e tampou a lata com o visconde dentro. Terminado o incidente, o Gato Félix continuou:

— Depois disso houve muitas coisas, e mais coisas, e outras coisas, até que meu avô se casou e nasceu meu pai, e meu pai se casou e nasci eu.

— E onde nasceu? — perguntou Pedrinho.

— Nasci nos Estados Unidos, na cidade de Nova York. As casas lá são tão altas que se chamam arranha-céus. Eu nasci no quadragésimo terceiro andar do **arranha-céu** mais alto de todos.

.....
Arranha-céu: Edifício muito alto.

— Qua-dra-gé-si-mo! — murmurou Emília. — Que bonito nome! Eu, se fosse Dona Benta, batizava a Vaca Mocha de Quadragésima...

— Não atrapalhe, Emília, deixe o Gato falar — advertiu Narizinho. E, voltando-se para o Gato Félix: — Mas essas casas arrancam mesmo o céu ou é um modo de dizer?

— Arrancam, sim — confirmou o Gato —, e às vezes até o furam. O céu de lá é todo furadinho.

— Quem deve ficar furioso é São Pedro — disse a boneca. — Eu, se fosse ele, suspenderia o céu um pouco mais para cima.

Narizinho tapou-lhe com a mão a boca.

— Nasci num arranha-céu — continuou o Gato — e criei-me na rua. Fui o gatinho mais travesso da América, o mais atropelador dos camundongos. Depois que cresci, atirei-me para cima das ratazanas com tamanha fúria que quase todas se mudaram da cidade. Um dia me deu na cabeça viajar. Fui ao porto, onde vi uma porção de navios, uns mais novos, outros mais velhos. Escolhi o mais velho, calculando que nele devia haver mais ratos. Entrei sem pagar passagem e dirigi-me ao porão. Assim que entrei, a rataria disparou. Só pude apanhar quatro. No dia seguinte peguei dez. No terceiro dia peguei vinte. No quarto....

— Pegou quarenta! — disse Emília.

— Não, trinta e nove só — corrigiu o Gato. — E assim durante quinze dias. Ao fim desse tempo, gordo que nem um porquinho, deixei a rataria em paz. Foi nessa ocasião que aconteceu o desastre.

— Que desastre?

— Espere. Estava eu comendo o último rato que comi no navio, quando rompeu lá em cima um berreiro. Subi ao tombadilho para ver o que era e encontrei o capitão dizendo que o navio tinha batido numa pedra e ia afundar.

— Credo! — exclamou Tia Nastácia, que estava cochilando e acordara nesse ponto. — Devia ser um quadro muito triste...

— Sim, ia afundar — continuou o Gato. — Como houvesse arrebetado a proa, estava bebendo água que nem uma esponja. Os marinheiros corriam de um lado para outro, qual doidos. Uns tomavam os **escaleres**, outros amarravam à cintura os salva-vidas, outros lançavam-se à água. Eu disse comigo: “E agora, Félix, que vai ser de ti?” Pensei, pensei e por fim tive uma ideia. A única salvação seria fazer-me engolir vivo por algum dos tubarões que rodeavam o navio com as bocas abertas e aquelas dentuças que mais pareciam serrotes.

.....
Escaleres: Embarcações pequenas.

— Credo! — exclamou outra vez Tia Nastácia fazendo o sinal da cruz. — É por essas e outras que nunca hei de sair do meu cantinho...

— Tive essa ideia — continuou o Gato — e tratei de pô-la em prática. Escolhi o tubarão maior de todos e, quando ele passou perto de mim, dei um pulo e caí, como pílula, bem no fundo da garganta dele!

— E não se arranhou? — disse Emília. — Não esbarrou em algum dente?

— Nada! Caí na campainha do tubarão e nela me agarrei e fui entrando por aquele corredor vermelho afora até chegar ao estômago.

— Era grande?

— Tinha o tamanho desta sala — respondeu o Gato com o maior **caradurismo**.

.....
Caradurismo: Cara de pau.

Nesse ponto, o visconde empurrou a tampa da lata, botou a cabeça de fora e gritou:

— Não acreditem! É mentira! Nem baleia tem estômago desse tamanho. Além disso, é impossível a um gato permanecer vivo num estômago de tubarão.

— Impossível por quê, seu Embolorado? — disse Emília. — Não se lembra da história que Dona Benta contou do profeta Jonas, que “permaneceu” uma porção de tempo dentro da barriga de um peixe?

— Sim — concordou o visconde. — Mas Jonas era profeta.

— Jonas era profeta e Seu Félix é quadragésimo. Dá na mesma.

Todos acharam que Emília tinha razão.

— Fiquei lá muito sossegado da minha vida — continuou o Gato —, mas vi logo que não podia morar ali por muito tempo. Não havia ratos — e gato não sabe viver onde não há ratos. Tinha de sair, mas como? Sair era cair n’água e morrer afogado. De que modo resolver o problema?

— Muito simples — disse Emília. — Era só fazer uma canoinha e entrar nela e ir remando...

— Cale essa boca, não seja tão sapeca! — interveio Narizinho. — Quem está contando a história é o Gato Félix, não é você.

O Gato continuou:

— O caso era difícilimo, e eu estava a pensar nele quando vi entrar no estômago da fera uma enorme isca com anzol dentro. Mais que depressa fisguei o anzol, bem fisgado, na pacuera do monstro. Assim que ele sentiu a dor da fisgada, pôs-se a corcovear como burro bravo com domador em cima. Corcoveou, corcoveou, corcoveou até que não pôde mais e foi morrendo. Passaram-se algumas horas sem acontecer nada. O tubarão estava bem morto. Nisto vi uma réstia de luz e uma ponta de faca aparecendo. Encolhi-me bem encolhido para me livrar da faca e compreendi que estavam abrindo a barriga do peixe. Não esperei por mais. Dei um pulo para fora e caí no meio de um grupo de marinheiros, bem dentro de um navio!... Os marinheiros ficaram assombradíssimos de ver sair um gato vivo da barriga de um peixe e só sossegaram quando lhes contei toda a minha história. O capitão olhou para mim, alisou as barbas e disse:



— Para onde pretende ir? Meu navio está de rumo à Inglaterra, onde poderei desembarcar você.

— Muito obrigado — respondi. — O país que eu procuro não é esse.

— Será a França?

— Não!

— Será a Alemanha? A Suécia? A Turquia? A Arábia? A Patagônia?

— Nada disso. A terra que eu procuro é aquela **onde o demo perdeu as botas**. Quero encontrar essas botas.

.....
Onde o demo perdeu as botas: Lugar muito distante, complicado para chegar.

O capitão julgou que eu estivesse a mangar com ele e pregou-me tamanho pontapé que fui parar no porão.

Todos deram gostosas risadas e Tia Nastácia observou:

— Isso é invenção de gente sem serviço. Esse lugar nunca existiu.

— Como nunca existiu, se foi lá que o demo perdeu as botas? — replicou Emília. — Eu acho que Seu Félix tem toda a razão e mais vale descobrir esse lugar do que descobrir a América. Continue, Seu Félix.

O Gato continuou:

— Fiquei no porão até que o navio entrou num porto. Desembarquei e fui andando por um caminho muito comprido. De repente apareceu uma velha, muito velha e coroca, de porretinho na mão.

— Vai ver que era uma fada — cochichou Emília ao ouvido de Narizinho.

— Cheguei-me para a velha e perguntei: “A senhora poderá dizer-me onde fica o lugar onde o demo perdeu as botas?” A velha admirou-se da pergunta; arregalou os olhos, abriu uma boca de bagre sem um só dente nas gengivas e respondeu: “Não sei, gatinho. Mas se você for andando, andando, andando sem parar, aposto que um dia chega a essa terra.” Aceitei o conselho da velha e fui andando, andando, andando até que encontrei...

— Uma coruja! — interrompeu Emília.

— Não — disse o Gato —, encontrei um sábio muito velho, de grandes barbas brancas. Cheguei-me a ele e perguntei: “Senhor velho, poderá dizer-me onde é o lugar em que o demo perdeu as botas?” “Posso, sim”, respondeu o velho. “Fica pertinho dos confins do Judas.” Vi que o velho estava caçoando comigo e fui-me embora. Andei, andei, andei...

— Pare de andar, Seu Félix. Chegue logo, que já está **caceteando** — disse Emília.

.....
Caceteando: Chateando.

O Gato desapontou um bocadinho, mas continuou:
— Andei, andei, andei, até que encontrei...
— Uma coruja! — interrompeu de novo Emília.
— Não amole mais com essa coruja, Emília! — disse Narizinho. — Ele não encontrou coruja nenhuma. Cara de coruja tem você. Continue, Gato Félix.
— Encontrei outra velha, mais velha ainda e mais coroca do que a primeira.
Emília deu uma risada gostosa.
— Que terra esquisita!... Só velho para cá, velha para lá... Com certeza foi no país de **Matusalém**...

.....
Matusalém: Personagem bíblico mais longevo; viveu 969 anos.

O Gato Félix desapontou mais um bocadinho, mas continuou:
— Encontrei uma velha, muito velha e perguntei: “A senhora...”
— Etc. etc. — disse Emília. — E que é que ela respondeu?
O Gato Félix, ainda mais desapontado, continuou:
— Ela respondeu: “Esse lugar não existe, gatinho. O demo nunca teve botas. Você não sabe que o que ele tem são cascos?”
— E aí? — indagou Emília, que estava achando aquela história muito sem jeito.
— Aí eu... eu... parei de procurar a tal terra e fui cuidar de outra coisa.
Dessa vez o desapontamento foi geral. Dona Benta olhou para Narizinho, Tia Nastácia olhou para Dona Benta, Pedrinho olhou para o forro. Só Emília teve coragem de olhar para o Gato. Arrebitou o nariz de retrós, fez um muxoxo de pouco-caso e disse:
— Não valeu a pena vir de tão longe para contar uma história tão sem pé nem cabeça. Eu, que nunca saí daqui, sou capaz de contar coisa muito mais bonita.
— Pois então vamos dormir — disse Dona Benta levantando-se —, e quem conta a história de amanhã vai ser Emília.

A história da Emília

Na manhã seguinte, Tia Nastácia apareceu dizendo que do galinheiro havia sumido um pinto. Eram doze e só encontrara onze.

— Que será? — murmurou Dona Benta.

— Deve ser alguma raposa que anda rondando por aqui ou algum gato vagabundo. E que pena, sinhá! Sumiu justamente o mais bonito, um carijozinho...

Logo que os meninos souberam do caso, Pedrinho disse:

— Vamos armar uma ratoeira, mas o melhor é consultarmos o visconde. Depois que foi embrulhado naquele folheto das *Aventuras de Sherlock Holmes*, ficou tão esperto que é capaz de descobrir o ladrão.

Foram falar com o visconde, ao qual contaram tudo. O visconde deu uma risadinha de detetive e disse:

— Deixem o negócio por minha conta. Irei examinar o local do crime para tomar as minhas providências.

E foi. Foi ao galinheiro onde passou o dia a examinar a poeira do chão, a catar os pelinhos que havia nele, a conversar com os pais da vítima — um lindo galo carijó e uma galinha sura. Enquanto isso Emília pensou, pensou e inventou a historinha que ia contar de noite. Quando chegou a noite e Tia Nastácia acendeu o lampião e disse “É hora!”, a boneca entrou na sala, muito esticadinha para trás, toda cheia de si.

— Era uma vez... — foi dizendo.

— Espere, Emília! — advertiu Narizinho. — Não vê que o visconde e o Gato Félix ainda não vieram?

Nisto chegou o Gato e sentou-se no colo de Dona Benta. Depois apareceu o visconde, que entrou para dentro da lata.

Emília começou de novo:

— Era uma vez um rei...

— Eu já sabia que vinha história de rei — interrompeu Narizinho. — Emília vive com a cabeça entupida de reis, príncipes e fadas...



A boneca não fez caso e continuou:

— Era uma vez um “rei”, um “príncipe” e uma “fada”, que moravam juntos num lindo palácio de cristal, na beira do lago mais azul de todos. Uma beleza esse palácio, todo cheio de fios de ouro, que quando dava o vento iam para lá e vinham para cá. E quando dava o sol, os cristais e os ouros brilhavam tanto que quem olhava sentia logo uma tontura e precisava agarrar-se a qualquer coisa para não cair. E o príncipe foi e disse:

“Meu pai: quero casar-me, mas as moças daqui não são bonitas nem boas de coração. Vou procurar uma pastora bem pobrezinha, mas que tenha um coração de ouro.”

“Vai, meu filho”, disse o rei, ‘mas leva contigo a fada do palácio. Sozinho, não te deixarei ir.’

“O príncipe chamou a fada, virou a fada numa bengalinha e virou-se a si mesmo numa formiguinha.”

— Eu já sabia que vinha história de virar — disse a menina. — Sem reis e sem “viradas” Emília não passa...

— Virou uma formiguinha — prosseguiu Emília — e saiu andando por uma estrada muito comprida, com aquela bengalinha na mão. Andou, andou, andou até que encontrou uma velha.

— Você caçou de tantos velhos que havia na história do Gato Félix, mas vai pelo mesmo caminho — disse Tia Nastácia.

— Não me atrapalhe! A minha história só tem esta velha. Encontrou uma velha e disse:

“Velha dugudeia, diga-me, se for capaz, se há por aqui uma pastora assim, assim, e de bom coração.”

“Há muitas pastoras por aqui”, respondeu a velha, ‘mas se têm bom coração não sei. Só experimentando.’

“E como se experimenta o coração de uma pastora?”

“Virando num pobre bem pobre e indo pedir-lhe esmola.”

“A formiguinha virou logo num pobre bem pobre e foi pedir esmola às pastoras. Chegou-se à primeira, que estava fiando na roca enquanto o seu rebanho pastava, e disse:

“Gentil pastora, uma esmolinha pelo amor de Deus! Há três anos que não como nem durmo, e se não me dás um pão, morro de fome já neste instante.”

“A pastora deu-lhe uma pedra, dizendo:

“Aqui tens um pão muito gostoso.”

“O pobre pegou a pedra, olhou, olhou, olhou e disse:

“Que todos os pães que comas sejam gostosos como este!”, e foi andando o seu caminho.

“Dali a pouco a pastora sentiu fome; foi comer o pão que trazia no bolso e viu que tinha virado pedra, e quebrou todos os dentes e morreu... Mais adiante o pobre encontrou outra pastora e pediu outra esmolinha. A pastora deu-lhe um osso, dizendo:

“Leva este pão, que é muito gostoso.”

“Obrigado”, respondeu o pobre, ‘e que todos os pães que comas sejam gostosos como este!’

“E foi andando. A pastora logo depois sentiu fome e foi comer o pão que estava na cesta e viu que tinha virado osso. Essa pastora não morreu de fome, como a primeira, mas teve de passar a vida roendo ossos feito cachorro. Tudo que ela pegava para comer virava logo em osso. O pobre foi andando, andando, andando, até que encontrou uma terceira pastora. A coitadinha parecia ainda mais pobre do que ele e estava chorando.

“Por que choras, ó gentil pastora?”, perguntou o pobre.

“Choro porque minha madrasta, que é muito má, me bate todos os dias. Põe-me neste lugar, guardando estes porcos imundos, e não me dá comida a não ser este pão bolorento e tão azedo que até preciso tapar o nariz quando o como.”

“Pois se eu pilhasse esse pão”, disse o pobre, ‘dava um pulo de alegria, porque estou morrendo de fome e só encontrei pedras e ossos neste país de pastoras.’

“A triste pastorinha olhou bem para ele e disse:

“Pois não morrerás de fome. Repartirei contigo o meu pão bolorento.”

“E partiu o pão bolorento em dois pedaços e deu o maior ao pobre. O pobre agradeceu e foi andando, e a pastorinha começou a comer o seu pedaço de pão bolorento. Tapou o nariz e deu a primeira dentada. Mas viu logo que o pão tinha virado no doce mais gostoso do mundo! Comeu, comeu quanto quis; e quanto mais comia mais sobrava. E voltou para casa pulando de contentamento e palitando os dentes. Sua madrasta percebeu a felicidade da pastorinha e disse:

“Ahn! Estou vendo que você comeu alguma coisa muito gostosa!”

“Não comi nada!”, respondeu a coitadinha, tremendo de medo. ‘Só comi o pão que a senhora me deu.’

“A madrasta agarrou-a e cheirou-lhe a boca e ficou furiosa e disse:

“Sua boca está cheirando ao doce mais gostoso do mundo, e, como me enganou, vou matá-la.”

“E foi buscar a faca da cozinha, que era deste tamanho!

“A pastorinha, sabendo que ia morrer, pôs-se a rezar lá no fundo do coração:

“Pobre encantado, que transformaste o pão bolorento em doce, socorre-me!” Nem bem acabou de o dizer, a porta abriu-se e o pobre entrou.

“Esconde-te”, disse a pastorinha, ‘que *ela* vem vindo com uma faca deste tamanho.’

“O pobre escondeu-se atrás de um armário e logo depois a madrasta entrou com o facão. Entrou e disse à menina:

“Reze depressa, que vai morrer.”

“Não me mate!”, gemeu a pastorinha, tremendo como geleia. ‘Não me mate, porque estou inocente!’”

“Mas a má madrasta não quis saber de nada e avançou para a coitadinha com a faca no ar. E a faca foi descendo sobre o peito da vítima e a ponta já ia encostando nas suas carnes, quando o pobre veio por trás da madrasta e agarrou-a pelo pulso.

“Miserável!”, exclamou. ‘Quem merecia morrer eras tu, mas vou virar-te num horrendo sapo de cidade.’”

Nesse ponto Narizinho interrompeu-a.

— Por que sapo de cidade, Emília? Que diferença há entre sapo do mato e sapo da cidade?

A boneca explicou:

— É que nas cidades há muitos moleques que gostam de **judiar** dos sapos, de modo que sapo de cidade padece mais.

.....
Judiar: Maltratar.

Narizinho voltou-se para Dona Benta.

— Já reparou, vovó, como Emília está ficando inteligente? Não é mais aquela burrinha de antes, não...

Emília continuou:

— E imediatamente a madrasta virou no sapo mais feio do mundo e saiu pulando, pulando, pulando e foi para uma cidade onde havia mais de cem moleques nas ruas. Então o pobre disse à gentil pastorinha...

“Adeus, gentil pastora! Vou-me embora para longes terras.’

“Que pena!”, exclamou ela. ‘Por que não ficas morando aqui comigo? Como és pobre, trabalharei para ti e comprar-te-ei uma roupa nova e uma cartola.’”

— Interesseira é que ela era! — observou Tia Nastácia. — Sabia que o pobre era dos tais que viram pão bolorento no doce mais gostoso do mundo. Eu se fosse o pobre desconfiava...

— Pois o pobre não desconfiou — disse Emília. — Ele não tinha maldade nenhuma no coração; em vez de desconfiar, beijou a mão da pastorinha e disse:

“Pois aceito, mas com uma condição!...”

“Dize qual é”, ordenou a pastora.

“É casares comigo!’

“A pastorinha não vacilou um só instante e aceitou a proposta. E no outro dia veio o padre e casou-a.

“Agora’, disse o pobre, ‘vamos sair os dois pelo mundo para tirar esmolas.’

“E saíram. E foram andando, andando, andando, até que chegaram ao palácio do rei. Bateram na porta e entraram e foram falar com Sua Majestade. O rei estava de coroa na cabeça, sentado no seu trono de ouro e marfim, muito triste porque não tinha notícias do amado filho.

“Que é que queres, senhor pobre?”, perguntou o rei.

“Quero dar a Vossa Majestade uma boa notícia.”

“O rei arregalou os olhos, cheio de esperança, e disse:

“Pois fala e, se a notícia for mesmo boa, dar-te-ei os mais ricos presentes.”

“Então o pobre contou que havia encontrado o príncipe e que ele já tinha casado com a moça de melhor coração do mundo inteiro.

“Bravos!”, exclamou o rei. ‘E quando esse amado filho me aparece por cá?’

“Ei-lo!”, exclamou o pobre, virando-se outra vez em príncipe. ‘E eis minha amada esposa’, disse batendo com a bengalinha no ombro da pastora e virando-a na mais linda princesa de todas que existiram, existem e existirão.



“O rei ficou alegríssimo e beijou a princesa na testa e disse para o príncipe:

“Muito bem! Só resta agora que fiques rei. Adianta-te, meu filho, e vem sentar-te neste trono, ao lado de tão formosa princesa. Deste momento em diante o rei és tu, e ela a rainha. Já estou cansado e até enjoado de ser rei. Amém.”

Assim terminou Emília a sua historinha, inventada por ela mesma, sem auxílio de ninguém, nem tirada de nenhum livro. Todos bateram palmas e Dona Benta cochichou para a negra:

— Boa razão tem você de dizer que o mundo está perdido! Pois não é que essa boneca aprendeu a contar história que nem uma gente grande?

— Mas eu não gostei! — disse o Gato Félix, que andava a implicar-se com a boneca. — Histórias de virar são muito fáceis. Assim que aparece uma dificuldade, isto vira naquilo e pronto!

— Não acredite, Emília! — gritou Narizinho. — A história que você contou está muito boa e merece grau dez. Para uma boneca de pano, e feita aqui na roça, não podia ser melhor.

Emília, toda ganjenta com o elogio, botou a língua para o Gato Félix. Nisto o relógio da sala bateu dez horas.

— Vamos dormir, criança — disse Dona Benta —, e amanhã quem vai contar uma história é o visconde.

No dia seguinte, Tia Nastácia veio dizer que havia desaparecido outro pinto. Dona Benta ficou muito aborrecida; viu que naquele andar lá se ia a ninhada inteira.

— E Pedrinho? — indagou. — Que é que Pedrinho diz a isto?

— Ele e o visconde andam lidando, lidando, lá no galinheiro, mas até agora não descobriram nada.

Pedrinho estava naquele momento em conversa com o visconde no quintal.

— Na minha opinião — dizia ele — isto é alguma raposa que vem visitar o galinheiro de noite.

— Pois eu acho que não é raposa nenhuma — afirmou o novo Sherlock Holmes. — Examinei tudo muito bem examinado e encontrei um pelo de animal que não é raposa nem gambá, nem ratazana.

— Que é então?

— Ainda não sei. Tenho de examinar esse pelo ao microscópio e preciso que você me faça um microscopinho.

— Vovó tem um binóculo. Quem sabe se serve?...

— Há de servir. Vá buscá-lo.

Pedrinho foi e trouxe o binóculo de Dona Benta. O Sherlock pôs o pelinho em frente do binóculo e examinou-o atentamente. Depois disse:

— Acho que estou na pista do ladrão...

— Quem é?

— Não posso dizer ainda, mas é um bicho de quatro pernas da família dos felinos. Vá brincar e deixe-me só por aqui. Preciso “deduzir” e pode ser que de noite já esteja com o problema resolvido.

Pedrinho foi brincar, deixando o visconde mergulhado em profunda meditação. Estava um dia muito lindo, de sol quente. Dona Benta sentou-se na sua cadeira de pernas serradas a fim de acabar um vestido de Narizinho e a menina ficou ao seu lado para enfiar a agulha e virar a máquina. E Emília? Emília, na varanda, balançava-se numa pequena rede especialmente armada para ela num canto. A boneca estava pensando na vida, com ideia de virar escritora de histórias. Nisto o Gato Félix, que ia passando, resolveu parar. Sentou-se sobre as patas traseiras e cravou os olhos na boneca, enquanto sua cauda ia desenhando um preguiçoso “s” no ar.

— Que tanto olha para mim? — disse de repente Emília. — Nunca me viu?

O Gato fez um riso de ironia e miou:

— Tão importante assim, nunca! Parece que está mesmo convencida de que é uma grande contadeira de histórias.

Emília deu um balanço na rede e murmurou:

— A inveja matou **Caim**!...
.....

.....
Caim: Personagem bíblico que matou o irmão, Abel.

O Gato mordeu os lábios e replicou com ar de desprezo:

— Era só o que faltava, o célebre Gato Félix ter inveja de uma boneca de pano feita por uma negra velha...

— A inveja matou Caim! — repetiu a boneca. — Você está mas é danado com o grande sucesso da minha historinha.

— História mais feia e sem graça nunca vi...

— Mas todos gostaram, até Narizinho, que sabe todas as histórias dos livros.

— Gostaram de dó de você. Se não gostassem, você punha-se a chorar que não acabava mais.

— Mentiroso! Eu nunca chorei nem hei de chorar, e muito menos por causa de uma simples brincadeira. Você é um grandíssimo mentiroso, sabe?

— Por quê?

— Porque é! Você não é americano, nem nasceu em nenhum arranha-céu, nem é parente do Gato de Botas, nem foi engolido por tubarão nenhum. Tudo isso não passa de **potoca**. Eu sei conhecer muito bem quando uma pessoa está mentindo ou **falando** a verdade...
.....

O Gato ficou furioso e quis arranhar Emília. A boneca deu um berro e chamou Narizinho.

— Que é, Emília? — indagou a menina aparecendo. — Que aconteceu que está tão danadinha?

Emília ergueu-se da rede, colérica, e apontou para o Gato.

— É esse cara de coruja que está querendo me arranhar! Já se viu que desaforo?

— E por quê? Por que é que vocês brigaram?

Emília empertigou-se toda.

— Ele está morrendo de inveja da minha história e veio aqui me provocar. E como eu disse que ele não é americano, nem parente do Gato de Botas, nem foi engolido por tubarão nenhum, o burrão quis arranhar-me. Esse hipopótamo!...

O Gato virou-se para Narizinho:

— Veja bem quem é que está insultando. Se eu sou hipopótamo, que é ela? Uma macaca!...

Aquilo era demais. Emília perdeu a cabeça, avançou para o Gato Félix, agarrou-lhe a barba e deu tal puxão que arrancou um fio. A menina apartou os briguentos; pôs o Gato para fora e deixou Emília sozinha na varanda. E foi continuar o seu serviço na salinha de costura. Emília ficou falando consigo mesma, pensando num meio de vingar-se do Gato Félix. Nisto apareceu o visconde.

— Senhor Visconde, venha ouvir a história da minha briga com o Gato Félix.

O visconde sentou-se na rede junto dela e ouviu a história inteira. Quando chegou no ponto do fio da barba que Emília havia arrancado ao focinho do Gato, indagou:

— E onde está o fio? Como ando fazendo um estudo sobre pelos de animais, teria muito gosto em examinar esse.

Emília abriu uma caixinha, tirou de dentro o fio de barba e deu-o ao visconde, dizendo:

— Leve, mas depois traga-o outra vez. Quero guardar esse fio como prova da esfrega que dei naquele cara de coruja...

O visconde tomou o fio e foi examiná-lo com o binóculo de Dona Benta.

A história do visconde

Logo que a noite caiu, Tia Nastácia acendeu o lampião da sala e disse:

— É hora, gente!

Todos foram aparecendo e cada qual se sentou no lugar do costume. O último a vir foi o visconde. Antes de entrar para a lata, aproximou-se de Tia Nastácia e disse-lhe ao ouvido:

— Pegue na vassoura e ponha-a ao alcance de sua mão.

A negra achou esquisitíssima aquela ideia e pediu explicações.

— Não posso explicar coisa nenhuma — respondeu o visconde. — Mas faça o que estou pedindo. Ponha a vassoura bem ao alcance de sua mão, porque no fim da minha história é bem possível que seja preciso “varrer” qualquer coisa...

A negra trouxe a vassoura e fez como o visconde mandou, embora não pudesse nem por sombra adivinhar quais fossem as suas intenções. Liquidado o caso da vassoura, Emília disse:

— Tem a palavra o Senhor Visconde de Sabugosa!

O visconde ergueu-se dentro da lata, tossiu um pigarrinho e começou:

— Meus senhores e minhas senhoras!

O Gato Félix espremeu uma risada irônica.

— Isso nunca foi história, Senhor Visconde! Isso chama-se discurso e muito bom discurso. Pelo que vejo, ninguém nesta casa sabe contar histórias...

Aquilo era indireta para Emília, que se remexeu toda, já danadinha e pronta para responder. Mas Narizinho interveio e acalmou-a. O visconde não se atrapalhou com o aparte. Limitou-se a lançar sobre o Gato um olhar terrível, dizendo:

— Não é discurso, não, Senhor Gato! É outra coisa, e quem vai explicar o que é não sou eu, e sim aquela senhora vassoura, ali ao lado de Tia Nastácia.

Todos olharam muito espantados para o visconde, sem compreender o que ele queria significar com aquilo. Em seguida o visconde recomeçou:

— Meus senhores e senhoras! A história que vou contar não foi lida em livro nenhum, mas é o resultado dos meus estudos científicos e criminológicos. É o resultado de longas e cuidadosas deduções matemáticas. Passei duas noites em claro compondo a minha história e espero que todos lhe deem o devido valor.

— Muito bem! — exclamou Narizinho. — Mas desembuche de uma vez.

— Era uma vez um gato — começou o visconde. — Mas um gato à toa de roça, um gato que não valia coisa nenhuma, além de que nascido com muitos maus instintos. Se fosse um gato sério e decente, eu teria muito gosto em o declarar aqui, mas não era. Era o que se chama um gato ladrão. E porque era um gato ladrão, ninguém queria saber dele. Na casa onde nasceu logo descobriram a sua má índole e o tocaram para a rua com uma boa sova. O gato saiu correndo e foi morar numa casa bem longe da primeira, dizendo que o seu dono tinha morrido e que ele era o melhor caçador de ratos do mundo.

Todos acreditaram nas palavras do mentiroso e o deixaram ficar. Mas tão ordinário era esse gato que, em vez de corrigir-se e viver vida nova, continuou com **maroteiras**. Na primeira noite que dormiu nessa casa foi à cozinha e roubou um pedaço de carne que a cozinheira havia guardado para o dia seguinte. Roubou e ficou quietinho, deixando que a cozinheira pusesse a culpa numa pobre negrinha e a castigasse com vara de marmelo.

.....
Maroteiras: Espertezas.

— Ah, eu lá! — exclamou Pedrinho. — Ferrava-lhe uma pelotada de bodoque, que ele havia de ver estrelas...

— Por fim — continuou o visconde —, também nessa casa lhe descobriram as patifarias e o puseram no olho da rua. Ele fugiu e resolveu mudar-se para um sítio onde houvesse muitos pintos. Achou o sítio que precisava e ficou morando lá. Mas o dono observou que os pintos estavam diminuindo, um, dois e até três por dia, e falou à mulher que ia arranjar um cachorro policial para tomar conta do galinheiro durante a noite. O gato ladrão percebeu a conversa e fugiu. Andou, andou, andou até que encontrou outro sítio onde moravam duas velhas e dois meninos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino.

— Que coincidência! — exclamou Narizinho. — Parece o sítio de vovó...

— Escolheu esse sítio — continuou o visconde — e foi entrando por ele adentro com a maior sem-cerimônia deste mundo, com partes de que era um grande gato de família nobre e que tinha nascido num país estrangeiro etc.

Emília olhou para o Gato Félix.

— Deve de ser algum seu parente. Os traços estão muito parecidos...

— Não tenho parentes dessa laia — respondeu o Gato com orgulho. — Esse gato ladrão deve de ser parente mas é de alguma senhora boneca...

— Continue, Senhor Visconde — disse Narizinho.

O visconde tossiu outro pigarrinho e continuou:

— O tal gato ladrão ficou morando nesse sítio. Todos o tratavam com a maior gentileza, mas, em vez de mostrar-se grato por tantas atenções, ele tratou de continuar a sua triste vida de gatuno. E foi e comeu um pinto carijó...

Neste ponto o visconde parou e olhou firme para o Gato Félix. O Gato sustentou o olhar do visconde e deu o desprezo.

O visconde continuou:

— Comeu esse pobre pinto, que era tão lindo, e no dia seguinte comeu outro pinto ainda mais bonito.

O Gato Félix levantou-se indignado.

— O Senhor Visconde está me insultando! — gritou. — Esses olhares para meu lado parecem querer dizer que sou eu o gato ladrão!...

O visconde pulou fora da latinha e berrou:

— E é mesmo! O tal gato ladrão é você, seu patife! Você nunca foi Gato Félix nenhum! Você não passa de um miserável comedor de pintos...

Foi um rebuliço! Todos se ergueram, sem saber o que fazer. O Gato Félix, furioso da vida, berrou ainda mais alto que o visconde:

— Prove, se for capaz! Prove que comi os tais pintos...

— Provo e já! — urrou o visconde. — Tenho as provas aqui no bolso.

Disse, e puxou do bolso dois pelinhos de gato.

— Eis as provas! Este pelo eu o encontrei no galinheiro, bem no local do crime e ainda manchado com o sangue da vítima. E este outro a Senhora Emília arrancou dessas fuças, seu miserável! Estão aqui as provas. Quem quiser pode vir examiná-las com o binóculo de Dona Benta. São perfeitamente iguais, até no cheiro. Ambas têm cheiro de gato ladrão!...

A prova era esmagadora. Tia Nastácia, passando a mão na vassoura, avançou feito uma onça para cima do falso Gato Félix. O gatuno deu um pulo e sumiu-se pela janela na escuridão da noite.

— Bravos! Bravos ao visconde! — exclamaram todos. — Viva o nosso Sherlock Holmes!...

— Viva! Viva!...

E fizeram-lhe uma grande festa, e deram-lhe muitos abraços e beijos. Até Emília, que era muito envergonhada, encheu-se de coragem e beijou-o na testa.

Dona Benta tomou a palavra e disse:

— Vejam que injustiça íamos cometendo com o nosso pobre visconde, só porque havia embolorado e estava muito feio! Os acontecimentos desta noite acabam de provar que ele é um verdadeiro sábio — e dos que dão lucro a uma casa. Deste momento em diante, quem vai tomar conta dele sou eu. Vou curá-lo do bolor e botá-lo como administrador do sítio.

O relógio bateu as dez horas e, enquanto os meninos se recolhiam, a velha pegou o visconde e guardou-o bem guardadinho na sua estante, entalado entre uma Aritmética e uma Álgebra — fato que iria ter notáveis consequências futuras.



○ **Saci**



Em férias

Quando naquela tarde Pedrinho voltou da escola e disse à Dona Tonica que as férias iam começar dali uma semana, a boa senhora perguntou:

— E onde quer passar as férias deste ano, meu filho?

O menino riu-se.

— Que pergunta, mamãe! Pois onde mais, senão no sítio de vovó?

Pedrinho não podia compreender férias passadas em outro lugar que não fosse no Sítio do Picapau Amarelo, em companhia de Narizinho, do Marquês de Rabicó, do Visconde de Sabugosa e da Emília. E tinha de ser assim mesmo, porque Dona Benta era a melhor das vovós; Narizinho, a mais galante das primas; Emília, a mais maluquinha de todas as bonecas; o Marquês de Rabicó, o mais rabicó de todos os marqueses; e o Visconde de Sabugosa, o mais “cômodo” de todos os viscondes. E havia ainda Tia Nastácia, a melhor quituteira deste e de todos os mundos que existem. Quem comia uma vez os seus bolinhos de polvilho não podia nem sequer sentir o cheiro de bolos feitos por outras cozinheiras.

Pedrinho tinha recebido carta de sua prima, dizendo: “Nosso grupo vai este ano completar século e meio de idade e é preciso que você não deixe de vir pelas férias a fim de comemorarmos o grande acontecimento.”

Esse século e meio de idade era contado assim: Dona Benta, 64 anos; Tia Nastácia, 66; Narizinho, 8; Pedrinho, 9. Emília, o marquês e o visconde, 1 cada um. Ora, 64 mais 66 mais 8 mais 9 mais 1 mais 1 mais 1, fazem 150 anos, ou seja, um século e meio.

Logo que recebeu essa carta, Pedrinho fez a conta num papel para ver se a pilhava em erro; mas não pilhou.

— É uma danada aquela Narizinho! — disse ele. — Não há meio de errar em contas.

O sítio de Dona Benta

O sítio de Dona Benta ficava num lugar muito bonito. A casa era das antigas, de cômodos espaçosos e frescos. Havia o quarto de Dona Benta, o maior de todos, e junto o de Narizinho, que morava com sua avó. Havia ainda o “quarto de Pedrinho”, que lá passava as férias todos os anos; e o da Tia Nastácia, a cozinheira e o faz-tudo da casa. Emília e o visconde não tinham quartos; moravam num cantinho do escritório, onde ficavam as três estantes de livros e a mesa de estudo da menina.

A sala de jantar era bem espaçosa, com janelas dando para o jardim, depois vinha a copa e a cozinha.

— E sala de visitas? Tinha?

— Como não? Uma sala de visitas com piano, sofá de **cabiúna**, de palhinha tão bem esticada que “cantava” quando Pedrinho batia-lhe tápas. Duas poltronas do mesmo estilo e seis cadeiras. A mesa do centro era de mármore e pés também de cabiúna. Encostadas às paredes havia duas meias mesas também de mármore, cheias de enfeites: três casais de **içás** vestidos, vários caramujos e estrelas-do-mar, duas redomas com velas dentro, tudo colocado sobre os “**pertences**” de miçangas feitos por Narizinho. Hoje ninguém mais sabe o que é isso. Pertences eram umas rodela de crochê que havia em todas as casas, para botar **bibelôs** em cima; para o lavatório de Dona Benta, Narizinho fizera pertences de crochê; e para a sala de visitas, fizera aqueles de miçanga de várias cores, da bem miudinha.

.....
Cabiúna: Madeira nobre.

.....
Içás: Tipo de formiga.

.....
Pertences: Paninho de crochê circular.

.....
Bibelôs: Pequeno objeto que enfeita uma mesa, uma estante.

Antes da sala de visitas havia a sala de espera, com chão de grandes ladrilhos quadrados, “cor de chita cor-de-rosa desbotada”. A sala de espera abria para a varanda. Que varanda gostosa! Cercada de um gradil de madeira, muito singelo, pintado de azul-claro. Da varanda descia-se para o terreiro por uma escadinha de seis degraus. Nas férias do ano anterior Pedrinho havia plantado em cada canto da varanda um pé de “cortina japonesa”, uma trepadeira que dá uns fios avermelhados da grossura de um barbante, que depois ficam amarelos e descem até quase ao chão, formando uma

verdadeira cortina viva. Aquela varanda estava se transformando em jardim, tantas eram as orquídeas que o menino pendurara lá e os vasos de avenca da miúda que ele foi colocando junto à grade.

O jardim ficava nos fundos da sala de jantar, um verdadeiro amor de jardim, só de plantas antigas e fora da moda. Flores do tempo da mocidade de Dona Benta: esporinhas, damas-entre-verdes, suspiros, orelhas-de-macaco, dois pés de jasmim-do-cabo, e outro, muito velho, de jasmim-manga. Plantado na calçada e a subir pela parede, o velhíssimo pé de flor-de-cera, planta que os modernos já não plantam porque custa muito a crescer. Até cravo-de-defunto havia lá, flor com que Narizinho se implicava por ter “cheiro de cemitério”. Bem no centro do jardim havia um tanque redondo com uma cegonha de louça, toda esverdeada de limo, a esguichar água pelo bico. Mas a cegonha já estava sem cabeça, em consequência das pelotadas do bodoque de Pedrinho. Um velho regador verde morava perto do tanque, porque era com a água do tanque que Tia Nastácia regava as plantas no tempo da seca.



— E o pomar?

— O pomar ficava nos fundos da casa, depois do “quintal da cozinha”, onde havia um galinheiro, um tanque de lavar roupa e o puxado da lenha. O poço velho fora fechado depois que Dona Benta mandou encanar a aguinha do morro.

Passado o quintal vinha o pomar — aquela delícia de pomar!

— Por que delícia?

— Porque as árvores eram muito velhas, e árvore quanto mais velha melhor para a beleza e a frescura da sombra. Árvore nova pode ser muito boa para dar frutas bonitas, baixinhas e fáceis de apanhar. Mas para a beleza não há como uma árvore bem velha, bem **craquenta**, com os galhos revestidos de musgos, líquens e parasitos. Certas árvores do pomar tinham donos. Havia a célebre pitangueira da Emília, as três jabuticabeiras de Pedrinho, a mangueira de manga-espada de Narizinho e os pés de mamão de Tia Nastácia. Até o visconde tinha sua árvore — um pezinho de romã muito feio e raquítico. O resto das árvores não era de ninguém — era de todos. E quantas! Cambuazeiros, duas jaqueiras, os pés de cabeluda e grumixama, os três pés de sapotis e aquele de fruta-de-conde que “não ia por diante”.

.....
Craquenta: Cheia de rachaduras.

Era tão antigo aquele pomar que os vizinhos até caçoavam. Viviam dizendo: “O pomar de Dona Benta está tão velho que qualquer dia se põe a caducar. As jaqueiras começam a dar mangas e as mangueiras a dar laranjas.” Mas Dona Benta não fazia caso. Não admitia que se cortasse uma só árvore — nem o pobre pé de fruta-de-conde **encarangado**. Dizia que cada uma delas lembrava qualquer coisa da sua infância ou mocidade.

.....
Encarangado: Doente.

— Este pé de laranja-baiana — costumava dizer — foi o primeiro que tivemos aqui, e dele saíram os enxertos dos outros. Naquele tempo laranja-baiana era uma grande novidade. A muda foi presente do defunto Zé das Bichas, um português muito trabalhador que morava numa chácara perto da vila.

Impossível haver no mundo lugar mais sossegado e fresco, e mais cheio de passarinhos, abelhas e borboletas. Como Dona Benta nunca admitiu por ali nenhum menino de estilingue, a passarinhada se sentia à vontade e fazia

seus ninhos como se estivessem na Ilha da Segurança. O próprio bodoque de Pedrinho não funcionava no pomar.

— E que passarinhos havia?

— Oh, tantos!... No tempo das laranjas o pomar enchia-se de sabiás-de-peito-vermelho, amigos de cantar a célebre música-de-sabiá que os pais vão ensinando aos filhotes, sempre igualzinha, sem a menor mudança. E havia os sanhaços cor de cinza clara. E as saíras azuis. E as graúnas pretíssimas. E muito canário-da-terra, muito papa-capim, tiziu, pintassilgo, rolinha, corruíla...



As corruílas eram o encanto da menina, que vivia a observar o jeitinho delas no constante **escarafunchamento** dos muros **carunchados** em busca de pequenas aranhas e outros bichinhos moles. Bichinho duro corruíla não quer. E sempre com as penas da cauda erguidas, ninguém sabe por quê. Corruílas cor de telha e mansíssimas. Há também a linda corruíla-do-brejo,

que faz aqueles enormes ninhos espinhentos — mas essas nunca apareciam no pomar. Moravam nos brejos.

.....
Escarafunchamento: Procurando com insistência.

.....
Carunchados: Velhos.

Às vezes pousavam lá, de passagem, um ou outro tié-sangue, o passarinho mais lindamente vermelho que existe. Mas não se demoravam. Eram **arisquíssimos**.
.....

.....
Arisquíssimos: Arredios, tímidos.

— Por que, vovó, justamente os passarinhos mais bonitos são os mais ariscos? — perguntou certa vez a menina.

— Justamente por serem bonitos, minha filha. Os homens perseguem os passarinhos bonitos porque são bonitos — quem quer saber de passarinho feio? Os tico-ticos, por exemplo: vivem na maior paz em todos os terreiros justamente porque ninguém os persegue. São feinhos, os coitados. Mas apareça aqui um tié-sangue, ou uma saíra daquelas lindas: todos se põem atrás deles, querendo apanhá-los vivos ou mortos. Para a felicidade neste nosso mundo, minha filha, não há como ser tico-tico, isto é, feinho e insignificante...

Mas o rei do pomar era o João-de-Barro. Na paineira grande, bem lá no fundo, moravam dois, num ninho feito de argila, em forma de forno de assar pão. Era o casal mais amigo possível. Não se largavam nunca. Onde estava um, também estava por perto o outro. E se por acaso um se afastava um pouco mais, volta e meia soltava uns gritos como quem pergunta: “Onde você está?” — e o outro respondia: “Estou aqui.” E de vez em quando cantavam juntos aquele terrível dueto que mais parece uma série de marteladas estridentes e alegres.

— Que coisa interessante, vovó! — disse Pedrinho um dia. — Repare que eles sempre cantam ou gritam juntos. Um faz uma parte e outro faz o acompanhamento, como no piano...

E era assim mesmo. São tão amigos que até para cantar “cantam a duas mãos”, como dizia a boneca.

Certo ano o casal resolveu construir um ninho novo em outro galho da paineira, e durante quinze dias o divertimento dos meninos foi acompanhar

de longe aquele trabalho. Os dois passarinhos traziam da beira do ribeirão um **pelote** de barro no bico, e ficavam ali a colocar aquela massa no lugar próprio, e a bicá-la cem vezes para que ficasse bem ligadinha. Enquanto um se ocupava naquilo, o outro voava em busca de mais barro. Nunca estavam os dois no mesmo serviço; revezavam-se. À tardinha interrompiam o trabalho, cantavam o dueto com toda a força e depois se acomodavam no ninho velho. Tia Nastácia vivia dizendo que nos domingos eles não trabalhavam, mas infelizmente os meninos não puderam tirar a prova duma coisa tão linda.

.....
Pelote: Bolinha.

O mais curioso foi que, depois de acabado o ninho novo, eles, em vez de se mudarem, resolveram fazer um segundo ninho em cima daquele. Quem primeiro notou isso foi o visconde, que foi, todo assanhado, contar a Dona Benta.

— Venham ver — disse o sabuguinho. — Eles terminaram ontem a construção do ninho novo, mas não se mudaram do velho; em vez disso estão a construir um segundo ninho sobre o novo — uma espécie de segundo andar.

Dona Benta foi com os meninos e viu.

— Por que será, vovó? — quis saber Pedrinho.

— Não sei, meu filho, mas eles devem ter lá as suas razões.

— Eu sei — berrou Emília. — É para alugar!...

Todos riram-se.

— Eu acho — disse Narizinho — que é para acomodar os filhotes quando chegarem ao ponto de voar.

— Isso não — observou Dona Benta. — Porque se os pais construíssem casas para os filhos, estes não aprenderiam a arte da construção e essa arte se perderia. É fazendo que se aprende, já disse o velho **Camões**.

.....
Camões: Luis de Camões (1524-1580), maior poeta português que escreveu o poema épico *Os Lusíadas*.

— Mas então esses passarinhos raciocinam, vovó, têm inteligência...

— Está claro que têm, meu filho. A inteligência é uma faculdade que aparece em todos os seres, não só no homem. Até as plantas revelam inteligência. O que há é que a inteligência varia muito de grau. É pequeniníssima nas galinhas e nos perus, mas já bem desenvolvida no joão-

de-barro — e é um **colosso** num homem como **Isaac Newton**, aquele que descobriu a Lei da Gravitação Universal.

Colosso: Imensa.

Isaac Newton: Isaac Newton (1643-1727), célebre astrônomo e cientista inglês descobriu a Lei da Gravidade. Dizem que quando Newton viu uma maçã cair da árvore percebeu que os corpos são atraídos para o centro da Terra.

No terreiro do sítio, em frente à varanda, havia sempre um mastro de São João, que Pedrinho fincava na véspera do dia desse santo, a 24 de junho, quando vinha pelas férias. Ele mesmo cortava o pau no mato, ele mesmo o descascava e pintava inteirinho, com arabescos vermelhos, amarelos e azuis. No topo do mastro colocava a “bandeira de São João”, que era um quadrado de sarrafo, espécie de moldura, na qual pregava com tachinhas um retrato de São João meninote com um cordeirinho no braço. Essas bandeiras, estampadas em **morim**, custavam \$1,50 na venda do Elias Turco, lá na estrada.

Morim: Tecido de algodão.

O terreiro era vedado por uma cerca de **pau a pique** — **rachões de guarantã**. Bem no centro ficava a porteira. Para lá da porteira era o pasto, onde havia um célebre cupim de metro e meio de altura; e mais adiante, um velho cedro ainda do tempo da mata virgem. Através do pasto seguia o “caminho” — ou a estrada que ia ter à vila, a légua e meia dali. No fim do pasto, perto da ponte, apareciam a casinha do Tio Barnabé e a figueira grande; e, bem lá adiante, o Capoeirão dos Tucanos, uma verdadeira mata virgem onde até onça, **macucos** e **jacus** havia.

Pau a pique: Parede feita com trama de varas coberta com barro.

Rachões de guarantã: Grandes lascas dessa árvore.

Macucos e jacus: Tipos de ave.

E que mais? Ah, sim, o ribeirão que passava pela casa do Tio Barnabé, cortava o pasto e vinha fazer as divisas do pomar com as terras de plantação. Impossível haver no mundo um ribeirão mais lindo, de água mais limpa, com tantas pedrinhas roliças de todas as cores no fundo. Em certos pontos viam-se pequenas praias de areia branca. Nas curvas a água quase que parava, formando os célebres “poços” onde Pedrinho pescava lambaris e bagres. As beiras de água rasa eram a zona dos guarus — o peixinho menor que existe.

Aos domingos Tia Nastácia saía a mariscar de peneira. Os meninos davam pulos de alegria. A boa negra metia-se na água até a cintura e ia descendo o ribeirão, com eles a acompanhá-la da margem, aos gritos.

— Aqui, Nastácia, aqui nestes capinzinhos...

A negra, muito cautelosamente, mergulhava a peneira por baixo dos capinzinhos boiantes e suspendia-a de repente, de surpresa. A água escoava-se pelos furos e na peneira aparecia uma porção de vidinhas aquáticas, a saltar e **espernejar**: guarus barrigudinhos, lambarizinhos novos, pequeninas traíras, e de vez em quando um baratão-d’água muito casquento e feio. E outros bichinhos ainda, incompreensíveis e sem nome. Certo dia a peneira trouxe uma cobra-d’água verde, que a negra jogou sobre o capim da margem. Foi uma gritaria e uma correria das crianças.

Espernejar: Sacudir-se.

— Não tenham medo que não é venenosa! — disse a negra rindo-se com toda a gengivada vermelha de fora. Mas os meninos não quiseram saber de nada. Ficaram a espiar de longe.

A cobra verde foi coleando por entre os capins e se sumiu de novo na água.

O mais importante daquelas mariscagens eram os camarõezinhos de água doce, moles e transparentes, que Tia Nastácia apanhava em quantidade. A carregadeira do samburá (a cestinha redonda que os mariscadores usam para recolher o peixe) era sempre Narizinho. A menina ia passando os camarões da peneira para o samburá, com muito medo de ser mordida. Só os agarrava pelos fios da barba. Pedrinho ria-se: “Boba! Onde se viu camarão morder?” E ela: “A gente nunca sabe...”

No jantar daqueles domingos, quando aparecia na mesa o prato-travessa cheio de camarõezinhos fritos, bem **pururucas** e vermelhos, as crianças até sapateavam de gosto. E, se com os camarõezinhos vinha alguma pequena traíra ou bagre, a disputa era certa.

Pururucas: Crocantes.

— A traíra é minha! — berrava um.
— É minha, é minha! — gritava outro.

O remédio era sempre uma das célebres sentenças de **Salomão** de Dona Benta.

.....
Salomão: Salomão foi um rei muito sábio de Israel.

— Como vocês são dois e a traíra é uma só, eu como a traíra e vocês repartem os camarões.

Cessava incontinentemente a disputa, e a travessa de camarão ia diminuindo, diminuindo, até não ficar nem um fio de barba.

Medo de saci

Pedrinho naqueles tempos costumava passar as férias no sítio de Dona Benta, onde brincava de tudo, como está nas *Reinações* e na *Viagem ao céu*.¹ Só não está contando o que lhe aconteceu antes da famosa viagem ao céu, quando andava com a cabeça cheia de sacis.

A coisa foi assim. Estava ele na varanda com os olhos no horizonte, postos lá onde aparecia o verde-escuro do Capoeirão dos Tucanos, a mata virgem do sítio. De repente disse:

— Vovó, eu ando com ideias de ir caçar na mata virgem.

Dona Benta ali, na sua cadeirinha de pernas cotó, entretida no tricô, ergueu os óculos para a testa.

— Não sabe que naquela mata há onças? — disse com ar sério. — Certa vez uma onça-pintada veio de lá, invadiu aqui o pasto e pegou um lindo novilho da Vaca Mocha.

— Mas eu não tenho medo de onça, vovó! — exclamou Pedrinho, fazendo o mais belo ar de desprezo.

Dona Benta riu-se de tanta coragem.

— Olhem o valentão! Quem foi que naquela tarde entrou aqui berrando com uma ferretoada de vespa na ponta do nariz?

— Sim, vovó, de vespa eu tenho medo, não nego — mas de onça, não! Se ela vier do meu lado, prego-lhe uma pelotada do meu bodoque novo no olho esquerdo; e outra bem no meio do focinho, e outra...

— Chega! — interrompeu Dona Benta, com medo de levar também uma pelotada. — Mas além de onças existem cobras. Dizem que até urutus há

naquele mato.

— Cobra? — E Pedrinho fez outra cara de pouco-caso ainda maior. — Cobra *mata-se* com um pedaço de pau, vovó. Cobra!... Como se eu lá tivesse medo de cobra...

Dona Benta começou a admirar a coragem do neto, mas disse ainda:

— E há aranhas-caranguejeiras, daquelas peludas, enormes, que devoram até filhotes de passarinho.

O menino cuspiu de lado com desprezo e esfregou o pé em cima.

— Aranha mata-se assim, vovó — e seu pé parecia mesmo estar esmagando várias aranhas-caranguejeiras.

— E também há sacis — rematou Dona Benta.

Pedrinho calou-se. Embora nunca o houvesse confessado a ninguém, percebia-se que tinha medo de saci. Nesse ponto não havia nenhuma diferença entre ele, que era da cidade, e os demais meninos nascidos e crescidos na roça. Todos tinham medo de saci, tais eram as histórias correntes a respeito do endiabrado moleque de uma perna só.

Desde esse dia ficou Pedrinho com o saci na cabeça. Vivia falando em saci e tomando informações a respeito. Quando consultou Tia Nastácia, a resposta da negra foi, depois de fazer o pelo-sinal e dizer “Credo!”

— Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há — mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu.



— Quem?

— O Tio Barnabé. Fale com ele. Negro sabido está ali! Entende de todas as feitiçarias, e de saci, de mula sem cabeça, de lobisomem — de tudo.

Pedrinho ficou pensativo.

Tio Barnabé

Tio Barnabé era um negro de mais de oitenta anos que morava no **rancho** coberto de **sapé** lá junto da ponte. Pedrinho não disse nada a ninguém e foi vê-lo. Encontrou-o sentado, com o pé direito num toco de pau, à porta de sua casinha, aquecendo ao sol.

.....
Rancho: Casa pequena.

.....
Sapé: Tipo de planta.

— Tio Barnabé, eu vivo querendo saber duma coisa e ninguém me conta direito. Sobre o saci. Será mesmo que existe saci?

O negro deu uma risada gostosa e, depois de encher de fumo picado o velho pito, começou a falar.

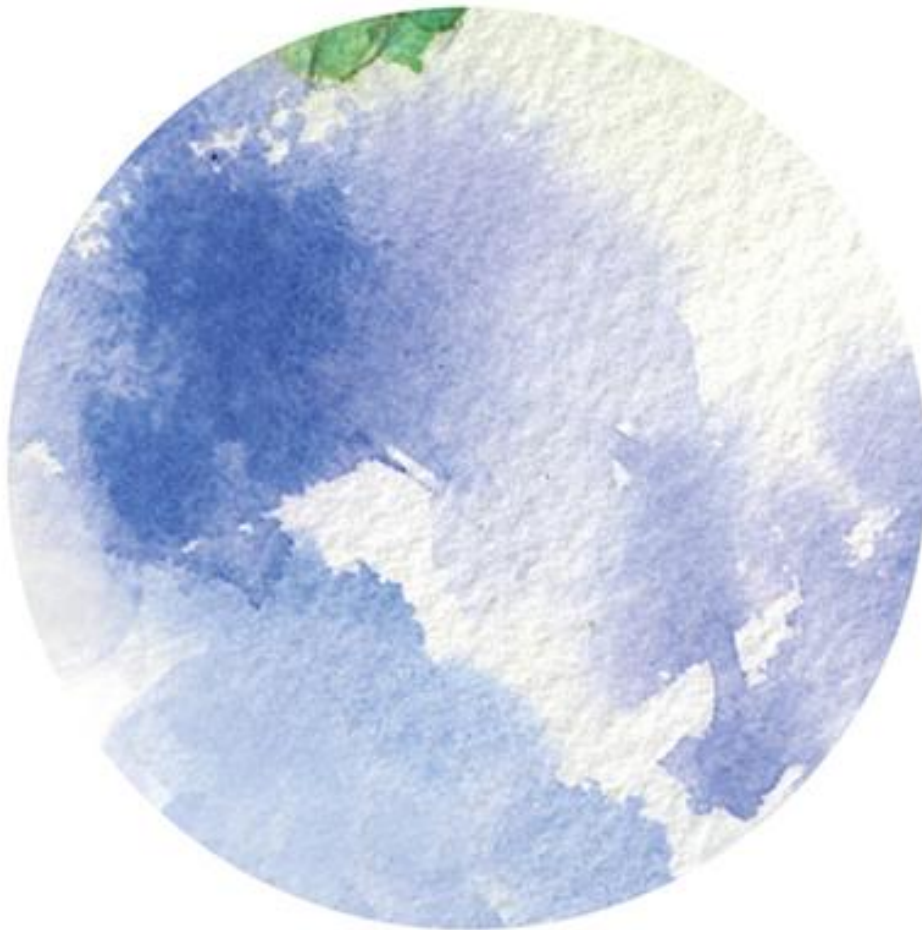
— Pois, Seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que “exeste”. Gente da cidade não acredita — mas “exeste”. A primeira vez que vi saci eu tinha assim a sua idade. Isso foi no tempo da escravidão, na Fazenda do Passo Fundo, que era do defunto Major Teotônio, pai desse Coronel Teodorico, compadre de sua avó, Dona Benta. Foi lá que vi o primeiro saci. Depois disso, quantos e quantos!...

— Conte, então, direitinho, o que é o saci. Bem Tia Nastácia me disse que o senhor sabia, que o senhor sabe tudo...

— Como não hei de saber tudo, menino, se já tenho mais de oitenta anos? Quem muito “veve”, muito sabe...

— Então conte. Que é, afinal de contas, o tal saci?

E o negro contou tudo direitinho.



— O saci — começou ele — é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reinações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de **Sansão** estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo.

Sansão: Personagem bíblico cuja força colossal se devia aos cabelos, nunca cortados.

— Mas que reinações ele faz? — indagou o menino.

— Quantas pode — respondeu o negro. — Azeda o leite, quebra a ponta das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos, bota moscas na sopa, queima o feijão que está no fogo, **gora** os ovos das ninhadas. Quando encontra um

prego, vira ele de ponta pra riba para que espete o pé do primeiro que passa. Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça.

.....
Gora: Estraga.

— E a gente consegue ver o saci?

— Como não? Eu, por exemplo, já vi muitos. Ainda no mês passado andou por aqui um saci mexendo comigo — por sinal que lhe dei uma lição de mestre...

— Como foi? Conte...

Tio Barnabé contou.

— Tinha anoitecido e eu estava sozinho em casa, rezando as minhas rezas. Rezei, e depois me deu vontade de comer pipoca. Fui ali no fumeiro e escolhi uma espiga de milho bem seca. Debulhei o milho numa caçarola, pus a caçarola no fogo e vim para este canto picar fumo pro pito. Nisto ouvi no terreiro um barulhinho que não me engana. “Vai ver que é saci!”, pensei comigo. E era mesmo. Dali a pouco um saci preto que nem carvão, de carapuça vermelha e pitinho na boca, apareceu na janela. Eu imediatamente me encolhi no meu canto e fingi que estava dormindo. Ele espiou de um lado e de outro e por fim pulou para dentro. Veio vindo, chegou pertinho de mim, escutou os meus roncões e convenceu-se de que eu estava mesmo dormindo. Então começou a reinar na casa. Remexeu tudo, que nem mulher velha, sempre farejando o ar com o seu narizinho muito aceso. Nisto o milho começou a chiar na caçarola e ele dirigiu-se para o fogão. Ficou de cócoras no cabo da caçarola, fazendo **micagens**. Estava “rezando” o milho, como se diz. E adeus pipoca! Cada grão que o saci reza, não rebenta mais, vira piruá.

.....
Micagens: Caretas.

“Dali saiu pra bulir numa ninhada de ovos que a minha carijó **calçada** estava chocando num **balaio** velho, naquele canto. A pobre galinha quase que morreu de susto. Fez **cró, cró, cró**... e voou do ninho feito uma louca, mais arrepiada que um ouriço-cacheiro. Resultado: o saci rezou os ovos e todos goraram.

.....
Calçada: Ave com penas compridas.

.....
Balaio: Cesto de palha.

“Em seguida pôs-se a procurar o meu pito de barro. Achou o pito naquela mesa, pôs uma brasiinha dentro e *paque, paque, puque...* tirou justamente sete fumaçadas. O saci gosta muito do número 7.

“Eu disse cá comigo: ‘Deixe estar, coisa-ruinzinho, que eu ainda apronto uma boa para você. Você há de voltar outro dia e eu te curo’.

“E assim aconteceu. Depois de muito virar e mexer, o sacizinho foi-se embora e eu fiquei armando o meu plano para assim que ele voltasse.”

— E voltou? — inquiriu Pedrinho.

— Como não? Na sexta-feira seguinte apareceu aqui outra vez às mesmas horas. Espiou da janela, ouviu os meus roncos fingidos, pulou para dentro. Remexeu em tudo, como da primeira vez, e depois foi atrás do pito que eu tinha guardado no mesmo lugar. Pôs o pito na boca e foi ao fogão buscar uma brasiinha, que trouxe dançando nas mãos.

— É verdade que ele tem as mãos furadas?

— É, sim. Tem as mãos furadinhas bem no centro da palma; quando carrega brasa, vem brincando com ela, fazendo ela passar de uma para a outra mão pelo furo. Trouxe a brasa, pôs a brasa no pito e sentou-se de pernas cruzadas para fumar com todo o seu sossego.

— Como? — exclamou Pedrinho arregalando os olhos. — Como cruzou as pernas, se saci tem uma perna só?

— Ah, menino, mecê não imagina como saci é arteiro!... Tem uma perna só, sim, mas quando quer *cruza as pernas* como se tivesse duas! São coisas que só ele entende e ninguém pode explicar. Cruzou as pernas e começou a tirar baforadas, uma atrás da outra, muito satisfeito da vida. Mas de repente, *puff!*, aquele estouro e aquela fumaceira!... O saci deu tamanho pinote que foi parar lá longe, e saiu ventando pela janela afora.

Pedrinho fez cara de quem não entende.

— Mas que *puff* foi esse? — perguntou. — Não estou entendendo...

— É que eu tinha socado pólvora no fundo do pito — exclamou Tio Barnabé dando uma risada gostosa. — A pólvora explodiu justamente quando ele estava tirando a fumaçada número 7, e o saci, com a cara toda **sapecada**, raspou-se para nunca mais voltar.

.....
Sapecada: Chamuscada.

— Que pena! — exclamou Pedrinho. — Tanta vontade que eu tinha de conhecer esse saci...

— Mas não há só um saci no mundo, menino. Esse lá se foi e nunca mais aparece por estas bandas, mas quantos outros não andam por aí? Ainda na semana passada apareceu um no pasto de Seu Quincas Teixeira e chupou o sangue daquela égua baia que tem uma estrela na testa.

— Como é que ele chupa o sangue dos animais?

— Muito bem. Faz um estribo na crina, isto é, dá uma laçada na crina do animal de modo que possa enfiar o pé e manter-se em posição de ferrar os dentes numa das veias do pescoço e chupar o sangue, como fazem os morcegos. O pobre animal assusta-se e sai pelos campos na disparada, correndo até não poder mais. O único meio de evitar isso é botar **bentinho** no pescoço dos animais.

.....
Bentinho: Faixa de tecido de alguma ordem religiosa.

— Bentinho é bom?

— É um **porrete**. Dando com cruz ou bentinho pela frente, saci fede enxofre e foge com botas-de-sete-léguas.

.....
Porrete: Algo que tem um efeito muito bom.

Pedrinho pega um saci

Tão impressionado ficou Pedrinho com esta conversa que dali por diante só pensava em saci, e até começou a enxergar sacis por toda parte. Dona Benta caçoou, dizendo:

— Cuidado! Já vi contar a história de um menino que de tanto pensar em saci acabou virando saci...

Pedrinho não fez caso da história, e um dia, enchendo-se de coragem, resolveu pegar um. Foi de novo em procura do Tio Barnabé.

— Estou resolvido a pegar um saci — disse ele — e quero que o senhor me ensine o melhor meio.

Tio Barnabé riu-se daquela valentia.

— Gosto de ver um menino assim. Bem mostra que é neto do defunto sinhô velho, um homem que não tinha medo nem de mula sem cabeça. Há

muitos jeitos de pegar saci, mas o melhor é o de peneira. Arranja-se uma peneira de cruzeta...

— Peneira de cruzeta? — interrompeu o menino. — Que é isso?

— Nunca reparou que certas peneiras têm duas taquaras mais largas que se cruzam bem no meio e servem para reforço? Olhe aqui — e Tio Barnabé mostrou ao menino uma das tais peneiras que estava ali num canto. — Pois bem, arranja-se uma peneira destas e fica-se esperando um dia de vento bem forte, em que haja rodamoinho de poeira e folhas secas. Chegada essa ocasião, vai-se com todo o cuidado para o rodamoinho e *zás!*, joga-se a peneira em cima. Em todos os rodamoinhos há saci dentro, porque fazer rodamoinhos é justamente a principal ocupação dos sacis neste mundo.

— E depois?

— Depois, se a peneira foi bem atirada e o saci ficou preso, é só dar jeito de botar ele dentro de uma garrafa e arrolhar muito bem. Não esquecer de riscar uma cruzinha na rolha, porque o que prende o saci na garrafa não é a rolha e sim a cruzinha riscada nela. É preciso ainda tomar a carapucinha dele e a esconder bem escondida. Saci sem carapuça é como cachimbo sem fumo.

“Eu já tive um saci na garrafa, que me prestava muitos bons serviços. Mas veio aqui um dia aquela mulatinha sapeca que mora na casa do compadre Bastião e tanto lidou com a garrafa que a quebrou. Bateu logo um cheirinho de enxofre. O pernetá pulou em cima da sua carapuça, que estava ali naquele prego, e ‘até logo, Tio Barnabé!’.”

Depois de tudo ouvir com a maior atenção, Pedrinho voltou para casa decidido a pegar um saci, custasse o que custasse. Contou o seu projeto a Narizinho e longamente discutiu com ela sobre o que faria no caso de escravizar um daqueles terríveis capetinhas. Depois de arranjar uma boa peneira de cruzeta, ficou à espera do dia de São Bartolomeu, que é o mais ventoso do ano.

Custou a chegar esse dia, tal era sua impaciência, mas afinal chegou, e desde muito cedo Pedrinho foi postar-se no terreiro, de peneira em punho, à espera de rodamoinhos. Não esperou muito tempo. Um forte rodamoinho formou-se no pasto e veio caminhando para o terreiro.

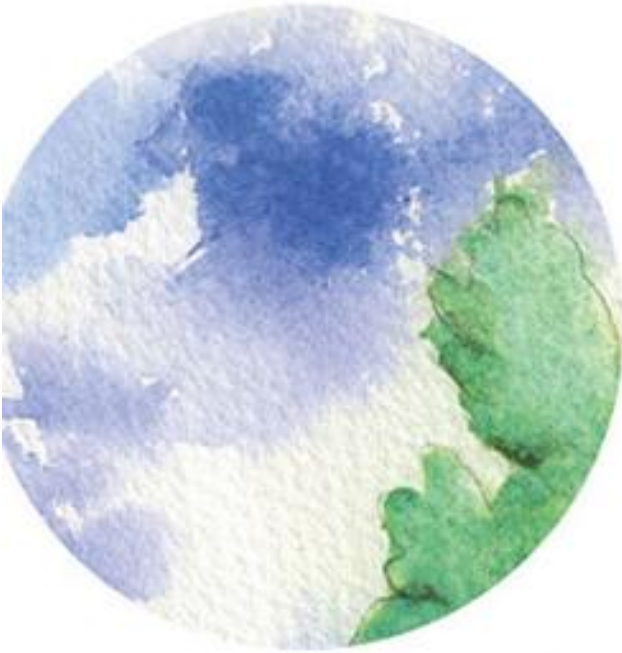
— É hora! — disse Narizinho. — Aquele que vem vindo está com muito jeito de ter saci dentro.

Pedrinho foi se aproximando pé ante pé e, de repente, *zás!*, jogou a peneira em cima.

— Peguei! — gritou no auge da emoção, debruçando-se com todo o peso do corpo sobre a peneira emborcada. — Peguei o saci!...

A menina correu a ajudá-lo.

— Peguei o saci! — repetiu o menino vitoriosamente. — Corra, Narizinho, e traga-me aquela garrafa escura que deixei na varanda. Depressa!



A menina foi num pé e voltou no outro.
— Enfie a garrafa dentro da peneira — ordenou Pedrinho — enquanto eu
cerco dos lados. Assim! Isso!...

A menina fez como ele mandava e com muito jeito a garrafa foi introduzida dentro da peneira.

— Agora tire do meu bolso a rolha que tem uma cruz riscada em cima — continuou Pedrinho. — Essa mesma. Dê cá.

Pela informação do Tio Barnabé, logo que a gente põe a garrafa dentro da peneira o saci por si mesmo entra dentro dela, porque, como todos os filhos das trevas, tem a tendência de procurar sempre o lugar mais escuro. De modo que Pedrinho o mais que tinha a fazer era arrolhar a garrafa e erguer a peneira. Assim fez, e foi com o ar de vitória de quem houvesse conquistado um império que levantou no ar a garrafa para examiná-la contra a luz.

Mas a garrafa estava tão vazia como antes. Nem sombra de saci dentro...

A menina deu-lhe uma vaia e Pedrinho, muito desapontado, foi contar o caso ao Tio Barnabé.

— É assim mesmo — explicou o negro velho. — Saci na garrafa é invisível. A gente só sabe que ele está lá dentro quando a gente cai na **modorra**. Num dia bem quente, quando os olhos da gente começam a piscar de sono, o saci pega a tomar forma, até que fica perfeitamente visível. É desse momento em diante que a gente faz dele o que quer. Guarde a garrafa bem fechada, que garanto que o saci está dentro dela.

.....
Modorra: Sono irresistível.

Pedrinho voltou para casa orgulhosíssimo com a sua façanha.

— O saci está aqui dentro, sim — disse ele a Narizinho. — Mas está invisível, como me explicou Tio Barnabé. Para a gente ver o capetinha é preciso cair na modorra — e repetiu as palavras que o negro lhe dissera.

Quem não gostou da brincadeira foi a pobre Tia Nastácia. Como tinha um medo horrível de tudo quanto era mistério, nunca mais chegou nem na porta do quarto de Pedrinho.

— Deus me livre de entrar num quarto onde há garrafa com saci dentro! Credo! Nem sei como Dona Benta consente semelhante coisa em sua casa. Não parece ato de cristão...

A modorra

Um dia Pedrinho enganou Dona Benta que ia visitar o Tio Barnabé, mas em vez disso tomou o rumo da mata virgem de seus sonhos. Nem o bodoque

levou consigo. “Para que bodoque se leve o saci na garrafa e ele é uma arma melhor do que quanto canhão ou metralhadora existe?”

Que beleza! Pedrinho nunca supôs que uma floresta virgem fosse tão **imponente**. Aquelas árvores enormes, velhíssimas, barbadadas de musgos e orquídeas; aquelas raízes de fora dando ideia de monstruosas sucuris; aqueles cipós torcidos como se fossem redes; aquela galharada, aquela folharada e sobretudo aquele ambiente de umidade e sombra, lhe causaram uma impressão que nunca mais se apagou.

.....
Imponente: Que se impõe pela beleza, pela grandeza.

Volta e meia ouvia um rumor estranho, de inambu ou jacu a esvoaçar por entre a folhagem, ou então, de algum galho podre que tombava do alto e vinha num estardalhaço — *brah, ah, ah...* — esborrachar-se no chão.

E quantas borboletas, das azuis, como cauda de pavão; das cinzentas, como casca de pau; das amarelas, cor de gema de ovo!

E pássaros! Ora um enorme tucano de bico maior que o corpo e lindo papo amarelo. Ora um pica-pau, que interrompia o seu trabalho de bicar a madeira de um tronco para atentar no menino com interrogativa curiosidade.

Até um bando de macaquinhos ele viu, pulando de galho em galho com incrível agilidade e balançando-se, pendurados pela cauda, como pêndulos de relógio.

Pedrinho foi caminhando pela mata adentro até alcançar um ponto onde havia uma água muito límpida, que corria, cheia de barulhinhos mexeriqueiros, por entre velhas pedras **verdoengas** de limo. Em redor erguiam-se os esbeltos **samambaiuçus**, esses fetos enormes que parecem palmeiras. E quanta avenca de folhagem mimosa, e quanto **musgo** pelo chão!

.....
Verdoengas: De cor verde.

.....
Samambaiuçus: Samambaias que atingem porte de árvore.

.....
Musgo: Planta muito pequena que cobre pedras, muros.

Encantado com a beleza daquele sítio, o menino parou para descansar. Juntou um monte de folhas caídas; fez cama; deitou-se de barriga para o ar e

mãos cruzadas na nuca. E ali ficou num enlevo que nunca sentira antes, pensando em mil coisas em que nunca pensara antes, seguindo o voo silencioso das grandes borboletas azuis e embalando-se com o chiar das cigarras.

De repente notou que o saci dentro da garrafa fazia gestos de quem quer dizer qualquer coisa.

Pedrinho não se admirou daquilo. Era tão natural que o capetinha afinal aparecesse...

— Que aconteceu que está assim inquieto, meu caro Saci? — perguntou-lhe em tom brincalhão.

— Aconteceu que este lugar é o mais perigoso da floresta; e que se a noite pilhar você aqui, era uma vez o neto de Dona Benta...

Pedrinho sentiu um arrepio correr-lhe pelo fio da espinha.

— Por quê? — perguntou, olhando **ressabiadamente** para todos os lados.

.....
Ressabiadamente: Assustado, desconfiado.

— Porque é justamente aqui o coração da mata, ponto de reunião de sacis, lobisomens, bruxas, caiporas e até da mula sem cabeça. Sem meu socorro você estará perdido, porque não há mais tempo de voltar para casa, nem você sabe o caminho. Mas o meu auxílio eu só darei sob uma condição...

— Já sei, **restituir** a carapuça! — adiantou Pedrinho.

.....
Restituir: Devolver.

— Isso mesmo. Restituir-me a carapuça e com ela a liberdade. Aceita?

— Que remédio!

Pedrinho sentia muito ver-se obrigado a perder um saci que tanto lhe custara a apanhar, mas, como não tinha outro remédio senão ceder, jurou que o libertaria se o Saci o livrasse dos perigos da noite e pela manhã o reconduzisse, são e salvo, à casa de Dona Benta.

— Muito bem — disse o Saci. — Mas nesse caso você tem de abrir a garrafa e me soltar. Terei assim mais facilidade de ação. Você jurou que me liberta; eu dou minha palavra de saci que mesmo solto o ajudarei em tudo. Depois o acompanharei até o sítio para receber minha carapuça e despedir-me de todos.



Pedrinho soltou o Saci e durante o resto da aventura tratou-o mais como um velho camarada do que como um escravo. Assim que se viu fora da garrafa, o capeta pôs-se a dançar e a fazer cabriolas com tanto prazer que o menino ficou arrependido de por tantos dias ter conservado presa uma criaturinha tão **irrequieta** e amiga da liberdade.

Irrequieta: Agitada.

— Vou revelar os segredos da mata virgem — disse-lhe o Saci — e talvez seja você a primeira criatura humana a conhecer tais segredos. Para começar, temos de ir ao “sacizeiro” onde nasci, onde nasceram meus irmãos e onde todos os sacis se escondem durante o dia, enquanto o sol está de fora. O sol é o nosso maior inimigo. Seus raios espantam-nos para as tocas escuras. Somos os eternos namorados da lua. É por isso que os poetas nos chamam de filhos das trevas. Sabe o que é trevas?

— Sei. O escuro, a escuridão.
— Pois é isso. Somos filhos das trevas, como os beija-flores, os sabiás e as abelhas são filhos do sol.

Assim falando, o Saci levou o menino para uma **cerrada** moita de **taquaruçus** existente num dos pontos mais espessos da floresta.

.....
Cerrada: Fechada, densa.

.....
Taquaruçus: Bambus.

Pedrinho assombrou-se diante das dimensões daqueles **gomos** quase da sua altura e grossos que nem uma laranja-de-umbigo.

.....
Gomos: Cada uma das divisões do bambu.

A sacizada

— É aqui, dentro destes gomos, que se geram e crescem meus irmãos de uma perna só — disse o Saci. — Quando chegam em idade de correr mundo, furam os gomos e saltam fora. Repare quantos gomos furados. De cada um deles já saiu um saci.

Pedrinho viu que era exato o que ele dizia e mostrou desejos de abrir um gomo para espiar um sacizinho novo ainda preso lá dentro.

— Vou satisfazer a sua curiosidade, Pedrinho, mas não posso revelar o segredo de furar os gomos; portanto, vire-se de costas.

O menino virou-se de costas, assim ficando até que o Saci disse:

— Pronto!

Só então desvirou-se e com grande admiração viu aberta num gomo uma perfeita janelinha.

— Posso espiar? — perguntou.

— Espie, mas com um olho só — respondeu o Saci. — Se espiar com os dois, o sacizinho acorda e joga nos seus olhos a brasa do pitinho.

O menino assim fez. Espiou com um olho só e viu um sacizinho do tamanho de um camundongo, já de pitinho aceso na boca e carapucinha na

cabeça. Estava todo encolhido no fundo do gomo.

— Que galanteza! — exclamou Pedrinho. — Que pena o povo lá de casa não estar aqui para ver esta maravilha!

— Esse sacizinho ainda fica aí durante quatro anos. A conta da nossa vida dentro dos gomos é de sete anos. Depois saímos para viver no mundo setenta e sete anos justos. Alcançando essa idade, viramos cogumelos venenosos, ou orelhas-de-pau.

Pedrinho regalou-se de contemplar o sacizete adormecido e ali ficaria horas se o Saci o não puxasse pela manga.

— Chega — disse ele. — Vire-se de costas outra vez, que é tempo de fechar a janelinha.

Pedrinho obedeceu, e quando de novo olhou não conseguiu perceber no gomo do taquaruçu o menor sinal da janelinha.

Justamente nesse instante um formidável miado de gato feriu os seus ouvidos.

— É o jaguar! — exclamou o Saci. — Trepemos depressa numa árvore, porque ele vem vindo nesta direção.

Pedrinho, tomado de pânico, fez gesto de subir na primeira árvore que viu à sua frente, um velho jacarandá coberto de barbas-de-pau.

— Nessa, não! — berrou o Saci. — É muito grossa; o jaguar treparia atrás de nós. Temos que escolher uma de casca bem lisa e tronco esguio. Aquele guarantã ali está ótimo — concluiu, apontando para uma árvore bastante alta e magrinha de tronco, que se via à esquerda.

Subiram — e nunca em sua vida Pedrinho subiu tão depressa em uma árvore! Tinha a impressão de que o terrível tigre dos sertões estava atrás dele, já de boca aberta para o engolir vivo. Mas era ilusão apenas, filha do medo, pois a fera miou outra vez e o Saci calculou pelo som que ainda deveria estar a cem metros dali. Pedrinho ajeitou-se como pôde numa **forquilha** da árvore, lá ficando quietinho ao lado do Saci.

.....
Forquilha: Tronco que se bifurca, que se divide em duas direções.

Preparou-se para ver uma fera sobre a qual vivia falando, mas sem ter a respeito ideia justa. Ia ver a famosa onça-pintada, esse gatão que muito lembra a pantera das matas da Índia.

A onça

O miado soou de novo, desta vez bem perto, e logo depois surgiu por entre as folhas a cabeça de uma formidável onça-pintada. Era um animal de extrema beleza, quase tão grande como o tigre-de-bengala. Parou; farejou o ar. Depois ergueu os olhos para a árvore. Dando com o menino e o Saci lá em cima, soltou um rugido de satisfação, como quem diz: “Achei o meu jantar!” E tentou subir a árvore. Vendo que isso lhe era impossível, sacudiu o tronco tão violentamente que por um triz Pedrinho não veio abaixo, como se fosse jaca madura. Mas não caiu, e a onça, desanimada, resolveu esperar que ele descesse. Sentou-se nas patas traseiras e ali ficou quieta, só movendo a cauda e passando de quando em quando a língua pelos beiços.

— Ela é capaz de permanecer nessa posição por três dias e três noites — disse o Saci. — Temos de inventar um meio de afugentá-la.

Olhou em redor, examinando as árvores como quem está com uma ideia na cabeça. Depois saltou para a mais próxima e foi de copa em copa até uma que estava cheia de grandes vagens. Escolheu meia dúzia das mais secas e voltou para junto do menino.

— Apare nas mãos o pó que eu vou deixar cair destas — disse ele, abrindo com os dentes uma delas.

Pedrinho estendeu as mãos em forma de cuia e o Saci sacudiu dentro um pó amarelado. O mesmo foi feito com as outras vagens.

— Bem, agora derrame este pó bem **a prumo**, de modo que vá cair sobre a cara da onça.

.....
A prumo: Na direção vertical.

Pedrinho colocou-se em linha vertical com a fera e derramou de um jato o pó amarelo.

Foi uma beleza aquilo! Quando o pó caiu sobre os olhos da onça, ela deu um tamanho pinote que foi parar a cinco metros de distância, sumindo-se em seguida pelo mato adentro, a urrar de dor e a esfregar os olhos como se quisesse arrancá-los.

Pedrinho deu uma risada gostosa.

— Que diabo de pó é este, amigo Saci? — perguntou. — Vejo que vale mais que uma boa **carabina**...

.....
Carabina: Espingarda curta.

— Isso se chama pó-de-mico. Arde nos olhos como pimenta e dá na pele uma tal coceira que a vítima até se coçar com um ralar coco, se o tiver ao

alcance da mão.

Pedrinho escorregou árvore abaixo, ainda a rir-se da pobre onça. Mas não riu-se por muito tempo. Mal tinha dado alguns passos, recuou espavorido.

A sucuri

— Um monstro! Acuda, Saci! Um monstro com corpo de cobra e cabeça de boi!... — gritou Pedrinho, trepando de novo no guarantã com velocidade ainda maior que da primeira vez.

O Saci foi ver o que era e voltou dizendo:

— É uma sucuri que acaba de engolir um boi. Desça que não há perigo. Ela está dormindo e dormirá assim dois ou três meses até que o boi esteja digerido.

Apesar da confiança que o Saci lhe merecia, o menino foi pulando de árvore em árvore para só descer a cem passos dali. Mas como a tentação de ver a sucuri fosse grande, foi voltando, voltando, até chegar em ponto de onde pudesse observá-la à vontade.

Era das maiores que se poderiam encontrar, devendo ter pelo menos uns trinta metros de comprimento e a grossura da cabeça de um homem. Pedrinho não podia compreender como um boi inteiro pudesse caber dentro dela.

— Muito simples — explicou o Saci. — A sucuri enlaça o boi, quebra-lhe todos os ossos e amassa-o de tal maneira que o torna comprido como chouriço. Depois cobre-lhe o corpo de uma baba muito lubrificante e começa a engoli-lo sem pressa. Vai indo, vai indo, até que dá com o boi inteiro no estômago; só ficam de fora a cabeça e os chifres. E leva meses assim, até que a digestão se complete. Quando está nesse estado, a sucuri não oferece perigo nenhum, porque fica **inerte**, caída em estado de sonolência.

.....
Inerte: Imóvel, parada.

E não foi só essa cobra que Pedrinho conheceu naquele dia. Logo depois percebeu um ruído seco de guizos. Era uma cascavel que passava, muito aflita, como que fugindo de algum inimigo.

— Que será que a está perseguindo? — indagou ele.

— Alguma muçurana — respondeu o Saci. — As muçuranas são cobras sem veneno que só se alimentam de cobras venenosas. Lá vem uma!

De fato, uma muçurana de cor escura surgiu no rastro da cascavel, que foi alcançada logo adiante.

Luta terrível! Pedrinho nunca imaginou um tal espetáculo. A muçurana enleou-se na cascavel e as duas reboaram no chão como minhocas loucas. Muito tempo estiveram assim. Finalmente a cascavel morreu sufocada, e a muçurana engoliu-a inteirinha, apesar de serem ambas do mesmo tamanho.

— Que horror! — exclamou Pedrinho. — A vida nesta floresta não tem sossego. Só agora compreendo porque os animais selvagens são tão assustados. A vida deles corre um risco permanente, de modo que só escapam os que estão com todos os sentidos sempre alerta.

— É o que os sábios chamam a luta pela vida. Uma criatura vive da outra. Uma come a outra. Mas, para que uma criatura possa comer outra, é preciso que seja mais forte — do contrário vai comer e sai comida.

— Mais forte só?

— Mais forte ou mais esperta. Aqui na mata todos procuram ser fortes. Os que não conseguem ser fortes tratam de ser espertos. Na maior parte dos casos a esperteza vale mais do que a força. Os sacis, por exemplo, não são fortes — mas ninguém os vence em esperteza.

A floresta

— Pois assim é — continuou o Saci. — A lei da floresta é a lei de quem pode mais: ou por ter mais força, ou por ser mais ágil, ou por ser mais **astuto**. A astúcia, principalmente, é uma grande coisa na floresta. Está vendo ali aquele galhinho seco?

.....
Astuto: Esperto.

— Sim. Um galhinho como outro qualquer — respondeu o menino.

— Pois está muito enganado — replicou o Saci. — Não é galho nenhum, e sim um bichinho que finge de galho seco para não ser atacado pelos inimigos.

Pedrinho não quis acreditar, mas cutucando o galhinho viu que ele se mexia. Ficou assombrado da esperteza.

— Bem diz vovó que a mata é perigosa! Um que não sabe há de levar cada logro aqui...

— E aquilo? — perguntou o Saci apontando para uma folha. — Que parece a você que aquilo é?

Pedrinho olhou; viu bem que era uma folha de árvore; mas como já estava ficando sabido nas traições da floresta, piscou para o Saci e disse:

— Desta vez não **caio na esparrela**. Parece que é uma folha, mas com certeza é outro bichinho que se disfarça em folha. — E cutucou-a para ver se mexia. A folha, porém, não se mexeu.

.....
Cair na esparrela: Deixar-se enganar.

— É folha mesmo, bobinho! — disse o Saci dando uma risada. — Inda é muito cedo para você “ler” a mata. Isto é livro que só nós, que aqui nascemos e vivemos toda vida, somos capazes de interpretar. Um menino da cidade, como você, entende tanto da natureza como eu entendo de grego.

— Realmente, Saci! Estou vendo que aqui na mata sou um perfeito bobinho. Mas deixe estar que ainda ficarei tão sabido como você.

— Sim, com o tempo e muita observação. Quem observa e estuda, acaba sabendo. Aqui, porém, nós não precisamos estudar. Nascemos sabendo. Temos o **instinto** de tudo. Qualquer desses bichinhos que você vê, mal sai do casulo e já se mostra espertíssimo, não precisando dos conselhos dos pais. Bem consideradas as coisas, Pedrinho, parece que não há animal mais estúpido e lerdo para aprender do que o homem, não acha?

.....
Instinto: Intuição natural dos animais para sobreviver.

O orgulho do menino ofendeu-se com aquela observação. Um miserável saci a fazer pouco-caso do rei dos animais! Era só o que faltava...

— O que você está dizendo — replicou Pedrinho — é tolice pura sem mistura. O homem é o rei dos animais. Só o homem tem inteligência. Só ele sabe construir casas de todo jeito, e máquinas, pontes, e aeroplanos, e tudo quanto há. Ah, o homem! Você não sabe o que o homem é, Saci! Era preciso que tivesse lido os livros que eu li em casa da vovó...

Discussão

O Saci deu uma gargalhada.

— Que gabolice! — exclamou. — Casas? Qual é o bichinho que não constrói sua casa na perfeição? Veja a das abelhas, ou a das formigas, ou os casulos. Poderão existir habitações mais perfeitas? Todos aqui na mata moram. Cada um inventa o seu jeito de morar. Todos moram. Todos, portanto, têm suas casinhas, onde ficam muito mais bem abrigados do que os homens lá nas casas deles. O caramujo, esse então até inventou o sistema de carregar a casa às costas. É o mais esperto. Vai andando. Assim que o perigo se aproxima, arreia a casa e mete-se dentro.

— Casa, vá lá — disse Pedrinho meio convencido. — Mas aeroplano? Que bichinho daqui seria capaz de construir aviões como nós homens os construímos?

Outra risada do Saci.

— Olhe, Pedrinho, você está me saindo tão bobo que até me causa dó. Aviões! Pois não vê que o avião é a mais atrasada máquina de voar que existe? Aqui os bichinhos de asas estão de tal modo adiantados que nenhum precisa de mostrengos como o tal avião. Todos possuem no corpo um aparelho de voar aperfeiçoadíssimo. Não vê que voam, bobo? Outro dia assisti a uma cena muito interessante. Eu estava perto duma lagoa cheia de patos, quando um avião passou voando por cima das nossas cabeças. Os patos entreolharam-se e riram-se. Você sabe, Pedrinho, que bicho estúpido é o pato. Pois mesmo assim um deles disse com muita sabedoria: “Parece incrível que os homens se gabem de ter inventado uma coisa que nós já usamos há tantos milhares de anos...”



— Sim — continuou Pedrinho —, mas nós sabemos ler e vocês não sabem.

— Ler! E para que serve ler? Se o homem é a mais boba de todas as criaturas, de que adianta saber ler? Que é ler? Ler é um jeito de saber o que os outros pensaram. Mas que adianta a um bobo saber o que outro bobo pensou?

Era demais aquilo. Pedrinho encheu-se de cólera.

— Não continue, Saci! Você está me ofendendo. O homem não é nada do que você diz. O homem é a glória da natureza.

— Glória da natureza! — exclamou o capetinha com ironia. — Ou está repetindo como papagaio o que ouviu alguém falar ou então você não raciocina. Inda ontem ouvi Dona Benta ler num jornal os horrores da guerra na Europa. Basta que entre os homens haja isso que eles chamam guerra para que sejam classificados como as criaturas mais estúpidas que existem. Para que guerra?

— E vocês aqui não usam guerras também? Não vivem a perseguir e comer uns aos outros?

— Sim; um comer o outro é a lei da vida. Cada criatura tem o direito de viver e para isso está autorizada a matar e comer o mais fraco. Mas vocês homens fazem guerra sem ser movidos pela fome. Matam o inimigo e não o comem. Está errado. A lei da vida manda que só se mate para comer. Matar por matar é crime. E só entre os homens existe isso de matar por matar — por esporte, por glória, como eles dizem. Qual, Pedrinho, não se meta a defender o bicho homem que você se **estrepa**. E trate de fazer como Peter Pan, que **embirrou** de não crescer para ficar sempre menino, porque não há nada mais sem graça do que gente grande. Se todos os meninos do mundo fizessem greve, como Peter Pan, e nenhum crescesse, a humanidade endireitaria. A vida lá entre os homens só vale enquanto vocês se conservam meninos. Depois que crescem, os homens viram uma **calamidade**, não acha? Só os homens grandes fazem guerra. Basta isso. Os **meninos** apenas brincam de guerra.

.....
Estrepa: Se sai mal, se dá mal.

.....
Embirrou: Teimou.

.....
Calamidade: Desgraça.

Pedrinho nada respondeu. Estava um tanto abalado pelas estranhas ideias do Saci. Quando voltasse para casa iria consultar Dona Benta para saber se era assim mesmo ou não.

O jantar

O sol já estava **descambando** e o menino sentiu fome.

.....
Descambando: Descendo, se pondo.

Havia esquecido de trazer **matalotagem**.

— Amigo Saci, estou sentindo uma coisa chamada fome. Mostre-me a sua habilidade em sair-se de todos os apuros, arranjando um jantar.

— Nada mais fácil — respondeu o pernetinha. — Gosta de palmito?

— Gosto, sim. Mas como poderemos derrubar uma palmeira tão alta para colher o palmito? Sem machado é impossível.

O Saci deu uma risada.

— Não há impossíveis para mim, quer ver? — E metendo dois dedos na boca tirou um agudo assobio.

Imediatamente um enorme besourão, chamado serra-pau, surgiu do seio da floresta. O Saci fez-lhe uns sinais e o besourão, voando para o alto duma palmeira de tronco fino, mas muito alta, abarcou a base do palmito entre os seus ferrões dentados como um serrote e começou a girar com grande velocidade, zunindo como um aeroplano — *zunnn...*

Em menos de cinco minutos o tronco da palmeira estava serrado, e o palmito, acompanhado da copa, veio com grande estardalhaço ao chão.

— Bravos! — exclamou o menino. — Nunca imaginei que nesta mata houvesse serrador tão hábil. Quero agora ver como você prepara o petisco.

— Muito fácil — disse o Saci. — Fogo não falta. Tenho sempre fogo no meu pitinho. Panelas também não faltam. É só procurar por aí alguma casca de tatu. Água temos dentro dos gomos de taquara; basta rachar um ou dois. E para gordura, é só quebrar uma porção de coquinhos e espremer entre duas pedras o óleo das amêndoas.

— E sal?

— É o mais difícil; mas como há mel, você comerá palmito preparado sob forma de doce, que é ainda mais gostoso.



E assim foi feito. Em menos de vinte minutos estava diante de Pedrinho uma casca de tatu cheia de um doce de palmito muito bem preparado. O menino comeu a fartar e ainda teve uma sobremesa de amoras-do-mato, que o Saci colheu ali mesmo.

— Há muito tempo que não como com tanto apetite! — comentou Pedrinho depois que encheu o papo. — Você é um cozinheiro ainda melhor que Tia Nastácia, que é a primeira cozinheira do mundo.

E, dando tapinhas na barriga, pôs-se a palitar os dentes com um comprido espinho de **brejaúva**.

Brejaúva: Palmeira silvestre.

A tarde ia morrendo. Não tardou que Pedrinho visse brilhar no céu, por entre uma nesga aberta na copa das árvores, a primeira estrelinha.

Que coisa impressionante era a noite! Até aquele momento Pedrinho ainda não havia prestado atenção nisso. Noite em casa não é noite. Acende-se o lampião, fecha-se a porta da rua — e que é da noite?

Mas ali, oh, ali a noite o era de verdade — das imensas, das completamente escuras, apenas com aqueles vaga-lumes parados no céu que os homens chamam estrelas...

Novas discussões

Tinham de esperar a meia-noite, porque só a essa hora é que os duendes da floresta saem de suas tocas. Para matar o tempo, o Saci começou a explicar a Pedrinho o que era a vida na natureza.

— Você nunca poderá fazer ideia da vida encantada que temos por aqui — disse ele.

— Ora, ora! — exclamou o menino. — Não há o que os homens não saibam. Vovó tem lá uma História Natural que conta tudo.

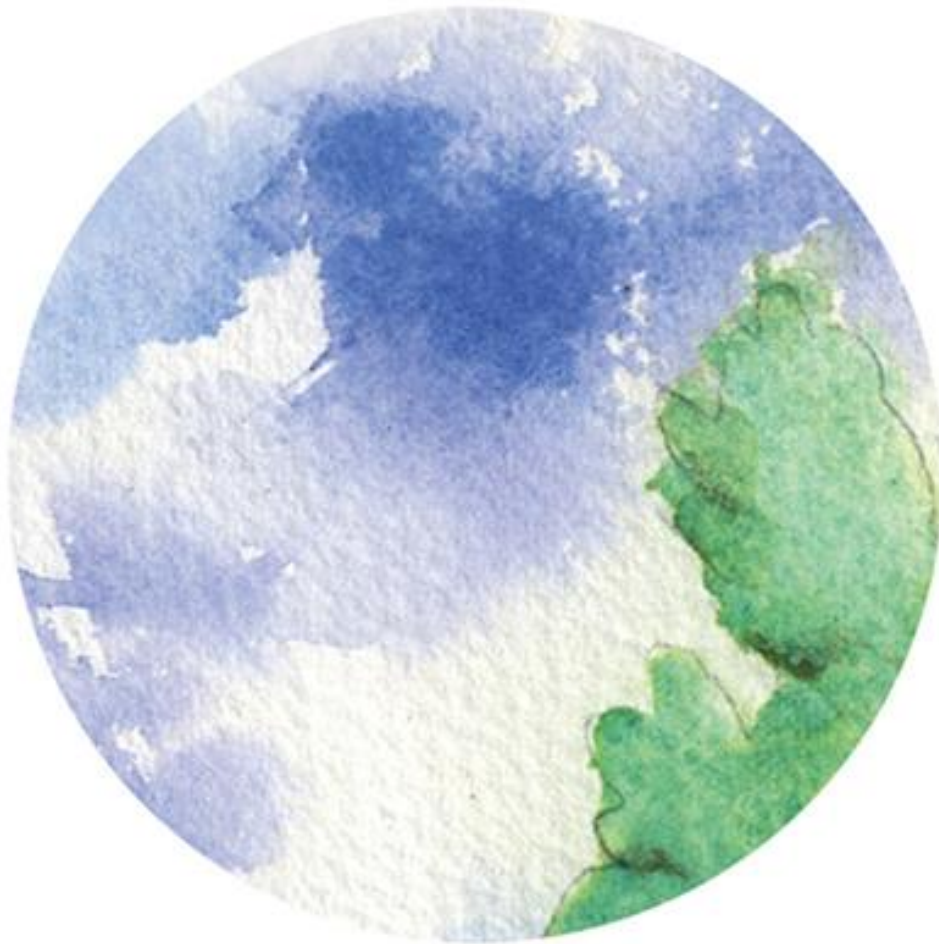
O Saci riu-se e tirou uma baforada do pitinho.

— Tudo? Ah, ah, ah!... Livros como esse não contam nem isca do que é, e estão cheios de invenções ou erros. Basta dizer que para cada inseto seria preciso um livro inteiro só para contar alguma coisa da vidinha deles. E quantos insetos existem? Milhões...

— Em todo caso — voltou Pedrinho —, nós, homens, pomos o que sabemos nos livros e vocês, sacis, não escrevem coisa nenhuma. Nunca houve livros entre vocês, e quem não escreve obras não pode ensinar aos filhos o que sabe.

— Não temos livros — disse o Saci — porque não precisamos de livros. Nosso sistema de saber as coisas é diferente. Nós *adivinhamos* as coisas. Herdamos a sabedoria de nossos pais, como vocês, homens, herdamos propriedades ou dinheiro. Nascer sabendo! Isso é que é o bom. Um pernilongo, por exemplo. Sabe como é a vidinha dele? Nasce na água, saído de um ovinho. Logo que sai do ovinho ainda não é pernilongo — é o que vocês chamam “larva” — uma espécie de peixinho que nada e mergulha muito bem. Um dia essa larva cria asas, pernas compridas e voa. E que faz quando voa?

— Vai cantar a música do *fiun* e picar as pessoas que estão dormindo em suas camas. É isso o que esses malvadinhos fazem.



— Muito bem! — tornou o Saci. — E quem ensina o pernilongo a fazer isso? Os pais? Não, porque depois de soltar os ovos na água os pais dos pernilonguinhos morrem. Os livros? Não, porque eles não têm livros. Pois apesar disso sabem tudo quanto precisam saber. Sabem que no corpo das gentes há sangue, e que o sangue é o alimento deles. Sabem que as gentes moram em casas. Sabem que a melhor hora de sugar o sangue das gentes é de noite, porque estão dormindo. E sem que os pais lhes ensinem coisa nenhuma, ou que as aprendam nos livros, os pernilonguinhos logo que saem da água vão em busca das casas, entram, escondem-se nos escuros, esperam que todos durmam e sossegadamente picam as pessoas e enchem de sangue as suas barriguinhas. Depois escapam pelas janelas e voltam à mata ou outros sítios, em procura de agulhas paradas onde porem os ovos. E assim eternamente. Sabem tudo direitinho — e ninguém os ensina. Logo, eles têm a ciência de tudo dentro de si mesmos, como vocês têm tripas e estômago e pacuera.

Pedrinho teve de concordar que era assim mesmo. O Saci continuou:

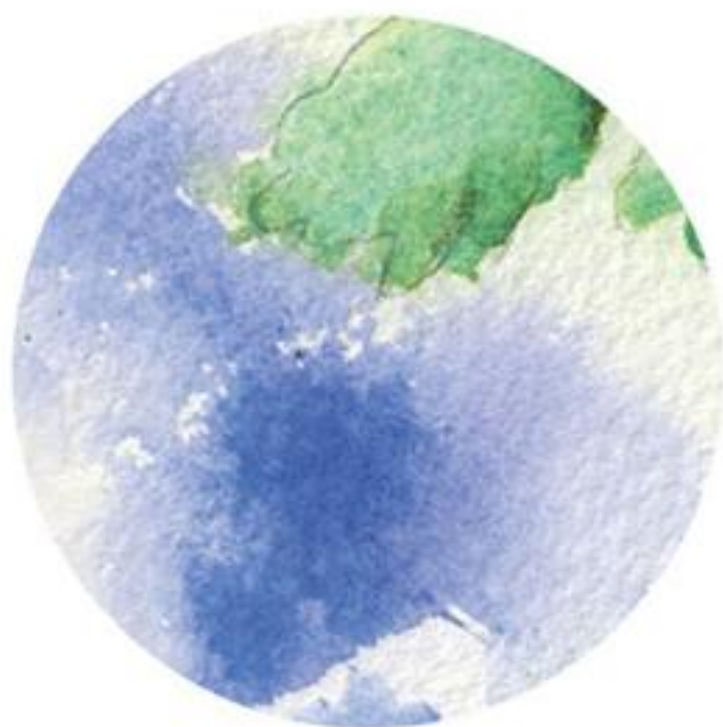
— E como fazem os pernilongos, assim também fazem todas as outras vidinhas aqui da floresta. Cada qual *nasce sabendo fazer o certo* — e não erram. Os grilos nascem sabendo abrir buracos. Há um inseto chamado bombardeiro. Se outro maior o ataca, vira-se de costas e lança-lhe no focinho um líquido que se evapora imediatamente e tonteia o inimigo. Quando este volta a si, o bombardeiro já está longe. Quem o ensina a fazer isso? Ninguém. Nasce sabendo. Certos besouros, quando querem pôr ovos, fazem o seguinte: pegam uma pequena quantidade de esterco e a vão rolando pelo chão com as patas detrás. Para quê? Para formar uma bola. Quando o esterco está uma bola bem redondinha, eles a furam e botam lá dentro os ovos. Quem ensina esses besouros a fazer essas bolas tão redondinhas? Os pais? Não! Algum livro? Não! Eles nascem sabendo.

— Sim — disse Pedrinho. — Nascem sabendo e nós temos que aprender com nossos pais ou nos livros. Isso só prova o nosso valor. Que mérito há em nascer sabendo? Nenhum. Mas há muito mérito em não saber e aprender pelo estudo.

— Perfeitamente — concordou o Saci. — Não nego o mérito do esforço dos homens. O que digo é que eles são seres atrasadíssimos — tão atrasados que *ainda precisam* aprender por si mesmos. E nós somos seres aperfeiçoadíssimos porque já não precisamos aprender coisa nenhuma. Já nascemos sabidos. Que é que você preferia: ter nascido já com toda a ciência da vida lá dentro ou ter de ir aprendendo tudo com o maior esforço e à custa de muitos erros?

O menino foi obrigado a concordar que o mais cômodo seria nascer sabendo.

— Sim, nesse ponto você tem razão, Saci. Mas que é que faz todas essas vidinhas viverem? Está aí uma coisa que minha cabeça não compreende.



— Ah, isso é o segredo dos segredos! — respondeu o Saci. — Nem nós sabemos. Mas o que acontece é o seguinte: dentro de cada criatura, bichinho ou plantinha, há uma força que a empurra para a frente. Essa força é a Vida. Empurra e diz no ouvido das criaturinhas o que elas devem fazer. A Vida é uma fada invisível. É ela que faz o pernilongo ir picar as pessoas nas casas de noite; e que manda o grilo abrir buracos; e que ensina o bombardeiro a bombardear seus atacantes.

— Mas é invisível até para vocês, sacis, que enxergam mais coisas que nós, homens? — perguntou Pedrinho.

— Sim. Eu que enxergo tudo nunca pude ver a fada Vida. Só vejo os efeitos dela. Quando um passarinho voa, eu vejo o voo do passarinho, mas não vejo a fada dentro dele a empurrá-lo.

— Então ela deve ser como a gasolina dos automóveis. Sem gasolina os carros não andam.

— Perfeitamente — concordou o Saci —, mas com uma diferença: nos automóveis a gente vê e cheira a gasolina, mas a Gasolina-Vida ninguém ainda conseguiu ver nem cheirar.

— E morrer? Que é morrer? A Vida então acaba, como a gasolina do automóvel?

— A Vida muda-se de um ser para outro. Quando o ser já está muito velho e escangalhado, a Vida acha que não vale mais a pena continuar lidando com ele e abandona-o. Vai movimentar um novo ser. A fada invisível diverte-se com isso.

Pedrinho ficou muito impressionado. A fada invisível também morava dentro dele e o empurrava para a frente. Era quem o fazia ter fome e comer, ter sede e beber, ter sono e dormir, querer coisas e procurá-las. Mas um dia essa boa fada se enjoaria dele. Por quê? Porque ele já estaria de cabelos brancos e sem os dentes naturais, e com reumatismo nas juntas, e catacego e com a pele toda enrugada, e com o coração tão fraco que até subir a escadinha da varanda seria uma proeza. E então a fada torceria o nariz e se enjoaria dele — “Sabe que mais, Senhor Pedrinho? Você está um caco velho e eu não gosto disso. Vou procurar outro **ente**” — e o abandonaria e ele então morreria.

.....
Ente: Pessoa.

Essa ideia entristeceu Pedrinho, porque a ideia que não entristece ninguém é bem outra: é a ideia de não morrer nunca, nunca...

Conversou a respeito com o Saci.

— Ora, ora! — disse este. — O que morre é o corpo só, a parte que em nós tem menos importância. A grande coisa que há em nós, e nos diferencia das

pedras e dos paus podres, que é? A Vida. E essa não morre nunca — muda-se de um ser para outro. Tal qual a eletricidade. Quando a pequena bateria daquela lâmpada elétrica que você tem se descarrega, a bateria morre — mas morreu a eletricidade? Não. Apenas mudou-se. Saiu daquela bateria e foi para outra, ou foi para as nuvens, ou foi para onde quis. Assim como a eletricidade não morre, a Vida também não morre. A Vida é uma espécie de eletricidade.

— Mas eu não queria que fosse assim — lamentou Pedrinho. — Tenho dó do meu corpo. Estas mãos, por exemplo — disse ele abrindo-as. — Estou tão acostumado com elas... Desde pequenininho que estas mãos fazem tudo o que eu quero, e fico triste de lembrar que um dia vão ficar paradas, mortas...

— Pior do que perder as mãos é perder os olhos — disse o Saci. — Já reparou como é triste não ter olhos, ou tê-los e não ver nada? Feche os olhos bem fechados.

Pedrinho fechou-os bem fechados. O Saci disse:

— Pois quando a fada invisível abandonar o seu corpo, Pedrinho, seus olhos vão ficar assim, cegos — como se não existissem. E nunca mais esses olhos, que hoje veem tanta coisa, verão coisa nenhuma. Nunca mais, nunca mais...

Pedrinho sentiu uma tristeza tão grande que quase chorou — mas o Saci deu uma grande risada.

— Bobo! O que nesses seus olhos enxerga, não são os olhos: é a fada invisível que há dentro de você. A fada é como o astrônomo no telescópio; e os olhos são como o telescópio do astrônomo. Qual é o mais importante: o telescópio ou o astrônomo?

— É o astrônomo — disse Pedrinho.

— Pois então alegre-se, porque o astrônomo não morre nunca. O telescópio é que se desarranja e quebra...

O medo

Longamente filosofaram os dois, lá debaixo da grande **peroba** que os abrigava do sereno da noite. A floresta tinha uma vida noturna tão intensa quanto a vida diurna. Entre os homens tudo para durante certa parte da noite, mas na floresta a vida continua, porque uns seres dormem de dia e vivem de noite e outros dormem de noite e vivem de dia. Assim que os sabiás, sanhaços e tico-ticos se recolhem aos seus pousos ou ninhos, começam a sair das tocas as corujas e morcegos. E as borboletas e mariposas noturnas vêm

substituir as borboletas e mariposas diurnas, que adormecem logo que chega a noite. E as caças medrosas, tão perseguidas pelos homens, saem de noite a pastar e beber água nos rios. E os vaga-lumes, que de dia não deixam os lugares escurinhos, começam a piscar por toda parte com as suas lanterninhas.

.....
Peroba: Tipo de árvore.

— Esses eu sei — disse o menino. — A vida desses animais eu conheço mais ou menos. O que me interessa agora é a vida dos tais “entes das trevas”, como diz Tia Nastácia — os misteriosos — os que uns dizem que existem e outros juram que não existem.

— Compreendo — disse o Saci. — Você refere-se aos chamados “duendes”, “monstros”, “capetas”, “gnomos” etc...

— Isso mesmo, amigo Saci. Ando desconfiado que tudo não passa de sonho. Eu não via nada na garrafa antes de ter caído naquela modorra. Assim que a modorra chegou, você apareceu na garrafa e começou a falar. Desconfio que estou sonhando... Desconfio que isto é um pesadelo... Nos pesadelos é que aparecem monstros horríveis. Por quê? Por que é que há coisas horríveis?

— Por causa do *medo*, Pedrinho. Sabe o que é medo?

O menino gabava-se de não ter medo de nada, exceto de vespa e outros bichinhos venenosos. Mas não ter medo é uma coisa e saber que o *medo* existe é outra. Pedrinho sabia que o *medo* existe porque diversas vezes o seu coração pulara de medo. E respondeu:

— Sei, sim. O medo vem da incerteza.

— Isso mesmo — disse o Saci. — A mãe do medo é a *incerteza* e o pai do medo é o *escuro*. Enquanto houver escuro no mundo, haverá medo. E enquanto houver medo, haverá monstros como os que você vai ver.

— Mas se a gente vê esses monstros, então eles existem.

— Perfeitamente. Existem para quem os vê e não existem para quem não os vê. Por isso digo que os monstros existem e não existem.

— Não entendo — declarou Pedrinho. — Se existem, existem. Se não existem, não existem. Uma coisa não pode ao mesmo tempo existir e não existir.

— Bobinho! — declarou o Saci. — Uma coisa existe quando a gente acredita nela; e como uns acreditam em monstros e outros não acreditam, os monstros existem e não existem.

Aquela filosofia do Saci já estava dando dor de cabeça no menino, o qual suspirou e disse:

— Basta, amigo Saci. Não quero mais saber de filosofias, quero conhecer os segredos da noite na floresta. Mostre-me os filhos do medo que você

conhece. Desde que há tanta gente medrosa no mundo, deve haver muitos filhos do medo.

— Se há! — exclamou o Saci. — Os medrosos são os maiores criadores das coisas que existem. Não tem conta o que lhes sai da imaginação. As **mitologias** daqueles velhos povos estão cheias de terríveis criações do medo. Aqui nestas Américas temos também muitas criações do medo, não só dos índios chamados aborígenes, como dos negros que vieram da África.

.....
Mitologias: Histórias fantásticas de tradição oral de um povo.

Pedrinho lembrou-se do Tio Barnabé, que era africano.

— Tio Barnabé, por exemplo — disse ele —, é um danado para saber essas coisas. Conhece todos os filhos do medo. Foi ele quem me explicou o caso dos sacis. Conte-me no que é que os índios acreditavam.

— Os índios — começou o Saci — não usavam durante a noite aquelas luzes que Dona Benta usa lá no sítio — aqueles lampiões de querosene. Nem usavam a luz elétrica que há nas cidades. Só usavam fogueirinhas de pouca luz e por isso o medo entre os índios era grande. Quanto maior é o escuro, maior o medo; e quanto maior o medo, mais coisas a imaginação vai criando. Já ouviu falar no Jurupari?

— Não...

— Pois é o diabo dos índios, o espírito mau que aparece nos sonhos e transforma os sonhos em pesadelos horríveis. Insônia, mal-estar, inquietação, tudo que é desagradável vem desse Jurupari.

— Mas como é ele?

— Um espírito sem forma. Um espírito mau que se diverte em agarrar os que estão dormindo e causar-lhes todos os horrores dos pesadelos. E parece que segura as vítimas pela garganta, porque elas esperneiam e se debatem, mas não podem gritar.

— Oh, eu já tive um pesadelo assim! — disse o menino. — Lembro-me muito bem. Eu ia caindo num buracão enorme. Quis gritar por vovó, mas foi inútil. A voz não saía...

— Pois era o Jurupari que estava apertando a sua garganta. O divertimento dele é esse. Anda de casa em casa provocando pesadelos horríveis nos que encontra dormindo.

Nesse momento um ruído entre as folhas chamou a atenção de ambos.

— *Psit!*... — fez o Saci. — Atenção... Qualquer coisa vem vindo...

Ficaram os dois imóveis. O coração de Pedrinho batia apressado.

— O Curupira! — sussurrou o Saci, quando um vulto apareceu. — Veja... Tem cabelos e pés virados para trás.

— Parece um menino peludo — murmurou Pedrinho.

— E é isso mesmo. É um menino peludo que toma conta da caça nas florestas. Só admite que os caçadores cacem para comer. Aos que matam por matar, de malvadeza, e aos que matam fêmeas com filhotes que ainda não podem viver por si mesmos, o Curupira persegue sem dó.

— Bem feito! Mas como os persegue?

— De mil maneiras. Uma das maneiras é disfarçar-se em caça e ir iludindo o caçador até que ele se perca no mato e morra de fome. Outra maneira é transformar em caça os amigos, os filhos ou a mulher do caçador de modo que sejam mortos por ele mesmo.

Pedrinho achou que não podia haver nada mais justo. O Saci prosseguiu:



— Esse que vai passando está a pé, mas em regra o Curupira anda montado num veado e traz na mão uma vara de japecanga.

— Que é japecanga?

— Uma planta que é remédio para doença do sangue. Também é conhecida como salsaparrilha.

— E por que anda com essa vara de japecanga? Que ideia!
— Não sei. Ele é que sabe. E o Curupira tem um cachorro de nome Papamel que não o larga. Assim que avista um caminhante na estrada, começa logo a cantar:

Currapaco, papaco
Currapaco, papaco...

— Isso é cantiga de papagaio! — lembrou Pedrinho. — Na casa do Coronel Teodorico há um que só diz isso.

— Pois foi com o Curupira que os papagaios aprenderam o currapaco. Papagaio não inventa palavras, apenas repete as que ouve.

Mas o Curupira, com os seus pés voltados para trás, não se demorou muito por ali. Descobriu um rasto de paca e lá se foi, com certeza para ver como ela ia passando em sua toca.

— Que horas serão? — perguntou o menino.

O Saci respondeu que faltava pouco para meia-noite.

— Como sabe?

— Por aquela flor — respondeu o Saci indicando uma flor que não estava de todo aberta. — É o meu relógio aqui. Só abre completamente à meia-noite...

O Boitatá

— Eu ouço falar na Iara e no Boitatá. Será que poderei ver um deles hoje? — perguntou Pedrinho.

— A Iara pode — respondeu o Saci —, porque há uma que mora por aqui em certo ponto do rio; mas Boitatá, não. Só existe lá pelo Sul.

— Como é?

— Pois o Boitatá é um monstro muito interessante. Quase que só tem olhos — uns olhos enormes, de fogo. De noite vê tudo. De dia não enxerga nada — tal qual as corujas. Dizem que certa vez houve um grande dilúvio em que as águas cobriram todos os campos do Sul, e o Boitatá, então, subiu ao ponto mais alto de todos. Lá fez um grande buraco e se escondeu durante todo o tempo do dilúvio. E tantos anos passou no buraco escuro que seu corpo foi diminuindo e os olhos crescendo — e ficou como é hoje, quase que só olhos. Afinal as águas do dilúvio baixaram e o Boitatá pôde sair do buraco,

e desde esse tempo não faz outra coisa senão passear pelos campos onde há carniça de animais mortos. Dizem que às vezes toma a forma de cobra, com aqueles grandes olhos em lugar de cabeça. Uma cobra de fogo que persegue os gaúchos que andam a cavalo de noite.

— Eu sei dessa história. É o fogo-fátuo. Vovó já nos explicou que esses fogos são fosforescências emitidas pelas podridões. No Sul também existe a célebre história do Negrinho do Pastoreio. Conhece? Não será uma espécie de saci dos **Pampas**?

.....
Pampas: Campos da região Sul.

— Não. Trata-se de coisa muito diferente. Esse negrinho foi apenas um mártir. Sofreu os maiores horrores de um senhor de escravos muito cruel; morreu e virou santinho.

— Conte a história dele.

E o Saci contou.

O negrinho

— Havia um fazendeiro, ou estancieiro, como se diz lá no Sul, que era muito mau para os escravos — isso foi no tempo em que havia escravidão neste país. Uma vez comprou uma ponta de novilhos para engordar em seus pastos. Era inverno, um dos piores invernos que por lá houve, de tanto frio que fazia.

“Negrinho”, disse o estancieiro para um molecote da fazenda, que andava por ali. ‘Estes novilhos precisam acostumar-se nos meus pastos, por isso você vai tomar conta deles. Todas as tardes tem de tocar a ponta inteira para o curral, onde dormirão fechados, depois de contados por mim. Tome muito **tento**, hein? Se faltar na contagem um só que seja, você me paga.’

.....
Tento: Atenção.

“O pobre molecote só tinha catorze anos de idade; mesmo assim não teve remédio senão ir para o campo tomar conta do gado. Era gado arisco, ainda não **querenciado** naquela fazenda, de modo que, para começar, logo no primeiro dia um dos novilhos faltou na contagem.

.....
Querenciado: Acostumado.

“O estancieiro não quis saber de explicações. Vendo que o número não estava certo, botou o cavalo em que estava montado para cima do negrinho e deu-lhe uma tremenda sova de chicote. Depois disse:

“E agora é ir procurar o novilho que falta. Se não me der conta dele, eu dou conta de você, seu grandíssimo patife!”

“E *lept!* — outra lambada por despedida.

“O moleque, com as costas lanhadas e em sangue, montou no seu cavalinho e saiu pelos campos atrás do novilho. Depois de muito procurar encontrou por fim o fujão, escondido numa moita.

“E agora?”, pensou consigo. “Tenho de laçar este novilho, mas meu laço está que não vale nada, de tão velho, e eu estou tão **escangalhado** pela sova que ainda valho menos que o laço. Mas não há remédio. Tenho que ir até o fim...”

.....
Escangalhado: Arrebatado, machucado.

“E, aproximando-se com muito jeito, laçou o novilho.

“Se fosse só laçar, estaria tudo muito bem. Mas tinha de trazer o boizinho por diante, até o curral. Teria ele forças para isso? O laço aguentaria?

“Não aguentou. Com meia dúzia de **sacões** o novilho desembaraçou-se do laço, arrebatando-o, e lá se foi pelos campos afora, na **volada**.”

.....
Sacões: Puxões violentos.

.....
Volada: Disparada.

“E agora? Voltar para casa sem novilho e sem laço? O **furor** do estancieiro iria explodir como bomba.”

.....
Furor: Fúria.

“Voltou.

“Que é do novilho?”, indagou o patrão assim que o negrinho apareceu no terreiro.

“Escapou, patrão. Lacei ele, mas o laço estava podre e não aguentou, como sinhô pode ver por este pedaço.”

“Se o estancieiro não fosse um monstro de maldade, convencer-se-ia logo, vendo pela ponta do laço que o negrinho andara direito. Quando o laço arrebenta, a culpa da presa escapar não é do laçador, sim do laço. Não pode haver nada mais claro no mundo. Mas o estancieiro, que tinha comido cobra naquele dia, em vez de dar-se por convencido, mais colérico ainda ficou.



“Cachorro!”, exclamou espumando de raiva. ‘Você vai ter o castigo que merece.’

“O dito, o feito. Agarrou o negrinho, amarrou-o pelos pés com a ponta do laço e, depois de bater nele com o cabo do **relho** até cansar, teve uma ideia diabólica: botá-lo num formigueiro para ser devorado vivo pelas formigas.

.....
Relho: Chicote.

“Assim fez. Arrastou-o para um sítio onde existia um enorme formigueiro de formigas carnívoras, arrancou as roupas do coitadinho e deixou-o amarrado lá.

“No dia seguinte foi ver a vítima, com a ideia de continuar o castigo, caso o grande criminoso não estivesse morto e bem morto. Chegando ao formigueiro, levou um grande susto. Em vez do negrinho, viu uma nuvem que se erguia da terra e logo se sumiu nos ares.

“A notícia desse acontecimento correu mundo. Os homens daquelas bandas começaram a considerar o negrinho como um mártir que tinha ido direto para o céu.

“Com o tempo virou um verdadeiro santo. Quem quer qualquer coisa, na **campanha** do Rio Grande, antes de pedi-la a Santo Antônio ou a outro santo qualquer, pede logo ao Negrinho do Pastoreio.”

.....
Campanha: Campo, planície.

— E ele faz?

— Está claro que faz — sempre que pode. Como sofreu muito, sabe avaliar os apertos dos outros e ajuda-os no possível.

Meia-noite

Nesse ponto da **prosa**, a flor que servia de relógio abriu-se toda.

.....
Prosa: Conversa.

— É hora! — exclamou o Saci. — Estamos justamente no meio da noite.

Apesar de valente, Pedrinho não deixou de sentir um certo arrepio pelo corpo. Primeira vez na vida em que ia passar uma noite inteira na mata — e não seria uma noite comum, pelo que dizia o Saci.

— Não se **arreceie** de coisa nenhuma. Deixe tudo por minha conta que nada de mau **hã de** acontecer — disse o Saci, correndo os olhos em redor

como em procura de alguma coisa. — Venha comigo. Há ali uma peroba minha conhecida, onde encontraremos o melhor dos refúgios.

.....
Arreceie: Receie, tenha medo.

De fato. Na tal peroba havia um oco a doze pés acima do chão, muito próprio para esconderijo. Dentro dele os dois acomodaram-se à vontade e de modo a tudo poderem ver sem perigo de serem vistos.

— Muito bem — disse o menino —, mas só quero saber como poderei enxergar qualquer coisa de noite, dentro desta floresta que de dia já é tão escura.

— Para tudo há remédio — foi a resposta do Saci. — Espalharei pelas árvores vizinhas centenas de lanternas vivas, de modo que você enxergará como se fosse dia. Mas antes é preciso que coma estas sete frutinhas vermelhas — concluiu apresentando ao menino um punhado de frutinhas do tamanho de amoras-bravas.

Pedrinho desconhecia aquelas frutas e foi com uma careta que mordeu a primeira, tão amarga era. Mas comeu as sete, e logo em seguida sentiu uma deliciosa tonteira invadir-lhe o corpo, deixando-o num esquisito estado de consciência jamais sentido. Era como se estivesse *dormindo acordado*.

Enquanto isso, o Saci repetiu em tom diferente o assobio com que chamara o serra-pau; mas dessa vez não veio serra-pau nenhum, sim uma enorme quantidade de vaga-lumes, dos grandes e dos pequenos. Vieram e foram pousando nas folhas e galhos das árvores vizinhas, como se algum invisível guia lhes estivesse a indicar os lugares. O coração da floresta clareou num círculo de cem metros de diâmetro, como se fosse batido pelo luar da lua cheia.

Pedrinho estava a gozar o espetáculo da floresta iluminada pelas lanterninhas vivas, quando surgiu na claridade o primeiro saci. E logo outro, e outro, e todo um bando de mais de cem. Começaram a pular, a dançar e a conversar numa linguagem que o menino muito sentiu não entender.

— Estão combinando as travessuras que vão fazer durante a noite. Daqui a pouco todos partem, só ficando os pequeninos que ainda não podem correr mundo — explicou o Saci cochichando-lhe ao ouvido.

Pedrinho enxergou um de cara chamuscada — com certeza o que fora vítima da explosão do pito do Tio Barnabé. Mas os sacis foram se dispersando, de modo que ao cabo de alguns minutos só se viam por ali os pequeninos como camundongos.

— Para onde foram? — perguntou Pedrinho.

— Oh, eles espalharam-se por toda parte. Ainda está por haver um lugarzinho onde saci não entre.

— Até nas garrafas... — disse o menino, sorrindo.

Saída dos sacis

Nem em sonhos Pedrinho jamais esperou que pudesse observar um quadro mais curioso. Aqueles minúsculos capetinhas eram as mais travessas e irrequietas criaturas que se possam imaginar. Não paravam um só instante. **Cabriolavam** nos musgos do chão, pulavam como pulgas, dançavam, inventavam mil travessuras. E tudo faziam sem por um só instante tirarem o pitinho da boca.

.....
Cabriolavam : Pulavam.

Deram-se cenas muito engraçadas. Três deles ficaram muito atentos, de narizinho para o ar, observando um morcego que despreocupadamente comia frutinhas de uma enorme figueira. Depois de cochicharem entre si, treparam à figueira, com todas as cautelas para não assustar o morcego. Foram por trás dele e, de repente — *zás!*... pularam-lhe ao lombo, como perfeitos caubóis! O morcego levou um grande susto e começou a corcovear no ar, em voos tontos, enquanto os três cavaleiros, firmes na sela como carrapatos, davam assobios agudíssimos num grande contentamento.

Outro havia trepado a um arbusto e descoberto um ninho de beija-flor com três ovinhos. Imediatamente deu brado de alarma, chamando os companheiros. Reuniu-se um bando em redor do ninho, cujos ovos foram retirados e levados para o chão. Lá acenderam uma minúscula fogueirinha e assaram os ovos e os comeram com grande alegria e gulodice.

E quantas outras travessuras não observou Pedrinho! Os que agarraram um pobre caramujo pelos chifrinhos e fizeram prodígios para arrancá-lo da casca. Os que se divertiam em caçar vaga-lumes, matá-los e esfregar pelo corpo a substância fosforescente que os torna luminosos. Os que cavavam a terra, descobriam minhocas, emendavam três e quatro para fazer uma corda de pular!...



Pedrinho estava completamente absorvido naquele curioso espetáculo; e assim passaria a noite se em certo momento o Saci não o puxasse para o fundo do oco.

— Cuidado! — disse ele. — Estou sentindo catinga de lobisOMEM. Meu faro nunca se engana...

LobisOMEM

Nem bem acabara o Saci de pronunciar estas palavras e Pedrinho notou grande **rebuliço** entre os sacizinhos. Parece que também pressentiram qualquer coisa, pois largaram das brincadeiras e desapareceram na floresta, como por encanto.

.....
Rebuliço: Confusão.

Era tempo. O mato começou a estalar, como se algum animalão por ele viesse rompendo, e por fim surgiu na clareira a **carantonha** sinistra de um lobisomem. Parou, farejou o ar como se estivesse sentindo cheiro de carne humana. O Saci, porém, tivera a precaução de emitir um certo cheirinho a enxofre, e isso iludiu o lobisomem, que continuou o seu caminho e passou. O cheiro a enxofre disfarça o da carne humana, explicou mais tarde o Saci.

.....
Carantonha: Cara feia.

Apesar do medo que sentira, Pedrinho pôde notar que o monstro tinha a pele virada, isto é, o pelo para dentro e a carne para fora — uma coisa horrível! No mais, era um perfeito lobo, embora de dimensões muito mais avantajadas.

Assim que o lobisomem deixou a clareira, o menino respirou um ah! de alívio e pediu ao Saci que lhe contasse alguma coisa desses monstros.

— Dizem — respondeu o Saci — que, quando uma mulher tem sete filhos machos, o sétimo vira lobisomem na noite das sextas-feiras. Sai então pelos campos, invade os galinheiros (onde come um produto das galinhas que não é o ovo) e também assalta e devora os cães e as crianças que encontra pelo caminho. Se alguém ataca um lobisomem e corta-lhe uma das patas, ele vira imediatamente no homem que é — e esse homem fica por toda vida aleijado do membro correspondente à pata cortada.

Pedrinho não resistiu à tentação de ver de perto as pegadas do monstro e, apesar das advertências do Saci, saiu do oco para examiná-las à luz de um vaga-lume. Mas não teve tempo. Assim que saiu do oco, ouviu um estranho rumor ao longe, seguido do agudo assobio do Saci chamando-o. Voltou precipitadamente.

— Que há? — indagou.

O Saci, que também parecia amedrontado, puxou-o bem para o fundo do esconderijo, murmurando:

— A mula sem cabeça!

A mula sem cabeça

A mula sem cabeça! Pedrinho estremeceu. Nenhum duende das florestas o apavorava mais que esse estranho e incompreensível monstro, *a mula sem cabeça que vomita fogo pelas ventas!* Muitas histórias a seu respeito tinha ouvido aos **caboclos** do sertão e aos negros velhos, embora Dona Benta vivesse dizendo que tudo não passava de crendice.

.....
Caboclos: trabalhadores rurais (neste caso, mas também pessoas de origem branca e indígena).

A galopada aproximava-se; já se ouvia o estalar dos arbustos que em seu desenfreado galopar a mula sem cabeça vinha quebrando. Súbito, parou.

— Vai mudar de rumo! — murmurou o Saci com cara mais alegre.

E de fato foi assim. A mula retomou a galopada mas em outra direção e, embora passasse por perto, não chegou ao alcance dos olhos do menino.

— Que pena! — exclamou ele. — Tanta vontade que eu tinha de conhecer esse monstro...

— Que pena? — repetiu o Saci. — Que felicidade, deve você dizer! A mula sem cabeça é o mais sinistro duende que há no mundo; tem o dom de transtornar a razão de todos que a veem. Por isso é que tive medo — não por mim, mas por você...

— Mas qual é a origem dessa mula?

— Uma história muito velha. Dizem que antigamente houve um rei cuja esposa tinha o misterioso hábito de passear certas noites pelo cemitério, não consentindo que ninguém a acompanhasse. O rei incomodou-se com isso e certa noite resolveu segui-la sem que ela o percebesse. No cemitério deu com uma coisa horrenda: a rainha estava comendo o cadáver de uma criança enterrada na véspera e que por suas próprias mãos, cheias de anéis, havia desenterrado! O rei deu um grito. Vendo-se **pilhada**, a rainha deu outro grito ainda maior — e imediatamente virou nessa **mula** sem cabeça, que desde aquele momento nunca mais parou de galopar pelo mundo, sempre vomitando fogo pelas ventas.

.....
Pilhada: Flagrada, pega em flagrante.

E foi assim que Pedrinho perdeu a única oportunidade que teve de ficar conhecendo pessoalmente o estranho monstro que tanto impressiona a imaginação dos nossos sertanejos.

Ela corre sem cessar, espalhando a loucura por onde passa. Não existe criatura, seja bicho do mato ou gente, que não prefira ver o diabo em pessoa a

ver a tal mula sem cabeça. E horrenda!

— Mas como será que vomita fogo pelas ventas, se as ventas estão na cabeça e ela não tem cabeça?

— Também não entendo; mas é assim — disse o Saci.

Nota

1. *Reinações de Narizinho* (1931), cuja parte inicial inaugura essa coletânea, e *Viagem ao céu* (1932), que é apresentado em seguida. Monteiro Lobato escreveu *O Saci* cerca de dez anos antes de *Viagem ao céu*, mas a cada edição alterava o texto, de modo que esta inserção foi possivelmente feita para a última edição revista por ele.







Viagem ao céu, aventura em que a “cambadinha” do Sítio viaja para a Lua, Marte, Saturno e passeia pela Via Láctea, é um livro surpreendente por ter sido lançado em 1932 — bem antes do primeiro homem pisar na Lua. Na linha de Júlio Verne, Lobato cria uma história com muitas informações astronômicas, mas a fantasia e o faz de conta da Emília criam um contraponto divertido.

A história se inicia com a admiração de Dona Benta ao ver o céu estrelado. “Só vejo estrelinhas”, diz Pedrinho. A avó fala sobre os antigos sábios e astrônomos que passaram a vida inteira estudando as estrelas e os planetas: “Eles sabem ler o que está escrito no céu e você nem desconfia que haja um milhão de coisas escritas no céu...” Dona Benta comenta sobre as constelações, os planetas, o espaço, e assim desperta o interesse dos netos. Pedrinho, entusiasmado, constrói um telescópio: “Que é, afinal de contas, um telescópio? Um canudo com uns tantos vidros de aumento dentro.” E, assim, com um bambu e as lentes do antigo binóculo de Dona Benta, o menino cria o seu. Porém, só Emília consegue ver alguma coisa com seus olhos de retrós: “Estou vendo, sim! (...) Estou vendo um dragão verde, tal qual lagarto, com uma língua vermelha de fora.”

E da brincadeira nasce uma ideia: viajar para Lua com o pó de pirlimpimpim dado por *Peninha*, um menino invisível que aparece em *Reinações de Narizinho*. Não levam Dona Benta: “Sofreu tanto com o pássaro Roca que merece um descanso de lagarto.” Mas levam Tia Nastácia, o Burro Falante e o novo Visconde, pois na parte final de *Reinações de Narizinho* o Visconde morreu afogado no País das Fábulas. Tia Nastácia o refaz com um sabugo de milho vermelho e as crianças o acham parecido com David Livingstone, um explorador inglês que fazia expedições na África no século XIX.

Ao chegarem a um lugar desconhecido, não sabem se estão na Lua mesmo e mandam o Dr. Livingstone investigar. O sabugo se perde no espaço e assim não participa da aventura. Emília dá ideia de se fazer uma votação para saber se estão na Lua mesmo. Pedrinho dá o resultado: “Três narizes a favor da Lua e um a favor da Terra! (...) A Lua ganhou! Estamos na Lua! Viva a Lua!” Resolvido o problema, surge outro: o dragão de São Jorge aparece e tenta comer o Burro Falante, paralisado de medo. Emília assopra uma pitada de pirlimpimpim nas ventas do Burro e ele some pelo espaço. O dragão urra de raiva e com isso acorda São Jorge, que chega com sua lança: “Já, já para toca seu malandro!” O santo, espantado com a presença da cambadinha, depois de fazer muitas perguntas, conta sua história. Tia Nastácia, atônita, não consegue nem falar diante de São Jorge, seu santo preferido.

E agora, divirtam-se lendo os capítulos em que Pedrinho, Narizinho e Emília exploram o espaço passeando pela Via Láctea montados na cauda de um cometa e como, no final, voltam para casa.





Continua a viagem

Depois de algumas horas de bem-dormido sono, Pedrinho acordou e viu no relógio Terra, suspenso no céu da Lua, que o continente americano vinha de novo aparecendo, sinal de seis horas da manhã lá no sítio. Pedrinho foi ter com São Jorge, que estava longe dali dando ordens ao dragão. Era um dragão verde, **escamudo**, com dois tocos de asas nas costas. O gosto dele era enrolar a cauda como saca-rolha, com a ponta de flecha erguida para cima. Volta e meia punha de fora a língua cor de tomate, também com ponta de flecha.

.....
Escamudo: Com escamas.

Pedrinho explicou ao santo que iam continuar a viagem pelos domínios celestes, não só porque tinham vindo com esse fim, como porque era indispensável descobrirem o paradeiro do Dr. Livingstone e salvarem o Burro Falante, que com certeza andava enroscado na cauda de algum cometa.

— Não sei se poderão salvar o Dr. Livingstone — observou São Jorge. — Se ele foi projetado da Lua pela força do tal pó maravilhoso, o mais certo é estar transformado em satélite da Lua.

— Já pensei nisso — tornou Pedrinho apreensivo. — Vovó diz que a força de atração dos astros puxa todos os corpos para o centro deles. Quando a gente joga para o ar uma laranja, a laranja sobe até certa altura e depois volta. Que é que a faz voltar? Justamente a força de atração que puxa todos os corpos para o centro deles. Enquanto a força que jogou a laranja é maior que a força de atração que puxa a laranja, a laranja sobe; quando a força de atração se torna maior, a laranja cai.

São Jorge admirou-se dos conhecimentos de mecânica daquele menino.

— O pó de pirlimpimpim que o visconde cheirou — prosseguiu Pedrinho — era muito pouco, não dava nem para levá-lo até a Terra. E como ele não caiu de novo sobre a Lua e não podia ter chegado à Terra, o certo é estar parado na zona em que a força da atração da Terra empata com a força de atração da Lua — e nesse caso não sobe nem desce, fica toda vida girando em redor da Lua como um satélite. Acho que foi o que sucedeu — concluiu Pedrinho com a maior gravidade.

— Também acho — disse Emília.

Pedrinho riu-se com ar desdenhoso.

— A boba! “Também acho!...” Eu acho com base, mas que base tem você para achar?

— Eu acho com base no meu desejo de achar — respondeu Emília.

— Deseja, então, pestinha, que o visconde fique toda vida como satélite da Lua?

— Desejo, sim. Ando me implicando com esse Dr. Livingstone. É sério demais. Não brinca. Não faz o que eu mando. Está mesmo bom para satélite da Lua. Quando voltarmos à Terra, vou pedir a Tia Nastácia para fazer um visconde igualzinho ao antigo. Aquele é que era o bom — era o “legímaco”.

Emília não dizia “legítimo”, dizia “legímaco”.

Pedrinho e Narizinho também andavam a implicar-se com o Dr. Livingstone, de modo que deram razão à boneca e resolveram deixá-lo como satélite da Lua. Mas o Burro Falante precisava ser salvo.

— Esse, sim — concordou Emília. —

Temos de virar **de cabo a rabo** os mundos celestes até descobri-lo, porque Dona Benta **ficará furiosa se o deixarmos enroscado** nalguma cauda de cometa. Sabe, São Jorge, que ele é o único burro falante que existe na Terra?

.....
De cabo a rabo: Do começo ao fim.

— Burros falantes de dois pés — respondeu o santo — conheci numerosos em minha vida terrena, mas de quatro jamais ouvi falar de algum. Mas se esse precioso burro estiver enganchado num rabo de cometa, como vão fazer vocês para alcançar esse cometa?

Pedrinho **embatucou**. Não havia pensado naquilo. Mas Emília veio com uma daquelas ideias do tamanho de bondes.

.....
Embatucou: Não conseguiu falar.

— Nada mais fácil — disse ela. — Basta arranjar-mos um cometa mais veloz que o do Burro; montamos nele e o tocamos a chicote e espora atrás do cometa do Burro.

— Isso é perigoso — declarou São Jorge. — Tudo no espaço está muito bem regulado. Cada astro segue o seu caminho certo, sempre na mesma velocidade. Se um deles se apressasse demais ou diminuísse a marcha, a “harmonia universal” estaria destruída.

— Para nós não há impossíveis — afirmou Pedrinho com orgulho. — Quem tem no bolso este pó mágico, zomba das leis da natureza. Sabe o que podemos fazer? Montar num cometa e esfregar no nariz dele um pouco de pirlimpimpim, e juro que ele alcança o outro num instantinho! Ah, São Jorge, o senhor não faz ideia do que é o pó de pirlimpimpim!...

O santo ficou atrapalhado. Realmente não conhecia o tal pó, mas o fato de o pirlimpimpim ter trazido aquelas crianças à Lua queria dizer que era na verdade o mais mágico de todos os pós existentes, e capaz de outras coisas assombrosas. Por isso não duvidou da possibilidade de caçarem um cometa montados em outro. Apenas insistiu num ponto: que se eles fizessem isso, o mais certo seria atrapalharem a “harmonia universal”, causando os mais sérios transtornos no Universo.

— Admito a hipótese — respondeu Pedrinho com a importância de um **Bonaparte** diante das pirâmides —, mas acha então que devemos perder o nosso Burro Falante? A tal “harmonia universal” que me perdoe. Entre ela e o nosso Burro, não tenho o direito de escolher.

.....
Bonaparte : Napoleão Bonaparte (1769-1821), general francês que se tornou Imperador. Conquistou o Egito para prejudicar os ingleses, inimigos da França. Diante das pirâmides, disse a famosa frase para seus soldados: “Do alto dessas pirâmides, quarenta séculos os contemplam.”

— Ela **que se fomente**! — interveio Emília.

.....
Que se fomente: Que se dane.

São Jorge meditou uns instantes e depois disse:

— Bom, façam lá como quiserem, mas muito receio que por causa desse burro venha a estragar-se o maravilhoso equilíbrio celeste a que chamo “harmonia universal”, e existe desde os começos do mundo. Meu conselho é um só: prudência, prudência e mais prudência.

Pedrinho ficou um tanto abalado com aquelas altíssimas palavras, e Emília de novo meteu o bedelho.

— Senhor **capadócio**, para nós esse burro vale mais que todas as harmonias do mundo e, se o Universo ficar atrapalhado, pior para ele. Havemos de pegar o Burro, haja o que houver.

.....
Capadócio: Habitante, natural da Capadócia.

São Jorge ainda lembrou uma coisa. Lembrou que, como o espaço é infinito, e os cometas não são inúmeros, ninguém vai pegando um cometa com a facilidade com que se pega um animal no pasto.

A discussão estava se prolongando. Por fim Narizinho veio com uma proposta que foi aceita.

— Sabem do que mais? — disse ela. — O verdadeiro é deixarmos isso para depois. Se em nossa viagem pelo espaço encontrarmos algum cometa que sirva, então pularemos nele e sairemos em procura do Burro. Se não encontrarmos cometa nenhum, daremos outro jeito qualquer. Agora estou com vontade de ir ao planeta Marte, para ver se realmente existem aqueles canais de que os astrônomos tanto falam. Marte me parece um planeta muito simpático.

Todos aceitaram a ideia e imediatamente começaram os preparativos da viagem. Narizinho foi à cozinha da **cratera** despedir-se de Tia Nastácia. Encontrou-a de nariz muito comprido, fungando e resmungando enquanto fritava uns bolinhos para São Jorge. A pobre negra nem ânimo de falar tinha. Só suspirava uns suspiros vindos lá do fundo das crateras de seu coração.

.....
Cratera: A Lua é repleta de crateras – grandes buracos – originados pelo impacto do meteoros.

— Pois é, Tia Nastácia — foi dizendo a menina. — Vamos partir para o planeta Marte e você comporte-se, hein? Perigo não há nenhum. São Jorge já levou o dragão para longe daqui, de modo que nem os seus **bufos** você ouvirá. E não se esqueça de que a maior honra para uma cozinheira **como** você é ficar fazendo bolinhos para um santo de tanta importância.

.....
Bufos: Baforada forte.

— Eu sei, eu sei — soluçou Tia Nastácia. — Vou fazer tudo direitinho. Mas ninguém pode governar o coração, e o meu coração está que é uma pontada atrás da outra. Vai demorar muito essa viagem?

— Não — respondeu a menina. — Vamos apenas dar um pulo até Marte e outros planetas. Quero muito conhecer os anéis de Saturno.

Tia Nastácia benzeu-se.

— Pois atéanel esse diabo tem? É algum dragão?

Narizinho, com preguiça de explicar à pobre negra o que era, prometeu contar tudo na volta.

— E agora, adeus! Se você fizer cara triste, isso até ofende ao santo. Mostre-se alegre e de boa vontade. Não desmoralize o Sítio do Picapau Amarelo...

Tia Nastácia arrancou um profundo suspiro; prometeu que sim e voltou à frigideira enquanto a menina saía correndo, leve como pluma, ao encontro dos outros.

— Tudo pronto? — perguntou.

— Sim — respondeu Pedrinho. — Já dividi o pó em pitadas. Tome a sua. — E deu-lhe uma pitadinha de pirlimpimpim, dizendo: — Temos todos de aspirá-lo ao mesmo tempo, quando eu disser três. Vamos agora nos despedir de São Jorge.

As despedidas foram quase comoventes. Emília chegou a armar cara de choro, e ao beijar a mão do santo prometeu trazer-lhe um presente lá das regiões estelares.

— Que poderá ser? — indagou São Jorge.

— Um fio da Cabeleira de Berenice serve?

São Jorge, comovido, deu-lhe um beijo na testa.

Terminados os adeuses, Pedrinho começou a contar:

— Um... dois... e TRÊS!...

O *fiunnn* foi agudíssimo, e lá se sumiram todos na imensidão do espaço.



O planeta Marte

O que lá no sítio Pedrinho ouvira de Dona Benta a respeito de Marte estava bem fresco em sua lembrança.

— Marte é um planeta de volume seis vezes menor que o da Terra — havia dito a boa senhora. — No dia em que houver facilidades de comunicação entre os mundos, Marte há de ser uma estação balneária da Terra. Os homens irão passar lá férias ou temporadas. É pertíssimo.

— A que distância fica?

— A cinquenta e seis milhões de quilômetros.

— Só? — admirou-se Pedrinho, que já andava tonto com as tremendíssimas distâncias entre a Terra e as estrelas.

— Esses cinquenta e seis milhões de quilômetros a luz vence em dois minutos e seis segundos.

— Sabe, vovó, que a velocidade do nosso pó de pirlimpimpim é a mesma da luz? A Emília até diz que o pirlimpimpim é luz em pó...

Dona Benta riu-se da asneirinha e continuou a falar de Marte.

— As estações lá — disse ela — correspondem às daqui, com as mesmas temperaturas. As condições de Marte assemelham-se muito às nossas, mas o ano de lá tem seiscentos e oitenta e sete dias.

— Que “anão”! — exclamou Pedrinho admirado. — E o peso?

— Menor que aqui. Um quilo nosso pesa trezentos e setenta e quatro gramas em Marte.

— Ótimo! Quem vai para Marte deve sentir-se leve como rolha. Para corridas e pulos deve ser o planeta ideal.

Houve um ponto em que Dona Benta muito insistiu: os canais que através dos telescópios os astrônomos enxergam nesse planeta. E disse:

— Os astrônomos distinguem em Marte uma verdadeira rede de canais, em linhas retas e curvas, ligando mares; mas não são coisas naturais — parecem artificiais, ou feitas pelos homens de lá.

— Como sabem? — duvidou Pedrinho.

— Porque parecem traçados a compasso e régua, que são invenções dos homens. A natureza tem o bom gosto de não usar esses instrumentos. Já reparou que ela nada faz perfeitamente reto ou perfeitamente curvo, como as linhas e círculos traçados pela régua e o compasso?

— Isso não, vovó! — contestou o menino. — Certas palmeiras têm o tronco em linha reta, e o maracujá e outras frutas são bem redondinhos.

— Se com a régua e o compasso você conferir a linha reta de uma palmeira ou o redondo de qualquer fruta, verificará que são mais ou menos, nunca exatamente. A natureza tem horror à precisão da régua e do compasso.

— Eu sei — disse Pedrinho pensativo. — O instrumento que a natureza usa é o mesmo daquele Zé Caolho que esteve consertando a casa do Elias Turco: o olhometro! O Zé Caolho mede tudo com aquele olho torto, a que Emília deu o nome de “olhometro”. Ele não usa régua, nem compasso, nem trena, nem nível, nem prumo. É tudo ali **na ‘batata** do olhometro’, como diz a Emília.

.....
Na batata: Com toda a certeza.

— Pois a natureza é assim, meu filho. Parece que tem horror à geometria. Faz tudo mais ou menos e por isso são tão belas as coisas naturais. Se você mandar a geometria fazer uma árvore, ela faz uma árvore toda cheia de linhas retas e curvas, de elipses, espirais e triângulos, tudo de uma “precisão

geométrica” e fica a feiura das feiuras. Mas com o seu olhómetro a natureza produz belezas como aquela. — E apontou para o cedrão do pasto. — Veja. Não há naquela árvore nenhuma regularidade geométrica, e vem daí a beleza do nosso velho cedro. Pois os canais de Marte são assim, são de uma regularidade que não é própria da natureza. Ora, se não são naturais, são artificiais.

Pedrinho admirava-se de uma coisa, que os canais de Marte fossem avistados da Terra.

— Graças a **Galileu**, meu filho. Graças ao telescópio, filho da luneta que Galileu inventou, nós daqui enxergamos até os canais de Marte, uma coisa que está a cinquenta e seis milhões de quilômetros de distância... Não é maravilhoso?

.....
Galileu: Galileu Galilei (1564-1642), astrônomo e físico italiano, considerado pai da ciência moderna. Galileu defendia – o que hoje sabemos – que a Terra e os outros planetas giram ao redor do Sol, ao contrário do que a Igreja pregava, de que o Sol girava ao redor da Terra.

— Que quer dizer “telescópio”, vovó?

— *Tele* em grego é “longe” e *skopeo* é “eu examino”. Telescópio quer dizer “eu examino ao longe”.

— Que beleza o grego, hein, vovó? É batatal!...

Dona Benta estranhou aquele “batatal” que volta e meia vinha à boca de seu neto.

— Que história é essa de batata pra aqui, batata pra ali, que vocês vivem usando agora? Eu já ando abatataada de tanta batata que rola por esta casa.

— É a Emília, vovó — explicou Pedrinho. — Ela inventou a coisa e nós, sem querer, pegamos na mania. Eu bem não quero falar assim, mas sai. Emília inventou até um tal “batatalífero” que é batatal. E também usa o “batatalino”.

— Mas de onde veio isso?

— Não sei, vovó. Essas coisas vêm do ar, como os resfriados. Parece que a gente enjoa das velhas palavras e precisa de novas, e vai inventando. Batatal quer dizer ótimo, otimismo, bis-ótimo. Mas se a gente diz “isto é ótimo”, fica sem força. Parece que essa palavra está muito gasta. E Emília então diz: “Isto é batatal ou batatalino” e a gente arregala o olho.

Dona Benta filosofou sobre o **pitoresco** da gíria e depois voltou ao planeta Marte.

.....
Pitoresco: Original, o que encanta, engraçado.

— O diâmetro de Marte é de seis mil oitocentos e setenta quilômetros. E o da Terra? Vamos ver se não esqueceu.

— É quase o dobro, vovó.

— Isso mesmo. E a circunferência de Marte também é mais ou menos metade da da Terra. Qual a circunferência da Terra, Senhor **Flammarionzinho**?

.....
Flammarionzinho: Camille Flammarion (1842-1925) foi um astrônomo francês.

— Quarenta mil quilômetros! — berrou o menino. E Dona Benta deu-lhe grau dez pela boa memória.

Em seguida contou que Marte era mais velho que a Terra.

— Esse planeta destacou-se do Sol milhões de séculos antes da Terra, de modo que tudo está lá muito mais evoluído que aqui. A vida em Marte deve ser como vai ser a daqui no futuro. Nós nem podemos fazer ideia dos animais de Marte, e muito menos do homem de Marte, o marciano.

— Marciano quer dizer habitante de Marte?

— Sim. E esses marcianos têm o gosto de ver em seu céu duas luas, em vez de uma só, como nós aqui.

— Duas luas? Que engraçado...

— Dois satélites, sim, meu filho, aos quais os astrônomos deram os nomes de Deimos (Terror) e Fobos (Medo).

— Por quê? Que é que o Terror e o Medo têm a ver com dois astros do céu?

— Ah, isso é uma recordação duns versos de **Homero** na *Ilíada*. Existe nesse poema um pedacinho assim:

.....
Homero: Poeta da Grécia Antiga ao qual se atribui a autoria dos poemas épicos – aventuras heroicas – *Odisseia* e *Ilíada*.

*Ao Terror e ao Medo ele ordena que atrelem meus corcéis
Enquanto de suas cintilantes armas vai se vestindo.*

— Mas que têm esses versos com as luas de Marte?

— Nada, meu filho. O astrônomo que deu esses nomes às luas de Marte devia ter lido na véspera a *Ilíada* de Homero e estava com as palavras Deimos e Fobos na cabeça. Só isso.

— E essas luas aparecem no céu de Marte do tamanho da nossa Lua aqui?

— São muito menores. Deimos tem apenas doze quilômetros de diâmetro.

— Só doze? — admirou-se o menino. — Isso é do tamanho de uma cidade como Paris, Buenos Aires, São Paulo...

— Exatamente; mas como Deimos está apenas a seis mil quilômetros de Marte, aparece grandinho no céu, assim da quarta parte do tamanho da nossa Lua.

— E Fobos?

— Esse está a vinte mil quilômetros de distância e é várias vezes menor que Deimos.

Isso era tudo quanto Pedrinho sabia do planeta Marte, segundo as informações recebidas de sua avó no sítio. Agora que voava para Marte levado pelo pó de pirlimpimpim, iria ter ocasião de verificar se aquilo estava certo ou não. O caso dos canais de Marte e dos marcianos era o que mais o interessava.

Logo que chegaram e abriram os olhos, os três aventureiros celestes sentiram-se desorientados. Tudo muito diferente do que tinham visto na Lua e do que era na Terra. Canais não viram nenhum, porque coisas grandes como canais só são avistáveis de longe. É como quem está dentro de uma floresta: só vê galharada e folharada, não vê a floresta em seu conjunto. Eles puseram-se a prestar atenção às coisas próximas, mas não as entendiam.

— Isto aqui devem ser plantas — disse Narizinho. — Só que estou estranhando as formas e a cor.

— Pelo que disse vovó — informou Pedrinho —, as plantas daqui são evoluidíssimas, são como vão ser as plantas da Terra daqui a milhões de anos.

Era uma vegetação amarela e avermelhada. Não havia verdes, e as formas não lembravam as plantas da Terra.

— E gente? E bichos? — indagou a menina. — Não vejo nada mexer-se. Será que Marte é desabitado?

Pedrinho também desapontou. Por mais que olhasse e reolhasse, não percebia traço de vida animal. E estavam caminhando por ali, a olharem para a direita e a esquerda, quando Emília os agarrou pelas mãos e os puxou para um lado com toda a força.

— Que há? — perguntaram os dois meninos assustados.

A boneca respondeu levando o dedinho à boca em sinal de “bico calado!”, e fez que ambos se escondessem atrás de uma pedra.

— Agachem-se e não se mexam. Depois explico.

Emília olhava como se estivesse vendo coisas e mais coisas. E assim esteve muito atenta e quietinha, imóvel atrás da pedra, até que afinal desembuchou.

— Uf! Que susto!... — exclamou ela erguendo-se. — Acabamos de passar por um grande perigo. Este astro é mais que habitado, é habitadíssimo.

Aquele puxão que dei em vocês foi porque um grupo de marcianos vinha vindo em nossa direção.

Os habitantes de Marte eram invisíveis para os olhos dos meninos, mas visibilíssimos para os olhos da Emília. Ela os tinha decorado e passou a descrevê-los.

— São esquisitíssimos! Parecem grandes morcegos brancos. Em vez de caminharem com dois pés, como nós, deslizam pelo chão e erguem-se nos ares quando querem. O corpo é oval e cheio de **crocotós**, isto é, de coisas esquisitas que não entendo bem. Parecem ter uma ^{.....}porção de braços e mãos, maiores e menores; e, no lugar em que devia ser a cara, há mais crocotós, tudo muito diferente das criaturas da Terra. Nós temos olhos, nariz, boca e orelhas, eles devem ter tudo isso, mas de formas diferentes. São uns seres absurdos...

.....
Crocotós: Palavra inventada pela Emília: “Crocotó é tudo que sai para fora de qualquer coisa lisa.”

— E falam?

— Devem falar, mas sem sons, sem palavras, dum modo muito diverso do nosso. Bem no meio da tal coisa que deve ser a cara existe um chicotinho flexível que eles manejam com grande rapidez.

— Antenas, como nos insetos?

— Talvez. É com os movimentos desses chicotinhos no ar que eles se entendem.

Pedrinho e Narizinho ficaram apavorados com a descrição, e ansiosos por fugirem daquele misterioso planeta. Pelo que informava a Emília, os marcianos não tinham dado pela presença deles ali. Era provável que não pudessem vê-los. Mas seria realmente assim? Às vezes uma coisa parece mas não é. Tornava-se indispensável verificar esse ponto, mas como? Emília tomou uma resolução.

— Vou tirar a limpo esse ponto — disse ela. — Se me acontecer qualquer coisa, se eles me pegarem e me comerem, não faz mal. Não sinto dor, sou boneca e, além disso, Tia Nastácia faz outra ainda melhor que eu... Fiquem caladinhos aqui atrás da pedra. Não se mexam até que eu volte. — E foi tirar a limpo aquele ponto.

Proezas da Emília em Marte

Os meninos quedaram-se calados e imóveis atrás da pedra enquanto Emília se afastava. Meia hora depois já estavam inquietos.

— Fomos muito egoístas, Pedrinho, deixando que Emília saísse com o seu lampeirismo por este mundo desconhecido. Se ela nunca mais voltar, vai ser uma tristeza lá no sítio.

— Não tenha medo — animou Pedrinho. — Emília é uma danada.

E tinha razão de pensar assim, porque logo depois a boneca reapareceu, com cara alegre.

— Estamos salvos! — foi dizendo muito **lambeta**. — Os marcianos não nos podem ver. Fiz todas as experiências. ~~Pãssêi rëntinha~~ de uma porção deles. Cheguei até a puxar o chicotinho de um. O coitado levou um susto, mas não me percebeu. Podemos passear por aqui sem medo de nada.

.....
Lambeta: Fofqueira.

E assim foi. Saíram dali sem medo nenhum e, sempre guiados pela Emília, andaram por toda parte como se estivessem na casa da sogra. Como os dois nada pudessem ver, tinham de contentar-se com as informações da Emília.

— Estamos num maravilhoso palácio — disse ela em dado momento. — Deve ser o palácio do governo dos marcianos. Lá está o rei no seu trono, todo batatal, como se fosse o dono dos mundos...

— Como é esse rei? — perguntou a menina, ardendo de curiosidade.

— Oh, um rei e tanto e diferente dos outros marcianos. Tem o chicote da cara mais comprido. Esperem... Estou vendo que o tal chicote não serve só para falar... O rei está danado com alguém. O chicote vibra no ar e dá chicotadas num marciano... Surra e fala ao mesmo tempo... Esperem, esperem... Estou compreendendo a linguagem do chicote...

Os dois meninos começaram a ficar com medo da boneca. Parecia transformada. Não mais lembrava a Emília bobinha e asneirenta lá do sítio. Falava e raciocinava na maior perfeição, como se alguma misteriosa fada lhe houvesse **enxertado** um novo dom.

.....
Enxertado: Juntado, acrescentado.

— Já aprendi a língua dos marcianos — disse ela por fim. — Compreendo perfeitamente o que falam. E sabem o que o rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó (com certeza um ministro) que o planeta foi invadido por entes estranhos.

— Mas como pode saber disso se não nos enxerga? — observou Pedrinho.

— Não enxergam, mas sentem. O rei está falando... Está dizendo: — “Há qualquer coisa de estranho por aqui. Quero que os aparelhos detectores sejam postos em ação imediatamente.”

— Que aparelhos detectores serão esses? — indagou Pedrinho. — Com certeza inventaram olhos mecânicos, já que não podem enxergar como nós. Se os tais aparelhos detectores nos descobrem, estamos fritos...

— Fritos nada! — exclamou Emília. — Havemos de tapear estes marcianos com todos os seus crocotós.

— Que tantos crocotós são esses, Emília? — voltou Narizinho.

— São as coisas esquisitas que eles têm pelo corpo e não posso adivinhar o que sejam. Crocotó é tudo que é empelotado ou espichadinho como os tais chicotes. Os marcianos são crocotosíssimos. Esses crocotós devem ser órgãos próprios deles aqui.

— E como vamos nos arranjar com gente assim?

— Eu dou jeito — declarou Emília. — Vou descobrir os tais “aparelhos detectores” e misturo tudo, arraso com eles.

Disse e fez. Meteu-se pelo palácio adentro na pista do ministro, o qual, depois de receber a ordem do rei, se encaminhara para o aparelho detector ali do palácio.

Era um maquinismo esquisito e incompreensível, mas Emília sabia que todas as máquinas têm um ponto comum: só funcionam quando estão com todas as peças perfeitinhas e no lugar. Uma que seja quebrada ou retirada, e já o funcionamento da máquina inteira não é o mesmo.

Pensando assim, Emília agarrou uma espécie de martelo e começou a martelar as peças mais delicadas, quebrando ou amassando as que pôde.

O pobre ministro, muito apavorado, via o amassamento das peças sem conseguir ver o autor do estrago, e tal foi a sua impressão que de súbito caiu por terra desmaiado. Emília aproximou-se para examiná-lo de bem perto.

Que ente esquisito! Não era de carne e sim de uma substância branca e mole como a borracha. Emília examinou-o demoradamente sem que conseguisse entender coisa nenhuma. Via uma porção de crocotós ou órgãos muito diferentes dos nossos. Qual seria a boca? Quais seriam os olhos ou os ouvidos? Só quanto ao chicote é que ficou certa, pois era na verdade o órgãozinho com que os marcianos se entendiam entre si.

Depois de muitas pancadas no Aparelho Detector, a boneca percebeu que daquele mato não saíria coelho, isto é, que já não havia perigo de serem detectados por aquele aparelho. Para maior segurança pregou uma terrível martelada num dos crocotós do ministro desmaiado e foi correndo para onde estavam os meninos.

A despeito da martelada no crocotó, o ministro voltou a si e foi dar parte ao rei dos esquisitos acontecimentos.



— Algum estranho invadiu os nossos domínios e acaba de arruinar o detector do palácio — disse ele. — Vi os estragos irem aparecendo como por si mesmos, mas não pude ver o autor daquilo. É invisível. E também senti a ação do intruso em meu crocotó número cinco. Deu-me tamanha martelada que quase fui para o beleléu...

— Nesse caso — ordenou o rei furioso —, **expeça** ordem para que os quinhentos detectores do reino sejam postos em atividade, quero ver se o tal intruso tem forças para arruinar todos os nossos detectores. E logo que ele seja detectado e aprisionado, quero que o ponham num garrafão de álcool e o guardem no museu.

Expeça: Mande.

— Hum!... — fez Pedrinho ao ouvir essa história. — Já tive um saci na garrafa² e não quero que me aconteça o mesmo. O melhor é safar-nos deste

misterioso e perigoso planeta antes que nos detectem e engarrafem...

— Isso é o verdadeiro — concordou Narizinho. — Passe para cá a minha pitada de pirlimpimpim e azulemos daqui.

Pedrinho distribuiu as pitadas e deu o sinal:

— Um... dois... e TRÊS!

Mas na pressa com que fizeram aquilo esqueceram-se de determinar o rumo a seguir, de modo que em vez de irem para um novo planeta foram despertar na Via Láctea.

A Via Láctea

Lá no sítio, quando Dona Benta falou da Via Láctea que os meninos enxergavam no céu, Emília veio com a asneirinha do costume. Estavam na varanda por uma noite muito límpida, a espiar as estrelas.

— E aquela espécie de nuvem branca que estou vendo lá? — tinha perguntado Narizinho; e depois de Dona Benta contar que era a Via Láctea e que Láctea queria dizer “de leite”, Emília saíra-se com esta:

— Com que leite teriam feito aquilo? Para mim foi com o leite da Grande Ursa...

Dona Benta explicou que naquele caso a palavra “láctea” não queria dizer “feito de leite”, como são os queijos e requeijões, e sim que tinha a aparência de uma coisa leitosa.

— E “leitosa” não quer dizer “feita de leite”?

— Não. Leitosa quer dizer que dá ideia da cor do leite ou da consistência do leite. Aquilo lá no céu é o que os astrônomos chamam “nebulosa”. A Via Láctea é uma das muitas nebulosas que com o telescópio eles enxergam no espaço. Deram-lhe o nome de Via Láctea por causa da cor branquicenta com que a vemos daqui.

— E que é nebulosa? — perguntara Pedrinho.

Dona Benta coçou a cabeça. Não é fácil explicar às crianças o que é uma nebulosa. Por fim disse:

— Há várias hipóteses, meu filho. A hipótese mais aceita hoje é que são verdadeiros Universos dentro do Universo — arquipélagos de estrelas em tais quantidades que a distância parecem uma nebulosa, uma nuvem. São milhões de estrelas afastadíssimas.

— Todas como o Sol?

— Sim, meu filho. O Sol é uma estrela da infinidade de estrelas que há no espaço infinito. Está apenas a cento e cinquenta milhões de quilômetros

daqui, tão pertinho que sua luz leva só oito minutos e dezoito segundos para chegar até cá, caminhando com a velocidade que vocês sabem...

— Trezentos mil quilômetros por segundo — lembrou Pedrinho.

— Isso mesmo. Veja como é perto o Sol! Em oito minutos e dezoito segundos a sua luz chega até nós. Depois do Sol a estrela mais próxima da Terra está a quarenta trilhões de quilômetros ou quatro **anos-luz**. Quer dizer que a luz dessa estrela leva quatro anos para chegar até nós.

.....
Anos-luz: A distância percorrida pela luz em um ano.

— Irra!...

— E sabe que essa estrela está também muito perto de nós?

— Será possível — exclamou Pedrinho assombrado. — Haverá ainda coisas mais distantes?

— Sim, meu filho. Os modernos telescópios revelam nebulosas a quinhentos milhões de anos-luz da Terra...

— Quinhentos milhões, vovó? — repetiu Pedrinho no maior dos assombros. — Isso também é demais; chega a ser desaforo...

— Quando inventarem telescópios ainda mais poderosos que os de hoje, é possível que essas nebulosas sejam consideradas próximas. Descobrir-se-ão outras a bilhões de anos-luz... Pois as nebulosas são isso, verdadeiros Universos dentro do Universo, a tremendas distâncias do nosso sistema planetário. E quando nos pomos a pensar no número de estrelas, então é que ficamos tontos de uma vez. A nossa galáxia, isto é, o Universo onde está o nosso Sol e mais as estrelinhas que vemos no céu, compõe-se de mais de quarenta bilhões de estrelas...

— Quarenta bilhões, vovó? Estou ficando totalmente tonto...

— Pois tonteie de uma vez, sabendo que os telescópios revelam a existência de mais de cem milhões de nebulosas, isto é, de Universos dentro do Universo, cada uma delas com bilhões e bilhões de estrelas...

Pedrinho fingiu que caía para trás...

Isso no sítio, nas conversas astronômicas de Dona Benta. Mas agora que estavam no céu e o *fiunnn* os levava justamente à Via Láctea, não quiseram saber daquela Via Láctea dos astrônomos, quiseram a Via Láctea da Emília, muito mais interessante. E foi na Via Láctea da Emília que eles brincaram, lá nos espaços infinitos.

Emília estava que nem doida. Viu por ali inúmeras estrelinhas em formação e começou a brincar com elas como se fossem amigas de infância e a contar-lhes histórias lá do sítio, proezas de Rabicó, façanhas do extinto Visconde de Sabugosa e do novo Dr. Livingstone. As estrelinhas divertiam-se com as novidades, mas confessavam não terem a menor noção da Terra.

— Parece incrível a ignorância destas bobinhas! — exclamou Emília quando suas amigas estrelas começaram a piscar para dormir. — Não sabem nada de nada. Falei do nosso grande planeta Terra, falei da Lua, falei de Marte — e todas arregalaram os olhos e abriram a boca. Era a primeira vez que estavam ouvindo tais palavras...

— Ah, Emília! — suspirou Pedrinho. — Isso prova como o Universo é infinitamente grande e como a nossa Terra é pulga. Menos que pulga: é espirro de espirro de espirro de pulga. Cada uma dessas estrelinhas quando cresce vira um Sol. E sabe, Emília, quantas vezes a massa do nosso Sol é maior que a da Terra?

Emília não sabia.

— Um milhão e trezentas mil vezes! — declarou o menino. — O Sol é de um tal tamanho que até dá dor de cabeça nos astrônomos — e há estrelas muitíssimo maiores que ele. Mas quando o Sol nasceu devia ser um coitadinho como estas suas amigas daqui.

— Então é a isto que Dona Benta chama de “massa cômica?” — perguntou Emília.

Pedrinho riu-se.

— Massa cósmica — bobinha. — Cômico quer dizer outra coisa. Cômico é o que é engraçado. Cósmico quer dizer relativo ao mundo, ou aos mundos, ou ao Universo, que é o conjunto dos mundos.

— Mas que tem a palavra “cósmico” com mundo? Devia ser “massa múndica” e não massa cósmica.

— Vovó já explicou esse ponto. É porque em grego mundo é *kosmos*.

Enquanto falava, Emília ia fazendo um montinho de estrelas das menores, para enfeite de seu museu lá no sítio. E Narizinho, longe dali, pulava de cima das estrelas mais graúdas, sobre outras, tal qual lá no sítio pulava de um cupim para trepar em outro.

Mais adiante havia um ponto onde a massa cósmica estava ainda pura, sem nenhuma estrelinha formada. Emília correu para lá e pôs-se a enrolar entre as palmas das mãos aquela massa luminosa, como Tia Nastácia enrolava massa de trigo para fazer bolinhos.

— Olhem que linda fiz agora! — disse ela mostrando uma enrolada em forma de rosquinha de polvilho. — Estrelas de rosca não existem no céu. Vou fazer uma porção e soltá-las no espaço para irem crescendo. Imaginem a cara dos astrônomos em seus telescópios, quando derem com as “estrelas emilianas”, todas em forma de rosca...

Pedrinho só queria saber de cometas. Juntou uma dúzia dos mais engraçadinhos para os levar e ria-se de gosto, imaginando a cara de Dona Benta ao vê-lo ir tirando do bolso filhotes e mais filhotes de cometa.

— Parecem sapinhos de cauda, só que estes não perdem o rabo quando crescem. Ficam de caudas cada vez maiores. Aquele **Cometa de Halley** que

vovó viu em 1910 tinha uma cauda de quarenta e cinco milhões de quilômetros...

.....
Cometa de Halley: Famoso cometa que passa de tempos em tempos e pode ser visto a olho nu. Quem descobriu sua periodicidade foi o astrônomo Edmond Halley.

E Pedrinho começou a contar o que sabia dos cometas.

— São uns astros muito curiosos — disse ele. — Também giram em redor do Sol como os planetas, mas têm as órbitas diferentes.

— Que é órbita? — perguntou Emília.

— Órbita é o caminho percorrido por um astro. A órbita dos planetas é quase um círculo, mas a dos cometas tem a forma do que os sábios chamam “elipse”.

— E que é elipse? — tornou a perguntar Emília.

— É a forma dos balões dirigíveis ou daqueles bolinhos compridos que Tia Nastácia faz. Os cometas passam muito perto do Sol e depois se afastam a distâncias tremendas. E levam assim toda a vida: a se aproximarem e depois a se afastarem do Sol. Segundo diz vovó, esse Cometa de Halley, depois de passar perto do Sol, afasta-se até para lá da órbita de Plutão, que é o fim dos nossos mundos (estes mundos que giram em redor do Sol). Afasta-se sabe quanto? Afasta-se um bilhão e trezentos milhões de léguas! Quando chega ao extremo da elipse, sente-se tão enregelado que volta para aquecer-se novamente ao calor do Sol. E assim toda a vida. Dá uma volta completa em setenta e seis anos.

— Que bobo! — exclamou a boneca. — Muito melhor se girasse sempre à distância em que a Terra gira, porque então teria um calorzinho sempre igual.

— Eles que usam o sistema da elipse é porque gostam — disse a menina.

— Devem ter suas razões. E que mais você sabe dos cometas, Pedrinho?

— Sei a história do Cometa Biela, que é muito interessante. Esse Biela costumava dar o seu giro completo em seis anos e meio, mas da vez em que passou à vista da Terra em 1846 aconteceu-lhe uma coisa extraordinária: partiu-se em dois! Dividiu-se em dois cometas de órbitas paralelas, cada qual com o seu “núcleo”, ou cabeça, e a respectiva cauda.

— Que engraçado! E apostaram corrida no céu?

— Sim. Um começou imediatamente a afastar-se do outro. Um mês depois já estava a sessenta mil léguas na frente. Seis anos e meio mais tarde a **parelha** de cometas foi novamente vista nos céus da Terra, mas separados por uma distância de quinhentas mil léguas.

.....
Parelha: Conjunto de dois animais semelhantes.

— E depois?

— Depois decorreram diversos períodos de seis anos e meio sem que os dois Bielas voltassem, até que no dia 27 de novembro de 1872 reapareceram desfeitos em milhares de fragmentos luminosos, sempre a correrem pela mesma órbita.

— Que história é essa?

— É que os dois Bielas se haviam espatifado completamente e agora estavam girando **transfeitos** em farelo de cometa. Os astrônomos calcularam em cento e sessenta mil o número dos pedaços dos Bielas que riscaram o céu naquela noite...

.....
Transfeitos: Transformados.

— Que **assombro** dos assombros não devia ser! — exclamou a menina entusiasmada. — Que beleza!...

.....
Assombro: Maravilha, beleza.

— Também acho — concordou Pedrinho — e creio que nunca em tempo algum houve pelos céus da Terra um espetáculo mais portentoso. Cento e sessenta mil pedaços de cometa, imaginem!...

— Que **regalo** para os astrônomos, não?

.....
Regalo: Satisfação, deleite, presente.

— Sim, e deu-se um caso muito cômico. O Flammarion, que era um dos maiores astrônomos da época, estava naquele mês em Roma, **convalescendo** dum ataque de malária. E por causa da doença tinha de recolher-se muito cedo todos os dias. Pois na famosa noite de 27 de novembro aconteceu-lhe a coisa mais terrível de todas.

.....
Convalescendo: Recuperando-se, fortalecendo-se.

— Já sei! — gritou Emília. — Caiu-lhe na cabeça um dos cento e sessenta mil pedaços do Biela...

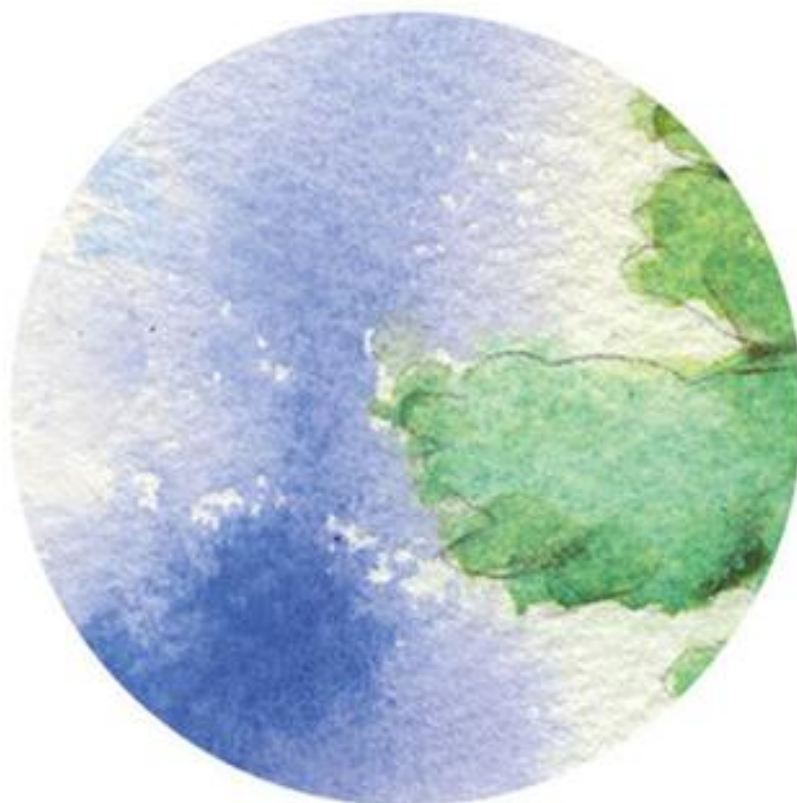
— Não! Coisa muito pior. Flammarion foi para a cama às seis horas da tarde e a maravilhosa chuva de estrelas começou uma hora depois, exatamente às sete, e durou seis horas. Durou das sete até uma hora da madrugada, e ele roncando lá na cama, com as janelas fechadas!... No outro dia, quando se levantou e soube do acontecido, quase morreu de sentimento.

— Mas não houve por lá uma alma caridosa que o acordasse a tempo?

— Não houve nada. Todo mundo estava de nariz para o céu e ninguém se lembrou dele.

— Eu me matava — disse Emília. — Se eu fosse astrônoma e perdesse um espetáculo desses, juro que...

— ...que pregava um tiro de canhão na orelha, já sei — concluiu Pedrinho.



Muitas outras coisas ainda disse o menino sobre os cometas. Só parou quando viu Emília bocejar, então foi encher os bolsos de cometinhas novos.

Enrolava-lhes a cauda em redor do núcleo e guardava-os. Narizinho, que também estava a lidar com aquilo, teve de repente uma ideia cômica.

— Sabem o que vou fazer? Amarrá-los uns nos outros pelas caudinhas e soltá-los no **éter**. Imaginem como vão ficar engraçados quando crescerem! E a dor de cabeça dos astrônomos do futuro para decifrar o mistério...

Éter: Espaço.

— Eles não se apertam — disse Pedrinho. — Armam logo uma hipótese e pronto.

— Que é hipótese, Pedrinho? — perguntou Emília. — Dona Benta usa muito essa palavra, que acho ótima para nome do bezerro da Vaca Mocha.

— Hipótese — explicou Pedrinho — é quando a gente não sabe uma coisa e inventa uma explicação jeitosa.



Emília gostou tanto daquela palavra que se pôs a repeti-la de todos os modos, como era seu costume com as palavras importantes. Hipótese — tesehipo, setepohi, pohitese...

— Pare, Emília! — ralhou a menina. — Pelo menos aqui, neste canteiro de mundos, não mexa na torneirinha...

Mas a boneca nem ouvia. Estava às voltas com uma estrela dupla, coisa rara como trevo de quatro pétalas num jardim.

— Achei uma das duplas! — gritou ela. — Vou levá-la de presente ao meu cavalinho sem rabo.

Depois, voltando aos cometas, teve uma ideia excelente.

— Que tal, Pedrinho, se eu plantar um rabo de cometa no meu cavalinho sem rabo? — E sem esperar resposta arrancou o rabo dum dos cometinhas, enrolou-o e guardou-o no bolso do avental, enquanto ia murmurando lá consigo: “Como ele vai ficar contente!”

— Você falou em cavalo, Emília — disse Pedrinho —, e me fez lembrar do Burro Falante. Com certeza está enganchado na cauda dum desses grandes cometas que andam como malucos girando pelos espaços; e o meio de o acharmos é um só: sairmos em procura dele montados em outro cometa. Foi o que eu disse a São Jorge. É possível que aqui encontremos um cometa já crescidote que nos aguarde no lombo. Vamos ver se descobrimos um que sirva.

E puseram-se a procurar um cometa já **taludote**. Súbito, Emília, que se afastara dos meninos, gritou lá longe:

.....
Taludote: Grande, desenvolvido.

— Estou vendo um que serve. Corram depressa!...

Pedrinho e Narizinho correram para lá e realmente viram um cometa de linda cauda e do tamanho exato que queriam. Um verdadeiro potrinho.

Mas não foi fácil agarrá-lo. Era um cometa arisco e manhoso, sabido como ele só; nunca tinha visto gente, de modo que corcoveava e fugia assim que eles se aproximavam. Mas, cerca daqui, cerca dali, conseguiram afinal pegá-lo, e Pedrinho, que era bom cavaleiro, montou-o dum pulo. Depois, dando a mão à menina e à boneca, fez que as duas também montassem.

— E rédea? Como arranjar rédea para guiar este potro pelos espaços?

— Faça uma rédea de caudas, de outros cometinhas — gritou Emília. — Rabo de cão se cura com mordedura do próprio cão, como diz Tia Nastácia.

Pedrinho gostou da ideia e, mesmo montado, conseguiu alcançar e arrancar vários rabos de cometinhas menores, que num instante teceu em forma de rédea e passou pelo “núcleo” do potro. Os pobres cometinhas

derrabados olhavam para trás desapontadíssimos e muito sem jeito. Quem se acostuma com rabo não sabe viver sem ele.

.....
Derrabados: Com as caudas cortadas.

— Não se aflijam! — gritou-lhes a boneca. — Lá em casa há um ilustre marquês que também não tem rabo e vive muito bem. E chama-se Rabicó, justamente por isso. Rabicó quer dizer sem rabo. Vocês ficam sendo os rabricós celestes...

Depois de bem domado aquele Potro dos Céus, Pedrinho perguntou: — Pronto? Podemos partir?

— Não ainda! — gritou Emília. — Esqueci de pôr no bolso o meu montinho de estrelas. Espere que já volto. — E apeando-se foi encher de estrelinhas o bolso do avental. Depois montou de novo e berrou para Pedrinho: — Pronto! Pode fincar as esporas nesta “hipótese”.

Pedrinho não fez isso; fez coisa mais importante: esfregou no nariz do cometa uma boa pitada do pó de pirlimpimpim.

O potrinho celeste espirrou e saiu ventando.

A cavalgada louca

Aquilo até parecia fábula. Estarem montados num cometa, a voarem com velocidade de cavalos-luz, era coisa que quando fosse contada aos povos da Terra havia de provocar sorrisos de **incredulidade**.

.....
Incredulidade: Atitude de quem não acredita facilmente nas coisas, duvida.

— É o que me aborrece — ia dizendo Pedrinho. — Quando contarmos esta proeza, ninguém na Terra vai acreditar...

— Vovó acredita, juro! — disse Narizinho. — Vovó está tão treinada em nossas maravilhas que não há nada em que não acredite. E Tia Nastácia também.

— Isso sei eu, mas os outros? Todos os outros adultos hão de dizer que é fantasia nossa.

— Ora os adultos! — exclamou Narizinho com ar de pouco-caso. — Não há maior sem-gracismo do que ser adulto. Bem razão tinha Peter Pan em não querer crescer, em não querer nunca virar gente grande, ou “adulto”, como eles dizem com todo o **pedantismo**. A tal gente grande não sabe fazer a única coisa interessante que há na vida...

.....
Pedantismo: Exibindo cultura, conhecimento.

— Que é, Narizinho?

— Ora que é! Brincar, bobo. Tirando o brinquedo, que é que resta na vida? As gentes grandes arrumam a casa, varrem, lavam roupa, guiam bondes nas ruas, entregam pão nas portas, constroem navios, escrevem livros, jogam no bicho, guerreiam, fazem tudo, menos a grande coisa que é brincar, brincar, brincar até arrebentar, como nós...

— É verdade — concordou o menino. — Mas por que será que os adultos não brincam?

— De medo de parecerem crianças. Eles morrem de medo de parecer crianças, como se não fosse dez vezes mais importante ser criança do que ser uns homões de bigodes feito **taturanas** debaixo do nariz, ou umas mulheronas gordas, cheias de rugas na cara, sardas e pés de galinha.

.....
Taturanas: Lagartas.

— É como eu penso — volveu Emília lá da garupa. — Se em vez de boneca eu tivesse nascido gente grande, sabem o que fazia? Suicidava-me com um tiro de canhão na orelha.

Enquanto isso, o cometinha voava pelos espaços com uma velocidade incrível. Quanto tempo durou aquela corrida? Impossível calcular.

— Estamos devorando anos e mais anos-luz — dizia Pedrinho.

E na corrida louca passavam perto de quantas constelações existem pelos céus.

— Lá está a Grande Ursa — explicava Pedrinho. — E agora vamos nos aproximando da Constelação de Cassiopeia e da Constelação da Girafa...

Todos se admiravam da sabedoria de Pedrinho. Parece que sabia de cor todas as estrelas do céu. Em certo ponto Emília pediu:

— Não se esqueça de me chamar a atenção quando pas-sarmos perto da Cabeleira de Berenice. Fiz aquela promessa a São Jorge e tenho de cumprir.

— E aquela lá longe é a Constelação da Lira — continuou Pedrinho. — Recebeu esse nome porque lembra a forma de vaso de uma lira.

— Isso não! — contestou a boneca. — A lira sempre foi redonda.
— Redonda? Você está sonhando, Emília.
— Sim, sim — insistiu a boneca. — Dona Benta tem várias moedas na gaveta e entre elas uma lira bem redonda.
Pedrinho deu uma gargalhada.
— Boba! A lira dessa constelação não é a lira, moeda da Itália, é a lira grega, um instrumento de música dos antigos, quando não havia violão nem piano. Os poetas até hoje falam muito em lira. Eles vivem “tangendo a lira...”.
— E não se pode dizer “tocando a lira”? — quis saber a boneca.
— Não — respondeu Pedrinho. — A lira tange-se, não se toca. Tocar é para sino, viola ou piano.
— E para frango também — acrescentou Emília. — Tia Nastácia vive tocando os frangos que entram na cozinha.
Emília quis saber a forma da lira, quantas cordas tinha e de que modo era “tangida”. E Pedrinho estava a explicar tudo isso minuciosamente, com muitos gestos e micagens, quando, de repente, perdeu o equilíbrio e caiu do cometa abaixo, exatinho como quem cai de um cavalo **xucro**, e lá rodou pelos espaços infinitos.

.....
Xucro: Selvagem, bravo.

— Acuda! — berrou Narizinho na maior aflição. — Pedrinho caiu no éter.
A situação era na verdade gravíssima. Dos três viajantes só Pedrinho era astrônomo e além disso só em seu bolso havia o maravilhoso pó de pirlimpimpim. Sem Pedrinho e sem o pó, como se arrumariam no espaço, como voltariam para casa? E Narizinho começou a sentir todas as angústias do terror.
— E agora? — gemia ela. — E agora, Emília, que vai ser de nós, largadas sozinhas nestes desertos infinitos? Gritar não adianta. Chorar, ainda menos. Que havemos de fazer, Emília?
A boneca não se apertou.
— O que temos a fazer, Narizinho, é não fazer coisa nenhuma. É ficarmos agarradinhas a este cometa e deixarmos que ele corra pelo espaço até que se canse e pare. Depois veremos.
A calma da boneca não sossegou a menina; mas ao lembrar-se de que muitas vezes se vira em aperturas tremendas e tudo acabou bem, resolveu sossegar, e foi sossegando. A falta de Pedrinho, entretanto, era enorme. Só ele sabia a ciência do céu, o nome das estrelas e planetas, de modo que sem ele um voo pelos espaços de nada adiantava, iam passando perto das mais lindas constelações sem saber como se chamavam.

E assim rodaram as duas em silêncio durante minutos e minutos. A velocidade do cometa parecia cada vez maior. Se Dona Benta pudesse prever por onde elas andavam...

Súbito, Emília deu voz de alarma.

— Um cometão! — gritou. — Um cometão enorme vem vindo ao nosso encontro.

Narizinho, que estava de cabeça baixa, pensativa, ergueu os olhos e viu. Viu realmente um cometa de enormíssima cauda avançando na direção do delas. Pelo jeito os dois iam encontrar-se e chocar-se — e aí do pequenino! Narizinho lembrou-se da conversa de Dona Benta sobre a atração que os astros exercem uns sobre os outros, e viu que a força de atração do cometa grande estava puxando para si o cometinha. Era talvez por isso que a velocidade aumentava tanto. E a consequência seria fatal: o grande engoliria o pequeno.

— Vamos ficar sem cavalo, Emília! O cometa grande está atraindo o nosso...

— E que tem isso? — foi a resposta da boneca. — Se o cometa grande atrair o nosso, apenas mudaremos de cavalo. Em vez de montadas num cavalinho, iremos devorar o éter num verdadeiro **cavalão de Troia**.

.....
Cavalão de Troia: O cavalo de Troia foi um grande cavalo de madeira construído pelos gregos para enganar os troianos na Guerra de Troia.

O cometa grande rapidamente crescia de vulto. Foi ficando imenso, imensíssimo, até que...

Bum!... os dois se chocaram com horrível estrondo.

Narizinho e Emília perderam os sentidos.

Aparece o Burro

Quanto tempo estiveram desmaiadas lá em cima do cometa grande? Ninguém sabe. Só se sabe que em certo momento Narizinho estremeceu e foi lentamente abrindo um olho. Depois abriu o outro. Depois arregalou os dois e viu pendurado sobre o seu rosto um focinho com duas ventas pretas. Apesar da tonteira em que ainda estava, reconheceu naquilo uma cara de burro. E súbito um clarão lhe iluminou o cérebro. O Burro Falante! Aquelas ventas, aquele focinho, aquelas pontas de orelhas só podiam ser do Burro

Falante, porque o Burro Falante é que havia rolado pelo éter e, na opinião de Pedrinho, devia andar enganchado nalguma cauda de cometa.

O animal permanecia imóvel, de cabeça pendida. Com certeza estava naquela posição já de muito tempo, à espera de que a menina acordasse, e de tanto esperar dormiu também. Sim. O Burro Falante estava dormindo!

— Emília! — gritou Narizinho sacudindo a boneca desmaiada. — Acorde! Parece que estamos salvas e com o Burro Falante aqui às nossas ordens.

A boneca arregalou os olhos e esfregou-os.

— Burro Falante? — murmurou ainda tontinha, e só então seus olhos deram com o animal adormecido.

Emília levantou-se e deu a mão a Narizinho, já de pé. Ficaram as duas a olhar para o pobre Burro de cabeça caída, imerso em sono profundo.

— Vou acordá-lo — disse Emília e, fazendo “Hu!”, acordou-o.

O aspecto tristonho do Burro mudou para um ar de riso, um ar só, porque os burros não sabem rir, não podem nem sorrir, os coitados. O Burro Falante fez um ar de riso e falou na sua voz antiga de bicho do tempo dos animais falantes.

— **Bofé!** Até que enfim apareceram. Eu já estava cansado de esperar, e de tanto esperar dormi. Onde ficou o dragão? — E ao falar no dragão tremeu sem querer, com medo de que o monstro tivesse vindo atrás delas.

.....
Bofé: Francamente, sinceramente.

— Não tenha receio de nada, Senhor Burro — respondeu Emília. — O dragão está lá numa cova da Lua, amarrado na corrente.

O tremor do Burro cessou.

— E a Senhora Anastácia? (Ele era a única pessoa no mundo que dizia “Senhora Anastácia”, em vez de “Tia Nastácia”, como os outros. Nunca houve burro mais bem-educado nem mais respeitador da gramática. Falava como se escreve, com a maior perfeição, sem um errinho. E falava num português já fora da moda, com expressões que ninguém usa mais, como aquele “Bofé!”).

— Tia Nastácia ficou na Lua como cozinheira de São Jorge — respondeu a menina — e a estas horas ou está fritando bolinhos ou está fazendo pelos-sinais e dizendo credos.

— E o Senhor Pedro Encerrabodes? (O Burro nunca disse Pedrinho; era sempre assim — Pedro Encerrabodes.)

— O Senhor Pedro sumiu! — gritou a boneca. — Vinha guiando pelos ares o Potro dos Céus, comigo na garupa, quando se pôs a explicar como é

que os gregos tangiam a lira (não lira italiana, mas a tal lira que era a viola deles), e tantos gestos fez no ar que perdeu o equilíbrio e caiu no éter.

O Burro empalideceu.

— Oh, isso é muito grave! — murmurou em seguida, franzindo a testa e erguendo as orelhas. — O Senhor Pedro Encerrabodes sempre foi o nosso guia. Sem o seu adjutório (ele não dizia ajutório) não sei como nos **avirmos** nestas terras desconhecidas. Estou aqui há horas (ou há séculos, não posso saber). Já galopei milhares de **toesas** por esses luminosos campos infinitos, sem encontrar sequer uma pequena **touça** de capim.

.....
Avirmos: Ajustamos, acomodamos.

.....
Toesas: Antiga medida francesa que equivale a dois metros.

.....
Touça: Ramo, penca.

— E está com fome, Senhor Burro? — perguntou Emília.

— Nada mais natural, Senhora Marquesa.

— Pois se quer servir-se de estrelinhas recém-nascidas, tenho muitas aqui no bolso. É o que há...

O Burro Falante respondeu com toda a gramática:

— Não creio, Senhora Marquesa, que meu estômago aceite de bom grado semelhante iguaria. Antes continuar jejuando do que contrariar as leis da natureza com a ingestão dum alimento que nem eu nem meus antepassados jamais provamos.

— Faz muito bem — disse Narizinho. — Quem vai comendo a torto e a direito tudo o que encontra acaba estourando. Vovó sempre diz que o “animal se faz pela boca”, isto é: nós somos o que comemos. Um burro que se alimentar de estrelas é capaz de virar cometa.

O Burro quis saber o que havia acontecido desde o momento em que Pedrinho lhe assoprou o pó de pirlimpimpim nas ventas. A menina sentou-se e foi contando. Enquanto isso a boneca pôs-se a passear por ali em procura de coisinhas pelo chão, como costumava fazer nas praias. Por causa desse hábito vivia encontrando coisas. Emília pôs-se a andar, e foi andando, e afastou-se para longe.

Em dado momento, quando Narizinho, depois de contar a chegada à Via Láctea, ia entrando na história do cometa-potro-xucro, uma voz distante chegou-lhe aos ouvidos:

— Corra, Narizinho! Venha ver uma coisa do outro mundo...

A menina ergueu-se e correu na direção da voz, até que avistou Emília sentada no chão com qualquer coisa ao colo. De longe não pôde distinguir o que era, pareceu-lhe uma criancinha nova. Mas seria absurdo admitir uma criança nova naquelas alturas.

Narizinho foi se aproximando. Chegou bem perto. Arregalou os olhos e esfregou-os, porque lhe custava acreditar no que seus olhos viam.

— Um anjinho, Emília?... — exclamou afinal no maior dos espantos. — Onde descobriu semelhante maravilha? — E acocorou-se diante do anjinho lindo que a boneca tinha ao colo.

Era um anjinho mesmo! O mais lindo anjinho dos céus, a maior das galantezas. O rosto parecia feito de pétalas de rosa. Os cabelos em cachos pareciam feitos de fios de luz.

— Achei-o caído por aqui — respondeu a boneca com os olhos irradiantes de gosto. — Deve ser um pobre anjinho que rolou de alguma nuvem e quebrou a asa. Está desmaiado. Olhe que galanteza! Louro que nem macela, de asas **alvas** como **paina**...

.....
Alvas: Brancas.

.....
Paina: Macela.

A menina ajoelhou-se ao lado da boneca e caiu em contemplação da maravilha. Que encanto de criaturinha! Teve vontade de comê-lo, como quem come um doce cristalizado.

Seu encantamento crescia. Ela olhava, olhava e não cessava de olhar. Depois bateu palmas. Ergueu-se e começou a dar pulos de contentamento.

— Corra! — gritou para o Burro Falante. — Venha ver o assombro dos assombros — um anjinho de asa quebrada...

E para a boneca:

— Imagine, Emília, nós lá no sítio com um ente destes para brincar! Tia Nastácia sabe quanto remédio existe; há de saber também um bom para asa quebrada, e ele sara e vai voar para nós vermos. Vovó, coitada, juro que desta vez derruba o queixo, quando nos vir chegar com esta galanteza...

Passados alguns instantes, o anjinho deu o primeiro sinal de vida, enquanto a menina lhe fazia esfregação pelo corpo. Seus olhos foram se abrindo. Eram azuis como o céu azul. Por fim falou na vozinha mais límpida e sonora.

— Onde estou eu? — foram suas primeiras palavras.

— No meu colo! — respondeu Emília cheiíssima de si.

O anjinho olhou para ela sem nada compreender. Nunca tinha visto boneca, e não podia fazer a menor ideia de quem Emília fosse.

— E quem é a senhora? — perguntou em **débil** voz.

.....
Débil: Fraca.

— Eu sou a antiga Marquesa de Rabicó — respondeu Emília toda ganjenta —, e agora vou ser a sua mãezinha querida. Esta menina aqui ao lado é a neta de Dona Benta, Narizinho. E aquele senhor de quatro pés é o único burro falante que existe lá na Terra. Nós o salvamos das garras dum leão terrível numa das nossas aventuras do pirlimpimpim, e o levamos para o sítio. Não tenha medo dele, não, bobinho. É muitíssimo bem-educado, incapaz de dar um coice numa mosca. Nossa história é essa. Agora conte-nos a sua.

Depois de olhar muito assustado para a menina e o Burro, o anjinho falou. Explicou que andava de passeio pelo éter quando ouviu um tremendo estrondo (o choque dos dois cometas). O seu susto foi enorme, porque jamais tinha ouvido um trovão assim. O estrondo fê-lo perder o equilíbrio do voo e cair desmaiado. Na queda havia batido em qualquer coisa dura no espaço e estava agora sentindo uma dor na asa esquerda.

— Que engraçado! — exclamou Emília. — O mesmo nos aconteceu, com a diferença que não nos machucamos e não quebramos a asa. Às vezes é bom não ter asas.

Só então o anjinho percebeu que tinha a asa esquerda quebrada. Quis erguê-la, como erguia a direita, e não pôde. Isso fez que ele se pusesse a chorar um chorinho muito sentido.

— Que vai ser de mim? — murmurou soluçando. — Com uma asa só não posso voltar para minha nuvem, lá onde moram meus irmãos celestes...

— Melhor! — disse Emília. — Irá morar conosco lá no sítio de Dona Benta, que é o lugar mais bonito dos mundos. Temos uma porção de árvores no pomar, e um rio cheio de peixes, e a Vaca Mocha, e os bolinhos de Tia Nastácia. E eu tenho uma **canastrinha** que até dou para você.

.....
Canastrinha: Famosa maleta da Emília onde ela guarda seus “bilongues”, suas coisas.

O anjinho nunca tinha visto árvore, nem rio, nem vaca, nem bolos, de modo que nada entendeu de tudo aquilo. Começou a fazer perguntas e mais perguntas, que ora Emília respondia, ora Narizinho. O que mais lhe

interessou foi a Vaca Mocha, cuja descrição, feita pela boneca, era mesmo de despertar a curiosidade de todos os anjos do céu.

— Mas esse estranho animal não come gente? — perguntou ele muito admirado.

— Só come capim e palha — respondeu Emília. — E também abóbora, batata, milho e outras coisas assim.

— Capim? Que é capim? — indagou a galanteza, com uma ruga de interrogação na testa.

Emília olhou para Narizinho e sorriu. Depois respondeu:

— Não vale a pena explicar. Essas coisas lá da Terra são facílimas de ser compreendidas, vendo. Assim de longe, só explicadas e sem amostras, não podem ser entendidas. Lá na Terra mostrarei o que é capim, o que é milho, o que é flor, o que é árvore, o que é tudo. Não tenha pressa.

— E lá nesse sítio a gente pode voar? — perguntou ele. — Eu gosto muito de voar.

— Pode, como não? — respondeu Emília. — Os patos de lá voam, os gaviões, os marrecos e até as galinhas-d'angola. Os passarinhos todos voam. O tempo voa. As borboletas, as abelhas, as içás — tudo voa que é uma beleza!...

— São anjos também, esses patos, gaviões e galinhas-d'angola?

Emília não pôde conter uma gargalhada gostosa e, voltando-se para Narizinho, disse na “linguagem do P”, para que o anjo não percebesse: “É pé mapaispis bupurripinhopo dopo quepe opo pripimcipicepe Espescapamapadopo.” (É mais burrinho do que o Príncipe Escamado.) E depois, para o anjinho:

— Não são anjos, não, meu amor. Os anjos que há lá são só os de procissão, isto é, crianças com asas de pato nas costas. Fingimento. E há também os “anjinhos” defuntos. As crianças que morrem viram “anjinhos”, mas, em vez de voar, vão para os cemitérios em caixões cheios de flores. Anjo de verdade, dos “legímacos”, você vai ser o primeiro.

Outra vez o tal “legímaco”!

— E nunca mais poderei voltar para o céu com os meus irmãos? — perguntou o anjinho depois de refletir uns instantes.

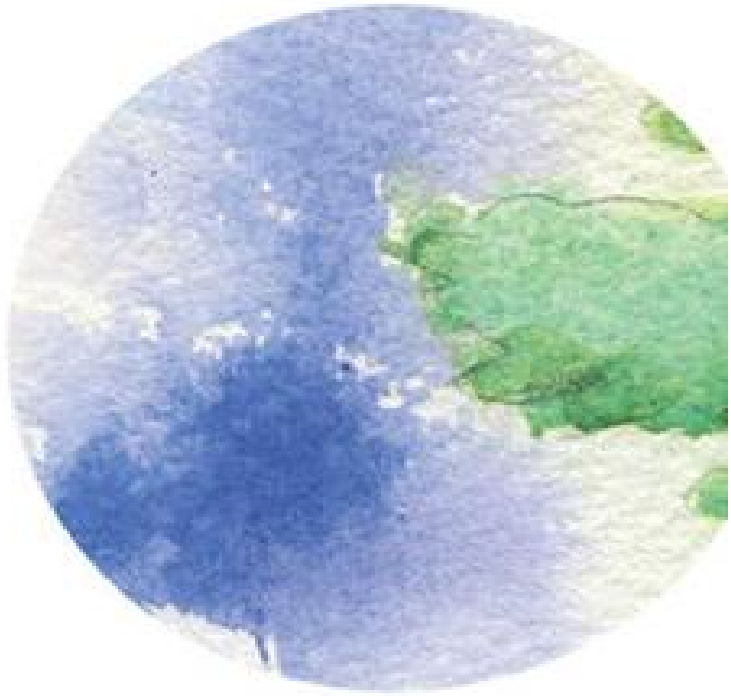
— Poderá, sim, mas duvido que volte. É tão interessante a Terra, toda cheia de homens e mulheres e bichos e plantas, que anjo que cai lá nunca mais pensa em sair.

Nisto Emília bateu na testa e disse:

— Não é que me ia esquecendo! — E tirou do bolso do avental o célebre embrulhinho em papel de seda que lá guardara no dia da partida o misterioso embrulhinho que não quis explicar a ninguém o que era. Enquanto a boneca desfazia o embrulho, a menina espichou o pescoço para ver do que se tratava. Uma bala puxa-puxa!

— Tome este presente que eu trouxe da Terra para você — disse Emília oferecendo a bala ao anjinho. — Desconfiei que ia encontrar por aqui alguém que merecesse uma bala e por prevenção vim com esta no bolso. Tome.

O anjinho tomou a bala com ar de quem nunca tinha visto semelhante coisa. Examinou-a por algum tempo; depois olhou para a boneca e para a menina como que pedindo mais explicações.



— E sua, bobinho! — disse Emília. — Ponha na boca e prove. Não tenha medo.

O anjinho obedeceu. Pôs a bala na boca e sem demora fez cara de estar gostando.

— É bom, sim! — disse ele. — Há muitas coisas gostosas como esta lá no sítio?

— Montes! — respondeu Emília. — Tia Nastácia faz desses doces (isso chama-se “doce”, decore) em quantidade, e de todas as cores e gostos. Há um amarelo, chamado “doce de abóbora”, que é muito bom. Há um roxo chamado “doce de batata”. Há as “cocadas”, que são branquinhas como a neve. Também há cocadas cor-de-rosa, com as quais eu me implico. Gosto só das brancas. Lá em casa você vai ter tudo isto até enjoar e ficar com dor de barriga e lombrigas. Ah, a nossa vida no sítio é uma beleza de **suco**...

.....
Suco: Suco, além do líquido da fruta, era gíria que significava “ótimo, bonito”.

Tão entretidas ficaram as duas na conversa com o anjinho, que se esqueceram de lamentar a sorte do “Senhor Pedro Encerrabodes”, perdido na imensidão do éter. Felizmente Pedrinho não se esquecera delas e, de repente, apontou ao longe.

— Olhem Pedrinho! — berrou Emília, que foi a primeira a vê-lo. — Lá está ele, mais serelepe do que nunca...

Que alegria! Nunca a chegada de um personagem foi recebida com tantas demonstrações de contentamento.

— Pedrinho! Pedrinho!... Conte, conte tudo que aconteceu depois do tombo da lira.

— Nada de importante — respondeu o menino. — Também caí neste cometa, como vocês. Caí e perdi os sentidos, ficando desacordado até agora. Afinal voltei a mim. Olhei em redor: só vi este infinito campo luminoso, que logo adivinhei ser a cauda do Cometa de Halley.

— Como sabe que é o Cometa de Halley? — duvidou a menina, um tanto desconfiada de tanta ciência.

— Pelo jeito — respondeu Pedrinho — e tratou de mudar de assunto. — Logo que voltei a mim olhei para todos os lados. Não vi coisa nenhuma senão esta poeira luminosa. Pus-me a andar, sempre na mesma direção, com esperança de descobrir qualquer coisa. Tive sorte. Vim ter exatamente ao ponto onde vocês estavam. A primeira pessoa que avistei de longe foi o Burro Falante, coitado. Mas... — E Pedrinho interrompeu a narrativa, só então percebendo aquela criança no colo da Emília. — Que é isso? Parece um anjinho...

— E é de fato um anjo — respondeu a menina. — Um anjinho dos legítimos, que Emília achou por aqui. De asa quebrada tombou lá das nuvens. Na queda bateu em qualquer coisa dura pelo caminho. Vai morar conosco no sítio. Imagine que lindeza...

Em vez de responder, Pedrinho pôs-se a dar pulos de contentamento. Ter um anjo no sítio era coisa que jamais havia passado pela sua imaginação.

— Que beleza, Narizinho! — exclamou ele depois de sossegar. — Até Peter Pan vai roer-se de inveja. Um anjinho de verdade na Terra é coisa que nunca houve desde que a Terra é Terra.

O Burro Falante, com as orelhas caídas e os olhos úmidos, contemplava enternecidamente aquele maravilhoso quadro.

Saturno

Por mais agradável que fosse ficarem boiando naquela cauda de cometa, entretidos em conversar com o maravilhoso anjinho, era preciso pensar na viagem.

— A fome está chegando — disse Pedrinho. — Temos de concluir a nossa viagem celeste e voltar para casa à hora da ceia. Podemos ficar por aqui ainda algum tempo, mas não sei para onde ir agora. É tão grande o Universo que até enjoa...

— Que tal uma chegadinha ao planeta Vênus? — lembrou a menina. — É o mais simpático de todos.

— Também acho — concordou Pedrinho —, mas Vênus é como uma irmã gêmea da Terra. Assemelham-se em quase tudo, no tamanho, nas estações, só que Vênus está muito mais perto do Sol e portanto deve ser muito mais quente. Vênus está a cento e oito milhões de quilômetros do Sol. Está, portanto, quarenta e dois milhões de quilômetros mais perto do terrível fogareiro do que a Terra.

— E se formos ao planeta Mercúrio?

— Nem pense nisso, Narizinho! O tal Mercúrio, além de ser o planeta menor de todos, está a apenas cinquenta e oito milhões de quilômetros do Sol. O calor de Mercúrio deve ser de derreter pedras. Ir a Júpiter, sim, vale a pena. Júpiter é o rei dos planetas — colossal! Gira a setecentos e oitenta milhões de quilômetros do Sol, tem quatro luas formidáveis e um ano igual a onze anos e tanto dos nossos. Júpiter é enorme. Tem mil trezentos e noventa vezes o volume da Terra!

— E os outros planetas?

— Há o tal Saturno, com dez luas, a um bilhão e quatrocentos milhões de quilômetros do Sol e de volume oitocentas vezes o da Terra.

— E que comprimento tem o ano em Saturno?

— Vinte e nove anos dos nossos. O ano de Saturno até desanima a gente. Você lá seria uma criancinha de pouco mais de quatro meses...

— E os outros?

— Há ainda o tal Urano e o tal Netuno. Urano gira longíssimo do Sol a dois bilhões, oitocentos e setenta e dois milhões de quilômetros, veja que colosso! Tem um ano horivelmente longo, igual a oitenta e quatro anos da Terra. Vovó lá estaria apenas com dez meses de idade. E o tal Netuno, então? Esse fica no fim do nosso sistema planetário, quase nas fronteiras. É o antepenúltimo. O último é Plutão.

— A que distância do Sol?

— A quatro bilhões e quinhentos milhões de quilômetros... E tem um ano que não acaba mais. Imagine que o ano de Netuno corresponde a cento e sessenta e cinco anos dos nossos lá da Terra...

— Quer dizer que se vovó nascesse em Netuno estaria com cinco meses de idade, mamando ainda, coitadinha... e o tamanho?

— Netuno tem setenta e oito vezes o volume da Terra.

— E os outros planetas, aqueles planetoides que vovó falou?

— Ah, esses não contam. Existem em número incalculável. São quireras de planetas. São guaruzinhos das águas do céu. Para ser planeta verdadeiro é preciso ter o tamanho de lambari para cima. Guaru não conta.

— E o tal que usa anéis? — quis saber Emília.

— Esse é o planeta Saturno. Está aí uma ideia! Podemos ir a Saturno ver como são os seus anéis...

Todos aprovaram. Uma visita a Saturno era da mais absoluta novidade. Criatura nenhuma da Terra jamais pensara nisso. Se eles dessem um passeio pelo planeta Saturno, haviam de ficar imortais. A maçada é que quando lá na Terra contassem a proeza nenhum adulto acreditaria...

Ficou assentado irem para Saturno, mas antes disso Narizinho pediu que o pequeno Flammarion contasse tudo quanto Dona Benta lhe havia dito sobre o maravilhoso planeta dos anéis.

— Esse planeta — disse Pedrinho com a maior importância — está a um bilhão e quatrocentos milhões de quilômetros do Sol...

— Espere! — interrompeu Narizinho. — Antes de mais nada eu quero saber uma coisa. Como é que os homens descobriram que tais e tais astros são estrelas, e tais e tais outros são planetas? Numa noite estrelada a gente olha para o céu e vê tudo igual — as estrelas e os planetas. Tudo são pontinhos luminosos e mais nada. Responda a isso, se é capaz.

Pedrinho deu uma risada gostosa.

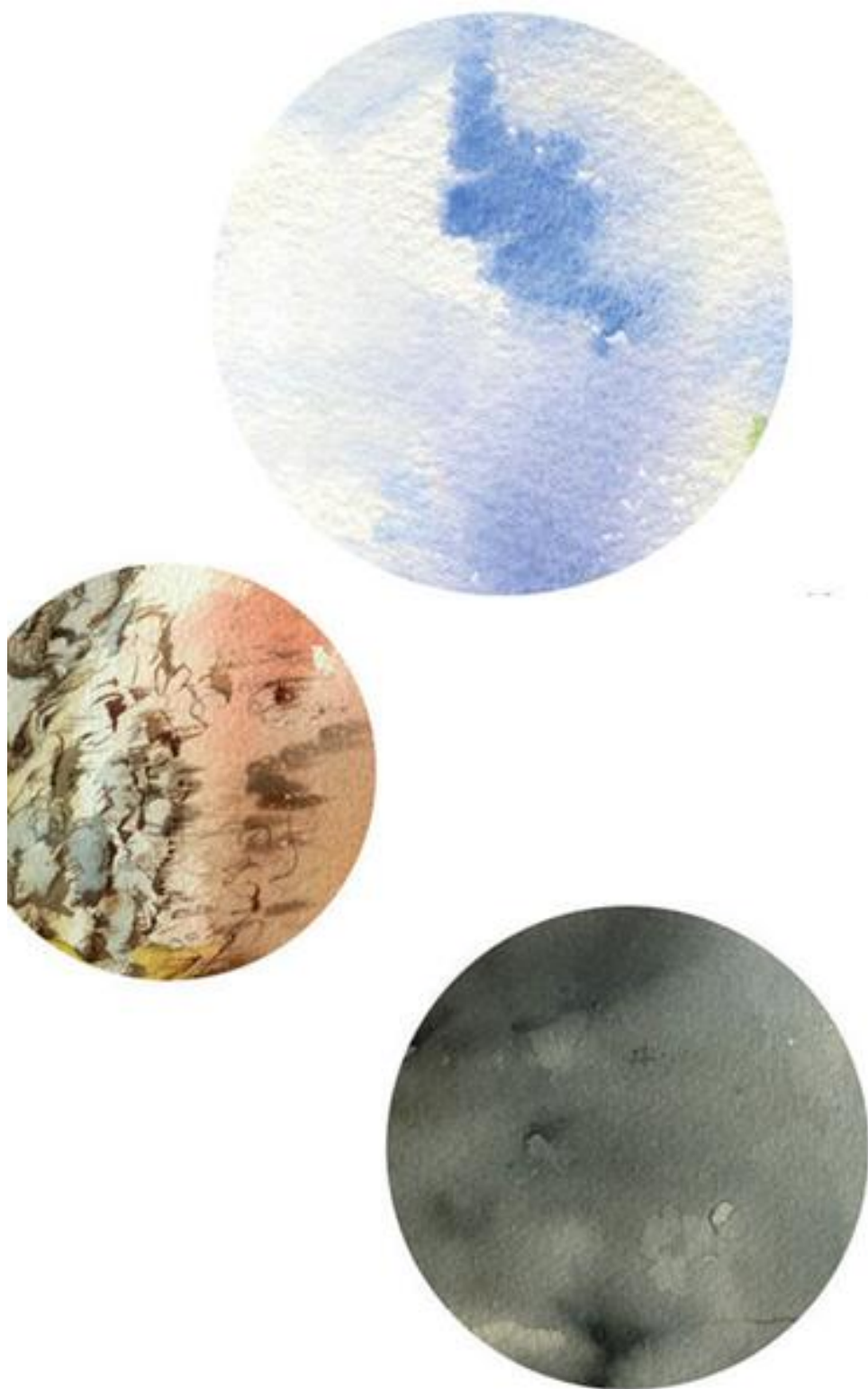
— Nada mais fácil, menina. A mesma pergunta fiz a vovó e ela respondeu imediatamente. Aquela vovó é uma danada! Não há o que não saiba.

— Então explique.

— O caso é simples. Desde os começos da humanidade os homens viam à noite o céu cheio de estrelas, mas de tanto olhar para o céu foram percebendo uma coisa: que certos astros apareciam sempre no mesmo ponto e outros variavam.

— Como sabiam que eles variavam de lugar?

— Muito simples. Eles viam que em certa noite esses astros estavam perto de certas constelações; na noite seguinte estavam um pouquinho mais adiante, e mais adiante na terceira noite etc. Viam perfeitamente que esses astros eram móveis, isto é, caminhavam em certas direções. E também observaram que depois de certo tempo eles voltavam. E assim passavam a vida, indo e vindo, indo e vindo, ao passo que as estrelas permaneciam fixas, sempre firmes no mesmo ponto. Depois notaram que esses astros móveis caminhavam numa direção durante um certo número de meses e voltavam em igual tempo. Um ia e vinha em sete meses e meio, era Vênus. Outro ia e vinha em um ano e trezentos e trinta e dois dias, era Marte. Outro ia e vinha em onze anos e trezentos e quatorze dias, era Júpiter, e assim por diante. Entendeu?



— Entendi — declarou Narizinho. E era verdade, pois havia entendido mesmo.

Pedrinho continuou:

— Mas não pense que as estrelas são realmente fixas. Elas também andam girando pelo espaço. Mas, como estão longíssimas, parecem fixas.

E voltando a Saturno:

— Quando vovó começa a falar desse planeta até fica que nem a Emília. Diz que é o maior do céu, uma beleza que nem em sonhos podemos imaginar. É um planeta bem grande, oitocentas vezes o volume da Terra e com dez luas.

— Dez? — admirou-se a menina.

— Dez, sim, e três delas mais próximas do que a nossa Lua o é da Terra. E eu tenho aqui em meu caderninho o nome das dez luas saturninas. Saturnino quer dizer “de Saturno”.

— Não precisava explicar. Quem não adivinha semelhante coisa?

Pedrinho tirou do bolso o caderno de notas e leu o nome das luas de Saturno.

— Mimas, Encelado, Tétis, Dione, Reia, Titã, Têmis, Hiperion, Jápeto e Febo.

— Então Mimas, Encelado e Tétis são as “pertinhas”? — adivinhou Emília, que estava com o anjo adormecido no colo.

— Sim. São as que ficam mais próximas de Saturno do que a Lua o é da Terra — confirmou Pedrinho. — Que beleza não deve ser, hein? Uma lua no céu da noite já é tão bonito, imaginem dez!... Os habitantes de Saturno devem viver enjoados de luas. E como se isso fosse pouco, ainda têm no céu, permanentemente, a maravilha das maravilhas que são os anéis.

— Conte o que vovó disse dos anéis — pediu a menina.

— Ah, vovó explicou tudo muito bem. Como ela sabe! Esses anéis são três, ou um só dividido em três faixas distintas, sempre iluminadíssimas pela luz do Sol. Eu até fico tonto ao imaginar a beleza que devem ser!

— E que tamanho têm os anéis?

— A palavra anel atrapalha a gente — disse Pedrinho. — O melhor é dizer “disco”, porque aquilo é na realidade um disco de milhões de fragmentos de astros a girarem em redor do planeta. E para você ter ideia do tamanho, é preciso primeiro que saiba de uma coisa: que o diâmetro de Saturno tem cento e vinte mil quilômetros. Muito maior que o da Terra. Pois bem: a largura do disco de Saturno tem sessenta e quatro mil quilômetros...

— E a grossura?

— É de apenas sessenta quilômetros.

— Só? — admirou-se a menina. — Então, então, então...

— Eu sei o que você quer dizer, Narizinho. Você quer dizer que o disco é da finura de uma folha de papelão para a folha inteira do papelão, não é isso? Pois está muito enganada. Suponha um disco de papelão de um metro de diâmetro por um milímetro de espessura. Pois nessa proporção, sabe qual seria a espessura do disco de Saturno? Seria de quatrocentos e vinte e seis quilômetros — vovó já fez a conta. Mas a espessura do disco de Saturno é só

de sessenta quilômetros. Logo, o disco é proporcionalmente muito mais fino que o papelão.

— Da finura dum papel de seda para uma folha inteira de papel de seda?

— Exatamente. O diâmetro do disco de Saturno está para a sua espessura como o tamanho de uma folha de papel de seda está para a finura do papel de seda. Compreendeu?

— Isso até o anjinho compreenderia — berrou a boneca —, se estivesse acordado e soubesse o que é papel de seda. — E pôs-se a alisar os lindos cabelos da criaturinha adormecida em seu colo.

O pequeno Flammarion continuou a expor o que sabia de Saturno.

— O mais interessante que vovó me contou — disse ele — foi o que os sábios imaginam da vida em Saturno. Tudo é diferentíssimo de lá da Terra.

— Por quê?

— Porque as condições de Saturno são diferentes. O ano de Saturno é enormíssimo (ano você sabe o que é: o tempo que um planeta gasta para dar uma volta em redor do Sol). O ano de Saturno tem vinte e nove anos dos nossos lá da Terra! E os dias são apenas dez horas. Dia você sabe o que é...

— Sei. Os planetas giram em redor do Sol e também giram em redor de si mesmos. Quando giram em redor de si mesmos, há sempre uma parte que fica dando para o Sol e outra que fica no escuro. Temos aí o dia e a noite. Certo?

— Exatinho. Você está ficando tão boa quanto eu na ciência da astronomia...

— Gabola!... Mas continue. Como são os habitantes de Saturno?

— Ninguém sabe ao certo, mas os homens de ciência imaginam. Aham que devem ser umas criaturas tão diferentes de nós que nem podemos compreendê-las. Uns seres gelatinosos, transparentes, adiantadíssimos, com órgãos diferentes. Devem alimentar-se de fluidos e não de coisas líquidas ou sólidas, como nós. E terão muitos mais órgãos dos sentidos do que nós. Nós não passamos de uns coitadinhos. Só temos cinco sentidos. Cinco, imagine que pobreza! Eles lá devem ter dez, vinte, cem... Para saber as coisas, nós precisamos estudar. Eles vibram no ar o “órgão da ciência” e já ficam sabendo.

Emília meteu o bedelho.

— Isso quer dizer que os saturninos ainda têm mais crocotós que os marcianos.

— Não creio — duvidou Pedrinho. — Crocotó dá ideia de coisa dura e eles são gelatinosos.

— Há também crocotós do mole — resolveu Emília.

— Pois então — continuou Pedrinho —, o que pode acontecer é o seguinte: quando eles querem “sentir” qualquer coisa, espicham lá de dentro da gelatina um crocotó do mole, e esse órgão “detecta” o que é preciso. Se um saturnino, por exemplo, quer saber que horas são, espicha para fora o

“crocotó do tempo” e detecta a hora no ar... E se quer saber se a Terra é habitada, espicha para fora o “crocotó da distância”...

— O telecrocotó! — lembrou Emília.

— ... e vê tudo lá na Terra como se estivesse pertinho.

Emília assustou-se.

— Então já me viram aqui com o anjinho e são capazes de qualquer coisa.

— E cobriu o anjinho com o avental.

— Será possível que eles espiem tudo quanto fazemos lá no sítio? — imaginou a menina. — Ah, meu Deus! Não existe sossego neste Universo. A gente pensa que faz coisas escondidas e esses diabos de Saturno estão vendo! Imaginem como não se divertem com essas espiações por meio do “crocotó da distância”...

— Os outros astros devem ser o cinema lá deles — sugeriu Pedrinho. — Eu, por mim, já estou cansado da Terra. Queria ser saturnino. Delícia maior não há. O dia inteiro com o cinema do Universo diante de nós! O dia inteiro a espiarmos as reinações de todos os seres que existem...

No planeta maravilhoso

Depois de muita imaginação resolveram partir para Saturno; mas antes disso consultaram o Burro Falante.

A **gravidade** daquele burro já vinha de muito tempo impressionando a boneca, de modo que ao ouvi-lo responder tão “**sentenciosamente**” (falar sentenciosamente quer dizer falar como aquele animal falava), Emília bateu na testa e disse:

.....
Gravidade: Seriedade.

.....
Sentenciosamente: Tão seriamente, com poucas palavras, formulando decisões.

— **Heureca!** Achei um nome para o Burro Falante: Conselheiro!... Tudo que ele diz parece um conselho de velho, e é sempre um conselho muito bom. Viva o Conselheiro!...

E a partir daquele momento o Burro Falante passou a chamar-se Conselheiro.

Resolvido aquele ponto, Pedrinho distribuiu as pitadas de pirlimpimpim e contou — um... dois... e TRÊS! O *fiunnn* foi tremendo — e os cinco viajantes (inclusive o anjinho) foram despertar bem em cima dos anéis de Saturno.

Que maravilha! Os tais anéis, ou discos, eram uma planície sem fim de luz, como o arco-íris, uma lisura luminosa que rodeava o imenso planeta. Pedrinho explicou que a força de atração de Saturno era em certo ponto neutralizada pela força de atração do disco, de modo que naquela zona os seres perdiam o peso, ficavam parados no ar, flutuando na maior das gostosuras. E eles estavam justamente nessa zona onde não havia peso! Começaram, pois, a flutuar, a flutuar...

— Parece um sonho! — dizia a menina. — Estou boiando como num mar de delícias. Oh, gosto dos gostos! Oh fenômeno!...

E boiaram, boiaram, viraram-se em todas as posições, como se estivessem sobre um invisível colchão de paina solta. O Conselheiro, coitado, sentia-se atrapalhadíssimo, porque, como boiava como os demais, ora se via com as quatro patas para cima, ora para baixo, ora para os lados. Emília jogava o anjinho no ar e ele ficava boiando sem cair. Estiveram naquela zona um tempo enorme, brincando de uma coisa que nenhuma criança da Terra nem sequer imagina, brincando de boiar num fluido luminoso e deliciosíssimo.

— É uma gostosura que até enjoa a gente — disse Pedrinho num momento em que estava de pernas para cima, segurando o Conselheiro pelo rabo. — Tudo sem peso! Só agora compreendo a estupidez que é o tal peso lá na Terra. A gente vai fazer qualquer coisa e cansa, por quê? Por causa do peso...

— Mas ter um pesinho é bom — disse a menina, já com saudades dos seus quarenta quilos. — Estou tão acostumada a ter peso que isto aqui me dá a ideia de que estou aleijada, de que está me faltando um pedaço. O peso é um verdadeiro pedaço da gente...

Pedrinho explicou que se conseguissem sair daquela zona chegariam a outra em que o peso volta.

— Então vamos para lá — propôs a menina.

E lá se foram, arrastando-se como puderam. Deu certo. Na segunda zona começaram a sentir um pouco de peso, e com isso a sensação tornou-se-lhes ainda mais agradável. Podiam andar como na Terra, mas com muito cuidado, porque o esforço exigido para cada passo era mínimo. Pareciam em câmera lenta. Tiveram de aprender a andar ali. No começo faziam força demais e com um passo iam parar longe. Por fim acertaram o jogo.

Súbito, Emília gritou:

— Estou vendo uma coisa que deve ser um saturnino, e apontou em certa direção.

Era verdade. Um ser esquisitíssimo vinha na direção deles, exatino como Dona Benta dissera, todo gelatinoso e transparente; mas sem forma definida, ia mudando de forma segundo as necessidades. O mais assombroso, porém, foi que o estranho saturnino parou diante deles e falou do modo mais claro e natural possível. Falou, sabem como? Falou espichando lá de dentro da gelatina o “crocotó que falava”, um crocotó que parecia uma dessas águas-vivas que há no mar.

— Bem-vindos sejam aos nossos domínios — disse ele. — Temos acompanhado a viagem de vocês através dos espaços. Sabemos tudo. Ouvimos tudo que vocês conversaram com São Jorge lá na Lua.

— Então daqui enxergam até a Lua, que é uma isca de satélite? — perguntou Pedrinho muito admirado.

— Sim, para nós não há distâncias. Temos sentidos que vocês não podem compreender. Acompanhamos a vida de todos os seres em todos os astros dos céus. Aqueles pobres telescópios dos astrônomos da Terra fazem-nos sorrir de piedade. São puras “cegueiras” em comparação dos nossos teleolhos.

— Eu bem disse! — gritou Emília. — Eu bem disse que eles tinham telecrocotós. São os tais teleolhos...

— Sim, são os nossos olhos de ver a qualquer distância por maior que seja. E o nosso principal divertimento é esse: ver, ver tudo quanto se passa no Universo. Sabemos de toda a vidinha de vocês lá no sítio. Assistimos à morte do visconde quando caiu no mar. Vimos o tiro com que o Barão de Munchausen cortou o cabresto do burro. Rimo-nos do susto de Dona Benta ao perceber que estivera sentada no dedo do Pássaro Roca, julgando que fosse raiz de árvore.

— Não viu também aquele murro que dei no olho do Barão? — perguntou Pedrinho.

— Perfeitamente — e achamos muita graça na ideia.

O assombro dos meninos não tinha limites. A boneca pediu:

— Diga então o que Dona Benta está fazendo lá no sítio.

O saturnino virou o telecrocotó em certo rumo e respondeu:

— Está sentada na redinha da sala de jantar, chorando...

— Chorando? — repetiu a menina, admirada. — Por quê?

— Porque é uma avó muito boa e não sabe por onde andam os seus netos. Meu conselho é que voltem o quanto antes.

Pedrinho fez cara de choro.

— Voltar, justamente agora que encontramos o planeta dos nossos sonhos? Isso é doloroso...

— Concorde, mas vocês têm de admitir que é um crime deixarem uma tão boa criatura largada sozinha naquele planeta feio e triste. A Terra é um

dos planetas mais atrasados e grosseiros do nosso sistema solar. Voltem. Tenham dó da velhinha. Um dia poderão dar novo pulo até aqui e trazê-la. Já sabem o jeito.

Os dois meninos concordaram, depois de um longo suspiro. Sim, tinham de voltar para aquele sem-gracismo da Terra, onde os homens não sabem fazer outra coisa senão matar-se uns aos outros.

— Não há dúvida — fungou Pedrinho. — Volto; depois venho cá de novo me naturalizar saturnino. Mas será possível semelhante coisa? Temos a nossa forma, temos só cinco sentidos e estes braços e estas pernas. Aqui em Saturno todas as coisas são diferentes...

— Isso não quer dizer nada. Nós enxertaremos em vocês todos os nossos crocotós, com licença ali da Senhorita Emília.

Aquela conversa com o saturnino foi o maior dos assombros. O que ele disse, o que contou do Universo, o que falou a respeito de Sírío e outras estrelas famosas, tudo era da mais absoluta novidade — e um encanto! Os meninos não cessavam de fazer perguntas, que ele respondia com a maior clareza. Quando Pedrinho indagou o que comiam, a resposta foi:

— Nós nos alimentamos de fluidos aéreos. Lá na Terra vocês vivem indiretamente da luz do Sol. A luz do Sol cria as plantas e vocês não passam de praguinhas das plantas, de animais que vivem das folhas das plantas, das sementes das plantas, das raízes das plantas. E como a planta é uma criação da luz do Sol, vocês vivem da luz do Sol, mas indiretamente. Aqui é o contrário. Vivemos diretamente da luz do Sol. Nosso corpo embebe-se da luz solar e vive — e vive muito mais que vocês lá na Terra. Vivemos trinta vezes mais. Dona Benta, por exemplo, não viverá na Terra mais que oitenta ou noventa anos — anos lá de vocês. Aqui ela viveria trinta vezes isso, ou seja, dois mil e quatrocentos ou dois mil e setecentos anos...

— E não ficam doentes?

— Não há doenças em Saturno. Isso de doenças quer dizer “imperfeição adaptativa”. Vocês lá na Terra são seres ainda muito pouco evoluídos, seres bastante rudimentares. Não passam de “experiências biológicas”. Seres que ainda vivem de plantas são seres que ainda estão engatinhando na estrada larga da evolução.

Os meninos piscavam os olhos no esforço de entender o que o saturnino dizia.

— Bom, brinquem mais um pouco e voltem para a Terra. Dona Benta está dando suspiros cada vez maiores...

Disse e afastou-se gelatinosamente.

Assim que se viram sozinhos, os três tiveram uma ideia para a despedida: brincarem de patinar nos anéis de Saturno. Com o pouco peso que sentiam, a coisa seria facilíma e deliciosa, e puseram-se a patinar, todos, até o anjinho. Todos, menos o Burro Falante. O pobre animal ficou de lado, vendo a linda brincadeira.

Numa das voltas que Emília estava dando aconteceu passar rentinho dele.

— Venha também! — gritou-lhe a boneca. — Aproveite!...

O Burro sentiu uma vontade imensa de aceitar o convite. Nunca havia brincado em toda a sua vida e a ocasião era ótima. Não havia por perto “gente grande” para “reparar”. Mesmo assim se conteve. Ele era o Conselheiro, um personagem **austero** e grave. Precisava respeitar o título e continuou imóvel onde estava, com as orelhas ainda mais murchas e o olhar ainda mais triste. Jamais brincara em criança e também não brincaria naquele momento. Seu destino era passar a vida inteira sem regalar-se com as delícias do brincar. E o Conselheiro deu um suspiro arrancado do fundo do coração.

.....
Austero: Rigoroso, formal.

Os meninos por fim cansaram-se daquilo. Cansaram-se de patinar nos anéis de Saturno e pararam.

— Chega — disse Pedrinho. — Estou com remorso. A coitada da vovó chorando lá na rede. Isso é judiação.

E tratou de voltar à Terra. Antes, porém, tinham de portar na Lua para pegar Tia Nastácia.

De novo na Lua

Terminado o *fuiiiii* que os levou de Saturno à Lua, viram-se bem em cima de uma cratera.

— Onde será que mora São Jorge? — disse Pedrinho sondando os horizontes. — Só vejo crateras e mais crateras. Casa nenhuma. Nenhum castelo...

— O meio de descobrir onde ele mora é um só — sugeriu a menina. — Como é hora do lanche, Tia Nastácia deve estar no fogão. Procure uma fumaça. Onde houver fumaça, lá mora São Jorge.

Pedrinho achou boa a ideia e pôs-se a procurar a fumacinha. Todos fizeram o mesmo. Quem primeiro a descobriu foi o Conselheiro.

— Ou muito me engano — disse ele — ou aquele fio de “fumo” que aparece a sudoeste indica a residência do Senhor São Jorge.

Todos correram naquela direção. De longe já avistaram o santo sentadinho num rochedo, com a lança ao colo.

— Viva! Viva! — gritou-lhe a boneca, que seguia adiante dos outros puxando o anjinho pela mão. — Aqui estamos, São Jorge, com o nosso Conselheiro encontrado na cauda de um cometa e este anjinho que descobri na Via Láctea — e foi contando atropeladamente as principais peripécias da grande aventura.



São Jorge não se espantou de coisa nenhuma, porque já não se espantava de nada, tantas e tantas coisas maravilhosas havia visto. Só estranhou o passeio pela Via Láctea. Sua ideia sobre as nebulosas era a mesma dos astrônomos, que aquilo era um imenso aglomerado de estrelas em certas direções do céu. Mas deixou passar. Estava com preguiça de discutir.

— E Tia Nastácia? — perguntou Narizinho. — Como vai ela?

— Mal, coitada! — respondeu o santo. — Não se acostuma aqui. Continua tão boba como no primeiro dia. E não consegue dominar o medo que tem do dragão. Já lhe expliquei que o meu dragão é o que há de

inofensivo, mas de nada adiantou. Cada vez que ele urra ela fica de pernas moles no fundo daquele buraco.

Narizinho foi correndo à cratera que o santo indicava. Encontrou a pobre negra fritando bolinhos, mas com o ar mais desconsolado desta vida. De seu peito brotavam suspiros de cortar o coração.

Ao ver a menina, o rosto de Tia Nastácia iluminou-se como um sol de alegria.

— Meu Deus do céu! Será verdade o que estou vendo? Não será sonho?...

— Não é sonho, não, boba! Sou eu mesma que voltei dos espaços infinitos com Pedrinho, Emília, o Conselheiro e o anjo, e agora vamos seguir para a Terra.

— Conselheiro? Anjo? — repetiu a negra, tonta. — Que história é essa, menina? Não estou entendendo nada...

— Conselheiro é o nome que Emília pôs no Burro Falante. E o anjo... ah, o anjo é uma coisa que só vendo. Um anjinho de verdade que Emília achou na Via Láctea. De asa quebrada, o coitadinho. A esquerda... O ente mais galante do mundo, Nastácia! Vovó vai abrir a boca. Nunca houve anjo de verdade na Terra, como você não ignora. O nosso vai ser o primeiro. E gulozinho, sabe? Chupou uma bala puxa-puxa que Emília lhe deu e gostou, apesar de nunca haver chupado bala em toda a sua vida.

— Credo! — exclamou a preta.

— E o dragão? Como se tem arrumado com ele?

— Nem fale, Narizinho! — exclamou a negra fazendo o pelo-sinal. — Não sei por que São Jorge não mata de uma vez esse horrendo bicho. Dá cada urro que meu coração pula dentro do peito que nem cabritinho novo...

— Dragão que urra não morde, bobona! — disse a menina. — São Jorge afirma que é mais manso que um cordeiro.

— Essa não engulo! — rosnou a preta. — Cada vez que o estupor me vê, lambe os beijos e põe de fora uma língua vermelha deste tamanho! Não come gente? É boa!... Pois não ia comendo o Burro?

— Mas burro não é gente, Nastácia. Há muita diferença.

— Diferença? Qual é a diferença que há entre gente e aquele burro que fala e diz cada coisa tão certa que até eu me benzo com as duas mãos?

Conversaram sobre mil coisas, inclusive as comidinhas que ela havia feito para São Jorge.

— Coitado! — suspirou a negra. — Santo bom está ali. E é um **bom garfo**, sabe? Comeu uma panqueca que eu fiz e lambeu os beijos que nem o dragão. E para comer bolinhos não há outro. É dos tais como o Coronel Teodorico: não deixa nem um no prato para remédio.

— Que pena! — exclamou a menina. — Se ele houvesse deixado algum, seria para mim um regalo. Estou com uma fome danada...

Saindo dali a menina foi ter com os outros. Encontrou Emília contando com todo o espevitamento mil coisas a São Jorge, algumas já bastante aumentadas.

— E o meu presente? — perguntou o santo. — Esqueceu-se?

Eles não haviam passado perto da Cabeleira de Berenice e, portanto, Emília não pudera arrancar o fio de cabelo que havia prometido ao santo. Mas não se deu por achada. Respondeu com o maior cinismo:

— Não me esqueci, não. Vou buscá-lo.

E saindo dali sabem aonde foi? Foi conferenciar com o Burro Falante. Ninguém ouviu o que disseram, mas o caso é que Emília voltou com um embrulhinho muito malfeito.

— Aqui está! — disse ela com todo o **desplante**, entregando a São Jorge o embrulhinho. — Em vez de um fio só, como prometi, eu trouxe três...

Desplante: Cara de pau.

Se alguém fosse contar os cabelos da cauda do Burro Falante, era muito possível que encontrasse a falta de três fios...

A aflição dos astrônomos

Certa vez, lá no sítio, Dona Benta explicou aos meninos o que era “sistema planetário”. Parecia um **bicho de sete cabeças**, mas a boa velha costumava explicar as coisas mais difíceis de um modo que até um gato entendia.

Bicho de sete cabeças: Coisa muito complicada.

— “Sistema” — disse ela — “é um conjunto de coisas ligadas entre si. E sistema planetário é um conjunto de planetas ligados entre si e o Sol, em torno do qual giram. Este sítio, por exemplo, é um pequeno sistema...”

— “Sistema de quê?” — perguntou Pedrinho. — “Planetário não é, porque nós não somos planetas.”

— “Não somos aqui no sítio um sistema planetário, mas somos um sistema de gentes e coisas. Eu sou o centro, a dona das terras e da casa e das coisas que há por aqui. Vocês são meus netos. Tia Nastácia é minha cozinheira. O Tio Barnabé é meu agregado, isto é, mora em minhas terras com meu consentimento. Há aqui estes objetos caseiros — a mesa, as cadeiras, as camas, o relógio da parede...”

— “O guarda-chuva grande, os travesseiros de paina, o pote d’água” — ajudou Emília.

— “Sim, há todos os objetos que nos rodeiam. E lá fora há os animais, a Vaca Mocha, o Burro Falante, o Senhor Marquês de Rabicó, o pangaré de Pedrinho. São entes vivos e coisas mortas que giram em redor de mim. São os meus planetas. Eu sou o Sol de tudo isso. Se eu morrer, tudo isso se dispersa. Um vai para cá e outro para lá. Os objetos mudam de dono. Alguém é até capaz de comer o Rabicó assado e de botar o Burro Falante numa carroça. Mas enquanto eu estiver viva e aqui no meu posto de dona, tudo permanece como está e me obedece. Isto quer dizer que formamos aqui um ‘sistema familiar’, em que todas as pessoas e coisas se relacionam à minha pessoa.”

— “Compreendo, vovó” — disse Pedrinho. — “As cadeiras e o pote do seu **compadre Teodorico**, a negra velha que cozinha para ele, as vacas e cavalos da fazenda dele, tudo que há lá não pertence ao nosso sistema aqui, pertence a outro sistema, ao sistema familiar do Coronel Teodorico, não é isso?”

.....
Compadre Teodorico: Amigo de Dona Benta que aparece em algumas aventuras.

Dona Benta sorriu de gosto diante da esperteza do neto.

— “Exatamente, meu filho. Gosto de ver como você compreende depressa.”

— “E eu também não compreendo depressa?” — reclamou a menina em tom queixoso.

Dona Benta abraçou-a e botou-a no colo.

— “Sim, Narizinho. Em matéria de inteligência você é em tudo igual a Pedrinho. Eu tenho a honra de ser avó de dois netos que são dois amores.”

Foi a vez de Emília enciumar-se.

— “E eu? E eu?” — gritou ela.

— “Você também, está claro, porque nunca houve no mundo uma boneca mais viva, mais esperta e inteligente.”

Emília derreteu-se toda.

— “Pois é isso” — volveu a boa senhora retornando ao assunto. — “Formamos aqui no sítio o nosso ‘sistema de pessoas, animais e coisas’. Ali adiante o Coronel Teodorico é o centro de outro sistema do mesmo gênero. O Elias Turco é centro de um terceiro sistema. O próprio Tio Barnabé, que

faz parte do nosso sistema, também é centro dum sistemazinho lá dele, composto da mulher, dos filhos e dos cacarecos que possui no casebre — aquele pote d’água, aquelas esteiras, aquelas panelas de barro tão velhas...”

— “E aquele cachorro sarnento também, o Merimbico” — lembrou Emília.

— “Sim, tudo isso forma um sistemazinho ligado ao nosso sistema familiar. Pois com os astros do céu se dá a mesma coisa. Há pelo éter infinito milhões de sistemas planetários em que certo número de astros giram em redor de um sol, como vocês giram em redor de mim. Vem daí o nome de ‘sistema planetário’, porque os astros que giram em redor de um sol são os planetas desse sol.”

— “Já sei” — gritou Pedrinho. — “E dentro desse sistema planetário do sol, há outros sistemazinhos menores, como aqui o do Tio Barnabé. Os satélites.”

— “Exatamente” — concordou a velha. — “Temos o nosso Sol como a Dona Benta celeste. Em redor do Sol giram os planetas Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Netuno e também grande número de planetoides.”

— “Se a senhora é o Sol” — lembrou a menina —, “Emília é Mercúrio, o planeta menor. E eu sou Vênus, o mais bonito.”

— “Olha a gabola!”

— “E você, Pedrinho, é Marte, o mais valente. E Tia Nastácia é Júpiter, o mais gordo de todos. E Saturno é a Vaca Mocha, sempre lá fora, já mais longe aqui do centro...”

— “E Urano, que é longíssimo?” — perguntou Pedrinho.

— “Urano é aquele **cedrão** do pasto. E Netuno é o Tio Barnabé que mora nas divisas do sítio.”

.....
Cedrão: Cedro é uma árvore.

— “Muito bem” — aprovou Dona Benta. — “Nós moramos no sistema planetário do Sol. Mas cada estrelinha do céu, visível a olho nu ou graças ao telescópio, é também um sol com, talvez, o seu sistema planetário.”

Emília interrompeu-a com uma das suas.

— “Dona Benta, olho nu não é indecente?” — perguntou ela com a maior simplicidade, fazendo que todos rissem.

A boa velha achou que não valia a pena responder e prosseguiu:

— “Devem haver milhões de sistemas planetários por esse Universo infinito. Nós vivemos num deles. O Sol é o pai de todos nós aqui — nós planetas; nós plantas; nós bichões ou bichinhos. Se o Sol desaparecer, todos nós **levaremos a breca**. Os planetas rolarão pelo espaço, desgovernados e

.....

tontos, até se escangalharem, e nós aqui, bichinhos da Terra, morreremos de frio e horror...”

.....
Levaremos a breca: Nos daremos mal.

Essa conversa fora dias antes do passeio dos meninos pelo céu e muito contribuíra para que eles se animassem a tentar a grande aventura, com o fim de ver com os próprios olhos como eram as coisas por lá.

Mas o sistema planetário do Sol é uma coisa muito bem-arranjadinha, tal qual o maquinismo de um relógio. Um relógio só funciona bem quando tudo está em seu lugar — todas as rodinhas e pecinhas. Se alguma delas se desarranja, ou se cai entre elas um grão de poeira, o relógio para, ou começa a “reinar” — a atrasar-se ou adiantar-se.

Foi o que se deu com o sistema planetário do Sol durante a reinação celeste dos meninos. Esse sistema sempre vivera quieto, bem-arrumadinho, sem perturbações, até o dia em que eles começaram a atrapalhar tudo. E tais coisas fizeram lá por cima, que até produziram um satélite novo: lá estava o Dr. Livingstone girando em redor da Lua como um satelitezinho pernudo!...

Ora, os astrônomos são uns sábios admiráveis aos quais não escapa coisa nenhuma do céu. Sempre a espiarem pelos seus telescópios, vão vendo tudo, tomando nota de tudo e fazendo cálculos. Logo que os meninos chegaram à Lua, começaram os astrônomos a observar “perturbações inexplicáveis”, e de repente perceberam um satélite da Lua, coisa que nunca tinham visto antes e um satélite diferente de todos os satélites conhecidos — em vez de redondo, tinha perninhas, braços e chapéu de explorador africano, com fitinha atrás! Em seguida observaram uma grande perturbação na cauda do Cometa de Halley, como se um burro andasse pastando por lá. E depois deram com manchas nos anéis de Saturno, como se alguém andasse patinando por lá.

Essas perturbações, jamais observadas, causaram a maior sensação no mundo da ciência. Numerosos artigos foram publicados na imprensa, e o povo ignorante tremeu de medo, julgando que fossem sinais de “fim do mundo”.

Infelizmente os telescópios ainda não eram bastante poderosos para que os sábios pudessem ver os meninos reinando no espaço; eles verificavam as perturbações mas não descobriam a causa e começaram a formular hipóteses. E ainda estavam nisso, quando foi inaugurado o gigantesco **telescópio de Palomar**, na Califórnia, que custou seis milhões de dólares e tinha uma lente de cinco metros e meio de diâmetro. Por meio desse potentíssimo óculo de alcance puderam eles descobrir o mistério das perturbações celestes: os famosos netos de Dona Benta andavam reinando por lá!

Telescópio de Palomar: O observatório de Palomar foi criado em 1928 e tem três grandes telescópios.

E enquanto isso, a pobre vovó suspirava sentidamente lá em sua redinha da sala de jantar. Seus amados netos haviam desaparecido misteriosamente, e Tia Nastácia também, e o Burro Falante e o Dr. Livingstone. Por onde andariam? Dona Benta mandou procurá-los por toda parte, pelos vizinhos e pela vila, chegou até a dar parte à polícia e pôr avisos nos jornais. Tudo inútil. Ninguém dava a menor notícia das crianças, e ela suspirava tristemente em sua redinha da sala de jantar.

Mas assim que os astrônomos descobriram a causa das perturbações celestes, trataram imediatamente de pedir providências à avó dos “perturbadores” e vieram em comissão ao sítio de Dona Benta.

Isso foi por uma linda tarde de abril. Dona Benta havia acabado de dar um profundo suspiro quando ouviu barulho na porteira. Estavam batendo palmas e gritando “ó de casa!” Ela ergueu-se da redinha e foi espiar.



— Que será, meu Deus do céu? — murmurou, vendo parados na porteira uma porção de homens esquisitíssimos, de cartola, grandes barbas e óculos.

— Dá licença? — gritou o maioral do grupo assim que a avistou.

— Entrem! — respondeu a boa velha. — A casa é de Vossas Excelências.

Mas notou que os tais homens vacilavam, como se estivessem com medo de entrar e gritou de novo:

— Entrem. Não façam cerimônias.

Os homens barbudos e cartoludos pareciam sem ânimo de abrir a porteira e Dona Benta percebeu a razão: a Vaca Mocha estava deitada no caminho, mascando umas palhas de milho. Tamanhos homens com medo de vaca, imaginem!

— Entrem sem susto! — gritou ela de novo. — A Mocha é mansíssima. Nunca chifrou ninguém.

Criando coragem, os sábios abriram a porteira e, arrepanhando as sobrecasacas como se fossem saias, deram uma cautelosa volta por trás da Mocha, a qual nem se mexeu. O pacífico bovino não ligava a menor importância a astrônomos.

Aproximaram-se todos da varanda e pararam, com o maioral à frente. Era o mais barbudo e de óculos mais fortes que os outros.

— Minha senhora — disse ele tirando o chapéu —, viemos aqui em comissão pedir o apoio de Vossa Excelência num caso que muito nos está preocupando. Somos astrônomos.

Dona Benta estremeceu. Astrônomos? Que queriam com ela aqueles astrônomos tão importantes? E convidou-os a subir. Os astrônomos subiram os sete degraus da varanda e apertaram a mão da boa velha, um depois do outro. O maioral tossiu o pigarro e disse:

— Minha senhora, as perturbações que temos observado em nosso sistema planetário nos induziram a vir aqui em comissão pedir enérgicas providências...

Dona Benta estranhou aquelas palavras. Se havia perturbações no sistema planetário, que tinha ela com isso? E como também fosse uma excelente astrônoma, interrompeu o discurso do maioral para dizer:

— Se tem havido perturbações em nosso sistema planetário, com certeza será devido a alguma nova mancha do Sol recentemente aparecida. Tenho aqui a obra do **Padre Secchi** sobre o Sol, e sei das terríveis influências que tais manchas exercem sobre o nosso planeta.

.....
Padre Secchi: Padre Angelo Secchi (1818-1878), astrônomo italiano. Um dos primeiros a afirmar que o Sol é uma estrela.

Os sábios entreolharam-se. Ouvir aquela velhinha, ali naquele sítio, falar em manchas do Sol e no Padre Secchi era um estranho fenômeno. Mas aceitaram o estranho fenômeno e o chefe prosseguiu:

— Não, minha senhora. Desta vez a causa das perturbações não decorre das manchas do Sol e sim de dois meninos, uma boneca, um burro e um sabugo de cartola que andam a fazer **estripulias** no éter. Foi o que o telescópio de Palomar nos fez ver e aqui estamos para pedir a preciosa intervenção de Vossa Excelência.

.....
Estripulias: Travessuras, confusões.

— Será possível? — exclamou Dona Benta tirando os óculos. — Será possível que meus netos andem pelo éter?... Há já vários dias que desapareceram daqui, e também a minha cozinheira, o Burro Falante e o Dr. Livingstone, mas nem por sombras me passou pela cabeça que tivessem ido para o céu. Parece incrível!...

— A nós também, minha senhora. Muita dor de cabeça tivemos para decifrar o enigma, mas hoje estamos seguros do que afirmamos. A causa de vários transtornos observados na “harmonia universal” são as reinações de seus netos lá em cima.

— Meus senhores — respondeu Dona Benta botando de novo os óculos —, muito sinto o que está acontecendo, e quando eles aparecerem hei de passar-lhes um bom pito. Podem ficar sossegados que outra não acontecerá. Vou chamá-los.

Os astrônomos abriram a boca diante daquele “Vou chamá-los”.

— Mas... mas como vai Vossa Excelência comunicar-se com eles? — perguntou o maioral.

— Nada mais simples. Desde que sei onde estão, é só chamá-los com um bom berro.

Disse e, chegando ao gradil da varanda, levou à boca as mãos em forma de concha e com toda a força dos pulmões gritou:

— Pedrinho! Narizinho! Emília! Desçam já daí, cambada!...

E voltando-se para os astrônomos:

— Pronto, meus senhores. Posso garantir a Vossas Excelências que daqui a pouco estão de volta e mortinhos de fome, como sempre acontece no fim de cada aventura.

Em seguida ofereceu-lhes café.

— Estou sem cozinheira. Sentem-se por aqui enquanto vou eu mesma preparar um café com bolinhos. Não façam cerimônias.

Os astrônomos sentaram-se por ali e a boa senhora foi para a cozinha preparar o café. O maioral, que era um sueco de mais de dois metros de altura, ocupou justamente a banquetinha de pernas serradas de Dona Benta e ficou um perfeito N invertido, assim:  — com os joelhos à altura do queixo...

O grito de Dona Benta

Enquanto isso, os meninos lá na Lua contavam a São Jorge como eram as coisas em Saturno.

— Gostosura maior não pode haver! — dizia Narizinho. — A gente boiava, boiava como peixe na lagoa e aquele saturnino de geleia ali a conversar como se fosse um amigo velho. Eles têm uns crocotós que saem de dentro da gelatina, são os órgãos lá deles.

São Jorge não sabia o significado de “crocotó” e a menina teve de explicar que era uma das melhores palavras do vocabulário da boneca.

— A Emília gosta de usar termos de sua invenção e às vezes saem coisas bem boas. Esse crocotó é ótimo.

— Mas, afinal de contas, que é crocotó? — indagou o santo.

— Crocotó é uma coisa que a gente não sabe bem o que é. Crocotó é tudo que sai para fora de qualquer coisa lisa. O seu nariz, por exemplo, é um crocotó da sua cara, mas como sabemos que nariz é nariz, não dizemos crocotó. Mas se nunca tivéssemos visto o seu nariz, nem soubéssemos o que é nariz, então poderíamos dizer que o seu nariz era um crocotó...

São Jorge franziu a testa no esforço de entender aquilo, e se não entendeu fingiu que entendeu e passou adiante. Pôs-se a contar a história do dragão, nos tempos da sua mocidade na Terra. Falou do rei da Líbia e da bela princesa que o dragão quase havia devorado.

— Mas apareci de repente — disse ele — e dei um grande brado: “**Sus!** Sus!” O dragão, que já estava com a boca aberta e a língua de ^{.....}fora, **entreprou** e virou a horrenda cabeça para meu lado, e eu então — *zás!* — ^{.....}fisquei-o com a lança.

.....
Sus: Expressão de ânimo, coragem.

.....
Entreprou: Parou por um momento.

— Esta mesma? — quis saber Emília, apontando para a lança no colo do santo.

— Sim — respondeu São Jorge. — Fisguei-o, e ele, então...

Foi exatamente nesse “então” que o berro de Dona Benta chegou até lá.

— Pedrinho! Narizinho! Emília! Desçam já daí, cambada!

O santo capadócio interrompeu a frase e todos puseram-se de ouvido alerta.

— Lá está vovó nos chamando! — disse Pedrinho. — Como será que descobriu que estamos aqui?...

— E temos de voltar já, numa volada — acrescentou a menina. — Mas... e o Dr. Livingstone? Como deixá-lo perdido por estas imensidades infinitas?...

Pedrinho andava com uma hipótese na cabeça.

— Para mim — disse ele —, o Dr. Livingstone está girando em redor da Lua como um satélite. Está na zona neutra, na zona em que a força de atração da Terra equilibra-se com a força de atração da Lua, e por causa disso não cai nem na Terra nem na Lua, fica girando eternamente em redor da Lua. Temos de passar por essa zona e agarrá-lo por uma perna.

Mas como arrancar o Dr. Livingstone de sua órbita? Era um problema dos mais difíceis. No voo para a Terra eles iriam cortar a órbita do novo satélite da Lua, isso era evidente; mas o satélite podia estar muito distante do ponto da órbita que eles cortariam. Como fazer para cortar a órbita exatamente no ponto em que estivesse o satélite-Livingstone?

— Só fazendo cálculos astronômicos — lembrou a menina. — Os astrônomos descobrem no céu tudo quanto querem por meio de cálculos. Lembra-se do que vovó contou do tal astrônomo Halley?

São Jorge quis saber o que era. Narizinho tentou explicar.

— Pois esse Halley previu que um grande cometa ia passar pelo nosso céu em... em... em que ano mesmo, Pedrinho?

Pedrinho, que sabia aquilo na ponta da língua, gritou:

— Em 1758! Halley previu isso por meio de cálculos. Mas não pôde ver se seus cálculos deram certo, porque morreu em 1742.

São Jorge estava de boca aberta, admirado da ciência do menino.

— Pois bem — continuou Pedrinho —, dezessete anos depois da morte de Halley o tal cometa apareceu de novo, exatinho no ponto indicado e no ano que ele disse — 1758. Só que em vez de aparecer em meados de abril, como Halley previra, apareceu a 12 de março — menos de um mês de diferença. Era um errinho insignificante para um cometa que só aparece de setenta e tantos em setenta e tantos anos.

— Mas isso é estupendo! — exclamou São Jorge sacudindo a lança no ar de tanto entusiasmo. — Prever por meio de cálculos que um cometa vai aparecer em tal ponto do céu, em tal mês e tal ano, parece-me o assombro dos assombros!...



— Pois é para ver! — tornou Pedrinho. — A matemática é o que há de batatal, como diz a Emília, e esse Halley era batatalino na matemática. Depois de 1758, outros astrônomos calcularam que o cometa ia aparecer de novo em 1834 e a 24 de maio de 1910.

— E apareceu?

— Apareceu, sim. Vovó o viu muito bem quando apareceu em 1910, no dia 6 de maio. O erro foi ainda menor, só de dezoito dias. Batatalífero, não?

São Jorge ficava tonto com as batatalidades daquele menino...

— Pois é isso, Pedrinho — disse a menina. — Você também é astrônomo. Faça os cálculos e marque o momento e o ponto em que o Dr. Livingstone vai passar, e nós cheiraremos o pó nesse momento exato.

A boca de São Jorge não se fechava. Aquelas crianças falavam que nem um livro aberto...

Mas Pedrinho, com medo de errar nos cálculos e desmoralizar a astronomia, veio com uma desculpa.

— Não posso fazer os cálculos porque não tenho papel nem lápis.

— Isso é o de menos! — gritou Emília. — Papel eu tenho aqui no bolso — o papelzinho da bala puxa-puxa —, e lápis Tia Nastácia tem no fogão; um pedacinho de carvão serve. — E correu a buscar o “lápis” depois de entregar ao menino o papel da bala.

O pequeno Flammarion não teve remédio senão fazer todos os cálculos e foi com base nesses cálculos que marcou o instante da partida, dizendo:

— Neste momento exato o Dr. Livingstone deve estar passando no ponto X de sua órbita. Partiremos então daqui e de passagem o agarraremos por uma perna.

E assim foi. Depois das comoventes despedidas do santo, o qual deu um beijo na Emília e outro no anjinho, os aventureiros celestes sorveram o pó de pirlimpimpim na horinha indicada pelas contas do jovem Flammarion.

Fiunnn!...

Tudo deu certissimamente certo. Eles cruzaram a órbita do satélite Livingstone no momento exato em que o sabugo de cartola ia passando. Pedrinho agarrou-o pelo pé e lá se foram todos para a Terra.

O café dos astrônomos

Os meninos, mais o Burro, o Dr. Livingstone, Tia Nastácia e o anjinho desceram no pasto, perto do cupim grande e, depois de passada a tontura, foram correndo para casa, ansiosos por abraçar a vovó — todos, menos o Burro, que ficou por ali pastando avidamente. Assim que entraram na varanda e deram com as cartolas e bengalas dos sábios, entrepararam.

— Gente importante aqui em casa! Quem será? — exclamou a menina. E foi espiar. — Xi, Pedrinho! A sala de jantar está cheia de corpos estranhos...

Pedrinho também espiou e viu que sim, e foi entrando, seguido pelos outros. Dona Benta ergueu-se da mesa, numa grande alegria.

— Ora graças! — exclamou. — Bom susto vocês me pregaram... Não quero mais isso, não. Quando saírem para novas aventuras, não deixem de me avisar.

E voltando-se para os sábios:

— Meus senhores, permitam-me que eu faça a apresentação de meus netos. Este é Pedrinho, filho de minha filha Tonica. Esta é Narizinho, sobre a qual já muito conversamos. E esta bonequinha é a tal Emília do chifre furado, que anda revolucionando o mundo.

— E aquele cidadãozinho ali, de chapéu de explorador africano? — perguntou o maioral.

— Ah, esse é o Dr. Livingstone, avatar daquele antigo Visconde de Sabugosa que morreu afogado em nossa aventura no País da Fábula.³

Os astrônomos gostaram do “avatar” mas ficaram na mesma. Nisto o maioral deu com o anjinho e enrugou a testa.

— E essa criança linda? — perguntou, apontando.

Dona Benta, que estava sem óculos, não havia reparado no anjinho, que, muito atrapalhado com tantas novidades, ficara atrás de todos, de dedinho na boca. Mas pôs os óculos e olhou, e com o maior dos espantos deu com a maravilha. Ficou tonta. Nem pôde falar. Só pôde abrir a boca e de boca aberta ficou.

— Não tente adivinhar que não consegue, vovó! — gritou Narizinho. — É um anjo de asa quebrada — a esquerda —, que Emília encontrou perdido na Via Láctea...

Dessa vez quem arregalou os olhos foi o maioral e o mesmo fizeram todos os outros sábios. Na Via Láctea? Que absurdo!

— Como é isso, menina? — voltou o maioral. — Faça o favor de repetir o que disse porque não entendi bem. Parece que falou em Via Láctea...

— Sim — respondeu Narizinho. — Via Láctea, sim. Que tem isso? Encontramos este anjo no nosso passeio pela Via Láctea.

O espanto dos astrônomos subiu mais uns pontos. A linguagem daquela menina era nova para eles. Mas, como fossem “adultos” de sobrecasaca e cartola, desses que tratam as crianças como seres inferiores e não acreditam em nada, breve voltaram a si do espanto e sorriram com ironia, como quem diz: “Bobagens de crianças!” Ofendida com aquele sorriso, a boneca empertigou-se toda e replicou:

— Estou vendo que os senhores marmanjos não acreditam em nossa história. Estamos **pagos**. Nós também não acreditamos nas suas “hipóteses” muito sem jeito...

.....
Pagos: Vingados.

Os astrônomos não esperavam por aquela resposta, de modo que abriram de novo as bocas. Uma boneca que falava que nem gente e sabia o que era hipótese! Maior assombro era impossível. Mas, em vez de apenas assombrar-se, só sem mais nada, o maioral caiu na asneira de sorrir de novo, com **superioridade ariana**, e de dizer, como que ofendido:

.....
Superioridade ariana: Doutrina racista que pregava a superioridade do grupo étnico ariano. O nazismo de Hitler popularizou essa doutrina.

— Bravos! Com que então não acredita em nossas hipóteses? Muito bem. E que vem a ser hipótese, senhora bonequinha impertinente?

Emília pôs as mãos na cintura.

— Hipótese são as petas que os senhores nos pregam quando não sabem a verdadeira explicação de uma coisa e querem esconder a ignorância, está ouvindo, seu cara de coruja? Pouco se me dá que os senhores acreditem ou não que estivemos ou não estivemos na Via Láctea. Estivemos e acabou-se. E estivemos também em Marte e Saturno, e até brincamos de escorregar naqueles anéis. E na Lua conversamos com um santo muito bom, que ouvia tudo quanto dizíamos sem esses sorrisos que estamos vendo nessas reverendíssimas caras cheias de crocotós dos ruins...

.....
Petas: Mentiras.

— Emília! — ralhou Dona Benta, levantando-se. — Não posso admitir que você insulte em nossa casa estes luminares da ciência.

.....
Luminares: Sábios.

— Então também não admita que esses besourões casacudos duvidem do que estamos dizendo. Amor com amor se paga. Comigo é ali na batata...

Emília tinha perdido as estribeiras e estava que nem uma vespa. Dona Benta quis de novo ralhar com ela, mas calou-se. Lá por dentro estava lhe dando razão. Quem não respeita as ideias dos outros não pode esperar que respeitem as suas.

Os astrônomos, vendo que a velha havia parado de ralhar com a boneca, ofenderam-se. O maioral ergueu-se da mesa, e sem mais explicações retirou-se da sala seguido dos demais.

— Passe muito bem! — foi tudo quanto disseram lá na varanda, depois de tomarem as cartolas e bengalas.

Emília, vitoriosa, plantou-se de mãos à cintura no topo da escadinha para vê-los sair. E quando o chefe dos astrônomos, já no terreiro, olhou para trás, ela botou-lhe uma língua deste tamanho.

— Ahn!...

O maioral, furiosíssimo, perdeu a compostura e também botou para ela um palmo de língua. Uma língua muito feia e preta. Mas para fazer isso teve de virar a cabeça mesmo andando e tropeçou na Vaca Mocha, sempre deitada no mesmo lugar, caindo um grande tombo no chão.

Emília estava mais que vingada, mas mesmo assim ainda lhe gritou:

— Passe muito bem, seu cara de coruja que comeu amora!...

As impressões de Tia Nastácia

Os meninos tinham tanta coisa a contar que depois de tomado o café ainda ficaram na mesa até tarde.

— Que beleza, vovó! — dizia Narizinho. — Se a senhora pudesse imaginar o que é a Via Láctea, vendia este sítio e mudava-se para lá. Uma verdadeira horta cósmica de estrelas e cometas novinhos, calcule! E, por falar nisso, onde estão as estrelinhas que você trouxe, Emília?

— Aqui! — respondeu a boneca tirando do bolso do avental um punhado de astros do tamanho de grãos de ervilha, que espalhou sobre a mesa.

Que assombro! Aquelas ovas de estrelas brilhavam mais que diamantes — brilhavam tanto que Dona Benta teve de tapar os olhos com as mãos.

— E que vai fazer com elas, Emília? — perguntou Pedrinho. — Quer trocar três por um cometa? — E com grande espanto da vovó também tirou do bolso mais estrelas, estrelas não: cometas! Como estivessem com as caudinhas enroladas sobre os núcleos, à primeira vista pareciam estrelas.



— Estrelas! Cometas!... Mas isto é demais, meus filhos! Nunca imaginei uma coisa semelhante. E ainda há o anjinho. Onde anda ele?

Todos saíram correndo em procura do anjinho, que havia fugido dali e estava na cozinha conversando com Tia Nastácia e provando um bolinho de frigideira. A negra, plantada diante dele, babava-se de gosto.

— Este mundo está perdido! — dizia ela. — Quando eu havia de pensar que até os santos e os anjos haviam de comer os meus bolos fritos? Credo...

Nisto a voz de Dona Benta soou lá na sala, chamando-a.

— Já vou, sinhá! — respondeu a preta, e depois de lavar as mãos na bica foi ver o que a patroa desejava.

— Escute, Nastácia — disse Dona Benta. — Você ainda não me contou as suas impressões. Estou curiosa de saber como se arranjou lá por cima.

A boa negra botou as mãos como quem reza e revirou os olhos para o céu.

— Nem queira saber, sinhá! Credo! De manhãzinha, naquele dia, os meninos me empulharam, me deram para cheirar o tal pó mágico, dizendo que era **rapé**. Eu, muito boba, cheirei e, no mesmo instante, perdi os

sentidos, e quando abri os olhos estava num lugar esquisito, que a votação disse que era a Lua.

.....
Rapé: Pó das folhas do tabaco que provoca espirros. O rapé era muito popular nessa época.

— Parece incrível! — exclamou Dona Benta. — Não foi à toa que os astrônomos não acreditaram em coisa nenhuma e lá se foram danados com a Emília. Mas continue. E depois?

— Depois? Ah, nem queira saber, sinhá!... Depois apareceu aquele estupor do dragão que São Jorge vive matando com a lança lá na Lua — um bicho horrendo, sinhá, que a Emília diz que é mestiço de lagarto com flecha de índio.

— Por quê?

— Porque tem a língua e o rabo em ponta de flecha. Mas o tal bicho, que era verde, adiantou-se para o Burro, lambendo os beiços, imagine! E então Emília, que é uma danada, avançou sem medo e esfregou o tal pó mágico no nariz do Burro. E o coitado — *fuct!*... — se sumiu da Lua, ventando. Narizinho disse que ele tinha caído no “ete...”

— É espantoso o que você me conta, Nastácia, e difícil de acreditar. Pobres dos astrônomos! Como poderiam engolir tudo isto? E depois?

— Depois, quer saber quem apareceu? Apareceu São Jorge em pessoa, sinhá, vivo, com uma espécie de prado de ferro — prato-travessa — no braço...

— Devia ser o escudo, Nastácia.

— ... e um pau comprido de ponta pontuda na mão...

— Devia ser a lança, Nastácia.

— ... e os meninos, sem medo nenhum, garraram a falar com ele como se falassem com Tio Barnabé lá na casinha da ponte. E o santo respondia com a maior delicadeza. Foi uma conversa que não tinha fim. Depois São Jorge me chamou e perguntou se eu queria ficar cozinhando para ele. Eu me atrapalhei toda na resposta; e então Narizinho respondeu e disse que eu ficava só por uns dias — e fiquei, sinhá, fiquei feito cozinheira de São Jorge, eu, uma pobre de mim, e ele aquele santo tão prepotente, com a fisolustria de escudo e espeto, numa correspondência da corte celeste...

A pobre negra estava outra vez falando difícil. Dona Benta fê-la voltar ao simples e perguntou:

— E você lá ficou a cozinhar?...

— Que remédio, sinhá? Fiquei, apesar do medo que tinha do dragão. Que bicho feio, credo! Dava cada zurro de se ouvir nas estrelas. Acho que é por isso que elas piscam tanto...

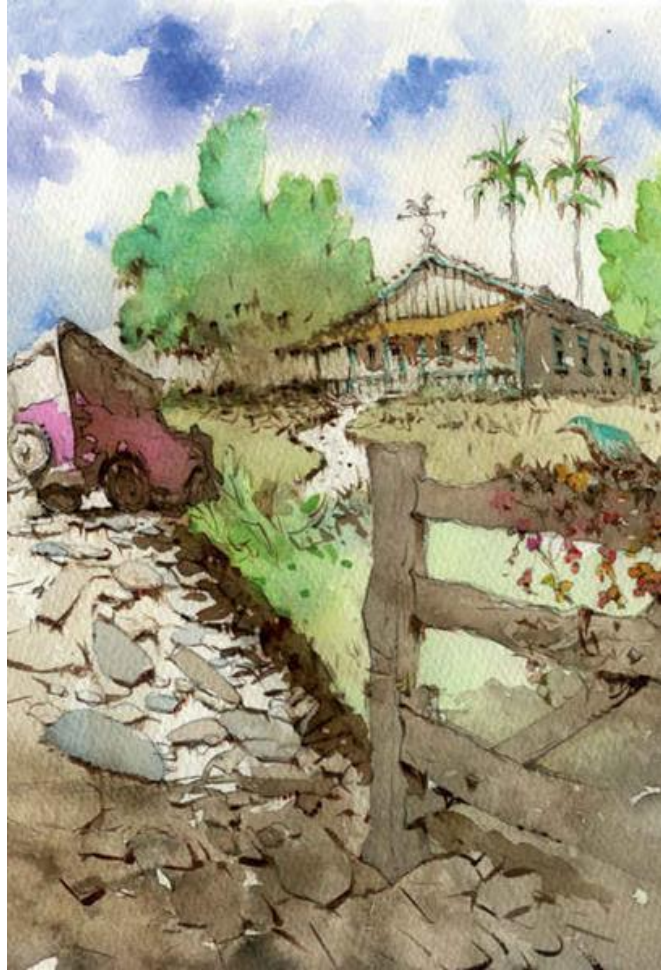
— E onde mais estiveram os meninos?
— Não sei, sinhá. Eles que contem. É uma embrulhada que não entendo. Estiveram até num tal mundo que tem anéis do dedo — será possível?
— Sim, o planeta Saturno.
— Mas sinhá acredita que tenha anéis? Eu... eu não sei. Eu acredito e descredito tudo, porque acho tudo possível e impossível. Mas os meninos dizem que tem. E depois eles andaram galopando pelo “ete...”
— Éter, Nastácia.
— ... montados num cometa xucro, sinhá, de rabo dum tamanho sem fim.
— E onde acharam o anjinho?
— Eles dizem que foi na Via de Leite, que não sei o que é.
— Por falar no anjinho, Nastácia, como vai ser ele aqui? — perguntou Dona Benta.
— Vai ser muito bem, sinhá. Além da galanteza que é, não pode haver pessoinha mais bem-comportada e boa.
— Está claro. Desde que é anjo, tem que ser bom e bem-comportado.
— Podia ser anjo mau, sinhá, filho daquele tal **Lúcifer**... Mas sinhá pode ficar sossegada. Hei de tomar conta dele direitinho.

.....
Lúcifer: Diabo.

Nesse momento soou uma gritaria no pomar.
— Corra, Nastácia! Vá ver o que aconteceu — disse Dona Benta assustada.
A negra disparou na direção do barulho. Minutos depois reapareceu furiosa.
— Não foi nada de grave, sinhá — disse ela. — Foi o frango sura que deu outro pega no Dr. “Livinsto” e comeu o resto dos milhos que ele tinha no peito. Hoje mesmo esse frango vai para a panela. O diabo me paga...

Notas

2. Aventura presente em *O Saci*, que pode ser conferida nesta coletânea.
3. Incidente ocorrido em *Reinações de Narizinho*, capítulo “Fim do Visconde de Sabugosa”.





**As aventuras
continuam
no Volume II!**





AS MELHORES AVENTURAS DO

Sítio do Picapau Amarelo

MONTEIRO **LOBATO**

VOLUME II







E era onça mesmo!

Dos moradores do sítio de Dona Benta o mais **andejo** era o Marquês de Rabicó. Conhecia todas as florestas, inclusive o Capoeirão dos Taquaruçus, mato muito cerrado onde Dona Benta não deixava que os meninos fossem passear. Certo dia em que Rabicó se aventurou nesse mato em procura das orelhas-de-pau que crescem nos troncos podres, parece que as coisas não lhe correram muito bem, pois voltou na volada.

.....
Andejo: O que anda muito.

— Que aconteceu? — perguntou Pedrinho ao vê-lo chegar todo arrepiado e com os olhos cheios de susto. — Está com cara de marquês que viu onça...

— Não vi, mas quase vi! — respondeu Rabicó tomando fôlego. — Ouvi um miado esquisito e dei com uns rastos mais esquisitos ainda. Não conheço onça, que dizem ser um gatão assim do tamanho de um bezerro. Ora, o miado que ouvi era de gato, mas muito mais forte, e os rastos também eram de gato, mas muito maiores. Logo, era onça.

Pedrinho refletiu sobre o caso e achou que bem podia ser verdade. Correu em procura de Narizinho.

— Sabe? Rabicó descobriu que anda uma onça no Capoeirão dos Taquaruçus!...

— Uma onça? Não me diga! Vou já avisar vovó...

— Não caia nessa — advertiu o menino. — Medrosa como ela é, vovó ou morre de medo ou trata de nos levar hoje mesmo para a cidade. Muito melhor ficarmos quietos e caçarmos a onça.

A menina arregalou os olhos.

— Está louco, Pedrinho? Não sabe que onça é um bicho feroz que come gente?

— Sei, sim, como também sei que gente mata onça.

— Isso é gente grande, bobo!

— Gente grande!... — repetiu o menino com ar de pouco-caso. — Vovó e Tia Nastácia são gente grande e no entanto correm até de barata. O que vale não é ser gente grande, é ser gente de coragem, e eu...

— Bem sei que você é valente como um galo garnisé, mas olhe que onça é onça. Com um tapa derruba qualquer caçador — diz Tia Nastácia.

O menino bateu no peito com arrogância.

— Pois quero ver isso! Vou organizar a caçada e juro que hei de trazer essa onça aqui para o terreiro, arrastada pelas orelhas. Se você e os outros não tiverem coragem de me acompanhar, irei sozinho.

A menina arrepiou-se de entusiasmo diante de tamanha bravura e não quis ficar atrás.

— Pois vou também! — gritou. — Uma menina de nariz arrebitado não tem medo de coisa nenhuma. Vamos convidar os outros.

Saíram os dois em busca dos demais companheiros. O primeiro encontrado foi o Marquês de Rabicó, que estava na porta da cozinha ocupadíssimo em devorar umas cascas de abóbora.

— Apronte-se, marquês, para tomar parte na expedição que vai caçar a onça aparecida lá na mata.

Aquela notícia fez o leitão engasgar com a casca de abóbora que tinha na boca.

— Caçar a onça? Eu? Deus me livre!...

Pedrinho impôs energicamente:

— Vai, sim, ainda que seja para servir de isca, está ouvindo, seu covarde?

Rabicó tremia que nem geleia fora do copo.

— Um fidalgo! — prosseguiu Pedrinho em tom de desprezo. — Um filho do grande Visconde de Sabugosa a tremer assim de medo! Que vergonha...

Rabicó não replicou. Bebeu um gole d'água para acalmar os nervos e voltou às suas cascas de abóbora com esta ideia na cabeça: “No momento, hei de dar um jeito qualquer. Não tem perigo que eu me deixe comer cru pela onça.”

O luxo dos leitões é serem comidos assados ao forno, com rodela de limão em redor e um ovo cozido na boca...

O segundo convidado foi o Visconde de Sabugosa, o qual aceitou a proposta com aquela dignidade e nobreza que marcavam todos os seus atos de fidalgo dos legítimos. Iria para vencer ou morrer. Viscondes da sua marca mostram o que valem justamente nos momentos perigosos.



Depois convidaram Emília, que recebeu a ideia com palmas.

— Ora graças! — exclamou. — Vamos ter enfim uma aventura importante. A vida aqui no sítio anda tão vazia que até me sinto embolorada por dentro. Irei, sim, e juro que quem vai matar a onça sou eu...

Esse dia e o outro foram passados em preparativos. Pedrinho levaria uma espingarda que ele mesmo tinha fabricado escondido de Dona Benta, com cano de guarda-chuva e gatilho puxado a elástico. Estava carregada com a pólvora de uns **pistolões** sobrados da última festa de São Pedro.

Pistolões: Fogos de artifício.

A arma que Narizinho escolheu foi a faca de cortar pão, instrumento mestiço de faca e serrote.

O visconde recebeu um **sabre** feito de arco de barril, bastante pontudo, mas danado para entortar. Em vista da sua importância e do seu título, também recebeu o comando da expedição.

.....
Sabre: Espada curta.

— E você, Emília, que arma leva? — perguntou Narizinho.

— Levo o espeto de assar frangos. Tenho mais fé naquele espeto do que nas armas de vocês todos.

Restava o marquês. Como fosse um grande medroso, em vez de arma Pedrinho deu-lhe arreios. Rabicó iria puxando um canhãozinho feito de um velho tubo de chaminé, que o menino havia montado sobre as rodas do seu carrinho de cabrito. Para carregar o canhãozinho foi necessário empregar a pólvora de três pistolões. Servia de bala uma pedra bem redondinha, encontrada no pedregulho do rio. Indo atrelado ao canhão, o grande marquês ficaria impedido de fugir.

No dia marcado tomaram o café da manhã com farinha de milho e saíram na ponta dos pés, para que as duas velhas nada percebessem. Passaram a porteira do pasto, atravessaram a Mata dos Tucanos Vermelhos e de lá seguiram rumo ao capoeirão da onça.

Rabicó não havia mentido. Os rastos da onça estavam impressos na terra úmida. Ao fazerem tal descoberta, o coração dos cinco heróis bateu mais apressado. Dos cinco, não; dos quatro, porque, como todos sabem, Emília não tinha coração.

— Que é isso, Pedrinho — disse a boneca notando a palidez do chefe. — Será medo?

— Não é medo, não, Emília. É...

— É... receio, eu sei — caçoou a terrível bonequinha.

— Não brinque comigo, Emília! — gritou Pedrinho avermelhando de raiva. — Você e toda gente sabe que só tenho medo de uma coisa neste mundo: marimbondo. De mais nada, hein?

O visconde, que havia trazido a tiracolo o binóculo de Dona Benta, ajustou-o aos olhos para examinar “detetivamente” os rastos.

— É de onça, sim, e de onça-pintada — disse ele.

— Como sabe?

— Estou vendo no chão dois pelos, um amarelo e outro preto.

Aquela confirmação de que era onça mesmo, e das grandes, desanimou profundamente Rabicó. Gotas de suor frio começaram a pingar da sua testa. Teve ímpetos de soltar-se do canhãozinho e disparar para casa; só não o fez de medo que Pedrinho lhe despejasse no lombo a carga de chumbo destinada à onça. E resignou-se ao que desse e viesse.



Orientados pelos rastros da onça, os caçadores não podiam errar. Era seguir na direção deles, que fatalmente dariam com a bicha.

— Avante, Saboia! — gritou Pedrinho, espichando no ar a espingarda como se fosse espada.

— Avante! — repetiram todos os outros, menos Rabicó, que estava sem fala. E com o maior entusiasmo os heroizinhos foram caminhando durante meia hora.

Súbito, o visconde, que ia na frente de binóculo apontado, gritou com voz firme:

— A onça...

— Onde? — indagaram todos, ansiosos.

— Lá longe, naquela moita — lá, lá...

Realmente, alguma coisa se mexia na moita indicada e não tardou que uma enorme cara de onça aparecesse por entre as folhas, espiando para o lado dos cinco heróis.

Pedrinho dispôs tudo para o ataque. **Assestou** na direção da moita o canhãozinho e ordenou ao artilheiro Rabicó, ^{.....}enquanto o desatrelava:

.....
Assestou: Apontou

— Fique nesta posição. Quando ouvir a voz de “Fogo!”, risque um fósforo, acenda a mecha e dispare.

— Disparo para casa? — perguntou o artilheiro, mais trêmulo do que uma fatia de manjar-branco.

— Dispare o canhão, idiota! — berrou Pedrinho.

Enquanto isso, a onça deixava a moita e com o andar manhoso dos gatos dirigia-se, agachada, para o lado deles. Era o momento. O visconde ergueu a espada e com voz grossa de comandante superior deu um berro de comando:

— Fogo!

Rabicó, todo treme-treme, não conseguiu nem riscar o fósforo. Foi preciso que Pedrinho viesse ajudá-lo. Por fim riscou-o e deitou fogo à mecha. Ouviu-se um chiado e logo depois um tiro soou — *pum!* Mas um tiro **chocho**, que não valeu nada. A bala de pedra rolou a dois passos de distância, imaginem! Havia falhado a artilharia, na qual eles depositavam tantas esperanças.

.....
Chocho: Fraco.

Pedrinho então disparou a sua espingardinha. Outro tiro chocho que nada valeu e só serviu para irritar a fera. Viram-na arreganhar os dentes e apressar a marcha na direção dos atacantes.

A situação tornava-se muito séria e Pedrinho, desapontado com o nenhum efeito das armas de fogo, berrou a plenos pulmões:

— Salve-se quem puder!

Foi uma debandada. Cada qual tratou de si e, como se houvessem virado macacos, todos procuraram a salvação nas árvores. Felizmente havia ali um pé de grumixama que dava para abrigar o grupo inteiro. Nele treparam, sem dificuldade, Pedrinho, Narizinho e Emília. Já o velho visconde embaraçou as pernas na bainha da espada e com toda a sua importância estendeu-se no chão ao comprido. Foi preciso que o menino o pescasse com o gancho de um galho seco.

Rabicó fez coisa de que ninguém nunca o julgaria capaz: botou-se à árvore que nem gato e conseguiu enganchar-se na forquilha do primeiro tronco. Pedrinho e Narizinho, que estavam no galho acima, puderam agarrá-lo pela orelha e içá-lo fora do alcance da onça. Quando a fera chegou, estavam já todos muito bem empoleirados e livres dos seus botes.

A onça, desapontadíssima, ali permaneceu, sentada sobre as patas de trás, com os olhos fixos nos caçadores que a tinham logrado. Parece que sua

intenção era ficar de guarda até que eles descessem.

— Espera que te curo — disse Pedrinho, lembrando-se que trazia no bolso um pouco da pólvora dos pistolões. Tomou um punhado e, ajeitando-se no galho que ficava bem a prumo sobre a onça, derramou-lhe a pólvora em cima dos olhos.

A ideia valeu. Completamente cega pela pólvora, a onça pôs-se a corcovear que nem doida, enquanto esfregava os olhos com as munhecas, como se quisesse arrancá-los.

— É hora! Avança, macacada! — gritou Pedrinho escorregando pela árvore abaixo.

Todos o imitaram. Apanharam as armas e se arrojavam contra a fera com verdadeira fúria. Narizinho esfregou-lhe a faca no lombo, como se a onça fosse pão e ela quisesse tirar uma fatia. O visconde conseguiu, depois de várias tentativas, enterrar-lhe no peito o seu sabre de arco de barril. Emília fez o mesmo com o espeto de assar frango. Pedrinho macetou-lhe o crânio com a coronha da sua espingarda. Até Rabicó perdeu o medo e depois de carregar de novo o canhão deu-lhe um bom tiro à queima-roupa.

Assim atacada de todos os lados, a onça não teve remédio senão morrer. Estrebuchou e foi morrendo. Quando deu o último suspiro, Pedrinho, no maior entusiasmo de sua vida, entoou um canto de guerra:

— Alé guá, guá, guá...

E todos responderam em coro:

— Hurra! Hurra! Picapau Amarelo!...

A volta para casa

Foi um delírio de contentamento. Os caçadores rodearam a onça morta, discutindo as peripécias da formidável aventura. Emília reclamou logo todas as honras para si.

— Se não fosse a minha espetada com o espeto de assar frango, queria ver...

— O que decidiu tudo foram as facadas que eu dei — alegou Narizinho.

— Qual nada! Juro que foi o meu tiro de canhão — disse Rabicó.

— **Pexote!** — berrou Pedrinho. — A bala de canhão nem arranhou a pele da onça, não está vendo?

.....
Pexote: Novato, principiante.

Como daquela disputa pudesse sair briga, o visconde ponderou, gravemente:

— Todos ajudaram a matar a onça e todos merecem louvores. Mas, se não fosse a pólvora de Pedrinho, estaríamos perdidos; de maneira que a Pedrinho cabe a melhor parte da vitória. Depois de cegar a onça, tudo ficou mais fácil e cada qual fez o que pôde. Basta de discussões. Em vez disso, tratemos mas é de levá-la para casa.

Os heróis concordaram com o sensatíssimo visconde e Pedrinho afundou no mato para tirar cipós, visto não terem trazido corda. Logo depois reapareceu com um rolo de cipó ao ombro.

— Segure aqui! Puxe lá! Força! Vamos!...

Pedrinho conduziu o trabalho da amarração da onça ajudado por todos, menos Emília, que se afastara dali e estava numa grande prosa com dois besouros que tinham vindo assistir à cena. Bem amarrada que foi a onça, era preciso conduzi-la até a casa. Foi o que mais custou. Em certo ponto do caminho, Rabicó, que suava em bicas, parou para tomar fôlego.

— Francamente — disse ele —, prefiro matar dez onças a puxar uma só! Estou que não posso mais...

Pararam todos para um bem merecido descanso e sentaram-se em cima do pelo macio da fera morta. Vendo que o sol já ia alto, Narizinho disse:

— Pobre vovó! Passa bem maus momentos por nossa causa. A estas horas deve estar aflitíssima, a procurar-nos por toda parte...

— Mas vai consolar-se vendo a bichona que matamos — disse Pedrinho.

“Que matamos, uma ova!”, pensou lá consigo Rabicó. “Que eu matei com o meu tiro de canhão, isso sim.”

Pensou apenas. Não teve coragem de o dizer em voz alta, de medo do pontapé que Pedrinho fatalmente lhe pregaria.

Descansados que foram, prosseguiram na caminhada. Duas horas depois avistavam a casa, e viram Dona Benta e Tia Nastácia, muito aflitas, procurando-os pelo pomar. Pedrinho pôs na boca dois dedos e desferiu um célebre assobio que só ele sabia dar. As velhas voltaram-se na direção do som e Tia Nastácia, que tinha melhor vista, enxergou-os logo.



— Lá vêm vindo eles, sinhá! E vêm puxando uma coisa esquisita... Quer ver que caçaram alguma paca?

Aproximaram-se os heróis. Penetraram no terreiro. Narizinho de longe gritou:

— Adivinhe, vovó, o que matamos!

Dona Benta respondeu:

— Uns danadinhos como vocês são bem capazes de terem matado alguma paca...

A menina deu uma risada gostosa.

— Qual paca, nem pera paca, vovó! Suba!

— Então, algum veado — lembrou a velha, começando a arregalar os olhos.

— Suba, vovó!

— Porco-do-mato, será possível?

— Suba, suba!

Dona Benta principiou a abrir a boca.

— Então foi capivara...

— Vá subindo, vovó!

A boa senhora não sabia como subir além de uma capivara, que era o maior animal existente por ali. Narizinho, então, chegou-se para ela e disse, fazendo uma careta de apavorar:

— Uma onça, vovó!

O susto de Dona Benta foi o maior da sua vida — tão grande que caiu sentada, com sufocação, exclamando:

— Nossa Senhora da Aparecida! Esta criançada ainda me deixa louca...

Mais corajosa, a negra aproximou-se, viu que era mesmo onça e:

— O mundo está perdido, sinhá — murmurou de mãos postas. — É onça mesmo...

Os habitantes da mata se assustam

As cenas da caçada da onça haviam sido presenciadas por muitos animaizinhos selvagens, entre eles um intrometidíssimo sagui. Ficou tão admirado da proeza dos meninos que levou longo tempo a piscar muito depressa — sinal de que estava pensando alguma ideia de sagui. Por fim resolveu-se e, pulando de galho em galho, foi em busca de uma capivara que morava perto, na beira do rio.

— Sabe, Dona Capivara, o que aconteceu à Onça da Toca Fria? Morreu...

— disse ele, fazendo uma carinha muito assustada.

— Morreu de quê, sagui? — indagou a Capivara. — De morte morrida ou de morte matada?

— De morte matadíssima. Os meninos do sítio de Dona Benta mataram-na a tiros e facadas e espetadas, e depois a arrastaram com cipós até lá ao terreiro.

E contou por miúdo toda a cena a que havia assistido. A Capivara abriu a boca. Aquela onça era o terror de todos os bichos das redondezas, graças à sua força e ferocidade. Por várias vezes os caçadores das terras vizinhas haviam organizado batidas a fim de dar cabo dela, sem nenhum resultado. A Onça escapava sempre. Como, então, fora vítima dos netos de Dona Benta, simples crianças? Era espantoso, não havia dúvida. E se essas crianças haviam matado a onça dominadora da mata, com muito maior facilidade matariam a qualquer outro filho das selvas, fosse veado, paca, tatu ou mesmo capivara.

— A situação é bastante grave — disse por fim o animalão, depois de muito pensar e repensar. — Vejo que esses meninos constituem um grande perigo para nós aqui. Vou reunir uma assembleia de todos os bichos para discutirmos o caso e tomarmos as medidas necessárias à nossa segurança.

La passando pelo céu azul um gavião perseguido por dois bem-te-vis. A Capivara chamou-os.

— Parem com essa eterna briga e venham ouvir o que tenho a dizer. A situação de todos os viventes da floresta é muito séria.

Quando a vida dos animais selvagens se vê ameaçada de perigo geral, as velhas rivalidades cessam. A jaguatirica deixa de perseguir as lebres. A lontra esquece a fome e pode até conversar amavelmente com os peixes de que se alimenta. O cachorro-do-mato passa perto do porco-espinho sem que este erice as agulhas. Assim, ao ouvirem as palavras da Capivara, tanto o gavião como os bem-te-vis esqueceram a briga e vieram sentar-se diante dela, um ao lado do outro, como se nada tivesse havido entre eles.

— Os meninos de Dona Benta mataram a Onça da Toca Fria — começou a Capivara. — Ora, se mataram a Onça, que era a rainha da floresta, o mesmo farão, com a maior facilidade, a qualquer outro bicho menos forte do que onça. Estamos, pois, com as nossas vidas ameaçadas de grande perigo e temos de tomar providências. Por isso quero convocar uma reunião de todos os animais. Vocês, que voam, sejam meus mensageiros. Voem sobre a mata e avisem a todos para que estejam aqui reunidos amanhã à noitinha, debaixo da Figueira Brava.

O gavião e os bem-te-vis obedeceram. Voaram de árvore em árvore, dando uns pios que significavam reunião geral na Figueira Brava no dia seguinte.

Essa figueira parecia ter mil anos de idade. Era a maior árvore da zona. Em seu tronco o tempo abrira um enorme oco, no qual dez homens poderiam abrigar-se perfeitamente. Erva nenhuma crescia debaixo dela, porque as

ervas não crescem onde não bate sol e ali havia séculos que não batia um raio de sol.

No dia seguinte à tarde os animais foram chegando. Vieram as pacas, tão medrozinhas; vieram os veados ariscos; as antas pesadonas; os quatis sempre alegres e brincalhões; os cachorros-do-mato e as **iraras** de olhar duro; as jaguatiricas de movimentos macios. Vieram os **tatus** ^{.....}encapotados em suas cascas rijas; as lontras embrulhadas em suas capas de pele macia como o veludo; as preás assustadinhas. Também vieram cobras — as jiboias enormes que engolem um bezerro taludo; as cascavéis de guizos na ponta da cauda; as lindas corais vermelhas; as muçuranas que se alimentam de cobras venenosas sem que nada lhes aconteça. E sapos — desde o sapo-ferreiro, cujo coxo lembra marteladas em bigorna, até a pequenina perereca, que vive pererecando pelo mundo. E aves, desde o negro urubu fedorento até essa joia de asas que se chama beija-flor. E ainda insetos — borboletas de todos os desenhos e cores, besouros de todas as cascas, serra-paus de todas as serras. E joaninhas e louva-a-deus e carrapatos...

.....
Iraras: Mamífero carnívoro florestal parecido com a fuinha.

Os macacos empoleiraram-se nos galhos da figueira e no rebordo inferior do oco. Enquanto esperavam, divertiam-se fazendo **cabriolas** ^{.....} das mais complicadas e caretas.

.....
Cabriolas: Saltos ou cambalhotas.

Logo que os viu reunidos, a Capivara tomou a palavra e expôs a situação perigosa em que se achavam todos.

— Quem faz um cesto faz um cento — disse ela. — O fato de terem matado a onça vai encher de coragem esses meninos e fazê-los repetir suas entradas nesta floresta a fim de nos caçar a todos. O caso é bastante sério.

— Peço a palavra! — gritou o **Bugio** ^{.....}, que estava de cabeça para baixo, seguro pelo rabo no seu galho. — Acho que o melhor meio de vocês escaparem à fúria desses meninos é fazerem como nós fazemos: morar em árvores. Quem mora em árvores está livre de todos os perigos do chão.

.....
Bugio: Macaco.

— Imbecil! — resmungou a Capivara, furiosa de tamanha asneira. — Não é à toa que os macacos se parecem tanto com os homens. Só dizem bobagens. Esta reunião foi convocada para discutir-se a sério, visto que o caso é muito sério. Quem tiver uma ideia mais decente que a deste idiota pendurado, que tome a palavra e fale.

Um jabuti adiantou-se e disse:

— O meio que vejo é mudar-nos para outras terras.

— Que terras? — replicou a Capivara. — Não há mais terras habitáveis neste país. Os homens andam a destruir todas as matas, a queimá-las, a reduzi-las a pastagens para bois e vacas. No meu tempo de menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Agora quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. Os homens estragaram este país. A ideia do Jabuti não vale grande coisa. Impossível mudar-nos, porque não temos para onde ir.

— Amor com amor se paga — disse uma jaguatirica. — Matando a nossa rainha esses meninos nos declararam guerra. Paguemos na mesma moeda. Declaremos guerra a eles. Reunamos todos os animais de dentes agudos e garras afiadas para um assalto ao sítio de Dona Benta.



A Capivara ficou pensativa. Isso de assaltar um sítio era realmente coisa que só onças e jaguatiricas podiam fazer, porque são animais guerreiros.

— Sim — disse a Capivara —, a ideia não me parece de todo má, mas semelhante guerra só poderá ser feita por vocês, onças, ajudadas pelos cachorros-do-mato e iraras. Eu, por exemplo, e também as pacas e veados e lontras e borboletas e serra-paus e carrapatos não entendemos nada de guerra.

— Pois que fique a luta a nosso cargo — disse a Jaguatirica. — Encarregar-me-ei de reunir todas as onças e jaguatiricas e cachorros-do-mato e iraras da floresta para um ataque ao sítio de Dona Benta. Havemos de vencer aqueles meninos e comer todos da casa — inclusive as duas velhas.

A assembleia aprovou a lembrança. “Muito bem!”, pensaram os animais. As onças fariam a guerra. Se vencessem, a bicharia inteira das selvas estaria salva de novas incursões dos meninos. Se não vencessem, a vingança deles iria recair sobre as onças, não sobre os outros. Ótimo!

— Está aprovada a ideia — disse a Capivara. — A Senhora Jaguatirica encarregar-se-á de falar com as suas companheiras, com as onças grandes, as

iraras e cachorros-do-mato, combinando do melhor modo os planos estratégicos. E nós, animais pacíficos, comedores de ervas, ficaremos de lado, ajudando os guerreiros com as nossas “torcidas”.

A assembleia dissolveu-se. Cada qual foi para sua casa, enquanto a Jaguatirica disparava em procura das companheiras a fim de combinar os meios de conduzir a guerra.

Os espiões da Emília

Entre os animais da floresta que iam atacar o sítio de Dona Benta havia traidores. Eram os espiões da Emília. A terrível bonequinha fizera amizade com um casal de besouros casacudos, muito **santarrões**, que viviam fingindo estar a dormir mas que não perdiam coisa nenhuma do que se passava na floresta. Na reunião dos animais também eles estiveram presentes, vendo e ouvindo tudo lá do seu cantinho. Em seguida foram dar parte do acontecido à boneca.

.....
Santarrões: Aquele que finge ser santo, puro.

— Eles vão atacar a casa e comer toda a gente do sítio — disse o besouro com voz cautelosa.

— Eles quem? — indagou Emília.

— As onças, as iraras e os cachorros-do-mato.

— *Elas*, então — disse Emília —, que implicava muito com a regra de gramática que manda pôr o pronome no masculino quando há diversos sujeitos de sexos diferentes. — *Elas* vão atacar o sítio, não é? Pois que venham. Serão muito bem recebidas. Tenho lá um espeto próprio para espetar onça, irara, jaguatirica e cachorro-do-mato.

Mas os besouros contaram minuciosamente tudo quanto tinham ouvido na assembleia da Capivara e a boneca viu que o caso não era de brincadeira. Resolveu lá consigo ir incontinentemente avisar Pedrinho, mas para não dar a perceber os seus receios fez-se de valentona.



— Veremos! — disse aos besouros, muito admirados daquele sangue-frio. — Veremos! Nós matamos há pouco uma onça-pintada, a maior que existia por aqui, e faremos a mesma coisa até para leões e hipopótamos, se aparecerem. A bicharia há de convencer-se de que conosco ninguém brinca. Atacar o sítio! Desafortunados... E para quando é a guerra?

— O dia ainda não está marcado. A Jaguatirica anda a correr a mata para reunir os atacantes.

— Muito bem — concluiu Emília sem pestanejar. — Continuem espionando e avisando-me de tudo quanto souberem. Vou prevenir Pedrinho.

Emília voltou para casa de carreira e já de longe foi gritando pelo menino. Encontrou-o na varanda, a fazer uma arapuca de talos de folhas de embaúba para apanhar rolinhas.

— Largue disso — gritou Emília ao galgar a escada. — Temos novidade grande. O sítio vai ser assaltado pelas onças, cachorros-do-mato e iraras.

Pedrinho olhou para ela com os olhos arregalados.

— Que bobagem está você dizendo, Emília? Assaltado, por quê? Como?

A boneca desfiou toda a conversa tida com os besouros e concluiu:

— Temos guerra, é isso. Matamos a onça e agora a onçada inteira quer a desforra.

Pedrinho refletiu por alguns instantes. Depois recomendou:

— Não diga nada a vovó, nem a Tia Nastácia, pois são capazes de morrer de medo. Vou estudar o caso e organizar a defesa. Vá depressa ver Narizinho e o visconde. Diga-lhes que me esperem no pomar, debaixo da jabuticabeira grande. Aqui na varanda não podemos tratar disso. Vovó descobriria tudo.

Minutos depois realizava-se debaixo da jabuticabeira grande uma segunda assembleia, menos numerosa que a dos bichos. Compareceram todos, inclusive o Marquês de Rabicó. Pedrinho pediu à boneca que repetisse a sua conversa com os besouros espíões. Emília repetiu-a, terminando assim:



— É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém — nem Tia Nastácia, que tem carne preta. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena.

O Marquês de Rabicó sorriu. Se as onças iam devorar todos os bípedes, ele, na sua nobre qualidade de quadrúpede, estaria fora da matança. “Que felicidade ser quadrúpede!”, refletiu lá consigo o maroto.

Pedrinho começou a estudar a defesa.

— Sabem do que mais? — disse ele. — Vou abrir uma linha de trincheiras em redor da casa.

— Inútil isso, Pedrinho — objetou a menina. — As onças são umas danadas para saltar. Pulam qualquer trincheira.

Pedrinho achou razoável a observação e refletiu um pouco mais. Depois disse:

— Nesse caso, podemos rodear a fazenda de uma cerca de paus-a-pique, bem pontudos. Construir uma **estacada**, como faziam os índios.

.....
Estacada: Cerca feita de estacas.

— Impossível — objetou outra vez Narizinho. — Para fazer semelhante estacada teríamos de contratar vários homens para cortar os paus e fincá-los — e vovó desconfiaria e viria a saber de tudo. Com estacada não vai. Temos de descobrir outro meio.

E, voltando-se para o visconde que ainda não pronunciara uma só palavra:

— Qual a sua opinião, visconde?

Como tivesse corpo de sabugo, o visconde jamais mostrou o menor medo de onça ou de qualquer outro animal carnívoro. Só tinha medo de vaca, bezerro, cavalo e outros animais comedores de sabugo. Por isso, caçou:

— Ataque de onça! Ora, ora... Que valem onças? Se fosse um ataque de vacas, sim, compreendo que estivéssemos assustados. Mas de onças...

— E você, Rabicó, que acha? — perguntaram ao marquês.

O marquês nunca achava coisa nenhuma. Sua preocupação única era descobrir coisas de comer. Quando lhe pediam opinião sobre abóboras, chuchus, cascas de bananas ou mandioca, ele dava opiniões ótimas. Mas sobre onças...

— Eu acho que... que... que... — E engasgou.

— Quequerequeque... Para achar isso não valia a pena ter aberto a boca — disse Pedrinho. — Temos que achar qualquer coisa. Temos que resolver. O caso é dos mais sérios. Nossas vidas correm perigo, bem como as vidas de vovó e Tia Nastácia. Vamos! Venham ideias. **Deem tratos à bola** e resolvam...

.....
Deem tratos à bola: Pensem, se concentrem na solução.

— Tenho uma ideia excelente! — gritou Narizinho, batendo palmas.

— Qual é? — exclamaram todos, voltando-se para ela.

— É deixarmos isto para amanhã. As grandes coisas devem ser bem pensadas e não podem ser decididas assim do pé para a mão. A guerra não é para já, pois que a Jaguatirica ainda anda a avisar as companheiras. Até que fale com todas e organizem o plano de ataque se passarão alguns dias. Para agora tenho uma coisa excelente a fazer. Uma surpresa...

Disse e ergueu-se, correndo para a margem do ribeirão, onde na véspera Tia Nastácia havia escondido qualquer coisa. Todos a seguiram, curiosos.

— Que é, que é, Narizinho? Que surpresa é essa?

Em vez de responder, a menina espalhou um montinho de folhas secas que havia junto às pedras do rio e revelou aos olhos do bando um lindo cacho de **brejaúvas**.

.....
Brejaúvas: Palmeira silvestre.

— Viva! Viva! — gritou Pedrinho, que se **pelava** por brejaúvas. — Como arranhou isto, Narizinho?

.....
Pelava: Adorava.

— Foi o Antônio Carapina que nos mandou de presente ontem à noite. Tia Nastácia recebeu o cacho e veio escondê-lo aqui para que não acontecesse como da outra vez, que sujamos de cascas a varanda.

— E por que não me disse nada?

— Para fazer uma surpresa. Não acha que foi melhor assim?

Sentaram-se todos em redor do cacho de brejaúvas e começaram a partir os cocos sobre uma grande laje que havia ali.

— Ótimas! — exclamou o menino, comendo com gula a deliciosa polpa branca e macia daqueles cocos no ponto. — O Antônio Carapina tem as melhores lembranças do mundo. Prove, Emília, este pedacinho...

Minutos depois estava o chão coberto de cascas, por entre as quais passeava o focinho de Rabicó, lambiscando o que podia. Enquanto isso, as onças lá na mata marcavam o ataque ao sítio para o dia seguinte. Felizmente os dois besouros **encapotados** estiveram presentes à reunião e tudo ouviram de um galhinho seco.

.....
Encapotado: Disfarçado.

A defesa estratégica

— Eles mataram minha esposa! — clamava com voz trêmula de cólera um enorme onção (como dizia a Emília). — Estou viúvo da minha querida Onça por artes daqueles meninos daninhos do sítio de Dona Benta. Mataram-na e levaram-na de arrasto, amarrada com cipós, até o terreiro da casinha onde moram. Tiraram-lhe a pele, que depois de esticada e seca ao sol está servindo de tapete na varanda. Ora, isto é crime que pede a mais completa vingança. Guerra, pois! Guerra de morte a essa ninhada de malfeitores.

— Guerra! Guerra! — exclamaram as jaguatiricas e suçuaranas e cachorros-do-mato e iraras ali *reunidas* (como queria a Emília).

O Onço agradeceu-se daquele entusiasmo.

— Combinemos o seguinte — disse ele. — Amanhã de manhã cercaremos a casa de modo que ninguém escape. As iraras e cachorros-do-mato guardarão os lados, e nós, onças, atacaremos pela frente.

— Bravos! Bravos! Assim o faremos! — gritaram em coro as feras.

— Assaltaremos a casa — prosseguiu o viúvo — e mataremos todos os seus moradores.

— Sim, matá-los-emos todos! — repetiu o coro.

— E depois os comeremos um por um!

— Sim, sim, comê-los-emos todos um por um! — uivou a bicharia, com as línguas vermelhas a lamberem a beijaria feroz.

A assembleia dissolveu-se, indo cada qual para sua toca sem que nenhuma daquelas feras pensasse em caça naquele dia. Estavam a preparar uma fome especial para o almoço de carne humana que iam ter no dia seguinte.

Os besouros espiões tudo ouviram do seu galhinho e lá se foram, a zumbir, dar parte à Emília dos grandes acontecimentos. A boneca estava ansiosa por eles, visto como não os tinha visto na véspera.

— Então? — perguntou logo que os dois sonsos entraram na varanda como se fossem besouros à toa, desses que se deixam atrair pela luz dos lampiões.

— É amanhã o ataque — responderam os dois besouros, que eram gêmeos e sempre falavam e agiam juntos. — As onças acabam de resolver isso numa reunião que tiveram debaixo da Figueira Brava. Os cachorros-do-mato e as iraras guardarão os lados da casa, e as onças, guiadas pelo Onço viúvo, darão o assalto. Também juraram matar e comer a todos.

Emília não empalideceu de susto, nem tremeu que nem vara verde, como aconteceria se ela fosse gente de verdade. Emília era a mais corajosa boneca que ainda existiu no mundo. Apenas disse:

— Isso de dizer que cerca e assalta e mata e devora é fácil. O difícil é cercar, assaltar, matar e devorar realmente. Nós saberemos defender-nos. Que venham as tais onças de uma figa!

Os dois besouros não deixaram de admirar-se daquele espantoso sangue-frio.

— Mas de que armas dispõem vocês para lutar contra tantas feras raivosas? — perguntaram eles gemeamente, isto é, cada um dizendo uma palavra. O modo de os besouros conversarem com a boneca era esse. Um dizia as palavras pares e o outro dizia as palavras ímpares.

— Não sei — respondeu Emília. — Isso é com Pedrinho, o nosso generalíssimo. Ele está estudando o assunto — e eu também. Não sei ainda o que o General Pedrinho vai fazer, mas sei o que vou fazer. Pensei, pensei e repensei sobre o caso e já tenho cá uma ideia que vale ouro em pó.

— *Qual* — disse o primeiro besouro — *é* — disse o segundo — *essa* — continuou o primeiro — *ideia?* — concluiu o segundo.

— Não posso dizer em voz alta — respondeu Emília. — Só ao ouvido — e chegando-se bem pertinho dos gêmeos cochichou-lhes ao ouvido a sua ideia pelo mesmo sistema, isto é, dizendo a palavra par ao besouro número um e a palavra ímpar ao besouro número dois.

Os besouros admiraram-se da esperteza da boneca e partiram — *zunn!* — a fim de cumprir as ordens recebidas.

Logo que os viu se sumirem no espaço, Emília foi correndo contar a Pedrinho o que acabava de ouvir dos seus espiões de casaca preta.

Pedrinho já havia resolvido o problema da defesa.

— Como não temos armas de fogo para enfrentar as onças — disse ele —, lembrei-me do seguinte. Faço uma porção de pernas de pau bem compridas; um par de pernas para cada morador do sítio, inclusive o marquês e as galinhas. Quando as onças nos atacarem, subiremos sobre essas pernas de pau, bem lá no alto — e quero ver!...

— E se as onças também subirem pelas pernas de pau acima? — perguntou a menina.

— Impossível — respondeu ele. — Além de serem pernas muito compridas e de bambu, que é liso, ainda serão ensebadas. Cada uma corresponderá a um verdadeiro pau-de-sebo. Nem macaco será capaz de subir.

Foi considerada ótima a ideia e Pedrinho correu em busca da foice e do serrote. Com a foice cortou no bambuzal próximo meia dúzia de compridas varas de bambu, e com o serrote serrou-as do tamanho necessário. Depois, com um **formão**, abriu furos, nos quais fixou um estribo, isto é, uma travessia em que um pé pudesse apoiar-se.

Prontas que foram as pernas de pau, tinham de exercitar-se um bocado. Nada mais fácil do que o equilíbrio sobre pernas de pau, mas mesmo assim não dispensa um pouco de prática. Quem começou foi Pedrinho e, como as pernas fossem muito altas, teve de trepar a uma escada para colocar-se sobre elas. Assim fez, dando em seguida umas passadas tontas pelo terreiro, até acertar o equilíbrio. Em poucos minutos ficou tão hábil naquele pernilinguismo que até parecia ter anos de experiência.

Vendo a facilidade, Narizinho imitou-o. Trepou à escada e ajeitou-se sobre o par de pernas que lhe cabia. Também em minutos ficou adestrada a ponto de dar carreirinhas.

Emília e o visconde não ficaram atrás. Eram jeitosos. Restava Rabicó.

— Vai começar a encenca — disse Narizinho quando chegou a hora do ilustre marquês.

Assim aconteceu. A dificuldade principiou com aquele negócio de Rabicó ter quatro pernas, em vez de duas, como todas as criaturas decentes — os homens, as galinhas, as escadas. Rabicó tinha duas pernas mais que os outros, inutilíssimas pernas, porque, se uma criatura pode viver muito bem com duas, ter quatro é ter pernas demais.

— Se eu tivesse **clorofórmio** e instrumentos cirúrgicos, fazia uma operação em Rabicó, transformando-o em bípede. Não deixa de ser uma vergonha um quadrúpede em nosso bando — disse Pedrinho.

.....
Clorofórmio: Substância química usada como anestésico antigamente.

Seguramente uma hora foi gasta naquilo de amarrar quatro pernas de pau nas perninhas do leitão e fazê-lo equilibrar-se sobre os **espeques**. Bem que ele esperneou, gritou, como se o estivessem matando com uma faca de ponta bem pontuda. Atraída pelos seus gritos, Tia Nastácia apareceu na porta da cozinha para ver o que era — e quase desmaiou de susto vendo o bandinho *lá em cima*, pernejando pernilingamente pelo terreiro.

.....
Espeques: Peças de madeira que dão sustentação a algo.

— Corra, sinhá! — gritou para dentro. — Venha ver o “felómeno” que aconteceu com a criançada. Está tudo pernilongo!...

Dona Benta apareceu à janela e assombrou-se da habilidade com que seus netos corriam e brincavam sobre pernas daquele comprimento, como se tivessem nascido pernaltas.

— Cuidado! — exclamou ela. — Se um de vocês perde o equilíbrio e vem ao chão, esborracha o nariz para o resto da vida. Mas que ideia foi essa, meninos?

Não houve remédio senão explicar-lhe tudo, mesmo porque Dona Benta e Tia Nastácia tinham também de colocar-se sobre tais pernas quando as onças chegassem.

— As onças vão atacar o sítio amanhã, vovó, umas cinquenta — disse Pedrinho —, e como não temos carabinas com que nos defender, a defesa que achei foi esta.

— Onças? Cinquenta? — repetiu Dona Benta com os olhos arregaladíssimos. — Quem contou semelhante coisa?

— Os besouros gêmeos da Emília, vovó — disse Narizinho. — Acabam de nos avisar que as onças, para vingarem a morte da que matamos, organizaram um ataque ao sítio para amanhã.

As duas pobres velhas ficaram na maior aflição do mundo, como era natural. Com semelhantes travessuras, o terrível bandinho acabaria dando cabo delas, não havia dúvida. Tia Nastácia, de olhos arregalados do tamanho de xícaras de chá, até perdeu a fala. Limitava-se a fazer pelos sinais, um em cima do outro.

— Mas isto não tem propósito, Pedrinho! — ralhou Dona Benta. — Vocês põem-me doida. Onças e logo cin-quen-ta!... Como irei arranjar-me aqui embaixo, sozinha com Tia Nastácia?

— O remédio, vovó, é a senhora e Tia Nastácia meterem-se em pernas de pau também. Olhe, as suas já estão ali prontinhas, feitas sob medida, e as de Tia Nastácia são aquelas acolá...

A aflição das duas velhas cresceu ainda alguns pontos. O medo de serem comidas pelas onças se somou ao medo de caírem de cima de tão compridas pernas. Mas que fazer? Ficarem embaixo, sozinhas, era suicídio puro, porque seriam fatalmente comidas pelas onças.

Dona Benta coçou a cabeça, desanimada.

— Inútil procurar outra saída, vovó — disse Pedrinho. — As onças amanhã de manhã estarão aqui para o assalto e, ou a senhora se utiliza desta defesa pernil que inventamos, ou deixa-se devorar viva. Escolha.

Não havia escolha possível e, apesar dos seus sessenta anos e dos seus vários reumatismos, a pobre Dona Benta teve de trepar na escada e ajeitar-se sobre o par de andaimes que Pedrinho lhe destinara.

Custou! Além de ter os músculos emperrados, a boa velhinha era medrosíssima. Por várias vezes quis desistir e só não desistiu porque os meninos não cessavam de lembrar que nesse caso seria fatalmente devorada, como a avó da menina da Capinha Vermelha. Afinal aprendeu o equilíbrio, dando uns passos muito desajeitados pelo terreiro.

— Serve — disse Pedrinho, que dirigia a aprendizagem. — Já dá para escapar de onça. Tratemos agora de Tia Nastácia.

Aí é que foi a dificuldade. A pobre negra era ainda mais desajeitada do que Rabicó e Dona Benta somados. Quando, depois de inúmeras tentativas, ia se tentando sobre as pernas de pau, perdeu de súbito o equilíbrio e veio ao chão, num berro. Felizmente caiu sobre um varal de roupa e não se machucou.

— Não trepo mais nesses andaimes — exclamou ela ainda enganchada no varal. — Prefiro que as onças me comam viva. Figa, **rabudo!**...

.....
Rabudo: Diabo.

Mas isso de preferir que as onças nos comam vivos é conversa. Na hora em que onça aparece, até em pau-de-sebo um aleijado é capaz de subir. A pobre da Tia Nastácia ia ficar sabendo disso no dia seguinte...

Aparece uma nova menina

De noite houve discussão das hipóteses que poderiam dar-se no dia seguinte. Dona Benta disse:

— Concordo que se estivermos sobre pernas de pau as onças não poderão apanhar-nos. Mas depois? E se elas resolverem ficar por aqui até que nos cansemos e sejamos forçados a descer?

Era uma hipótese bastante provável, que não havia ocorrido a Pedrinho. Sim; se as onças ficassem por lá, como era?

— Hão de cansar-se e ir-se embora — sugeriu Narizinho. — Quando a fome apertar, não fica nenhuma aqui.

— E se se revezarem? — lembrou Dona Benta. — E se enquanto a metade das onças for caçar a outra metade ficar montando guarda?

Pedrinho não soube responder, nem Narizinho, nem o visconde. Ficaram todos de nariz caído, pensando nessa terrível hipótese. Quem respondeu foi a Emília, que andava toda misteriosa, piscando **cavorteiramente** como quem tem no bolso a solução de um grande problema.

.....
Cavorteiramente: De maneira pouco confiável.

— Não tenham medo de coisa nenhuma — disse ela por fim. — Arranjei umas granadas de mão, ótimas para espantar onças.

— Granadas de mão? — repetiu Pedrinho franzindo a testa. — Que história é essa, Emília?

— Uma surpresa. Preparei as granadas com a ajuda dos meus besouros. Fiz cinco, número suficiente para espantar até cem onças.

— E onde estão?

— No telhado.

— Por que no telhado?

— Botei-as lá para estarem ao meu alcance na hora em que as onças aparecerem e nós estivermos sobre as pernas de pau. Também botei lá pão com manteiga, um guarda-chuva e mais coisas. Pode nos apertar a fome, pode chover...

Narizinho estava intrigadíssima com o negócio das granadas.

— Explique isso melhor, Emília. Que granadas são essas?

— Nada posso dizer. É segredo. Só adiantarei que são de cera e do tamanho de laranjas-baianas.

Granadas de cera, do tamanho de laranjas-baianas! Ou a boneca estava de miolo mole... ou... Em todo caso, como a Emília era uma danadinha capaz de tudo, os meninos e as velhas sossegaram um pouco mais.

A razão de Tia Nastácia haver desistido das pernas de pau era que não acreditava muito no tal assalto das onças. “Isso há de ser imaginação dessas crianças”, refletia de si para si. “Os diabretes vivem com a cabeça quente e inventam coisas para atormentar os mais velhos. Não acredito.”

Dona Benta igualmente não acreditou — no princípio. Depois, lembrando-se de outras coisas inda mais espantosas que já tinham acontecido, achou melhor acreditar.

— Qual nada, sinhá! — insistiu a negra. — Onde já se viu onça andar em bando a atacar casa de gente? Estou com setenta anos e nunca ouvi falar de semelhante coisa.

— Nem eu. Mas lembre-se, Nastácia, que também nunca vimos contar de nenhuma boneca que falasse, nem de nenhum visconde de sabugo que agisse tal qual uma gentinha — e aí estão a Emília e o Visconde de Sabugosa.

— Lá isso é — resmungou a preta, pendurando o beijo.

— Se isso é, como vai você arranjar-se amanhã, se as onças vierem mesmo e nos atacam aqui?

— Como vou me arranjar? — repetiu Tia Nastácia coçando a cabeça. — Não sei. Francamente não sei. Na hora veremos...

Ela continuava com a esperança de que o tal ataque das cinquenta onças não passasse de uma “**pulha**” de Pedrinho para meter medo aos “mais velhos”.

Foram dormir. Cada qual sonhou pelo menos com uma onça. Emília, porém, teve sonhos cor-de-rosa, a avaliar-se pelos sorrisos que animaram seu rostinho durante a noite inteira. É que estava sonhando com as suas famosas granadas de cera...

Pela madrugada alguém bateu na porta da rua — *toque, toque, toque...* Pedrinho pulou da cama, assustado. “Seriam já as onças?” Os outros também se ergueram, inclusive Dona Benta e Tia Nastácia. Reuniram-se todos na sala de jantar, à escuta.

Nova batida — *toque, toque, toque...*

— Parece batida de nó de dedo — sussurrou Narizinho. — Onça não bate assim.

Pé ante pé, a menina aproximou-se da porta e espiou pelo buraco da fechadura. Não viu onça nenhuma. Em vez disso viu... outra menina!

— Uma menina! — exclamou Narizinho batendo palmas. — Assim do meu tamanho, lindinha! Quem sabe se não é Capinha Vermelha?... Abro ou não a porta, vovó?

— Pois se é uma menina, abra. Veja primeiro se não vem algum lobo atrás, como aquele que acompanhou Capinha.

Narizinho espiou de novo e não viu lobo nenhum. Em vista disso, abriu. Uma menina muito desembaraçada, da mesma idade que ela, entrou.

— Boa madrugada para vocês todos! Boa madrugada, Dona Benta! Boa madrugada, Tia Nastácia!

A menina conhecia todos da casa e, no entanto, não era conhecida de nenhum dali. Quem seria?

— Quem é você, menina? — perguntou Dona Benta, meio desconfiada.

— Não me conhecem? — tornou a desconhecidazinha com todo o espevitamento. — Pois sou a Cléo...

Foi uma alegria geral. Não havia ali quem não conhecesse de nome a famosa Cléo, que falava pelo rádio e de vez em quando escrevia cartas a Narizinho dando ideias de novas aventuras.

— Viva, viva a Cléo! — exclamaram todos numa grande alegria.

— Pois é — disse a menina sentando-se sobre a mesa —, cá estou para conhecê-los pessoalmente. Desde que li as primeiras aventuras de Narizinho, fiquei doida por entrar para o bando. Moro em São Paulo, uma cidade muito **desenxabida**, com um viaduto muito feio e gente apressada, passeando pelas ruas. Enjoei da tal São Paulo e vim morar aqui. Fiquem certos de uma coisa: o único lugar interessante que há no Brasil é este sítio de Dona Benta.

Todos mostraram-se contentíssimos. Dona Benta, entretanto, disse:

— Mas veio em má ocasião, Cléo. Imagine que justamente hoje o sítio vai ser atacado por um exército de onças e iraras e cachorros-do-mato...

— Ótimo! — respondeu a menina. — Um dos meus sonhos sempre foi ser atacada por um exército de onças e iraras e cachorros-do-mato, de modo que adivinhei vindo em momento tão propício...

— *Ché...* — exclamou lá consigo Tia Nastácia. — Agora é que o sítio pega fogo mesmo. Menina de “propícios”... Credo!

O dia estava clareando, e como as onças podiam chegar de um momento para outro, Pedrinho tratou de ensinar a Cléo o uso das pernas de pau, explicando-lhe que fora esse o meio que descobrira para se defenderem do ataque.

Tia Nastácia foi para a cozinha acender o fogo para o café. Estava de olho parado pensando, pensando...

— A Cléo aqui! — murmurava ela olhando para o fogo. — *Ché...*

O assalto das onças

Depois de tomado o café com farinha de milho, Pedrinho pendurou o visconde no galho mais alto de uma árvore próxima, armado do binóculo de Dona Benta, para dar aviso da chegada das onças. O nobre fidalgo, porém, sempre tivera o costume de acordar tarde, ali pelas dez horas mais ou menos. Em vista disso resolveu dormir no seu galhinho, certo de que só lá pelas dez horas as onças viriam. Dormiu, e portanto não pôde dar aviso da chegada das onças, que já estavam bem perto. Quem percebeu a aproximação delas foi a Emília, que tinha um faro maravilhoso.

— Estou sentindo no ar um cheirinho de onça! — exclamou em certo momento.

Por força da sugestão ou porque de fato andasse pelo ar algum cheiro de onça, todos ergueram o nariz e sentiram um forte cheiro de onça. Como é então que o visconde não dava nenhum aviso? Pedrinho correu ao terreiro e gritou:

— Avise de uma vez, palerma! Não vê que as onças já estão chegando?

O pobre fidalgo acordou com o berro e ainda cheio de sono espiou pelo binóculo, mas em sentido contrário, de modo que viu as onças muitíssimo longe.

— Vêm, sim — disse ele —, mas tão longe, tão longe e tão pequenininhas, que até que cresçam e cheguem dá tempo de...

Não pôde concluir. Escorregou do galho e veio de ponta-cabeça ao chão.

Mas não havia tempo de acudir o pobre visconde, caído de mau jeito bem em cima de uma lama onde ficou de cabeça enterrada. O tempo era o exatamente necessário para se colocarem sobre as pernas de pau. Corre-corre geral. Cada um tratou de apanhar o par de pernas que lhe pertencia e de ajeitar-se em cima. Em três minutos o terreiro ficou povoado daqueles estranhos bípedes pernaltas. A primeira coisa que lá do alto viram foram as granadas de cera da Emília, arranjadinhas sobre o telhado. Pedrinho quis examiná-las. Não pôde. A boneca espantou-o com um grito.



— Não se aproxime! Não bula, não me estrague o capítulo!...

E Tia Nastácia? Essa ficou embaixo rezando e riscando a cara e o peito de trêmulos pelos-sinais. Apesar de descrente da vinda das onças, que lhe parecia coisa impossível, começou a sentir um horrível medo. “E se viessem

mesmo?”, pensava ela. “E se o tal cheirinho que a boneca sentira no ar fosse mesmo cheiro de onça?”

Súbito — *Miau!* Um horrível miado ressoou no pasto. Devia ser o sinal de ataque do Onço viúvo. Logo em seguida surgiram de dentro de todas as moitas uma infinidade de caras de onças e jaguatiricas e iraras e cachorros-do-mato com olhos ameaçadores e dentuças arreganhadas.



Só então a pobre negra se convenceu de que tinha errado. Correu qual uma desvairada às pernas de pau que Pedrinho lhe tinha feito. Nada achou. A Cléo se havia utilizado delas. Olhou aflita para a escada. Bobagens, escada! As onças também trepariam pelos degraus. Seus olhos esbugalhados procuravam inutilmente a salvação.

— Trepem no mastro! — gritou-lhe a Cléo.

Sim, era o único jeito — e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma **macaca de carvão**, pelo mastro de São

Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros.

.....
Macaca de carvão: Essa forma ofensiva de Lobato se dirigir à Tia Nastácia reflete a época do escritor, um Brasil racista, saindo de um sistema escravocrata.

Foi a continha. A onçada toda já estava no terreiro.

A princípio as assaltantes não perceberam o truque inventado por Pedrinho para logr  las. Os animais de quatro p  s raro olham para o alto e, como os pernaltas guardassem o mais absoluto silêncio, as onças não os viram l   em cima de seus espeques. Entraram pela casa adentro em procura deles e, não os encontrando, mostraram-se desapontad  ssimas.

— Fugiram, os covardes! — uivou com os olhos chispantes de cólera o On  o viúvo. — Alguém os avisou e eles fugiram...

Nisto uma cuspidinha da Emília caiu-lhe bem no focinho. O On  o olhou para cima e sorriu, lambendo os be  os.

— O nosso “almoço” não fugiu, não! — exclamou contentíssimo. — L   estão todos os “pratos”, cada qual em cima de dois “espetos”.

Toda a bicharia olhou para cima, com água na boca. Não tinham comido na véspera, o apetite era forte e viram que iam ter uma bela variedade de petiscos — um menino, duas meninas, um leitão, uma boneca, uma velha branca e uma velha preta.   timo!

— Isso    que    almoço! — observou uma irara. — Vai ser um banquete dos bons...

Mas como devorar aqueles pernaltas? O On  o, que era o mais forte do bando, experimentou o pulo. Deu quatro ou cinco pulos formidáveis, os maiores de sua vida — mas inutilmente. Os espetos tinham quatro metros de altura e os seus pulos não iam acima de três metros e 95 centímetros.

— Com pulo não vai — disse ele. — Precisamos inventar outra coisa. Que h   de ser?

— Tenho uma ideia — latiu um cachorro-do-mato de talento. — Eles não podem ficar l   em cima toda a vida. H  o de descer logo que a fome aperte. Minha ideia    ficarmos aqui de plantão até que des  am.

— Sim — disse o On  o, que era burr  ssimo —; mas se a fome aperta para eles, t  mb  m aperta para nós — e como   ?

— Revezamo-nos — resolveu o Cachorro. — Metade do bando vai caçar e almoçar no mato enquanto a outra metade fica de guarda. Desse modo poderemos permanecer aqui a vida inteira, se for preciso.

— Eu não disse? — cochichou Dona Benta. — As malvadas v  o revezar-se e estamos perdidos...

A situação era gravíssima. Cléo, que não tinha prática de aventuras maravilhosas, fez bico de choro. As onças estavam decididas a tudo; e se os pernaltas podiam resistir por muitas horas, o mesmo não aconteceria à pobre Tia Nastácia, que já mal se aguentava no mastro.

— Vou cair! — berrou ela de repente. — Não aguento mais. Minhas mãos já começam a escorregar...

— Estão vendo? — disse o Onço, passando a língua pela beicaria. — O nosso banquete vai começar pela sobremesa. O **furrundu** está dizendo que não aguenta mais e vai descer...

.....
Furrundu: Tipo de doce.

— Emília! — gritou Pedrinho. — Estamos esperando por você! Que venha a surpresa das granadas.

A boneca tratou de tirar partido da situação.

— Muito bem — disse ela —, mas só lançarei as minhas granadas sob três condições.

— Diga depressa!

— Primeiro: que todos reconheçam que sou a mais esperta e inteligente do bando. Segundo: que Dona Benta me dê um regadorzinho de jardim, dos verdes — de outra cor não quero. Terceiro que...

— Socorro! — berrou num tom de cortar a alma a pobre Tia Nastácia, que não podendo mais aguentar-se no mastro vinha escorregando lentamente.

Emília não esperou pela resposta às suas condições. Aproximou-se do telhado, tomou as granadas e — *zás!* — arremessou-as contra o bando de feras. As granadas romperam-se ao bater nos alvos e deixaram sair de dentro enxames de caçunungas, que são as mais terríveis vespas que existem.

Foi uma tragédia! As vespas ferraram nos focinhos e olhos das onças e iraras e cachorros-do-mato, fazendo-os fugirem dali numa desabalada louca. Em meio minuto o sítio ficou inteiramente limpo de bicho feroz.

Não foi sem tempo. Tia Nastácia já estava no chão, escarrapachada ao pé do mastro, mais morta do que viva, suando o suor frio da morte. Se as granadas da Emília não tivessem produzido aquele maravilhoso resultado, a boa negra realmente não escaparia de virar furrundu de onça...

— Viva! Viva a Emília! — gritou Cléo, entusiasmada com a proeza da boneca.

— Viva! Viva a rainha das bonecas! — gritaram os outros.

Prática como era, Emília tratou de aproveitar aquele entusiasmo para ganhar coisas. Obteve de Dona Benta a promessa de um lindo regadorzinho verde; de Pedrinho apanhou, ali na hora, cinco tostões novos; e de Narizinho conseguiu uma mobília de boneca.

— E você, Cléo, que me dá?

— Um beijo, Emília.

A boneca fez um muxoxo de pouco-caso. Depois, voltando-se para Tia Nastácia:

— E você, **pretura**?

.....
Pretura: Essa maneira de Emília se dirigir à tia Nastácia tem um sentido depreciativo e ofensivo.

Tia Nastácia não pôde responder. O susto por que passara fora tanto que havia perdido a voz. Foi preciso darem-lhe a beber uma caneca d'água. Só então pôde abrir a boca e dizer:

— Você me salvou a vida, Emília, e não há o que pague semelhante coisa. Dou tudo quanto me pedir.

— Quero aquele pito de barro em que você pita — respondeu a boneca.

Foi assim que Emília ganhou o célebre pito de barro que mais tarde deu de presente ao Pequeno Polegar.¹

Nota

1. O caso aconteceu em *Reinações de Narizinho*, no capítulo “O Pequeno Polegar”. Este foi o único presente que Emília já deu a alguém.







Nesta aventura, Emília, para espanto de Dona Benta, resolve escrever suas memórias. Porém, não querendo se cansar, manda o visconde fazer a tarefa: “Visconde (...) venha ser meu secretário! Veja papel, pena e tinta. Vou começar minhas memórias!”

E o sabugo, então, de secretário passa a ser o verdadeiro escritor enquanto a danada brinca com Quindim. Ele conta então as curiosidades do anjinho de asa quebrada — Flor das Alturas — ao chegar ao sítio depois da viagem ao céu e as explicações malucas da boneca/professora: “Árvore é uma pessoa que não fala; que vive sempre de pé no mesmo ponto; que em vez de braços tem galhos; e em vez de unhas tem folhas.”

Escolhemos a primeira aventura, onde ele narra a visita das crianças inglesas ao sítio para conhecerem o anjinho. O problema é que o Capitão Gancho e o marinheiro Popeye vêm clandestinos no navio britânico e causam brigas tremendas.

A história segue contando a fuga do anjinho, para a infelicidade de Emília. Nessa aventura há uma curiosidade: o visconde, cansado de ser explorado, desabafa e fala o que realmente acha da boneca: “Emília é uma tirana sem coração, não tem dó de nada. (...) Também é a criatura mais interesseira do mundo. Tudo quanto faz tem uma razão egoística.”

No final, a boneca demite o pobre sabugo das memórias e ela mesma assume o texto, inventando coisas que nunca aconteceram, como uma viagem para Hollywood e sua transformação em estrela de cinema!



A história do anjinho corre mundo. O rei da Inglaterra manda ao sítio de Dona Benta um navio cheio de crianças.

As conversas de Emília com o anjinho não tinham fim e, por mais que ela explicasse as coisas da terra, ele cada vez as entendia menos. Uma terrível embrulhada foi se formando em sua cabecinha.

Enquanto isso as duas velhas tratavam-lhe da asa quebrada com **ungentos** e **emplastros**. Emília não gostou daquilo.

.....
Ungentos: Medicamentos.

.....
Emplastros: Curativos.

— Se o anjinho sarar — disse ela —, é bem possível que voe e fuja daqui, e como é?

— Não voa, não! — sossegou Tia Nastácia, que tinha muita prática de criaturas que voam —, galinhas, marrecos e patos. — Corto a ponta de uma asa dele e quero ver.

A presença do anjinho no sítio foi causa de muitas brigas, porque a boneca se considerava dona dele. Ela o descobrira: logo, era seu. Daí os terríveis **pegas** com Pedrinho e Narizinho.

.....
Pegas: Brigas.

— Ela está monopolizando o anjo, vovó! — queixava-se a menina. — Não o larga, atropela o dia inteiro o coitadinho com as tais filosofias da vida. Eu, se fosse a senhora, tomava o anjinho dela.

Mas Dona Benta achava graça naquilo e ia deixando.

A história do anjinho começou a correr mundo. Toda gente das redondezas veio vê-lo. Os jornais deram notícias. O rádio e o telégrafo transmitiram essas notícias para todos os países. E de tal modo a novidade se espalhou que as crianças do mundo inteiro ficaram assanhadíssimas para conhecer o anjinho. Queriam à viva força vir ao sítio brincar com ele.

Mas virem como, se as crianças do mundo são milhões? Os pais e as mães explicavam aos filhos que era o maior dos absurdos pensarem em semelhante coisa. Acontece, porém, que quando uma criança quer vivamente uma coisa e não consegue dá de emagrecer, fica doentinha, cheia de **bichas**. E as crianças do mundo inteiro começaram a ficar doentinhas e lombriguentas de tanto desejo de virem ao sítio.

Bichas: Vermes.

A situação tornou-se tão grave que o rei da Inglaterra, o Presidente **Roosevelt**, o **Führer** da Alemanha, o **duce** da Itália, o imperador do Japão e o **negus da Etiópia** se reuniram em conferência para tratar do assunto. Depois de muita discussão ficou assentado que todas as crianças do mundo seriam levadas ao sítio de Dona Benta. Mas por partes. Primeiro as de um país; depois as de outro — e assim até o último.

Roosevelt: Franklin Roosevelt (1882-1945), presidente dos Estados Unidos de 1933 a 1945. Foi responsável pela entrada do país na Segunda Guerra.

Führer: Palavra alemã que significa líder, chefe. No caso, Adolf Hitler.

Duce: Palavra italiana que significa líder. No caso, Benito Mussolini.

Negus da Etiópia: Hailie Selassie (1892-1975), imperador da Etiópia.

Para saber quais iriam primeiro, foi preciso tirar a sorte. O Presidente Roosevelt escreveu o nome de cada país num pedacinho de papel e os botou, bem dobrados, dentro do chapéu de dois bicos do imperador do Japão. Em seguida pediu ao *negus*, que era o mais velho, para tirar um. A sorte favoreceu as crianças da Inglaterra.

Quando saiu nos jornais a notícia desse fato, foi um hurra imenso no Império Britânico e uma choradeira ainda maior nos outros países.

O rei da Inglaterra, então, mandou preparar um grande navio cheio de doces, brinquedos e livros de figuras, e nele embarcou a criançada inglesa sob as ordens de um dos seus melhores almirantes — o Almirante Brown. Ele iria levá-las ao sítio de Dona Benta.

Viva! Viva! Viva! A criançada inglesa, no dia marcado para o embarque, encheu o enorme transatlântico *Wonderland*, na maior algazarra e pinoteamento. Ficou aquilo que nem um enorme viveiro de periquitos louros. O pobre almirante levava as mãos aos ouvidos, murmurando:

.....
Wonderland: País das maravilhas.

— Será possível que este barulho dure até chegarmos ao sítio de Dona Benta?

Quase ficou doido o pobre homem, porque, como era a única gente grande de bordo (sem contar os marinheiros da tripulação), tinha de atender a tudo, apaziguar as terríveis brigas que a cada instante surgiam, por causa de um doce maior que outro ou de um livro de figuras que várias crianças queriam ver ao mesmo tempo.

Felizmente não houve temporal durante a viagem, de modo que as crianças não enjoaram, chegando ao Brasil em perfeito estado.

O momento da invasão do sítio de Dona Benta foi importante. A boa senhora não fora avisada, de modo que teve a maior surpresa de toda a sua longa vida de mais de sessenta anos.

Estava Dona Benta na varanda, remendando umas meias furadas de Pedrinho, quando viu lá longe uma poeira na estrada.

— Nastácia — gritou ela —, traga o meu binóculo. Estou vendo uma poeira muito esquisita lá longe. Será boiada?

A negra trouxe o binóculo. De nada valeu. Pedrinho havia tirado os vidros para fazer aquele célebre telescópio com que espiou o dragão de São Jorge na Lua. Dona Benta, que ignorava isso, olhou pelos canudos vazios e ficou na mesma.

— Minha vista está tão cansada que nem com este binóculo, que é excelente, consigo enxergar melhor. Não está vendo uma poeirada, Nastácia?

— Estou, sim, sinhá. Mas boi não é. Por este caminho nunca passa boiada. Coisas dos meninos, sinhá vai ver. Alguma nova reinação com o tal pó de pirlimpimpim. Eles não dormem...

Nisto apareceu Narizinho, que estivera no pomar ensinando Flor das Alturas (nome do anjo) a descascar tangerinas.

— Vovó! — gritou ela assanhadíssima. — Vem vindo um bando enorme de crianças! Juro que souberam lá fora do nosso anjinho e vêm brincar com ele...

— Credo! — exclamou Tia Nastácia. — Se aquilo tudo é criançada, onde vamos parar, sinhá? Cada um é uma fome — e onde vou arranjar bolinho para tanta fome? Nem uma **barrica** inteira de farinha dá para contentar metade do povaréu que vem vindo...

.....
Barrica: Tonel de madeira destinado a armazenar mercadorias.

Dona Benta começou a sentir palpitações do coração.

— Não se aflija, vovó — disse a menina. — Havemos de dar um jeito. A senhora bem sabe que sabemos dar jeito a tudo.

Disse e foi correndo conferenciar com Pedrinho e Emília. Encontrou-os no alto da pitangueira, espiando a estrada.

— Estamos fritos, Narizinho! — gritou o menino lá do galho. — Vem um tal bando de crianças, que se entenderem de nos furtar o anjo não haverá meio de resistir, furtam mesmo...

Pedrinho desceu da árvore. A ideia de que a criançada de fora vinha raptar o anjinho enchia-o de apreensões. Criança é criança. Isoladas ainda passam, mas em bandos são os bichos mais daninhos do mundo.

— E agora? — dizia ele. — Que havemos de fazer?

Emília meteu o bedelho.

— Só há um jeito — disse ela —: escondermos o anjinho no oco da figueira e vestirmos o visconde de anjo. Se a criançada o raptar, raptará um anjo falso — o verdadeiro ficará aqui.

Pedrinho e Narizinho entreolharam-se.

— Não está má a ideia da Emília — disse o menino. — Tenho aquelas asas do gavião que o Compadre Teodorico matou outro dia. Temos a camisola nova que vovó fez para a Emília. Com isso e mais alguma coisa faremos do visconde um anjo bem regular.

— Mas anjo tem asas brancas — objetou a menina. — As do gavião são pintadinhas.

— Com farinha de trigo eu faço asa de qualquer cor ficar branca como neve — resolveu Pedrinho. — É isso. Vamos! Corra, Emília, e pegue o visconde. E você, Narizinho, veja barbante para amarrar as asas e o resto. Não temos um minuto a perder.

Nunca se viu no sítio correria tamanha. O anjinho verdadeiro, muito assustado sem compreender coisa nenhuma, foi escondido por Pedrinho no oco da figueira.

— Fique aqui muito quietinho. Não se mexa, não faça o menor barulho.

— Tenho medo deste escuro — disse ele. — Aqui há ratos de asas.

— E lá há raptores, que vêm vindo em bando enorme. — Antes rato sem *p* do que rato com *p*. Fique quietinho, senão tudo está perdido.

Largou-o lá bem no fundo do oco e voltou correndo. Narizinho já trouxera as asas do gavião, barbante e a camisola nova da Emília. Só faltava eu, visconde.



— Depressa, Emília! — gritou o menino.

— Ele está resistindo — respondeu de longe a boneca. — Diz que não tem vocação para anjo...

— Traga-o à força! Depressa! Não há tempo a perder.

Emília puxou-me pelo braço e eles me agarraram, me enfiaram na camisola, me pregaram as asas e polvilharam tudo com uma nuvem de farinha de trigo. Fiquei um anjo esquisitíssimo, mas anjo.

— Muito bem — disse Pedrinho, afastando-se para apreciar o efeito. — Parece um fantasma, mas serve. Agora vou pô-lo naquele galho da

pitangueira. Assim todos poderão vê-lo e ninguém poderá pegá-lo. Ficando embaixo, os inglesinhos o **espandongam** num minuto. Criança é o diabo.

.....
Espandongam: Amarrotam, desalinham.

Fui então enganchado numa forquilha da pitangueira, onde fiquei suspirando. Era impossível imaginar-se anjo mais triste e cômico. As asas foram arrumadas com tanta pressa que uma logo pendeu.

— Não faz mal — disse Pedrinho. — Todos sabem que o anjinho tem uma asa quebrada. Escute, visconde: saiba comportar-se como anjo, está entendendo? Cruze os braços no peito, e quando as crianças chegarem faça carinha de riso celestial, com os olhos erguidos. E não se meta a falar. Quem fala somos nós, aqui embaixo.

Narizinho, que subira à pitangueira, berrou lá de cima:

— Estão chegando, Pedrinho! Quase na porteira já. É hora de ir recebê-los.

Pedrinho foi. Trepou à porteira e ficou à espera. À frente do bando de crianças vinha um velho fardado, de grande chapéu de dois bicos na cabeça. A criançada parou. O velho adiantou-se. Fez uma saudação e disse:

— Senhor, a notícia da viagem ao céu que os netos de Dona Benta fizeram chegou até nós lá na Inglaterra, e Sua Majestade o Rei Eduardo VII houve por bem permitir que as crianças inglesas, comandadas por mim, que sou o Almirante Brown, viessem visitar o anjo que a Senhora Marquesa de Rabicó trouxe da Via Láctea.

Pedrinho correspondeu à saudação do almirante e disse:

— Temos muita honra em receber no sítio de vovó as crianças inglesas comandadas pelo ilustre Almirante Brown. Estamos, entretanto, muito receosos de que no meio de tanta criança venham alguns elementos perversos, que nos queiram fazer mal, raptando o anjinho. Em vista disso resolvemos só dar entrada a essas crianças se por acaso o Senhor Almirante nos entregar um refém.

Aquelas palavras, ditas em tom firme, aborreceram o velho almirante, que não havia pensado em semelhante hipótese.

— A sua desconfiança, senhor — disse ele —, nos ofende. Os inglesinhos que trago são todos da mais fina educação.

— Sei disso — tornou Pedrinho. — Mas como pode o Senhor Almirante provar que entre eles não se acha oculto algum malfetor? Eis por que resolvemos exigir um refém, sem que isso queira significar a menor ofensa ao rei da Inglaterra, nem a Vossa Honra, nem a toda esta criançada.

O almirante pensou por uns instantes e disse:

— Muito bem. Compreendo tudo e aceito as condições propostas. Quanto ao refém, ofereço-me a mim mesmo. Ficarei na sala, conversando com a sua excelentíssima avó, enquanto o meu bandinho de crianças se diverte no pomar.

— Perfeitamente, Senhor Almirante — disse Pedrinho. — Está aceita a sua proposta. Vou abrir a porteira.

Disse e, descendo da porteira, abriu-a.

— Podem entrar...

Aquilo foi o mesmo que erguer a portinhola duma **tulha** de café bem cheia. Rolou criança para dentro do terreiro como rolam ^{grãos} grãos de café da tulha aberta. Lindas todas, de todos os louros possíveis e de um corado de maçã ou pêssego. Olhos azuis, pele alvíssima. Como são lindas as crianças inglesas! Para transformá-las em anjos bastaria colar nas costas de cada uma asinhas.

.....
Tulha: Recipiente que armazena grãos de café.

Enquanto a onda de crianças inundava o terreiro, Narizinho, lá no pomar, me fazia as últimas recomendações, a mim, visconde.

— E comporte-se, hein? — dizia ela. — Mãos cruzadas no peito, olhos no céu — assim... E levante um pouco a asa esquerda... Está muito caída. Assim...

Emília veio com um caixão vazio, que colocou rente ao tronco da pitangueira.

— Para que isso, Emília? — indagou a menina.

— Para guardar os presentes. Impossível que não tragam muitos presentes. Ninguém visita anjo com as mãos abanando.

Lá no oco o anjinho tremia de medo. Um dos tais “ratos de asas” viera pendurar-se bem sobre sua cabeça. Mesmo assim o anjinho não deu o menor grito, nem fez o menor movimento. Era obedientíssimo.

Dona Benta estava na varanda, muito bonitona no seu vestido preto de babados. Pedrinho conduziu para lá o almirante.

— Vovó — disse ele —, tenho a honra de apresentar o Senhor Almirante Brown, que Sua Majestade o rei da Inglaterra mandou comandando as crianças que morriam de vontade de brincar com o anjinho. O almirante concordou em ficar como refém aí na sua sala.

Dona Benta empertigou-se toda e respondeu:

— Tenho imenso orgulho em conhecer Vossa Honra, Senhor Almirante Brown. Só não estou entendendo essa história de refém a que meu neto acaba de referir-se...

Pedrinho explicou rapidamente que era uma garantia contra qualquer depredação que as crianças fizessem no sítio.

— Que absurdo, meu filho! — exclamou Dona Benta. — Só me admiro de o almirante não ter-se magoado com uma desconfiança dessa ordem. A honra altíssima que nos faz o rei da Inglaterra é a maior com que poderíamos sonhar, e se você, Pedrinho, mostrou desconfiança, a ponto de obrigar o almirante Brown a oferecer-se como refém, bem triste ideia ficará ele fazendo da nossa hospitalidade...



— Tudo isso é muito lindo, vovó — respondeu Pedrinho —, mas a senhora bem sabe como são crianças. Podem revoltar-se contra o almirante e nos furtar o anjinho, e como é? Ele é um e elas são muitas.

O velho inglês sorriu.

— Se fosse assim, meu menino, não poderia haver exércitos no mundo, nem esquadras. Os generais e almirantes, que comandam exércitos e

esquadras enormes, não os mantêm na disciplina por meio da força física — sim da força moral. Com a força moral, um homem sozinho domina milhões.

— Ele é bobinho, almirante — explicou Dona Benta. — Não faça caso do que disse. Vá entrando sem a menor cerimônia, porque esta casa é sua. E a criançada que vá com Pedrinho e brinque à vontade. Laranjas temos bastante.

O almirante subiu os seis degraus da varanda, com o chapéu de dois bicos debaixo do braço. Apertou a mão de Dona Benta com tal força que ela fez uma careta.

— Queira sentar-se, Senhor Almirante — disse a boa velha disfarçando a dor. E para dentro: — Nastácia, veja depressa um cafezinho.

— Eu preferiria um uísque, minha senhora — murmurou o almirante, que estava morto de sede, mas sede de inglês, dessas que só uísque mata.

Não havendo uísque na casa, Dona Benta fez sinal a Pedrinho para que mandasse buscar na venda do Elias Turco uma garrafa. E depois, para o ilustre personagem:

— Creia, almirante, que esta sua visita em nada me espanta. E sabe por quê? Porque estou acostumada aos maiores prodígios do mundo. O que acontece neste sítio, meu Deus do céu!, nem queira saber, almirante! No começo está claro que muito nos assustávamos, eu e Tia Nastácia. Mas hoje... As aventuras dos meus netos não têm conta. Até pelo céu já andaram — pela Via Láctea, imagine...²

— Sei disso, minha senhora. Os jornais de Londres trataram do caso dos astrônomos que aqui estiveram em comissão, e com o saudoso **Rei Jorge V**, que Deus haja, tive ensejo de conversar a respeito. Ele achava a **Marquesa de Rabicó** um serzinho muito interessante, embora um tanto **shocking** às vezes...

.....
Rei Jorge V: Jorge V (1865-1936), rei do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, imperador da Índia de 1910 até a morte.

.....
Shocking: Chocante, ofensiva.

— Pobre Rei Jorge! — suspirou Dona Benta. — Senti imensamente a morte sua. Que carga pesada não há de ser a do rei dum grande império! Eis uma vida que eu não invejo.

— Nem eu — ajuntou o almirante. — Prefiro comandar os meus cruzadores a reinar sobre o mundo.

— E a Rainha Viúva, como vai indo? Mais consoladinha já?

— Vai vivendo, minha senhora. O golpe foi terrível.

Dona Benta suspirou.

— Não valemos nada nesta vida, almirante. Quando chega o nosso dia, o gancho da morte nos pesca, sejamos reis ou mendigos. Mas... parece que está bem cansado, almirante...

— Mais que cansado, minha senhora. Estou meio morto. É então brincadeira uma viagem destas, de duas semanas no mar, lidando com um carregamento de mil crianças endemoninhadas? *Uf!*...

— Realmente! Eu aqui no sítio, com dois netos apenas, às vezes me vejo doida. São dois que valem por dois mil, tais as maluquices que inventam, ou as reinações, como eles dizem. Mas não faça cerimônia, almirante. Tenho ali a minha redinha. Deite-se e tire um corte de sono.

O almirante não esperou segundo convite. Acomodou-se como pôde na redinha de Dona Benta e foi fechando os olhos.

Quando Tia Nastácia apareceu com a bandeja de café, ele roncava.

— *Pssiu!* Não o acorde... — sussurrou Dona Benta. — O almirante está morto de cansaço. Imagine que passou duas semanas no mar, lidando com mil crianças, isso da Inglaterra até aqui...

— Credo! — exclamou a preta. — Esses ingleses têm cada uma!... Bem diz Seu Pedrinho que eles são “cêntrico”.

— Excêntricos, Nastácia — corrigiu Dona Benta. — E a criançada? Como está se comportando lá no pomar?

— Nem sei, sinhá. Não espiei ainda — nem tenho coragem de espiar. Estou só imaginando os “horrores”...

O anjo falso. Protesto das crianças inglesas. Aparece Peter Pan. Conversas com o anjinho verdadeiro.

A criançada inglesa, depois que o almirante entrou na sala de Dona Benta, foi com Pedrinho para o pomar.

— O anjo! O anjo! — gritavam todas. — Queremos ver o anjo!...

Pedrinho deteve-se diante da pitangueira e apontou para a estranha figura de mãos cruzadas no peito e olhos no céu, enganchada na forquilha da árvore.

— Lá está ele! O anjo é aquilo.

Fez-se grande silêncio. Milhares de olhos azuis se enfocaram na figurinha. Súbito, uma das crianças exclamou:

— Que anjo feio! — E a barulhada começou.

— Não valia a pena virmos de tão longe para vermos isso — gritou outra.

E terceira:

— Em qualquer casa de brinquedos em Londres temos coisa melhor.

E quarta:

— Parece anjo de pau... Nem se mexe.

Narizinho me fez sinal, a mim, visconde, para que me mexesse e fiz uns movimentos muito desajeitados.

— Quê? — berrou de repente uma menina. — Anjo de cartola? Onde já se viu isso?



De fato. Na pressa da arrumação os meninos esqueceram-se de tirar da minha cabeça a célebre cartolinha, de modo que lá estava o anjo de cartola na cabeça, muito branca, porque também fora polvilhada de farinha de trigo.

Emília salvou a situação. Trepando no caixãozinho, pediu silêncio e disse:

— Vou explicar o motivo da cartola. Dona Benta nos contou que a cartola é uma invenção inglesa; daí a nossa ideia de botar uma cartolinha na cabeça dele como homenagem às crianças inglesas que o vinham visitar.

Os inglesinhos entreolharam-se. A explicação era boa. Mas continuaram a estranhar o anjo.

— Os que conheço dos livros de figura — disse um — são muito mais bonitos. São gordinhos. Esse é magro como bacalhau.

Emília explicou:

— É que andou doente. O pobrezinho quebrou a asa num tombo que deu lá nas estrelas. Está sarando; logo fica tão gorducho como antes. Não notam que está com a asa esquerda caída? Quebrou-a bem no encontro. Tia Nastácia já botou cola-tudo.

— Mas a cara dele não é de anjo — observou outra criança. — Parece cara feita com faca. Verdadeira cara de pau...

— É da doença — insistiu Emília. — Vocês que não têm asas não imaginam como quebradura de asa esquerda desfigura um pobre anjo...

Apesar das belas explicações, as crianças inglesas continuavam de nariz torcido. Não conseguiam engolir aquele anjo tão feio.

— Francamente, perdemos a nossa viagem — murmuraram diversas — e o melhor é levarmos de volta os presentes trazidos. Esse anjo não merece nenhum, nem merece que brinquemos com ele. Só merece um pontapé...

E a vaia começou.

— Fora o anjo magro!...

— Morra o anjo feio!...

— Lincha o anjo cartoludo!...

O berreiro tornava-se cada vez maior, e a coisa acabaria em desastre, se um lindo menino não surgisse berrando:

— Parem! Nem mais uma palavra! Quem vai agir agora sou eu.

— **Peter Pan!**... — exclamou Pedrinho, reconhecendo o famoso menino que ^{.....}jamais quis crescer.

.....
Peter Pan: Personagem de James Matthew Barrie.

— Sim, sou Peter Pan, e já sei de tudo. Esse anjo é falso, é o tal visconde disfarçado em anjo. O anjinho verdadeiro está escondido em qualquer parte.

— E se for assim? — gritou Pedrinho assustado.

— Se for assim — tornou Peter Pan —, ou vocês nos mostram o anjinho verdadeiro, ou nós damos uma busca **em regra** ^{.....} neste sítio até o descobrirmos.

.....
Em regra: Completa, total.

Pedrinho encheu-se de coragem e disse com voz firme:

— Nós estamos em nossa casa e saberemos defendê-la contra tudo e contra todos. Medo não temos — de nada! Quem manda aqui no sítio sou eu — depois de vovó. Por bem a coisa vai, Senhor Pan, mas por mal a coisa não vai, não! Nem a pau! Nem a tiro de revólver! Lembre-se que o Almirante Brown está como refém lá na sala de vovó. A vida daquele velho nos foi confiada em garantia do bom comportamento de vocês...

Peter Pan caiu em si. Além disso, não queria brigar; queria apenas ver o anjinho verdadeiro; de modo que perdeu a empáfia e disse conciliatoriamente:

— Reconheço que está em sua casa, Pedrinho, mas você há de admitir que é uma verdadeira judiação nos receberem deste modo. Fizemos uma viagem longuíssima, por ordem do rei, para visitar o anjinho, e ao chegarmos vocês nos impingem um macaco de sabugo! Ora, é preciso concordar que isso é um pouco meio muito...

— Macaco de sabugo dobre a língua! — gritou Emília. — O visconde é um verdadeiro sábio, estimadíssimo de todos daqui, até de Dona Benta. Retire o macaco!...

Peter Pan, que não queria brigar, retirou o macaco e disse, voltando-se para Pedrinho:

— Vamos. Responda à minha interpelação.

Pedrinho confessou tudo.

— Sim, é verdade. Confesso que o anjo verdadeiro é outro — e está bem escondido. Fizemos isso porque sabemos o que são crianças e tivemos medo que nos escangalhassem o anjinho.

— Muito bem! — exclamou Peter Pan. — Agora que lealmente nos confessou a maroteira, mostre-nos o anjo real. Não receie coisa alguma. Eu me responsabilizo por tudo. Não deixarei que criança nenhuma toque nele.

— Isso muda o aspecto da questão — tornou Pedrinho. — Já que você se responsabiliza, poderei mostrar o anjinho verdadeiro. Mas ninguém há de pegar nele! É delicadíssimo, um verdadeiro vidro, e assusta-se com qualquer coisa.

— Não tenha medo de nada, Pedrinho. Eu não deixarei que as crianças da Inglaterra quebrem o anjinho.

Enquanto os dois discutiam, Emília se atracava com **Alice do País das Maravilhas**, que também viera no bando. Alice estava torcendo o nariz a tudo e achando que aquele sítio não parecia digno de um anjinho.

.....
Alice do País das Maravilhas: Famosa personagem de Lewis Carroll.

— Uma casa velha, estas árvores tortas por aqui, aquele leitão lá longe nos espiando — então isto lá é morada digna de um anjinho caído do céu? Os anjos querem nuvens bem redondas. Se o levássemos para Londres, haveríamos de dar-lhe um palácio de cristal cheio de nuvens de ouro — ouro fofo bem macio.

— A senhora está muito enganada — rebateu Emília. — O anjinho anda muito satisfeito por aqui. Tem se regalado de brincar. Outro dia me disse que estava enjoado de nuvens redondas e não trocava todas as nuvens do céu por este pomar.

— Disse isso por simples delicadeza — volveu Alice. — Os anjos são as criaturas mais delicadas que há. Mas se você entrar bem dentro da ideia dele, vai ver que está doidinho por ir conosco para a Inglaterra.

— Pois daqui não sai, nem que o mundo venha abaixo! — gritou Emília. — Se fazem muita questão de possuir um anjo, podem levar o da pitangueira...

Estavam nesse ponto quando Pedrinho e Peter Pan chegaram a acordo. Depois de tudo bem combinado, o reizinho da Terra do Nunca bateu palmas e gritou:

— Criançada! Pedrinho cedeu aos meus argumentos. Vai mostrar-nos o anjinho verdadeiro, mas com uma condição: ninguém tocar nele, porque é um verdadeiro vidro. Espero que essa condição seja respeitada por todos, visto como acabo de dar a Pedrinho a minha palavra de honra.

Houve um murmúrio de descontentamento. As crianças inglesas são como todas as mais: não se contentam com ver as coisas, querem pegar também. Em todo caso, como Peter Pan dera a sua palavra de honra, não houve remédio senão se conformarem.

— Emília — disse então Pedrinho —, vá depressa ao oco e traga o anjo.

Emília foi correndo. Instantes depois voltava, muito cheia de si, trazendo pela mão a encantadora criaturinha celeste.

Que delírio! Na maior curiosidade a criançada inglesa se reuniu em redor dele; como fossem muitas, as que não conseguiram lugar na frente treparam às árvores para ver melhor. As árvores do pomar ficaram mais cheias de crianças do que de frutas. Volta e meia um galho estalava e caía com diversas, num berreiro medonho.



Quem primeiro dirigiu a palavra ao anjinho foi Alice. Ajoelhou-se diante dele, no maior dos enlevos, e murmurou:

— Encantinho, como é o seu nome?

— Meu nome é Florzinha das Alturas para a servir. — Foi a galanteza da resposta.

— Como é delicado! — exclamou Alice voltando-se para Peter Pan. — Florzinha das Alturas para me servir!... E que idade tem, anjinho?

— Não tenho idade — respondeu ele. — Sou parado, não cresço. Há séculos que vivo sempre deste mesmo tamanho...

— Está vendo, Peter Pan? — gritou Alice. — Tal qual você. É parado. Não cresce...

— É como eu também — juntou Emília. — Eu também não cresço. Nasci deste tamanho e deste tamanho ficarei sempre. Sabem que a professora do

anjinho sou eu? Eu, sim!... Tenho-lhe ensinado mil coisas. Pergunte-lhe, por exemplo, o que é flor.

Alice perguntou ao anjinho o que era flor.

— Flor — respondeu ele — é um sonho colorido e cheiroso, que com as raízes as plantas tiram do escuro da terra e abrem no ar. Foi como Emília me ensinou.

Todos se admiraram da poesia daquela definição, mas Alice não queria ouvir o anjinho repisar as coisas ensinadas pela Emília; queria saber como eram as coisas lá no céu.

— Conte-nos como é lá. Deve ser lindo, não? Conte a sua vidinha toda...

O anjinho contou:

— Não me lembro quando nasci. Acho que sou filho das nuvens e das estrelas, porque sempre me achei rodeado de nuvens e estrelas. Meu principal brinquedo era fazer bolinhos de massa cósmica para jogá-los no éter. Esses bolinhos iam crescendo no espaço e viravam novas estrelas...

— E os cometas de cauda? Fazia também bolinhos de cometas? — quis saber Alice.

— Sim. É muito fácil. Basta fazer um bolinho redondo e depois dar um puxo dum lado, deixando um começo de rabinho. Quando a gente joga esses bolinhos no espaço, a velocidade vai fazendo que o rabinho se encompride cada vez mais, e se abra todo, muito fofo, adquirindo aquela forma de cauda de cometa que vocês aqui conhecem...

A criança inglesa estava maravilhada e doida por ir brincar de “bolinhos de estrelas” no céu. Emília torceu o nariz, e como uma das crianças lhe perguntasse se também não estava doida por aquilo, respondeu com ar de farta:

— Já me enjoiei disso. Fiz tanto bolinho de estrela e cometa lá na Via Láctea que hoje até prefiro fazer bolinhos de barro. Estou farta...

As crianças inglesas olharam-na com profunda inveja. Alice prosseguiu nas perguntas.



— E as nuvens? Muito macias?

— Mais que a paina daqui. Não existe nada mais lindo que as nuvens, porque não param nunca de mudar de forma e cor. Eu rolava por cima das redondas, como se fossem travesseiros de sonho. Atirava-me de uma para outra, às vezes de grande altura. Quando caía, mergulhava até ao meio. Uma gostosura!...

— Mas brincava sozinho?

— Não. Há lá milhões de anjinhos como eu. Brincávamos o dia todo. Foi numa dessas brincadeiras que houve o desastre.

— Conte como foi esse desastre — pediu Alice.

— Eu estava com os outros brincando de rolar de nuvem em nuvem. Nisto formou-se embaixo de nós uma grande. Dei um pulo. Quando caía, afundei dentro da nuvem até ao meio, gostosamente. Súbito, um choque aqui no encontro da asa esquerda. Dei um grito. Eu havia esbarrado num corpo estranho.

— Corpo estranho? — exclamou Alice. — Pois há corpos estranhos nas nuvens?

— Não há — disse o anjinho —, mas nesse dia houve. Dentro da nuvem estava um corpo estranho que eu só enxerguei no momento do choque. Tinha pernas e braços, cabeça e cartola...

— Era o visconde! — berrou Emília. — Na nossa viagem ao céu ele caiu da Lua e ficou girando no espaço como satélite. Numa das voltas com certeza esbarrou no anjinho.

— E depois? — indagou Alice, cada vez mais curiosa.

— Depois perdi os sentidos. Não vi mais nada. Quando meus olhos se abriram, encontrei-me na imensa planície da Via Láctea, no colo de uma criaturinha estranha. Era aqui a Emília...

Emília voltou-se para a criançada, radiante de orgulho, para que todos vissem que era ela mesma.

— E que mais?

— Emília me ninava, e quando abri os olhos me falou uma porção de coisas que não entendi. Depois vieram vindo os outros. Apareceu aquela lá — e apontou para Narizinho — e aquele lá — e apontou para Pedrinho. — E também um senhor muito sério, de grandes orelhas e olhar triste.

— O Burro Falante! — gritou Emília.

Peter Pan cochichou para Pedrinho que fazia muita questão de conhecer o Burro.

— E depois? — voltou Alice.

— Depois descemos do céu — disse o anjinho. — Dona Benta nos havia chamado com um berro: “Já para baixo, cambada!” Os astrônomos estavam aqui neste sítio, se queixando das reinações feitas lá nas alturas. Quando cheguei e vi esses homens, tive medo. Umas barbas grandes, óculos no nariz, carecas...

— E como vai se dando por aqui?

— Otimamente! — respondeu o anjinho. — Todos me querem muito e me tratam na palma da mão. Nastácia faz uns quitutes que não existem lá no céu. É das pipocas que eu gosto mais. Também dos bolinhos...



- Bolinhos de estrelas?
— Não. Dum pó branco...
— Farinha de trigo! — berrou Emília.
— Ela amassa esse pó com gema de ovo e gordura — continuou o anjinho.
— Enrola os bolinhos entre as palmas brancas de suas mãos pretas e os põe em lata num buraco muito quente chamado forno. Passado algum tempo os bolinhos ficam no ponto — e é só comer.
— Que galanteza! — exclamou Alice. — Que amor! Com que graça ele conta uma simples receita de bolinho!... E frutas? Também come?
— Se come! — berrou Emília. — Gulosíssimo, até. Para devorar pitangas, não há outro.
— Sim — confirmou o anjinho —, gosto muito de pitangas, quando estão com o vermelho já bem escuro. Das verdes, amarelas ou apenas um pouco vermelhas, não gosto. Muito azedas. Outra fruta de que gosto muito são as jatibucabas...
— Ja-bu-ti-ca-bas! — emendou Emília. — Não há meio de ele dizer certo...

— Também vocês aqui no Brasil arranjam cada nome para as frutas! — observou Alice, que nunca tinha visto jabuticaba. — Essa, a avaliar pelo nome, deve ser do tamanho de uma melancia.

— Ao contrário — disse Narizinho. — O nome é grande, mas a fruta é das menores que temos. Pretinha e assinzinha...

— E agora é tempo? — quis saber Peter Pan, já com água na boca.

— Antes “sesse”! — suspirou Emília. — Agora só temos laranja. Gosta de laranja-lima, Peter?

— Se gosto! — respondeu ele. — Pelo-me! Qual é o pé?

— Aquele baixinho, perto da cerca. Tem canivete?

Peter Pan correu a apanhar meia dúzia de laranjas, que veio chupar perto do anjinho. Ao verem aquilo as outras crianças também ficaram com água na boca. Foi uma correria.

— *Oranges, oranges!* — gritavam em inglês.

O avanço foi tamanho que não ficou no pomar uma só laranja para remédio. “Eu quero de cuia!”, dizia uma. “Eu quero de gomo!”, dizia outra. Um amarelo tapete de cascas recobriu o chão.

— Que coisa gostosa — murmurou Alice — chupar laranja-lima ao lado de um anjinho do céu que conta as coisas de lá! Estou mudando de opinião, Emília. Estou achando que esse sítio de Dona Benta é ainda mais gostoso que o nosso Kensington Garden lá de Londres...

— E é mesmo — observou Narizinho. — Não há lugar no mundo que valha o sítio de vovó. Quem o vê pela primeira vez, com estas árvores velhas, todo expandongado, não dá nada por ele. Mas depois que o conhece não troca nem pela Califórnia, que é um paraíso. O sítio de vovó é gostoso como um chinelo velho.

E a menina pôs-se a contar as mil coisas passadas ali, as aventuras do pó de pirlimpimpim, o encontro do Burro Falante lá no País das Fábulas, o casamento dela com o Príncipe Escamado, a ida ao País da Gramática e outros episódios aventureiros.

— Até ao País da Gramática vocês foram? — exclamou Alice admirada.

— E saiba que nos divertimos muito. O visconde raptou um ditongo, e Emília desmoralizou completamente uma velha coroca implicantíssima chamada Ortografia Etimológica. Olhe, Alice, se você passar dois dias aqui conosco, juro que não quer mais saber da Inglaterra.

— Estou vendo — respondeu Alice. — Isto aqui parece que vale a pena...



O almirante assombra-se com o que vê.

Lá na sua salinha Dona Benta conversava com o Almirante Brown sobre a política do Império Britânico. O almirante já dormira uma boa soneca e agora, sentado na rede, ia bebendo o uísque mandado vir da venda do Elias Turco. Era falsificado. Mesmo assim o velho inglês o bebia, embora com caretas a cada gole.

— Pois é isso, minha senhora. Cá estou feito capão de pintos, a atravessar os mares com o meu exército de crianças. A trabalhadeira que me deram na viagem! Até suo só de lembrar-me disso...

— E por falar, almirante, como há de ser para enchermos tantas barriguinhas? O mantimento que há aqui no sítio não dá para a décima parte.

O velho inglês sorriu.

— Não se incomode, minha senhora. Providenciei sobre tudo. Dentro em pouco chegarão os meus marinheiros com um grande carregamento de comedorias. Poderá a senhora ter a bondade de levar-me ao pomar? Preciso ver o anjinho. Mas aqui entre nós: é mesmo um anjinho do céu ou trata-se de alguma reinação dos seus netos, um simples anjo de procissão?

— É dos legítimos, almirante, posso garantir e o senhor o verificará com os seus próprios olhos. Por mais prodigioso que isto seja, não passa da mais pura realidade. Ah, almirante, Vossa Honra não imagina o que acontece neste sítio! Só vendo. Tanta e tanta coisa, que hoje, como já disse a Vossa Honra, não me admiro de mais nada. Se o Sol aparecer ali na porteira e me disser: “Boa tarde, Dona Benta!”, eu o recebo como se fosse o Compadre Teodorico. “Entre, Senhor Sol. A casa é sua.” Positivamente não me admiro de mais nada, nada, nada...

Os dois velhos saíram de braços dados para a visita ao anjinho. Foi difícil abrir passagem no bolo de crianças apinhadas em redor dele. Ao ver o anjinho, lindo, lindo de não poder mais, o Almirante Brown arregalou os olhos e puxou os óculos. Examinou o anjinho atentamente, sempre desconfiado de algum embuste; apalpou o encontro das asas para ver se não eram asas de anjo de procissão.

Emília advertiu-o:

— Não pegue com muita força que quebra. Ele é um vidro.

O almirante sacudia a cabeça, pensativo.

— É extraordinário, não há dúvida! Tenho setenta anos e jamais me defrontei com um prodígio assim. Quando chegar a Londres e der ao rei o meu testemunho, é bem possível que Sua Majestade se assanhe e queira vir também, queira vir ver com os seus reais olhos este assombroso prodígio...

— Ótimo! — exclamou Dona Benta. — Que venha, que venha sem a menor cerimônia. A única pessoa que ainda não apareceu por aqui foi um rei

de verdade. Reis da fábula e dos países maravilhosos, desses que usam coroinhas de ouro, temo-los tido aos montes.

O almirante não cessava de assombrar-se.

— Que coisa extraordinária! Um anjinho caído do céu...

— Caído não, almirante — corrigiu Emília. — Trazido. Quem o trouxe fui eu.

— Quem é esta estranha senhorita? — indagou o almirante, pondo os olhos na boneca.

— Pois é a Emília, não vê? — disse Dona Benta. — De fato foi ela quem trouxe o anjinho lá da Via Láctea, onde o “caçou”, como costuma dizer.

— Ahn! A Emília, sim, a Senhora Marquesa de Rabicó! — disse o almirante recordando-se. — Sei, sei. Sua Majestade a Rainha Viúva já me falou das proezas desta famosa criaturinha, mostrando até muito desejo de conhecê-la pessoalmente.

— Foi pena eu não ter sabido disso antes — volveu Dona Benta. — Já estivemos em Londres, na nossa viagem em torno do mundo para estudar geografia. Se eu soubesse do desejo da rainha, teria feito uma visita a Sua Majestade para a apresentação da Emília...



Depois de bem-visto o anjinho, e de uma prosa com ele, o almirante afastou-se, sempre de braço dado a Dona Benta. Foram dar uma volta pelo sítio.

— Estou achando tudo por aqui muito poético — disse o inglês correndo os olhos pelas árvores. — Que lindo este imenso tapete amarelo com que a senhora forrou o pomar!...

Dona Benta riu-se. O almirante tinha a vista ainda mais fraca que a dela, de modo que tomou o chão forrado de cascas de laranja por um imenso tapete amarelo.

Nisto uma vaca mugiu.

— É a Mocha — explicou Dona Benta —, uma vaca excelente que temos aqui há já muitos anos.

— Meu pai foi criador de vacas Jérsei — disse o almirante — e eu ainda conservo algumas da sua criação. Quando voltar à Inglaterra hei de mandar para aqui uma de presente. Leiteiras melhores não existem.

— Pois ficarei imensamente agradecida — respondeu Dona Benta. — A pobre da Mocha está bastante velha. Mal dá o leite necessário ao consumo da casa.

No estábulo a Mocha teve a honra de ser apresentada ao Almirante Brown, o qual foi saudado por um *Mu!* especial, em português, visto que a pobre vaca não sabia uma só palavra de inglês, nem *yes*. O almirante gabou os seus enormes olhos cheios de bondade.

— Vê-se que é uma vaca de muito bons sentimentos mas pouco leite — disse o velho marujo. — Quantos litros dá?

— Não chega a três — respondeu Dona Benta.

O filho do criador de vacas Jérsei riu-se.

— As de meu pai davam dez vezes isso.

Dona Benta arregalou os olhos.

— Ah! Eu aqui com uma assim até montava uma fábrica de queijo...

— Há de tê-la, minha senhora. Há de tê-la.

Nisto um zurro muito discreto soou.

— Quem é? — quis saber o almirante.

— É o Conselheiro, o nosso Burro Falante — explicou Dona Benta. Nele é que os meninos foram para o céu.

O Almirante Brown sorriu, pensando lá consigo: “Pobre velha! Visivelmente está caduca.” Mas quando foi apresentado ao Burro Falante e este murmurou, na sua voz grave de burro da fábula:

— Tenho muita honra em conhecer Vossa Senhoria.

O almirante quase caiu para trás. Teve de segurar-se no rabo que o Burro lhe estendeu.

— É espantoso, minha senhora! Está aqui um fenômeno que se eu contar ao Rei Eduardo ele julgará que é caduquice minha. Um burro falante! Isto positivamente me deixa com as ideias atrapalhadas...

Dona Benta gozou o atrapalhamento do inglês.

— Foi o que me sucedeu no começo, almirante. Fiquei também atrapalhada, sem saber o que pensar. Depois fui me acostumando. Hoje acho tão natural que esse burro fale, como acho natural que uma laranjeira produza laranjas. Todas as tardes chego até aqui para dois dedos de prosa. Além de falante, o nosso Conselheiro é um puro filósofo.

— De que escola?

— Um filósofo estoico. Costumo ler-lhe trechos das *Meditações* de Marco Aurélio. Os comentários que ele faz mereciam ser escritos e publicados.

O almirante não conseguia voltar-se do assombro.

— Mas... mas, Dona Benta, a senhora já refletiu que isto é um fenômeno que contradiz tudo quanto a ciência estabeleceu a respeito da fala e da inteligência dos animais?

— Refleti, sim. Eu sei o que tenho em casa, Senhor Almirante.

Um **tropel** e uma algazarra interromperam o diálogo. Pedrinho e Peter Pan vinham correndo para ali, acompanhados de mais de cem crianças.

.....
Tropel: Tumulto de pessoas se movendo.

— O burro que fala! O burro que fala! — gritavam todas. — Vamos conversar com o burro que fala!...

Chegaram. Em torno do excelente animal formou-se uma roda enorme. Todos falavam ao mesmo tempo, perguntando mil coisas ao pobre Conselheiro, que se via tonto para atender a tantos clientes.

Dona Benta e o almirante deixaram-nos naquele divertimento que não existia na Inglaterra e recolheram-se à salinha. Estavam lá, ainda comentando o prodigioso caso do Burro Falante, quando Tia Nastácia veio dizer que um grupo de marinheiros se aproximava. O almirante sorriu.

— São as comedorias que vêm vindo — disse ele — e não é sem tempo. Com o aperitivo das laranjas que chuparam, as crianças devem estar tinindo de fome.

E assim era. Mal avistaram os marinheiros do almoço, uma gritaria atrojadora encheu os ares.

— O lanche! O lanche!...

Abandonaram o anjinho, o Burro Falante e as árvores em que estavam repimpadas para só cuidarem dos estômagos.

Que succulento lanche foi aquele! Bem se via andar ali o dedo do rei da Inglaterra. Sanduíches de todas as qualidades, queijos, geleias de frutas, maçãs e peras, cremes e pãezinhos em quantidades enormes.

Tia Nastácia veio espiar. Aquela abundância encantou-a.

— Ora graças! — murmurou a velha preta. — Se não chegasse esse reforço, isto por aqui ficava como fazenda por onde passou nuvem de gafanhotos. Nem a casca das árvores se salvaria... Credo!

Onde aparece um famoso marinheiro.

Pedrinho insinuou-se entre os marujos. Pela primeira vez via os famosos **mariners** da maior esquadra do mundo. Vermelhaços, louros e ruivos, com calças de boca de sino. E que caras havia entre eles! De puros lobos do mar.

Em dado momento, porém, Pedrinho empalideceu. Um dos marujos o impressionara profundamente.

.....
Mariners: Marinheiros.

Saiu dali e correu em procura de Peter Pan, que estava atracado com um sanduíche de presunto de York.

— Tenho uma coisa muito séria a dizer — murmurou-lhe Pedrinho a meia-voz. — Engula isso depressa e apareça lá no pomar. — E foi esperá-lo debaixo da pitangueira.

Peter Pan não tardou.

— Que há? — indagou, engolindo o último bocado do sanduíche.

— Há que descobri uma coisa muito séria: o Capitão Gancho³ está entre os marinheiros que vieram trazer o almoço. Reconheci-o perfeitamente.

Peter Pan empalideceu.

— Não pode ser, Pedrinho! Naquela batalha no navio dos corsários bati-me a espada com esse monstro, e o fui apertando de golpes e mais golpes, e ele recuando, recuando até que — *tchibum!* — caiu n'água, bem dentro da goela do crocodilo. Foi assim que o Capitão Gancho morreu.

— Morreu, nada! Essa gente não morre. Com certeza comeu o crocodilo, em vez de o crocodilo comer a ele. E a prova é que o vi no meio dos lobos do mar que vieram com o lanche. Vi-o com estes meus olhos, Peter! Cheguei pertinho, cheirei. Ele mesmo, com a mão de gancho calçada numa luva e aquele fedor de pirata...

Peter Pan permaneceu uns instantes pensativo.

— E que quererá por aqui?

— Certamente que anda atrás de você — sugeriu Pedrinho.

— Impossível! Ninguém sabia que eu vinha. Nada contei a ninguém — nem a Wendy. Resolvi embarcar no momento de o navio sair. Basta dizer que fui a última pessoa que se meteu a bordo. Não, Pedrinho. Não foi por minha causa que o Capitão Gancho veio. Foi por causa do anjinho, juro!...

— Mas que há de querer com o anjinho?

— É boa! Raptá-lo. Você não calcula que negócio é um anjinho desses nas unhas de um explorador. Já não digo para trabalhar em circo, mas no cinema, Pedrinho! No cinema! Em Hollywood! Para entrar nas fitas das Diones, da **Shirley**, do **Jack Cooper**! Coisa de render milhões. Nunca houve no mundo uma estrelinha anjo.

.....
Shirley: Shirley Temple (1928-2014), famosa atriz de Hollywood que iniciou a carreira com três anos de idade e se tornou o maior sucesso de bilheteria.

.....
Jack Cooper: Jack Cooper (1922-2011), ator de Hollywood que iniciou a carreira com nove anos e foi indicado ao Oscar.

— Realmente — murmurou Pedrinho. — Até eu já havia pensado nisso...

— Pois juro, Pedrinho, que o Capitão Gancho veio com essa ideia na cabeça, e também juro que já está de plano formado para furtar o anjinho.

— Acha bom prevenirmos o almirante?

— Nada disso. Eu não dou importância a gente grande. Costumo resolver todas as dificuldades por mim mesmo, com a meninada. Escute. Existem armas por aqui? Espadas, lanças, pistolas?

Pedrinho suspirou.

— Ah, Peter Pan! Se você soubesse que boba e medrosa é a vovó... Tem medo de tudo, até das baratas. Não pode ver um revólver. Faça, só admite essas de mesa, de ponta redonda. Em matéria de armas só tenho uma espingardinha de cano de guarda-chuva que eu mesmo fiz, e o meu velho bodoque...

Peter Pan sorriu com superioridade.

— Pois lá na Terra do Nunca temos um verdadeiro arsenal. Depois de bater o Capitão Gancho, fiquei com todas as armas dos corsários. Até um canhãozinho do navio pirata eu levei para a Terra do Nunca.

— Levou um canhão!?...

— Só não levei os grandes por serem muito pesados e consumirem muita pólvora. Você não imagina, Pedrinho, como canhão grande come pólvora! Mas espadas, pistolas, espingardas, lanças, machados e punhais, isso levamos tudo. Lembra-se daqueles lobos que nos rondavam por lá? Pois caímos de tiros neles. Não ficou um! Os que não morreram, fugiram com cem pernas, apavoradíssimos! Nossa caverna lá na Terra do Nunca está hoje como a fortaleza do **Gibraltar: inexpugnável!**

.....
Gibraltar: Gilbratar é um território britânico ultramarino.

.....
Inexpugnável: Inconquistável.

Pedrinho **fremiu** de entusiasmo; depois suspirou, pensando com raiva do pacifismo de Dona Benta.

.....
Fremiu: Tremeu.

— Que pena! — exclamou. — Se vovó deixasse, poderíamos também fazer disto aqui uma fortaleza inexpugnável. Está vendo aquele cupim lá no pasto? Tem um oco ótimo para ninho de metralhadora.

— Também, pelo alto destas árvores, é possível esconderem-se muitos atiradores — observou Peter Pan correndo os olhos pelo pomar. — Você, não sei, mas eu sou capaz de transformar isto aqui numa tremenda fortaleza. Olhe: daquele lado corro uma linha dupla de trincheiras. À esquerda e à direita abro fossos intransponíveis...

— Com uma ponte levadiça! — ajuntou Pedrinho, entusiasmado.

— Isso só em castelo —olveu Peter Pan em tom de desprezo ante os conhecimentos militares de Pedrinho.

Nesse instante um vulto atraiu-lhes a atenção — um marinheiro que caminhava disfarçadamente, repetidas vezes olhando para trás.

— Ele! — cochichou Pedrinho.

Peter Pan, velho conhecedor do Capitão Gancho, concordou.

— Tem razão, Pedrinho. É belíssimo mesmo! Só que enfiou a mão de gancho naquela luva para disfarçar-se. Onde está o anjinho?

— No oco da figueira grande, lá onde o escondemos quando a criança apareceu. Depois que os marinheiros do almoço chegaram, dei ordem à Emília para que o guardasse no oco novamente.

— Onde é a figueira?

— Aquela grandona, lá. É oca por dentro, como as árvores da Terra do Nunca.

Os dois meninos ocultaram-se atrás da pitangueira para melhor seguirem os movimentos do ladrão. O infame corsário, sempre na ponta dos pés, olhava em todas as direções, farejando qualquer coisa.

— Parece que é pelo faro que esses monstros se guiam — observou Peter Pan.

— Mas com o anjinho não arranja nada, ele é totalmente inodoro.

— Que quer dizer isso?

— Inodoro quer dizer sem cheiro nenhum, como a água. A água é incolor, inodora e insípida.

— Mas é capaz de descobri-lo por indução — sugeriu Peter Pan.

Foi a vez de Pedrinho perguntar o que era indução.

— É uma espécie de adivinhação lógica — disse Peter Pan. — Juro que assim que o Capitão Gancho enxergar a figueira pensará em oco, porque quase todas as figueiras velhas têm ocos; e pensando em oco, pensará no anjinho escondido lá dentro. Isso é que é indução.

E foi o que se deu. Mal o corsário enxergou a figueira, induziu logo e pôs-se a caminhar na direção dela.



Nisto apareceu, inesperadamente, um segundo vulto.

— Olhe!... Vem vindo outro. A coisa se complica...

Pedrinho não tardou a reconhecê-lo.

— **Popeye!** O marinheiro Popeye, Peter!...

Popeye: O marinheiro Popeye foi criado por Elzie Crisler Segar para os quadrinhos em 1929 e, mais tarde, adaptado para o desenho animado e o cinema.

Peter Pan não conhecia esse figurão.

— Quem é ele? — perguntou.

— Um homenzinho terrível, Peter. Não há no mundo quem o vença. Derrota tudo. Será que é cúmplice do Capitão?

Não era. A conversa entre Popeye e o corsário ia mostrar que não era. Os meninos ouviram tudo perfeitamente.

— Viva, Senhor Popeye! — exclamou o Capitão Gancho. — Que é que o traz por aqui?

— O mesmo que traz a você, Capitão — respondeu Popeye na sua voz rouquíssima.

— Acho que podemos nos entender e nos ajudar mutuamente — tornou Gancho. — Vou contar tudo. Vim entre os marinheiros do Almirante Brown com a ideia de levar o anjinho para Londres. Renderá bom dinheiro num circo.

Popeye sorriu.

— Pois saiba que tive a mesma ideia e vim dos Estados Unidos para levá-lo a Hollywood. No cinema esse anjo dará mais sorte do que em todos os circos do universo. Não podemos, pois, nos entender, Senhor Capitão Gancho.

— Com seiscentos milhões de **colubrin**as! — urrou o corsário. — Sei que você é valente, mas não tenho medo de **cãretas**. Vim para levar o anjinho e hei de levá-lo.

.....
Colubrinas: Espécie de canhão longo e fino.

Popeye não respondeu. Limitou-se a rir e soltar uma baforada do seu famoso cachimbo de apito — *pu! pu!*.

Ofendido por aquele desprezo, o Capitão Gancho foi descalçando a luva. O horrendo gancho de ferro apareceu, de ponta afiadíssima.

Os dois meninos, atrás da pitangueira, começaram a sentir-se eletrizados. Peter Pan teve dó de Popeye, achou que estava ali, estava **escalavrado** para o resto da vida. Pedrinho, entretanto, apostou em Popeye.

.....
Escalavrado: Esfolado, arranhado.

A luta rompeu. Os dois marinheiros atracaram-se com a maior fúria. Eram golpes e mais golpes, um em cima do outro. Um soco de Popeye na queixada de Gancho o fez bambejar, como bêbedo; forte, porém, que era o pirata, logo se firmou nas pernas e avançou, desferindo uma ganchada contra o ombro de Popeye. O que a este valeu foi a agilidade. No momento em que o gancho vinha descendo, Popeye quebrou o corpo. Mesmo assim foi riscado de leve. E a luta prosseguia cada vez mais feroz, com rasteiras, munhecaços, pontapés na barriga. Durante minutos, nenhum levou vantagem. Os dois **contendores** equivaliam-se em força.

— Esse Popeye não é homem para medir-se com o Capitão Gancho. Acabará cansado e apanhando — murmurou Peter Pan ao ouvido de Pedrinho.

— É que Popeye ainda não engoliu o espinafre — explicou Pedrinho, deixando Peter Pan na mesma.

Outra ganchada do corsário riscou o ombro do marinheiro. Popeye, então, enfureceu-se, afastando-se dez passos, sacou do bolso a lata de espinafre, cujo conteúdo engoliu a meio.

— Agora você vai ver! — cochichou Pedrinho.

E Peter Pan viu. Viu Popeye avançar contra o corsário numa fúria louca, com os músculos dos braços crescidos como bolas. Ao primeiro soco dado nas fuças do Capitão, este cambaleou e foi estatelar-se no chão a oito metros de distância.

— Está vendo o que é murro? — murmurou Pedrinho entusiasmado.

Mas o Capitão Gancho levantou-se e investiu mais uma vez. Coitado! Levou tal roda de murros, que ficou como paçoca que sai do pilão. Popeye amassou-o. Mas amassou mesmo, como quem amassa pão. Amassou-o de tal modo que o deixou transformado em pasta de gente.

Peter Pan arregalava os olhos, no maior dos assombros.

— Irra! — exclamou. — Tenho visto cabras valentes, mas como este Senhor Popeye, nunca! Cada soco parece pancada de martelo-pilão...

— Ah, Popeye é assim — disse Pedrinho. — Sem espinafre, não vale nada, apanha de qualquer **punga**. Mas quando engole uma dose de espinafre, ah, não existe no mundo quem possa com ele!

.....
Punga: Aquele que é ruim, sem serventia.

O barulho da luta atraía a atenção da criançada e do almirante. Vieram todos correndo.

— Que foi? Que foi?

Pedrinho contou o que se havia passado.

— Bandidos! — exclamou o Almirante Brown. — Esses dois marinheiros vieram sem ser convidados. Não figuram na minha lista. Vou pô-los a ferros nos porões do *Wonderland*.

— Pô-los é modo de dizer — advertiu Pedrinho. — Só existe um. O outro já virou pasta de gente. O que há a fazer é enterrá-lo, bem fundo.

O almirante aproximou-se do marinheiro caído e examinou-o. Viu que de fato era assim. Em seguida voltou-se para Popeye.

— E vosmecê, Senhor Popeye! Estou reconhecendo-o muito bem. Que história é esta? Como se meteu na tripulação do *Wonderland* sem ter sido engajado?

Popeye, que estava bêbedo como uma cabra, riu-se.

— Ah, ah, ah! — E atirou umas baforadas do cachimbo antes de responder. Cada baforada era um apitinho: *pu! pu!* E na sua voz rouquíssima disse: — ***I am a sailor man.***
.....

.....
I am a sailor man.: Eu sou um marinheiro.

— Sei disso! — berrou o almirante. — E sei também que vai passar uns tempos nos porões do *Wonderland*, com umas pulseirinhas de ferro nas munhecas.

O ultrabêbedo Popeye respondeu com mais três apitos de baforadas e um “Ah, ah, ah!” rouquíssimo.

Indignado com o desrespeito, o Almirante Brown gritou para os marujos:

— Todos aqui! Agarrem-me este bêbedo e metam-no a ferros!

Popeye continuava impassível. Fez mais um — *pu! pu!* — e caiu em guarda.

A luta entre Popeye e os marinheiros do *Wonderland* foi dessas coisas que só gênios do tamanho de **Shakespeare** e **Dante** se atrevem a descrever — e mesmo assim descrevem mal. Nunca houve tanta pancada no mundo. Se fôssemos juntar toda a imensa pancadaria que há no ***Dom Quixote de la Mancha*** e com ela formássemos um monte, esse monte ficaria pequeno diante da pancadaria que houve no pomar de Dona Benta. O espinafre ingerido pelo *sailor man* era do bom, de modo que se tornaria impossível vencê-lo. Um a um os marujos do *Wonderland* iam sendo postos fora de combate. Quando caiu o último, Popeye deu uma risada grossa e fez — *pu! pu! pu! pu!*...

.....
Shakespeare: William Shakespeare (1564-1616), dramaturgo inglês, considerado o mais importante do mundo. Escreveu muitas peças, como *Romeu e Julieta*.

.....
Dante: Dante Alighieri (1265-1321), poeta italiano considerado o maior da Itália.

.....
Dom Quixote de la Mancha: Famoso personagem de Miguel de Cervantes, escritor espanhol, que aparece no sítio no livro *O picapau amarelo*.

O almirante, que esperava tudo menos quatro *pus*, ficou seriamente atrapalhado. Toda a sua marinhagem estava caída e ele, sozinho. Se Popeye tivesse a ideia de **esmoê-lo**, seria uma desgraça completa, e também uma enorme afronta para o almirantado britânico. Que fazer?

.....
Esmoê-lo: Triturá-lo com os dentes, mastigá-lo.

O almirante foi aconselhar-se com Dona Benta.

— Minha senhora — disse ele —, o desenlace desta luta me deixou completamente desarvorado. Positivamente não sei como agir...

Tia Nastácia apareceu nesse momento para perguntar se fazia bolinhos ou rebentava pipocas.

— A situação é muito séria, Nastácia — respondeu Dona Benta. — Venha perguntar isso mais tarde, depois de resolvido este horrível incidente.

— Vamos, minha senhora! — insistia o almirante. — Que acha que devo fazer?

Dona Benta, completamente tonta, mostrou-se incapaz de uma sugestão. Nisto apareceu Emília, muito lampeirinha.

— Eu sei um jeito de arrumar tudo — disse ela —, e de acabar de uma vez para sempre com a prosa desse Popeye...

O almirante, apesar da horrível situação em que se encontrava, não pôde deixar de rir-se.

— Não se ria, almirante — tornou Dona Benta. — Vossa Honra não conhece a Emília. Tem feito tanta coisa que não me admirarei se der uma boa sova no Popeye.

— Que absurdo, minha senhora! — exclamou o almirante. — Apesar do muito respeito que a senhora me merece acho que está a abusar de mim. Essas suas palavras ofendem-me, ofendem o almirantado britânico, ofendem Sua Majestade o Rei Eduardo VII...

Para acalmá-lo Dona Benta contou diversos episódios em que as coisas ficaram em situação de verdadeiro fim de mundo e afinal tudo se resolveu com uma inesperada saidinha da Emília. O almirante, porém, não quis saber de nada. Emburrou, ofendidíssimo com a hipótese de que uma simples boneca de pano pudesse conseguir o que os seus valentes lobos do mar não tinham conseguido.

Emília fungou e disse:

— Deixe tudo por minha conta, Dona Benta. Juro que dou uma arrumação ótima. Enquanto isso a senhora vá despejando pinga dentro desse bife malpassado — concluiu ela, olhando com desprezo para o almirante.

— Emília! — gritou Dona Benta. — Mais respeito para com os mais velhos. Mas Emília não quis saber de nada. Botou meio palmo de língua para

o almirante e lá se foi pisando duro.
Dona Benta suspirou.

Emília descobre o segredo de Popeye.

Emília foi à cozinha pedir a Tia Nastácia que pusesse uma porção de folhas de couve no pilão e amassasse tudo muito bem, fazendo uma pasta. Nastácia perguntou para quê.

— Não é da sua conta — respondeu a diabinha.

Tia Nastácia também suspirou. Mas fez a pasta de couve pedida, com a qual a boneca encheu uma latinha. Embrulhou-a num jornal e, muito segura de si, foi ter com Popeye.

— Eu sei do seu segredo, Senhor Popeye — disse ela inocentemente. — Chama-se: es-pi-na-fre. Sem espinafre o senhor vale tanto como um homem qualquer.

Popeye fez — *pu! pu!*

— Mas eu também sei — continuou Emília — que o seu espinafre só faz efeito por quinze minutos. Passados quinze minutos o senhor está bambo outra vez.

Popeye riu-se grosso, rosnando:

— Dobre os quinze minutos e terá acertado. *Pu! pu!*

Emília afastou-se. Era justamente aquilo o que ela desejava saber: quanto tempo durava nos músculos do marinheiro o efeito do espinafre. Correu a conferenciar com Pedrinho.

— Escute, Pedrinho. O segredo de Popeye é o espinafre, mas o efeito do espinafre só dura meia hora, diz ele. Como já se passaram vinte minutos desde que engoliu a dose, isso quer dizer que daqui a dez minutos ele pode ser atacado.

— Mas Popeye não engoliu a lata inteira, vi muito bem — observou o menino. — Só metade. Escondeu o resto no oco da figueira. É por isso que não se arreda de lá. Assim que for preciso, engole o resto da lata e fica outra vez dono do mundo por mais meia hora.

— Sei disso — murmurou Emília —, mas vou tomar as minhas providências. Garanto que daqui a dez minutos Popeye poderá ser atacado sem perigo nenhum.

— Atacado por quem? — gritou Pedrinho.

— **Homessa!** Por você e Peter Pan.

.....

.....
Homessa: Ora essa.

— Deus me livre! — exclamou o menino. — Seria a maior das loucuras. Ele, que moeu o Capitão Gancho e todos os marinheiros do *Wonderland*, também me moerá enquanto o diabo esfrega um olho. Que ideia!...

Emília agarrou Pedrinho, fê-lo abaixar-se e cochichou-lhe qualquer coisa ao ouvido. A cara do menino expandiu-se.

— Ahn! — exclamou. — Se é assim, então já não está aqui quem falou. Tudo muda de figura. Que ideia excelente, Emília! A melhor ideia que você teve em toda a sua vida...

E ganhando coragem:

— Pois está combinado. Eu e Peter Pan atacaremos Popeye daqui a dez minutos.

Disse e foi comunicar a sua resolução a Dona Benta e ao almirante. Os dois velhos ficaram assombradíssimos.

— Que loucura, meu filho! — exclamou a boa senhora. — Nem pense nisso. Proíbo-o de pensar nisso.

— Realmente — acrescentou o almirante —, o que este menino propõe não passa de um desvario de criança. Que absurdo! Atacar um monstro de força, que acaba de destruir com a maior facilidade todo um pelotão de vigorosíssimos lobos do mar...

Pedrinho cochichou no ouvido de Dona Benta o mesmo que Emília cochichara no seu. A velha arregalou os olhos, com expressão de surpresa e alegria.

— Bom. Se é assim, então tudo muda de figura. A ideia é excelente...



Quem ficou bobo de uma vez ante aquela súbita mudança de opinião foi o almirante, e como ninguém lhe cochichasse nada aos ouvidos, bobo ficou e bobo continuou.

— Não estou entendendo nada de tudo isto, minha senhora — disse ele.

— Entenderá daqui a pouco, Senhor Almirante — respondeu Dona Benta piscando o olho.

E gritou para a cozinha:

— Nastácia, pode vir saber se o almirante prefere pipocas ou bolinhos...

**A couve da Emília e o espinafre de Popeye.
Pedrinho e Peter Pan preparam-se para a luta.**

Popeye estava encostado ao tronco da figueira, de modo a fechar com o corpanzil a abertura do oco. Isso atrapalhava Emília, cujo plano era entrar na árvore para dizer qualquer coisa ao anjinho. Vendo que pela frente não podia entrar, pensou em outra porta. O tal oco tinha duas aberturas: aquela embaixo e outra em cima, na forquilha dos primeiros galhos — ou a “chaminé”, como os meninos diziam. Essa chaminé ligava o bojo do oco à forquilha e, embora fosse estreita, dava perfeitamente passagem a um corpinho seco e miúdo como o da boneca.

Mas para subir à figueira era preciso empregar a astúcia e Emília empregou a astúcia. Foi conversar com Popeye.

— Senhor Popeye — disse ela com o arzinho de santa que sabia fazer nas ocasiões graves —, sabe que esta figueira dá uns figuinhos muito gostosos? Os sanhaços e morcegos regalam-se...

O marinheiro olhou para cima e viu que realmente a figueira estava coberta de pequeninos figos.

— *Pu! pu!* — fez ele com o cachimbo.

Emília continuou:

— Se o senhor me ajudar a subir lá em cima, posso colher uma quantidade, metade para mim, metade para o senhor...

O marinheiro sentiu água na boca, pois gostava muito de figos. Respondeu com um *pu! pu!*, que queria dizer sim, e ajudou Emília a trepar à árvore. Logo que se pilhou lá em cima, a espertíssima boneca tratou de procurar a abertura da “chaminé”. Instantes depois estava no bojo do oco, falando com o anjinho.

— Nem queira saber, anjinho, o **turumbamba** que vai lá por fora, tudo por sua causa! Popeye e os marinheiros do navio se pegaram à unha, e Popeye venceu. Escangalhou com todos eles. O almirante está coçando a cabeça. Não sabe como agir. O plano de Popeye é furtar você daqui. Quer transformar você em estrelinha de cinema, lá em Hollywood.

.....
Turumbamba: Rolo.

— Fazer de mim estrelinha? — repetiu a mimosa criatura, com cara de surpresa. — Esse Hollywood é algum céu?

— Não, burrinho! É a cidade do cinema. As estrelas e estrelinhas de lá são de carne e osso, como nós. Mas depois eu explico isto. Agora não há tempo. Vim só para uma coisa. Está vendo esta lata? — E mostrou-lhe a lata de couve moída que trouxera embrulhada num jornal. — Pois é. Você vai pegar esta lata e trocá-la por aquela que o marinheiro Popeye guardou na beira do oco. Só isso. Mas tem de o fazer com muito jeito, de modo que Popeye não perceba coisa nenhuma, está entendendo?

O anjinho não estava entendendo nada, o que o não impediu de executar fielmente a ordem de Emília. Pegou a lata de couve, encaminhou-se na ponta dos pés para a abertura do oco e, depois de espiar se o marinheiro estava olhando, fez a troca na perfeição. Nem uma formiguinha que andava por ali percebeu a mudança.



— Ótimo! — exclamou Emília quando o viu voltar com a lata de espinafre. — Agora você continua aqui muito quietinho e sem receio de coisa nenhuma. Juro que tudo acabará bem.

— Mas estou com muito medo daquele rato de asa dependurado ali — disse ele apontando com o dedinho para o teto do oco.

— Um simples morcego — explicou Emília. — Feio só. Não morde anjo. Vive de comer os figuinhos desta figueira. Não se impressione. Só não fique debaixo dele porque os tais morcegos comem os figuinhos e às vezes os descomem em cima da cabeça da gente...



Feita esta recomendação, Emília esgueirou-se pela chaminé acima. Saiu na forquilha. Caminhou engatinhando por um dos galhos, até alcançar o ramo mais próximo de Popeye, o qual estava de cabeça erguida e boca aberta, procurando enxergar a bonequinha.

— Estou aqui! — disse ela mostrando-se. — Apara-me nos braços.

Popeye estendeu os braços peludos. Sem medo nenhum Emília deu um pulo — *upa!*.

— E os figos? — perguntou o marinheiro assim que a depôs em terra.

— Verdes, meu caro. Não achei um só maduro. Os morcegos não deixam. Assim que vão amadurecendo, eles — *nhoque!*

Popeye desapontou e Emília foi correndo conferenciar com Pedrinho e Peter Pan.

— Pronto! — gritou ela ao chegar. — Aqui têm vocês a lata de espinafre do Popeye. Troquei-a por uma igual de couve moída. Quem vai agora engolir o espinafre maravilhoso não é ele, são vocês. Popeye só engolirá couve moída, e com aquela couve no papo ficará bambo como geleia. Que horas são? Vejam se os dez minutos já se passaram.

Pedrinho correu à sala de jantar. Viu no relógio da parede que só faltavam três minutos para completar os dez. Voltou correndo.

— Faltam só três minutos — disse ele.

— Muito bem — exclamou Emília. — Vocês podem ir engolindo o espinafre — metade cada um.

Pedrinho tomou a lata e engoliu metade, fazendo uma careta. Peter Pan engoliu o resto, fazendo outra careta.

— Pode ser excelente para dar força — disse ele —, mas gostoso não é...

Alice, que andava em procura de Emília, apareceu nesse momento.

— Arre que a achei! — exclamou.

— Que há de novo? — quis saber Emília.

— Há que a criançada está num verdadeiro pavor, falando em fugir do sítio e outras coisas assim. Tenho feito tudo para sossegá-las, mas não consigo.

— Isso de criançada inglesa é lá com o Almirante Refém Brown. Ele que as trouxe, ele que se arrume.

— Já falei com o almirante — tornou Alice —, mas não valeu de nada. O pobre velho está completamente bobo. Não sabe o que fazer. Tenho até medo que de repente caia morto de congestão cerebral.

— Não morre, não — gritou Emília. — Daqui a minutos o problema estará completamente resolvido por nós e você vai ver a cara de riso do almirante.

— Minutos? — repetiu Alice, sem nada compreender.

— Minutos, sim, menina. Nós vamos dar um pega tremendo no tal Popeye.

Alice cada vez compreendia menos.

— Pega tremendo? Será que Dona Benta mandou vir algum exército com canhões para atacá-lo? Não estou entendendo esse seu “nós vamos”, Emília...

— Pois nós somos nós, eu, Pedrinho e Peter Pan. Vamos dar cabo da prosa do Popeye, nós três. É isso.

Alice julgou que fosse brincadeira.

— Como? — perguntou.

— Comendo — respondeu Emília. — Comendo espinafre aqui e couve moída lá. Ah, ah, ah!... — E vendo a cara de boba de Alice: — Não pense mais nisto, minha cara. É ponto liquidado. Vamos à cozinha ver o que há de bom. Tia Nastácia já deve ter uns bolinhos prontos. — E, agarrando-a pela mão, levou-a à cozinha.

Nastácia estava de fato fritando bolos. Emília fez a apresentação.

— Esta aqui, Tia Nastácia, é a famosa Alice do País das Maravilhas e também do País do Espelho, lembra-se?⁴

— Muito boas tardes, Senhora Nastácia! — murmurou Alice cumprimentando de cabeça.

— Ué! — exclamou a preta. — A inglesinha então fala nossa língua?

— Alice já foi traduzida em português — explicou Emília. — E voltando-se para a menina: — Gosta de bolinhos?

Nastácia apresentou-lhe um na ponta do garfo.

— Prove, menina bonita.

Alice devorou o bolinho, arregalando os olhos — e pediu a receita.

Nastácia riu-se.

— Receita, dou; mas a questão não está na receita, está no jeitinho de fazer. Outro dia estive cá a sogra do Nhô Teodoro e também quis a receita. Dei. Sabe o que aconteceu? Ela fez o bolinho pela receita e saiu uma borracha. Ninguém pôde comer. Ah, ah, ah! Isto de cozinhar, menina, tem seus segredos. Só mesmo para uma criatura como eu que nasci no fogão e no fogão hei de morrer...



A grande luta. Pedrinho e Peter Pan batem Popeye. Palavras do almirante para Emília.

Passados três minutos, Emília voltou para onde estavam Pedrinho e Peter Pan.

— Pronto! — disse ela. — De agora em diante vocês podem atacar o monstro. Já se passou a meia hora. Acabou o efeito do espinafre que Popeye engoliu.

— E nós já estamos sentindo o efeito do que engolimos — disse Peter Pan, e para o provar pegou uma ferradura que estava no chão e partiu-a pelo meio, rindo.

Entraram a combinar o plano de ataque.

— Eu avanço — disse Pedrinho — e desafio Popeye. Ele ri-se. Chupa o cachimbo e faz — *pu! pu!* — E nem pensa no espinafre, vendo que somos dois **crilas**. Vou eu então e assento-lhe um pé de ouvido. Você do outro lado assenta-lhe um pontapé. Popeye, então, percebendo que somos crilas especiais, volta-se para a lata de espinafre e engole a couve moída. E fica mais bambo ainda. E vou eu e...

.....
Crilas: Meninos até a puberdade.

Assim combinado o ataque, os dois meninos encaminharam-se na direção da figueira, seguidos da Emília. Enquanto isso, lá na saleta Dona Benta caçoava com o almirante.

— Tome este cafezinho — dizia ela, apresentando-lhe uma xícara. — Nada melhor do que o café para estimular os nervos e levantar o moral.

Mas o abatimento do almirante era enorme. Estava a pensar nas suas tremendas responsabilidades. Que conta iria dar ao rei? Fora escolhido como o homem de mais confiança de Sua Majestade. Graças a isso os pais de toda aquela criançada lhe entregaram os filhos. Ora, se acontecesse uma desgraça, se Popeye na sua bebedeira investisse contra as crianças e as machucasse, que contas daria ele ao rei e aos pais?

— Minha senhora — disse o pobre almirante —, acho bom telegrafarmos ao governo brasileiro pedindo a remessa imediata de tropas. Só com um batalhão bem servido de metralhadoras poderemos dar cabo desse monstro.

Dona Benta ria-se.

— Não é preciso tanta coisa, almirante! Vossa Honra não conhece o engenho de meus netos. Não há o que eles não consigam. Pois se até ao céu já foram!...

— Sei disso — respondeu o almirante. — Mas a viagem ao céu foi feita graças ao tal pó de pirlimpimpim, e a senhora mesma me disse que já o gastaram todo. Se ainda houvesse algum restinho poderia ser que...

— Eles hão de arrumar-se, almirante. Mesmo sem o pó maravilhoso hão de dar um jeitinho.

O almirante não podia compreender a calma da velha.

— Jeitinho! Jeitinho! — exclamou. — Há dez minutos que a senhora está a falar nisso. Que jeitinho? Como pode haver jeitinhos contra o colosso que acaba de destroçar os melhores homens do *Wonderland*?

Dona Benta ria-se, ria-se.

— Tome o seu café sossegado, almirante, e deixe tudo por conta da criançada. O senhor não conhece meus netos...

O almirante suspirou e assoprou.

Lá no pomar Pedrinho e Peter Pan pararam diante de Popeye.

— Amigo Popeye — começou Pedrinho —, sabemos que você é o rei dos valentes e que tem corrido mundo a escangalhar quantos inimigos aparecem. Hoje mesmo praticou uma grande façanha com o amassamento do Capitão Gancho e dos marinheiros do *Wonderland*. Foi uma aventura magnífica, não resta dúvida. Mas agora vai medir-se conosco. Prepare-se.

Popeye olhou bem para os dois crilas e nem sequer se dignou a responder. Chupou só o cachimbo — *pu! pu!...*

— Faça *pu! pu!* quanto quiser — disse Peter Pan —, porque esses *pu-pus* serão os últimos. A sova que vamos dar em você há de ser escrita em livros.

Popeye fez mais dois *pu-pus* — os últimos.

Inesperadamente Pedrinho avançou e assentou-lhe um murro no pé do ouvido; Peter Pan avançou do outro lado e deu-lhe um tremendo pontapé na barriga.

Dois golpes só, mas dois golpes de tal ordem que Popeye arregalou os olhos. Viu que tinha pela frente contendores mais perigosos que todos os marinheiros do *Wonderland*. E não quis saber de histórias — correu para a lata de espinafre escondida no oco. Tomou-a e engoliu tudo, fazendo uma careta. Esfregou a barriga e avançou contra os meninos.

Ah! Que tourada bonita! Os dois meninos espinafrados caíram de murros em cima do marinheiro encovado, como cães famintos que se lançam ao mesmo osso. Foi murro de todas as bandas, de todo jeito e de todos os calibres. Popeye virou peteca. Um soco de Pedrinho o jogava sobre Peter Pan. Vinha o soco de Peter Pan que o arremessava sobre Pedrinho. E naquele vaivém ficou Popeye por dois minutos, enquanto a criançada em redor batia palmas e gritava:

— Outro! Outro! Um murro nos queixos agora!...

Quem teve a honra de pregar o grande murro nos queixos, o murro que derruba nocaute, foi Pedrinho. Assentou um murro debaixo para cima — *baf!* Popeye deu duas voltas no ar e **aplastou-se** no chão, sem sentidos. Pedrinho

agarrou-o então por uma perna e puxou-o para junto da massa do Capitão Gancho.

.....
Aplastou-se: Abateu-se.

— Pronto! — gritou em seguida, virando-se para a criançada.

— *Cocoricocó!* — cantou Peter Pan.

Romperam palmas e vivas. Uma gritaria medonha.

— Viva Pedrinho! Viva Peter Pan!...

Quando o berreiro chegou à sala, Dona Benta sorriu e disse a Mr. Brown:

— Pronto, almirante. Popeye já está nocaute.

— Como sabe?

— Não ouve os gritos de vitória? Eu tinha certeza de que ia ser assim e por isso não me incomodei. Popeye derrotou os marinheiros do *Wonderland*, venceu o Capitão Gancho, mas com os meus netos ele se estrepou. São uns danadinhos...

Tia Nastácia apareceu nesse momento.

— Corra, sinhá! — dizia ela. — Venha ver! Seu Pedrinho e aquele outro deram uma tunda no marinheiro do *pu! pu!* que o coitado virou massa de gente. Venha ver que coisa linda, sinhá...

Dona Benta e o almirante foram ver. E viram. Viram Popeye sem sentidos, ao lado do corpo amassado do Capitão Gancho. E viram também uma coisa muito curiosa: os marinheiros do *Wonderland*, que pareciam mortos, começaram a ressuscitar. Ergueram-se e vieram fazer roda em torno das duas massas de gente.

— Que é isso? — interpelou Mr. Brown. — Não estavam mortos, então?

Um deles respondeu por todos:

— Tonteados apenas, almirante; mas, como vimos que era impossível vencer Popeye, ficamos caídos no chão, a fingir de mortos.

— Bem — disse o almirante, satisfeito de não ter perdido os seus homens.

— Levem para o navio estes dois fregueses, e, se voltarem a si, ponham-nos a ferros. A justiça inglesa os julgará.

Os marinheiros agarraram as duas massas de gente e se foram com elas para o caminhão dos sanduíches.

— *Uf!* — exclamou o velho inglês. — Que susto raspei! Nem o grande almirante **Nelson** jamais se viu numa **alhada** semelhante. Mas muito eu desejaria que a senhora me explicasse todo este mistério.

.....
Almirante Nelson: Horatio Nelson (1758-1805), oficial britânico que se destacou nas guerras napoleônicas.

Dona Benta explicou.

— Nada mais fácil, almirante. Uma simples troca de latinhas que a Emília fez. O pobre Popeye só é gente depois que ingere o tal espinafre da lata. Mas Emília trocou a sua lata de espinafre por uma de couve moída, e trouxe o espinafre para os meninos. Só isso...

— E por que a senhora não me avisou há mais tempo? Por que me fez passar por tamanhas angústias? — queixou-se o coitado.

— Para proporcionar a Vossa Honra o imenso prazer que neste momento está sentindo — respondeu a velha.

O almirante chamou Emília para receber os seus cumprimentos.

— Tudo dependeu da sua ideia, Senhora Marquesa — disse ele. — A principal coisa foi trocar a lata de espinafre pela de couve moída. Cabe-lhe, portanto, a grande honra deste memorabilíssimo feito, e estou certo de que Sua Majestade britânica saberá recompensá-la devidamente. Talvez a faça baronesa do Império.

— Prefiro que Sua Majestade britânica me mande uma caixa de latas de leite condensado — respondeu a boneca.

O maior prazer de Emília era abrir dois furos na tampa duma lata de leite condensado para escorrer o fio num prato, desenhando letras. Dois furinhos — um para a saída do leite, outro para a entrada do ar. Com um furo só o leite não sai.

Logo depois...

Notas

2. Aventura narrada no livro *Viagem ao céu*, também representado nesta coletânea.
3. Personagem do livro *Peter Pan* (contado a partir da história de J.M. Barrie, *Peter* e *Wendy*) e que reaparece em outras aventuras do Sítio.
4. Referência aos livros *Alice no país das maravilhas* (1865) e *Alice no país do espelho* (1871), de Lewis Carroll. Monteiro Lobato, que era também tradutor, trouxe para o português a primeira história.



A reforma da
natureza



A reforma da natureza

Quando a guerra da Europa terminou, os ditadores, reis e presidentes cuidaram da discussão da paz. Reuniram-se num campo aberto, sob uma grande barraca de pano, porque já não havia cidades: todas haviam sido arrasadas pelos bombardeios aéreos. E puseram-se a discutir, mas por mais que discutissem não saía paz nenhuma. Parecia a continuação da guerra, com palavrões em vez de granadas e **perdigotos** em vez de balas de fuzil.

.....
Perdigotos: Gota pequena de saliva.

Foi então que o **Rei Carol** da Romênia se levantou e disse:

.....
Rei Carol: Rei Carol (1893–1953), quarto rei da Romênia.

— Meus senhores, a paz não sai porque somos todos aqui representantes de países e cada um de nós puxa a brasa para a sua sardinha. Ora, a brasa é uma só e as sardinhas são muitas. Ainda que discutamos durante um século, não haverá acordo possível. O meio de arrumarmos a situação é convidarmos para esta conferência alguns representantes da humanidade. Só essas criaturas poderão propor uma paz que satisfazendo a toda a humanidade também satisfaça aos povos, porque a humanidade é um todo do qual os povos são as partes. Ou melhor: a humanidade é uma laranja da qual os povos são os gomos.

Essas palavras profundamente sábias muito impressionaram aqueles homens. Mas onde encontrar criaturas que representassem a humanidade e não viessem com as mesquinhas das que só representam povos, isto é, gomos da humanidade?

O Rei Carol, depois de cochichar com o **General de Gaulle**, prosseguiu no seu discurso.

.....
General de Gaulle: Charles de Gaulle (1890-1970), militar de carreira, liderou a resistência depois que a França foi invadida pelos alemães em 1940. Foi presidente da França de 1959 até 1969.

— Só conheço — disse ele — duas criaturas em condições de representar a humanidade, porque são as mais humanas do mundo e também são grandes estadistas. A pequena república que elas governam sempre nadou na maior felicidade.

Mussolini, enciumado, levantou o queixo.

— Quem são essas maravilhas?

— Dona Benta e Tia Nastácia — respondeu o Rei Carol —, as duas respeitáveis matronas que governam o Sítio do Picapau Amarelo, lá na América do Sul. Proponho que a Conferência mande buscar as duas maravilhas para que nos ensinem o segredo de bem governar os povos.

— Muito bem! — aprovou o **Duque de Windsor**, que era o representante dos ingleses. — A duquesa me leu a história desse maravilhoso pequeno país, um verdadeiro paraíso na Terra, e também estou convencido de que unicamente por meio da sabedoria de Dona Benta e do bom senso de Tia Nastácia o mundo poderá ser consertado. No dia em que o nosso planeta ficar inteirinho como é o sítio, não só teremos paz eterna como a mais perfeita felicidade.

.....
Duque de Windsor: Duque de Windsor (1894-1972), filho e sucessor do rei Jorge V da Grã-Bretanha, subiu ao trono como Eduardo VIII, em 1936. Abdicou da coroa naquele mesmo ano e recebeu o título de Duque de Windsor.

Os grandes ditadores e os outros chefes da Europa nada sabiam do sítio. Admiraram-se daquelas palavras e pediram informações. O Duque de Windsor começou a contar, desde o começo, as famosas brincadeiras de Narizinho, Pedrinho e Emília no Picapau Amarelo. O interesse foi tanto que pouco depois todos aqueles homens estavam sentados no chão, em redor do duque, ouvindo as histórias e lembrando-se com saudades do bom tempo em que haviam sido crianças e, em vez de matar gente com canhões e bombas, brincavam na maior alegria de esconde-esconde e chicote-queimado. Comoveram-se e aprovaram a proposta do Rei Carol.

Eis explicada a razão do convite a Dona Benta, Tia Nastácia e o Visconde de Sabugosa para irem representar a humanidade e o bom senso na Conferência da Paz de 1945.

Com grande naturalidade Dona Benta aceitou o convite e deliberou seguir com todo o seu pessoalzinho — menos a Emília. Emília recusou-se a

partir porque estava com a ideia que lhe veio pela primeira vez quando ouviu a fábula do “Reformador da Natureza”. Fazia já meses que Dona Benta havia contado essa fábula assim:

O Reformador da Natureza

Américo Pisca-Pisca tinha o hábito de botar defeito em todas as coisas. O mundo para ele estava errado e a Natureza só fazia tolices.

— Tolices, Américo?

— Pois então?!... Aqui neste pomar você tem a prova disso. Lá está aquela jabuticabeira enorme sustendo frutas pequeninas e mais adiante vejo uma colossal abóbora presa ao caule duma planta rasteira. Não era lógico que fosse justamente o contrário? Se as coisas tivessem de ser reorganizadas por mim, eu trocaria as bolas — punha as jabuticabas na abóboreira e as abóboras na jabuticabeira. Não acha que tenho razão?

E assim percorrendo Américo provou que tudo estava errado e só ele era capaz de dispor com inteligência o mundo.

— Mas o melhor — concluiu — é não pensar nisso e tirar uma soneca à sombra destas árvores, não acha?

E Américo Pisca-Pisca, pisca-piscando que não acabava mais, estirou-se de papo para cima à sombra da jabuticabeira.

Dormiu. Dormiu e sonhou. Sonhou com o mundo novo, inteirinho reformado pelas suas mãos. Que beleza!

De repente, porém, no melhor do sonho, *plaf!*, uma jabuticaba cai do galho bem em cima do seu nariz.

Américo despertou de um pulo. Piscou, piscou. Meditou sobre o caso e afinal reconheceu que o mundo não estava tão malfeito como ele dizia. E lá se foi para casa, refletindo:

— **Que espiga!**... Pois não é que se o mundo tivesse sido reformado por mim a primeira vítima teria sido eu mesmo? Eu, Américo Pisca-Pisca, morto pela abóbora por mim posta em lugar da jabuticaba? Hum!... Deixemo-nos de reformas. Fique tudo como está que está tudo muito bom.

.....
Que espiga: Que chato.

E Pisca-Pisca lá continuou a piscar pela vida em fora, mas desde então perdeu a cisma de corrigir a Natureza.



Ao ouvirem Dona Benta contar essa fábula todos concordaram com a moralidade, menos Emília.

— Sempre achei a Natureza errada — disse ela — e depois de ouvir a história do Américo Pisca-Pisca, acho-a mais errada ainda. Pois não é um erro fazer um sujeito pisca-piscar? Para que tanto “pisco”? Tudo que é demais está errado. E quanto mais eu “estudo a Natureza” mais vejo erros. Para que tanto beijo em Tia Nastácia? Por que dois chifres na frente das vacas e nenhum atrás? Os inimigos atacam mais por trás do que pela frente. E é tudo assim. Erradíssimo. Eu, se fosse reformar o mundo, deixava tudo um encanto, e começava reformando essa fábula e esse Américo Pisca-Pisca.

A discussão foi longe naquele dia; todos se puseram contra a reforma, mas a teimosa criaturinha não cedeu. Berrou que tudo estava errado e que ela *havia* de reformar a Natureza.

— Quando, marquesa? — perguntou ironicamente Narizinho.

— Da primeira vez em que me **pilhar** aqui sozinha.

.....
Pilhar: Encontrar.

Aparece a Rã

Essa ocasião havia chegado. Ao saber que Dona Benta recebera convite dos chefes da Europa para ir arrumar o pobre continente, Emília deu um pulo de gosto e, já com a ideia da reforma da Natureza na cabeça, declarou que não ia.

— Não vai como, Emília? — disse Dona Benta. — Acha que posso deixar você sozinha aqui?

Emília disfarçou a verdadeira razão de ficar. Declarou que não ia para evitar escândalos na Conferência da Paz.

— Sim — disse ela —, se eu for não é para ficar dormindo no hotel, não! Também hei de querer tomar parte na Conferência — e tenho umas tais verdades a dizer aos tais ditadores que a senhora nem imagina. E fatalmente sai “**fecha**”. Vira escândalo. É isso que quero evitar.

.....
Fecha: Confusão.

Dona Benta ficou pensativa, e foi à cozinha consultar Tia Nastácia. Encontrou-a areando o tacho para fazer goiabada.

— Nastácia — disse ela —, Emília encrencou. Quer ficar. Diz que se for à Conferência sai fecha com os ditadores e haverá um grande escândalo internacional — e estou com medo disso. Tenho horror a escândalos.

— E sai fecha mesmo, Sinhá. Depois daquela história da chave do tamanho,⁵ Emília ficou prepotente demais. Não atura nada. Dá escândalo mesmo, sinhá, e é até capaz de estragar o *nosso* trabalho por lá. Pedrinho me contou que aquilo nas Europas está pior que quarto de badulaque quando a gente procura uma coisa e não acha. Tudo de perna para o ar, disse ele. Tudo sem cabeça, espandongado. A nossa serviceira vai ser grande, Sinhá, e com a Emília atrapalhando, então, é que não fazemos coisa que preste. Minha opinião é que ela fique.

— Mas ficar sozinha aqui, Nastácia?

— Fica com o Conselheiro e o Quindim — que mais a senhora quer? Juízo eles têm para dar e vender — e ainda sobra. Eu converso com o Conselheiro e explico tudo.

Dona Benta pensou, pensou e afinal se convenceu de que Tia Nastácia tinha razão. Controlada pelo Conselheiro e defendida pelo Quindim, que mal havia em Emília ficar?

E Emília ficou.

Narizinho, porém, que era a que mais conhecia a Emília, não deu crédito àquele pretexto de não ir para não dar escândalo.

— Isso é história dela, vovó! Emília até gosta de escândalo. Quer ficar sozinha eu sei para que é — para sapecar à vontade, fazer alguma coisa ainda mais maluca do que aquela da chave do tamanho. Eu, se fosse a senhora, não a deixava aqui sozinha.



Mas Dona Benta era a democracia em pessoa: jamais abusou da sua autoridade para oprimir alguém. Todos eram livres no sítio, e justamente por essa razão nadavam num verdadeiro mar de felicidade. Emília recusava-se a ir? Pois então que não fosse. Como forçá-la a ir? Com que direito? E que adiantaria ir a contragosto, emburrada? E Emília teve licença para ficar.

Isso foi na própria manhã da vinda do convite. Um mês depois chegava a comissão incumbida de levar Dona Benta. Essa comissão veio no único navio ainda existente no mundo. Todos os outros estavam repousando no fundo dos mares, vítimas dos submarinos e torpedos aéreos. Dona Benta arrumou as malas, vestiu o seu vestido de gorgorão amarelo do tempo de **D. Pedro II**, mandou que Tia Nastácia pusesse a saia nova de pintinhas verdes e lá foram as duas para bordo do navio. Pedrinho e Narizinho acompanhavam a ilustre vovó na qualidade de netos; e o visconde, com uma gorda pasta de ciência debaixo do braço, seguia na qualidade de Consultor Científico.

.....
D. Pedro II: Pedro II (1825-1891), segundo e último imperador do Brasil. Lobato, aos seis anos, o conheceu por ocasião de uma visita de Dom Pedro ao seu avô, Visconde de Tremembé.

Emília, o Conselheiro e Quindim estiveram presentes ao bota-fora na porteira, e ouviram as últimas recomendações de Tia Nastácia sobre as galinhas, os porquinhos de ceva e uma ninhada de pintos que já estavam bicando.

— Não se ponham a ajudar os pintinhos a sair da casca senão eles morrem — disse ela. — Pinto sabe muito bem se arrumar sozinho. E não esqueçam de molhar as mudinhas de couve lá na horta.

Ouvindo aquelas recomendações tão sensatas, os homens da comissão entreolharam-se, como quem diz: “Com pessoas de tão belo espírito prático, e tão cuidadosas de tudo, a Conferência vai ser um verdadeiro triunfo para a humanidade” (e não erraram).

Assim que se pilhou sozinha, Emília correu à máquina de escrever e bateu uma carta para uma menina do Rio de Janeiro com a qual andava já de algum tempo se correspondendo e planejando “coisas”.



Querida Rã:

Estou só — só-só-ró-só-só! Todos foram para a Europa arrumar aqueles países mais amarrotados do que latas velhas e agora preciso que você venha passar uma temporada aqui. Você é das minhas: das que não concordam. Podemos realizar aquele nosso plano de reforma da Natureza. O Américo Pisca-Pisca era um bobo-alegre. Reformou a Natureza como o nariz dele, e foi pena que a abóbora do sonho não lhe esmagasse a cabeça de verdade. Seria um bobo de menos no mundo. Nós faremos uma reforma muito melhor. Primeiro reformamos as coisas aqui do sítio. Se der certo, o mundo inteiro adotará as nossas reformas. Sua mãe não há de querer que você venha. É “adulta” e os tais adultos são uns Américos Pisca-Piscas. Mas você vem assim mesmo. Cheire meia pitada desse pó que vai no saquinho de papel — só meia, senão em vez de parar aqui você vai parar não sei onde. Eles partiram esta manhã e eu já estou me sentindo muito “tênia”...



(Depois que Emília soube que “solitária” era sinônimo de “tênia”, passou a empregar a palavra “tênia” em vez de “solitária”. “Não é gramatical”, dizia ela, “mas é mais curto.”)

A Rã, assim chamada por causa da sua magreza de menina de 11 anos, era emilíssima, das que não concordam mesmo. Assim que leu a carta, deu dez pinotes e tratou de dividir o pó do saquinho em duas partes “bissolutamente” iguais. Por influência da Emília ela andava usando a palavra “absolutamente” dita dessa maneira. Antes de reformar a Natureza, Emília já havia feito várias reformas na língua.

— Que está fazendo aí, menina? — perguntou a mãe da Rã, ao vê-la dividindo o misterioso pó.

— Estou “bi” o que leva e trás para que me leve e traga — respondeu ela em linguagem da **pitonisa de Delfos** (na língua emiliana “bi” queria dizer “dividir em dois”).

.....
Pitonisa de Delfos: Na Grécia Antiga, a pitonisa era a mulher que previa o futuro.

A boa senhora está claro que não entendeu coisa nenhuma, mas como já estava acostumada às respostas enigmáticas da filha, deu um suspiro e foi cuidar de outra coisa.

A Rãzinha cheirou o pó, de acordo com as instruções da carta. Imediatamente seus olhos se fecharam e em seus ouvidos cantou o célebre *fiunn!*. Instantes depois sentiu-se largada no chão. Abriu os olhos: um terreiro! Só podia ser o terreiro do sítio.

Mas não viu ninguém. A casa, fechada. No ar, só dois sons; um ronco que devia ser do Quindim na soneca do costume e um barulho de mastigação com jeito de ser Rabicó.

Ainda sentada e tonta, a menina gritou:

— Emília! Emilinha! Emiloca!...

O passarinho-ninho

A resposta foi um “Aqui!” vindo do pomar. Correndo no rumo da voz, a menina encontrou Emília tão entretida com um passarinho que nem sequer a olhou. Estava *afundando* as costas dum tico-tico. Todos os passarinhos têm costas “convexas”, isto é, arredondadas para cima. Emília estava fazendo um passarinho de costas “côncavas”, isto é, com um afundamento redondo nas

costas. A Rã ficou a olhar para aquilo sem entender coisa nenhuma, até que Emília explicou.

— Estou fazendo o *passarinho-ninho*. A boba da Natureza arruma as coisas às tontas, sem raciocinar. Os passarinhos, por exemplo. Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores. Haverá maior perigo? Os ovos e os filhotes ficam sujeitos à chuva, às cobras, às formigas, às ventanias. O ano passado deu por aqui um pé de vento que derrubou o ninho deste tico-tico, ali da minha pitangueira — e lá se foram três ovos tão bonitinhos, todos sardentinhos. E mais uma vez me convenci da “tortura” das coisas. Comecei a reforma da Natureza por este passarinho.

A Rã não entendeu que reforma era aquela e perguntou:

— Para que esse afundamento aí nas costas do tico-tico?

— Pois é o ninho — respondeu Emília. — Faço o ninho dele aqui nas costas e pronto. Para onde ele for, lá vão também os ovos ou os filhotes — e não há perigo de cobra, nem de ventania, nem de chuva.

— De chuva há — disse a Rãzinha. — Nos ninhos em árvores a fêmea está sempre em cima dos ovos. Mas aí...

Emília fez um muxoxo de superioridade.

— Já previ todas as hipóteses — disse ela. — Faço a caudinha dele bem móvel, de modo que possa virar para trás e cobrir os ovos quando for preciso, como se fosse um telhadinho.

A Rã deu-se por satisfeita e com a maior atenção acompanhou o preparo do primeiro passarinho-ninho do mundo.

— Pronto! — exclamou Emília por fim. — Faltam só os ovos. Corra ali e me traga o tico-tico fêmea que está na gaiola.

A Rã foi e trouxe o passarinho. Emília pegou-o com muito jeito e espremeu-o de modo que saíssem três ovinhos sardentos, os quais depositou com muito cuidado no ninho de penas feito nas costas do tico-tico macho — e soltou os dois, *prrrr!*...

Emília estava radiante.

— Lá se foram! — exclamou. — Acabaram-se as inquietações, os medos de cobra, formiga ou vento. E também se acabou o desaforo de todo o trabalho de botar e chocar os ovos caber só à fêmea. Os homens sempre abusaram das mulheres. Dona Benta diz que nos tempos antigos, e mesmo hoje entre os selvagens, os marmanjos ficam no macio, pitando nas redes, ou só se ocupam dos divertimentos da caça e da guerra, enquanto as pobres mulheres fazem toda a trabalhadeira, e passam a vida lavando e cozinhando e varrendo e aturando os filhos. E se não andam muito direitinhas, levam pau no lombo. Os machos sempre abusaram das fêmeas, mas agora as coisas vão mudar. Este tico-tico, por exemplo, tem que tomar conta dos ovos. A fêmea fica com o trabalho de botá-los, mas o macho tem que tomar conta deles.



— Mas assim os ovos não chocam — objetou a Rãzinha. — Para que choquem é preciso que as fêmeas fiquem uma porção de dias sentadas sobre eles. As galinhas levam vinte e um dias no choco.

— Já “previ a hipótese” — disse Emília — e reformei esse ponto. No meu sistema de passarinho-ninho quem choca não é a fêmea e sim o sol, como acontece com os ovos dos jacarés, tartarugas, lagartixas e cobras.

— E quando não houver sol? Às vezes passam-se dias sem o sol aparecer.

— Nesse caso os ovos que tenham paciência e esperem que o sol apareça. Para que pressa?

A Rã não teve mais nada a dizer. Estava certo. Só então é que Emília se lembrou de cumprimentá-la e saber como iam todos lá da casa. Também lhe examinou as mãos para ver se as unhas estavam de luto. E fê-la voltar-se de perfil e de costas, e dar três pulos. Era a primeira vez que as duas se encontravam pessoalmente.

— Estou gostando do seu físico — disse Emília no fim do exame. — Tive medo de que não correspondesse à ideia que fiz. Muitas vezes a gente

imagina uma pessoa e sai o contrário. Gostei muito da sua última carta sobre a reforma das cidades e das gentes. Adoro você, Rã, porque você não concorda.

— Ah, não concordo mesmo! — exclamou a Rãzinha. — Vivo não concordando. Em nós, gente, por exemplo, quanta coisa errada! Por que dois olhos na frente e nenhum na nuca? Eu, se fosse reformar as criaturas, punha um olho na testa e outro na nuca. Desse modo eu dobrava a segurança das criaturas.



— Pois eu aumentava o número de olhos — disse Emília. — Por que dois só? Assim como temos dez dedos podíamos ter dez olhos. Eu punha quatro na cabeça, ao norte, sul, leste e oeste. Eu punha dois nos dedões dos pés, para evitar as topadas. Outro dia Pedrinho deu uma topada num tijolo que quase arrancou a unha. Com um olho em cada dedão não há perigo de topadas — nem de espinhos e estrepes. E eu também dava olhos a cada dedo minguinho. O minguinho é um verdadeiro vagabundo nas mãos. Não faz nada. Fica o tempo todo assistindo ao trabalho dos outros. Ora, se o “mingo” tivesse um olhinho na ponta, podia prestar bons serviços. Às vezes a gente quer enxergar numa cova de dente ou ver se há cera no ouvido e não pode. Com o olho do “mingo”, nada mais fácil.

— E esse olho do minguinho — ajuntou a Rã — podia ser como os microscópios, capaz de enxergar coisinhas invisíveis aos olhos comuns. Mas haveria um inconveniente, Emília. As mãos lidam com tudo, trabalham muito, e esses olhos do minguinho haviam de viver se enchendo de cisco ou se arranhando — e que dor!

— Nada mais fácil do que evitar isso — lembrou Emília. — Basta que usem dedaizinhos. Ficam cobertos quando não tiverem o que fazer. Mas por enquanto não podemos reformar gente, porque não há gente aqui. Todos os humanos do sítio foram para a Europa.

— E Rabicó?

— Esse é desumano e quadrupedíssimo. Já pensei muito na reforma de Rabicó. Podemos transformá-lo em bípede e...

— E acabar com aquela mania de comer tudo quanto encontra — continuou a Rã. — Eu faria assim: no focinho punha uma espécie de ratoeira, sempre armada; quando ele avançasse num doce ou em qualquer coisa séria, como aquela coroa do casamento de Narizinho, a ratoeira desarmava e segurava-lhe o focinho. E também dava-lhe pernas de tartaruga, para que não pudesse fugir quando Pedrinho o perseguisse com o bodoque.

Emília olhou para a Rã com ar desconfiado. Aquelas ideias pareceram-lhe absurdas. A ratoeira impediria Rabicó de comer não só cocadas e coroinhas como tudo mais, e ele morreria de fome.

— “Bissurdo”, Rã! — disse ela. — A sua ratoeira acabava matando Rabicó e Dona Benta ficava danada.

— Você não me entendeu, Emília. A ratoeira só funcionaria quando ele quisesse comer coroinhas. Para abóbora, milho, mandioca e o resto, não.

— Mas como a ratoeira podia saber quando era coroinha?

— Pelo cheiro. Eu punha um bom nariz na ratoeira.

Emília olhou para a Rã com o rabo dos olhos. Aquela menina estava com jeito de ser maluca... Apesar disso encarregou-a de reformar Rabicó. A Rã mudou de assunto.

— Na carta que você me escreveu, Emília, encontrei a palavra “bissolutamente” em vez de “absolutamente” e agora você disse “bissurdo”

em vez de “absurdo”. Está reformando as palavras também?

— Ainda não, mas já pensei nisso. Por enquanto me limito a cortar uma ou outra letra com a qual me implico. O “a” de certas palavras me obriga a abrir muito a boca — e meu queixo pode cair, como o da filha de Nhá Veva. Experimente dizer “absurdo” sem abrir a boca.

A Rã experimentou e não conseguiu, mas “bissurdo” ela disse quase de boca fechada.

— Pois aí está! — tornou Emília. — Tudo errado, até o “a” de certas palavras. O mundo é uma grande trapalhada. Para que, por exemplo, caudinha em Rabicó? Na Vaca Mocha a cauda tem razão de ser — serve para espantar as moscas. É um espanador. Mas em Rabicó? Para que serve aquele caracolzinho pelado?

— Para enfeite do fim — lembrou a Rã.

— Que fim?

— O fim de Rabicó. Todos os fins têm caudinhas. É o remate. Mamãe diz que é feio comer e deixar o prato limpo, ou beber um cálice de licor sem deixar um bocadinho no fundo. São caudinhas. São os enfeites da boa educação.

Emília estava cada vez mais desconfiada da Rãzinha. Parecia a Alice do País das Maravilhas. Só vinha com disparates. E disse:

— Enfeites são inutilidades. Não quero saber de enfeites nas minhas reformas. Tudo há de ter uma razão científica. Aquela ideia da carta sobre a reforma do Quindim me pareceu maluca. Acho que você quer *brincar* com a Natureza, menina. Eu quero corrigir a Natureza, quero melhorá-la, entende? Não se trata de nenhuma brincadeira. Negócio sério. Aí está a diferença entre nós. Na última carta você falou em substituir o couro do Quindim por um veludo. Isso é asneira.

— Mas que necessidade tem Quindim dum couro duríssimo, aqui no Picapau Amarelo, onde não há espinhos africanos?

— Concordo. Poderá ter um couro mais fino, assim como a camurça; mas de veludo, Rã, é demais. Às vezes penso que você está sabotando a minha ideia de reforma da Natureza...

Reforma da Mocha

Por muito tempo ficaram as duas conversando sobre reformas e mais reformas e, como estivessem debaixo da jabuticabeira, iam falando e comendo as deliciosas frutas. Em certo momento Emília disse:

— Esta jabuticabeira, por exemplo. Não acha que é uma vergonha uma árvore deste tamanho dar frutinhas tão pequenas? E no entanto temos lá na horta um pé de abóbora que dá abóboras enormes e é um pé que nem é pé de coisa nenhuma — não passa dum talinho mole que se esborracha quando a gente pisa em cima. Vou mudar. Vou botar as jabuticabas no pé de abóbora e as abóboras na jabuticabeira.

— Mas isso foi o que o Américo Pisca-Pisca fez — alegou a Rã — e o sonho lhe abriu os olhos.

— É que o bobo foi dormir debaixo da jabuticabeira — e sabe para quê? Para que a fábula ficasse bem-arranjadinha. O fabulista era um grande medroso; queria fazer uma fábula que desse razão ao seu medo de mudar — e inventou essa história do sono do Américo debaixo da jabuticabeira. Já reformei essa fábula.

— Como?

— Fazendo que o Américo não dormisse debaixo de árvore nenhuma e o La Fontaine ficasse sem jeito de rematar a fábula. Deixei só um pedaço de fábula. Uma fábula inacabada, como aquela sinfonia famosa. E sem moralidade.

— Fábula sem moralidade é fábula imoral — disse a Rã. — É fábula rabicó, sem rabo. Não presta.

— Não presta o seu nariz — respondeu Emília e foi fazer as reformas.

As abóboras ficaram muito sem jeito e desapontadas ao se verem penduradas dos galhos daquela árvore enorme, e as jabuticabas danaram de ir para o chão, presas a uns talos molengos e sempre encostados à terra. O que lhes valeu foi serem envernizadinhas; do contrário se sujavam de pó; mesmo assim ficaram com cara de nojo, a suspirar de saudades dos antigos galhos.

A Rã assistia às mudanças e ia dando opiniões.

— As laranjas — disse ela —, eu as faria crescer com uma faquinha dentro. Quantas vezes temos uma laranja na mão e não há faca perto?

— Muito melhor fazer as laranjas nascerem já descascadas — lembrou Emília. — Para que casca? Só serve para sujar de sumo a mão da gente.

E assim foi feito. Todas as laranjas do pomar tiveram de “ficar em pelo”, muito envergonhadas, com os gomos à mostra, e só nos galhos mais baixos. O chão encheu-se de tantas cascas que Rabicó se aproximou, farejando.

A Rãzinha, que ainda não conhecia o famoso marquês, regalou-se de olhá-lo.

— Como está gordinho e lustroso, Emília! É ainda marquês?

— Que remédio? — berrou Emília. — Título é como apelido: quando agarra uma criatura não larga mais. Aqui nas vizinhanças temos um negro de setenta anos que tem o apelido de Tadinho. Sabe por quê? Porque quando nasceu todos começaram a tratá-lo de “Coitadinho” — depois “Tadinho” — e ficou Tadinho toda a vida, um negrão daqueles...

— Mas você, Emília, parece que nem mais se lembra de que é marquesa, não?

— Às vezes me lembro, mas sem prazer nenhum. Que gosto ser marquesa de um marquês assim? Meu sonho você bem sabe qual é...

— Sei — é ser mulher dum grande pirata, para mandar num navio. Por que então não se casa com o Capitão Gancho?

— Que ideia! — exclamou Emília. — Não há pirata que mais desmoralize a classe do que esse. Primeiro não tinha um braço e agora nem navio tem. A sua *Hiena dos Mares* virou *Beija-Flor das Ondas*,⁶ como você bem sabe — e hoje é de Pedrinho. Eu queria casar-me com um daqueles grandes piratas dos tempos do ouro do Peru, aqueles que atacavam os galeões espanhóis em pleno mar, com as facas atravessadas nos dentes. Há um, chamado Morgan, que me servia. Também já pensei num pirata submarino, mas desisti. Submarino me dá falta de ar.

Rabicó apenas cheirou as cascas das laranjas. Só gostava de casca com gomos dentro.

— E a Vaca Mocha? — perguntou a Rã. — Vai reformá-la também?

— Claro que sim — e já. Acompanhe-me.

Lá se fôram as duas para o pastinho da Mocha, que estava pachorrentamente mascando umas palhas de milho. Ficaram diante dela, de mãos à cintura, discutindo a reforma.



— Eu mudava o depósito de leite — disse a Rãzinha. — Punha torneirinha nas tetas para evitar o que hoje acontece: para tirar o leite os vaqueiros apertam as tetas com as suas mãos sujíssimas — uma porcária. Com o sistema de torneira essas mãos não tocam nas tetas.

Emília deu uma risada gostosa.

— Que bobagem! Bem se vê que você é menina do Rio de Janeiro. Pois não sabe que a função das tetas é dar leite aos bezerros? Como pode um bezerrinho mamar em torneiras?

— Ensinávamos os bezerros a abrir as torneiras.

— Não — declarou Emília. — Muito complicado. Na Mocha quero umas reformas úteis para ela mesma e não para as criaturas que a exploram. Vou pôr a cauda da Mocha bem no meio das costas, porque assim como está só alcança metade do corpo. Como pode a coitada espantar as moscas que lhe sentam no pescoço se o espanador só chega às costelas? Tudo errado...

E plantou a cauda da Mocha no meio das costas de modo que pudesse espantar as moscas do corpo inteiro: norte, sul, leste, oeste. E passou as tetas

para os lados, metade à esquerda, metade à direita.

— Assim podemos tirar leite de um lado enquanto o bezerrinho mama do outro. Reforma não é brincadeira. Precisa ciência.

— Ótimo! — concordou a Rã. — E podemos botar torneirinhas nas tetas do lado direito — para serviço dos leiteiros. As do lado esquerdo ficam como são — para uso dos bezerrinhos.

Emília aprovou a ideia. Depois passaram a considerar os chifres.

— Toda vaca de respeito tem chifres — disse Emília —, menos esta coitada, que é mocha. Vou dar-lhe chifres compridos, mas sem ponta aguda.

A Rã lembrou que os esgrimistas usam floretes com um chumaço na ponta. Podiam dar à Mocha dois chifres pontudos, mas com chumaço na ponta. Emília aperfeiçoou imediatamente a ideia.

— Em vez de chumaço, Rã, podemos espetar nas pontas uma bola de borracha maciça — uma bola “tirável”, isto é, que possa ser tirada de noite.

— Para quê?

— Para que ela possa defender-se de algum ataque noturno. Os chifres são a única defesa dela, coitada.

— Mas que perigos noturnos há por aqui?

— O das onças, minha cara. Tio Barnabé diz que uma antepassada desta Mocha foi comida por uma onça.

De dia a Mocha pode usar a bola porque as onças só atacam durante a noite.

E a Mocha foi armada de dois esplêndidos chifres elegantemente retorcidos como saca-rolhas, com duas bolas maciças nas pontas — bolas “tiráveis”.

O pelo da vaca também sofreu reforma. Ficou macio como pelúcia e furta-cor.

Estavam ocupadas na reforma da Mocha, quando passou por cima delas uma linda borboleta-azul.

Borboletas, moscas e formigas

Emília esqueceu a vaca e saiu correndo atrás da borboleta, a gritar: “Dessa não tenho ainda!” Mas não conseguiu pegá-la; cansadinha da corrida, explicou:

— Estou fazendo uma bela coleção de borboletas e dessas azuis não consigo. São das mais ariscas. Temos também de reformar as borboletas.

— Impossível, Emília! — gritou a Rã. — Tudo nelas é tão bem-feito, tão direitinho e lindo, que qualquer reforma as estraga.

— Minha reforma das borboletas — explicou Emília — não é na beleza delas e sim no gênio delas. Quero que se tornem “pegáveis”, como os besouros. Já reparou que besouro não foge da gente? Mansíssimos. Mas as borboletas, sobretudo destas azuis, são umas pestes de tão ariscas. Quando descubro uma sentada e me aproximo, ela “bota-se”!

E as borboletas-azuis foram reformadas, ficando mansinhas como besouros.

— E as moscas? — perguntou a Rã.

— As moscas — respondeu Emília — vão ficar sem asas, porque são uns bichinhos inúteis e incômodos. Sem asas terão de andar pela terra, como as formigas, e num instante as formigas dão cabo de todas. Para que moscas no mundo? Suprimindo as asas, liquidaremos com as moscas.

— E os pernilongos também?

— Está claro. Esses ainda são piores, porque transmitem moléstias e fazem Dona Benta gastar muito dinheiro com Flit. O visconde diz que a febre amarela, a malária e outras doenças são transmitidas pelos pernilongos. Corto-lhes as asas e adeus pernilongos, adeus, febre amarela, adeus, malária...

A Rã alegou que isso vinha diminuir a música que há no mundo, porque os pernilongos cantam a música do Fiun, e propôs outra reforma:

— Em vez de suprimir as asinhas deles, podemos fazer que percam o gosto pelo sangue e aprendam outras músicas além do *Fiun*. Poderão alimentar-se de água açucarada, ou mel das flores. E podemos fazer gaiolinhas minúsculas, de fios de cabelo, do tamanho de caixas de fósforos, para termos em casa pernilongos cantores. Seria uma galanteza. Um freguês chega a uma loja e pede: “Quero um pernilongo na gaiola, dos bons.” E o caixeiro traz várias gaiolinhas para ele escolher, todas com um cantor do Fiun dentro. Mas acho os pernilongos pequenos demais. Eu os faria assim do tamanho de camundongos.

— Oh, não! — protestou Emília. — Sou inimiga do tamanho. Acho que as coisas, quanto mais se aperfeiçoam, menores ficam.

A conversa cai sobre o tamanho. Emília contou vários episódios do tempo em que ela destruiu o tamanho das criaturas humanas, como está contado na *Chave*.

— O tamanho, Rã, é a tolice das tolices, coisa inútil, que só serve para atrapalhar. Se dentro duma formiguinha cabem todos os órgãos necessários à vida — coração, cérebro, pulmões e o mais — e se pequeninhas como são elas se arranjam tão bem no mundo, por que motivo um tamanhão como o do Quindim, por exemplo? Se os homens fossem do tamanho de pulgas seriam mais felizes. A desgraça dos homens está no tamanho. O Coronel Teodorico tem quase dois metros de altura e pesa cem quilos. Mas que adianta? Não escora uma discussão com o visconde, que pesa menos de meio quilo e só tem dois palmos de altura. Quando uma coisa começa a aperfeiçoar-se, vai

perdendo o tamanho. Aqueles animalões de antigamente — os brontossauros, por exemplo. Por que desapareceram? Porque eram grandes demais. Não havia comida que chegasse. Hoje há poucos animais muito grandes, e parece que todos vão diminuindo. Já o número dos pequenos aumenta. Só de micróbios há milhões. Aqui no sítio nós fizemos guerra ao tamanho e empacamos. Ninguém cresce. Pedrinho e Narizinho estão parados há anos — como Peter Pan.

A Rã ficou triste e confessou que estava crescendo. Cada ano sua estatura aumentava e ela também aumentava de peso. Emília resolveu o caso:

— Pois pare. Faça como eu. Faça como o visconde. Os mamíferos estão diminuindo de tamanho. Você é mamífera. Dona Benta contou que no começo eram quase todos enormíssimos e hoje estão bem menores. E os que teimam em ficar grandes levam a breca. Por que os homens andam a matar-se de todos os jeitos nas guerras? Por causa do tamanho. Se ficassem pequeninhos como os pulgões, todos viveriam na maior abundância e sem guerras. Dona Benta diz que a causa das guerras é a falta de comida. Um homem como o Coronel Teodorico come uns dois ou três quilos de coisas por dia. Se fosse do tamanho duma pulga contentava-se com iscas de coisas. O que ele come num dia dá para alimentar um milhão de formigas por um mês. Se Dona Benta e Tia Nastácia não conseguirem harmonizar os homens lá na Europa, eles continuarão a matar-se nas guerras até não ficar nem um só para remédio.

— E se acontecer isso, quem você acha que vai tomar conta do mundo? — perguntou a Rã.

— As formigas, disso não tenho a menor dúvida. São inteligentíssimas. A ideia delas, de fazerem suas cidades no fundo da terra, é a melhor ideia que existe. Só com isso já escapam de mil coisas, de cem mil perigos — até dos bombardeios aéreos. Que é que os homens fazem para se libertar dos bombardeios? Imitam as formigas — afundam pela terra adentro. Nas zonas arrasadas pela guerra não ficou animal nenhum — mas as formigas ficaram. Só elas — imagine que beleza!

— Mas as formigas me parecem atrasadas em muitos pontos — tornou a Rã. — Nem asas têm...

— Como não têm? Têm quando querem. No tempo da “ovação” o céu fica cheio de formigas de asas. Depois descem para abrir buraquinhos e pôr os ovos, e a primeira coisa que fazem é sacudir o corpo e derrubar as asas. No mês de outubro vejo muito disso por aqui.

A Rã ficou pensativa.

— Por que será que elas derrubam as asas, uma coisa tão preciosa?

— Porque só precisam de asas numa ocasião, quando sobem, bem, bem alto, em outubro, a fim de captarem as vitaminas do sol para os ovos. Depois que descem e abrem os buraquinhos já não precisam de asas. Iriam atrapalhá-las lá dentro.

— Mas deve ser muito escuro nos formigueiros — observou a Rã. — Eu gosto muito de luz, muita luz, só luz.

— Que engano! — exclamou Emília. — Você passa nove horas por dia de olhos fechados, dormindo, por quê? Para não ver a luz. Luz só, o tempo inteiro, cansa, atordoa a gente. As formigas usam o escuro à vontade. Quando saem dos formigueiros, regalam-se de luz; quando se recolhem, regalam-se de escuro. Isso é que é saber viver. Só luz é tão horrível como só escuro. Por isso é que há a Noite e o Dia.

— E que reforma você pretende fazer nas formigas, Emília?

— Ah, nenhuma. Estudei o caso e vi que com elas nada há a reformar. Tudo perfeito. Eu dou um doce para quem descobrir um meio de melhorar a vida das formigas.

A Rã pensou, pensou e afinal concordou que é mesmo difícil melhorar a vidinha das formigas.

Reformas na Europa e nas pulgas

Depois falaram da viagem de Dona Benta à Europa. A Rã achou que ela não conseguiria nada porque os homens são errados de nascença. Emília discordou.

— Eu conheço as ideias de “vovó” — disse ela. — A primeira coisa que vai fazer na Conferência é transformar o mundo numa Confederação Universal. Todos os países ficarão fazendo parte dessa confederação, como os Estados dos Estados Unidos. E vai acabar com os exércitos e as marinhas, com os canhões e as metralhadoras.

A Rã, que entendia um pouco de política, achou que as grandes nações eram muito orgulhosas para se sujeitarem a ser simples Estados dum grande Estados Unidos.

— Pois se não se sujeitarem, pior para elas — declarou Emília. — Dona Benta acha que os homens devem formar no mundo uma coisa assim como as formigas. Elas são de muitas raças, ruivas, pretas, saúvas, sarassarás, quem-quens etc., mas vivem perfeitamente lado a lado umas das outras, sem se guerrearem, sem se destruírem. Se as formigas conseguem isso, por que os homens não conseguirão o mesmo?

— Mas acha que os grandes de lá — os reis, os ditadores, os homens importantes — vão seguir os conselhos de Dona Benta e Tia Nastácia?

— E que remédio? — respondeu Emília. — Enquanto eles se guiaram pelas suas próprias cabeças só saiu piolho: desgraças e mais desgraças,

destruições sem fim. Eles devem estar convencidos de que, apesar de toda a importância, não passam duns tremendos pedaços de asnos.

A Rã concordou.

À noite, quando foram dormir, ficaram as duas na mesma cama conversando até tarde da noite. O assunto era sempre o mesmo: reformas e mais reformas. Em certo momento uma pulga mordeu Emília. Ela acendeu a luz e pôs-se a caçá-la na brancura do lençol. Pegou-a, afinal. Enrolou-a bem enrolada entre os dedos e largou-a “para ver”. E o que viu foi a pulga reviver e escapar aos pulos.

Emília danou.

— É sempre o que me acontece! Esfrego, enrolo as pulgas e elas se desesfregam, se desenrolam e saem pulando. Tenho também de reformar as pulgas.

— Como?

— Poderei fazê-las molinhas como qualquer mosca. Já reparou que, para o tamanho que têm, as pulgas são a coisa mais rija que existe no mundo? Mais rijas que borracha... E também vou mudar a velocidade do pulo das pulgas. Faço pulos em câmara lenta, de modo que a gente possa pegá-las no ar com a maior facilidade, como se estivéssemos colhendo uma bolotinha.

A Rã lembrou um “melhoramento” ainda melhor.

— E se cortássemos o pulo das pulgas pelo meio? — disse ela.

Emília não entendeu.

— Cortar, como?

— A pulga pula. Quando chega no ponto mais alto do pulo, para. Fica paradinha no ar, como um ponto-final. E a gente, sossegadamente, a pega e a estala entre as unhas. Gosto muito de ouvir o estalinho das pulgas. É o único inseto que tem essa habilidade.

— As baratas também sabem estalar — lembrou Emília. — Cada vez que Narizinho pisa numa, ela estala. É a linguagem das pulgas e das baratas. E também dos chicotes. Pedrinho tem um chicote que é mestre em estalos.

Os odres vivos e os pesos

A Rã falou nos percevejos, uns bichinhos inexistentes ali no sítio, e teve de contar a história dos percevejos do Rio.

— São fedorentíssimos — disse ela. — Eu tenho verdadeiro horror a esses monstros noturnos. Chupam o sangue da gente durante o sono e ficam gordos que mal podem andar. E quando esmagamos um, Emília, ah, que

cheiro! Empesta o ambiente. Eu, só de me lembrar, já sinto enjoo de estômago.

Emília teve uma ideia.

— Pois podemos reformar os tais percevejos dum modo muito simples: fazendo que em vez de mau cheiro eles tenham cheiros deliciosos, melhores que todas as essências das perfumarias. Desse modo eles ficarão importantíssimos no mundo. Serão pequenos odres vivos cheios de perfume. Sabe o que é odre?

A Rã sabia. Lembrou-se logo daqueles odres de vinho que Dom Quixote espetou com a espada, derramando todo o vinho do estalajadeiro.⁷

— Pois é — continuou Emília. — São vasilhas de pele ou couro que a gente de dantes usava. Dona Benta tem um pequeno odre de borracha que enche de água quente para aquecer os pés nos dias muito frios — mas não diz odre, diz “a minha bolsa d’água. Quem tirou a minha bolsa d’água lá do banheiro?”. E é sempre Pedrinho quem mexe na bolsa, para certas reinações. Pois os percevejos poderão ficar odres vivos com perfumes dentro. E as perfumarias podem fazer criações de percevejos de todas as qualidades. As moças chegam e pedem: “Quero uma dúzia de percevejos Bouton d’Or, ou Kananga do Japão, ou Heliotrópio”, e quando quiserem perfumar-se basta que tirem um do chiqueirinho de cristal (que irão ter em seus toucadores) e o espremam no lenço, no peito, na nuca, na ponta das orelhas. E saem para a rua, todas vaidosas. E quando duas se encontram, uma pergunta para a outra: “Que percevejos você usa, Quinota? Dos nacionais ou estrangeiros?” E a Quinota, que é moça grã-fina, responderá orgulhosamente: “Só uso percevejos de Paris, da criação de Coty” — e lá se vai rebolando que nem uma cutia.

A Rãzinha aprovou a ideia — e de ideia em ideia as duas chegaram ao peso. Emília implicava-se com o peso das coisas. Cada vez que queria mover um objeto, uma cadeira ou um pedaço de pau, tinha de chamar o visconde ou Tia Nastácia.

— Para que peso? — disse ela. — Se as coisas não tivessem peso o mundo seria muito mais interessante. Eu acho as cadeiras pesadíssimas, coitadas. Só gente grande pode com elas. Vamos reformar a cadeirinha de pernas serradas de Dona Benta?

Como essa famosa cadeira estivesse ali no quarto, fizeram imediatamente a reforma: suprimiram-lhe o peso. Mas aconteceu uma coisa imprevista. A pobre cadeira ergueu-se no ar e ficou grudada ao forro. As duas reformadoras espantaram-se daquilo. Súbito, Emília compreendeu o fenômeno e berrou:

— Já sei! O visconde me explicou isso. O peso é o que prende as coisas à superfície da Terra. Ele diz que o peso vem duma tal força da gravidade, que puxa todas as coisas para o centro da Terra. Essa força da gravidade é a atração, ou força centrípeta. Você não imagina, Rã, como o visconde sabe coisas! Um danadinho! Ele disse também que o contrário da força centrípeta

é a força centrífuga — que em vez de puxar as coisas para o centro da Terra, expulsa as coisas para longe do centro da Terra. Foi o que aconteceu com a cadeira de Dona Benta. Como nós destruímos o peso dela, a força centrípeta desapareceu, só ficando a força centrífuga — e lá foi a cadeira parar no forro. E se este quarto não tivesse forro, a pobre cadeira se sumiria para sempre no espaço infinito...

Aquela experiência fez que Emília respeitasse o peso de todas as outras coisas, pois do contrário o sítio ficaria mais nu de objetos do que a cabeça do Quindó da farmácia era nua de cabelos.

Nisto o cuco lá da sala de jantar começou a dizer as horas — *hu-hu, hu-hu...*

Emília contou dez.

— Dez horas já! Como é tarde... Por isso é que estou sentindo tanto sono. Está aí uma coisa, Rã, que podemos reformar: o sono — *ah, ah, ah...* e bocejou.

— Como? — quis saber a Rã.

— Podemos, por exemplo... — começou Emília, mas abriu a boca, soltou mais três “ahs” e foi fechando os olhinhos — e o sono das criaturas humanas escapou da reforma.

Emília dormiu — e que lindo soninho! Como ela sabia dormir bem! A Rã reclinou-se na cama; com a cabeça apoiada numa das mãos e o cotovelo fincado no travesseiro, ficou a contemplá-la e a imaginar mil coisas. “Que pena as crianças do mundo não poderem ver o que estou vendo!”, pôs-se a pensar lá consigo. “Emília dorme como um anjo. E quem sabe se Emília não é de fato um anjo do céu que anda pelo mundo disfarçado em gentinha?”, e examinou-lhe as costas para ver se não havia algum sinal de toco de asa. Havia, sim, duas leves saliências com muito jeito de serem tocos de asas — e a Rã ficou na dúvida. Seria realmente um anjo disfarçado em gentinha?

A Rã adorava a Emília. Sabia de cor todas as travessuras da Emília, todas as “piadas” da Emília, todas as asneirinhas da Emília, todas as más-criações da Emília, e agora considerava-se a menina mais feliz do mundo, porque entre todas as meninas do mundo só ela estava tendo o privilégio de ver a maravilha das maravilhas que era o soninho da Emília.

— Ah, quando as outras souberem! Quando souberem que eu estive aqui, falando com *ela*, brincando com *ela*, deitada na caminha *dela*, vendo-a dormir e sorrir...

Algum sonho lindo devia andar reinando na cabeça da Emília, a avaliar pelo sorriso de enlevo que animava o seu rostinho moreno — moreno-claro. “Nem isso as outras meninas sabem”, pensou consigo a Rã, “que a Emília é moreninha cor de jambo. Nem sabem que tem cabelos castanhos — castanho-escuros”, e aproveitou-se da ocasião para arrancar um daqueles fios, o que fez Emília trocar o sorriso do sonho por uma caretinha. A Rã

enrolou o fio de cabelo, murmurando mentalmente: “Vou guardá-lo no meu exemplar das *Reinações*. Fica sendo o meu marcador de página.”



Longo tempo ficou a Rã a admirar aquela prodigiosa criaturinha que nasceu boneca de pano das mais ordinárias e foi evoluindo até tornar-se o que já era. E um pensamento lhe acudiu: “E se ela continua a evoluir e vira anjo de verdade, dos de asas, e foge para o céu? Ou se vira fada, como aquela fada Sininho do Peter Pan?” E a imaginação da Rã começou a cabriolar que nem cabritinho novo até que o primeiro *ah, ah, ah...* do sono veio, e depois veio um segundo — e afinal dormiu também.

No dia seguinte

No dia seguinte pularam da cama muito cedo e retomaram a obra de reforma da Natureza. Tudo era examinado e reformado no que lhes parecia torto. A Rãzinha continuava com as ideias mais absurdas, de verdadeira maluca. A reforma do Quindim, por exemplo, que a Rã fez sozinha, era a coisa mais esquisita que se possa imaginar. Em vez do famoso chifre sobre o nariz, que é característico de todos os rinocerontes, a Rã botou uma flecha de Cupido com um coração assado na ponta. Assado, imaginem! E ornamentou os cascos de Quindim com pinturas: Branca de Neve com todos os seus anões. E trocou as quatro pernas do rinoceronte por quatro pernas diferentes — uma de veado, outra de ganso, outra de jacaré, outra de pau. E substituiu aquele couro duríssimo por um revestimento muito bem trançado de palhinha de cadeira. Cauda, botou duas; depois três, depois dez, depois cem; deixou-o com um verdadeiro varal de caudas dando volta inteira em redor do pobre animal.



A reforma do Quindim saiu um tal disparate que nem andar ele podia — uma perna não acompanhava a outra, e havia a tremenda atrapalhão de tantas caudas, todas diferentes, umas com **borlas** na ponta, outras com espinhos de ouriço, outras com campainhas.

.....
Borlas: Base forrada de tecido com franjas, pompom, bolotas.

Quando Emília foi ver a “obra”, não pôde deixar de rir-se. Aquilo era o “bissurdo dos bissurdos”. Quindim estava transformado num verdadeiro **destampatório**.
.....

.....
Destampatório: Despropósito, disparate.

— Isso não é reformar, Rãzinha! — disse ela. — Isso é escangalhar com uma pobre criatura. Ele já não é rinoceronte, nem nenhum bicho possível. Virou quarto de badulaques, baú de **mascate**. Que judiação!...
.....

.....
Mascate: Vendedor ambulante.

— E você deixa que ele fique assim? — implorou a Rã, com medo de que Emília desmanchasse aquela obra-prima do disparate humano.

— Deixo por enquanto — respondeu Emília —, como castigo da preguiça, da velhice e neurastenia que ele anda mostrando de uns tempos para cá. No dia do plebiscito sobre o tamanho⁸ Quindim me traiu — recusou-se a votar. A falta desse voto deu vitória ao Tamanho e eu saí lograda. Agora que aguente. Mais tarde vou reformá-lo de novo, mas com *critério científico*...

A Rã ou era mesmo maluca ou estava “sabotando” a obra reformatória da Emília. Todas as ideias que apresentava eram tontas, como aquela da mudança dos morros. A Rã tomou um lápis e traçou um desenho assim:

— Que é isso? — perguntou Emília.

— Ah, isto é uma das reformas que acho mais necessárias: a reforma dos morros. Sempre que tenho de subir um morro, fico cansada e sem fôlego. E então imaginei uma coisa assim: os picos serão para baixo, em vez de serem para cima, de modo que quando a gente tem de ir ao pico dum morro, desce, em vez de subir...

Emília ficou a olhar, ora para a Rã ora para o desenho. Era uma reforma que deixava tudo na mesma. Quando alguém que *descesse* ao pico do morro

tivesse de voltar, teria de *subir* para o vale...

— Não. Essa ideia está boba. Muito melhor fazermos os morros bem baixinhos, de modo que não cansem a gente; ou então deixarmos os morros em paz. Para que subir morro?

O livro comestível

A maior parte das ideias da Rã eram desse tipo. Pareciam brincadeiras, e isso irritava Emília, que estava tomando muito a sério o seu programa de reforma do mundo. Emília sempre foi uma criaturinha muito séria e convencida. Não fazia nada de brincadeira.

— Parece incrível, Rã! — disse ela. — Chamei você para me ajudar com ideia na reforma, mas até agora não saiu dessa cabecinha uma só coisa aproveitável — só “desmoralizações”...

— Isso não! A ideia das tetas com torneiras na Mocha foi minha e você gostou muito. A da pulga também.

— Só essas. Todas as outras eu tive de jogar no lixo. Vamos ver mais uma coisa. Que acha que devemos fazer para a reforma dos livros?

A Rãzinha pensou, pensou e não se lembrou de nada.

— Não sei. Parecem-me bem como estão.

— Pois eu tenho uma ideia muito boa — disse Emília. — Fazer o livro comestível.

— Que história é essa?

— Muito simples. Em vez de impressos em papel de madeira, que só é comestível para o caruncho, eu farei os livros impressos em um papel fabricado de trigo e muito bem temperado. A tinta será estudada pelos químicos — uma tinta que não faça mal para o estômago. O leitor vai lendo o livro e comendo as folhas; lê uma, rasga-a e come. Quando chega ao fim da leitura, está almoçado ou jantado. Que tal?

A Rãzinha gostou tanto da ideia que até lambeu os beiços.

— Ótimo, Emília! Isto é mais que uma ideia-mãe. E cada capítulo do livro será feito com papel de um certo gosto. As primeiras páginas terão gosto de sopa; as seguintes terão gosto de salada, de assado, de arroz, de tutu de feijão com torresmos. As últimas serão as da sobremesa — gosto de manjar-branco, de pudim de laranja, de doce de batata.

— E as folhas do índice — disse Emília — terão gosto de café, serão o cafezinho final do leitor. Dizem que o livro é o pão do espírito. Por que não ser também pão do corpo? As vantagens seriam imensas. Poderiam ser vendidos

nas padarias e confeitarias, ou entregues de manhã pelas carrocinhas, juntamente com o pão e o leite.

— Nem precisaria mais pão, Emília! O velho pão viraria livro. O Livro-Pão, o Pão-Livro! Quem souber ler, lê o livro e depois come; quem não souber ler come-o só, sem ler. Desse modo o livro pode ter entrada em todas as casas, seja dos sábios, seja dos analfabetos. Otimíssima ideia, Emília!

— Sim — disse esta muito satisfeita com o entusiasmo da Rã. — Porque, afinal de contas, isso de fazer os livros só comíveis para o caruncho é bobagem — podemos fazê-los comíveis para nós também.

— E quem deu a você essa ideia, Emília?

— Foi o raciocínio. O livro existe para ser lido, não é? Mas depois que o lemos e ficamos com toda a história na cabeça, o livro se torna uma inutilidade na casa. Ora, tornando-se comestível, diminuimos uma inutilidade.

— E quando a gente quiser reler um livro?

— Compra outro, do mesmo modo que compramos outro pão todos os dias.

A ideia, depois de discutida em todos os seus aspectos, foi aprovada, e Emília reformou toda a biblioteca de Dona Benta. Fez um papel gostosíssimo e de muito fácil digestão, com sabor e cheiro bastante variados, de modo que todos os paladares se satisfizessem. Só não reformou os dicionários e outros livros de consulta. Emília pensava em tudo.

Também reformou muita coisa na casa. Por meio de cordas e carretilhas as camas subiam para o forro de manhã, depois de desocupadas, a fim de aumentar o espaço dos cômodos. As fechaduras não precisavam de chaves; bastava que as pessoas pusessem a boca no buraco e dissessem: “Sésamo, abre-te!”, e elas se abriam por si mesmas.

— E os mudos? — perguntou a Rãzinha. — Como vão arrumar-se? Só se eles andarem com uma vitrola no bolso, que pronuncie por eles a palavra “Sésamo”.

Emília atrapalhou-se com o caso dos mudos e deixou-o para resolver depois.

O leite a ferver ao fogo dava um assobio quando chegava no ponto, de modo a avisar ao fogo, o qual imediatamente parava de agir. O mesmo com todas as comidas — e dessa maneira acabou-se a desagradável história do “**feijão com bispo**”.

.....
Feijão com bispo: Feijão queimado.

E tanta e tanta coisa as duas fizeram que se fôssemos contar metade teríamos de encher dois volumes. Lá pelo fim da semana o Sítio do Picapau

estava totalmente transformado, não dando a menor ideia do antigo. Foi por essa ocasião que chegou carta de Dona Benta anunciando a volta.

“Já concluímos o nosso serviço na Europa”, dizia ela. “Deixamos o continente transformado num perfeito sítio — com tudo direitinho e todos contentes e felizes. A comissão que nos trouxe vai reconduzir-nos para aí novamente. Devemos chegar na próxima segunda-feira e espero encontrar tudo em ordem.”

Emília leu a carta para a Rãzinha, dizendo:

— É uma danada, esta velha! Foi lá e fez o que todos aqueles ditadores e reis não conseguiram. Temos agora de preparar a casa para recebê-la.

A volta de Dona Benta

No dia marcado, ali pelas dez horas da manhã, Emília e a Rãzinha ouviram rumor de automóvel na estrada. Correram à varanda. Vinha vindo uma porção de carros, com Dona Benta, Tia Nastácia e os meninos no da frente.

Ao entrarem no terreiro Emília adiantou-se para recebê-los. Os homens da comissão apearam e despediram-se de Dona Benta com muitas palavras de agradecimento e amabilidades.

— Pois é isso — disse-lhes a boa velha. — Sigam lá na Europa as minhas instruções que tudo dará certo. Adeus, adeus! Mil recomendações ao Rei Carol e ao duque e à duquesa de Windsor — gostei muito dela. E digam ao **Mussolini** e ao **Hitler** que apareçam quando puderem, para um passeio no Quindim. Adeus, adeus!

.....
Mussolini: Benito Mussolini (1883-1945), líder do fascismo italiano que fez aliança com Hitler durante a Segunda Guerra.

.....
Hitler: Adolf Hitler (1889-1945), líder do nazismo alemão. Suas ações levaram a Europa à Segunda Guerra Mundial. O nazismo liderado por Hitler também foi responsável pelo holocausto.

Os automóveis da comissão partiram na volada.

Depois que desapareceram lá na curva, Dona Benta entrou para a saleta com os meninos e Tia Nastácia foi para a cozinha. Mas... que era aquilo? Não

estavam reconhecendo a velha saleta da entrada. Tudo esquisito, tudo diferente.

— Que é isto, Emília? Que significam estas mudanças?

Emília contou tudo.

— Eu reformei a Natureza — disse ela. — Sempre tive a ideia de que o mundo por aqui estava tão torto como a Europa, e enquanto a senhora consertava a Europa eu consertei o sítio.

— Consertou o sítio?!... — repetiu Dona Benta sem entender coisa nenhuma. — Que história é essa?

Narizinho interveio:

— Eu bem disse, vovó, que ela queria ficar sozinha para fazer coisas malucas. Fui lá ao meu quarto e encontrei a cama pendurada no forro, imagine!...

— E eu — disse Pedrinho entrando — fui à biblioteca e encontrei os seus livros cheirando a alho e cebola. Abri um, provei: gosto de sopa; páginas adiante, gosto de carne assada...

O assombro de Dona Benta não tinha limites e por mais que Emília explicasse ela ficava na mesma. Súbito, deu com a Rãzinha.

— Quem é esta menina? — perguntou.

— É a Rã.

— Que rã?

— A Rãzinha da Silva, minha amiga do Rio, que veio ajudar-me na reforma da Natureza.

O assombro de Dona Benta crescia, e cresceu ainda mais quando Tia Nastácia apareceu aos berros.

— Sinhá, Sinhá, está tudo esquisito lá na cozinha! Pus o leite no fogo; assim que começou a ferver, assobiou!...

— Assobiou, o leite, Nastácia?

— Sim, Sinhá, assobiou, e o fogo no mesmo instantinho apagou por si mesmo. Aquilo está com feitiçaria, Sinhá. Andou alguma bruxa por aqui...

— A bruxa é ela — disse Narizinho apontando para Emília. — Diz que reformou a Natureza...

Dona Benta não voltava a si do espanto.

— Mas que absurdo, Emília, reformar a Natureza! Quem somos nós para corrigir qualquer coisa do que existe? E quando reformamos qualquer coisa, aparecem logo muitas consequências que não previmos. A obra da Natureza é muito sábia, não pode sofrer reformas de pobres criaturas como nós. Tudo quanto existe levou milhões de anos a formar-se, a adaptar-se; e se está no ponto em que está, existem mil razões para isso.

— Não acho! — contestou Emília cruzando os braços. — A obra da Natureza está tão cheia de “bissurdos” como a obra dos homens. A Natureza vive experimentando e errando. Dá cem pés à centopeia e nem um para as minhocas — por que tanta injustiça? Faz um pêsego tão bonito e deixa que

as moscas ponham ovos lá dentro e dos ovos saiam bichos que apodrecem a linda carne dos pêssegos — não é uma judiação? Veste os besouros com uma casca grossa demais e deixa as minhocas mais nuas do que a careca do Quindó — isso é erro. Quanto mais observo as coisas mais acho tudo torto e errado.

Mas sem demora começou a ser desmentida. Um tico-tico entrou na sala e disse com muito desespero para Dona Benta:

— Minha boa senhora, livrai-me do que a Emília fez em mim. Transformou-me em passarinho-ninho, com ovos às costas, e isso tem sido uma atrapalhação medonha, porque não me deixa voar com desembaraço, e desse modo não consigo escapar aos meus perseguidores.

— Que história de passarinho-ninho é essa? — perguntou Dona Benta, e quando soube de tudo abriu a boca. Era demais a ousadia da Emília. Alterar daquele modo a Natureza! Mudar as coisas que levaram milhões de anos para se equilibrarem... E agarrando o tico-tico desfez-lhe o ninho das costas e guardou os três ovos para pô-los no ninho natural que ele fizesse pelo sistema antigo.

Estava ainda a lidar com a pobre ave, quando Pedrinho apareceu de novo, muito assustado.

— Vovó, o que aconteceu aqui no sítio parece até um sonho! Encontrei Quindim completamente transformado, com couro de palhinha, a Branca de Neve com os anões pintados no casco, quatro pernas diferentes, cem rabos e em vez de chifre uma seta de Cupido com um coração na ponta. Imagine! Não dá a menor ideia dum bicho possível!...

A boca de Dona Benta abriu de caber dentro uma laranja.

— E o Rabicó, então? — continuou Pedrinho. — Está com cauda de cachorro lulu, toda frisadinha, e só com dois pés — e pés de tartaruga. E com uma ratoeira no focinho e um lenço automático no nariz!...

— Sinhá! Sinhá! — voltou Tia Nastácia berrando. — O mundo está perdido. Já não entendo mais nada. Fui ver a Mocha e sabe o que encontrei? Um bicho sem propósito, com a cauda no meio do lombo, chifre de saca-rolha com bola de borracha na ponta, e as tetas fora do lugar, com duas torneirinhas, Sinhá, imagine! E o chão anda cheio de moscas sem asa. E um pernilongo cantou no meu ouvido uma música tal e qual aquela que lá na Conferência seu “**Churche**” mandou os músicos tocarem para a senhora ouvir — direitinho! Eu não fico mais nesta casa nem um minuto. Isto virou “hospício” de feiticeiros, Sinhá! Tudo atrapalhado, sem jeito. Ninguém entende nada de nada. Fui encontrar a sua cadeirinha, Sinhá, pregada lá no forro! Subi na escadinha de lavar vidraça, peguei a cadeira pela perna e puxei — e quem disse da cadeira descer? Parece que está pregada no forro com elástico. A gente larga dela e ela sobe outra vez.

.....
Church: Winston Churchill (1874-1965), primeiro-ministro da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial e grande responsável pela resistência ao nazismo.

— É a força centrípeta — explicou a Rã.

— Centrífuga — corrigiu Emília, e contou a história da supressão do peso.

Tia Nastácia passava a mão num galo que tinha na testa. A negra estava verdadeiramente zonha.

— E ainda tem mais, Sinhá — disse ela. — Imagine que me sentei debaixo da jabuticabeira, e sabe o que aconteceu? De repente uma coisa enorme caiu lá do alto em cima da minha cabeça. Era uma abóbora, Sinhá! Uma abóbora deste tamanho! Fiquei tonta uma porção de tempo, nem sei como não morri. As abóboras andam agora nas jabuticabeiras, Sinhá. Veja que “bissurdo”.

Nem tudo Emília perdeu

Dona Benta estava examinando o galo da testa da negra, quando ouviu umas batidinhas na porta. Mandou que Narizinho abrisse. Eram as jabuticabas.

— Dona Benta — disseram elas muito zangadinhas —, viemos queixar-nos da peça que a Emília nos pregou. Imagine que nos transferiu dos nossos galhos da mamãe-jabuticabeira para um pé de abóbora — uns talos molengões que andam pelo chão. E ficamos presas ali, encostadas à terra, a nos sujar de pó e ciscos. Ora, isso é um despropósito, porque somos frutas de galho e não do chão, como certos porcalhões que conhecemos.

(A Rãzinha cochichou para a Emília: “Isso deve ser indireta para os morangos.”)

— Vocês têm razão, jabuticabinhas — disse Dona Benta —, e vou repô-las todas no lugar certo. Impossível admitir que umas criaturas delicadas como vocês andem pelo chão. Chão é bom só para abóbora.

E voltando-se para Emília:

— Vá já desfazer o que fez! — ordenou rispidamente.

Emília fez beicinho e disse para a Rã:

— Ela era democrática quando saiu daqui. Depois que lidou com os ditadores da Europa, voltou totalitária e cheia de “vás”. Pois não vou.

E não foi! As abóboras e as jabuticabas tiveram de arrumar-se sozinhas.

Pedrinho veio dizer que as laranjas das laranjeiras estavam descascadas, e havia um milhão de passarinhos em cima, dando cabo de todas.

Dona Benta explicou:

— Emília, eu reconheço as suas boas intenções. Você tudo fez na certeza de estar agindo pelo melhor. Mas não calculou uma porção de inconveniências que podiam acontecer — e estão acontecendo. As laranjas, por exemplo: seria ótimo se pudessem vir já descascadas — mas se fosse assim tornava-se impossível o comércio das laranjas, o transporte de um ponto para outro. E, além disso, descascadas elas ficam muito mais sujeitas aos ataques das aves e insetos. A casca é uma defesa indispensável. Assim também as abóboras na jabuticabeira. São frutas muito grandes para ficarem em árvores; a Natureza sabe o que faz. Põe as frutas grandes no chão e as pequenas em árvores.



— Isso não! — protestou Emília. — A maior fruta que eu conheço é a jaca, e a jaca é fruta de árvore, ahn!

Dona Benta embatucou.

— Também fiz que as frutas das árvores dessem só nos galhos de baixo — continuou Emília —, de modo a facilitar a colheita — e quero ver o que a

senhora diz a isto.

Dona Benta declarou que essa reforma só era aceitável do ponto de vista humano, mas explicou que as frutas não existiam para que nós as apanhássemos e comêssemos — existiam para o bem da árvore, e apareciam em todos os galhos, tanto os de baixo como os de cima, porque assim ficavam mais bem distribuídas pela árvore inteira, podendo vir em maior quantidade.

— Os galhos de baixo serão só metade dos galhos da árvore toda — disse ela. — Fazendo que as frutas só apareçam nos galhos de baixo, você diminui de metade o número de frutas de uma árvore.

Emília concordou que havia errado, e em companhia da Rãzinha foi restabelecer o sistema antigo.

— Agora, sim — ia dizendo Emília —, agora ela deu uma razão boa, clara, que me convenceu e por isso vou desmanchar o que fiz. Mas com aquele “Vá!” do começo, a coisa não ia, não! Vá o Hitler. Vá o Mussolini. Comigo é ali na batata da convicção, do argumento científico!

E dessa maneira quase todas as reformas da Emília foram anuladas, mas nenhuma delas por imposição de Dona Benta. A boa senhora argumentava, provava o erro — e então a própria Emília se encarregava de restabelecer o velho sistema. Mas mesmo assim muitas das reformas ficaram, como, por exemplo, a dos livros.

— Sim, Emília, esta ideia do livro comestível me parece ótima, um verdadeiro achado. Mas não para todos os livros. O bom é que haja o livro de papel e ao seu lado o livro comestível. Quem quiser compra um, quem quiser compra outro. As coisas novas jamais substituem inteiramente as coisas velhas. Lembre-se de que em Nova York, a cidade que tem mais automóveis no mundo, nós vimos as carroças que entregam leite de manhã puxadas por cavalos. Aprovo a ideia do Livro-Pão e hei de propor a um industrial meu conhecido que estude o problema e crie a nova indústria. Mas você me vai fazer o favor de deixar meus livros como eram, porque senão...

Nesse momento Pedrinho entrou correndo na sala, muito afobado.

— Vovó, imagine o que aconteceu! O Rabicó entrou na sua biblioteca e devorou a *Ilíada* de Homero e as obras completas de Shakespeare...

— Se não tivessem tirado do focinho dele a ratoeira, nada teria acontecido — disse a Rã. — Bem feito!

— Vê, Emília? — disse Dona Benta. — Nem todos os livros devem ser comestíveis, mas só os de importância secundária, meramente recreativos ou então os livros ruins. Um livro que não presta para ser lido, ao menos que preste para ser comido. E agora? Como vou passar sem a minha *Ilíada* e o meu Shakespeare?

Emília concordou que realmente nem todos os livros deviam ser comestíveis e indo à biblioteca “descomestibilizou” a maior parte — menos os “ruins”.

E assim terminou a aventura emiliana da reforma da natureza. Emília aprendeu a planejar a fundo qualquer mudança nas coisas, por menor que fosse. Viu que isso de reformar às tontas, como fazem certos governos, acaba sempre produzindo mais males do que bens.

A Rãzinha ficou por lá uma semana, a ouvir as histórias que Dona Benta contava da Conferência da Paz. Depois, com muita dor de coração e com muito pesar de todos do sítio, cheirou o pó do *fiun*... — e lá se foi para o Rio de Janeiro, onde encontrou sua pobre mãe de luto e de olhos vermelhos, certa de que sua querida filha tinha desaparecido para sempre.

— Perdoe, mamãe. Entusiasmei-me demais com o programa de reformas da Emília e fui para o Picapau Amarelo sem dizer nada à senhora. Nunca mais farei isso. Já me reformei nesse ponto.

— E que mais?

— Ah! Tia Nastácia gostou muito do leite que assobiava ao ferver e conservou o sistema.

— Era uma consumição este negócio do leite — disse ela. — Eu tinha de ficar de plantão ali na cozinha, senão ele fervia e derramava. Agora, não. Ponho o leite no fogo e nem penso mais nisso. Uma gostosura. A Emília é mesmo uma danadinha. Outra coisa de que gostei muito foi o que ela fez com as pulgas. Entrei no meu quarto e vi uns pontinhos pretos parados no ar. Peguei um. Olhei. Era pulga, Sinhá, pulga parada no ar — e pulga mole, Sinhá, mole como qualquer bichinho mole! Essa reforma foi boa, porque quanto mais velha fico, mais me custa pegar uma pulga daquelas do sistema antigo...

Dona Benta aprovou a mudança das pulgas e também a das moscas e pernilongos. E com a sua grande sabedoria de filósofa, disse:

— Está bem, Emília. Vou examinar detidamente todas as reformas que você fez, porque estou vendo que há muita coisa aproveitável.

Emília piscou vitoriosamente para o visconde.

Notas

5. *A Chave do Tamanho*, aventura do Sítio na qual Emília termina com a Segunda Guerra Mundial diminuindo a humanidade de tamanho.

6. Passagem do livro *O Picapau Amarelo*.

7. Aventura narrada no livro *A chave de tamanho*, de Monteiro Lobato.

8. No livro *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato, Emília desliga essa chave, fazendo todo mundo ficar bem pequenininho, e causa muita confusão. Ela acredita que bem que a humanidade podia começar tudo de novo com um tamanho diferente, dessa vez cuidando da natureza e sem fazer guerra. Para decidir se vira a chave de volta ao normal ou não, ela faz um plebiscito no sítio, quer dizer, uma grande votação.







Esta aventura, como o título indica, conta os feitos de Hércules, herói grego, filho de Zeus, deus do Olimpo, e a mortal Alcmena. Lobato mergulha na mitologia grega com humor, aventura, emoção e lutas tremendas. *Os 12 trabalhos de Hércules* é um livro longo, com dois volumes, e o último escrito pelo autor.

O herói grego aparece pela primeira vez em *O Minotauro*, quando a turma vai à Grécia Antiga em busca de Tia Nastácia, raptada pelo monstro em *O Picapau Amarelo*. Pedrinho, o visconde e Emília, no meio do caminho, encontram Hércules e presenciam a luta do herói contra a Hidra de Lerna — serpente de nove cabeças, sendo uma imortal. De volta ao sítio, o neto de Dona Benta só pensa numa coisa: voltar à Grécia e acompanhar Hércules nos outros trabalhos.

Os três picapaus — Narizinho não participa da aventura — retornam e ajudam Hércules na primeira façanha, dando conselhos, do alto de uma árvore, de como matar o Leão da Nemeia. Depois da luta, ficam amigos do herói: a ex-boneca se torna “dadeira de ideias”, o visconde é “escudeiro científico” e Pedrinho, “oficial de gabinete” do bando. E seguem para Micenas, ao encontro do Rei Euristeu, que dará ao semideus um novo desafio. Emília e o visconde vão sentados no ombro de Hércules, enquanto Pedrinho vai montado num centaurinho — um ser que é metade menino, metade potrinho — logo batizado de Meioameio, novo amigo do grupo.

A cambadinha o segue em todas as façanhas: capturar a **Corça de pés de bronze**, pegar o javali de Erimanto, limpar as cavalariças de Augias e outras proezas. Durante os trabalhos, Hércules — “o muque do bando” — percebe como os conselhos dos picapaus são importantes e que sozinho não venceria: “Sim (...), eles representam a inteligência e eu só disponho da força. Em muitos casos, a força nada vale e a inteligência é tudo.”

.....
A Corça de pés de bronze: Animal presente na mitologia grega.

O pessoalzinho do sítio passa por muitas peripécias divertidas, como no caso da loucura do visconde. Sempre sério — imaginem — fica maluquinho: “Com um pontapé havia jogado a velha cartolinha nos pântanos de Lerna, berrando: ‘Chega de cartola! Isso não passa de um pedaço de canudo de chaminé com abas. Por que cartola? Pra que cartola?’ E pôs-se a dançar uma rumba.” Pedrinho e Emília, admirados, deduzem que “todos os heróis passam por um período de loucura” e o sabugo é um herói dos tempos modernos. A loucura do visconde vai num crescendo, a ponto de ter que ser levado à feiticeira Medeia — personagem da mitologia grega — que o ferve num caldeirão, diz umas palavras

mágicas e “com o maior assombro todos viram surgir um Visconde de Sabugosa novinho em folha, jovem e corado, sem a menor sombra de loucura nos miolos...”.

Emília também vive uma grande dificuldade. Ela fala mal da deusa Hera, que persegue Hércules: “Ah, se eu fosse Zeus! Jogava aquela bisca lá de cima com um bom empurrão e casava-me com Palas.” Assim, a ex-boneca é amaldiçoada e perde a fala. Emília, então, se comunica com os outros por bilhetinhos e tenta adular a deusa: “(...) Eu não estava falando mal de Hera, a coitada, uma deusa tão bonita e boa.” A solução é... o caldeirão de Medeia, mas Emília tem tanto pavor de ser fervida que Palas, deusa protetora de Hércules, intercede por ela na hora H e lhe devolve a voz: “Emília falava e falava sem parar, como para reaver o tempo perdido. (...) Falou tanto que Medeia teve que tapar os ouvidos.” A ex-boneca, na maior felicidade, recebe uma varinha de condão da feiticeira em troca do pomo de ouro: “Os olhos de Emília chispavam. Seu maior sonho sempre fora possuir uma varinha de condão — para brincar de virar as coisas.”

É um sem-fim de aventuras com mitos e monstros gregos e muita diversão. Leiam aqui o primeiro capítulo dessa tremenda aventura e descubram como Hércules matou o terrível Leão da Nemeia com a ajuda dos valentes picapaus: Pedrinho, Emília e o visconde.



O LEÃO DA
Nemeia

Hércules

— Na Grécia Antiga o grande herói nacional foi Héracles, ou Hércules, como se chamou depois. Era o maior de todos — e ser o maior de todos na Grécia daquele tempo equivale a ser o maior do mundo. Por isso até hoje vive Hércules em nossa imaginação. A cada momento, na conversa comum a ele nos referimos, à sua imensa força ou às suas façanhas lendárias. Dele nasceu uma palavra muito popular em todas as línguas, o adjetivo “hercúleo”, com a significação de extraordinariamente forte.

“A principal característica de Hércules estava em ser extremamente forte, extremamente bruto, mas dotado de um grande coração. No calor das façanhas muitas vezes matava culpados e inocentes — e depois chorava arrependido. Disse **Anatole France**: ‘Havia em Hércules uma doçura singular. Depois de, em seus acessos de cólera, golpear culpados e inocentes, fortes e fracos, Hércules caía em si e chorava. E talvez até tivesse dó dos monstros que andou destruindo por amor aos homens: a pobre Hidra de Lerna, o pobre Minotauro, o famoso leão do qual tirou a pele para transformá-la em pelica. Mais de uma vez, ao fim de um daqueles feitos, olhou horrorizado para a **clava** suja de sangue... Era robustíssimo de corpo e mole de coração.’”

.....
Anatole France: Anatole France (1844-1824), escritor francês que veio ao Brasil e influenciou muitos escritores do início do século XX.

.....
Clava: Pedaco de pau grosso, mais volumoso numa das extremidades.

— Coitado! Tinha coração de banana...

Esta conversa ocorria no Sítio do Picapau Amarelo, entre a boa Dona Benta e seu neto Pedrinho. E o assunto recaía em Hércules porque o garoto estivera a recordar passagens das suas aventuras na Grécia Heroica, como vem contado em *O Minotauro*.⁹

— E se voltarmos para lá? — exclamou Pedrinho. — Aquela Grécia não me sai da cabeça, vovó...

— Para quê, meu filho?
— Para assistirmos às outras façanhas de Hércules. Só vimos uma: a destruição da **Hidra de Lerna**. São 12...

.....
Hidra de Lerna: Monstro da mitologia grega, com corpo de dragão e nove cabeças de serpente.

Dona Benta fez ver que o fato de terem saído **incólumes** da luta entre Hércules e a hidra fora um verdadeiro milagre, sendo impossível que tal milagre se repetisse nas outras façanhas.

.....
Incólumes: Sem lesão ou ferimento.

— Eu quase morri de medo — disse a boa velhinha — quando, lá na casa de **Péricles**, em Atenas, tive comunicação de que você, Emília e o visconde estavam assistindo a essa luta de Hércules com a tal serpente de sete cabeças...

.....
Péricles: Péricles, estadista da Grécia Antiga no século V a.C.

— Nove — corrigiu Pedrinho. — Oito mortais e uma imortal.
— Ou isso. Quase morri de medo, porque bastava que uma simples gota do sangue da hidra espirrasse em vocês para irem todos para o bebeléu...

Pedrinho danava com aqueles medos da vovó. Sempre que ele sugeria alguma aventura nova, lá vinha ela com o tal medo e a tal pontada no coração. Resultado: ele metia-se nas aventuras do mesmo modo, mas escondido, sem licença dela. “Os velhos não entendem os novos”, dizia Pedrinho. “Querem nos governar, querem nos obrigar a fazer exatinho o que eles fazem. Esquecem-se de que se fosse assim o mundo parava — não havia nada novo... E note-se que vovó não é como as outras velhas. No começo não quer, se opõe; mas se realizamos às escondidas alguma aventura, assim que vovó sabe faz uma cara de espanto e de zanga, mas esquece logo a zanga e gosta, e às vezes ainda fica mais entusiasmada do que nós mesmos.” E Narizinho acrescentou: “Vovó diz que não, só por dizer, porque o tal ‘não’ sai da boca dos velhos por força do hábito. Mas o ‘não’ de vovó quer quase sempre dizer ‘sim’...”

Dona Benta opôs-se a que Pedrinho voltasse à Grécia para tomar parte nas 11 façanhas do grande herói, mas opôs-se de um modo que era o mesmo que dizer: “Vá, mas escondido de mim...” E Pedrinho exultou.

— Falei com vovó — foi ele correndo dizer a Narizinho — e ela veio com aquele “não” de sempre, que nós traduzimos por “sim”. Vou mandar o visconde fabricar o pó de pirlimpimpim necessário. Volto lá com o visconde e a Emília...

— E eu? Fico chupando no dedo?

— Ah, você não pode ir, Narizinho. Vovó não anda boa do reumatismo, tem necessidade de um de nós sempre junto dela.

Preparativos

Pedrinho explicou ao visconde os seus planos de nova viagem pelos tempos heroicos da Grécia Antiga.

— Vamos nós três, eu, você e Emília.

— Emília já sabe do projeto?

— Já, e está atropelando Tia Nastácia para que lhe arrume uma canastrinha nova. Diz que desta vez vai completar o seu museu com mil coisas gregas.

O visconde suspirou. Sempre que Emília se lembrava de viajar com canastra, era ele o encarregado de tudo: de carregá-la às costas, de vigiá-la. E se desaparecia qualquer coisa, lá vinha ela com a terrível ameaça de “depená-lo”, isto é, arrancar-lhe as pernas e os braços.

— Que quantidade de pó quer? — indagou o visconde.

— Aí um canudo bem cheio.

O pó de pirlimpimpim era conduzido num canudinho de taquara-do-reino, bem atado à sua cintura. Ele tomava todas as precauções para não perder o precioso canudo, pois do contrário não poderia voltar nunca mais. Mas como em aventuras arrojadas a gente tem de contar com tudo, o visconde sugeriu uma ideia ditada pela prudência.

— O melhor é levarmos três canudos, um com você, outro comigo e outro com a Emília. Desse modo ficaremos três vezes mais garantidos.

Emília, na cozinha, atropelava Tia Nastácia.

— Quero uma canastrinha nova e maior, onde caiba muita coisa.

A negra, entretida em fritar uns lambaris, resmungava:

— Pra que isso agora? Estou cansada de fazer coisas para você, Emília. Ora é isto, ora é aquilo. Canastra agora!... Não serve mais a última que fiz?

— Muito pequena. Quero uma, o dobro.

— E pra quê? Que tanta coisa tem para guardar? — E largando da colher espiou bem dentro dos olhos da ex-boneca. — Hum!... Estou cheirando reinação nova... Esses olhinhos não negam. Que vai fazer?

— Nada — respondeu Emília com a maior inocência. — Só que tenho muitas coisas a guardar e a canastrinha velha já está cheia.

— Eu sei, eu sei... — resmungou a preta. — Pra mim, é reinação nova. Onde é? Vá, diga...

Emília começou a inventar uma mentira bem-arranjada demais. Todas as mentiras da Emília eram assim: tão bem-arrumadinhas que todos logo desconfiavam. A negra não acreditou em coisa nenhuma; mas, para se ver livre da atropeladeira, disse:

— Está bom. Faça, sim. Que remédio? Você quando quer uma coisa fica pior que carrapato... — E à noite, no serão, fez a canastra nova do tamanho que a atropeladeira queria. Dona Benta apareceu e viu a negra entretida naquilo.

— Hum!... Canastrinha nova... Isso é sinal de Grécia. Pedrinho está com saudades de mais aventuras por lá.

— E sinhá deixa? — disse Nastácia, lembrando-se das aflições passadas no labirinto de Creta, quando andou às voltas com o horrendo Minotauro.

— Eu já disse que não — respondeu a boa velha —, mas Pedrinho não acredita nos meus “nãos”. Eles querem acompanhar Hércules em seus outros trabalhos...



— Credo! — exclamou a preta, sem saber que “trabalhos” eram aqueles, e Narizinho veio pedir à vovó que falasse de Hércules.

Dona Benta falou.

— Ah, minha filha, que maravilhoso herói foi esse massa-bruta! Era filho de Zeus, o grande deus lá dos gregos, e de Alcmena, a mulher mais bela da época, grande como uma estátua, forte, imponente. Mas Zeus era casado com a deusa Hera, a qual, enciumadíssima com aquele filho de seu esposo na Terra, jurou persegui-lo sem cessar. E assim foi. A vida do pobre Hércules tornou-se um puro tormento, tais e tais armadilhas lhe armava a deusa. Mas era defendido por Zeus. Hera armava as armadilhas e Zeus as desarmava — e assim foi até o fim.

— Que fim? — quis saber a menina.

— O triste fim que Hércules teve, coitado, um herói tão bom...

— Conte o fim de Hércules, vovó.

Dona Benta contou que depois de uma infinidade de aventuras, entre as quais os famosos 12 trabalhos, Hércules casou-se com Dejanira, a quem

amava muito. Mas um dia, numa das suas expedições, foi dar nas terras do centauro Nesso. Hércules já se havia batido contra os centauros do antro de Folo e matara-os a todos, menos a esse Nesso, que fugira. Parece que Hércules não reconheceu nessa ocasião o seu velho inimigo, pois, tendo de atravessar um rio a nado, pediu a Nesso que passasse Dejanira. Daí lhe veio a desgraça. Nesso, no meio do rio com a esposa de Hércules ao ombro, teve a ideia de dar-lhe um beijo à força. Lá da margem Hércules viu tudo e, tomando uma flecha, *záz*, espetou-a no coração do centauro. Era ferida mortal. Nesso ia morrer, mas antes disso teve tempo de dar a Dejanira um filtro potentíssimo. Quem pusesse no corpo uma peça qualquer do vestuário respingada com esse filtro envenenar-se-ia e morreria a pior das mortes. Dejanira guardou o filtro e alcançou a nado a margem onde Hércules a esperava.

— E o centauro?

— Esse morreu na água e lá se foi boiando...

Tempos depois Hércules se meteu em nova aventura, na qual salvou uma linda moça de nome Iole, levando-a consigo à ilha de Eubeia, onde havia um altar a Zeus. Lá, querendo oferecer um sacrifício a Zeus, mandou um mensageiro à sua casa em Traquis buscar uma túnica. Chamava-se Licas, esse mensageiro. Era um abelhudo. Em vez de limitar-se a cumprir a missão, contou a Dejanira toda a aventura e falou da maravilhosa beleza de Iole, que Hércules salvara e levara para Eubeia. Uma feroz onda de ciúme encheu o coração de Dejanira, fazendo-a lembrar-se do venenoso filtro de Nesso. E sabe o que fez? Entregou ao mensageiro a túnica que Hércules mandara buscar, mas toda borrifada com o tal filtro...

— Malvada! — exclamou a menina.

— Ao receber a túnica, o pobre Hércules vestiu-a descuidosamente e foi ao altar fazer o sacrifício a Zeus. Lá chegando, começou a sentir no corpo uma dor horrenda como se tivesse vestido uma túnica feita de chamas implacáveis... E morreu torrado.

— Malvada! — repetiu Narizinho, mas Dona Benta explicou que a intenção de Dejanira não fora aquela.

— Nunca imaginou que a túnica fosse vestida pelo herói; julgou que era destinada à linda Iole; de modo que, ao saber do acontecido, desesperou-se e correu a enforcar-se numa árvore.

Perto da Nemeia

No terceiro dia pela manhã já tudo estava pronto para a partida. Pedrinho deu uma pitada de pó a cada um e cantou: “Um... dois e... TRÊS!” Na voz de Três, todos levaram ao nariz as pitadinhas e aspiraram-nas a um tempo. Sobreveio o *fiun* e pronto.

Instantes depois Pedrinho, o visconde e Emília acordavam na Grécia Heroica, nas proximidades da Nemeia. Era para onde haviam calculado o pó, pois a primeira façanha de Hércules ia ser a luta do herói contra o leão da Lua que havia caído lá.

O pó de pirlimpimpim causava uma total perda dos sentidos, e depois do desmaio vinha uma tontura da qual os viajantes saíam lentamente. Quem primeiro falou foi Emília.

— Estou começando a ver a Grécia, mas tudo muito atrapalhado ainda... Parece que descemos num pomar...

Pedrinho também viu árvores em redor. Esfregou os olhos. Deixou passar mais alguns segundos. Depois:

— Não é pomar. É um olival. Esta Grécia é o país das oliveiras, as árvores que dão azeitonas. E parece que estas oliveiras estão carregadas.

Instantes depois estavam os três em estado normal. O visconde sentara-se em cima da canastra da Emília, a qual não tirava os olhos das árvores.

— Maduras, Pedrinho. Por que não enche o seu **embornal**? Gente é como automóvel: não anda sem estar sempre comendo qualquer coisa. O automóvel bebe gasolina nas bombas; a gente “manduca” o que encontra.

.....
Embornal: Sacola de pano usada a tiracolo para provisões.

Pedrinho trepou numa oliveira das mais carregadas e começou a encher o embornal, depois de haver provado uma e cuspidido, numa careta.

— Estão maduras, sim — disse ele —, mas Nastácia, que só conhece azeitonas de lata, não é capaz de reconhecer estas. Gosto muito diferente e horrível. Lembra certas frutinhas do mato que ninguém come, de tão amargas ou **ités**.

.....
Ités: Sem sabor.

As azeitonas só se tornam comestíveis depois de várias semanas de maceração em água de sal. Ficam então deliciosas. Mas sem isto, nem macaco as come! Emília fez logo o projeto de uma grande produção de azeitonas, e:

— Mais, mais, Pedrinho! — não cessava de dizer e ele ia jogando.

Perto dali ficava a residência do dono do olival e uma pastagem muito bonita, com um rebanho de carneiros tosando o capim. Um pastorzinho distraía-se a tocar flauta, com um cão ao lado. Súbito o cão farejou qualquer coisa, enfiou as orelhas — e veio para o olival, na volada.

Pedrinho nunca teve medo de cachorros. Dominava-os com o olhar e a firmeza da voz. Assim foi com aquele.

— Quietos, quietos, Joli! — gritou energicamente. O cachorro parou de latir e pôs-se a balançar a cauda. Depois, dando com o visconde, “não entendeu”. Arrepiou-se todo de medo. Era-lhe um desconhecido — e o desconhecido amedronta qualquer animal.

Pedrinho tentou sossegá-lo, passou-lhe a mão pelo pescoço.

— Nada de sustos, Joli. Não é nenhuma aranha de cartola e sim o nosso grande sábio lá do sítio, o Senhor Visconde de Sabugosa — mas a explicação de nada adiantou: o pobre cachorro positivamente “não entendia” o visconde...

Lá adiante o pastor se levantara e guardava a flauta. Estava com a cara de quem diz: “Que diabo disto é aquilo?”

Pedrinho dirigiu-se a ele, acompanhado dos outros. Em que língua iriam entender-se?

— Que acha, Emília?

E ela:

— Aplique o faz de conta. Faça de conta que nós sabemos grego e ele nos entende muito bem.

Assim foi. Graças ao grego faz de conta de Pedrinho, puderam conversar perfeitamente.

— Bom dia, amigo! Somos viajantes vindos de um século e de uma terra muito distantes destes aqui.

— Destes o quê? — perguntou o jovem grego.

— Deste século e desta terra...

O pastorzinho não entendeu, nem podia entender, o que levou Emília a exclamar:

— Ai, ai! Vamos ter de novo aquelas mesmas dificuldades de entendimento que tivemos com Fídias e os outros em Atenas. — E não querendo perder tempo com tentativas inúteis, perguntou: — Pastorzinho grego, pode dar-nos notícias do Senhor Hércules?



O interpelado fez cara de bobo. “Hércules?” Quem seria esse Hércules? Nunca ouvira pronunciar tal nome. Emília explicou que era um “massa-bruta” assim, assim, que andava pelo mundo fazendo proezas das mais tremendas. De nada adiantou a explicação. O rapaz não tinha a menor ideia de Hércules. O visconde, que estava de banda, sentado sobre a canastrinha, sacudiu a cabeça e riu-se com o riso filosófico dos sábios.

— Ai dos ignorantes! — exclamou. — Como é que este moço há de saber de Hércules, se nesta Grécia nunca houve Hércules nenhum? Hércules não é nome grego; é o nome romano com o qual foi batizado mais tarde. O herói que andamos procurando chama-se em grego Héracles.

Ao ouvir aquele nome tão popular naquele tempo, o pastorzinho iluminou o rosto.

— Bom, este conheço. Não há quem o não conheça por aqui, tantas e tantas têm sido as suas proezas. Héracles é um herói invencível...

— Pois é a ele que andamos procurando — disse Pedrinho. — Amigo velho. Já caçamos juntos...

— Já caçaram juntos? — repetiu o pastorzinho, espantado. — Que é que caçaram?

— Uma cobra de nove cabeças, a célebre Hidra de Lerna.

O rapaz não entendeu porque para ele essa façanha de Héracles ainda estava no futuro, e mostrou-se muito admirado quando Pedrinho contou a história do Leão da Nemeia que Héracles iria matar.

— Leão da Nemeia? — repetiu. — Sim, eu sei desse leão. É um terribilíssimo monstro que caiu da Lua e anda por lá comendo gente. Só se alimenta de gente.

— E por que o não matam? — quis saber Emília. O pastorzinho riu-se de tanta ignorância.

— Matar o Leão da Nemeia! Quem pode, se é invulnerável?

Emília ignorava a significação da palavra “invulnerável”, mas não querendo passar por ignorante aos olhos do moço fingiu precisar qualquer coisa da canastra e foi ter com o visconde. E enquanto abria e remexia na canastrinha, perguntava a meia-voz:

— Que quer dizer invulnerável, visconde? Responda bem baixo.

O visconde compreendeu e ajudou-a.

— Invulnerável é o que não pode ser ferido por arma nenhuma, uma espécie de “corpo fechado”.

Emília ainda perguntou:

— E que tem a palavra “invulnerável” com ferida? — O visconde explicou que em latim “ferida” era “vulnera”.

Emília, muito lampeira, voltou a falar com o pastorzinho.

— Com que então é invulnerável? Ah, ah!... Havemos de ver isso. Quero ver se Hércules vulnera ou não vulnera esse leão da Lua... Já sabe da novidade — que Hércules foi convidado a vir matar esse leão?

O pastorzinho não sabia e admirou-se. Não havia dúvida de que Héracles nunca havia perdido luta nenhuma, mas que poderia fazer contra um leão em cuja carne seta nenhuma penetrava?

— Pobre Héracles! — exclamou ele. — Desta vez vai espetar-se...

O cachorro do pastor não tirava os olhos do visconde, e volta e meia dava um “au”. Nunca vira um animalejo tão estranho, de cartolinha e ainda por cima falante...

— Deixe o visconde em paz, Joli! — gritou Pedrinho.

O jovem grego explicou que o nome do cachorro era Pelópidas.

— E a tal Nemeia, onde fica? — indagou Emília. — Longe?...

— Perto. Vocês seguem por esse carreiro até a encruzilhada. Lá tomam à esquerda e vão andando, andando, até encontrarem um rio. Depois seguem rio acima até uma ponte. A Nemeia começa para lá da ponte.

— Não há letreiro? — perguntou Emília, fazendo o visconde, lá na canastrinha, sacudir a cabeça e murmurar:

— Letreiro! Que ideia!... O pobre rapaz nem sabe o que é letra, quanto mais letreiro.

E estavam nisso, quando, de súbito, um berro distante soou. Evidentemente um urro de leão da Lua, coisa muito mais horrenda que urro de leão da Terra. O pastorzinho tremeu. Só pensou numa coisa: juntar o rebanho e tangê-lo para o curral — e lá se foi no galope, seguido pelo cachorro.

O urro vinha de muito longe — da Nemeia. Eles tinham de ir para lá, pois só lá era possível encontrarem o grande herói grego. Se ficassem ali estavam perdidos, pois quem os defenderia do leão? O pastorzinho? Ah, ah... Já na Nemeia talvez encontrassem Hércules, e na companhia de Hércules nada teriam a temer.



— Vamos para a Nemeia! — ordenou Pedrinho.

O visconde espantou-se.

— Para a Nemeia? Ao encontro do leão que lá está urrando?

— Ao encontro de Hércules — respondeu Pedrinho. — Se tivermos a grande sorte de encontrá-lo, estaremos salvos, mas aqui... Se o leão nos pega por aqui, estaremos irremediavelmente perdidos. Terra de gente medrosa. Olhe como corre o pastorzinho...

De fato, o pastorzinho já ia longe com os carneiros, como se estivesse sendo perseguido por mil leões.

Foram para a Nemeia. Seguiram pelo carreiro até a encruzilhada; depois tomaram à esquerda até dar num rio, e subiram rio acima até uma ponte.

Na Nemeia

— A Nemeia começa aqui — disse Pedrinho ao chegar à ponte, e com as mãos na cintura pôs-se a examinar a paisagem. Não levou muito tempo nisso. Novo urro do leão, muito mais perto, o fez arrepiar-se.

— Temos que trepar numa destas árvores — sugeriu ele precipitadamente, e deu o exemplo: **marinhou** árvore acima com agilidade de macaco. Emília fez o mesmo; **repimpou-se** num galho bem lá de cima.

.....
Marinhou: Subiu ao alto, como os marinheiros.

.....
Repimpou-se: Acomodou-se muito bem.

Lá embaixo só ficou o visconde, todo pateta. Subir em árvore o visconde não subia. Os sábios são desajeitadíssimos. A única solução era suspendê-lo. Pedrinho correu os olhos em torno. Viu um cipó num galho perto. Conseguiu agarrá-lo, depenou-o de todas as folhas e desceu uma ponta ao visconde.

— Segure bem que eu o suspendo.

— E a canastrinha? — lembrou o pobre sábio.

— Deixe-a aí ao pé da árvore — resolveu Emília.

— Leão não come canastras...

Assim foi feito. O visconde escondeu a canastrinha num oco da árvore e pendurou-se na ponta do cipó. Pedrinho o foi suspendendo. Já estava o

sabugo para mais de meio quando a sua cartolinha esbarrou num ramo seco e lá caiu. Que fazer? Voltar para apanhar a cartola ou...

Novo urro do leão já bem perto fez o visconde esquecer-se da cartolinha para só pensar na salvação da pele. Um sábio sem cartola é uma coisa feia, mas um sábio devorado por um leão é coisa mais feia e triste ainda. A árvore era a mais alta dali, e de tronco muito reforçado. Ainda que tentasse, o monstro não os alcançaria em seus pulos.

E foi a conta. Nem bem se tinham acomodado nos melhores galhos, quando a fera rugiu pertíssimo — e afinal apareceu!

Que horrendo bicho! Pedrinho nunca imaginou que os leões da Lua fossem tão enormes, tão possantes, com tão copiosa juba e tão afiadas presas. Parece que havia acabado de comer alguém. As manchas de sangue de seu pelo ainda estavam frescas.

O leão parou junto ao tronco da árvore e farejou. Sentiu que havia seres humanos lá em cima — chegou a entortar a cabeçorra e espiar. Pedrinho, que levava uma pedra no bolso, arremessou-a contra o olho da fera! Está claro que não adiantou coisíssima nenhuma, porque os leões invulneráveis têm também os olhos invulneráveis. O monstro nem sequer piscou. Apenas botou fora a horrenda língua vermelha e passou-a pela beijaorra, como quem diz: “Se alguém anda em cima desta árvore, meu papo está garantido. Sento-me aqui e espero que o almoço desça.”

Pedrinho sondava os horizontes, ansioso pelo aparecimento de Hércules. Só o grande herói podia salvá-los daquela perigosa situação. A não ser que Emília...

— Emília — disse ele erguendo os olhos —, que faremos caso Hércules não apareça?

— É no que estou pensando — respondeu a diabinha. — Há o pó. Mas se recorrermos ao pó, ele nos leva muito longe daqui e perdemos a primeira façanha. O remédio é um só: esperar para ver o que acontece.

O visconde, muito satisfeito de ter se livrado da canastrinha, declarou achar-se muito bem; ele não tinha a menor dúvida em ficar morando ali toda a vida. Sim, as coisas são muito simples para os seres que não comem. O terrível da vida é o eterno problema da comida. “A gente come e não adianta nada”, costumava dizer a ex-boneca¹⁰, “porque, por mais que comamos, temos de comer no dia seguinte. Ai que saudades do tempo em que eu não comia!...”



O leão deitara-se, mas com a cabeça erguida, atento. Súbito, deu um ronco rosnado e enfitou os olhos em certo rumo, como quem está cheirando qualquer coisa.

— Ele farejou carne humana! — disse Pedrinho. — Será Hércules?

Era. Logo depois o vulto do herói emergiu de trás de uma grande moita. Estava de arco em punho. Ia atirar.

O leão pôs-se de pé, como que à espera. Hércules ajeitou no arco uma seta, fez pontaria e *zás!*, despediu-a como Zeus no Olimpo despedia raios. A seta assobiou no ar e veio bater de encontro ao peito do leão. Mas em vez de cravar-se naquele largo peito, encontrou a ponta de ferro e caiu. Hércules lançou segunda flecha, e terceira e quarta e quinta. O resultado foi o mesmo. Despedaçavam-se no peito do leão ou entortavam a ponta.



— Bem disse o pastorzinho que este leão é invulnerável — exclamou Emília. — Inflechável! E o bobo do Hércules não percebe. Melhor avisá-lo,

Pedrinho.

Pedrinho botou as mãos em concha para aumentar o volume da voz e gritou na direção do herói:

— Assim, é inútil. Ferro não entra no peito deste leão. É invulnerável... As flechas acertaram nele, mas entortam a ponta ou se despedaçam. Abandone o arco e pense em outra coisa.

Hércules ouviu atentamente aquelas palavras e, como não distinguisse o menino lá entre as folhas, julgou ser algum aviso do céu, donde muitas vezes lhe viera socorro. Se a deusa Hera o perseguia, a grande **Palas Atena** e outras deusas menores o ajudavam.

.....
Palas Atena: Deusa da sabedoria.

A fera encaminhava-se já em sua direção, a passos lentos e decididos, o olhar chamejante de cólera. Ia raivosamente atacar e devorar aquele audacioso humano que estupidamente a atacava a flechaços.

— Pobre Hércules! — exclamou Emília. — Está ali, está liquidado. Como há de defender-se das garras deste monstro, se suas flechas nem lhe arranham a pele?

— Com flecha não vai — disse Pedrinho —, mas há a clava. Vovó me contou que a clava de Hércules é pior que os martelos-pilões das fábricas de ferro: não há o que não amasse. Esse leão é invulnerável, mas será também inamassável?

Hércules havia largado o arco e tomado a clava, ou maça, feita de um tronco de oliveira, que havia arrancado com raiz e tudo — madeira duríssima. E não esperou que o leão se chegasse até ele, também ia avançando ao seu encontro.

O momento era dos mais emocionantes. Lembrava aqueles momentos nos circos de cavalinhos em que a música para. A música ali era a conversa dos pequenos aventureiros empoleirados na árvore. Todos haviam emudecido. Que pode a palavra humana dizer em circunstâncias assim?

Já estavam bem perto um do outro, os dois tremendos contendores. Súbito, o leão armou bote e lançou-se que nem bomba voadora. Hércules, agilissimamente, regirou no ar a poderosa clava e desferiu um golpe de derrubar montanhas. O tremendo golpe alcançou o leão no ar — *plaf!*... bem no centro da testa. O leão caiu, tonto, mas a clava se fez em vinte pedaços. Uma lasca veio cair ao pé da árvore dos pica-pauzinhos. Hércules arregalou os olhos. A fera tonteara apenas, já estava novamente de pé e ainda mais ameaçadora — e ele desarmado — sem a sua potente clava... Que fazer? E Pedrinho viu-o levantar os olhos para o céu, como quem pede inspiração.



— Dê uma ideia, Emília! — gritou Pedrinho. — Se o não ajudarmos com uma boa lembrança, lá se vai o nosso querido Hércules.

Emília pensou rapidamente: “Se as flechas falharam e se a clava se despedaçou ao primeiro golpe, o jeito agora é atracar-se ao pescoço do leão e afogá-lo.” Pensou e gritou para Hércules:

— Atraque-se com ele, Senhor Hércules! Grude-se no pescoço do leão e vá apertando até que ele morra de falta de ar. O leão é invulnerável e inamassável, mas talvez não seja inasfixiável...

Novamente Hércules ouviu aquilo como se fosse uma sugestão do céu, e bobamente ergueu os olhos para as nuvens, como em agradecimento. Sim, era o que lhe restava: atracar-se com o monstro e procurar asfixiá-lo. E foi o que fez. Lançou-se contra o leão ainda mal saído da tonteira e abraçou-o pela garganta.

Ah, que luta foi aquela! Jamais iria Pedrinho esquecê-la. O abraço de Hércules era pior que o abraço de mil tamanduás. Havia juntado o pescoço do leão como uma torquês junta o pedaço de ferro que aperta. O leão

escabujava, fazia esforços tremendos para desvencilhar-se — mas quem jamais se desvencilhou de um abraço hercúleo? Pedrinho, Emília e o visconde “torciam”.

.....
Escabujava: Esperneava.

— Aí, Hércules! — gritava o menino. — Firme, firme! Vá apertando como chave-inglesa aperta porca de parafuso...

— Não afrouxe nem um minutinho! — berrava Emília. — Ele já está sem fôlego. É apenas invulnerável, não é inafogável...

Até o visconde ajudou, cientificamente:

— Os pulmões dos quadrúpedes param de funcionar quando o oxigênio não entra. Conserve-o sem ar nos pulmões por dois ou três minutos que as funções metabólicas ficam perturbadas e ele afrouxa...

Hércules apertava, apertava. O monstro já tinha os olhos saltados, como querendo pular das órbitas. A língua saía para fora quase um palmo — aquela horrível língua vermelha de leão da Lua. O monstro começava a afrouxar. Seus músculos foram se bambeando.

— Mais um bocadinho e pronto! — gritou o menino. — Ânimo, Senhor Hércules!...

O herói parecia de aço. Aqueles músculos potentíssimos quase que estalavam, de tão tensos. E que alentado era! Seu peito perdera a forma do peito humano normal — virara uma série de tremendos nós de músculos cada um maior que o outro. E foi assim por mais dois ou três minutos. Finalmente o leão moleou o corpanzil de uma vez. Estava liquidado. Hércules ainda o manteve no arrocho por mais algum tempo e afinal o largou. A massa morta do leão da Lua descaiu, aplastou-se no chão.

— Morto! Mortíssimo! — berrou Emília. — Hurra! Hurra! Hurra!... Viva o herói dos heróis!...

O encontro

Só então Hércules percebeu que as vozes vinham da árvore e não do Olimpo. Firmando os olhos, deu com os três pica-pauzinhos repimpados nos galhos. Mas estava tão frouxo que nada disse. Respirava ofegantemente. Seu peito subia e descia. O suor brotava-lhe da pele em grossos pingos — o suor hercúleo.

— Podemos descer — disse Pedrinho, e escorregou pela árvore abaixo. Os outros fizeram o mesmo. Já mais aliviado da canseira, Hércules se aproximou.

— Quem são vocês? — foi a pergunta.

Pedrinho explicou que tinham vindo de um século futuro para acompanhá-lo em 11 de seus trabalhos, 11 só, porque a um deles — a luta com a Hidra de Lerna — já haviam assistido. Hércules não entendeu. Além de burrão de nascença, como todos os grandes atletas, não podia entender aquela história de “vir de um século futuro”. Talvez nem século ele soubesse o que era. Um herói daqueles só sabe de hidras, leões, minotauros e mais monstros com que tem de bater-se. E fez a cara palerma dos que não entendem o que ouvem.

Emília tomou a palavra:

— Somos do sítio de Dona Benta, Senhor Hércules. Este aqui é o Pedrinho, o neto número um e primo de Narizinho. E esta aranha de cartola (o visconde já estava de cartolinha na cabeça) é o famoso sábio Sabugosa, carregador da minha canastra. Fugimos lá do sítio, montados no pó de pirlimpimpim, unicamente para acompanhar os 11 trabalhos de Hércules que nos faltam. Já temos um na coleção.

Hércules ficou na mesma. Olhava para um, olhava para outro e não entendia nada de nada. Emília continuou:

— Queremos ajudá-lo, Senhor Hércules, e já o ajudamos na sua luta contra o leão. Quem deu a ideia do afogamento fui eu, que sou a “dadeira de ideias” lá no sítio. Caçoam de mim, chamam-me asneiranta, dizem que tenho uma torneirinha de asneiras — mas nos momentos de aperto é comigo que todos se arranjam.



Hércules continuava com cara de bobo. Emília prosseguiu:

— Podemos fazer o seguinte. O visconde fica sendo o seu escudeiro, como aquele Sancho que acompanhava Dom Quixote. Sempre há de servir para alguma coisa. Eu forneço as ideias. Pedrinho dá um excelente oficial de gabinete, ou ajudante de ordens. O senhor fica sendo o muque do bando; Pedrinho, o órgão de ligação; eu, o cérebro; e o visconde, a escudagem científica...

Depois de Emília falou Pedrinho, dizendo a mesma coisa com outras palavras. Por fim falou o visconde. E tanto falatório fez que o grande herói fosse compreendendo alguma coisa. Compreendeu e riu-se. Achou graça naquela estranha associação e pediu esclarecimentos. Informou-se de quem era Dom Quixote.

Emília respondeu:

— Ah, Senhor Hércules, nem queira saber! Dom Quixote é um famoso cavaleiro andante dos séculos futuros, um tremendíssimo herói da Espanha — mas com uma diferença: em vez de vencer nas aventuras como os heróis daqui ele sai sempre apanhando, com as costelas quebradas, mais moído de

pau no lombo do que massa de pão bem amassada — e foi por aí além. Contou as principais façanhas de Dom Quixote, todas terminadas com muita pancadaria no lombo do herói.

— Mas se é assim — disse Hércules —, por que lhe chamam herói? Herói aqui na Grécia não apanha, dá sempre...

— É que ele é herói moderno. No nosso mundo moderno tudo é diferente. Até o visconde é um herói científico.

Hércules sentara-se junto ao tronco da árvore, com Pedrinho de pé à direita e Emília já sentada em seu colo. A pouca distância ficara o visconde, também sentado sobre a canastrinha. Emília falava, falava sem parar. E tais coisas disse que acabou ainda mais amiga de Hércules do que o ficara do Quindim.

O sol ia descambando, mas na Grécia não se dizia sol, sim “carro de Apollo”. Hércules ergueu os olhos para o céu e murmurou:

— O carro de Apollo está já perto do fim de seu curso. **Vé**.....**sper** não tarda no céu. Tenho de partir...

.....
Véssper: Vênus, estrela da tarde.

Pedrinho, que sabia muita coisa da vida do grande herói grego, desejava fazer algumas perguntas sobre pontos in-certos.

— E cedo ainda, Senhor Hércules. Antes de levantarmos acampamento quero que me responda a várias perguntas.

— Fale.

Pedrinho queria saber por que motivo, sendo Hércules tão forte, se havia submetido ao Rei Euristeu, o qual lhe impusera aquele trabalho.

— Por que não escangalha com esse rei de uma vez, com um bom golpe de clava na cabeça, em vez de andar correndo perigo para satisfazer às imposições do malvado? Vovó não soube me explicar esse ponto.

— Ah — exclamou Hércules suspirando. — A coisa é comprida, vem de longe; vem do tempo da minha loucura...

— Então já estive louco? — perguntou Emília. — Que engraçado...

Hércules estranhou aquele “engraçado”. Como podia alguém achar graça na loucura? Emília explicou-se contando o caso da loucura de Dom Quixote, que ela achava engraçadíssima.

Hércules desfiou a história do seu casamento com Mégara, da qual teve oito filhos.

— Sim, oito filhos e filhas, e um dia os matei a flechaços...

— Matou os filhos a flechaços? — repetiu Emília, horrorizada.

— Sim, mas não por culpa minha — coisas lá da deusa Hera, que tanto me persegue. Essa deusa me fez cair num acesso de loucura — e eu então matei

meus próprios filhos e filhas, coitadinhos...

— Como foi? Conte...

— Eu estava nessa ocasião em Tebas, de onde saí para realizar uma aventura. Deixei Mégara e meus filhos entregues aos cuidados de Anfitrião. Minha aventura era liquidar uma série de monstros e gigantes malvados. E andava lidando nesse trabalho, quando um tal Licos se apoderou de Tebas e matou muita gente — e ia também matar Mégara e meus filhos. E já estava com a espada erguida sobre a cabeça de minha esposa, quando concluí o meu trabalho e voltei para Tebas. Ah! Foi a conta! Dei tamanha **mocada** em Licos que o achatei como esta folhinha aqui — e Hércules exemplificou com uma folhinha seca apanhada do chão. — Logo em seguida tratei de oferecer aos deuses um sacrifício de agradecimento — e foi então que Hera me enlouqueceu. E, louco furioso, matei não só meus filhos como também a pobre e querida Mégara, minha esposa...

.....
Mocada: Paulada.

— Que horror! Deusa malvada a tal Hera — exclamou Pedrinho.

— Malvada, sim. Nunca me perdoou o fato de ser eu filho de Zeus com Alcmena — e me persegue sem cessar. Tudo que na vida me cai em cima vem de Hera... E depois de matar minha pobre gente eu me aprestava para matar também o bom Anfitrião, quando a boa Palas...

— A mesma que os romanos iriam chamar Minerva — explicou o visconde.

— ... me salvou de mais esse horrendo crime.

— Como?

— Lançando-me lá do céu uma grande pedra contra o peito. A pedrada de Palas curou-me da loucura. Voltei a mim e horrorizei-me com o que havia praticado. Não há maior desgraça que um bom pai e um bom esposo matar os seus queridos filhos e sua querida mulher. Horrorizei-me...

— Mas desde que estava louco, não tinha culpa nenhuma — disse Pedrinho. — Matou sem querer...

— Crime involuntário — explicou cientificamente o visconde.

Hércules continuou:

— Involuntário ou não, cometi esse horrendo crime — e o remorso tomou conta de mim. Condenei-me então ao desterro, e fui consultar o **Oráculo de Delfos** para saber qual a terra para onde exilar-me. Eu por esse tempo não me chamava Hércules, como agora. Meu nome era Alcides. Foi a **pítia** do Oráculo de Delfos quem me trocou o nome e sugeriu a minha vinda

para as terras do rei Euristeu. Esse rei me impôs como penitência a realização de 12 trabalhos terríveis. A luta contra o Leão da Nemeia foi o primeiro.

Oráculo de Delfos: Delfos é uma cidade na Grécia e o oráculo era um local onde os gregos se consultavam com um sacerdote para saberem o futuro.

Pítia: Sacerdotisa do deus Apolo.

Pedrinho sentiu uma batida forte no coração. Quis avisar Hércules de uma coisa, mas conteve-se. Depois, com pretexto de ver se o leão já estava frio, afastou-se com a Emília e o visconde e disse-lhes:

— O pobre Hércules sabe menos da sua própria vida do que eu, que sou de séculos adiante. Vovó me contou como foi. O caso é este: Hércules consultou a pítia, e a pítia lhe deu um mau conselho. A diaba andava vendida a Hera. Faz tudo que Hera manda — e por isso o aconselhou a procurar o tal Euristeu, que é a maior das pestes. Os tais 12 trabalhos foram o meio que Hera achou de metê-lo em tremendos perigos, de modo que não escape. Que acham vocês: devo avisá-lo disso ou não?

Emília pensou depressa e com muita lógica.

— Não! Não deve avisá-lo de coisa nenhuma, pois do contrário ele desobedece à pítia e nós ficamos logrados — ficamos impedidos de assistir aos seus trabalhos famosos. O melhor é conservá-lo na ignorância do futuro, mesmo porque ele vai sair vitorioso. Aquele Oráculo de Delfos! Não há patifaria maior. A pítia deixa-se subornar e dá palpites de acordo com os que melhor lhe pagam. A patifaria humana é eterna, como diz o visconde.

— Sim, é isso — concordou Pedrinho. — Hera está convencida de que o herói não aguenta os tais 12 trabalhos, a boba!... Mas Hércules vai realizá-los maravilhosamente. Melhor mesmo ficarmos quietos. Ele que continue na ilusão — e voltaram para a companhia do herói, com carinhas muito fingidas.

— Está mortíssimo, sim — disse Emília referindo-se ao leão. — Já esfriou. Que vai fazer dele?

O carro de Apolo já estava mais baixo — mais perto da cocheira onde se recolhia todas as tardes. Hércules levantou-se.

— Vou tirar-lhe a pele. Já que esse leão é invulnerável, seu couro dará um ótimo escudo.

Disse e encaminhou-se para o leão morto. Tinha de escorchá-lo, mas para isso era indispensável faca — e Hércules estava sem faca. Olhou em redor, como à procura de qualquer instrumento cortante, caco de vidro, lasca de pedra. Não viu nenhum. Pedrinho compreendeu.

— Já sei o que procura, amigo Hércules. Faca, não é? Faca não tenho comigo. Vovó nunca me deixou andar com faca de ponta, aquela boba. Mas tenho um bom canivete Rodger — e sacou do bolso um canivete Rodger de cabo de osso queimado e lâmina afiadíssima. Hércules achou graça no instrumento, pois não havia canivetes naquele tempo. Examinou-o atentamente. Abriu-o e fechou-o diversas vezes — e numa delas cortou o dedo. Emília correu à canastrinha em busca do carretel de esparadrapo. Destacou a fita gomada e cortou um pedaço, dizendo:

— Para pequenas cortaduras, nada melhor que isto. Chama-se es-pa-ra-dra-po ou ponto-falso. Conhece?

Hércules não conhecia. Deixou que a ex-boneca lhe colocasse no dedo a tira de esparadrapo e admirou-se de ver o sangue estancar. Ótimo! A sua associação com os três pica-pauzinhos já estava dando bons resultados. Em seguida virou o leão de barriga para cima.

— Vocês seguram-no pelas patas nessa posição, que eu vou riscá-lo no ventre.

Pedrinho segurou bem firme as patas dianteiras do leão enquanto a Emília e o visconde faziam o mesmo às traseiras — e Hércules riscou de um extremo a outro a pele do leão.

O visconde veio com a sua ciência:

— Lindo golpe longitudinal! — palavra que deixou o herói na mesma. Nunca houve no mundo um atleta que soubesse o que é “longitudinal”.

— Hércules não está entendendo nada, visconde — disse Emília. — Explique-lhe o que é isso.

— Um golpe longitudinal — explicou o visconde com toda a seriedade — é um golpe ao comprimento, ou no sentido do comprimento.

— E um golpe no sentido da largura? — quis saber Emília.

— Não temos para isso palavra especial — respondeu o sabinho. — Devia ser “golpe latitudinal”, porque largura é latitude, mas tal palavra não existe nos dicionários.

Pedrinho contou a Hércules que o visconde era um grande gramático, o que também deixou o herói na mesma. O coitado nem gramática sabia o que era...

Riscada a pele do leão com aquele lindo corte longitudinal, Hércules, com a mão direita, agarrou a pele pela juba e com a esquerda segurou firme a carcaça do animal — e de um só puxão arrancou a pele inteirinha.

— Que força tem o nosso amigo! — exclamou Pedrinho, entusiasmado. — Lá no sítio, para tirar a pele de um boi, um “camarada” leva tempo — tem de ir destacando da carne com a ponta da faca. Hércules dá um puxão e pronto!...

Mas não basta arrancar uma pele, é preciso esticá-la com varas e pô-la ao sol para secar. Que iria fazer Hércules, com a noite já próxima?

— E agora? — indagou Pedrinho. — Que é do sol para secar esse couro?

Hércules mostrou-se indeciso. Sim, o carro de Apolo já ia entrando na cocheira. Só se dormissem ali para secá-la no dia seguinte...

Entreolharam-se. Não sabiam o que fazer.

Nas histórias das grandes façanhas esses pequenos detalhes práticos da vida nunca aparecem, e no entanto sem atendê-los convenientemente as grandes coisas se tornam impossíveis. Uma pele de leão tem de ser secada ao sol. Em seguida há que ser curtida, pois do contrário resseca, fica mais dura que pau e não tem utilidade para coisa nenhuma. O visconde deu uma boa opiniãozinha:



— Couro cru, isto é, não curtido, não vale nada. Se houvesse um curtidor aqui por perto...

Hércules só entendia de proezas tremendas. Para as coisinhas prosaicas da vida era a maior das inutilidades. Ouviu a história do curtidor e abriu a boca, com expressão de quem está sem nenhuma ideia na cabeça. Emília tomou a palavra.

— Já descobri o jeito de resolver o problema. Lá no olival onde aterrissamos há aquele pastor de carneiros. Todo pastor entende de curtimento de couro, porque vive lidando com a pele dos carneiros que morrem ou são mortos. Minha ideia é irmos ter com ele — e até podemos dormir naquela casinha...

Hércules achou excelente a ideia.

O couro do leão

— Pois vamos ver o tal pastor — disse ele; e pondo a pele fresca aos ombros, bem dobrada, fez menção de partir.

Um problema surgiu. Pedrinho podia, ainda que com esforço, acompanhar as passadas gigantescas do herói — mas Emília e o visconde? Como criaturas tão minúsculas conseguiriam acompanhá-lo? A solução veio de Hércules:

— Muito simples. Levo montados em meus ombros cá a minha “dadeira de ideias” e mais o meu escudeiro...

Disse e, pegando a Emília, colocou-a sentada em seu ombro direito; e com o visconde fez o mesmo, colocando-o em seu ombro esquerdo sobre a pele do leão. Sobrou Pedrinho, que teria de acompanhá-lo correndo.

Pronto! Hércules pôs-se em marcha, e só nesse momento Emília lembrou-se da canastrinha.

— Pare, Hércules! O visconde esqueceu a minha canastra...

Pedrinho correu em busca da canastrinha e entregou-a a Hércules, que a passou ao visconde.

— Que há dentro desta caixeta? — perguntou o herói, retomando a marcha interrompida.

— Por enquanto, bem pouca coisa ainda — mas vai acabar cheia. Aqui dentro estão os guardadinhos de emergência que eu trouxe lá do sítio e três unhas do Leão da Nemeia — lembrança deste primeiro trabalho.

De fato, Emília não se esquecera de arrancar e guardar lá dentro três formidáveis unhas do famoso leão da Lua...

Durante a marcha rumo ao olival Hércules foi contando aventuras e mais aventuras, enquanto Emília desfiava todo o rosário das coisas prodigiosas acontecidas no sítio de Dona Benta.

— Que sítio é esse? — perguntou o herói.

— Ah, nem queira saber! — respondeu Emília. — É a nossa Grécia Heroica lá do mundo moderno, no século XX. O sítio é a nossa fazendinha

gostosa. Temos o pomar, temos o ribeirão, temos a porteira do pasto, temos o cupim perto da porteira, temos a Vaca Mocha...

Hércules entendia bem pouco de tudo aquilo, mas estava gostando de ouvir. Era como se fosse música nova — a música dos tempos futuros. Emília não parava.

— E temos Dona Benta, a melhor vovó que existe, de óculos, saia rodada. E temos Tia Nastácia, a cozinheira. Para bolinhos, não há outra. E temos Narizinho, a neta de Dona Benta, muito minha amiga.

— Por que não vieram todos? — perguntou Hércules.

— Ah, estas façanhas são muito fortes para as duas velhas. Medrosíssimas, coitadas! Narizinho podia vir, porque é como nós, não tem medo de nada. Ficou por causa dos reumatismos e das pontadas da vovó. Da outra vez viemos todos, mas Dona Benta, Narizinho e Nastácia ficaram em Atenas, em casa de Péricles, no século V antes de Cristo.

Hércules não entendia nada.

— Que história é essa de século V antes de Cristo? — perguntou.

Pedrinho teve de explicar a cronologia, isto é, a marcação do tempo antes e depois de Cristo.

— Aqui, por exemplo — disse ele —, vocês estão no século VII antes de Cristo. Quer dizer que Cristo vai nascer daqui a sete séculos. E nós vivemos no século XX, depois do nascimento de Cristo.

Ah, que trabalho teve Pedrinho para explicar toda essa história de séculos antes e depois de Cristo — e para explicar quem havia sido Cristo...

— Sim — disse ele —, porque todos estes deuses da Grécia de hoje, inclusive Zeus, que é hoje o supremo, tudo isso vai desaparecer.

Por que foi dizer aquilo? Hércules parou, assombrado.

— Desaparecer? — Como desaparecer, se eram os deuses eternos e únicos?

Até o visconde teve de tomar parte na discussão, e por fim Hércules fingiu que entendeu, embora na realidade não houvesse entendido coisa nenhuma. E ainda estavam a falar em séculos e deuses, quando avistaram ao longe o olival.

— Estamos chegando! — gritou Emília. — Lá está o bosque de azeitoneiras...

A luz do dia já no fim mal dava para avistarem o vulto sombrio do olival e a casinha do dono. Havia luz dentro.

— Que luz usam por aqui? — perguntou Emília, e ao saber que era a luz dos candeeiros de azeite riu-se de dó e contou a história do gás e da luz elétrica. Hércules não podia compreender outra luz que não a dos candeeiros de azeite e a dos **archotes**. Emília explicou-se como pôde. Falou dos fósforos, uns pauzinhos ^{quê se acendem} que se acendem com uma simples esfregação na caixa, e falou dos botões da eletricidade, que “a gente aperta e todas as lâmpadas se acendem”. O pobre herói estava tonto.

Chegaram. Encontraram a casinha fechada. A luz interna aparecia por uma frincha da porta. Hércules apeou de seus ombros os dois engarupados e jogou a pele no chão. Pedrinho adiantou-se e *toque, toque, toque*. Bateu.

— Quem é? — respondeu uma voz lá dentro.

— Somos viandantes que queremos pouso — gritou o menino.

Imediatamente a porta se abriu e a cara do pastorzinho apareceu.

— Boa noite, amigo! — disse Pedrinho. — Está me reconhecendo?

— Sim, você esteve lá no pasto dos carneiros, naquela hora em que o leão urrou...

— Exatamente. E de lá fomos à Nemeia e encontramos Héracles e “matamos” o leão da Lua. Aqui está a pele...

Só então o pastorzinho deu com o vulto agigantado do herói — e tremeu. Ficou sem fala.

— Nada de medos — disse Pedrinho. — O amigo Héracles é de boa paz. Eu sou o seu oficial de gabinete. Ele tirou a pele do leão e anda em procura de quem a saiba curtir. Você deve entender de curtimento de couros, não?

O pobre pastorzinho gaguejou que sim, sem que seus olhos se despregassem do tremendo vulto do herói.

— Pois então está tudo ótimo. Hércules vai deixar aqui o couro do Leão da Nemeia para que você o prepare como faz aos **pelegos**. Ele quer servicinho bem-feito, está entendendo?

— E também queremos que nos dê pousada por esta noite — ajuntou Emília. — Quem é o dono da casa? Você?

O pastorzinho explicou que não. Os donos estavam fora, tinham ido consultar o Oráculo de Delfos. Ele ficara tomando conta de tudo, mas com ordem de não deixar entrar ninguém. Pedrinho objetou que o tal “ninguém” não podia referir-se a eles, porque eles eram eles e Héracles era o famoso Héracles, o grande benfeitor da Grécia que acabava de libertar a zona do mais terrível dos leões.

O pastorzinho, trêmulo como geleia fora do cálice, abriu a porta. Hércules entrou com os outros atrás.

Casinha modesta, de humildes agricultores, fabricantes de óleo de oliva. A azeitona era a principal cultura dos gregos. Não só a usavam na comida, como para a iluminação. Havia ali na sala uma prensa rústica de extrair azeite.

Emília, lampeiríssima como sempre, foi tomando conta da casa. Varejou os quartos, mexeu nos guardados, foi ter à cozinha. Viu lá o fogo aceso e uma perna de carneiro no espeto. O pastorzinho estava preparando o seu jantar.

— Viva, viva! — exclamou ela cheirando a carne assada. — Está no ponto. Mas isto aqui dá só para o pastorzinho, Pedrinho e eu. Como irá Hércules arrumar-se?

E foi para a sala discutir o assunto.

— Encontrei o pastor assando um lindo pernil que só dá para nós. E o Senhor Hércules? Como vai arranjar-se?

Hércules era um gigante de estômago gigantesco. Comia um boi inteiro com a mesma facilidade com que Pedrinho comia meio frango assado. O assunto foi rapidamente debatido. Hércules declarou que estava com fome e, como não houvesse por ali nenhum boi, contentava-se com três carneiros — e foi ao curral examinar os que havia.

O jantar do herói

O pastorzinho estava na maior aflição. Três carneiros! Que conta iria dar aos patrões quando voltassem? Pedrinho tomou a palavra.

— Um herói como Hércules nunca pensa em dinheiro, nunca anda com dinheiro no bolso — e nem bolso ele tem, pois vive nu, de tanga. E o dinheiro que eu tenho comigo não vale nada nesta Grécia Heroica. Mas podemos fazer um negócio; sou dono aqui deste canivete que o próprio Hércules acha a maravilha das maravilhas. — E mostrou o canivete ao pastorzinho depois de abrir a lâmina grande.



— Veja que corte. É Rodger, a melhor marca inglesa. Vale seis carneiros; mas como não sou cigano, troco-o por três apenas...

O jovem grego, já sorrindo, examinou atentamente a maravilha. Experimentou a lâmina num pauzinho. Que fio!

— Pois aceito o negócio. E até dou em troca os seis carneiros.

— Para que quero seis? — disse Pedrinho. — Amanhã vou-me embora para longe. Só me interessam os três que o Senhor Hércules vai devorar.

Estavam nesse ponto, quando Hércules apareceu com três carneiros às costas, já de pescoço torcido. Ele matava carneiros como Tia Nastácia matava frangos. *Zás, trás*, pronto.

E como assar aquilo? Está claro que lá fora, pois no fogão da casinha era impossível.

Hércules arrancou várias árvores secas, com raiz e tudo, e amontoou-as. O visconde levou brasas da cozinha e acendeu a fogueira. Quando tudo se reduziu a tições, Hércules preparou três espetos e enfiou neles os três carneiros depois de tirar-lhes as peles e limpá-los das barrigadas. Um forte

cheiro de carne assada invadiu a casinha. O jovem grego olhava, olhava. Quando havia de imaginar semelhante coisa? Ele ali diante de Héracles, o mais famoso herói da Grécia, o matador do Leão da Nemeia e autor de tantas façanhas que corriam de boca em boca!...

Enquanto se assavam os carneiros, todos ficaram em redor do fogo trocando impressões e contando histórias. Pedrinho mostrou-se interessado em saber da vida ali.

— Que é que vocês gregos fazem? Como se vestem? Que comem, além de carneiro assado?

E o pastorzinho a tudo atendia. Deu-lhes uma boa ideia da vida simples que levavam os gregos da Grécia Heroica e indagou da que eles levavam nos tais tempos modernos.

— Ah, nem queira saber, greguinho! — respondeu Emília. — Nós lá vivemos uma vida que vocês não podem entender. Tudo diferentíssimo, tão diferente que não vale a pena tocar no assunto. Quando estivemos em Atenas — na futura Atenas do tempo de Péricles foi um trabalhão para fazer aqueles escultores e filósofos entenderem um bocado da nossa vida moderna. Por fim desistimos. Em comparação com a nossa época moderna, vocês são atrasados demais...

Os carneiros já estavam no ponto. Hércules arrancou um do espeto e pôs-se a comê-lo, como Pedrinho comia mangas lá no sítio: dava mordidas e besuntava-se todo de gordura. Comeu os três carneiros como se fossem três queijadinhas. Depois limpou a boca nas costas da mão e disse que estava com sono. Recolheu-se.

Cama para um homem daqueles não havia. O remédio foi arrumar-lhe uns pelegos no chão da sala. Seis pelegos — e ele ainda ficou com os pés de fora!...

Num instante dormiu, tal qual criança nova que se deita e já vai fechando os olhos.

Os outros ainda se quedaram por ali a conversar. Pedrinho contou a história da luta de Hércules com o Leão da Nemeia.

— Ah, foi bonito! Nós lá de cima da árvore não perdíamos nem uma isca. Primeiro lançou uma série de flechas, mas foi o mesmo que nada. Era leão dos invulneráveis. As setas batiam-lhe de encontro ao peito e espatifavam-se, ou entortavam a ponta. Depois atacou-o com a clava — com a tremenda clava feita de um tronco inteiro de árvore, e a clava partiu-se em mil pedaços, como se fosse de vidro. Depois Emília gritou: “Agarre-o pelo pescoço e afogue-o!” e foi o que ele fez. Atracou-se ao pescoço do leão e estrangulou-o...

O pastorzinho estava assombrado.

— Felizmente! — exclamou. — Esse leão andava fazendo os maiores estragos no povo da Nemeia. Só se alimentava de carne humana e não havia o

que lhe chegasse. A semana passada comeu cinco homens, quatro mulheres e três crianças...

Uma coisa preocupava Pedrinho: como é que, sendo invulnerável, o seu canivete cortara tão bem a pele do leão? Mistério. Emília veio com uma explicação como o nariz dela:

— É que era canivete Rodger...

E o visconde apresentou uma ideia mais científica:

— Invulnerável enquanto vivo; depois de morto perdeu a invulnerabilidade.

— Mas, sendo assim — lembrou Pedrinho —, de nada vai adiantar para Hércules um escudo feito dessa pele, já que a pele morta é vulnerável...

Aquele ponto ficou obscuro.

A dormida dos pica-pauzinhos na casa do olival foi das melhores. Estavam cansadíssimos, de modo que tiveram um sono de pedra. Só o jovem pastor não conseguiu fechar os olhos. Héracles ali na sala, dormindo naqueles pelegos! Héracles roncando como um boi! Héracles com três carneiros assados no bucho! Muita coisa para um pobre pastor...

No dia seguinte, muito cedo, o herói levantou-se e foi tomar banho no rio que passava ali perto. Quando voltou, já os pica-pauzinhos estavam de pé e com saudades do café da manhã lá no sítio.

— Ah, Tia Nastácia aqui! — suspirou Pedrinho. — O que mais falta me faz nestas excursões é sempre aquele café da manhã, com pão de ló, com bolinhos de milho, com broinhas de fubá — todos os dias ela inventa uma coisa nova...

O “café” ali no olival era leite de ovelha, só, sem mais nada. Emília fez careta, mas tomou-o; depois foi ao léu em busca de azeitonas. Havia por lá tinas próprias para a maceração, sempre cheias de azeitonas na salmoura.

— Leite com azeitonas! — disse ela. — Está aqui um “café da manhã” que nunca imaginei...

Hércules declarou que tinha de ir à cidade de Micenas, onde morava o Rei Euristeu, para dar conta da façanha realizada.

— Querem ir comigo ou ficam aqui? — perguntou ele a Pedrinho.

— Ficar aqui fazendo o quê? — foi a resposta do menino. — Viemos para assistir a todas as suas façanhas, Senhor Hércules, não viemos para ficar colhendo azeitonas num olival...

— Pois então aprontem-se que vou partir.

Na véspera tinha vindo o visconde sentado sobre a pele do leão, no ombro esquerdo de Hércules, muito a cômodo no macio pelo da fera. Mas agora? Como poderia manter-se naquele ombro nu — manter-se a si e ainda tomar conta da canastrinha?

Emília achou melhor que Hércules conduzisse a sua canastrinha já muito pesada para o pobre visconde. E arranjando com o pastor uma correia de bom comprimento, atou as pontas nas alças da canastrinha e entregou-a ao herói.

— Leve-a a tiracolo, como se fosse o seu binóculo, Senhor Hércules — e o grande herói grego obedeceu: arrumou a canastrinha da Emília a tiracolo como se fosse um binóculo...

Pedrinho riu-se consigo mesmo, como quem diz: “A diabinha já tomou conta deste massa-bruta. Já faz dele o que quer...”

Hércules disse ao pastorzinho que voltaria mais tarde, depois da pele curtida — ou então mandaria buscá-la pelo seu escudeiro Sabugosa. Ao ouvir isso, o visconde arregalou o olho. Ter de voltar ali e levar para Micenas aquele couro de leão da Lua lhe pareceu aventura maior que todos os trabalhos de Hércules juntos. E olhou para Emília com ar de quem pede socorro. Emília riu-se.

— Não se aflija, visconde. Na hora dou um jeito qualquer.

Partiram. O pastorzinho ficou de pé na soleira da porta, a acompanhá-los com os olhos. Ainda não voltara a si completamente. A estranha aventura da véspera era das que **escacham** com qualquer pastor. Depois lembrou-se do canivete e riu-se. Foi buscá-lo. Tentou abri-lo. Não sabia. Lida que lida, acabou também cortando o dedo. Atou-o com uma tira de pano e voltou à porta.

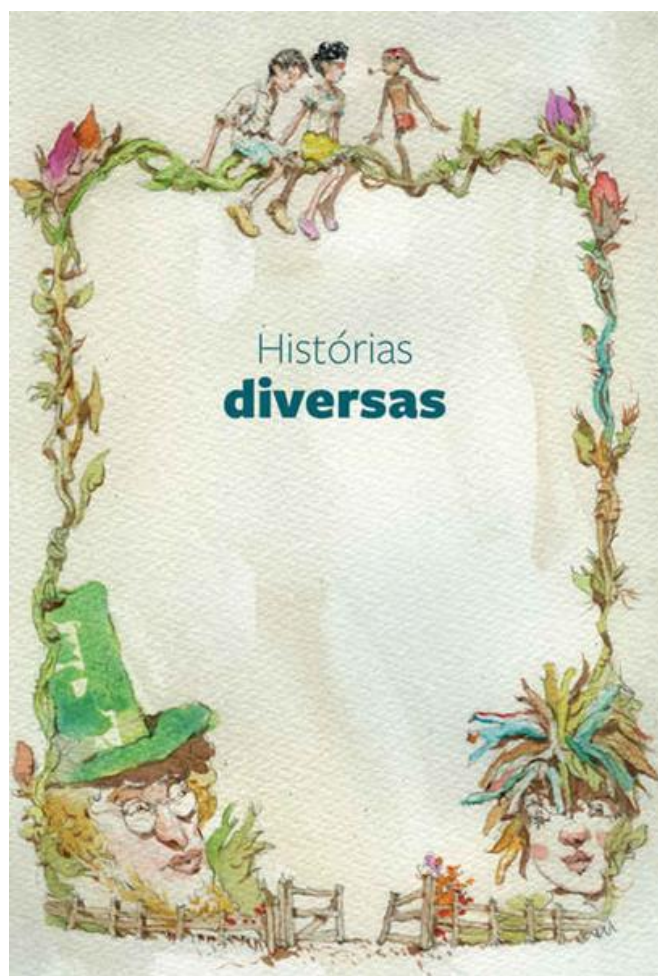
.....
Escacham: Confundem.

Já iam longe os aventureiros. Pedrinho corria atrás do herói, como um cachorrinho corre atrás de um touro...

Notas

9. Aventura em que tia Nastácia é raptada pelo Minotauro e levada para o seu labirinto, na Ilha de Creta.

10. Na *Chave do Tamanho*, Emília vira gente.





AS BOTAS DE
sete léguas

Naquele enorme hotel de trinta andares há um porteiro quase do tamanho de um andar. Está sempre ali pela calçada, vestido de comprida sobrecasaca cor de cinza, com uma fila de botões de metal amarelo na frente e dois atrás. Nos dias de chuva, assim que chega um automóvel com hóspede dentro, ele abre um enorme guarda-chuva vermelho e vai ao seu encontro. Para um hotel, nada mais precioso que um “hóspede!” É preciso que não tome nem uma só gota de chuva.

Estava eu, certo dia, parado diante desse hotel à espera de um amigo, e a observar as manobras do porteiro gigante com o seu guarda-chuva, quando percebi uma coisinha mexendo-se na calçada. Baixei os olhos e franzi a testa. Uma coisinha viva. Besouro? Mariposa? Não. Uma gentinha! A mais galante das gentinhas! Um dos mais famosos personagens do Mundo das Fábulas: o Pequeno Polegar!...

Muito surpreendido com o encontro, peguei-o e botei-o na palma da mão.

— Polegarzinho querido, como é que se atreve a andar assim por estas ruas tão cheias de gente, com as botas de sete léguas ao ombro, em vez de calçadas? Este porteiro gigante, que navega por aqui, de um momento para outro te esmaga com o seu imensíssimo pé... Como quem possui uma bota de sete léguas anda assim com ela ao ombro?

Polegar explicou que viera à cidade justamente por causa das botas. Uma delas, a do pé esquerdo, havia se desarranjado, de modo que, em vez de caminhar sete léguas a cada passo que ele dava, apenas caminhava uma. Isso o impedia de usar as botas.

— Por quê?

— Porque se dou um passo com o pé direito e avanço sete léguas, e em seguida dou um passo com o pé esquerdo e só avanço uma, o passo seguinte do pé direito já não poderá ser de sete léguas e sim também de uma. E minhas botas de sete léguas ficam assim reduzidas a botas de uma légua — o que é uma vergonha.

— Quer dizer que a bota esquerda atrasa, como um relógio...

— Isso mesmo. E vim a esta cidade para ver se algum sapateiro a conserta.

— Não sei, não sei, Polegar. Estes sapateiros daqui só sabem botar meias solas e saltos. Não sei se saberão consertar atraso de bota. Vai ficar hospedado neste hotel?

— Sim.

— Por que escolheu justamente este?

— Por ser o mais alto da cidade — trinta andares. Quero ficar bem lá em cima. Gosto muito de cuspir em gente, embora saiba que isso é uma grande

falta de educação. Mas ficando no último andar, satisfaço o meu gosto e não causo mal a ninguém.

— Por quê?

— Porque o meu cuspinho é tão pequeno que seca no ar antes de alcançar alguém...

Achei muita graça naquela ideiazinha e entrei no hotel para registrar o pequeno hóspede. O gerente assombrou-se quando soube que o apartamento que pedi no trigésimo andar não era para mim, e sim para aquela figurinha de meio palmo de altura, que eu havia largado em cima do balcão e se sentara na beira duma caixa de fósforos. Expliquei-lhe o caso. “É o famosíssimo Pequeno Polegar, que veio ver se encontra quem lhe conserte uma bota que está atrasando.” O gerente fez cara de quem não entendeu coisa nenhuma e com ar abobalhado foi abrindo o livro de registro.

— Nome? — perguntou e eu transmiti a pergunta ao personagenzinho, o qual respondeu de modo que também a mim me causou surpresa.

— Meu nome é Nicolau Indefônsius Nicomédio.

— Nacionalidade e idade?

— Nasci na Pérsia no ano de 1425.

— Casado ou solteiro?

— Solteiro — foi a resposta da galanteza — e suspirou: — Onde encontrar uma mulher do meu tamanho, com quem casar-me?

Eu estava admiradíssimo de ele ser tão idoso e conservar o aspecto de rapazinho.

— Como é que não envelhece, Polegar?

— Porque pertenço à turma dos “personagens”. Envelhecem vocês, gente; os “personagens”, não. Peter Pan, Emília, o Gato de Botas, Capinha Vermelha, a Gata Borralheira, todos nós não somos gente, somos “personagens”. Ontem passei o dia com a Gata Borralheira; está a mesminha do tempo do baile em que perdeu o sapato.

Concluído o registro de Polegar, o gerente mandou que o levassem a um apartamento do trigésimo andar, e eu fui junto para ajudá-lo no que fosse mister. Polegar chegou e já pediu banho.

— Estou sujíssimo. Gastei duas semanas para chegar até aqui, porque vim com as botas ao ombro, andando pela beira dos caminhos, com muito cuidado para não ser comido pelos bichos.

— Que bichos?

— Sapos, gatos, cachorros, galinhas...

Quando estou no uso das botas, não tenho medo nem de gigantes. Mas sem elas sou a maior fraqueza do mundo — e nem sei como pude chegar até aqui...



O banho de Polegar foi muito interessante. Havia no quarto um pires, que enchi d'água e serviu de piscina. Do sabonete da pia cortei um pedacinho do tamanho dum grão de arroz — e com esse sabonetinho ensaboou-se todo. Não creio que haja no mundo cena mais galante do que Polegar a ensaboar-se! Depois enxugou-se e foi para a cama. Estava cansadíssimo. Levantei a colcha e no meio daquela imensidade branca, que era o lençol, coloquei-o deitadinho, coberto com o meu lenço de seda.

— Durma bem. Amanhã voltarei para sairmos juntos em procura de sapateiro que conserte o atraso de bota.

No dia seguinte voltei cedo e ajudei-o a tomar o café da manhã: meia colheradinha de café com leite, da qual só ingeriu três gotas, com uma isca de pão. Quis experimentar a geleia que veio num cálice e besuntou-se todo...

Sáímos, afinal, e levei-o a uma sapataria próxima. Mostrei ao sapateiro a bota que atrasava.

— Pode consertar isto?

O homem abriu a boca. Não me entendeu. De repente desconfiou, avermelhou e me pediu que saísse de sua casa porque não era “brincadeira de moleques”. Saímos, indignados, e fomos em procura de outro — e assim visitamos todos os sapateiros do bairro. Pouco adiantou. Só sabiam botar meias solas e saltos; de atraso nenhum entendia. Um deles disse:

— Isso de atraso, só com os relojoeiros.

Fui a um relojoeiro.



— O senhor, que sabe tão bem consertar os relógios, talvez nos possa dar uma arrumação nesta botinha.

— Que tem ela?

— Está atrasando seis léguas.

O relojoeiro me olhou com tal cara que resolvi botar espaço entre mim e ele — e sumi da sua presença.

Cocei a cabeça. Procurar outro era inútil. Todos haviam de nos dar a mesma acolhida. Fiquei perplexo, sem saber o que aconselhar ao meu amiguinho.

— Não sei, Polegar. Nesta cidade parece que ninguém conserta atraso de bota, e sem que o seu par de botas funcione perfeitamente você não se arruma neste mundo. Fica sem defesa.

Passamos um minuto pensando no caso. Súbito, um clarão me iluminou o cérebro: Emília!... Sim, só Emília seria capaz de dar um jeito naquilo, como dera em tantos problemas aparentemente insolúveis.



— Polegar — disse eu —, o único remédio que vejo é irmos ao Sítio do Picapau Amarelo conversar com Emília. A diabinha tem feito tanta coisa maravilhosa que é bem capaz de fazer mais uma. Emília é uma danada!

Polegar já havia estado no Picapau Amarelo e se dava muito bem com Emília, da qual havia recebido um presentinho: o pito de barro de Tia Nastácia, “para esconder-se dentro quando fosse preciso”.

— Pois vamos — foi a sua resposta. — Estou com saudades dela. Ainda é marquesa?

— Sim. Casou-se com o Marquês de Rabicó e logo se separaram, mas pela lei ainda continua marquesa.

Muita gente jura que o Pequeno Polegar tinha paixão pela Emília. Pode ser. Não tenho elementos para dar opinião sobre o assunto.

Fomos ao Picapau Amarelo, onde Emília recebeu Polegar como quem recebe o namorado, e beijou-o como quem come um bombom. Depois perguntou o que queríamos.

— Consertar a botinha dele, Emília. O pé esquerdo está atrasando seis léguas a cada passo. — E contei a nossa impossibilidade de encontrar sapateiro ou relojoeiro que corrigisse o atraso.

— E que tem que atrase?

— Tem que com botas assim ele perde a velocidade, que é a sua única arma neste mundo tão cheio de gatos e outros **antropófagos**. Não podendo escapar dos inimigos, dum momento para outro ele desaparece da cena — e vai ser um desastre. Como poderá o mundo das crianças viver sem o Pequeno Polegar?

.....
Antropófagos: Pessoa que come carne humana, canibal.

Emília achou que era isso mesmo. Pegou a botinha e espiou dentro, cheirou-a, franziu o nariz como se houvesse sentido um cheirinho de chulé, e disse:

— Só há um jeito, que é aplicar o faz de conta. Bota que atrasa é desses casos que nenhum mecânico do mundo conserta, porque não é desarranjo físico, e sim da mágica que há dentro. Que ideia boba a sua, de andar procurando sapateiros e relojoeiros? Se procurasse um pai de santo ainda vá...

Depois sorriu, e olhando para a bota fez uma carinha de dó e disse:

— Com o faz de conta eu arrumo isto num momento. Querem ver? FAZ DE CONTA QUE ESTA BOTA NÃO ATRASA NEM UM CENTÍMETRO. Pronto! — E entregou a bota ao Pequeno Polegar. — Calce e veja.



Polegar calçou a botinha e experimentou. Deu um passo com o pé direito e sumiu da nossa presença. Minutos depois reapareceu muito alegrinho dizendo:

— Está ótima! Com um passo do pé direito fui parar na casa de Nhá Veva Papuda, que fica a sete léguas daqui, e com um passo do pé esquerdo voltei. Quer dizer que minhas botas estão regulando perfeitamente!...

Emília apenas comentou com o seu célebre arzinho de dó:

— Incrível que haja no mundo quem se aperte por tão pouco...

A VIOLETA
orgulhosa

Os livros falam muito no pomar do sítio de Dona Benta, mas nunca se referem ao jardinzinho que lá havia, nos fundos da casa, antes do “quintal”. O quintal era onde Tia Nastácia batia roupa, ensaboava-a e punha-a no gramado para “quarar”, isto é, expô-la ao sol. Sem isso a roupa não fica bem lavada. “Roupa a gente lava com água, sabão e sol”, costumava dizer a boa preta. “Por que sol?”, perguntou Narizinho, e Nastácia respondeu que “quando o sol bate na roupa ensaboada o sabão esquenta e cozinha a sujeira, a qual fica tão solta que sai com qualquer água. Sujeira de roupa que o sabão não cozinha fica encruada, não sai, por mais que a gente esfregue.”

Depois de lavada a roupa, a boa negra punha-a no varal para secar. Perto do tanque ficava o poço ou cacimba, que fornecera água à casa antes do encanamento da “aguinha da grotá”. Um poço muito bom, aberto pelo falecido João Poceiro. Sobre a cercadura de tijolos, altinha assim de quatro palmos do chão, repousava a tampa: um grande disco de cabiúna, madeira que dura toda a vida. Na tampa havia “o alçapão”, que era uma abertura quadrada, com portinhola de dobradiças e cadeado. Esse cadeado foi posto no dia em que Dona Benta pilhou Emília e o visconde tentando abrir a portinhola para medirem a profundidade do poço. “Apesar da curiosidade ser a mãe da ciência”, declarou a boa senhora, “mais vale um burro vivo do que um sábio morto”, e mandou botar o cadeado, guardando a chave na cestinha de costura.

No poço ainda havia a bomba, que o visconde afirmara ser das “aspirantes” — uma velha bomba enferrujada e que não funcionava mais, de tanto tempo que ninguém bulia nela. Depois do encanamento da água da grotá, ficou sem função.

E que mais havia no quintal? Ah, sim — o galinheiro e o lenheiro, um com o bafo quente das galinhas e o outro com um poético cheiro de musgos úmidos.

— Isso, o quintal. E o jardim?

— O jardim era apenas um jardinzinho quase que só dessas flores antigas que ninguém vê nos jardins modernos, como sejam esporinhas, damas-entre-verdes, periquito, zínias singelas... Cada pessoa da casa tinha o seu canteiro, no qual plantava o que queria. O de Nastácia começou muito bem, com cravinas, rosas e dalias, mas acabou transformado numa hortinha de coentro, mostarda etc. e também de plantas medicinais, erva-doce, losna, mentruz-de-sapo, quebra-pedra, manjerição... Emília caçoava: “Isso nunca foi canteiro — é **botica!**”

.....

.....
Botica: Lugar onde se vendiam remédios.

O canteiro de Narizinho era o mais bem tratado, porque Narizinho sempre fora muito prestimosa e ordeira. Dava gosto ver o bem-arrumadinho de sua cômoda, com cada coisa no seu lugar dentro das gavetas. O mesmo ali no jardim. Nunca ninguém viu um matinho, nem folhas secas, nem caramujos em seu canteiro, nem nada que não fossem pés de flores tão bem tratados que até pareciam plantas de exposição.

O canteiro do visconde era apenas experimental, coisa mesmo de sábio. Tempo houve em que só havia ali zínias — a *Zinnia elegans*, a menos elegante de todas as flores.

— São umas perfeitas tontas! — havia dito certa vez Narizinho. — Nunca acertam a mão, nem na forma, nem na cor. A cor das zínias é sempre atrapalhada.

— Como atrapalhada?

— Não é bem uma cor certa — é um “entre-cor”. Fica no meio, não vai até o fim. O cor-de-rosa das zínias não é bem cor-de-rosa, nem vermelho, nem carmim, não é bem coisa nenhuma. A zínia parece uma flor que ainda está apalpando, procurando o que ser — e não sabe o que quer.



E colhendo uma para amostra:

— Olhe esta, por exemplo. As pétalas não têm cor do lado de baixo, só no de cima; não são como as daquele cravo ali, que têm a mesmíssima cor no direito e no avesso. As pétalas das zínias têm direito e avesso, como certas chitas ordinárias. E repare que as pétalas são ora muito compridas, ora muito curtas — irregularíssimas. E nascem sem ordem nenhuma aqui neste miolo do centro, o qual miolo é também muito irregular: vai desde as rodelinhas perfeitas das margaridas até esta espécie de comprido dedal ou copa de cartola do tempo de dantes. Aqui está uma assim. — E Narizinho colheu uma muito grotesca, com a sua enorme copa de cartola ou dedal, de onde saíam três ou quatro “tentativas” de pétalas.

Chitas: Tecido de algodão de pouco valor, estampado em cores.

— Botar pétalas aqui, veja que asneira! Não é lugar de pétalas, e sim dos **estames** e **pistilos**, como o visconde já me explicou. Estas porcariazinhas de pétalas nasceram aqui por engano, por erro da flor. As zínias erram muito, tal qual meninos vadios que nunca sabem a lição. Estas pétalas tontas, vendo o erro, pararam de crescer, ficaram bobamente fora do lugar certo. — E a menina as foi arrancando sem dó de todas as zínias erradas ali do canteiro. — Espirros de pétalas, bolas! Até os talos as zínias não sabem fazer. Repare. Uns talos ocos, fraquíssimos, que a gente pega e já quebram, ou pendem. Também não sabem fabricar folhas bonitas. Veja como são ásperas, pura lixa. E de um verde feio, sujo. E de forma deselegante.

.....
Estames: Órgão masculino das flores.

.....
Pistilos: Órgão feminino das flores.

Foi por causa dessas críticas de Narizinho que o visconde resolveu encher o seu canteiro só daquela flor, para estudá-las e aperfeiçoá-las por meio da seleção e fixação das qualidades. “Hei de disciplinar estas boêmias tontas”, dizia o sabuguinho científico.

E o canteiro da Emília? Ah, esse variava muito. Cada estação, uma espécie diferente de flor. Tempo houve em que ela só quis saber de violetas — e o seu canteiro virou um violetal.

Foi quando aconteceu aquele caso da violeta orgulhosa. Emília só havia plantado violetas roxas, com as quais conversava todos os dias, enquanto as apanhava para a formação de ramalhetinhos. Certa vez encontrou-as muito agitadas.

— Que há por aqui, amorecos? — perguntou Emília; e uma das violetas, justamente a mais sábia e **pernóstica** da floração daquele ano, empinou-se no cabinho e disse:

.....
Pernóstica: Afetada, pretensiosa.

— O que há é que esta noite desabrochou entre nós uma violeta branca que está nos irritando com a sua insolência e orgulho. Só porque é branca e única no canteiro, faz o maior pouco-caso em todas nós, torce o nariz se a olhamos e não dá a honra de responder às nossas perguntas.

Emília, contentíssima por ter uma violeta branca em seu violetal roxo, procurou-a e descobriu-a logo. Era de fato uma linda violeta branca, das mais

folhadas, repolhuda mesmo. Estava ali em seu cabinho, toda estufada como um peito de pomba, ou pipoca das gordas. E fazia uma tal cara de pouco-caso nas outras que Emília não pôde deixar de rir-se.

— Incrível que até entre as flores haja estes sentimentos baixos tão comuns entre as criaturas humanas! — filosofou a ex-boneca. E como falava com as violetas como se fossem gente, perguntou: — Escute cá, violetinha. Não estou entendendo o seu orgulho. Todas as violetas daqui são irmãs. Nasceram da mesma espécie de planta, que o visconde diz ser da família das *Violáceas*. Todas têm a mesma forma de pétala, o mesmo cabinho e o mesmo perfume. Será que você é mais perfumada que as outras ou tem o cabinho mais comprido? — E cheirou-a e examinou-a para certificar-se.

“Não! Apesar de branca, você cheira tanto como qualquer violeta roxa. E o cabinho é o mesmo. Por que, então, essa proa toda, esse orgulho, essa empáfia, esse ar de rainha quando as outras espicham para você olhares compridos e tímidos?”

A violeta branca **arrufou-se** como um peru que faz *puf!* e disse:

.....
Arrufou-se: Irritou-se.

— Não tenho culpa de ter nascido diferente de minhas irmãs. Sou *mais!* E se a natureza me fez mais que as outras, tenho o direito de fazer como fazem lá entre os homens os que são mais que os outros: os reis, que têm mais poder; os ricos, que têm mais dinheiro; os bem-conformados, que têm mais beleza; os sábios, que têm mais sabedoria etc. Pertencço à aristocracia dos que são mais... — concluiu aquela pipoca vegetal, arrufando-se toda, *puf!*...

A insolência da violeta branca fez com que Emília engasgasse e ficasse sem ter o que dizer. Não encontrou argumentos. Limitou-se a murmurar: “Já se viu que coisa? Até parece que tem a **Catarina de Médicis** na barriga!”

.....
Catarina de Médicis: De família poderosa de banqueiros, viveu entre 1519 e 1589.
Casou-se com o Rei Henrique II, da França.

As violetinhas roxas, que tinham ouvido a conversa, ficaram muito desapontadas e mais humildes ainda. A princípio, quando viram Emília interpelar a orgulhosa violeta branca, exultaram, certas do triunfo da ex-boneca. Mas nada disso aconteceu. Em vez de um duelo em que Emília achatasse a proa daquele orgulho, houve apenas um diálogo do qual a violeta branca saiu mais de cima ainda e mais orgulhosa. E como tivesse a consciência do triunfo, lá estava ereta em seu cabinho, a fazer *pufs* de peru,

um atrás do outro. Se alguma violeta roxa humildemente lhe dirigia a palavra, ela nem dava a honra de responder; fazia um *puf!* e virava a cara. Já nem parecia violeta, uma florzinha tão amada pela sua modéstia. Tinha virado um *puf! puf!...*

Não achando argumentos para discutir com a violeta branca, Emília foi buscar o visconde, o qual tinha respostas científicas para tudo. Enquanto isso, as violetas roxas encolheram-se em seus **hastis**, a espiarem com o rabo dos olhos a orgulhosa irmã, que até parecia de ^{.....}pé no ^{.....}cabinho, de tanta proa.

.....
Hastis: Caule.

Emília conferenciou e voltou com o visconde. Bateu palmas, para chamar a atenção das violetinhas. Vendo todas voltadas para ela, disse:

— Violetas: saibam que essa violeta branca é uma oferecida. Nasceu neste canteiro ninguém sabe como, porque eu nunca plantei violeta branca. E como é a única dessa cor em todo o violetal, ficou orgulhosa e insolente, como vocês sabem. Parece um peru estufado.

A violeta branca fez nesse momento mais um *puf!*, como que para confirmar as palavras da Emília.

— Estão vendo? — continuou esta. — A violeta branca passa os dias a provocar as outras, a fazer pouco-caso nas coitadinhas. E por quê? PORQUE É MAIS QUE AS OUTRAS, como me confessou. Já que a natureza a fez mais que as outras, acha-se no direito de abusar da situação.

O visconde interrompeu-a.

— Espere, Emília. Não estou entendendo bem. Diz você que ela é mais que as outras. Eu pergunto: em quê?

— É mais na cor, por ser branca — respondeu Emília.

O visconde deu uma risada gostosa.

— Oh, santa ignorância! — exclamou em seguida. — As violetas roxas são roxas por *terem* nas pétalas pigmentos roxos. As violetas brancas são brancas por *não terem* pigmento nenhum. Pergunto eu: quem é MAIS — quem *tem*, ou quem *não tem*?

— Quem tem, está claro! — responderam as violetas roxas.

— Logo, vocês são mais que a violeta branca, porque vocês têm pigmentos e ela não tem!

As palavras do visconde foram uma revelação. Todas abriram a boca e arregalaram os olhos. Emília, então, pondo as mãozinhas na cintura, voltou-se para a orgulhosa e disse:

— Vamos lá, ariana! Responda a este argumento do visconde.

A violeta branca engasgou. Se as outras *possuíam* pigmentos e ela não, nada mais claro que as outras tinham algo mais que ela e, pois eram mais

ricas...

O visconde fechou o debate com estas palavras:



— A cor das flores decorre da pigmentação. Quando falamos em “cor branca” dizemos uma asneira, porque para haver cor é preciso que haja pigmentação e o branco é justamente sinal de ausência de pigmentação — continuou a falar cientificamente em cor e pigmentos, mas já sem auditório. As violetinhas roxas não quiseram mais ouvi-lo, de tão radiantes que estavam com a vitória. O que queriam era trocar impressões e lançar olhares de dó para a violeta branca. Por que de dó? Porque a violeta branca havia derrubado a cabeça e começado a murchar, de tanta tristeza e humilhação...

o
periscópio
S

○ Visconde de Sabugosa era um sábio; mas que também fosse um inventor, isso o mundo só ficou sabendo no dia em que ele apareceu com uma “surpresa”. Emília bem que desconfiou, e o andou espionando para ver se descobria por que motivo ele se fechava em seu laboratorinho durante horas e horas, isso durante semanas. Mas afinal o mistério se esclareceu: o visconde estava trabalhando na invenção de um periscópio para enxergar o invisível!...

— Que história é essa?

— Ah, uma coisa muito séria e importante. O visconde havia partido de uma ideia muito original, que era a seguinte. O mundo que nos rodeia está cheio de coisas visíveis e invisíveis. As visíveis nós as vemos com os nossos olhos; mas as invisíveis só poderão ser vistas por meio de um invento. — E pôs-se a inventar o tal periscópio.

E inventou-o, e um dia em que todos estavam na varanda apareceu com um embrulho debaixo do braço. Chegou, tossiu o pigarrinho e disse:

— Respeitável público: aqui tenho comigo a mais prodigiosa invenção que já se fez neste mundo: o Periscópio do Invisível, ou o instrumento que nos permite ver as mil coisas invisíveis que nos rodeiam. — E começou a desembulhar o pacote.

Saiu uma caixa de papelão. E de dentro da caixa de papelão, um instrumento com forma de canudo.

— Aqui está a minha invenção — disse ele. — Compõe-se deste canudo, que eu largo perto do que quero ver; e deste fio de arame que eu desenrolo e ligo a este binóculo...

— O meu binóculo! — exclamou Dona Benta. — Tinha desaparecido. Onde o encontrou, visconde?

— No galinheiro. Mas estava sem vidros e eu apenas aproveitei a armação. O que há dentro dele são coisas feitas por mim e fazem parte do invento.

Pedrinho, que não estava ali, chegou nesse instante, muito vermelho de sol, chupando uma cuia de laranja-lima. Ao ver o binóculo gritou:

— O meu binóculo! Onde estava? Há quanto tempo ando procurando o meu binóculo...

— Seu, não! Dobre a língua. O binóculo é de vovó — protestou Narizinho. Dona Benta interveio para evitar celeuma:

— Pedrinho está certo. O que é meu é dele também.

— Mas onde estava? — insistiu o menino, e quando soube que o visconde o havia encontrado no galinheiro, debaixo da palha de um ninho de galinha, fulminou Emília com os olhos.

Quem poderia ter escondido lá o binóculo senão ela? Sempre que brigava com alguém, a vingancinha de Emília era essa: esconder os objetos de mais estimação do “inimigo”.

O visconde falou meia hora sobre a sua invenção e ia entrar na parte puramente científica quando Emília o interrompeu.

— Isso fica para depois. Agora o que queremos é a demonstração da batata! Mostre-nos uma coisa invisível, senão eu já escangalho com essa joça.

— Vê, sinhá, como está ficando esta “rainha do mundo”? — disse Tia Nastácia, que acabava de entrar com dois frangos na mão, para saber qual deles matava. — O plimu ou o rode?



Dona Benta escolheu o frango que ia ser vítima da fome de seus netos e a negra se retirou, fazendo para Emília o gesto de chinelada no traseiro, enquanto a ex-boneca lhe punha a língua. Em seguida, voltando ao assunto do periscópio, a diabinha berrou:

— Demonstração! Queremos a demonstração do invento!

O visconde pediu que escolhessem o que queriam ver, e cada qual quis uma coisa. A ideia vitoriosa foi a de Narizinho.

— Já ouvi falar que onde há **chapéu-de-sapo** há também por perto anõezinhos invisíveis.

.....
Chapéu-de-sapo: Cogumelo.

— Essa ideia é minha! — reivindicou Emília. — Eu tive a intuição disso e agora podemos tirar a prova. Resta que haja algum chapéu-de-sapo no pomar.

— Perto da cocheira da Vaca Mocha nasceram muitos esta noite — disse Pedrinho. — Passei por lá ainda agorinha e vi.

— Pois vamos ver isso — disse o visconde, arrumando o canudo, o binóculo e o fio na caixa de papelão.

E lá se foram todos rumo à cocheira da Vaca Mocha, que ficava no fim do pomar. De passagem Pedrinho apanhou e descascou várias laranjas-limas, cortou-as e ofereceu uma cuia a cada um.

— Como Pedrinho está amável! — observou Dona Benta.

Mas Emília desmascarou incontinentemente a amabilidade do menino:

— Ele gosta da cuia da ponta, por ser mais doce, por isso é que é tão oferecido em descascar laranjas: meio de se regalar só com as cuias da ponta.

Pedrinho apenas disse:

— Peste!

Chegados lá perto da cocheira da vaca mocha, viram logo um bonito grupo de chapéus-de-sapo muito perfeitinhas, brotados naquela noite.

— Ótimo! — exclamou o visconde. — Se a ideia de Emília está certa, havemos de ver por aqui muitos anõezinhos. — E desembrolhou o pacote; colocou o canudo no chão, apontado para os cogumelos, e estirou o arame por uns vinte metros de distância. — Não podemos ficar muito perto, senão o “invisível” se espanta.

Acomodaram-se todos debaixo de uma árvore, e Pedrinho fez uma armação de dois paus de gancho, onde colocou o binóculo na altura mais cômoda para o observador. E ainda arrumou uns tijolos empilhados, para o observador sentar-se — ou ficar de pé em cima, no caso de ser do tamanhinho da Emília.

— Pronto! Podemos começar, e quem vai ver primeiro sou eu! — gritou a ex-boneca.

— É vovó! — protestou Narizinho. — Primeiro os mais velhos. Venha ver, vovó.

Dona Benta espiou pelo binóculo e não viu coisa nenhuma; o mesmo sucedeu com Tia Nastácia.

— Nossa vista está tão estragada que nem com invenções do visconde não vemos nada.

Chegou a vez de Narizinho, que era a mais velha depois de Tia Nastácia — mas Emília já estava grudada no binóculo e a berrar que nem uma louca:

— Estou vendo o número dos números! Sete anõezinhos — não! Sete sacizinhos de carapuça vermelha e pito aceso na boca, sentados, de pernas cruzadas, debaixo dos chapéus-de-sapo, que também são sete. Estão fumando e conversando. Há um que parece o chefe. Usa faixa na cintura — deve ser o distintivo. Que amorecos!...

Todos estavam ardendo por ver também, mas Emília não largava do binóculo, e às vezes até sapateava de gosto.

— Briga! O chefe agarrou um pelas orelhas e sacudiu-o, e ele reagiu. Está começando um fecho. Parece que se dividiram em dois partidos — três dum lado e quatro do outro. Não consigo ouvir o que dizem, mas deve ser desaforo do bom. O chefe bate com o pé no chão e pede ordem...

— Como consegue bater com o pé, tendo um pé só? — perguntou Narizinho.

— Dá pulinhos — explicou Emília, sem largar o binóculo. — E agora o chefe agarrou um e enfiou-o dentro de um chapéu-de-sapo. Ahn!... Estou entendendo. Os chapéus-de-sapo são as casinhas deles. O chefe está trancando todos, um por um, nas respectivas casinhas. Já trancou cinco, faltam só dois. Trancou o último...

— Isto também é demais! — gritou Narizinho arrancando Emília do binóculo. — Tudo no mundo é para ela, só para ela...

Mas Emília não queria largar do binóculo, de modo que a ele se agarrou com unhas e dentes. E como o menino também viesse ajudar Narizinho, o puxa que puxa escangalhou com o periscópio. Quando conseguiram desgrudar Emília e foram espiar, não viram coisa nenhuma, “e me vai dar um trabalhão para reconstruí-lo”, disse o visconde.

— Que pena! — exclamou Pedrinho muito desconsolado. — Tanto que eu queria ver também e a “peste” não deixou...

Emília, com medo da indignação geral, tinha subido à pitangueira como uma macaquinha, e lá estava a comer pitangas e a jogar os caroços na cabeça dos outros. O caso era de uma boa surra, mas, como só a ex-boneca havia visto os sacis e todos estavam ansiosos por ouvir todas as informações possíveis sobre essas invisíveis criaturinhas, o remédio foi engolir a “gana de esganá-la” e vieram com agradinhos.

— Emília, desça, venha ver que linda borboleta azul sentou aqui — gritou Narizinho.

— E este vaga-lume dos grandes que eu achei — gritou Pedrinho.

Até o visconde adulou-a, dizendo:

— Em menos de meia hora conserto o periscópio. O estrago foi menor do que pensei.

Emília afinal desceu, ainda com uma pitanga na boca. Desceu e começou:

— O remédio, agora que não há mais periscópio, é se contentarem com o que eu vi.

— Conte, conte o que você viu, amor! — pediram todos, trincando os dentes.

E ela, muito lampeira:

— Eram sete sacizinhos que moravam em sete chapéus-de-sapo, cada qual mais espertinho, e marotinho, e engraçadinho...

Tia Nastácia, que ia passando com os temperos colhidos na horta para o jantar, sacudiu a mão em gesto de palmada.

— E não vão também umas palmadinhas no traseirinho?

Emília botou-lhe um palmo de língua.

A SEGUNDA
 jaca

Depois daquele caso da jaca madura, que caiu da árvore e se esborrachou em cima da Emília, ocorreu no Picapau Amarelo o desaparecimento do visconde. Era a segunda vez que semelhante coisa acontecia. A primeira foi quando caiu atrás da cômoda e lá ficou imprensado meses, sendo tirado todo coberto de bolor verde e teias de aranha. Tia Nastácia teve de substituir-lhe o corpo por um sabugo novo, só aproveitando os braços, as perninhas e a cartola. Pois não é que depois do desastre da Emília o visconde desaparece pela segunda vez? Durante uma semana procuraram-no por toda parte, e nada. Nem cheiro do menor sinalzinho do visconde.

A casa de Dona Benta começou a ficar triste. Ninguém ali sabia viver sem o velho sábio. Até Tia Nastácia, que era analfabeta, volta e meia suspirava lá na cozinha, dizendo de si para a sua colher de pau:

— Isto sem visconde é o mesmo que talhada sem gengibre.

(Talhada era um dos doces que a boa negra fazia sempre: misturava melado de rapadura com farinha de mandioca e derramava aquilo ainda quente sobre a “tábua de amassar pastel”, numa camada aí de um centímetro de espessura; depois que o derrame esfriava e endurecia ela o “talhava” com uma faca, em quadradinhos e losangos. Muita gente faz talhada só com melado e farinha. Tia Nastácia, não! Punha também gengibre, porque “se não leva gengibre, não fica sendo da ‘legite’”, costumava ela dizer.)

— É isso mesmo — concordava Dona Benta. — Sem o visconde, o nosso sítio perde muito da sua graça.

E Emília? Ah, essa chegou a dizer que o visconde fazia parte dela como um órgão do seu corpo. “Eu tenho braços, pernas, cabeça, olhos, nariz e o visconde. Sem ele, me sinto aleijada.” E de tanto pensar num meio de descobrir o visconde, teve uma ideia luminosa: pedir aos invisíveis sacis do pomar que o procurassem e achassem.

— Isso mesmo! — dizia ela consigo. — O periscópio está consertado. Levo o periscópio ao pomar, descubro os sacis e, como eles vivem de cachimbinho na boca, proponho-lhes um maço de cigarros em troca de me descobrirem o visconde.

Disse e fez. Levou o Periscópio do Invisível para o pomar e lá o assestou num monte de esterco onde havia mais de vinte chapéus-de-sapo nascidos na véspera. Espiou pelo binóculo e sorriu para si mesma. “Eu sou uma danada! Lá estão debaixo dos cogumelos uma porção de sacizetes e anõezinhos como os de Branca de Neve. O mundo está cheio de maravilhas que nós não vemos. Junto com as coisas visíveis há as invisíveis — justamente as mais lindas...”

Mas como entender-se com eles e propor o negócio da “achada” do visconde? “Tenho de prender um saci na garrafa, como fez Pedrinho antigamente, e para isso o melhor jeito é armar uma peneira.”

“Armar peneira” é coisa muito simples, que qualquer criança da roça costuma fazer no quintal para pegar passarinhos. Espalha **quirera** no chão e põe em cima uma peneira emborcada. Depois ergue-a meio palmo de um lado e escora-a com um pauzinho. Amarra nesse pauzinho um barbante comprido e fica de longe, escondida, segurando a extremidade. Os canários e tico-ticos vêm comer a quirera, e quando entram debaixo da peneira basta um puxão no fio. A escora “espirra” e a peneira cai em cima dos passarinhos.

.....
Quirera: Milho quebrado.

Foi o que Emília fez. Armou a peneira bem em cima dos chapéus-de-sapo e foi ficar com a ponta do barbante na mão, bem longe, lá atrás da pitangueira. E como houvesse levado para lá o periscópio, segurava o barbante e espiava ao mesmo tempo.

Os sacis, que haviam fugido enquanto ela armava a peneira, foram voltando. A princípio estranharam aquilo, mas logo se acostumaram e foram entrando na peneira. Ao ver lá dentro uma meia dúzia, Emília deu um tranco na linha.

— Peguei! — gritou ela — e correu para lá com o coraçãozinho batendo. Não há no mundo emoção maior do que a de pegar um saci... Mas pegá-los é o de menos. O difícil é tirá-los de dentro da peneira, porque são espertíssimos e agílimos. O melhor meio é enfiar uma garrafa dentro da peneira. Os sacis gostam do escuro e entram na garrafa. Depois é só tirá-la e arrolhá-la bem.

Tudo isso Emília fez, sempre de acordo com as instruções de Pedrinho, que era o maior mestre na arte de caçar sacis que havia no mundo. E como tudo lhe saísse certinho, ela dava pulos de alegria por estar na posse de um saci. “Se ele não fizer tudo o que eu quero, não o soltarei nunca — e quero ver!”



Dois dias passou a ex-boneca às voltas com o saci, em misteriosas conversas que não acabavam mais.

— Que tanto lida Emília com aquela garrafa? — murmurou Dona Benta, mas sem de nada desconfiar. Ninguém na casa percebeu que a diabinha estava dona de um saci.

Depois de muita discussão, chegaram a acordo: o saci prometeu convocar todos os seus companheiros para a procura do visconde, em troca de certa quantidade de fumo para cachimbo. Como eles não param de cachimbar, consomem muito fumo picado. Feito o acordo, o saci disse:

— Então me solte.

E Emília respondeu:

— E se você me lograr?

— Não tenha medo — respondeu o saci. — Isso de não cumprir a palavra é coisa dos homens. Saci sempre cumpre o que promete.

Emília soltou-o, e ele lá se foi, num **corrupio...**

Naquele mesmo dia o sacizete falou com todos os mais e se puseram a campear o visconde. Quando os sacis procuram uma coisa acham mesmo, porque, como são muito pequeninhos e espertíssimos, não fica recanto, nem buraco, nem fresta de taipa, nem “embaixos” de pau caído, tijolos ou caco de telha, que eles não revistem. Mas não houve meio. Não conseguiram coisa nenhuma. Nada — nada do Visconde de Sabugosa!...

Ao cabo de uma semana o sacizete procurou Emília e disse:

— Não está. No pomar ele não está. Assim pelo sistema da procura pura e simples a coisa não vai. Temos de raciocinar, deduzir. Vamos ver. Em que hora desapareceu o visconde?

Emília recordou e contou tudo direitinho. Ela estava com os outros debaixo da jaqueira, assistindo à experiência de uma das invenções do visconde, quando lá de cima se desprenderam duas jacas maduras.

— Uma caiu sobre mim e me esborrachou. Tiraram-me de lá em miserável estado, cega, surda e muda, porque o visgo da jaca me tapara os olhos, o nariz e os ouvidos. Se não fosse a esfregação de gordura que Tia Nastácia me fez, eu não teria escapado...

— Muito bem — disse o saci. — Caíram ao mesmo tempo duas jacas. Uma esborrachou você — a outra?

Os olhos de Emília arregalaram-se. Sim, e a outra? Quem sabe se a outra havia caído em cima do visconde? Essa ideia atravessou a cabeça de Emília como um relâmpago, e lá saiu ela voando rumo à jaqueira, com o sacizete atrás. A segunda jaca estava no mesmo lugar em que havia caído vários dias antes. A força dos dois juntos não deu para revirá-la, mas Emília descobriu a pouca distância a cartolinha do visconde, debaixo de uma folha caída.

— Pronto! — gritou ela. — Está achado o viscondinho. Quando as duas jacas caíram, uma se abateu sobre mim, e a outra sobre ele. Mas como fiquei com as pernas de fora, todos me viram e correram a me salvar. Já o visconde ficou totalmente soterrado ou “enjacado”, só com a cartolinha de fora, mas com aquela folha tapando.



Emília bateu palmas, gritou, fez tal berreiro que instantes após o pessoal inteiro do sítio estava reunido lá.

— Achamos o visconde! — dizia ela. — Está enjacado por esta jaca podre. — E batia com o pezinho na jaca. — Eu e o saci não conseguimos revirá-la, e chamei vocês para nos ajudarem.

Pedrinho veio com o enxadão e num momento revirou a enorme fruta, patenteando aos olhos de todos um quadro horrível. Lá estava o Visconde de Sabugosa achatado no chão, de braços e pernas abertos, sem cartola, morto, mortíssimo. Tia Nastácia ergueu-o e tentou botá-lo em pé. O viscondinho desabou. Estava absolutamente morto. Narizinho fez a prova do espelho diante de sua boca, e o espelhinho não ficou embaciado. Já não respirava o grande, o querido, o inesquecível sabuguinho científico que era para o Picapau Amarelo o mesmo que o gengibre para as talhadas de Tia Nastácia.

A tristeza foi imensa. Emília aplicou o faz de conta:

— Faz de conta que está vivo! — Mas pela primeira vez o faz de conta falhou.

O visconde continuou morto. Houve lágrimas e suspiros. Até Rabicó, que só suspirava por abóboras e mais coisas de comer, veio ver o que era e fez um *ronrom* suspirado. Narizinho o notou e se comoveu, mas a peste da Emília disse:

— Está suspirando de não haver no corpo do visconde nenhum grão de milho.

Ao que a menina retrucou:

— Respeite pelo menos a morte, Emília.

Depois vieram as sugestões sobre o que fazer. Um queria que o visconde tivesse um enterro de primeira classe. Emília lembrou aquele sistema da Índia: queimar o cadáver numa pira. Venceu por fim a ideia de Dona Benta: tirar os braços e as perninhas para serem aproveitadas num sabugo novo, e o toco ela guardaria em seu armário como uma preciosa relíquia.

Nastácia foi ao paiol e escolheu uma bela e gorda espiga de milho. Sacou fora a palha e debulhou-a de todos os grãos, menos seis na altura do peito — iam ficar no novo visconde como condecorações recebidas de reis e presidentes. Depois adaptou àquele corpo novo os braços e as perninhas do falecido e botou na cabeça a cartola, que estava só um pouquinho amassada. Ficou um belíssimo visconde, mas mudo, sem vida — sem ciência.



— Exatinho como da outra vez — lembrou Emília. — Sem espremermos neste sabugo novo o caldo do corpo velho, não lhe volta a vida nem a ciência.

Todos acharam razoável. Mas como espremer um sabugo? Sabugo não é cuia de laranja ou caju.

— Com o espremedor de limão.

Pedrinho trouxe o espremedor de limão e fez a experiência, mas sem nenhum resultado.

— Não vai — disse o menino. — Só vejo um jeito: recorrer ao torno do Antônio Ferreiro. Não há o que aquele torno não esprema. E lá foi com o novo visconde, pendurado pelas palhinhas do pescoço, à tenda do ferreiro, que não ficava longe da casa de Dona Benta. Emília acompanhou-o conduzindo o toco morto do visconde velho.

Deu certo.

Pedrinho colocou o toco no torno e foi dando voltas na manivela. Apesar de estar úmido do caldo da jaca, o toco do visconde só deu de si três ou quatro pingos de um caldo escuro, que Emília aparou com o visconde novo, no qual ficaram embebidos.

Aconteceu o esperado milagre. O visconde novo abriu a boca, depois os olhos, bocejou, deu um suspiro e espreguiçou-se.

— Pronto! — exclamou Emília radiante. — Já adquiriu vida. Resta que tenha adquirido ciência. Como saber?

— Perguntando-lhe qualquer coisa — respondeu Pedrinho, e ele mesmo fez a primeira pergunta: — De que cor era o cavalo branco de Napoleão?

E o visconde respondeu:

— Era cor de burro quando fuge...

Essa resposta foi considerada científica.

A lampreia

O pomar de Dona Benta estava tão velho que Tio Barnabé, num dia em que estava lidando na horta, disse para Pedrinho:

— Se sinhá continua teimando em não replantar as árvores de fruta, um dia vai lá e vê as jabuticabeiras dando mangas e as mangueiras dando “guaiabas”.

— Por quê?

— Árvore é como gente, sinhozinho. Quando ficam muito velhas, garram a caducar, *eh, eh, eh!*... e deu uma daquelas suas risadas gostosas, em que aparecia a gengivada inteira.

O menino ficou com essa história na cabeça, e um belo dia resolveu pregar uma peça na vovó — um dia em que Dona Benta e os outros foram passar a tarde na fazenda do Coronel Teodorico. Em que consistiu a peça? Ah, em trocar as frutas das árvores. Subiu à pitangueira com o bolso cheio de jabuticabas das de cabinho, e em certo galho trocou as pitangas por jabuticabas. Depois, numa das mangueiras, substituiu doze mangas por doze abacates, e foi amarrar as mangas num abacateiro. E fez outras mudanças assim. À tarde, quando Dona Benta voltou, Pedrinho deu jeito de levá-la ao pomar sob pretexto de ver uma taturana verde “toda enfeitada de raminhos”, que estava na pitangueira da Emília.

Dona Benta foi e viu, e muito admirou a estranha lagarta verde. Depois, erguendo por acaso os olhos, deu com umas coisinhas pretas num ramo a quatro metros do solo. Franziu a testa, curiosa.

— Que é aquilo, Pedrinho?

O maroto simulou não perceber coisa nenhuma. “Aquilo o quê, vovó?”

— Ali naquele galho! — E Dona Benta fez sinal com o dedo.

Pedrinho olhou e também franziu a testa.

— Não estou entendendo nada, vovó. Parece jabuticaba... — E trepou para ver de perto — e viu e colheu duas ou três, descendo em seguida. E com cara de assombro: — Veja, vovó, que coisa prodigiosa! Jabuticabas! Esta pitangueira está dando jabuticabas!...

Dona Benta teve uma resposta filosófica.

— Meu filho, pode ser que você engane Emília ou Narizinho; mas quem tem mais de sessenta anos de experiência neste mundo sabe que as leis naturais não sofrem exceções. Se esta pitangueira está dando jabuticabas, isso não quer dizer que tenha havido mudança nas coisas, e sim que algum “espírito santo de orelha” fez o milagre. — E sacudiu o queixo do menino.

Dona Benta não “caiu”, mas Narizinho caiu. Quando, pouco depois, veio ao pomar em busca de mangas e deu com abacates na mangueira, foi voando

contar aos outros.

— Venham ver a maravilha! A mangueira está dando abacates!... — E ao saber que era reinação de Pedrinho, não se zangou, tratou mais foi de ir buscar Tia Nastácia a fim de passar adiante o logro.

A negra “caiu” como uma pata-choca. Assombrou-se da mangueira estar dando abacates e de nascerem jabuticabas na pitangueira. E quando Pedrinho veio com a história de que aquilo só podia ser caduquice de árvores muito velhas, concordou imediatamente.

— Pois é isso mesmo: caduquice! Árvore é tal e qual gente. Nasce, cresce, caduca e morre — tudo igualzinho...

Dessa brincadeira nasceu no Visconde de Sabugosa a ideia de fazer que as árvores dessem realmente duas ou três frutas diferentes, por meio de enxertos. O visconde possuía profundos conhecimentos de genética, que é a ciência da hereditariedade, ou dos filhos puxarem os pais. E tantos e tão hábeis enxertos fez naquele pomar, que vinha gente de longe ver os “milagres”. Entre os visitantes apareceu por lá um dia... sabem quem?



— ?

— O célebre Doutor Caramujo, aquele médico do Reino das Águas Claras!

— Verdade isso?

— Sim. Emília estava no pomar observando os enxertos do visconde quando viu a certa distância uma figura muito sua conhecida, passeando por ali. Será o Doutor Caramujo? — disse consigo, e para certificar-se: — Doutor! Doutor Caramujo!



Ao ouvir-se nomear, a figurinha voltou-se e ela viu que era ele mesmo. Que alegria! Abraçaram-se, e foram tantas as perguntas que nem tinham tempo de responder. Por fim Emília pediu notícias do Príncipe Escamado.

— Solteiro ainda?

— Que solteiro, nada! Casou-se.

— Com quem? — perguntou Emília, acesa.

— Com uma lampreia — respondeu o Doutor, e Emília, não querendo revelar a sua ignorância, engoliu o “lampreia” sem indagar o que era. Conversaram longamente; depois se despediram.

— Volte, Doutor! O pomar é seu. E traga-me um pouco daquelas pílulas, tão boas.

O caramujo lá se foi, com a sua casa às costas e Emília o seguiu com os olhos até vê-lo entrar no rio. Foi então em procura do visconde, que encontrou contando as pernas de uma centopeia para verificar se eram mesmo cem.

— Escute, visconde: que é lampreia?

Não havia o que o diabinho não soubesse! Respondeu que nem um livro:

— Lampreia é um peixe do tipo das enguias, que mais parece cobra. Tem uma boca muito especial — boca de ventosa, com a qual adere a um casco de navio, ou a um pau qualquer, e ali fica pendurada, descansando.

— Como os morcegos, então, que também descansam pendurados...

— Sim; a lampreia adere à madeira para descansar e também adere a outros peixes para sugar-lhes o sangue. É vampiresca, qual os morcegos.

— Que horror! Como adere?

— Com a ventosa da boca, e com os terríveis dentinhos fura a carne do peixe e lhe vai sugando o sangue.

— Peste! E uma casou-se com o príncipe!

O visconde quis saber que príncipe, mas Emília já estava longe, atrás de Narizinho. Encontrou-a diante do guarda-comida da copa, onde Tia Nastácia acabava de botar um prato de queijadinhas.

— Sabe quem se casou, Narizinho? O príncipe!...

— Que príncipe?

— Escamado, o peste. Virou bígamo. Era casado com você e agora desposou uma lampreia, imagine! — e explicou à menina o horror que eram as tais lampreias.

Narizinho arrepiou-se toda. Tinha sido noiva do príncipe e chegara mesmo a casar-se com ele, num casamento interrompido por um grande estrondo.¹¹ Não foi um casamento completo — só meio casamento. Ainda assim considerava-se ligada ao peixinho e não podia admitir que ele “bigamasse” com outra, e logo com quem, Santo Deus: com uma lampreia!



Foi correndo em busca de Pedrinho, ao qual contou tudo. Pedrinho só disse: “Temos de pescar essa bisca!”

A pesca da lampreia provocou muita discussão entre Pedrinho, Emília e o visconde. Cada qual queria uma coisa. Emília, uma bomba dentro de um bolo. “Ela come o bolo e estoura.” O visconde optou pela **tarrafa** do Tio Barnabé. Atraíam-na à beiradinha do rio e *zás!* tarrafa *em cima!* Mas Pedrinho decidiu-se pelo anzol. A dificuldade estava em descobrir onde moravam o príncipe e a lampreia. O Reino das Águas Claras era no mar e o mar é tão grande...

Tarrafa: Rede de pesca circular.

A melhor ideia foi a de Emília.

— O Doutor Caramujo vai voltar com as pílulas que encomendei. Vou mandar por ele um presente ao príncipe: outra rosquinha. E você manda um presente à lampreia: um anzol!...

Discute, que discute, ficou assentado o seguinte. O Doutor Caramujo levaria à lampreia um bombom com anzol dentro, preso a uma linha bem comprida. A lampreia comia o bombom, fígava-se no anzol e pronto! Quando Pedrinho ali na beira do ribeirão sentisse movimento na linha, era só puxá-la.

E assim foi. O doutor reapareceu no dia seguinte, de **porunguinho** a tiracolo com as prometidas pílulas, e voltou com os dois presentes. Chegando lá ao Reino das Águas Claras, entregou a rosquinha ao príncipe, o qual, radiante, a colocou na cabeça, como coroa; e ao bombom com anzol dentro ele o colocou perto da lampreia que, naquele momento, sentada no trono, sossegadamente sugava o sangue dum peixe. Depois, vendo o bombom, Sua Majestade o comeu como sobremesa — e pronto! fígou-se. Pedrinho, lá na beira do ribeirão com a ponta da linha em punho, sentiu o “físco” e toca a puxar.

Porunguinho: Recipiente de couro para líquidos.

Não foi fácil. A lampreia oferecia grande resistência, de modo que por várias vezes o pescador teve de perder o trabalho, devolvendo muitos e muitos metros de linha já recolhida. Mas Narizinho e Emília vieram ajudá-lo — e os três juntos podiam mais que a lampreia.

Puxa que puxa, puxa lampreia! A cobra d’água, afinal, arquejante de cansaço, mostrou-se à tona. Completamente frouxa!

Mais um pouco de puxa que puxa e Pedrinho pôde agarrá-la pelo pescoço e tirá-la do rio.



— Sua bígama! — exclamou Emília acorada ali diante dela na grama da margem. — Pensa então que é só ir casando com príncipes já casados? Casamento verdadeiro vai ser o seu agora com a panela de Tia Nastácia!

De fato, Tia Nastácia preparou a lampreia segundo as instruções do livro de quitutes de Dona Benta *O cozinheiro imperial*. Foi a homenagem da boa negra à dignidade principesca daquela enguia.

Mas na mesa só Dona Benta, que era filósofa, teve coragem de comer a sua rodela de lampreia ensopada. Os meninos torceram o nariz.

— Isso é mais cobra do que peixe — disseram todos.

Quem se regalou com o petisco foi o Tio Barnabé, que logo depois apareceu na cozinha com as raízes de mandioca que Dona Benta o mandara arrancar. Aquele negro comia de tudo: lagarto, bugio, tatu, cobra. Ao ver os roletes da Princesa Escamada ali num sopeirão, perguntou:

— É cobra?

— Não — respondeu Tia Nastácia. — Os meninos dizem que é uma tal lampreia.

Tio Barnabé brilhou os olhos e lambeu os beiços.

— Negro velho não conhece esse tal bicho, mas tá com boa cara, venha!

— E devorou a segunda esposa do príncipe, quase que inteirinha...

Nota

11. O casamento foi contado em *Reinações de Narizinho*, presente nesta coletânea.

LAGARTAS E
borboletas

Que fim levou o visconde? — quis saber Narizinho. — Há já três dias que não o vejo.

— Com certeza anda no fundo do laboratório, às voltas com alguma nova invenção. Ele agora só cuida disso. Virou **Edison**.
.....

.....
Edison: Thomas Edison (1847-1931), inventor da lâmpada elétrica.

Emília, que ia passando, confirmou:

— Está lá sim, dando os últimos retoques na máquina de ler o pensamento dos animais.

— Que história é essa?

— Como eu disse: máquina de ler o pensamento dos animais. Para mim, é a invenção mais maravilhosa do mundo. “Todos os animais pensam, como nós”, diz o visconde, mas, como não sabemos a língua que falam, não temos meio de conhecer o pensamento deles. Com a nova invenção tudo se torna muito simples.

— Como é a invenção?

— Um aparelho — uma caixa assim do tamanho de um tijolo, com o miolo da invenção dentro. A gente liga um fio que sai da caixa à pele do animal e cola o ouvido à tampa, e ouve com a maior clareza o que o animal está pensando.

— Está aí uma dessas coisas que só vendo. Se for verdade, o visconde inventou uma verdadeira revolução. Porque se a máquina permite a leitura do pensamento dos animais, também permitirá a leitura do pensamento dos homens (que são animais e muitos até animalíssimos) — e mil novidades vão acontecer. Num crime, por exemplo: não é preciso interrogar o réu nem as testemunhas, basta ligar o fio à pele do acusado e ficar ouvindo.

Mas será verdade? E Pedrinho, ainda na dúvida, foi consultar Dona Benta.

— Acha possível, vovó, descobrir-se um aparelho de ouvir o pensamento dos animais?

— Por que não, meu filho? O pensamento parece que é uma eletricidade. Nós não vemos a eletricidade comum, não sabemos o que ela é — e no entanto utilizamos e transmitimos de um ponto para outro. Por um fio de cobre. E essa outra eletricidade misteriosa que se chama rádio transmite-se

sem fio nenhum. Ora, a eletricidade-pensamento transmite-se de um cérebro a outro.

— Verdade isso, vovó?

— Como não? Procure no dicionário a palavra TELEPATIA.

Pedrinho abriu um dicionário que estava em cima da mesa e encontrou logo a palavra. Leu a definição: Telepatia — transmissão do pensamento de um cérebro para outro.

— Que coisa, vovó! — exclamou o menino muito admirado. — Nunca imaginei. Mas nesse caso o visconde não está construindo nenhuma máquina boba, sem fundamento. Se existe a telepatia, e até os dicionários dão a palavra, nada mais possível do que uma máquina de captar o pensamento.

— Possível, sim, meu filho — e já realizada com a invenção do visconde, se é certo o que a Emília diz. E poderá chamar-se psicocaptor; *psico* é “pensamento” em grego; e *captor* é “captador”.

Estava a discussão nesse ponto quando o visconde apareceu, muito contentinho, todo a esfregar as mãos.

— Pronto! Já terminei a construção da minha máquina.

— O psicocaptor?

O visconde fez cara de surpresa e em seguida iluminou a carinha.

— Que ótimo nome você descobriu para a minha máquina, Pedrinho! Exato. Saiu da sua cabeça?

— Não. Da de vovó — confessou o menino — e o bem-educado sabuguiño não disse o “Logo vi!” que Emília estava esperando.

— E agora? — perguntou esta.

— Agora vou fazer a experiência — disse o visconde. — Preciso de um animalzinho qualquer, um besouro, uma taturana...

— Na minha pitangueira ainda está aquela taturana de ontem, a verde enfeitada de raminhos.

— Será que taturana pensa? — duvidou Pedrinho.

— E por que não? Todos os seres pensam, pois todos possuem inteligência. Só varia de grau. Newton possuía uma inteligência do tamanho do Himalaia; um peru a tem do tamanho de uma jabuticaba. Mas não há ser vivo que não possua inteligência.

— Pois vamos ver se realmente as taturanas pensam — concluiu Pedrinho.

Minutos depois estavam todos no pomar, debaixo da pitangueira da Emília. Até Tia Nastácia veio, ainda com a colher de pau na mão e a dizer: “Credo! O visconde ainda acaba virando pai de santo.”

O aparelho foi colocado em cima dum caixão de querosene que Emília conservava lá com uma porção de guardadinhos dentro. O grande inventor tirou a taturana da pitangueira com um pauzinho e colocou-a sobre o caixão, perto da máquina; em seguida ligou o fio à pele da taturana e colou o ouvido à

tampa do aparelho. Todos o observavam com a maior atenção. Segundos depois o visconde começou a sorrir, num verdadeiro enlevo d'alma. Era o sorriso de todos os grandes inventores — o de Edison, quando viu acender-se a sua primeira lâmpada — o de **Alexandre Bell**, quando ouviu a primeira palavra ao telefone...

.....
Alexandre Bell: Alexander Graham Bell (1847-1922), cientista que inventou o telefone.

— Está ótima a minha máquina! — disse ele. — Ouço perfeitamente os pensamentos desta taturana. Ouço é modo de dizer, porque não há som. Percebo os pensamentos dela.

— Capta! — ajudou Pedrinho.

— Sim. Estou captando tudo o que ela pensa neste momento.

— E que é? — quis saber Emília.

— Ela está, como se diz, “filosofando” — respondeu o visconde — e tão interessante me parece a sua filosofia que era bom que Pedrinho tomasse nota num papel do que eu for dizendo. Veja papel, Pedrinho, e lápis.

Pedrinho foi correndo buscar papel e lápis e de volta já não encontrou o visconde no aparelho, e sim Emília, que o alijara dali à força. Quis encenar, mas Narizinho fez “Pssiu! Escreva.” E ele vendo a atenção de todos, escreveu o que Emília falou.

— Parece que lhe aconteceu qualquer coisa — disse Emília — porque esta taturana está triste e volta e meia dá um suspirinho. Vou repetir com a maior exatidão o que ela está pensando. Escreva, Pedrinho. — E ditou os pensamentos da taturana: — “Ah, bem triste a minha vida! Num mundo de coisas tão lindas, eu sou feia e inspiro repugnância. Num mundo tão cheio de asas, eu ando me arrastando pelo chão e pelas cascas das árvores. Quem me dera ser como as borboletas que vivem pairando no ar!”

Emília interrompeu o ditado para dizer:

— Como é burrinha! Não sabe que as borboletas saem das lagartas, de modo que uma lagarta é uma futura borboleta, como uma borboleta é uma passada lagarta.

— Nada mais verdade — disse Dona Benta —, mas como é que ela há de saber? As taturanas ou lagartas conservam-se assim até o dia em que viram casulo. Em estado de casulo ficam uma porção de dias, até que aquele mingau amarelo que há dentro dos casulos endureça e vire borboleta; e então a casca do casulo racha e a borboleta sai, toda mole ainda, úmida, sem forças, com as asas amarrotadas. Mas rapidamente secam, esticam as asas, ficam fortinhas e saem voando, voando lindo como as “sertanejas” azuis que moram dentro das matas virgens.

— E verdade, vovó! — exclamou Narizinho. — Só agora estou vendo que as lagartas não podem saber que vão virar borboletas, nem as borboletas podem saber que já foram lagartas!...



Dona Benta pensou lá consigo: “Tal qual nós, humanos, aqui na Terra. Não sabemos de onde viemos nem para onde vamos.” Mas nada disse, porque seus netos ainda eram muito crianças para ruminarem ideias assim.

Emília não queria largar do aparelho. Teve de ser arrancada dali à força, e todos se revezaram na maravilha, ouvindo por mais de uma hora todos os pensamentos que passavam pela cabeça da taturana. Depois fizeram experiência num caramujo grande, dos cor-de-rosa — e apanharam perfeitamente os seus pensamentos caramujais. E depois experimentaram um besourão. E uma mamangava. E uma vespa. E quanto inseto havia por ali.

Narizinho declarou que era tamanha aquela invenção que ela não queria saber de mais nada no mundo, senão ouvir pensamentos. “Que valem todos

os cinemas e todas as diversões humanas diante da maravilha do Psicocaptor Sabugosa?”

E a invenção ainda cresceu de vulto quando Emília teve a grande ideia de verificar se as árvores também pensavam. A primeira experiência foi feita com a sua pitangueira, por meio da ligação do fio com uma folha — e que lindos pensamentos têm as pitangueiras! Também experimentaram as laranjeiras, as mangueiras, as jabuticabeiras e as goiabeiras, verificando que as árvores de frutas gostosas pensam com muita clareza e elevação de ideias. Já os pensamentos dos pés de limão mostraram-se azedos, e os dos pés de pimenta singularmente ardidos.

— E a jaqueira? — lembrou Emília. — Que será que pensa uma jaqueira enorme como a nossa? — E levou para debaixo da jaqueira o psicocaptor, com todo o bando atrás.

A jaqueira do Picapau Amarelo sempre teve fama de ser a mais velha e maior árvore da zona. Tinha uma copa de trinta metros de diâmetro, e um tronco, na altura dum peito de homem, de três metros. Produzia jacas enormes, algumas até de duas arrobas, que quando bem maduras caíam por si mesmas e esborrachavam-se no chão, espirrando favos. E como a estação fosse própria, lá estava a velha jaqueira com mais de vinte enormes jacas maduras, prestes a caírem.

Emília colocou o aparelho no chão e ligou o fio à casca da árvore, porque as folhas ficavam muito alto. E colou o ouvido para “psicaptar”. O que, porém, aconteceu absolutamente não estava no programa — ou foi vingança da lampreia?

— Que foi que aconteceu?

— Nada menos que isto: assim que ela colou o ouvido no aparelho e começou a ouvir, uma jaca madura desprende-se lá de cima e *plaf!*... caiu bem em cima dela e do aparelho, cobrindo-os quase totalmente!

— Acudam! — berrou Narizinho.

Emília estava soterrada! Dela só se viam os dois cambitos em movimento no ar... Era uma jaca das maiores, de modo que para salvá-la Pedrinho teve de ir buscar um enxadão. Depois que “removeu os escombros” a figurinha da Emília apareceu — mas em que estado!...

— Veja, vovó, como ficou esta coitada! — exclamou a menina erguendo-a e tentando pô-la de pé.

Pobre Emília! Impossível imaginar-se coisa mais deplorável. Empapada de caldo de jaca, com pedaços de favos agarrados ao corpo, com a cara, o cabelo e as mãos cobertos de visgo, daquele terrível visgo que os moleques usam para pegar passarinhos, ela não podia falar e quase não podia respirar. E como a única coisa que dissolve visgo de jaca é azeite ou gordura, Tia Nastácia correu à cozinha e voltou com uma frigideira de torresmos. E esfregou aqueles torresmos na cara da ex-boneca, dizendo: “E tenho que

andar depressa, sinhá, se não a coitadinha morre ‘asfixada’. Já está ficando roxa de tanta falta de ar...”



Emília escapou da morte graças aos torresmos de Tia Nastácia, mas ficou em tal estado que teve de ir para a cama, toda engordurada e dolorida, com um gosto de jaca podre que a penetrava até o fundo da alma...

Esse “soterramento” pela jaca foi o único desastre sério que Emília sofreu em toda a sua vida...

AS
fadas



Quantas coisas aconteceram no Picapau Amarelo que não estão contadas nos livros! Muitas até passaram despercebidas dos meninos, como, por exemplo, a festa noturna que Branca de Neve ofereceu ao Gato de Botas. Foi uma festa magnífica, em que os sete anõezinhos penduraram nas árvores do pomar inúmeras lanternas chinesas de todas as formas e cores, mas com vaga-lumes dentro em vez de tocos de vela.

O mais curioso dessa festa foi que os convidados não vieram em suas carruagens e coches, e sim no Tapete Mágico, que os príncipes orientais puseram à disposição de Branca. Muito interessante aquilo. O Tapete vinha voando, e chegando bem em cima do pomar descia suavemente e pousava no chão, na clareira que havia entre o pé de pitanga da Emília e o enfezado pé de fruta-do-conde do visconde. Dela saíam dois, três, quatro, e até seis convidados, todos mal firmes nos pés, tontos da viagem aérea. Em seguida o Tapete voltava para buscar outros.

Embaixo da “mangueira grande” fora armada a mesa do banquete, com uma alvíssima toalha de linho e a rica baixela de prata que os anões de Branca tinham trazido do castelo, para fazer companhia às porcelanas oferecidas pelo Príncipe Ahmede. O jantar ia ser servido pelos anões — e já lá estavam eles trazendo coisas e mais coisas, das mais gostosas. Bolinhos quase iguais aos de Tia Nastácia. Pastéis de nata feitos pelas doceiras do céu. Pirâmides de fios de ovos. Cocadas de fita, manjar-branco, pé de moleque, pudim de laranja, queijadinhas, papo de anjo, bom-bocados, canudinhos de cocada com ovo, casadinhos, furrundu, ameixa recheada, pipoca coberta, baba de moça, doce de abóbora com coco, doce de figo, doce de cidra, doce de pêssago, doce de leite e mais cem qualidades de doces.

— E salgados não havia?

— Como não? Peru recheado, carne-seca desfiada com angu de farinha de milho, mandioquinha frita, lombo com farofa, **cambuquira**, lambari frito, suã de porco com arroz, torresmos pururucas, **quingombô**, frango de espeto, galinha ensopada com palmito, peixe com pirão, leitoã assada, cuscuz, linguça frita, omeletes, **puchero** argentino, salada-russa, pernil de porco... que é que não havia lá?

.....
Cambuquira: Semente da abóbora.

.....
Quingombô: Quiabo.

.....
Puchero: Espécie de cozido espanhol.

Só não havia vinhos, porque os vinhos têm álcool e o álcool é sempre perigoso nessas festas. Fatalmente vira a cabeça de um ou outro e sai briga. Mas havia toda sorte de refrescos em lindas jarras de cristal: limonada, maracujazada, laranjada, cajuada, refresco de morango, de bacuri, de grumixama, de amora, de tamarindo, de..., de..., de... Até água havia, água do pote de Dona Benta, fresquíssima sem ser gelada e mais gostosa que todos os refrescos.

Os convidados iam chegando e se servindo sem a menor cerimônia. Saíam do Tapete e corriam para a mesa — e este pegava um doce, aquele um sanduíche, um croquete, uma empadinha. Os que ainda não haviam jantado atiravam-se aos pitéus mais sólidos, leitoa ou peru.

Lá estava **Aladim** com a sua lâmpada maravilhosa ao colo, e a Alice do País das Maravilhas, e Rosa Branca e sua irmã Rosa Vermelha, e Capinha com o lobo que lhe comeu a vovó espiando de longe, e o Pato Donald junto com o cachorro Pluto. E estava também uma curiosa turminha de sacis, que pela primeira vez aparecia numa festa de personagens. Como constituíssem surpresa, foram logo rodeados e enchidos de perguntas. Peter Pan agarrou um deles pelo braço e depois de encher o bolso de amêndoas cobertas levou-o para debaixo da pitangueira. Lá perguntou:

.....
Aladim: Personagem de *As mil e uma noites*, célebre livro de contos da literatura árabe.

— É verdade que vocês cruzam as pernas, apesar de terem uma perna só?

O sacizete, que estava de gorro vermelho na cabeça e pito na boca, deu uma cuspidinha de banda e disse:

— É uma coisa que não sei. Tenho ouvido falar isso mas não sei.

— Como não sabe? — admirou-se Peter. — Então não vê, não percebe, não presta atenção no que faz?

— Prestar atenção é um ato consciente — respondeu o saci —, e isso de cruzar as pernas é um ato que todos fazem inconscientemente e, portanto, sem prestar atenção.

Peter Pan admirou-se do saci falar com tanta sabedoria, usando palavras que ele ignorava, como “consciente” e “inconsciente”, e perguntou o que era. O saci veio com exemplos.

— Quando você pisca, presta atenção na piscada?

— Não, está claro! — respondeu Peter.

E o saci:

— Pois então você pisca inconscientemente. E quando descasca uma laranja?

— Ah, aí presto toda a atenção, senão corto o dedo.

— Pois então, quando descasca laranja você age conscientemente. Vê a diferença?

Peter Pan aprendeu, mas continuou a achar um grande mistério que os sacis ignorem que “cruzam as pernas apesar de terem uma perna só”.

Estavam ainda os dois discutindo aquele ponto, quando um zum-zum se ergueu no ar. “É ele! É ele!”, diziam cem vozes, e era de fato ele, o Gato de Botas, a quem Branca oferecia aquela festa.

O Gato de Botas entrou majestosamente, no seu lindo vestuário de nobre francês do tempo dos reis Luíses: calção e jaqueta de veludo bordado, punhos de renda, gola não sei como e cabeleira empoada de branco, muito crespa. Chapéu de aba larga com uma grande pluma, e botas, as famosas botas do Gato de Botas. Entrou apoiando-se em sua alta bengala de castão de ouro; e tirando o chapéu com toda a elegância, fez um cumprimento geral, com uma graciosa curvatura. Coisa de gato francês.

E foi justamente essa curvatura que estragou a festa.

— Por quê?

Porque ao curvar-se o Gato de Botas viu ali no chão a coisa que mais mexe com as tripas de um gato.

— Sei, uma gata...

— Não!... Viu um rato...

— Rato? Pois então havia ratos numa festa de tal luxo?

— Sim, havia um, mas não desses ratos vagabundos que caem em ratoeiras e são envenenados pelas donas de casa. Era um rato célebre. Um rato personagem, como todos ali eram personagens.

— Qual a diferença entre gente e personagem?

— Gente é gente, você sabe, não preciso explicar. E personagem é uma coisa muito mais que gente, porque gente morre e os personagens não morrem, são imortais, eternos. Dom Quixote, por exemplo. Existe desde o tempo de Cervantes, e existirá enquanto houver humanidade. Se fosse gente, já teria morrido há muito tempo e ninguém mais se lembrava dele. Quem se lembra dos fidalgos-gente do tempo de Cervantes? Todos morreram, desapareceram da memória dos homens. Mas Dom Quixote e Sancho, que são dessa mesma era, continuam perfeitamente vivos, são citados a toda hora, não morreram nem morrerão nunca. Por quê? Porque são PERSONAGENS. Pois bem: o rato que o Gato de Botas viu era também personagem — era o rato Mickey.

— Mickey Mouse?

— Sim. “*Mouse*” em inglês quer dizer rato, de modo que tanto faz dizer o “rato Mickey” como “Mickey Mouse”.

— Muito bem. Com que então, na curvatura que o Gato de Botas fez ao entrar na festa, viu ali um rato — o rato Mickey...

— Exatamente. Viu o ratinho e esqueceu-se de que ele, Gato, era um personagem, e grande personagem, a quem a Princesa Branca de Neve oferecia um banquete. E agindo instintivamente como qualquer gato comum, deu um pulo em cima do ratinho, para agarrá-lo e comê-lo. Mickey também se esqueceu de que era personagem e fugiu como qualquer camundongo à toa que vê gato.

— E lá se acabou a festa...

— Sim, porque a correria foi medonha. Mickey havia saltado para cima da mesa, com o Gato atrás, de modo que de pulo em pulo iam esparramando os doces e reduzindo à maior desordem a maravilhosa ordem com que os anões haviam arrumado a mesa. Croquetes rolavam por terra. Empadinhas esmagadas exibiam com muita vergonha as suas entranhas de palmito, com uma azeitona muito desapontada no meio. Num dos pulos o Gato caiu sobre as mãos-bentas, e foi um espirro de mãos-bentas para todos os lados! E ao esbarrar na pirâmide de fios de ovos levou consigo, enfiado ao pescoço, um chumaço de fios amarelos...

A desordem foi completa. Como a maior parte dos personagens não sabia do que se tratava, puseram-se a correr às tontas, tomados de pânico — e aqui era uma princesa que tropeçava e caía; logo adiante um rei que derrubava a coroa; e agora um saci que perdia a carapucinha ou o pito. Pânico! Pânico é isso: uma situação em que todos fogem a um perigo que não sabem qual é, e muitas vezes nem existe. E no atropelo derrubam-se, esfolam-se, um esmaga o calo do outro — e até se matam sem querer.

Pois o pega que o Gato de Botas deu em Mickey Mouse produziu um dos maiores pânicos de que há notícia no Mundo da Fábula. A Gata Borralheira perdeu um dos seus sapatinhos de vidro...

— E o achou de novo?

— Não! Perdeu-o duma vez, esmagado pelo enorme pé de Pé Espalhado.

— Quem é esse bicho? Nunca ouvi falar...

— Pois Pé Espalhado era a última novidade do Mundo da Fábula, um personagem produzido pela Emília e que ela havia soltado na véspera, como quem solta um passarinho. Coisa mesmo da Emília. Um personagem malfeito, de cabeça muito pequena e pés muito grandes e chatos, desproporcionadíssimo. E como ainda não soubesse ou não pudesse andar direito com aqueles horríveis pés espalhados, fez grandes estragos na festa: pisou nas caudas dos vestidos das princesas e acabou esmagando um dos sapatinhos de vidro da Gata Borralheira.

A pobre princesa deu um grito lancinante:

— Meu sapatinho!...

Esse grito fez que o pânico esmorecesse. O tumulto cessou. Um dos muitos príncipes encantados ali presentes correu a acudi-la.

— Que foi? Que foi, princesa?

E ela, aflitíssima, torcendo as mãos:

— O meu sapatinho de cristal! Veja a que ficou reduzido — a cacos...

— Quem o moeu assim? — indagou o príncipe já com a mão na espada.

A Gata Borralheira apontou para o monstrengo que andava desajeitadamente, com uns pés esparramados, como os de **Carlitos**.

.....
Carlitos: Famoso personagem de Charles Chaplin.

— Foi aquele bruto!

— E quem é ele? — indagou o príncipe, que nunca vira no Mundo da Fábula um semelhante estupor.

— Pois é o tal Pé Espalhado, invenção da Emília — informou a Borralheira. — Ela tem a mania dos pés. Antigamente andou às voltas com um “Pé de Vento”. Agora inventou esse “Pé Espalhado”...

Nesse momento Branca de Neve subiu a uma cadeira e bateu palmas.

— Ordem! Ordem! Tenho a honra de avisar aos meus amáveis convivas que a grande novidade da noite vai ser agora. O Tapete Mágico acaba de chegar com seis fadas! É a primeira vez que em nossas festas as fadas nos dão a honra de comparecer.

Fez-se profundo silêncio. Todos se voltaram para a direção que Branca, em cima da cadeira, apontava. E as fadas entraram...

Que maravilhosas criaturas! Pareciam sonhos vivos. Porque as fadas são para o mundo como é o perfume para a flor, como é o sabor para a fruta.

Entraram em grupo, de mãos dadas, sorrindo. O andar delas tinha uma leveza de pluma. Vinham como que pairando no chão, como as aves pairam no céu. E como eram só fadas boas, não havia uma que não fosse de incomparável beleza.

Peter Pan firmou a vista e reconheceu uma delas.

— Sininho! Sininho!...

E a fada Sininho, que fazia parte do grupo e era a mesma que o salvara do veneno dos piratas, saiu do grupo e foi beijar o valente garoto...



Nesse momento, o Gato de Botas, já sem botas, sem chapéu de plumas, sem casaco de veludo, só de calções, reapareceu no recinto da festa, vindo lá da escuridão do pomar. Sempre em perseguição do ratinho — e já estava pega não pega.

— Pega! Pega! — gritaram muitas vezes.

— Não! — berrou Branca furiosa. E tomando o outro pé de sapato da Borracheira, espatifou-o no focinho do Gato, dizendo: — Sem educação! Outra festa que eu dê, boto aqui um cachorro para manter a ordem e impedir escândalos de gatos. E ponha-se daqui para fora, seu malcriado! Já, já!...



Enquanto no pomar de Dona Benta se desenrolavam estas cenas, lá na casa todos dormiam a sono solto. E sonhavam. E em sonhos Narizinho se queixava para Emília: “Que pena os personagens das Fábulas terem se esquecido de nós! Há quanto tempo não aparecem?...”

A REINAÇÃO
atômica

Narizinho e Dona Benta, na cozinha, ajudavam Tia Nastácia a “pelar vagens”. Em certo momento a menina disse:

— Por que estas burrinhas hão de ter estes fios, vovó? Só para dar trabalho às cozinheiras.

Dona Benta respondeu:

— Quando a Natureza fez as vagens, não pensou nas cozinheiras; nem havia cozinheiras naquele tempo, nem gente no mundo, nem fogo, nem animal nenhum — só vegetais.

— E para que fez a Natureza as vagens?

— Tão fácil perceber, minha filha! Para abrigar as sementes. Note que cada planta inventou um jeito de cuidar de suas sementes e defendê-las. Repare que berço macio é uma vagem para as sementinhas tenras que dormem lá dentro.

A menina havia aberto uma e examinava os sete grãosinhos de feijão muito tenros e de um lindo verde envernizado que havia dentro. Tirou um e mordeu-o. “Adocicado, vovó, mas de um gosto meio enjoadinho.”

Depois, mudando de assunto:

— Quem anda enjoada mesmo é a Emília, vovó, e até penso que está com qualquer coisa, alguma doença.

— Doença? Por quê?

— Não sei. Até o cabelo anda perdendo. Volta e meia cai um fio, e não me admirarei se tivermos uma carequinha aqui no sítio... E, por falar: por que é que só há homens carecas, mulher nenhuma? Será que as mulheres não ficam calvas ou...

— Ou, minha filha! Deve haver tantas carecas entre as mulheres como entre os homens, mas os homens têm a coragem das suas carecas e as mulheres não. Escondem-nas por meio de cabeleiras postiças, o que é muito fácil. Creio que jamais houve no mundo uma mulher calva que tivesse a coragem de exhibir em público a sua careca, como faz o Doutor Osmundo, que até parece ter gosto em mostrar o seu formidável queijo do reino.

— É mesmo, vovó. Ele tira do bolso o lenço e passa-o naquela calva lustrosa e cor-de-rosa, como Tia Nastácia passa um pano na vidraça. Mas, se Emília ficar totalmente careca, que gracinha, hein, vovó?

— Eu terei de lhe arranjar uma cabeleira, ou **chinó**, como se dizia no meu tempo. Mas donde virá essa queda de cabelo da Emília? Não é coisa natural. Com certeza alguma reinação lá no laboratório do visconde, com aquelas drogas.

Nesse momento Tia Nastácia apareceu para levar as vagens já peladas e ninguém mais falou dos cabelos da Emília. Mas Dona Benta ficou parafusando no caso, e logo depois foi ter ao laboratório do visconde, que estava entretido na fabricação do pó de pirlimpimpim.

— Escute, visconde. Emília, segundo diz Narizinho, anda a perder os cabelos, o que não é natural. Desconfio que é arte de alguma droga aqui deste seu laboratório. Que acha?

O sabuguinho científico segurou o queixo, franziu a testa e pensou. Depois disse:

— Não sei de droga nenhuma aqui com o poder de afetar os cabelos humanos, mas ando desconfiado de uma coisa...

— Que coisa?

— Não posso dizer ainda. Tenho de concluir uma investigação que estou fazendo. Há dias dei balanço em meu estoque de Pim e Superpim (era como o visconde chamava o pó de pirlimpimpim e o Superpó que ele havia inventado) e notei a falta de duas pitadas. Quer dizer que alguém entrou aqui e as furtou. Para quê? Para usá-las, evidentemente. De onde concluo que alguém desta casa utilizou o Pim para alguma aventura, sem que os outros soubessem. Ora, que alguém era capaz de fazer isso senão a Emília?

— Muito bem deduzido, visconde — aprovou Dona Benta. — Creio igualmente que só aquela diabinha poderia ter a coragem de usar o pó escondida de nós.

— Sim. Ninguém me tira que ela usou o Pim para ir a alguma parte misteriosa, onde sofreu o choque que a está fazendo perder os cabelos. Hei de descobrir tudo. Estou aplicando no caso os métodos do detetivismo psicológico e hei de caçá-la.

— Em que consistem esses métodos, visconde?

— Em ir apertando a pessoa suspeita, apertando, até que ela não tenha mais remédio e conte tudo espontaneamente.

Dona Benta achou muita graça no sabuguinho e disse para fecho do assunto:

— Pois continue na investigação e me dê parte do que houver. Preciso saber o que se passa nesta casa.

A partir desse dia o visconde amiudou as suas conversas com Emília, sempre com o intuito de “caçá-la”. A primeira foi assim:

— Dona Benta me contou que vamos ter cá no sítio uma pessoa calva. Será certo?

Emília encarou-o firme e desconfiada; depois disse com naturalidade:

— Pode ser. Meu cabelo está caindo. Se continuar...

— E a que atribui isso?

— Não sei. Talvez eu comesse alguma coisa que faz mal aos cabelos...

Conversaram longamente, essa e outras vezes, mas sem resultado para o detetive. Dias depois, entretanto, o visconde ficou de pulga atrás da orelha em virtude do interesse da ex-boneca pela física atômica. Isso foi depois do lançamento da bomba atômica sobre a **Ilha de Bikini**, feito pelos americanos. Emília não largava do assunto, mas o seu interesse não era pela força destruidora das bombas, sim pelos efeitos das emanções sobre os seres vivos. A experiência havia mostrado que depois da explosão ficava a terra carregadíssima de **radioatividade**, e essa radioatividade exercia misteriosos efeitos nos seres vivos. Os sábios andavam a estudar esses efeitos. A preocupação de Emília era saber que efeitos as radiações produziam, ou podiam produzir.

Ilha de Bikini: Ilha de Bikini, no oceano Pacífico, onde foram feitas explosões atômicas experimentais em 1946.

Radioatividade: Emissão de energia por meio de ondas ou partículas.

Essa preocupação da ex-boneca forçou o visconde a estudar muito e a pedir a Dona Benta que lhe comprasse revistas científicas americanas; chegou mesmo a escrever a vários sábios, entre eles **Alberto Einstein** e o **Professor Milikan**.

Alberto Einstein: Albert Einstein (1879-1955), físico alemão que desenvolveu a teoria da relatividade.

Professor Milikan: Robert Andrews Millikan (1868-1953), físico americano que recebeu o Prêmio Nobel da Física em 1923.

Um dia um raio de luz lhe entrou na cabecinha. Quem sabe se as emanções da Ilha de Bikini, revolvida pela bomba atômica, tinham efeito sobre os cabelos humanos, a ponto de os fazer cair? E o visconde se pôs em correspondência com o Doutor Galipoli, que andava lá pelos cafundós estudando o mesmo assunto. Esse cientista tinha em observação cinco casos de pessoas imprudentes que haviam penetrado nas ruínas de Bikini e estavam perdendo os cabelos.

O visconde esfregou as mãos ao ler a carta do Doutor Galipoli que dizia isso, e tratou de saber quanto tempo, depois de terem estado nas ruínas, aquelas pessoas começaram a perder os cabelos. A resposta foi: “Três meses.”

O “sabinho” pensou, pensou — deduziu, deduziu... Depois foi ter com a ex-boneca.

— Emília, há quanto tempo seu cabelo começou a cair?

— Três meses.

Recorrendo à memória, o visconde lembrou-se de que fora exatamente três meses atrás que havia pilhado Emília saindo de seu laboratório com qualquer coisa na mão — um embrulhinho de papel. Naquela ocasião não dera nenhuma importância ao caso, mas agora estava dando. E já com uma ideia na cabeça, preparou um golpe que a “caçasse”. Puxou o assunto das bombas atômicas e disse:

— Para mim, a explosão da bomba atômica em Bikini foi um fracasso. Fez muito menos estragos do que a lançada sobre Hiroshima.

— Com que base diz isso, visconde? — perguntou Emília.

— No que tenho lido e visto nas fotografias.



— Pois penso o contrário. Acho que em Bikini o arrasamento foi completo; só que, como não havia cidade ali, a destruição foi menos espetacular.

O visconde piscou lá por dentro e disse:

— Eu queria muito saber como ficaram os troncos das palmeiras com o choque da explosão. As fotografias, muito reduzidas, não me permitem fazer uma ideia.

Emília distraiu-se e:

— Ficaram esfiapadas, assim como aquela ripa que naquele dia o Guiné Carapina quebrou no joelho e jogou ali fora, e Narizinho caiu em cima e arranhou-se toda no joelho.

O visconde encarou-a com ar firme.

— Emília, Emília! Como é que sabe disso? Como é que sabe com tanta precisão como ficaram as palmeiras da Ilha de Bikini depois da explosão da bomba atômica?

Emília caiu em si e atrapalhou-se. Mesmo assim respondeu com a sua habitual esperteza:

— Sei por adivinhação, ou por dedução, como dizem vocês sábios.

Mas o sabuguinho não se deixou embrulhar.

— Adivinhação uma ova! Sabe porque esteve lá!

Pegada de surpresa, a ex-boneca vacilou. A afirmação do visconde era das mais categóricas, e ele insistiu:

— Esteve lá, sim! E posso dizer mais: esteve lá há três meses, logo depois que entrou na ponta dos pés em meu laboratório e furtou duas pitadas de Pim, uma para ir até a Ilha de Bikini e outra para voltar. Foi ou não foi assim, Senhora Marquesa de Rabicó?

Emília cruzou os braços, empinou o queixinho e respondeu com a dignidade de uma verdadeira marquesa do tempo de **Luís XIV:**
.....

.....
Luís XIV: Luis XIV (1643-1715), rei da França, chamado “O rei Sol”.

— Foi — e agora? Estive lá na Ilha de Bikini — e agora? Quis ver os estragos da bomba atômica — e agora?

Meneando a cabeça, o visconde respondeu com a superioridade de sempre:

— Agora, Senhora Marquesa de Rabicó, vai ficar careca, sabe? Vai ficar mais careca que o Doutor Osmundo, sabe? O castigo de me haver furtado as pitadas do Pim vai ser esse, sabe?

Emília arregalou os olhos e esteve uns instantes como que fulminada por um raio. O visconde, que tinha velhas contas a ajustar, aproveitou-se da situação. Insistiu:

— Careca como o Doutor Osmundo! Mais ainda: careca como o ovo de cerzir meias de Dona Benta!

Emília perdeu a compostura, fez cara de choro — ela que nunca havia chorado! E correu à cozinha em busca de Tia Nastácia, à qual contou tudo, entre soluços, querendo saber se não havia remédio.

A negra riu-se, riu-se, e gozou de ver a invencível Emília abatida, chorosa, largada em seu colo, a fungar, no horror de ficar careca. Mas teve dó dela e consolou-a.

— Não tenha medo, bobinha. Eu dou um arranjo nisso. Tio Barnabé tem um remédio para cabelo, tão bom, tão bom, que até faz nascer cabeleira em ovo de galinha. Arranjo com ele uma dose e deixo essa cabecinha com uma cabeleira que nem a de Sansão.

Emília fungou, fungou e afinal se consolou. Minutos depois estava no pomar ajudando Pedrinho a consertar a gaiola do curió.

AS NINFAS DE
 Emília

Quando, na sua viagem à Grécia, Emília teve notícia da existência de **ninfas**, dríades e hamadríades nos bosques, sua primeira ideia foi: “E se eu fizessê no sítio uma criação de ninfas? Temos lá borboletas azuis, temos uma quantidade de passarinhos e aves que piam, como o inambu e o uru — mas zero ninfas. Vou ver se a **deusa Flora** me cede algumas.”

.....
Ninfas: Divindade da mitologia grega que habitava a natureza.

.....
Deusa Flora: Deusa das flores e da primavera.

Isso foi daquela vez em que Pedrinho, Emília e o visconde desceram juntos à Grécia Antiga para acompanhar Hércules em seus 12 trabalhos.¹² Entre certo trabalho e outro, Emília e o visconde aproveitaram o descanso para uma chegadinha ao reino da deusa Flora. Como havia ninfas por lá! Volta e meia perpassava uma, leve como bolha de sabão com forma humana — forma esvoaçante. “As ninfas não andam como nós”, observou Emília. “Elas deslizam. Parece que não têm peso nenhum. E que diferença há entre dríade e hamadríade?”

O visconde explicou que dríade era a ninfa de uma certa árvore, que vivia sempre ali em redor dela; e hamadríade era também uma ninfa dessa árvore, mas que vivia dentro do tronco.

— De castigo?

— Não. Como uma alma. Nossa alma não vive dentro do corpo?

Emília achou que a Natureza andava errada naquilo de prender ninfas dentro dos troncos, “porque há de ser uma tortura horrenda isso de viver entalado, sem o menor movimentozinho — nem piscar o olho. Vou pedir a Hércules para fender todas essas árvores e soltar as pobres hamadríades...”

— Acha que estas ninfas daqui poderão acostumar-se no sítio de Dona Benta?

— Tudo é possível. Só experimentando.

— Pois vou experimentar — resolveu Emília. — Vou ver se Flora me cede um lote aí de meia dúzia. Ela vai receber-nos em seu palácio hoje à tarde. Assim que houver um jeitinho, eu proponho o negócio.

— Que negócio?

— A troca de seis ninfas por qualquer coisa.

— Que coisa? — quis saber o visconde, já meio desconfiado que a “qualquer coisa” fosse ele, como acontecera lá no Oráculo de Delfos.¹³

— Não sei ainda. Na hora verei.

À tarde houve a recepção e Emília soube responder muito bem às perguntas da deusa.

— Quem é a rainha lá do reino de vocês? — quis saber a deusa, e Emília, com todo o serelepismo: “Sua Majestade Dona Benta I”, e foi contando mil coisas do “Reino” do Picapau Amarelo, metade verdade, metade invenção.

— E quem é este senhor tão sério que a acompanha? — indagou a deusa, dando um piparote na cartola do visconde.

— É um velho carregador da minha canastrinha. E um grande sábio também. Não há o que ele não saiba — até logaritmos.

A deusa Flora ignorava o que fossem logaritmos e quis saber, mas Emília (que também não sabia) embrulhou-a, fazendo uma tal mistura com mangaritos, que deixou a deusa atrapalhada. Em seguida propôs o negócio da compra de seis ninfas.

Flora surpreendeu-se. Pela primeira vez propunham-lhe um negócio daquela ordem. Compra de seis ninfas! Era boa...

— E com que moeda me paga esse lote de ninfas? — perguntou — e com muita surpresa viu Emília piscar e com um movimento de lábios indicar o visconde. Seria possível que ela usasse o seu carregador de canastra como moeda?

Só naquele momento Flora prestou atenção no visconde. Botou-o no colo, examinou-o. Fê-lo falar e por fim disse: “É o mais maravilhoso boneco de **engonço** que ainda vi. Quem o fez?”

.....
Engonço: Dobradiça.

— Não é boneco, deusa! — explicou Emília. — É personagem.

Flora não apanhou lá muito bem a diferença e estiveram uns minutos debatendo o assunto. Por fim disse:

— Seja boneco ou personagem, acho-o muito engraçadinho. Faço o negócio. Troco-o por seis ninfas. Só não sei como fazer chegar essas ninfas ao tal Picapau...

— Isso não me preocupa — respondeu Emília. — Tenho uma boa dose do Pim aqui no bolso — e sacando um canudinho de taquara, tapado com um batoque de pau — obra do canivete de Pedrinho, explicou as maravilhas do Pim, deixando a deusa de boca aberta. Apesar de deusa, Flora sentiu inveja daquela criaturinha humana, possuidora de semelhante talismã. Seria humana ou alguma deusa também? Deusa de algum outro mundo? E começou a olhar para Emília com respeito e certo medinho.

Mas iria Emília realmente trocar as ninfas pelo visconde, um velho amigo seu? Não! Jamais semelhante coisa lhe passara pela cabeça. A ideia de Emília era fazer o negócio e entregar um visconde “imitação”, feito por Tia Nastácia — ou um **fac-símile**. E combinou com a deusa:

.....
Fac-símile: Reprodução de um texto ou imagem.

— Agora nós vamos com o lote de ninfas, depois o visconde vem sozinho.
— Por que já não o deixa aqui? — perguntou a deusa.
— Porque ele tem de arrumar os seus logaritmos e dizer adeus aos parentes.

— Que parentes tem?

— As palhas e os grãos de milho que há lá no reino. Tem também de despedir-se dos fubás, das maisenas, das canjicas, das pamonhas, dos curaus...

A deusa Flora admirou-se de uma figurinha como o visconde ter uma parentela tão grande...

Tudo combinado, operou-se a partida. Flora convocou todas as ninfas de seu reino e passou-as em revista, levando Emília pela mão para que escolhesse as seis. O trato fora de seis ninfas “escolhidas”. A fim de que as ninfas escolhidas não desconfiassem, quando ela gostava de uma dizia para a deusa na língua do P:

— Espestapa! (Esta)

A deusa entendia, mas a ninfa não — e saindo da fila vinha colocar-se ao lado do trono. Quando se completou o grupo das seis, Emília ofereceu a cada uma delas uma flor polvilhada com o pó de pirlimpimpim, dizendo:

— Se forem capazes, cheirem essas flores, todas ao mesmo tempo mas sem espirrar. — E as bobinhas, pensando que era um simples brinquedo (o brinquedo de cheirar e não espirrar), cheiraram as flores, enquanto Emília dizia: — Um, dois e TRÊS!...

Fiun!... Seis *fiuns* e lá se sumiram as ninfas, para irem reaparecer no pomar do Picapau Amarelo, tontinhas, coitadas, e muito surpresas de se verem no meio de plantas desconhecidas — mangueiras, jabuticabeiras, pitangueiras, por entre as quais passeava — *rom, rom, rom* — um leitãozinho gordo, de fitinha na cauda, o Senhor Marquês de Rabicó. E viram também um animal monstruoso, que elas desconheciam, conversando com um burro: Quindim de prosa com o Conselheiro. Assustaram-se as pobrezinhas e quiseram voltar para o Reino de Flora — mas como?

Enquanto lá no pomar as seis ninfas se entreolhavam, sem saberem o que fazer, no Reino de Flora Emília cochichava ao ouvido da deusa:

— Não o deixo aqui porque o visconde agora tem de me acompanhar até lá. A senhora bem sabe que uma menina como eu não pode fazer sozinha uma viagem tão longa.

— Que perigos há?

— É boa! Os perigos do ar, deusa! Corujas, morcegos...

— Mas jura que me devolve o visconde? — insistiu Flora, sempre com medo de que Emília a lograsse.

— Juro pelo chifre do Quindim que amanhã sem falta a **excelsa** deusa Flora receberá aqui o Senhor Visconde de Sabugosa, enviado lá do Reino de D. Benta I pela Marquesa de Rabicó.

.....
Excelsa: Divina, sublime.

— Quem é essa marquesa?

— Esta sua criada!

— E Sabugosa é o nome do visconde de cartola?

Emília respondeu que sim. Em seguida vieram os adeuses. Houve abraços e beijos, terminados os quais Emília deu uma pitada de pó ao visconde e reservou outra para si. Cheiraram-nas ao mesmo tempo e *fiun!*... Sumiram-se os dois.

Assim que acordou lá no sítio, Emília correu em procura de Tia Nastácia. Encontrou-a fervendo pêssego salta-carço para fazer uma pessegada.

— Depressa, Nastácia! Largue tudo e me arranje um visconde fac-símile. Já, já...

— Que fogo é esse, diabinha? Parece que comeu brasa...

— É que fiz um negócio; comprei uma coisa e tenho que pagar com um visconde igualzinho ao nosso, mas fac-símile.

— Que história é essa?

— Fac-símile quer dizer “de mentira”. A deusa está esperando.

— Que deusa?

— Flora...

A única Flora que Nastácia conhecia era uma neta da Nhana Baracho, meninota levada, que certa vez lhe havia jogado uma laranja podre. Julgou que se tratasse dela e ficou resmungando:

— Deusa, aquela sapeca? Era o que faltava! A pestinha me fez aquilo, mas quem faz paga. Neste mundo, Deus que me perdoe, a gente não pode fazer isto de mal pros outros, porque, mais dia “menas” dia, paga mesmo. Me jogar uma laranja podre em cima! Eu, uma velha!... Ela que espere que qualquer dia... Que é isso? Já aqui outra vez?

Era Emília que voltava do paiol com uma braçada de sabugo para que Tia Nastácia escolhesse um.

A negra não teve remédio. Escolheu um e fez um visconde falso bastante igual ao verdadeiro. A cartolinha saiu muito malfeita, mas servia. Restava apenas escrever-lhe nas costas a palavra FAC-SÍMILE.

Por que isso? Porque Dona Benta tinha explicado certo dia que era um ato muito feio enganar os outros, impingindo uma coisa falsa por verdadeira. E que para evitar isso havia a palavra FAC-SÍMILE, destinada a ser impressa em tudo quanto fosse cópia de um original. Se eu duplico um objeto e marco a cópia com essa palavra, posso vendê-la sem nenhuma dor de consciência, porque não estarei enganando ninguém. Se Emília entregasse à deusa Flora uma cópia do visconde marcada com a palavra FAC-SÍMILE, ela não estaria enganando a deusa e Dona Benta nada poderia dizer.

E Emília escreveu em letra de forma nas costas do visconde falso: FAC-SÍMILE, mas pintou uma coroinha em cima. Aí é que revelou a sua malícia. A coroinha era de visconde, de modo que a palavra “Fac-símile” deixou de significar “Cópia” e passou a significar um nome próprio: o Visconde de Fac-Símile... Por ter sido boneca, Emília considerava-se no direito de enganar os outros, coisa que Pedrinho e Narizinho jamais fizeram.

Pronto o novo visconde, tinha de levá-lo ao reino da deusa Flora e como era?

O pó de pirlimpimpim resolveu o problema — e na manhã do dia seguinte Emília cheirou uma pitada e deu outra ao falso visconde, e os dois foram acordar nos domínios da deusa.

Que maravilha! O reino estava acordando. As flores ainda orvalhadas entreabriam suas pétalas para o sol. As abelhas começavam a sair das colmeias. Os passarinhos experimentavam as asas. As teias de aranha, com os fios recamados de gotinhas de orvalho, tornavam-se invisíveis com a evaporação. O ar estava impregnado de perfumes fresquinhos.

Emília despertou ao pé do trono da deusa, com o novo visconde no braço. Flora desceu para recebê-los.

— Estou reconhecendo a figurinha que aqui esteve ontem e combinou comigo um negócio. Julguei que houvesse esquecido...

— Não me esqueci, não! — respondeu Emília, já perfeitamente boa da tontura do Pim. Combinamos a troca de seis ninfas pelo Visconde de Sabugosa, e aqui o trago, mas com o nome mudado. Chama-se agora Visconde Fac-Símile.

— Por que mudou? — quis saber a deusa.

— Porque descobriu que seus verdadeiros antepassados são os Condes de Fac-Símile e não os Marqueses de Sabugosa, como ele pensava — inventou Emília com o maior desprazo, esperando que a pobre deusa não desconfiasse.

Mas dessa vez a esperteza de Emília não deu muito certo. Depois que ela se retirou, a deusa, desconfiada de qualquer maroteira, tratou de informar-se — além de que aquele visconde não falava, não dava nenhum sinal de vida. E

convencendo-se de que fora lograda, ficou furiosíssima. Tão furiosa que chamou o **vento Éolo** e disse:

.....
Vento Éolo: Guardião dos ventos.

— Vá lá no tal Picapau Amarelo e varra-me para cá as seis ninfas que aquela diabinha me surrupiou.

E Éolo foi e varreu o pomar como um tufão. Caiu manga verde como nunca, e todos os galhos que tinham broca vieram ao chão, e folhas só ficaram as novas e perfeitas. Mas Éolo não conseguiu arrancar de lá nem uma das seis ninfas.

— Por quê?

— Ah, porque Emília já estava lá e soube acudir a tempo. Com medo de que Flora descobrisse a sua maroteira e procurasse vingar-se, ela havia dito às ninfas:

— Olhem aqui: vocês são novas neste reino do Picapau e correm muitos perigos. O melhor é ficarem uns tempos como hamadríades, dentro do tronco das árvores. Quando já não houver perigo de coisa nenhuma, eu as solto.

As seis ninfas, que estavam com frio (porque era mês de junho), aceitaram a ideia e permitiram que Emília, depois de com o machado faz de conta abrir as seis maiores árvores do pomar, as encerrasse lá dentro, promovidas a hamadríades. De modo que quando Éolo chegou e sacudiu o pomar com a força do tufão, varreu quanta coisa frágil havia — mas não tocou nas ninfas... não pôde levar para a deusa Flora ninfa nenhuma, porque já não havia ninfa nenhuma no pomar do Picapau Amarelo. Só havia hamadríades, muito bem escondidas dentro do tronco das maiores árvores e à prova de quanto vento há no mundo...

Este caso das ninfas foi uma das mais belas vitórias de Emília.

Notas

12. Parte dessa grande aventura de *Os 12 Trabalhos de Hércules* está presente nesta coletânea.

13. Referência à narrativa presente em *O Minotauro* (1939).

o
centaurinho
~

O fato mais importante daquele ano foi a trazida de um centaurinho para o mundo moderno. Toda gente sabia o que era centauro: um ser metade homem, metade cavalo. E não havia quem não tivesse visto uma pintura qualquer de centauro. Mas centauro de verdade nunca ninguém vira nenhum — nem seco ou empalhado nos museus. E vai senão quando, que é que aparece no sítio de Dona Benta, em companhia de Pedrinho, Emília e do Visconde de Sabugosa, quando voltaram da Grécia Antiga depois das famosas 12 façanhas de Hércules? Um centauro vivo, o centaurinho Meioameio, nome com que Emília batizou o potro de centauro que Hércules havia capturado nos campos da Argólida. Era um bichinho selvagem que rapidamente se educou, e quando os três picapauenses voltaram para o sítio, ele veio também — por gosto, não à força.

A volta da Grécia foi feita por meio do pó de pirlimpimpim, cujo funcionamento todas as crianças conhecem. Basta aspirar uma pitada, ouve-se um *fiun!* e pronto!, está chegado. Assim foi daquela vez. Pedrinho deu uma pitada de pó a cada um, todos a aspiraram ao mesmo tempo... e pronto, estavam chegados ao Sítio do Picapau Amarelo.

Quando Pedrinho voltou a si e se sentou, viu logo adiante um grupo formado por Dona Benta, Tia Nastácia e Narizinho, todas de mãos na cintura, em redor de uma “coisa” estirada no chão e ainda profundamente adormecida: o centaurinho.

— Não estou entendendo nada — dizia a negra. — Minha vista não é boa, mas o que eu vejo é uma mistura de cavalo e cavaleiro. Parece que os dois caíram, e o cavalo escondeu as pernas do cavaleiro e o cavaleiro escondeu a cabeça do cavalo...

Dona Benta, que também tinha a vista fraca, achava que talvez fosse isso; mas Narizinho deu uma risada.

— Aqui não há cavalo nem cavaleiro nenhum, bobas. O que há é um centauro. Veja bem, vovó. O lombo, as quatro pernas e a cauda são de cavalo; mas em vez de pescoço e cabeça temos aqui (e mostrava com o dedo) um torso de homem do umbigo para cima — e uma cabeça com uma carinha linda. Trata-se portanto de um centauro ainda menino, ou ainda potrinho...

Ao ouvir aquilo, Tia Nastácia benzeu-se três vezes com a mão esquerda, murmurando o seu famoso “Credo!”.

— E sinhá deixa que este bicho sem propósito acorde e fique morando aqui no sítio?

— Não sei, Nastácia. Isso depende de Pedrinho — que lá vem e bem acordado.

Pedrinho, que havia caído a uns cem passos de Meioameio, vinha vindo a correr. Abraçou Dona Benta, abraçou Narizinho e disse: “Não tenham medo, é mansíssimo, é o mesmo que um irmão meu.”

— E chama-se Meioameio, nome que eu dei — xereteou Emília, que também já despertara e viera correndo. — Mansíssimo! No começo, quando Lelé o pegou...

— Que Lelé é esse, Emília? — interrompeu Dona Benta.

— Hércules. No começo, quando Lelé o pegou com a **boladeira** num bando de centauros que passavam no galope, eu queria que a ^{.....}senhora visse como o coitadinho se debateu! Mas amansou logo, porque é inteligentíssimo e compreende tudo.

.....
Boladeira: Mecanismo feito com bolas que servia para pegar os animais.

Nesse momento Meioameio deu o primeiro sinal de si: estava acordando. Abriu um olho, depois o outro. Sentou-se nas patas traseiras — e ao dar com Pedrinho riu-se.

Pedrinho fez as apresentações.

— Esta aqui é a vovó, Dona Benta de Oliveira; e esta é a célebre Narizinho de quem tanto falei lá na Grécia. E esta pretidão é a famosa Tia Nastácia, que já esteve morando uns tempos no labirinto do Minotauro, lá na Ilha de Creta.

E voltando-se para Dona Benta e Narizinho:

— Ele sabe tudo a respeito da vida aqui no sítio, porque nas nossas viagens (que eu fazia montado nele) a distração minha e o gosto de Meioameio eram a nossa vida aqui e as aventuras do Pim. Está tão afiado nas nossas aventuras que até aguenta um exame. Pergunte-lhe alguma coisa, Narizinho, para ver.

A menina perguntou:

— Que foi que encontramos chorando na Via Láctea, na nossa viagem ao céu?

— Um anjinho de asa quebrada que depois recebeu de Emília o nome de Florzinha das Alturas — respondeu Meioameio com a maior segurança e prontidão.

Apesar da estranheza que era a presença de um centauro no sítio de Dona Benta, uma semana depois já estavam tão familiarizados com ele como se ali tivesse nascido e vivido a vida inteira.

— E em que língua se entendiam?

— Ora, na “língua da Emília”, que era a “língua geral” de todos ali — o rinoceronte, a vaca mocha. A “língua da Emília” era uma mistura de português, castelhano, gíria, expressões inglesas como “*All right*”, “*Okay*” e “*Mind your business*” (cuide do seu nariz), tudo misturado com caretas,

micagens e gestos de todos os tipos, pinotes, botamentos de língua, espirros e até pontapés. A palavra “atenção”, por exemplo, fora substituída por um pontapé na canela. Era tão expressiva a “língua da Emília” que um filólogo inglês, que pousou uma noite no Picapau Amarelo, disse mais tarde a **Bernard Shaw**: “A língua universal, com que há tanto tempo a humanidade sonha, não é em nenhuma universidade que se está formando, e sim no maravilhoso sítio de Dona Benta” — e consta que Bernard Shaw tomou a seguinte nota em sua carteira: “Descobrir Emília e conversar com ela.”

.....
Bernard Shaw: Bernard Shaw (1856-1950), famoso dramaturgo irlandês.

O que foi a vida de Meioameio no sítio de Dona Benta requer para ser contado um livro de trezentas páginas, e talvez um dia apareça com o título: “Um Centauro no Mundo Moderno”; hoje vamos apenas narrar um casinho interessante que aconteceu.

Havendo o Visconde de Sabugosa entrado para a Academia Brasileira de Letras, Dona Benta fez questão de ir ao Rio, com todo o pessoal do sítio, a fim de assistir à cerimônia da posse. A eleição do visconde correria muito barulhenta graças à oposição dos “imortais” que não tinham em casa filhos crianças e portanto ignoravam quem fosse o tal “sabugo científico”. Emília, empenhadíssima na vitória do visconde, teve de desenvolver uma atividade prodigiosa na remessa de leitões assados, cestas de jabuticabas, linguças de lombo, farinha de milho de beijuzinho, quartos de paca, pencas de codornas e perdizes — e até de cambadas de lambaris do rabo vermelho (com algumas prapitingas entremeadas), a fim de conseguir votos. “É pela boca que se pega o ‘imortal’”, dizia ela.

O tal caso interessante aconteceu na viagem ao Rio e foi o seguinte. Ao embarcarem na Central, na estação mais próxima do Sítio do Picapau, o chefe do trem deixou que entrassem todos, até o Quindim, mas barrou Meioameio. “Este não pode; é um passageiro não previsto no regulamento da estrada.” O centauro não podia ir em vagão de passageiro porque não era integralmente homem; e não podia ir em vagão de animais, porque não era integralmente cavalo.

A trapalhada foi medonha. Dona Benta não podia seguir viagem só com os outros e deixar Meioameio largado ali na estação, rodeado de **basbaques**, como acontecia sempre que ele aparecia em público. Se ele não embarcava, os outros também não embarcariam; a solidariedade era perfeita — e como agir? A pobre senhora telegrafou para o diretor da Central, para o presidente da República, para os ministros de Estado, para o deputado **Barreto Pinto** e até para o embaixador da Grécia (o centaurinho era de nacionalidade grega).

Nada conseguiu. As leis do país opunham-se terminantemente a que Meioameio viajasse em carro de passageiro por não ser integralmente homem, e em carro de animais por não ser integralmente cavalo. E o caso podia até determinar a ruptura das relações diplomáticas entre o Brasil e a Grécia, se a luminosa sugestão de Emília não fosse aceita.

Basbaques: Tolos.

Barreto Pinto: Edmundo Barreto Pinto (1900-1972), político brasileiro que foi caçado por quebra de decoro ao se deixar fotografar de smoking e cuecas.

— Qual foi a luminosa sugestão da Emília?

— Cortar as plataformas de dois carros, um de passageiros, outro de animais, e unir esses dois carros formando um só. Meioameio, então, viajaria de pé no ponto de junção, com a parte cavalo no carro de animais, e a parte gente no carro de passageiros; e pagaria meia passagem como gente e meio frete como cavalo. Só assim pôde o centaurinho ser transportado de trem ao Rio de Janeiro sem que as leis e regulamentos da República dos Estados Unidos do Brasil fossem desrespeitados.

O Congresso Nacional chegou a votar uma moção de louvor a Emília pela inteligência com que salvou a Administração Pública de um terrível dilema: ou negar transporte a um passageiro ou infringir o regulamento de uma estrada de ferro.

Temos aqui apenas um dos inumeráveis casos que a presença do centaurinho Meioameio no mundo moderno determinou, e que serão contados num livro grande — se as crianças quiserem.

UMA
PEQUENA
fada

Dona Benta e Narizinho foram à horta ver o Tio Barnabé plantar mudinhas de morango numa **leira** muito bem estercada.

.....
Leira: Rego aberto na terra para se depositar semente ou muda.

— Não estão juntas demais, José? — perguntou Dona Benta, que não gostava de plantas muito juntas. O negro velho endireitou o corpo, botou as mãos na cintura e, depois de correr os olhos pelas três carreiras de mudinhas já plantadas, disse:

— A mó que não, sinhá. Como este ano eu botei “menas” esterco, a folharada vai ser menor; por isso juntei um tiquinho mais as mudas.

Dona Benta, que sempre teve muita confiança no Tio Barnabé, deixou que ele fizesse como entendia. Depois da visita à horta, ela e Narizinho foram ao pomar e sentaram-se no banco tosco que Pedrinho e o visconde haviam feito junto ao tronco da pitangueira da Emília.

— Por onde andarás aquela diabinha? — indagou Dona Benta. — De manhã passou por mim como um **corisco** e afundou no laboratório do visconde. Andam tramando qualquer coisa.

.....
Corisco: Raio.

Narizinho não disse nada; estava distraída, a espantar com uma palhinha um grupo de formigas ruivas que se tinham atracado a uma pobre minhoca. Sem interromper a “salvação”, disse:

— Vovó, ando desconfiada de uma coisa...

— De quê, minha filha?

— Ando cismando que Emília é uma fada que veio a este mundo sob forma de boneca e depois virou gente. Tudo em Emília são disfarces — até a vara de condão de todas as fadas.

— Não estou entendendo, minha filha — disse Dona Benta, erguendo os óculos para a testa.

— Pois eu estou; e estou cada vez mais convencida de que o “faz de conta” de Emília é uma varinha de condão disfarçada. Que diferença há entre o “faz de conta” e uma vara mágica? Preste atenção nisso, vovó.

Naquela aventura de Hércules com o javali do Erimanto, por exemplo. Hércules estava perdido. Quando o javali avançou contra ele com ímpeto de avalanche o coitado só dispunha de uma arma: as cinco flechas de ponta de bronze que tinha no carcás. A senhora sabe o que é carcás, não?

Dona Benta riu-se.

— Sei, minha filha; é o canudo, ou recipiente, que os antigos arqueiros levavam à cintura para o transporte das setas. E você sabe o que é arqueiro?

Narizinho não sabia.

— É o flecheiro antigo — o homem, ou o soldado, armado de arco e flecha, nos tempos em que ainda não havia arma de fogo. A palavra arqueiro vem de arco, como espingardeiro vem de espingarda, carabineiro vem de carabina etc. Mas continue a história. Hércules estava só com cinco setas no carcás...

— ... e todas “humanizadas”, isto é, sem pontas. Em certa ocasião Emília deu de ter dó das vítimas de Hércules e “humanizou” todas as suas flechas, isto é, quebrou-lhes a ponta. De modo que quando o javali investiu contra Hércules e ele o recebeu com a clava e a clava rachou em vinte pedaços e o grande herói teve de recorrer às flechas, estaria irremediavelmente perdido se não fosse o “faz de conta” de Emília. O visconde me contou tudo exatinho como foi. Assim que se viu sem a clava, Hércules deu tremendo salto para trás e botou uma flecha no arco e atirou. A flecha bateu no peito da fera, *plaf*, e caiu no chão, não entrou na carne. Hércules deu outro pulo para trás e desferiu segunda flecha — e foi a mesma coisa: a flecha bateu no javali e caiu no chão. Com quatro flechas aconteceu a mesma coisa, e só quando ele ia lançar a quinta e última flecha é que Emília recordou que havia “humanizado” todas as cinco e portanto o grande herói estava perdido, ali diante do mais feroz javali que ainda apareceu no mundo e sem nenhuma arma para enfrentá-lo, nem um canivete! Vê que situação horrível, vovó?

Dona Benta achou que realmente a situação de Hércules não era nada boa, e que a ex-boneca havia cometido uma grande imprudência. “Tudo neste mundo tem limites. Emília excedeu-se. Hei de fazer-lhe um sermãozinho sobre os perigos do excesso. E depois, que aconteceu?”

— Aconteceu que quando Hércules ia lançar a quinta e última flecha Emília teve a sorte de lembrar-se da “humanização” e gritou, no instantinho em que a flecha ia escapando do arco: “Faz de conta que essa tem ponta!” e a flecha adquiriu ponta e matou o javali!... Não acha isso maravilhoso, vovó? Não acha que coisas assim só as fadas conseguem por meio de suas varas de condão?

Dona Benta franziu a testa e ficou pensando; depois disse:

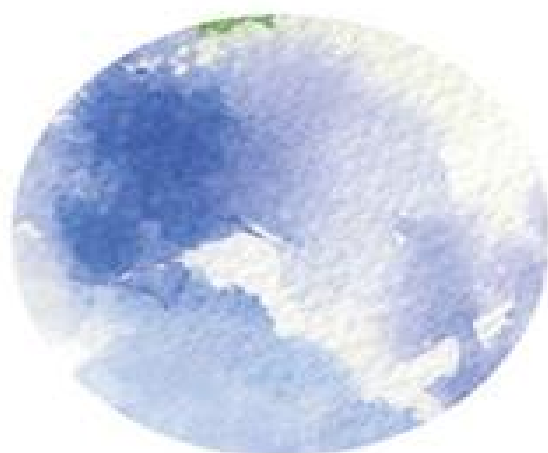
— Você tem razão, minha filha. Coisas assim só as fadas conseguem realizar. Não há dúvida...

— Logo, Emília é uma fada, vovó! Logo, o tal “faz de conta” que ela tanto usa é uma vara de condão disfarçada...

— Sim, uma vara verbal...

— ... porque as varas de condão podem ter todas as formas, e não só a de vara — pelo menos eu penso assim.

— E pensa muito bem, minha filha. A vara de condão de Aladim era uma lâmpada, a de certos mágicos é um anel, a dos sacis parece que é a carapucinha...



Calaram-se as duas. A minhoca já estava livre das formigas, mas continuava ali mesmo, a revolver-se em movimentos morosos.

— Parece que está ferida — disse Narizinho.

— Deve estar envenenada — observou Dona Benta. — Essas formiguinhas, quando mordem, injetam ácido fórmico. Para nós, gente, a dose de ácido fórmico de uma picada de formiga não causa mais que um ardor na pele; mas para uma minhoca deve ser algo terrível, e com certeza mortal. Observe bem essa minhoca, Narizinho, para ver se ela morre.

Narizinho voltou ao assunto do “faz de conta” da Emília.

— E há ainda uma coisa, vovó, que me faz crer que Emília é uma fadinha disfarçada. Às vezes deita-se aqui debaixo desta árvore e fica horas lidando com um bichinho — paquinha, vaquinha, besouro e até lagarta. Conversa com eles como se fossem gente; entende tudo quanto dizem. Ora, isso é coisa de fada. Eu também brinco e falo com os insetos — mas eles não me entendem, nem eu entendo nada do que eles dizem. Emília entende tudo! Ela é fada, vovó, e eu estou começando a ter medo...

— Por que medo, minha filha? Emília nasceu aqui e aqui se desenvolveu, e hoje é a minha neta número três. Não há razão nenhuma para termos medo dela.

— Tenho medo de que fique poderosa demais...

Estavam nesse ponto da conversa quando Emília apontou lá adiante; vinha arrastando o visconde pelas barbas de milho. O pobre sábio resistia como cabrito levado para a feira.

— Que será aquilo? — murmurou Dona Benta. — Judiação, tratar o pobre visconde assim...

Ao dar com Dona Benta e Narizinho sentadas na raiz da sua pitangueira, Emília largou das palhas do visconde e este deixou de resistir à moda dos cabritos — e aproximaram-se os dois.



— Que é isso, Emília? Que judiação é essa com o pobre visconde?

Emília botou as mãos na cintura e, muito vermelha e empinadinha para trás, disse:

— Pois é este estupor que me está escondendo qualquer coisa. Cada vez que me aproximo do seu laboratório, fecha uma gaveta e disfarçadamente diz: “Olhe que nuvem bonita lá no céu, com forma de elefante!” Elefante é o nariz dele. E eu então resolvi trazê-lo perante a senhora para que se confesse. Como dona do sítio, a senhora não pode tolerar que alguém ande aqui com atitudes misteriosas.

Narizinho deu uma grande risada.

— Ora, Emília! Pois então uma criatura que possui uma verdadeira vara de condão, como é o “faz de conta”, não consegue descobrir o que um pobre viscondinho anda fazendo?

— É que o meu “faz de conta” não anda funcionando muito bem agora. Parece que se desarranjou por dentro, como a bota de sete léguas de Polegar...

— E você quer que vovó arranque do visconde a confissão do que ele está fazendo?

— Exatamente...

Dona Benta riu-se do caso e com o seu ar bonachão interpelou o sabugo.

— Vamos, visconde, conta à Emília o que está fazendo, já que não está fazendo nada de mal. Se há no mundo uma criatura incapaz de fazer qualquer coisa de mal é o Visconde de Sabugosa. Todos sabemos disso.

O visconde não ofereceu nenhuma resistência; e com a maior naturalidade foi contando que havia descoberto o “Periscópio do Invisível”; e que guardara segredo apenas por desejar fazer uma surpresa a todos.

— Que história de Periscópio do Invisível é essa, visconde?

— Ah, é uma invenção deveras maravilhosa. Por meio do meu periscópio qualquer pessoa pode ver as mil coisas que há ou que se passam neste mundo e nossos olhos não veem.

— É verdade mesmo, visconde?

Dona Benta, apesar de afeita às maravilhas que se passavam em sua casa, não deixou de sentir um pequeno frio na espinha, quando o visconde, um sábio incapaz de mentir, respondeu com voz firme: “É!” E voltando-se para sua neta disse:

— Você descobriu hoje uma fada aqui no sítio — e agora aparece-me um mágico...

— Fada aqui? — berrou Emília. — Narizinho descobriu alguma fada aqui? Duvido!... Duvido e não admito! Ela que venha com sua vara de condão, que eu...

— Que eu o quê, Emília?

— Que eu... Não digo. Ela que venha para ver! Fada aqui! Olhe o desaforo!...

Narizinho cochichou ao ouvido de Dona Benta:

— Está vendo, vovó? Esse acesso de ciúme de Emília é prova absoluta de que ela é mesmo o que eu digo: uma fada, e das boas. Não quer saber de nenhuma rival por aqui.

Desde esse dia Dona Benta passou a olhar para a ex-boneca com certo ar de desconfiança. Quem sabe se Emília não era realmente uma fada?

O MUSEU DA
 Emília¹⁴

Nota

14. Monteiro Lobato escreveu esta peça para ser encenada na Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo, em 8 de janeiro de 1938. Ela foi incluída no livro *Histórias diversas* a partir da edição de 1964.

PERSONAGENS: Dona Benta, Narizinho, Pedrinho, Tia Nastácia, o Visconde de Sabugosa, Emília, a menina da Capinha Vermelha e um lobo, como são imaginados nas Reinações de Narizinho, do mesmo autor.

ATO ÚNICO

CENÁRIO: Sala de jantar duma modesta casa de fazenda — O sítio de Dona Benta. Dona Benta está em cena examinando várias peças de roupa de Pedrinho, amontoadas sobre a mesa. Há uma cadeira comum, de pernas serradas — cadeira de velha.

DONA BENTA — Não sei o que Pedrinho faz dos botões. Com certeza os come. Toda a semana levo consertando a roupa dele e pregando botões. Olhem só este paletó sem um só botão e sem bolsos também. Parece incrível! (toma aquele paletó e senta-se na cadeira de pernas serradas junto à qual está a cesta de costura) Nastácia! *(pausa)* Nastácia!...

UMA VOZ DE DENTRO — Já ouvi, sinhá. Já vou indo. *(Nastácia aparece enxugando as mãos no avental)*

TIA NASTÁCIA — Que é, sinhá?

DONA BENTA — Onde andam os meninos? Saíram cedo e até agora nem sinal.

TIA NASTÁCIA — Onde andam!... Por esses mundos afora, sinhá, fazendo quanta estripulia há. Aqueles diabretes são “capaz” de tudo, sinhá. Depois que deram comigo na Lua, e me deixaram lá cozinhando para São Jorge e com aquele horrível dragão que me espiava e lambia os beiços com a língua de ponta de flecha, eu não acho nada impossível. Credo! Só de me lembrar disso sinto ainda um arrepio no corpo...

DONA BENTA — A Emília foi também?

TIA NASTÁCIA — Se foi! A Emília está virando a Lampiãozinha do bando, depois que se apanhou dona daquele boi dum chifre só na testa, o tal ri... ri...

DONA BENTA — Rinoceronte.

TIA NASTÁCIA — É isso. Depois que se apanhou dona e amiga íntima do tal “rinoceronte”, está que está uma rainha, de tão mandona. Diz cada desaforo para mim, sinhá, que só vendo. Me destrata de “anarfabeto” e “inguinorante” para baixo, a pestinha, como se não fosse eu que fizesse ela.

DONA BENTA — Que a fizesse, Nastácia. Olhe a gramática.

TIA NASTÁCIA (*suspirando*) — Inda mais essa agora, a tal gramática, como se não fosse pouco a minha trabalhadeira na cozinha, com o raio do ri... “rinoceronte” no quintal me espiando o tempo inteiro, tal qual o dragão. Eu é porque...

DONA BENTA — Espere. Que horas são?

TIA NASTÁCIA (*que tinha vista curta, trepa a uma cadeira para ver as horas no relógio de parede*) — Quatro e meia, quase horas de jantar. Sinhá não se assuste, que a cambadinha não tarda aí. Garanto. Quando a fome aperta vêm todos ventando nem que seja da Lua. Nesses países encantados onde costumam passear — ou aventurar, como eles dizem — parece que há de tudo — fadas, príncipes que viram ursos, castelos de ouro e marfim, tudo, menos comida.

DONA BENTA — E que está fazendo para o jantar?

TIA NASTÁCIA — Sopa de batata, salsa, galinha ensopada...

DONA BENTA — Que galinha matou?

TIA NASTÁCIA — Aquela franga sura de seis dedos no pé direito.

DONA BENTA (*recordando-se*) — Espere. Essa franga parece que era da Emília, não? Ouvi aí um negócio entre a Emília e Narizinho a propósito dessa sura.

TIA NASTÁCIA — Eu sei, sinhá. A franga era de Narizinho, mas Narizinho vendeu o pé da franga para a Emília e me deu o resto, de modo que matei a franga e guardei o pé de seis dedos para a Emília, que anda agora com mania de fazer um museu de coisas esquisitas. Tem cada uma...

Barulhada no terreiro vem interromper a conversa. É o bandinho que chega. Entram Narizinho, Pedrinho, Emília e o visconde, atropeladamente.

NARIZINHO — Bom dia, ou boa tarde, vovó (*corre a beijar a mão da velha; Pedrinho faz o mesmo*)

DONA BENTA — Então? Por onde andaram?

NARIZINHO e PEDRINHO (*ao mesmo tempo em atropelo, um dizendo uma frase e outro, outra*) — Nem queira saber, vovó! Tivemos uma aventura das mais perigosas. Na Floresta dos Tucanos Amarelos. Sim, lá perto da casa da menina da Capinha Vermelha. Ela não estava em casa.

DONA BENTA (*levando as mãos aos ouvidos*) — Parem! Vocês me deixam tonta, tonta. Cada um fale por sua vez. Vamos, comece, Narizinho.

EMÍLIA (*que está a um canto mostrando qualquer coisa ao visconde*) — Não seja bobo! Eu sei o que faço (*e começa a cochichar-lhe ao ouvido*).

NARIZINHO — Pois é isso, vovó. Fomos parar bem perto da casa da Capinha Vermelha. Mas sabe quem encontramos? O lobo! Aquele horrível lobo que comeu a avó dela!...

TIA NASTÁCIA (*que já se ia retirando para a cozinha, entrepara ao ouvir a palavra “lobo” e persigna-se, murmurando*) — Credo!

NARIZINHO (*continuando*) — E sabe o que a Emília fez? Desafiou o lobo! “Vá lá no sítio comer Dona Benta para ver o que acontece, ‘seo’ cara de coruja seca!”, disse ela bem no focinho dele, imagine! Eu, Pedrinho e o visconde, assim que vimos o lobo, não quisemos saber de histórias e trepamos a uma árvore bem alta. Ele estava com cara de fome velha. Mas Emília nem se mexeu. Plantou-se diante dele com as mãozinhas na cintura, a dizer os maiores desaforos que um lobo ainda ouviu. Até de analfabeto o xingou.

DONA BENTA (*para a Emília*) — Emília, como é que você faz isso? Nunca devemos ofender os passantes, e principalmente um passante perigoso como esse lobo. Por vingança ele é bem capaz de vir rondar aqui a casa e no mínimo me apanhar umas galinhas.

EMÍLIA — Pois que venha, é isso mesmo que eu quero. Provoquei-o de propósito — e já botei o rinoceronte de guarda na porteira, de chifre armado. Assim que o lobo aparecer com aquele focinho e começar a farejar o ar para ver se tem avó de menina aqui dentro...

DONA BENTA — Que história é essa de avó de menina?

EMÍLIA — Esse lobo só se alimenta de avós de meninas. Comeu a avó de Capinha e gostou do petisco.

DONA BENTA — Que bobagem, Emília! Você bem sabe que o lobo que comeu a avó de Capinha foi morto a machadadas por um lenhador.

EMÍLIA — O lenhador não o matou bem matado e o lobo reviveu outra vez com mais fome de velha ainda. Cheguei bem pertinho e vi no corpo dele os sinais das machadadas.

PEDRINHO — Não perca tempo com essa boba, vovó. Ela não viu sinal nenhum. Era um lobo à toa, como outro qualquer. Pergunte ao visconde.

VISCONDE — Na minha opinião... (*Emília finca as mãos na cintura e encara o visconde com tais olhos que ele treme e diz justamente o contrário do que ia dizendo*)... esse lobo era exatamente o mesmo que comeu a avó de Capinha. (*Emília, vitoriosa, põe a língua para Pedrinho — Ahn!*)

Barulho fora. Alguém bate com aflição na porta. “Abram!” Pedrinho corre a abrir, mas primeiro espia quem é pelo buraco da fechadura. “Uma menina!”, exclamou. Abre a porta. Aparece a menina da Capinha Vermelha.

CAPINHA (*Entra de ímpeto e fecha a porta, ficando a escorá-la, enquanto volta-se para os demais, de olhos arregalados*) — O lobo! O lobo que comeu vovó!...

Grande pânico. Dona Benta abana-se com o paletó de Pedrinho: está com as pernas tão moles que não pode erguer-se da cadeira. O visconde trepa em cima da mesa, tira dum prego o binóculo de Dona Benta e põe-se a espiar o terreiro pelo vão da janela.

VISCONDE — Não vejo lobo nenhum. Foi rebate falso. Esperem... Estou vendo, sim, lá longe uma coisa. Parece o cachorro do compadre Teodorico. Muito longe. Um quilômetro daqui.

EMÍLIA — O visconde é um idiota. Não sabe ver lobo (*corre para ele e toma-lhe o binóculo e olha*). É lobo, sim. Cachorro do compadre Teodorico o nariz dele. Lobíssimo! Com dois olhos que são duas tochas. E dentes arreganhados. Vem babando de fome. Já percebeu que aqui há avó de menina. Pedrinho, feche Dona Benta dentro do guarda-comida!

DONA BENTA — Nossa Senhora da Aparecida! Esta criançada me acaba pondo maluca. Não há mais sossego neste sítio. Cada dia uma coisa — ou é rinoceronte, ou é dragão de São Jorge ou é lobo... (*abana-se aflita*)

CAPINHA — Chamem o homem do machado!

NARIZINHO — Nesta casa o único homem é Pedrinho, que só usa bodoque.

CAPINHA — Então não sei como vai ser, porque sem homem com machado não há meio de vencer esse lobo.

EMÍLIA (*sempre a observar pelo binóculo*) — Lá vem vindo ele! Vem lambendo os beiços. Já farejou duas velhas aqui dentro. É exatamente o mesmo que comeu a avó da Capinha. Estou vendo as cicatrizes das machadadas e até estou vendo um pedaço de machado que ficou na testa dele...

DONA BENTA — Que olhos a Emília tem!

EMÍLIA (*continuando*) — Já passou a porteira... Está no terreiro. Vem vindo, vem vindo... Parou para farejar o mastro de São João. Vai comer o mastro!...

DONA BENTA (*consigo*) — Será possível?

EMÍLIA (*continuando*) — Não comeu o mastro, não. Vem vindo para a varanda. Chegou (*pula na mesa e tranca a janela*).

Todos se agitam, menos Dona Benta, que não consegue despegar-se da cadeira, embora o tente. Pedrinho empurra um móvel para escorar a porta. “Ajuda, garotada, que o negócio é sério.” Emília ajuda, levando a vassoura para fazer peso na porta. Narizinho reflete, de mão no queixo. Nisto ouve-se um arranhar de tábuas. É o lobo arranhando a porta.

EMÍLIA — Pronto! Está aí ele arranhando a porta e quero ver agora como vocês se arranjam. (*para Dona Benta*) E a senhora, que é tão sabida, de tantos livros e dicionários que leu, quero ver como se salva. Veja no seu dicionário, que ensina tudo quanto se quer, se ensina jeitos de espantar lobo. Eu não preciso ir ao dicionário. Sei um jeito que é tiro e queda.

NARIZINHO — Então diga logo. Tenha dó da aflição de vovó.

PEDRINHO (*fazendo muxoxo*) — Não dou um vintém pelo tal jeito.

EMÍLIA (*muito lampeira*) — Só direi se Narizinho me der uma coisa...

NARIZINHO — Já sei. Quer que eu dê a minha coleção de potinhos de barro para você botar no museu, não é? Dou, sim, diga o jeito agora.

EMÍLIA (*mais lampeira ainda*) — Todos são testemunhas de que Narizinho me deu os potinhos, não é assim? Muito que bem. Nesse caso direi que meu rinoceronte já está avisado de tudo e logo que eu der um assobio ele investe contra o lobo e o espeta, bem espetado, no seu chifre pontudo.

DONA BENTA — Pois dê logo esse assobio, Emília, e não nos atormente mais. Não seja tão mazinha.

EMÍLIA — Esperem. Para dar o assobio eu quero que Pedrinho me dê aquele...

PEDRINHO — O cavalinho sem rabo, não é? Pois não dou. Não tenho medo de lobo. Você é uma cigana, mas comigo não tira farinha.

O lobo arranha com mais força a porta e dá uns roncoss terríveis, pondo-se em seguida a uivar. Pedrinho amedrontou-se.

PEDRINHO — Isto é, só dou se vovó mandar. Por mim não dou — mas se vovó mandar é outra coisa...

DONA BENTA (*sempre aflita*) — Dê, Pedrinho. Dê tudo quanto ela quiser. A Emília já tomou conta desta casa...

EMÍLIA (*vitoriosa*) — E o visconde também tem de me dar... É uma tristeza isto de fidalgos arruinados. Eles nunca têm nada para dar. Só a cartolinha — que é tudo quanto o visconde possui...

NARIZINHO — Ande, Emília! Chega de amolar. Assobia logo. Tenha dó de vovó, coitada.

O lobo atira-se contra a porta. Ouve-se um estalo de madeira rachada. Emília assusta-se e leva dois dedos à boca. Assobia. Há uma pausa. Todos ficam à escuta do que se passa lá fora. Emília assobia de novo. Nada acontece lá fora e o lobo continua a despedaçar a porta. Emília assobia pela terceira vez.

EMÍLIA — Que será que aconteceu?

NARIZINHO — Com certeza o rinoceronte ficou surdo com a chuva desta noite.

PEDRINHO (*zombeteiro*) — Fiem-se numa boneca...

CAPINHA — Não ficou surdo, não. O que ele está é dormindo. Quando vim para cá encontrei-o atravessado na porteira, roncando. Até pulei por cima, sem medo nenhum. Juro que está dormindo ainda.

EMÍLIA (*embaraçada*) — Com essa não contei. Dormindo, ladrão. Nesse caso temos de acordá-lo. Mas como?

PEDRINHO — Se ele não tivesse o couro tão duro eu o acordava com uns pelotões de bodoque no focinho. Mas pelotada de bodoque em couro de rinoceronte é o mesmo que beijo de mosquito.

Tia Nastácia, que está fora de cena desde o começo, entra da cozinha com uma colher de pau na mão. Não sabe nada do que se passa.

TIA NASTÁCIA — Que barulhada é essa, gente? Sosseguem, que é hora de arrumar a mesa.

DONA BENTA — É o lobo, Nastácia!

TIA NASTÁCIA — Que lobo, sinhá? Mecê parece que está caducando. Onde já se viu lobo a estas horas por aqui? Lobo, nada. Os meninos estão empulhando mecê. (*percebe a presença de Capinha*) Ué? A menina da Capinha Vermelha por aqui! Que novidade é essa?

CAPINHA — O lobo que comeu vovó me perseguiu na floresta e corri a esconder-me aqui. Está na porta, arranhando e despedaçando as tábuas.

O lobo dá um uivo prolongado e arranha as tábuas com mais fúria. Tia Nastácia compreende tudo e põe-se a tremer de medo. A colher de pau cai da sua mão.

TIA NASTÁCIA — Credo! Figa, rabudo! É o lobo mesmo. E agora, sinhá, que vai ser de nós?

DONA BENTA — Emília foi quem arranjou isso e tinha combinado a defesa com o rinoceronte. Era só dar um assobio que ele avançava com o chifre contra o lobo e o varava de lado a lado. Mas já assobiou três vezes e nada. Diz Capinha que ele está ferrado no sono, lá na porteira. Estamos pensando num jeito de acordá-lo.

TIA NASTÁCIA — Pois é mandar o visconde fazer esse serviço. Para que serve um visconde tão importante em casa senão para esses serviços perigosos? *(voltando-se para o visconde)* Ande, visconde!, vá lá na carreira e acorde o ri... o “rinoceronte”. Mexa-se.

CAPINHA — E se o lobo comer o visconde?

TIA NASTÁCIA — Não come nada, menina. O visconde é de sabugo e os lobos são “carnivo”.

DONA BENTA — Bela ideia! Vá, visconde. Vá numa carreira acordar o rinoceronte.

CAPINHA *(sempre com dó do visconde)* — O lobo pode não comer o visconde, mas é bem capaz de espedaçá-lo. Não existe lobo mais malvado que esse.

TIA NASTÁCIA — Não se incomode, menina. O visconde é de sabugo e foi feito por estas mãos aqui. Se levar a breca faço outro ainda mais bonito hoje mesmo. Vamos, “seo” visconde. Que está esperando? Pule. Salve a família.

O visconde prepara-se para sair, mas antes disso vai espiar o terreiro e vê a vaca mocha de Dona Benta mascando umas palhas ali por perto.

VISCONDE *(apavorado)* — Não posso ir. Ela está no caminho!...

NARIZINHO — Que ela é essa, medroso?

VISCONDE — A Vaca Mocha! De lobo, de dragão, de rinoceronte eu não tenho medo, mas de vaca tenho e hei de ter sempre. Foi a mocha quem comeu meu pai e minha mãe e todos os meus irmãos e parentes. Essa peste de vaca não perdoa a um só sabugo. Assim que vê um colhe-o com aquele linguão vermelho e o vai mascando com a maior sem-cerimônia. Não vou, não vou e não vou.

O lobo continua a uivar e arranhar a porta. Dá um grande urro. Capinha, muito pálida, vacila.

NARIZINHO — Acudam! Capinha está desmaiando!...

Pedrinho corre para Capinha e a sustenta nos braços. Leva-a para o colo de Dona Benta. Depois corre ao bodoque e, de cima da mesa, através do vão da janela, prega umas pelotas na vaca. A vaca foge para o pasto.

PEDRINHO — Para a mocha, bodoque! “Zum!” Acertei uma na anca. “Zum!” Outra na orelha. Lá vai ela fugindo. “Zum!” Mais uma na teta. Esta valeu!

Pronto, visconde! O caminho está desimpedido, (*sempre a espiar*) — Lá vai ele com muito medo, a olhar de todos os lados. É o eterno medo que o visconde sempre teve da Vaca Mocha porque ele é sabugo e vaca não perdoa a sabugos. Come mesmo. Agora fez um rodeio para não passar perto do galo. Medo que o galo coma os três grãos de milho que ele ainda conserva no peito. Chegou... Está berrando no ouvido de Quindim... Mas Quindim não dá pela coisa. O visconde berra inutilmente. Mudou de lugar. Foi berrar no outro ouvido. Nada! Agora está sapateando em cima de Quindim, mas não há meio. Quindim não acorda.

NARIZINHO (*torcendo as mãos*) — Nossa Senhora! Que será de nós!

PEDRINHO (*sempre a espiar*) — A vaca aparece lá longe e o visconde disparou. Vem vindo na volada. Tropeçou numa casca. Vem chegando. (*o menino recolhe-o*) E então, senhor mensageiro?

VISCONDE (*enxugando o rosto suado com as palhas do pescoço*) — Impossível acordar aquele dorminhoco. Parece que morreu. Fiz tudo. Beije-i-lhe no ouvido. Sapatee-i em cima. Nada. Não acorda.

EMÍLIA — É um **estafermo** este Senhor Visconde! Não presta nem para acordar rinoceronte.

.....
Estafermo: Pessoa apalermada.

O lobo solta novo uivo de cólera e arranca mais uma tábua da porta. Enfia pelo buraco o seu horrível focinho.

TIA NASTÁCIA — Nossa Senhora! É lobo mesmo, do “legite!”

DONA BENTA (*prestes a desmaiar também, pendendo a cabeça para o encosto da cadeira*) Legítimo, Nastácia...

PEDRINHO e NARIZINHO (*pulando da mesa para o chão*) — E agora?

Emília corre à cozinha e volta com o vidro de pimenta em pó. Trepou à mesa e salta para fora, dizendo antes de pular:

EMÍLIA — Esperem que eu arranjo tudo. Quero ver se o sono do Quindim resiste a esta pimenta. Vou mostrar ao **sarambé** do visconde como é que se acorda rinoceronte.

.....
Sarambé: Tolo.

Pedrinho volta ao seu posto de observação, em cima da mesa. Tia Nastácia faz cruzeiros no peito e reza em voz baixa. Narizinho vai para junto de Dona Benta, que ainda tem ao colo a menina da Capinha Vermelha.

PEDRINHO — Lá vai a sirigaita muito lampeira com o vidro de pimenta. Pimenta precisa ela. Vai correndo sem olhar para trás. Chegou junto ao rinoceronte. Está abrindo o vidro de pimenta. Abriu. Despejou-o quase inteiro nos olhos do pobre animal. Malvada! O rinoceronte fez uma careta. Sacudiu a cabeça. Ergueu-se. Emília o está descompondo de cachorro para baixo, como se ele tivesse culpa de dormir, com um sol quente destes. Agora ela está apontando para o lobo — está aticando Quindim contra o lobo...

NARIZINHO (*correndo a espiar também*) — É uma danada a Emília! Acordou o rinoceronte e tais coisas lhe disse que ele vem vindo que nem uma bala de canhão. Já estou ficando com dó do lobo...

O focinho do lobo desaparece do buraco da porta. Logo em seguida ouve-se um grande berro de lobo espetado em chifre de rinoceronte. Grande alegria na sala. Tia Nastácia suspira com alívio. Pedrinho não esconde o seu desapontamento diante do sucesso da Emília.

DONA BENTA — Tragam água fria para eu acordar a esta menina.

Todos rodeiam a menina desmaiada no colo de Dona Benta. Narizinho traz um copo d'água e a borriça no rosto de Capinha. Ela começa a abrir os olhos, ainda tonta, como a sair dum pesadelo.

CAPINHA — O lobo já comeu Dona Benta? (*risada geral*)

TIA NASTÁCIA — Comeu nada, menina. Pois não está vendo ela aí na sua frente? Desta vez quem foi comida foi o lobo. O rinoceronte deu cabo dele com uma chifrada na barriga.

Capinha suspira aliviada e esfrega os olhos. Volta a si completamente e desce do colo de Dona Benta. Dona Benta também se ergue da cadeira, esfregando as pernas ainda meio moles.

DONA BENTA — Que susto! O perigo desta vez foi grande. Vi que o lobo entrava mesmo e me comia.

CAPINHA — E quem salvou a situação?

DONA BENTA — Quem mais senão a Emília? Está ficando mais sabida que todos os outros. Foi lá e acordou o rinoceronte, coisa que nem com um sapateado em cima dele o visconde conseguiu. E sabe como? Despejando-lhe pimenta-do-reino nos olhos. Lembranças assim, só mesmo da Emília.

CAPINHA (*suspirando*) — Ora graças que vou viver sossegada de hoje em diante! Esse lobo malvado comeu vovó e, como o homem do machado não o matou bem matado, ele sarou e vivia rondando minha casa para me comer também. Tanto medo eu tinha dele que me conservava sempre fechada lá dentro. Por isso nunca vinha aqui ao sítio, apesar dos convites de Narizinho. Agora virei sempre.

NARIZINHO — Mas como veio hoje?

CAPINHA — É que espiei pela janela e não vi o lobo lá por perto; e então criei coragem e saí para colher no campo uns malmequeres. E naquilo me distraí e fui me afastando de casa. De repente, o lobo! Como aqui ficava mais perto que minha casa, corri para aqui. Foi isso.

PEDRINHO (*que fora ao quarto e voltara*) — Tome lá. Aí está o seu cavalo, ciganinha.

Emília examina o cavalo e vê que estava sem uma das orelhas.

EMÍLIA — Dispensso. Presente sem orelha, eu dispensso.

TIA NASTÁCIA — Tenho coisa muito melhor para você, Emília. (*tira do bolso do avental o pé da franga*) Uma coisa mesmo de museu — um pé de galinha de seis dedos, um verdadeiro “felomeno”.

DONA BENTA — Fenômeno, Nastácia.

TIA NASTÁCIA — Não sei como se diz, mas que tem seis dedos, isso tem. Veja, conte.

EMÍLIA (*examinando o pé de galinha com toda a atenção*) — Muito bem. Vai para o meu museuzinho de curiosidades. Vai fazer... Como é que se diz, Dona Benta, quando uma coisa faz parêlha com outra?

DONA BENTA — Diz-se em francês *fazer pendant*.

.....
Fazer pendant: Combinar.

EMÍLIA — É isso. Este pé de galinha vai fazer *pendant* com outra coisa que está lá.

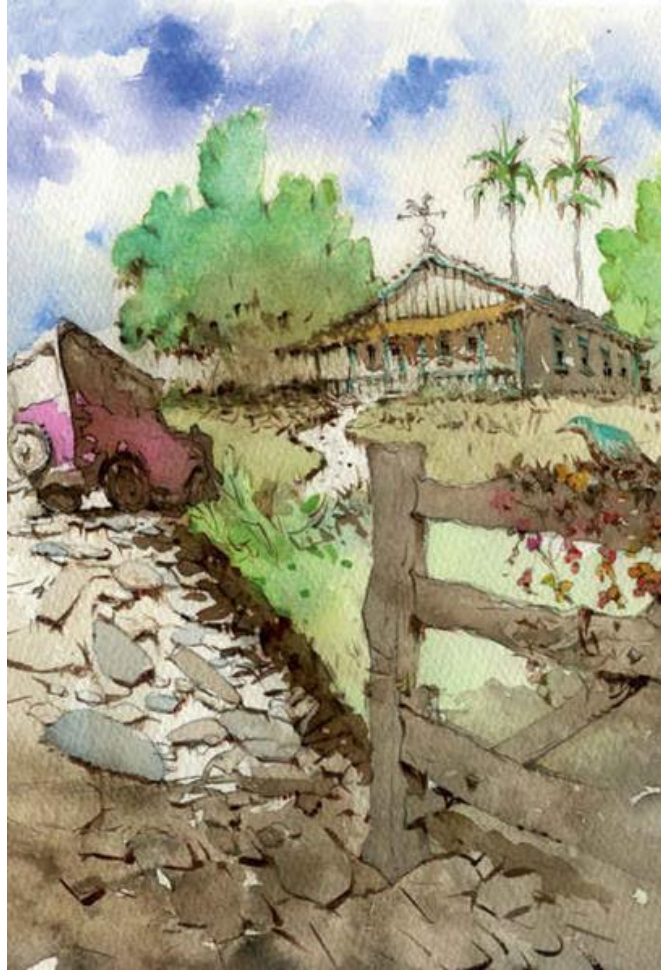
Todos se voltam para ela, curiosos.

EMÍLIA (*mordendo os lábios, toda ironia*) — A inveja de Pedrinho...

Pedrinho disfarça o desapontamento enquanto Emília o olha firme. O visconde leva a mão à boca para esconder uma risadinha espremida. Dona Benta volta-se para Tia Nastácia.

DONA BENTA — Vê, Nastácia, até irônica está ficando...

TIA NASTÁCIA — Credo! (*e benze-se*)





Cronologia de Monteiro Lobato

Monteiro Lobato era múltiplo. Acreditem ou não, ele foi fazendeiro, empresário, promotor público, grande defensor do petróleo brasileiro... ufa! A lista não para tão cedo. Mas queremos destacar aqui a importância que ele teve para a divulgação do livro no Brasil. Como escritor, tradutor, editor e até caricaturista, Lobato fez de tudo um pouco para que o livro chegasse aos quatro cantos do país. Procure saber mais sobre este homem cheio de ideias que ia das aventuras no Sítio para questões de política nacional e defesa do livro e da leitura!¹⁵

Nota

15. Para esta cronologia, buscamos as informações em edições anteriores do autor e em *O livro no Brasil*, de Laurence Hallewell (Edusp, 2012).

18 de abril de 1882

NASCE, em Taubaté, José Renato Monteiro Lobato, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olympia Augusta Monteiro Lobato.

1893

AOS 11 ANOS, MUDA seu nome para José Bento.

1898

MORRE o pai, seguido, um ano depois, da mãe.

1900

ENTRA na faculdade de Direito, em São Paulo, formando-se quatro anos depois.

1906

TORNA-SE promotor público.

1907

MUDA-SE para Areias (SP) a fim de trabalhar como promotor.

1908

CASA-SE com Maria da Pureza Natividade.

1909

NASCE Marta, primeira filha do casal.

1910

NASCE Edgar, segundo filho do casal.

1911

Morre o avô, e José Bento herda a fazenda São José do Buquira, mudando-se para lá.

1912

NASCE Guilherme, terceiro filho do casal.

1914

PUBLICA o famoso artigo “Velha praga” no jornal *O Estado de S. Paulo*, surgindo daí o personagem Jeca Tatu.

1916

A Revista do Brasil PUBLICA seu artigo “Choopan”, que depois virou “A vingança da peroba”, e ele se torna colaborador regular do periódico. Colabora também para o jornal *O Estado de S. Paulo*.

NASCE Ruth, quarta filha do casal.

1917

VENDE a fazenda e se muda para São Paulo.

1918

PUBLICA *Saci-pererê: resultado de um inquérito*, assinado com o pseudônimo Demonólogo Amador. Publica também a coletânea de contos *Urupês*.

TORNA-SE proprietário da *Revista do Brasil*, criando o selo editorial Edições da Revista do Brasil (posteriormente Monteiro Lobato e Cia. e, depois, Companhia Editora Nacional). Tem como foco publicar novos autores.

1919

PUBLICA *Cidades mortas e Ideias de Jeca Tatu*.

1920-1921

PUBLICA seu primeiro título infantil, *A menina do narizinho arrebitado*, com uma tiragem inicial de 50.500 exemplares.

1920

PUBLICA a coletânea de contos *Negrinha*.

1921

PUBLICA *O Saci*.

1924

ADQUIRE máquinas de impressão, montando seu próprio parque gráfico.

1925

DECIDE fechar a empresa.

1927-1931

MORA nos Estados Unidos, trabalhando como adido comercial.

1931

PUBLICA *Reinações de Narizinho*.

1932

PUBLICA *Viagem ao céu*.

1933

PUBLICA *Caçadas de Pedrinho.*

1936

PUBLICA *Memórias da Emília e O escândalo do petróleo.*

1940

É CONDENADO a seis meses de prisão por acusar o governo de agir contra os interesses nacionais em relação ao petróleo.

1941

PUBLICA *A reforma da natureza.*

1944

PUBLICA *Os 12 trabalhos de Hércules.*

1946

PASSA um ano na Argentina.

1947

PUBLICA *Histórias diversas.*

4 de julho de 1948

MONTEIRO LOBATO MORRE em São Paulo, vítima de um derrame cerebral.





DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Mariana Elia

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
Carolina Rodrigues

REVISÃO
Luana Luz
Luisa Suassuna
Luiz Felipe Fonseca
Mariana Oliveira
Thais Entriel

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Estúdio Versalete

PRODUÇÃO DO EBOOK
Ranna Studio

Organização e edição de Andréa Jaffé

MEMÓRIAS, SONHOS, REFLEXÕES

CARL G. JUNG



Memórias, Sonhos, Reflexões

Jung, Carl G.

9788520932193

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reunidas e editadas poucos anos antes da morte de Jung, por Aniela Jaffé, sua colaboradora, essas memórias se apresentam como uma autoanálise de um dos grandes pensadores da humanidade. Nelas, estão presentes fatos como a pesquisa do inconsciente como caminho do eu interior, as divergências da psiquiatria do princípio do século e as viagens à África.

[Compre agora e leia](#)



Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES



Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!" Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!" EDIÇÃO BILÍNGUE / BILINGUAL EDITION

[Compre agora e leia](#)

RUBEM
FONSECA

Calibre 22



Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certos de um autor do mais alto calibre.

[Compre agora e leia](#)

Nelson Rodrigues

A PÁTRIA DE CHUTEIRAS



A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante." Nelson Rodrigues Nelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

[Compre agora e leia](#)



Auto da compadecida

Suassuna, Ariano

9788520942833

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

O "Auto da Compadecida" consegue o equilíbrio perfeito entre a tradição popular e a elaboração literária ao recriar para o teatro episódios registrados na tradição popular do cordel. É uma peça teatral em forma de Auto em 3 atos, escrita em 1955 pelo autor paraibano Ariano Suassuna. Sendo um drama do Nordeste brasileiro, mescla elementos como a tradição da literatura de cordel, a comédia, traços do barroco católico brasileiro e, ainda, cultura popular e tradições religiosas. Apresenta na escrita traços de linguagem oral [demonstrando, na fala do personagem, sua classe social] e apresenta também regionalismos relativos ao Nordeste. Esta peça projetou Suassuna em todo o país e foi considerada, em 1962, por Sábato Magaldi "o texto mais popular do moderno teatro brasileiro".

[Compre agora e leia](#)